UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE ARQUITETURA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

MARIA ALICE PEREIRA DA SILVA

A GOVERNANÇA ESPIRITUAL: O SAGRADO AFRO-BRASILEIRO NA EDIFICAÇÃO DO MEMORIAL DO PARQUE PEDRA DE XANGÔ

Salvador

2023

Foto: Igor Santos (2022).

Maria Alice Pereira da Silva

A GOVERNANÇA ESPIRITUAL: O SAGRADO AFRO-BRASILEIRO NA EDIFICAÇÃO DO MEMORIAL DO PARQUE PEDRA DE XANGÔ

Tese de Doutorado

Requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Dr. Fábio Macêdo Velame

Coorientador: Henrique Cunha Júnior

Salvador

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FA)

S568

Silva, Maria Alice Pereira da.

A governança espiritual [recurso eletrônico]: o sagrado afro-brasileiro na edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô / Maria Alice Pereira da Silva. – Salvador, 2023.

623 p.: il.

Tese – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. 2023.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Macêdo Velame.

Coorientador: Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

1. Arquitetura religiosa - Salvador (BA). 2. Energia vital. 3. Cultura afro-brasileira. 4. Candomblé. 5. Xangô (Orixá). I. Velame, Fabio Macedo. II. Cunha Junior, Henrique. III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. IV. Título.

CDU: 726(813.8)

Responsável técnico: Ramon Davi Santana - CRB/5-1972

Universidade Federal da Bahia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (PPG-AU)

ATA Nº 1

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (PPG-AU), realizada em 24/11/2023 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM ARQUITETURA E URBANISMO no. 1, área de concentração Urbanismo, do(a) candidato(a) MARIA ALICE PEREIRA DA SILVA, de matrícula 218121687, intitulada A GOVERNANÇA ESPIRITUAL: O SAGRADO AFRO-BRASILEIRO NA EDIFICAÇÃO DO MEMORIAL DO PARQUE PEDRA DE XANGÔ. Às 09:00 do citado dia, PARQUE PEDRA DE XANGÔ - SALVADOR - BAHIA, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. FÁBIO MACÊDO VELAME que apresentou os outros membros da banca: Profª. Dra. MARCIA GENESIA DE SANT ANNA, Prof. Dr. LEONARDO DOS PASSOS MIRANDA NAME, Prof. HENRIQUE ANTUNES CUNHA JUNIOR, Prof. Dr. FRANCISCO QUINTANILHA VERAS NETO e Profª. Dra. ERIKA FERNANDES PINTO. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo presidente que passou a palavra à examinada para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora APROVADO COM DISTINÇÃO o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Documento assinado digitalmente
Francisco Quintanilha Veras Neto
Data: 06/02/2024 15:40:11-0300
CPF: ***.328.139-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Dr. FRANCISCO QUINTANILHA VERAS NETO

Examinador Externo à Instituição

Dra. ÉRIKA FERNANDES PINTO

Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
ERIKA FERNANDES PINTO
Data: 23/02/2024 16:21:17-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. MÁRCIA GENÉSIA DE SANT ANNA, UFBA

Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
MARCIA GENESIA DE SANT ANNA
Data: 24/02/2024 09:37:04-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dr. LEONARDO DOS PASSOS MIRANDA NAME, UFBA

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
LEONARDO DOS PASSOS MIRANDA NAME
Data: 06/02/2024 17:40:29-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

HENRIQUE ANTUNES CUNHA JUNIOR, UFBA

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
gov.br
FABIO MACEDO VELAME
Data: 07/02/2024 09:56:09-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dr. FÁBIO MACÊDO VELAME, UFBA

Presidente

MARIA ALICE

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARIA ALICE PEREIRA DA SILVA
Data: 06/02/2024 15:52:29-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Doutorando(a)

In memoriam

Mãe Zil

José Augusto Saraiva Peixoto

Pastor Djalma Torres

Walter Passos

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Governança Espiritual, aos ancestrais, aos orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados pelo Axé (energia vital) e Ori (entação) que iluminaram meus caminhos acadêmicos. Sou grata por terem me conduzido ao paradigma africano, destacando a importância de honrar as tradições culturais africanas e afro-brasileiras e reconhecer a riqueza da diversidade espiritual e cultural que enriquece a experiência humana, especialmente na construção da cidade de Salvador, Bahia.

Meus sinceros agradecimentos à saudosa Mãe Zil do terreiro Angola-Congo *Tingongo Muende*, pelo caloroso acolhimento e por compartilhar a rica história da Pedra de Xangô. Sou imensamente grata por sua dedicação e por ter idealizado o ritual público "Caminhada da Pedra de Xangô" em defesa do monumento sagrado. Que sua memória e legado continuem a inspirar e guiar nossos passos.

Ao estimado e saudoso amigo José Augusto Saraiva Peixoto, arquiteto e urbanista, servidor municipal e ex-sub-secretário da Secretaria de Inovação e Resiliência – SECIS, expresso minha profunda gratidão por sua história e dedicação incansável em prol do meio ambiente. Sem sua presença, apoio intelectual, institucional e político, a Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Vale do Assis Valente, o Parque em Rede Pedra de Xangô e o Parque Pedra de Xangô não teriam sido possíveis.

Expresso minha gratidão às Comunidades de Terreiros de Salvador-Bahia, especialmente, ao Coletivo Matriarcas da Pedra de Xangô, representado por Mãe Dialá, ao Grupo Baobá, ao Grupo de Trabalho (GT) Externo de Implantação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô e seus membros: Agbagigan Everaldo Duarte (orientador espiritual da tese), Tata Mutá Imê, Iyá Egbé Sônia Mendes e ao saudoso pastor Djalma Torres.

À memória do saudoso e estimado amigo Walter Passos, expresso minha eterna gratidão pelo apoio no enfrentamento ao racismo religioso contra a Pedra de Xangô, assim como pela parceria na elaboração dos livros infantojuvenis: "Pedra de *Nzazi*, Xangô e *Sogbo*?" e "Pedra de Xangô: Patrimônio Cultural?"

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Fábio Macêdo Velame, por sua valiosa contribuição para minha formação acadêmica. Sob sua orientação, pude explorar os

sítios naturais sagrados afro-brasileiros, adentrar no vasto universo das arquiteturas de terreiros e finalmente elaborar a presente tese.

Ao meu coorientador, Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior, cujas análises e contribuições relevantes iluminaram meu percurso acadêmico, meus sinceros agradecimentos. Seu apoio intelectual foi uma bússola, guiando-me por novos horizontes de compreensão.

Manifesto minha gratidão à Profª Drª Márcia Sant'anna, cujo zelo, dedicação e valiosas orientações transcenderam as expectativas como membro da banca. Seu cuidado e foco na importância da Governança Espiritual na esfera da arquitetura e urbanismo fizeram toda a diferença.

Agradeço ao Prof. Dr. Leo Name pelas análises, críticas, recomendações e referências teóricas indicadas. Sua contribuição foi fundamental para fundamentar e aprimorar o texto final.

À Profª Drª Érika Fernandes Pinto, expresso meus sinceros agradecimentos por compartilhar generosamente sua expertise sobre os sítios naturais sagrados. Suas análises, comentários e contribuições enriqueceram sobremaneira a pesquisa.

Agradeço ao Prof. Dr. Francisco Quintanilha Neto por sua valiosa contribuição teórica no âmbito do direito. Suas indicações de literatura e comentários abriram novas possibilidades de abordagens, enriquecendo sobremaneira o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço à Prefeitura Municipal de Salvador e à Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF) pela concretização do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. Destaco especialmente a arquiteta e urbanista Tânia Scofield Almeida, presidente da FMLF, cujo comprometimento em atender às demandas da Governança Espiritual Afro-brasileira foi fundamental para o sucesso deste empreendimento.

Ao Prof. Dr. Mário Mendonça (PPGAU-UFBA), expresso minha gratidão por sua defesa da viabilidade e confiabilidade da técnica construtiva da taipa de pilão junto aos profissionais da Engenharia.

Expresso minha gratidão ao pesquisador Sérgio Magarão Júnior e ao Prof. Dr. Ricardo Fraga pela pesquisa conduzida no Instituto de Geociências da UFBA (IGEO), que

resultou no reconhecimento da Pedra de Xangô como um patrimônio geológico de relevância nacional pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM) (2018).

Agradeço ao Prof. Dr. Pedro Luis Bernardo da Rocha, do Programa de Pós-Graduação em Ecologia: Teoria, Aplicação e Valores, do Instituto de Biologia (IBIO-UFBA), pela jornada de conhecimento oferecida ao Parque Pedra de Xangô, no Curso de Extensão "Ecologia e Resolução de Problemas Ambientais".

Aos professores doutores Arivaldo Leão Amorim, Maria Lúcia Carvalho, Thais Rosa (FAUFBA e PPGAU-UFBA), Arivaldo Lima (UNEB), Rafael Sânzio Araújo dos Anjos (UNB/UFBA), Frederico Bomsucesso (Colégio Estadual Evaristo da Veiga), Leo Pessoa (Escola Lua Nova) meus agradecimentos pelas valiosas contribuições à minha tese.

Agradeço aos diretores e professores das escolas municipais Elisa Saldanha, Ulysses Guimarães e Ministro Carlos Santana, respectivamente, na pessoa dos diretores Prof. Salvador Henrique Brito Duarte, Profª Vera Lúcia de Almeida Dantas Correia e Profª Rita de Cássia da Silva de Jesus pela parceria e apoio.

Expresso minha profunda gratidão ao Ministério Público do Estado da Bahia, especialmente ao antigo Núcleo de Defesa do Patrimônio Histórico e Cultural (NUDHEPAC), representado pelo promotor Edvaldo Vivas, e à Promotoria do Meio Ambiente, liderada pela promotora Cristina Seixas. Também agradeço ao Grupo de Atuação Especial de Proteção dos Direitos Humanos e Combate à Discriminação (GEDHDIS), na pessoa da promotora Lívia Sant’anna Vaz, pelos serviços prestados em defesa da Pedra de Xangô.

Agradeço à antiga Promotoria de Justiça de Habitação e Urbanismo, em especial ao Programa de Compensação Ambiental Urbana, sob a liderança da promotora Hortênsia Pinho, e ao Fundo Socioambiental Casa, pelo financiamento do projeto "Área de Proteção Ambiental Vale do Ribeirão/Itapuã – Parque em Rede Pedra de Xangô: o parque que queremos".

Ao Grupo de Pesquisa EtniCidades (PPGAU-UFBA), ao Grupo Transdisciplinar em Pesquisa Jurídica para uma sociedade sustentável (PPGD-UFSC) e ao coletivo Juristas Negras, pelo incentivo, colaboração e apoio.

Agradecimentos à Biostase JR - Empresa Júnior de Consultoria Ambiental do Curso de Ciências Biológicas da UNIJORGE pelo diagnóstico ambiental realizado para a implantação da Unidade de Conservação (UC).

Gratidão à equipe da empresa Floriano Freaza Amoedo Arquitetura e Urbanismo Ltda (FFA), em especial, aos arquitetos e urbanistas Floriano Freaza Amoedo, Rodolfo Madureira, Flávio Carvalho e Kátia Silveira pela concepção do projeto arquitetônico e urbanístico do Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Meus agradecimentos aos sociólogos José Maurício Bittencourt e Roque Peixoto (FFA), que com sabedoria e empatia, dissiparam desconfianças. Interlocutores entre a fé e a razão, entre o projeto e a comunidade, compreenderam o contexto e os objetivos, tecendo laços de entendimento e unidade.

Meus agradecimentos a Mônica Silveira pelos registros fotográficos. Cada fotografia tornou-se uma narrativa viva, pulsante, um portal, uma história que encantou a todos os envolvidos.

Aos meus amigos Abiola Yayi, Renata Fonseca, João Vitor Almeida, Robert Gomes, Tatiana Bichara, Milena Tavares, Helen Diogo, Clara Domingas, Iuri Peixoto, Luís Guilherme Pires, Silvio Almeida, Sam Valentine, Paulinho Santana e Gabriela Correia expresso minha profunda gratidão pela constante presença, apoio incansável, colaboração preciosa e generosa ajuda ao longo desta jornada.

Expresso minha gratidão à Secretaria de Inovação e Resiliência (SECIS), pela gestão da Unidade de Conservação, e à Fundação Gregório de Mattos (FGM), na pessoa do seu presidente, Fernando Guerreiro, pelo compromisso e dedicação na salvaguarda da Pedra de Xangô.

Agradeço sinceramente ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da UFBA, assim como a seu corpo docente e servidores, pela contribuição e apoio ao longo desta jornada acadêmica.

A Letra A Comunicação, agência de comunicação, representada por sua proprietária, Ângela Bezerra, merece meus sinceros agradecimentos por seu engajamento na causa, prestando serviços de assessoria, realizando clipagens e gerando mídias

espontâneas. Sua contribuição foi fundamental para proporcionar visibilidade e destaque às ações e eventos relacionados à Pedra de Xangô.

Meus agradecimentos à Fundação de Amparo Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pela concessão de bolsa de estudo necessário para a realização da presente pesquisa.

Esta jornada só foi possível graças ao alicerce familiar, à luta diária e ao sonho de transformar uma história de dores e falta de acesso à educação formal em uma resistência que possibilitou minha inserção e continuidade na vida acadêmica, permitindo-me escrever uma nova história e entoar um novo canto, uma outra canção. Com a alma banhada de alegria, agradeço à Família Pereira da Silva e Apresentação, especialmente aos meus falecidos pais Manoel Pereira da Silva e Arlinda Bárbara Apresentação da Silva, pois sem eles não teria chegado até aqui. Agradecimentos também aos meus irmãos e aos primos Josenilson Alex da Apresentação (Mestre Jegue) e Rosilene da Apresentação, cuja presença constante me instigou a manter viva a chama da esperança e da fé, mesmo nos momentos mais sombrios.

RESUMO

As religiões africanas e afro-brasileiras estão profundamente arraigadas na crença de que toda a existência é energia, e as diversas manifestações dessa energia tecem interações dinâmicas, complexas e sistêmicas. Tudo é vida e energia, e tudo está interligado, pois cada parte do universo, gerada por uma energia, torna-se ela própria, em sua plenitude, uma força capaz de manter e transformar o mundo. Os Inquices, Voduns, Orixás, Caboclos e Encantados são manifestações de energia, entidades espirituais imbuídas de poder mítico, que influenciam, de maneira transdisciplinar, a vida e a essência tanto dos seres humanos quanto dos demais seres da natureza. O propósito fundamental da tese foi revelar a importância da Governança Espiritual Afro-brasileira como elemento central na concepção do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. Os objetivos específicos delinearam-se da seguinte forma: I - investigar como Xangô inspirou e persuadiu o poder público, técnicos e acadêmicos envolvidos no projeto arquitetônico e instalação do equipamento do Parque Pedra de Xangô a seguir suas orientações; II - identificar as estratégias empregadas pelos praticantes das religiões de matriz afro-brasileira para viabilizar a construção de um parque concebido a partir de sua cosmopercepção, com foco nas histórias, culturas e valores do povo negro na diáspora; III - descrever os aspectos singulares do projeto, elucidando os significados e motivações dos diversos elementos que compõem a arquitetura das edificações. Ao longo da pesquisa, os caminhos se entrelaçaram, formando uma rede complexa que incorporou a metodologia da pesquisa afrodescendente, o sistema observante (inspirado no pensamento sistêmico), a técnica da investigação ação participativa, além da pesquisa bibliográfica e documental, diário de campo virtual, entrevistas, e a sistematização, análise e interpretação dos discursos e conteúdos. Os resultados indicam que a Governança Espiritual Afro-brasileira teve um papel significativo na construção do parque, resultando em uma arquitetura contemporânea única, conhecida como "arquitetura da Justiça de Xangô". O espaço é concebido como uma morada física e espiritual para as divindades africanas e afro-brasileiras, refletindo fluidez, circularidade, transe e constante transformação, desafiando as concepções convencionais ocidentais. Uma arquitetura de reencantamento, sagrada e insurgente.

Palavras chaves: Energia vital. Governança Espiritual Afro-brasileira, Africanidades, Arquiteturas de terreiros, Constitucionalismo Negro, Ambiência.

ABSTRACT

African and Afro-Brazilian religions are deeply rooted in the belief that all existence is energy, and the diverse manifestations of this energy weave dynamic, complex and systemic interactions. Everything is life and energy, and everything is interconnected, as each part of the universe, generated by an energy, becomes itself, in its fullness, a force capable of maintaining and transforming the world. The Inquices, Voduns, Orixás, Caboclos and Enchanted are manifestations of energy, spiritual entities imbued with mythical power, which influence, in a transdisciplinary way, the life and essence of both human beings and other beings of nature. The fundamental purpose of the thesis was to reveal the importance of Afro-Brazilian Spiritual Governance as a central element in the design of the Pedra de Xangô Park's support equipment. The specific objectives were outlined as follows: I - to investigate how Xangô inspired and persuaded the public authorities, technicians and academics involved in the architectural design and installation of the Pedra de Xangô Park equipment to follow his guidelines; II - identify the strategies used by practitioners of Afro-Brazilian religions to enable the construction of a park designed based on their cosmoperception, focusing on the histories, cultures and values of black people in the diaspora; III - describe the unique aspects of the project, elucidating the meanings and motivations of the various elements that make up the architecture of the buildings. Throughout the research, the paths intertwined, forming a complex network that incorporated the methodology of Afro-descendant research, the observant system (inspired by systemic thinking), the technique of participatory action research, in addition to bibliographic and documentary research, virtual field diary, interviews, and the systematization, analysis and interpretation of speeches and content. The results indicate that Afro-Brazilian Spiritual Governance played a significant role in the construction of the park, resulting in a unique contemporary architecture, known as "Xangô Justice architecture". The space is conceived as a physical and spiritual home for African and Afro-Brazilian deities, reflecting fluidity, circularity, trance and constant transformation, challenging conventional Western conceptions. An architecture of re-enchantment, sacred and insurgent.

Keywords: *Vital energy. Afro-Brazilian Spiritual Governance, Africanities, Terreiro Architectures, Black Constitutionalism, Ambience.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Matéria do Jornal A Tarde 17/07/2005. 36
Figura 2 – Pedra de Xangô – Avenida Vale do Assis Valente SSA-BA. 38
Figura 3 – Pedra de Xangô, Salvador – BA. 43
Figura 4 – Painel interpretativo do Geossítio Pedra de Xangô. Salvador – BA. 44
Figura 5 – Percurso encantado da Governança espiritual. 66
Figura 6 – Perfil do Instagram @pedra.de.xango. 68
Figura 7 – Sítios naturais sagrados em áreas protegidas. 121
Figura 8 – Montanha de Kawagarbo – Tibete. 126
Figura 9 – Floresta Sagrada de Oxum - O*sogbo*. Nigéria 133
Figura 10 – *Uluru Kata Tjuta*. 136
Figura 11 – Ato público no Parque *Uluru Kata Tjuta National Park*. 137
Figura 12 – Reunião dos *Anangu* no *Uluru Kata Tjuta National Park*. 138
Figura 13 – Terreiro *Mutalombo Yê Kaiongo*. 146
Figura 14 – Terreiro *Mutalombo Yê Kaiongo*. 147
Figura 15 – Taata Mutá Imê. 149
Figura 16 – Terreiro Tumbi Odé. 152
Figura 17 – Pai Deilton Gomes. 154
Figura 18 – Terreiro Tumbi Odé. Fogueira de Xangô. 155
Figura 19 – Terreiro *Vodun Kwe Tò Zò*. 158
Figura 20 – *Agbasá* do terreiro Vodun Kwe *Tó Zó*. 159
Figura 21 – Pedra do Trovão. 160
Figura 22 – Emersão Juristas Negras. 184
Figura 23 – Mãe Diala e Mãe Cassuté no Parque Pedra de Xangô. 195
Figura 24 – MP-BA investiga agressões à Pedra de Xangô – Jornal A Tarde. 196
Figura 25 – Projeto para a Pedra de Xangô é debatido na UFBA. 196
Figura 26 – Festas populares: Xinelo de Couro vai animar a 15ªCaminhada da Pedra de Xangô. 200
Figura 27 – *Amalá* da Pedra de Xangô. 201
Figura 28 – Oferta do *Amalá* para o público. 201
Figura 29 – *Amalá* da Pedra de Xangô. 202
Figura 30 – *Ibá* de Xangô. 203
Figura 31 – Gayaku Sinay na Pedra de Xangô. 206
Figura 32 – Ritual do *Xirê* da Pedra de Xangô. 207

Figura 33 – Ritual do Xirê da Pedra de Xangô. Jogo do *Orobô*. 207
Figura 34 – Dia de São Pedro é marcado por fogueira na Pedra de Xangô. 208
Figura 35 – Ritual da Fogueira da Pedra de Xangô. 211
Figura 36 – Ritual da Fogueira da Pedra de Xangô. 211
Figura 37 – Ritual do *Orô* da Pedra de Xangô. 212
Figura 38 – II Ato Salvador é indígena. 214
Figura 39 – Ritual do *Ossé* na Pedra de Xangô. 216
Figura 40 – Umbandistas na Pedra de Xangô. 217
Figura 41 – Ritual dos Umbandistas na Pedra de Xangô. 218
Figura 42 – Encerramento do Encontro Nacional da Umbanda do Brasil. 219
Figura 43 – *Ingorossy* dos Caboclos. 222
Figura 44 – Mãe Rita de Nanã. 222
Figura 45 – Caruru dos *Ibejis*. 224
Figura 46 – Oferta do Caruru dos *Ibejis* à comunidade. 224
Figura 47 – A fauna e a flora no Parque Pedra de Xangô. 226
Figura 48 – Mãe Rita de Ogum. 227
Figura 49 – Xirê no Parque Pedra de Xangô. 229
Figura 50 – Esquema do desvio da pista. 237
Figura 51 – Princípio conceitual do Memorial do Parque Pedra de Xangô. 241
Figura 52 – Ambiência do Memorial do Parque Pedra de Xangô. 242
Figura 53 – Planta baixa. 244
Figura 54 – Ritual *Ingorossy* dos caboclos. 245
Figura 55 – Ritual da Fogueira de Xangô. 246
Figura 56 – Ritual do *Ossé* da Pedra de Xangô. 246
Figura 57 – II Ato Salvador é indígena. 247
Figura 58 – Ritual do *Orô* da Pedra de Xangô. 247
Figura 59 – Ritual do Povo de Umbanda. 248
Figura 60 – Unidos com as bênçãos de Xangô. 249
Figura 61 – A pirâmide em degraus de Djoser 250
Figura 62 – Igrejas de Lalibela. 251
Figura 63 – Punhais de ferro. 252
Figura 64 – Filha de santo incorporada segurando o machado de Xangô. 254
Figura 65 – Casas em Karena – Gana. 255
Figura 66 – A grande mesquita de Djenne. 255

Figura 67 – O templo de Xangô em Kossô (Santuário principal de Xangô em Kossô). 256
Figura 68 – Vistoria às obras do Parque Pedra de Xangô. 257
Figura 69 – Vistoria às obras do Parque Pedra de Xangô. 258
Figura 70 – Técnica construtiva da taipa de pilão – Taipais.....259
Figura 71 – Demonstração ilustrativa dos materiais.....259
Figura 72 – Parque Pedra de Xangô.....260
Figura 73 – Fachada de Taipa de Pilão. 261
Figura 74 – Varanda do equipamento de apoio. 262
Figura 75 – Portada de acesso em taipa de pilão. 262
Figura 76 – Plataforma da Portada. Roda de Conversa.....263
Figura 77 – Plataforma da portada. Roda de Conversa. 263
Figura 78 – Costelas. 264
Figura 79 – Área para exposição de trabalhos.....265
Figura 80 – Auditório do Parque Pedra de Xangô.....265
Figura 81 – Módulos - fundo do prédio.....266
Figura 82 – Anfiteatro (camada da vivência). 267
Figura 83 – Festival Internacional de Capoeira. 268
Figura 84 – Ritual do Xirê.....268
Figura 85 – Parque Pedra de Xangô.....269
Figura 86 – Reverência a Xangô, *Nzazi* e *Sogbo*.....271
Figura 87 – Ritual a Xangô – Semana do Meio Ambiente.....272
Figura 88 – Aquilombamento: Pedra de Xangô e *Abaíté*. 273
Figura 89 – Oferenda do *Amalá* na Pedra de Xangô. 274
Figura 90 – Arquitetos reverenciando a Pedra de Xangô.....276
Figura 91 – Abertura dos trabalhos. 278
Figura 92 – Pedra de Xangô: símbolo pelo direito à cidade. 287
Figura 93 – Bioconstrção e engenharia: desafios e potencialidades - Parque Pedra de Xangô. 293
Figura 94 – Matriarcas na inauguração do Parque Pedra de Xangô.....304
Figura 95 – Inauguração do Parque Pedra de Xangô. Babalorixá Josias de Xangô. 304
Figura 96 – As Matriarcas da Pedra de Xangô.....305
Figura 97 – *Ojùbó* do terreiro *Vodun Kwe Tò Zó*.....314
Figura 98 – Convite do lançamento da Cartilha Educativa – Baobá. 315
Figura 99 – Lançamento da Cartilha Encantos da preservação.....316

Figura 100 – Visita ao *ojùbó* do Parque Pedra de Xangô. 317
Figura 101 – Roda de Capoeira. 319
Figura 102 – Festival de Capoeira reúne brasileiros e estrangeiros na Pedra de Xangô 320
Figura 103 – Livros infantojuvenis da Pedra de Xangô. 321
Figura 104 – Bambuzais. 324
Figura 106 – Parque Pedra de Xangô – Passeio Cultural. 325
Figura 107 – Visita da SEPPIR-Osasco. 327
Figura 108 – Parque Pedra de Xangô. 336

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – APA Municipal - Parque Pedra de Xangô - Parque em Rede. 40
Mapa 2 – Religiões e Áreas Protegidas 120
Mapa 3 – Localização dos terreiros examinados neste estudo, bem como de outros situados nas proximidades da Pedra de Xangô. 163
Mapa 4 – Quilombos de Salvador 169
Mapa 5 – Percentual populacional de pretos e pardos de Salvador. 172
Mapa 6 – Renda média mensal dos chefes de família de Salvador. 172
Mapa 7 – Macrocorredor Ecológico de Todos os Santos. 180
Mapa 8 – Minicorredor Ecológico da Pedra de Xangô. 180
Mapa 9 – Infomapa dos rituais afro-religiosos no Parque Pedra de Xangô. 231

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo entre africanistas e crioulistas 98
Quadro 2 – Sítios naturais sagrados em áreas protegidas no Brasil.....119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP	Área Protegida
APA	Área de Proteção Ambiental
ARIE	Área de Relevante Interesse Ecológico
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BIOSTASE JR	Empresa júnior de Consultoria Ambiental do curso de Ciências Biológicas da UNIJORGE.
BIPOC	*Black, Indigenous, and People of Color*
CBPM	Companhia Baiana de Pesquisa Mineral
CEAO	Centro de Estudos Afro-Orientais
CERD	Comitê para Eliminação da Discriminação Racial
CONDER	Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia
CSEB	Cinturão Salvador-Esplanada-Boquim
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
EMBASA	Empresa Baiana de Águas e Saneamento
ESEC	Estação Ecológica
FAUFBA	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia
FDUFBA	Faculdade de Direito da UFBA
FFA	Floriano Freaza Amoedo Arquitetura e Urbanismo Ltda
FFCH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FLONA	Floresta Nacional
FGM	Fundação Gregório de Mattos
FMLF	Fundação Mário Leal Ferreira
FVC	Fundação Visconde de Cairu
GEOSSIT	Sistema de Cadastro e Quantificação de Geossítios e Sítios da Geodiversidade

GTE	Grupo de Trabalho Externo
IAB	Instituto dos Advogados da Bahia
IAP	Investigação-ação participativa
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBIO – UFBA	Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IGEO – UFBA	Instituto de Geociências – Universidade Federal da Bahia
IGHB	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
IMATERRA	Instituto Mãos da Terra
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
IOG	*Institute on Governance*
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico E Nacional
IPPUR – UFRJ	Instituto de Planejamento Urbano e Regional – Universidade Federal do Rio de Janeiro
IUCN	União Internacional para a Conservação da Natureza
LILACS	Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências Sociais
LOM	Lei Orgânica do Município
MAMNBA	Mapeamento Monumentos e Sítios Religiosos Negros da Bahia.
MPF	Ministério Público Federal
MP – BA	Ministério Público do Estado da Bahia
MNU	Movimento Negro Unificado
MONA	Monumento Natural
NUDEPHAC	Núcleo de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural
OAB – BAHIA	Ordem dos Advogados do Brasil, seção Bahia
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde

PARNA	Parque Nacional
PL	Projeto de Lei
PMAMC	Plano de Mitigação e Adaptação às Mudanças Climáticas
PMMA	Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica
PMS	Prefeitura Municipal de Salvador
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PRAD	Plano de Recuperação de Áreas Degradadas
PRPX	Parque em Rede Pedra de Xangô
PPGA – UFBA	Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia
PPGAU – UFBA	Programa de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.
REBIO	Reserva Biológica
RDS	Reserva de Desenvolvimento Sustentável
RESEX	Reserva Extrativista
REFAU	Reserva de Fauna
RHOL	Rede de Hortos de Plantas Medicinais e Litúrgicas
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural
RVS	Refúgio da Vida Silvestre
SARS-COV-2	Vírus da família dos coronavírus que causa a Covid 19.
SAVAM	Sistema de Áreas de Valor Ambiental e Cultural
SCIELO	*Scientific Electronic Library Online*
SECIS	Secretaria de Inovação e Resiliência
SEDUR	Secretaria de Desenvolvimento Urbano
SEMUR	Secretaria Municipal da Reparação da Cidade de Salvador
SEPPIR	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SIAP	Sistema Internacional de Áreas Protegidas

SNAPs	Sistemas Nacionais de Áreas Protegidas
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
SNS	Sítios naturais sagrados
TFG	Trabalho Final de Graduação
TR	Termo de referência
TJBA	Tribunal de Justiça do Estado da Bahia
UC	Unidade de Conservação
UNB	Universidade de Brasília
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
URBIS	Habitação e Urbanização do Estado da Bahia S/A.
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 27

CAPÍTULO I. EXUZILHANDO: ABRINDO OS CAMINHOS 74

I.1 Explorando os discursos e teorias conceituais 76

I.2 Governança em Unidades de Conservação – UC: evolução histórica e conceitual 106

I.3 Governança em Unidades de Conservação da Natureza no Brasil 107

I.4 Governança Espiritual em Unidades de Conservação 111

I.5 Governança Espiritual Afro-brasileira 113

CAPÍTULO II. AGÔ: LICENÇA AS DIVINDADES E ANCESTRAIS 124

II.1 A Governança Espiritual nas paisagens montanhosas do Tibete 125

II.2 Governança Espiritual em O*sogbo*: a floresta sagrada de Oxum-Nigéria .. 132

II.3 A Governança Espiritual no norte da Austrália: *Uluru Kata Tjuta National Park* 135

CAPÍTULO III. O MUNDO ENCANTADO DAS ARQUITETURAS DE TERREIROS 145

III.1 Um passeio no Candomblé Angola – *Unzo Mutalombo Yê Kaiongo* 146

III.2 *Ilê Axé Tumbi Odé Oji* – um palácio africano *keto* 151

III.3 Imersão nas folhas encantadas do *jeje* – terreiro *Vodun Kwe Tò Zò* 156

CAPÍTULO IV. PEDRA DE XANGÔ: NÃO DESTRUA MEU QUILOMBO 165

IV.1 Mas, quem é Xangô? 166

IV.2 A Governança Espiritual e o Constitucionalismo Negro em ação 168

IV.3 Exu faz o erro virar acerto: entre disputas, narrativas e travessias 175

IV.4 A Governança Espiritual, as tecnologias ancestrais e as Juristas Negras na Pedra de Xangô 183

CAPÍTULO V. ESPIRALAR DO AXÉ 191

V.1 O Caminho do Axé – Parque em Rede Pedra de Xangô 192

V.2 Os rituais afro-brasileiros no Parque Pedra de Xangô 198

V.3 A circularidade nos rituais afro-brasileiros 228

CAPÍTULO VI. OYÁ – BORBOLETA SUA FORÇA TAMBÉM É MINHA 233

VI.1 Rastreando os percursos da equipe do projeto arquitetônico do Parque Pedra de Xangô 235

VI.2 Saberes ancestrais Ori (entando) a construção do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô 236

VI.3 Tecnologias ancestrais construtivas em ferro, terra e pedra.....249

VI.4 Integração dos elementos naturais na arquitetura do Parque Pedra de Xangô 256

VI.5 Parque Pedra de Xangô: uma arquitetura contemporânea.....260

VI.6 Alafiando a Governança Espiritual.....269

VI.7 A Governança Espiritual tecendo redes virtuais e físicas 286

VI.8 O que ficou no meio do caminho 293

VI.9 O segredo é a preservação do Sagrado 296

CAPÍTULO VII. É COM O MACHADO DE XANGÔ 300

VII.1 Êta, Êta no samba aqui nesta roda Xangô é quem manda: o papel das guardiãs da Pedra de Xangô 301

VII.2 A Governança Espiritual na gestão e funcionamento do Parque Pedra de Xangô 309

VII.3 Capoeira: a ancestralidade vive ao som do berimbau e do gingado.....317

VII.4 Olhares, vivências e sentidos: o passeio cultural e as visitas pedagógicas.. 322

VII.5 Circuito Arte Urbana – APA Municipal Vale do Assis Valente e Parque em Rede Pedra de Xangô 332

(IN) CONCLUSÕES 338

REFERÊNCIAS.....349

GLOSSÁRIO.....373

APÊNDICES 380

ANEXOS 519

PREFÁCIO

Fala Xangô, *Nzazi* e *Sogbo*!

A Pedra de Xangô me permite entrar no meu próprio silêncio,
Olhar para dentro e para o Tempo,
O Tempo passado, presente e futuro,
Um Tempo que deixou marcas indeléveis em mim,
muitas alegrias, dores e tristezas também.
No terreno fértil de minha memória,
Um filme se passa,
Um filme que foi registrado durante 11anos
Em cadernos, fotos, vídeos, atas e inúmeras publicações
No perfil @pedra.de.xango.
Um misto de alegria, orgulho,
O poder ancestral invade o meu Ser,
Ao assistir e registrar o Sagrado,
O Povo de Terreiro ditar as regras
Na edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Sabe, Pedra de Xangô!
Toda vez que te vejo meu coração palpita.
Como eu queria estar diante de Ti agora,
Contemplar as suas múltiplas faces.
Faces que me transporta para um Universo
que é só meu.
Te amo tanto Pedra de Xangô
Que às vezes desejo Ti ver a todo momento.
Ficar Ti contemplando tentando decifrar as suas mensagens me basta.
Estou muito distante de Ti agora,
Mas quero Ti Ver e Ti Contemplar sempre.
Agora, não posso.
Por medida de segurança, respeito à decisão das autoridades e com profunda humildade,

Peço licença primeiro a Ti e depois ao Povo de Terreiro para publicar
Aqui algumas imagens dos rituais realizado na Tua Pedra Sagrada
Para demonstrar a Tua Governança.

Sabe, Xangô! Às vezes, nos meus sonhos,
me vejo na janela do meu quarto Ti
contemplando ao amanhecer,
A noite volto à janela me despeço de Ti,
Com o coração apertado, com medo de ser a última vez,
choro, choro, choro.
Que Tu queres Xangô?
Fala para mim,
Que eu falo para o mundo
Que o projeto arquitetônico do Teu parque tem a sua total aprovação.

Sabe, meu único desejo é poder te contemplar de novo e sempre.
Que as presentes e futuras gerações possam Te conhecer,
Preservar Tua linda história de existência e resistência.
Fala Xangô, *Nzazi* e *Sogbo*. O que Tu queres? (Maria Alice Silva, 2022)

INTRODUÇÃO

Sankofa, uma simbologia *adinkra*[1] de origem *Acã*[2], nos recorda que nunca é tarde para retornar às raízes e recuperar o que foi deixado para trás. Ela enfatiza a importância de voltar ao passado, regressar à casa e reconectar-se com a sabedoria ancestral para avançar no presente e construir o futuro (Nascimento, 2022).

Durante séculos, os africanos em diáspora, herdeiros de uma civilização rica em contribuições para diversos campos do conhecimento e da cultura, como escrita, astronomia, arquitetura, matemática, engenharia, medicina, filosofia, teatro, entre outros, foram submetidos à escravidão, sendo forçados a migrar das terras africanas para as Américas (Nascimento, 2022).

O processo de imposição do poder dominante sobre os corpos negros trazidos de África e sobre os povos originários, que tiveram suas terras invadidas, disseminou o conceito de "humanidade", apresentando o europeu como o modelo padrão em termos de ser humano, civilidade, cultura, inteligência e beleza. Enquanto isso, os demais povos foram marginalizados, rotulados como portadores de culturas primitivas e subdesenvolvidas (Nascimento, 2022).

Entre os séculos XV e XIX, o tráfico negreiro trouxe mais de quatro milhões de africanos para o Brasil. Última nação americana a abolir a escravidão (Lei Áurea – 1888), a imigração compulsória de africanos abrangeu quatro ciclos ao longo dos séculos, envolvendo diferentes rotas e regiões (Anjos, 2009).

Os africanos escravizados perdiam não apenas a liberdade, mas também a identidade, sendo obrigados a aprender a língua do opressor, converter-se ao catolicismo e mudar de nome. Proibidos de praticar suas espiritualidades originais, os

---

[1] *Adinkra* - “significa adeus, e as pessoas das etnias acã usam o tecido estampado com os adinkra em ocasiões fúnebres ou festivais de homenagens” [..] Trata-se de um “antigo sistema africano de escrita. A importância desse fato é incomensurável porque a ciência etnocentrista europeia negou que a África tivesse uma história ao alegar que seus povos nunca criaram sistemas de escritas. Ledo engano, pois além dos hieróglifos egípcios, existem inúmeras escritas africanas antes da escrita árabe” (Nascimento, 2022, p. 19-20).

[2] *Acã* - grupo etnolinguístico localizado em Gana.

africanos ressignificaram suas crenças na diáspora, dando origem a práticas como a umbanda e o calundu (Parés, 2006).

As danças para as divindades, os cânticos e músicas, seguidos por toques de atabaques, as curas mágicas, invocação de espíritos, possessão e previsões faziam parte dos rituais, e sua finalidade era principalmente terapêutica e oracular. O termo *calunduzeiro* era empregado como sinônimo de curador e vidente (Parés, 2006).

Os calundus precederam as casas de Candomblé, expressão cunhada no Brasil a partir do início do século XIX para nomear o conjunto de liturgias dedicadas às divindades africanas: orixás[3], *voduns*[4], *inquices*[5] (Lima, 1974). Tambor de Mina, Batuque, Jurema, Cabula, Umbanda e tantos outros integram a diversidade de crenças ressignificadas pelo povo africano na diáspora. Nesse contexto, o Candomblé não apenas representou a reinvenção da África no Brasil, preservando a herança africana, mas também se tornou um meio constante de comunicação e convivência com os costumes e crenças africanas (Parés, 2016).

Candomblé

Símbolo de força, fé, resistência e coalizão, o Candomblé reuniu africanos que, arrancados de sua terra natal, foram transformados em coisas, animais e objetos. Mesmo sob condições desumanas, os negros escravizados conseguiram cultuar suas divindades no território brasileiro (Silva, 2019).

Unidade aglutinadora de vivências religiosas e manifestações do sagrado, através dos orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados, o Candomblé, a “Ciência Encantada das Macumbas”, uniu os diversos saberes e fazeres, afastando-se, na medida do possível, dos dogmas religiosos impostos pelo sistema dominante (Braga, 1992; Simas e Rufino, 2018).

[3] Orixá - Designação genérica das divindades do panteão iorubá ou nagô-queto

[4] Voduns - Divindades cultuadas pela nação *jeje*.

[5] Inquices - Cada uma das divindades equivalentes aos orixás dos nagôs em congo-angola.

Homens e mulheres escravizados e libertos conseguiram intervir precocemente no processo de destruição de suas memórias, representado pelo tráfico de Cativos africanos, denominado na literatura como tráfico negreiro, construindo soluções sociais inovadoras a partir de seus costumes e tradições, mantendo uma comunicação aberta com diversas etnias (Souza Júnior, 2011).

Dessa forma, nagôs, *jejes*, descendentes dos congos e angolas e outras etnias africanas, aos poucos abandonaram o sentido político do termo nação para adotá-lo como uma expressão praticamente exclusiva no contexto teológico. Assim, o termo nação se tornou o padrão tanto ideológico quanto ritual nos terreiros de candomblé da Bahia (Lima, 1974).

Cada nação tem suas divindades e ritos próprios. Nos terreiros que adotam o rito iorubá[6]/*keto* ou nagô[7], cultuam-se os orixás; na nação *fon*/*jeje*[8], os *voduns*; na nação banto (congo-angola) [9], os *inquices*. Em algumas comunidades de terreiros, cultuam-se também os caboclos, donos da terra (ancestrais indígenas) e encantados introduzidos no universo dos Candomblés e/ou da umbanda (Mauricio, 2009).

Segundo Parés (2005), não há evidências documentais na Bahia, antes do século XIX, que indiquem a existência de associações cultuando mais de uma divindade, embora tal ausência de registros não permita concluir sobre sua inexistência. Conforme a tradição oral, corroborada por alguns pesquisadores, o Candomblé do *Ilê Iyá Nassô Oká*, conhecido como Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, inicialmente localizado na Ladeira do Berquó, próximo à Igreja Nossa Senhora da Barroquinha, no centro histórico de Salvador, é considerado o primeiro e mais antigo do Brasil (Castilho; Parés, 2007).

[6] Iorubá – Nome moderno da nação nagô.

[7] Nagô - Termo utilizado para se referir ao povo do antigo império africano oriundo de da cidade de Oyó.

[8] Fon/*jeje* – Povo do Benim.

[9] Congo-angola

Axé

A Pedra de Xangô é um monumento sagrado que contém *axé.* O axé remonta à cultura afro-diaspórica e à cosmogonia das religiões afro-brasileiras. Quando, por exemplo, Olorum, o Deus Supremo iorubá, criou o Universo, estabeleceu os quatro elementos essenciais do existir: fogo, ar, água e terra, soprando neles seu hálito divino e propagando seu poder. Essa potência é o axé, a energia em movimento, que se espalha em todas as direções (Mauricio, 2009).

O termo "axé" é adotado por diversas nações-irmãs (*keto*(ioruba/nagô), angola, *jeje* e outros) e representa a energia, o princípio vital de tudo. A essência de um terreiro é o axé, uma energia que fundamenta a existência dinâmica, permitindo o acontecer e o devir. Sem o axé, a vida estaria adormecida, destituída de possibilidades de realização.

Elemento que viabiliza o processo vital, assim como toda energia, o axé é transmissível, sendo conduzido por meio de manifestações materiais e simbólicas, passível de acumulação e de transformação. Todo objeto, ser ou local consagrado alcança essa condição por meio da aquisição de axé, cabendo aos receptores acumulá-lo, protegê-lo e desenvolvê-lo (Santos, 2008).

O axé manifesta-se em seres humanos, terreiros de candomblé e na natureza, como árvores, terra, águas, folhas sagradas e pedras, considerados campos de força e energia. Esses elementos servem como pontes entre pessoas, divindades, ancestrais e preceitos religiosos afro-brasileiros, sendo cuidadosamente preservados e transmitidos (Braga, 1992).

Enfim, a palavra axé possui uma riqueza de significados nas tradições afro-brasileiras. Representa uma força mítica, universal e espiritual que permeia a origem e a formação de uma cultura. É o princípio que permite ao indivíduo influenciar e ser influenciado, atuando como receptor e condutor dessa energia vital por meio das práticas ritualísticas. Axé é, portanto, tudo o que é simbolicamente plantado, preservado e alimentado pela comunidade de terreiro (Silva, 2019; Silva *et al*, 2022).

A realidade nua e crua

Embora seja impossível imaginar a cidade de Salvador, a capital da negritude, sem reconhecer a decisiva influência da cultura africana (Silva, 2018) e ameríndia, os bairros negros continuam como espaços segregados. A cidade formal soteropolitana é produzida pela sistemática e reiterada negação das manifestações culturais afro-religiosas.

Everaldo Duarte (2014) [10], economista, escritor, griot, fundador do grupo Baobá, *agbagigan* do Terreiro do *Bogum* e membro do Grupo de Trabalho Externo de Implantação do Parque Pedra de Xangô, conhece muito bem essa dinâmica e elencou os sítios naturais sagrados na cidade de Salvador-Bahia, que passaram por processos de apagamento, silenciamento e desaparecimento, devido as intervenções urbanas realizadas sem o devido cuidado e respeito às religiões de matriz africana e afro-brasileira, conforme listado a seguir:

I. o Dique do Tororó, considerado território sagrado de Oxum. Lá aconteciam atos litúrgicos para a divindade das águas doces, de um lado, e, do outro lado, para os *Eguns*, espíritos ancestrais. Os presentes oferecidos a Oxum eram antecedidos de rituais sagrados e secretos. Uma ponte, por sobre o dique, ligava o bairro do Tororó ao Garcia. Abaixo da ponte, em pleno silêncio e muita concentração, realizavam-se rituais mais secretos para que os que se encontravam à beira da morte tivessem uma passagem serena. Reurbanizaram o dique, destruíram a ponte, a bacia dos *Eguns*, construíram a Estação da Lapa. A bacia de Oxum recebeu uma fonte luminosa, e foi assim que os segredos do sagrado, a paz, o silêncio, desapareceram sem prévia comunicação, sem acordo, em prol do novo projeto (Duarte, 2014);
II. a Lagoa do quartel de Amaralina, onde realizavam-se celebrações emergenciais para as deusas das águas: Oxum e Iemanjá foi aterrada para ampliar a poligonal da Rua Visconde de Itaboray. O encontro das duas

[10] Palestra *Santuários Perdidos* proferida por Everaldo Duarte, em 06/08/2014, no *Seminário Pedra de Xangô – Território Sagrado.* Uma iniciativa da Fundação Gregório de Matos em parceria com o Grupo de Pesquisa EtniCidades-FAUFBA, Comunidades Terreiros e associações afro-religiosas e culturais do Estado da Bahia.

divindades (águas doces e salgadas), que recebiam e analisavam, juntas, os presentes, os pedidos e os recados enviados pelos desesperados e aflitos, tinha respostas rápidas e concisas (Duarte, 2014);

III. no Vale do Bonocô, havia uma árvore sacralizada, centenária que simbolizava um espírito ancestral, um *Egugun*[11]. Quando dava meia noite o ancestral aparecia para os seus fiéis e fazia consulta. O terreiro responsável pelo culto ao *Egungun* foi obrigado a ir para bem longe do centro, a árvore mística foi destruída (Duarte, 2014);
IV. a lagoa do Abaeté, a famosa "lagoa escura arrodeada de areia branca" imortalizada na canção de Dorival Caymmi, deixou de ofertar a calmaria das águas pretas tão conhecidas pelos sacerdotes que sabem o que significam, para se transformar em um lugar proibido (Duarte, 2014);
V. na Av. Cardeal da Silva, existia um bambuzal sagrado. Ele recebia oferendas decorrentes de rituais afro-religiosos realizados quando ocorria o falecimento dos adeptos. Eliminaram o bambuzal e, em seu lugar, foi instalada uma subestação elétrica (Duarte, 2014);
VI. a Encruzilhada do Retiro, de três pernas, de muita força para religião, era entrada e a saída da cidade para tudo que vinha, ou ia, por via terrestre. Desviaram a entrada da cidade e transformaram a encruzilhada numa bifurcação aleijada e sem condições de receber oferendas (Duarte, 2014);
VII. a Cachoeira de São Bartolomeu, nos idos de 1942, recebia diversos religiosos para realizar obrigações finas e secretas, notadamente, aquelas obrigações dos novos iniciados. O descaso das autoridades e a falta de segurança, nos dias atuais, impossibilitam o acesso, permanência e realização destes rituais (Duarte, 2014).

No processo de modernização e urbanização da cidade, a orientação era que a população negra, pobre, de baixo poder aquisitivo fosse fixar residência para bem distante do centro, em lugares sem infraestrutura básica. Racista, a República Velha do século XX, nas reformas urbanas, para atender a modernidade, optou por adotar a política de higienização, ou seja, a famigerada limpeza étnica. Nas principais cidades

[11] Egugun – Espírito ancestral.

brasileiras, a exemplo de Salvador, Recife, Rio de Janeiro que atuavam como portos e encruzilhadas, redes urbanas concebidas e impulsionadas pelo sistema escravocrata, foram as mais atingidas com essas práticas (Anjos, 2020).

Nas cidades mencionadas, comunidades inteiras foram removidas sem indenizações e/ou compensações sociais ou financeiras, resultando em manipulações espaciais que ocultaram as histórias dos territórios de matriz africana e afro-brasileira. Isso conferiu irreversivelmente um padrão de segregação espacial antiafro-brasileiro no ordenamento do território real. Este é um aspecto traumático da historiografia do urbanismo brasileiro, fortemente inspirado na 'Reforma de Paris', responsável pela exclusão socioespacial e, por conseguinte, pela implantação de modelos paisagísticos europeus (Anjos, 2020).

O objetivo desta governança escravista, na malha urbana colonial do Brasil, “era esconder e maquiar as desigualdades e ‘embranquecer’ o espaço, ou seja, um típico exemplo de racismo geográfico implementado” (Anjos, 2020, p.42). Para Vagner Gonçalves da Silva (2005, p. 53-54), o projeto sanitarista de desenvolvimento urbano visava atender aos interesses das classes dominantes “em tornar a cidade mais ‘limpa’ dos pardieiros e funcional ao comércio e à frequência das famílias ricas e de classe média”. Assim, cortiços foram derrubados, quiosques queimados, as vias foram alargadas e o povo foi expulso para os morros e subúrbios (Silva, 2005).

O racismo sistêmico persiste na sociedade contemporânea, sendo perpetuado pelos atores hegemônicos em diversas esferas da vida, incluindo o ambiente de trabalho e os espaços religiosos como os terreiros. Esses atores continuam a insistir em excluir os negros, mantendo-os sempre à distância, independentemente das consequências disso para a coletividade e para a justiça social. Essa exclusão e distanciamento são manifestações claras do contínuo impacto do racismo estrutural na sociedade (Machado, 2023).

Cunha Júnior (2023), no artigo *Bairro negro, lugar fora das ideias urbanísticas*, denuncia o racismo estrutural e a lacuna dessa temática no campo do conhecimento. Ele destaca a necessidade de cuidar da cidade real, ou seja, daquele sítio inexplorado pela engenharia, arquitetura e urbanismo, bem como pelos programas oficiais das

universidades que apresentam visões cegas a respeito de uma realidade presente em grande parte das cidades brasileiras.

Salvador é reconhecida pela indiscutível negritude da sua população e das tradições culturais afrodescendentes, sendo uma das cidades mais expressivas em africanidades da diáspora Atlântica. Nessa cidade, D'Oxum[12], guardada por Exu[13], "da religião às artes plásticas, das expressões linguísticas à vida afetiva [..] à criação poética e musical — não há um só campo do pensar, do fazer e do viver cultura em Salvador, que não apresentem as marcas indeléveis, as cores, os sons, os sabores fortes da negritude" (Silva, 2018, p. 6).

Mesmo sob forte influência do legado africano ao longo de seus 474 anos, a cidade de Salvador reproduziu a narrativa do poder dominante eurocêntrico e antissocial em relação às populações negras. Durante o século XX, período pós-abolição, foram implementadas uma série de formas urbanas, culturais, sociais e econômicas que sistematicamente prejudicaram o bem-estar da população negra e a dinâmica de sua cultura, especialmente no que diz respeito à religiosidade.

Nesse cenário de desarticulação das formas urbanas de vida da população negra, inserem-se as leis e atos municipais, como a Lei Orgânica do Município de Salvador – Lei 376/1951. Esta legislação, juntamente com suas 36 emendas, revelou-se negligente em relação à proteção e preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro, especialmente dos templos das religiões de matriz afro-brasileira.

As arquiteturas de matriz afro-brasileira, como habitações escravas, quilombos, terreiros de Candomblé, casas de Caboclos, afoxé, entre outras, assim como as arquiteturas desprovidas de profissionais especializados, aquelas que se desenvolvem no espaço-tempo em constante transformação, não tiveram seus capítulos devidamente registrados na história da arquitetura e do urbanismo na cidade de Salvador e no Brasil (Velame, 2022).

[12] Oxum - Divindade das águas doces, dos rios.

[13] Exu - Divindade orixá dos caminhos, das encruzilhadas.

A cidade de Salvador e seu urbanismo foram concebidos de forma segregacionista e racista, priorizando inicialmente o capital e os privilégios das populações brancas, em detrimento dos anseios das populações negras em termos humanos, culturais, espaciais e econômicos. Nesse cenário, podemos considerar que a cidade de Salvador possui uma dívida histórica com o povo negro. As conjunturas, perspectivas e processos existenciais da capital, considerada a mais afro do Brasil, não são devidamente contemplados na produção urbana. O cotidiano dos moradores, suas práticas e costumes, são relegados a um segundo plano. Ao invés de ser um lugar acolhedor que abriga todas as vivências, culturas e tramas, a cidade tornou-se um elemento desagregador das diversas ações que dão vida ao espaço (Silva, 2017; 2019).

Um dos espaços profundamente afetados por esse modelo desqualificador dos direitos e da cidadania da população negra foi a Pedra de Xangô e sua área circundante. A intervenção estatal no sítio natural sagrado resultou em danos irreparáveis ao ecossistema e, principalmente, aos rituais afro-religiosos. A Pedra Sagrada, sendo o elemento central desta tese, será contextualizada adiante para proporcionar uma compreensão mais aprofundada do tema em questão.

Patrimônio ambiental: Pedra de Xangô tecendo redes

A Pedra de Xangô, uma formação geológica com bilhões de anos, está situada na Avenida Vale do Assis Valente, uma importante via que conecta Cajazeiras X, Fazenda Grande I, Fazenda Grande II, Boca da Mata e a Estrada Velha do Aeroporto. Localizada ao sul da APA (Área de Proteção Ambiental) Estadual Joanes-Ipitanga, mais precisamente na sub-bacia hidrográfica do Ribeirão Itapuã-Mirim (afluente do Ipitanga). O monumento sagrado faz parte de um antigo sítio de aldeamento indígena, abrangendo áreas de remanescentes de quilombos e preservando o bioma Mata Atlântica. A região destaca-se pelos seus atributos bióticos, abióticos, estéticos e culturais, sendo de grande importância para a cultura afro-brasileira, além de contribuir para a qualidade de vida e bem-estar das populações humanas e outros seres (Silva, 2017; 2019).

A Pedra de Xangô, envolvida por uma área de Mata Atlântica até o ano de 2002, testemunhou a perda progressiva de sua vegetação exuberante. Esse ano marcou o início do processo de terraplanagem para a construção da Avenida Vale do Assis Valente, uma via destinada a abrigar o sistema de esgotamento sanitário dos bairros, incluindo lagoas de estabilização e digestores anaeróbios (Silva, 2017; 2019; Silva *et al.*, 2023).

Em 2005, um evento dramático colocou a Pedra de Xangô em evidência na sociedade soteropolitana, sendo destaque no maior jornal da época com a matéria “Símbolo de quilombo será preservado” (Figura 1). Esse momento foi caracterizado por grande tensão, com a união da comunidade de terreiro, movimentos ambientalistas e comunitários contra a destruição do monumento rochoso, que outrora estava totalmente coberto por matas em um local isolado e de difícil acesso, com apenas algumas trilhas (Silva, 2017; 2019).

Figura 1 – Matéria do Jornal A Tarde 17/07/2005.



12 | SALVADOR, DOMINGO, 17/7/2005

LOCAL

A TARDE

Símbolo de quilombo será preservado

Localizada próximo da Estrada Velha do Aeroporto, a Pedra do Buraco do Tatu foi usada como esconderijo de escravos

TAMIANA MASCARENHAS

A Pedra do Buraco do Tatu, situada numa área próxima à Estrada Velha do Aeroporto, entre Itapuã e Cajazeiras – será preservada para lembrar a história do quilombo Buraco do Tatu. Localizado na área de urbanização da implantação de uma nova via urbana, a pedra foi reivindicada para preservação pela comunidade que a considera mística e por representar a luta e resistência dos negros no combate à escravidão. Embora desconhecendo a existência de um quilombo na área, a Ceuder atendeu à demanda dos moradores.

Com aproximadamente sete metros, a pedra é vista pela comunidade como "mistério" – um monumento sagrado e também rochedo histórico do quilombo por ter sido utilizada como passagem e esconderijo dos escravos perseguidos, de acordo com o relato de alguns moradores da região.

"Na época, aqui só tinha mato e água. Os escravos fugitivos passavam e paravam pelo buraco que existe na pedra para alcançar o outro lado", conta o morador da região e coordenador do Movimento de Unidade Democrática de Salvador (Mude/Subúrbio), João Avelino. Os dois nomes dados à pedra também possuem o caráter religioso do local.

"Mistério serve para orar e pedir as coisas. Buraco de tatu, lugar que escapa e refúgio dos negros", explica Avelino, que, com o apoio de outros moradores, apresenta à Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (Conder) um projeto de preservação da pedra.

A urbanização da área foi incluída nas obras de ampliação e pavimentação para a construção da Avenida Vale do Fazenda Grande II, III e IV, iniciada em 2003, que interligará o Complexo de Fazenda Grande e Cajazeiras. Como a pedra está no mesmo local onde a avenida está sendo construída, os moradores temiam que ela fosse demolida.

PROTEÇÃO – "Quando começamos essa obra, a Ceuder desconhecia a existência desse monumento. Levantamos os moradores mais antigos e representantes do bairro e a representatividade histórica desse espaço para os bairros, e eles resolveram executar o projeto", explica João Avelino.

Além de cavar com uma cerca de proteção, serão construídos quiosques e o espaço será também iluminado. A coordenadora da Ceuder, Maria Antonieta Caúla do Monte, Cleide Cristina de Oliveira, espera que a área seja valorizada em um ponto turístico da cidade.

"Este local é o resgate da nossa cultura. Nele, há um ponto da História da luta contra a escravidão no Brasil e temos que preservar e resgatar isso ao mundo", diz Cleide, que está ciente das solicitações que serão feitas à Ceuder em relação à construção de um teleférico, que seria uma espécie de gaiola de pedra.

O presidente da Ceuder, Mário Geraldino, diz ter recebido os pedidos dos moradores, mas não tem conhecimento sobre o quilombo. Ele explicou que as solicitações estão sendo avaliadas, mas afirmou que existe a possibilidade da região onde está a área para a construção do teleférico.

"Estamos à procura para facilitar a acessibilidade das pessoas e cuidar a preservação do lugar", garantiu. Os representantes do governo estadual acreditam que boas ações para que a pedra seja tombada e mantenha como patrimônio histórico.

Segundo o historiador José Reis, um dos maiores especialistas sobre revoltas negras, documentos indicam que o Buraco do Tatu existiu há centenas de anos e foi um ponto de fuga do movimento de libertação de escravos no Brasil. "As primeiras notícias sobre a existência desse quilombo são de 1743. Há um mapa com a localização dele que indica que, no ano de 1763, ele foi tomado de assalto e destruído. Nesse ataque, quatro quilombolas morreram e 61 foram presos", explica o historiador. Baseado em tais documentos, presume-se que o Buraco do Tatu tenha existido durante pelo menos 20 anos.

No livro Bahia, terra de quilombos, o historiador Walter Pinto cita que a destruição do Buraco do Tatu foi uma ordem do governo da Bahia. O ministro Gonçalo Xavier de Brito e Alvim, o chanceler José de Carvalho de Andrade e o arcebispo dom frei Manuel da Santa Inês organizaram um grande grupo armado de cerca de 500 pessoas, com "paisanos", índios de aldeia de Jaguaripe e elementos que se ofereceram para cada fazenda porque, no dia 2 de setembro de 1763, sereno o quilombo do Buraco do Tatu, amanheceu.

De acordo com os historiadores, nos documentos não há referência direta sobre a utilização da pedra como esconderijo dos passageiros, no entanto, de acordo com José Reis, existe a possibilidade de as fugas de uma área permanecer no Buraco do Tatu. "Acho que é uma possibilidade para fazer uma prospecção arqueológica. Acredito que um quilombo que durou 20 anos pode ter deixado algum traço interessante e valioso para a nossa história", avalia.

Com seis metros de altura, a formação geológica é considerada como um monumento sagrado

Fonte: A Tarde (2005).

Para os engenheiros, arquitetos e urbanistas, a rocha monumental representava um obstáculo e interferia no traçado da pista, razão pela qual seria demolida. Contudo, na cosmopercepção das comunidades de terreiros, a Pedra é considerada sagrada, o *Otá* (altar) de Xangô, *Nzazi* e *Sogbo*, das divindades afro-brasileiras, além de ser

símbolo do quilombo do Buraco do Tatu e/ou Quilombo do Urubu, o que justificava a necessidade de sua preservação (Silva, 2017; 2019).

O conceito central desta tese é a Governança Espiritual, que será explorado em detalhes ao longo do trabalho. A correlação de forças e poder, representada pela Governança Espiritual, entra em cena, pela primeira vez, com a intervenção de Cleide Cristina de Oliveira Avelino, moradora da região e líder comunitária. Diante da iminente ameaça de destruição da Pedra Sagrada e cumprindo ordens dos orixás, Avelino toma a iniciativa de interpelar o engenheiro responsável pela obra. Em seguida, convocou as comunidades de terreiros para unir esforços na preservação do monumento sagrado. Avelino compartilha seu relato:

> Eu tive um sonho com os orixás, em que ouvi: “desça para ver a pedra”. A obra do programa Sanear havia começado. Quando tocava a sirene era um estouro, as pedras iam sendo detonadas diariamente. Desci para ver o que estava acontecendo. Entrei em contato com o engenheiro da obra. Ele me disse: “eu vou dinamitar esta pedra porque está atrapalhando a poligonal da estrada”. Respondi: “Quem atrapalha é você que está atrapalhando o meio ambiente”. Obriguei ele passar um rádio para a CONDER[14] e o diretor o mandou interromper a operação. Entrei em contato com o povo do santo Mãe Luciane, Leonel Monteiro, Sr. Ubiratan eles vieram socorrer a pedra[15] (Silva, 2019, p.66).

A Pedra de Xangô não foi demolida, mas com a inauguração da Avenida Vale do Assis Valente, o sítio natural sagrado ficou a aproximadamente 5 (cinco) metros da pista de rolamento (Figura 2), enfrentando uma série de desafios. Dentre eles, destacavam-se os ruídos, a presença de lagoas de estabilização nas proximidades, a falta de privacidade para os rituais religiosos, o risco de acidentes e a pressão por ocupações informais, especialmente no topo dos morros. Essa situação resultou na gradual supressão da sua área remanescente do bioma Mata Atlântica (Silva, 2017; 2019).

A partir deste episódio, inicia-se uma longa luta em defesa do monumento sagrado, pelo seu reconhecimento como patrimônio cultural e ambiental. Na Câmara de Vereadores, em 2016, discutia-se o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) da Cidade de Salvador. Naquela época, em resposta a uma antiga demanda

[14] CONDER – Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia.

[15] Depoimento concedido por Cleide Cristina de Oliveira Avelino a pesquisadora Maria Alice Pereira da Silva junto a dissertação de mestrado Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro brasileiro na cidade de Salvador (Silva, 2019, p.66).

da comunidade, o município propôs a criação de um Parque Urbano, no entorno do monumento sagrado Pedra de Xangô, com uma área de aproximadamente 67 hectares (Silva, 2017; 2019).

Durante a audiência pública de apresentação do projeto, argumentei que a área destinada para a implantação do parque não atendia às necessidades do Povo de Terreiro de Cajazeiras e nem tampouco da população do seu entorno. Era imperativo garantir a preservação de todos os fragmentos florestais do bioma Mata Atlântica ainda existentes na área pesquisada (Silva, 2017; 2019).

Figura 2 – Pedra de Xangô – Avenida Vale do Assis Valente SSA-BA.



Fonte: Gabriel Silveira (2019).

Utilizando uma abordagem transdisciplinar, interdisciplinar, participativa e colaborativa, com a participação de representantes de comunidades de terreiros, da academia, da Secretaria da Cidade Sustentável (SECIS) e da Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDUR), realizei a Cartografia dos lugares sagrados circunscritos à Pedra de Xangô. O propósito era propor a criação, também, de um Parque em Rede e uma Área de Proteção Ambiental (APA). A emenda popular resultante dessa iniciativa foi encaminhada à Câmara de Vereadores, aprovada integralmente e incorporada ao Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador (PDDU-2016) (Silva, 2017; 2019).

Desse modo, a Pedra de Xangô tornou-se elemento geratriz de uma Área de Proteção Ambiental, de um parque em rede e um parque urbano[16]. A Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Vale da Avenida Assis Valente abrange sete bairros: Boca da Mata, Cajazeiras X, Cajazeiras XI, Fazenda Grande I, II, III e IV.

A extensão territorial da Unidade de Conservação (UC) de 410 (quatrocentos e dez) hectares, ou seja, 4 milhões m² (quatro milhões de metros quadrados), e sua população total é de 75.336 habitantes. Conforme dados demográficos[17] (IBGE apud CONDER, 2016.), 84,6% dessa totalidade são negros e corresponde a 63.703 pretos e pardos. Conforme dados demográficos, 84,6% dessa totalidade são negros e corresponde a 63.703 pretos e pardos; 76,6% dos chefes de domicílios (famílias) recebem até 2 salários mínimos, sendo que 3.333 delas não possuem rendimento; há a estimativa de 8 mil pessoas sem qualquer rendimento. Como resultado desse contexto de vulnerabilidade social, os bairros estão na lista dos mais violentos da cidade, com uma taxa de 81,0 homicídios a cada 100 mil habitantes. Número correspondente a 8 vezes mais que o considerável tolerável pela ONU/OMS[18].

A APA Municipal Vale do Assis Valente contém toda a sub-bacia do Ribeirão Itapuã Mirim, com 28 córregos e 62 nascentes. A Unidade de Conservação encontra-se geograficamente localizada no centro de uma densa ocupação humana, onde a pressão por ela exercida compromete, dia a dia, o sistema solo-água-vegetação, reduzindo as áreas de matas.

---

[16] O documento que embasou a criação da APA Municipal Vale da Avenida Assis Valente, do Parque Pedra de Xangô e do Parque em Rede Pedra de Xangô contou com a participação voluntária de adeptos do candomblé e profissionais das seguintes áreas do conhecimento: arquitetura, biologia, ciência social, direito, economia, engenharia ambiental, história, geografia e urbanismo. A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade se fizeram presentes nas pessoas de Maria Alice Pereira da Silva, José Augusto Saraiva Peixoto, Cassio Marcelo Castro, Everaldo Duarte, Fábio Macedo Velame, Walter Passos, Leonardo Stabile Freire, Diego José Leite Cerqueira, Emanoela Rodrigues Amorim Nery, Heibe Santana da Silva, Leonardo Sacramento Silva, Naiá Garcia Dolbeau, Roselita Atalgina da Silva, Sandro dos Santos Correia e André Lima O'Dwyer (Silva, 2017; 2019).

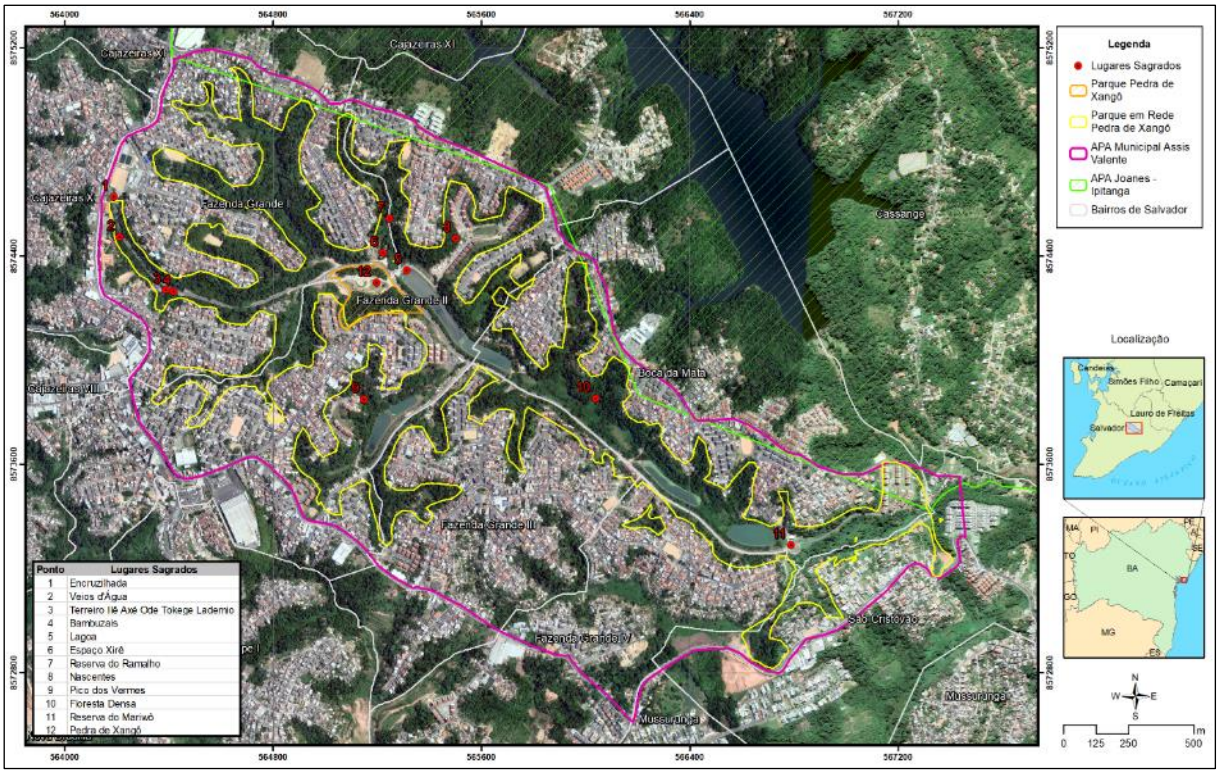
[17]BAHIA. CONDER. Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia. Painel de informações: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairros e prefeituras-bairro /Sistema de Informações Geográficas Urbanas do Estado da Bahia (INFORMS - Organizador). 5ª ed. Salvador: CONDER/INFORMS, 2016.

[18]BAHIA. Secretaria de Segurança Pública (SSP). Polícia Civil da Bahia. Coordenação de Documentação e Estatística Policial (CDEP/SGE). Números de Crimes Violentos Letais Intencionais em Salvador — Por Bairros: período janeiro a dezembro: ano 2017. Salvador, 2019.

Nas encostas e alagadiços, últimas áreas desejadas para ocupação, ainda remanescem, sob intensa pressão, 106 hectares de vegetação do Bioma Mata Atlântica em estágio avançado, médio e inicial. Às margens de suas nascentes e cursos d'água, configuram-se as redes indissociáveis de geologia-águas-matas-orixás-animais-pessoas que tecem o Parque em Rede Pedra de Xangô.

A criação da Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal (Mapa 1, Apêndice A) foi uma estratégia espacial para melhorar as condições socioambientais da região, promover o desenvolvimento sustentável participativo, proteger as manifestações religiosas e culturais das comunidades de terreiros, incluindo a preservação da Pedra de Xangô como patrimônio cultural afro-brasileiro (Silva, 2017; 2019).

Mapa 1 – APA Municipal - Parque Pedra de Xangô - Parque em Rede.



Fonte: Autoria própria. Elaboração: Iuri Peixoto e Luiz Cláudio Ferraz.

Pedra de Xangô: patrimônio cultural

Desde 2005, o Povo de Terreiro lutava pelo reconhecimento da Pedra de Xangô como patrimônio cultural, fundamentando-se nas leis vigentes e recorrendo aos institutos de proteção cultural nas esferas municipal, estadual e federal. Contudo, apesar dos

esforços, debates e diálogos, o processo de tombamento enfrentou obstáculos. A ausência de estudos sobre o tema e a questão central de se uma pedra que contém axé pode ser considerada patrimônio cultural foram elementos que contribuíram para o impasse (Silva, 2017; 2019).

Segundo Dourado (2011), preservar uma casa de candomblé é, acima de tudo, garantir que a energia espiritual (axé) que a sustenta circule e se desenvolva. Isso implica cuidar das áreas verdes, assegurando que permaneçam exuberantes, proteger as nascentes, mantendo-as limpas, e garantir o acesso livre da comunidade aos lugares sagrados, como matas, fontes, rios e pedras, mesmo quando esses elementos naturais não estão mais em sua plenitude dentro dos limites do terreiro.

A falta de literatura específica sobre a Pedra de Xangô dificultou o seu reconhecimento como patrimônio cultural. Na época da minha dissertação de mestrado, intitulada "Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador" (Silva, 2017), o estudo era o único material etnográfico em construção que investigava a importância cultural desse território. A pesquisa conectou os lugares sagrados, mapeou os caminhos do axé, explorou as manifestações culturais e analisou as articulações e estratégias das redes em defesa do monumento. Essa dissertação se tornou o laudo etnográfico do processo de tombamento municipal da Pedra Sagrada.

O estudo evidenciou que a Pedra de Xangô é um ponto central de convergência para diversos terreiros, estabelecendo comunicação e conexão em redes, desempenhando o papel de uma encruzilhada religiosa, comunitária e política na cidade de Salvador (Silva, 2019). Em 22 de novembro de 2016, o Conselho Consultivo de Cultura da Fundação Gregório de Mattos recomendou o Tombamento Municipal da Pedra de Xangô e da Área Considerada Sítio Histórico do Antigo Quilombo do Urubu. O Município de Salvador oficializou o tombamento por meio do Decreto nº28.434/2017, datado de 4 de maio de 2017, reconhecendo a Pedra de Xangô como patrimônio cultural e símbolo sagrado das religiões de matriz afro-brasileira (Silva, 2023).

Assim, a Pedra de Xangô não apenas abriga uma Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Vale da Avenida Assis Valente e o primeiro Parque em Rede, denominado Parque em Rede Pedra de Xangô (2016), mas também conquistou o prestigioso status de patrimônio cultural (2017) após ser tombada pelo município. Além desses feitos

notáveis, a Pedra de Xangô foi reconhecida como patrimônio geológico pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM), como será detalhado a seguir (Silva, 2019). Esses marcos ressaltam a importância e a diversidade cultural atribuídos a esse local singular.

Geodiversidade nas tradições afro-brasileiras: O caso da Pedra de Xangô em Salvador – Ba

O Serviço Geológico do Brasil (CPRM) define geodiversidade como o conjunto físico composto pela diversidade de ambientes geológicos, fenômenos e processos que resultam em minerais, rochas, solos, fósseis e águas, moldando a paisagem e sustentando a vida na Terra. A geodiversidade possui valores intrínsecos, abrangendo aspectos culturais, estéticos, econômicos, científicos, educativos e turísticos (Silva*, et al.*, 2018a).

De acordo com os adeptos das religiões de matriz afro-brasileira, a Pedra de Xangô representa uma parcela do corpo das divindades afro-brasileiras. Ela "contém axé, e esse axé é sacralizado, renovado na oferenda que é ingerida pelos mortais e, na consagração, é a porção divina destinada aos orixás, *voduns* e *inquices*, caboclos e encantados" (Silva, 2019, p.42).

A Pedra de Xangô, do ponto de vista geológico, é uma formação rochosa gnáissica, com mais de 2 bilhões de anos, apresentando aproximadamente 8 metros de altura e 30 metros de diâmetro. Sua configuração assemelha-se a um lajedo e é composta por dois blocos residuais. Caneluras de dissolução nas paredes laterais e uma fratura na superfície indicam processos de intemperismo físico-químico que contribuíram para a formação desses blocos (Figura 3).

A litologia é representativa dos litotipos do Cinturão Salvador-Esplanada-Boquim (CSEB). Este afloramento rochoso é singular em sua área de ocorrência, oferecendo acesso ao material parental do "mar de morros" no miolo de Salvador (Ribeiro e Moraes, 2015; Silva, 2019; Pereira e Figueirêdo Júnior, 2018).

Com o intuito de desenvolver uma estratégia de geoconservação para a Pedra de Xangô, visando a ampliação de sua preservação e proteção, Sérgio Magarão

Figueirêdo Júnior e Ricardo Galeno Fraga de Araújo Pereira (2018) conduziram uma revisão bibliográfica, realizaram levantamento de campo, preenchimento de ficha de inventário, registraram imagens do local e inseriram os dados no GEOSSIT, um aplicativo desenvolvido pelo Serviço Geológico do Brasil, (CPRM). Os resultados apontaram que o sítio possui valor científico, apresentando potencial para uso educativo e turístico. Ademais, constatou-se que o monumento rochoso possui risco médio de degradação, demandando proteção imediata de caráter didático/turístico a curto prazo e proteção científica a médio prazo (Pereira e Figueirêdo Júnior, 2018).

Figura 3 – Pedra de Xangô, Salvador – BA

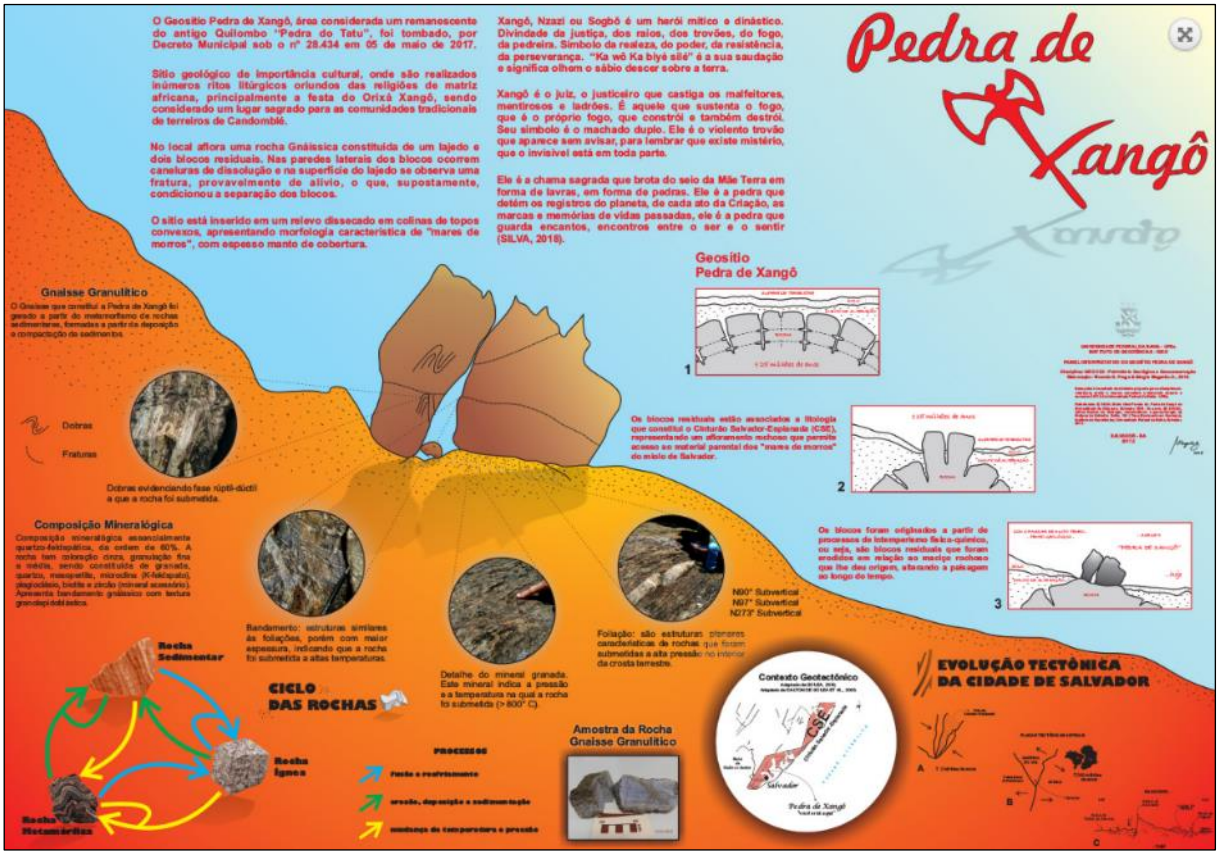


Fonte: Gabriel Silveira (2019).

Os estudos preliminares conduzidos por Ribeiro e Moraes (2015), intitulados "Inspeção geológica de superfície realizada no âmbito da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral - CBPM", aliados à minha pesquisa de mestrado, intitulada "Pedra de Xangô: um lugar Sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador" (Silva, 2017), e as investigações de geoconservação realizadas pelos pesquisadores do Instituto de Geociências – Universidade Federal da Bahia – IGEO- UFBA, Pereira e Figueirêdo Júnior (2018), forneceram a base para o reconhecimento da pedra sagrada como patrimônio geológico de relevância nacional em 2018 pelo Serviço Geológico do Brasil - CPRM. Nesse contexto, foi elaborado um Painel Interpretativo do Geossítio Pedra

de Xangô, (Figura 4, Anexo A). para fortalecer seu papel didático, identitário e cultural (Ribeiro e Moraes, 2015; Silva, 2017; Pereira e Figueirêdo Júnior, 2018).

Figura 4 – Painel interpretativo do Geossítio Pedra de Xangô. Salvador – BA.



Fonte: Sérgio Magarão Figueirêdo Júnior (2018).

A criação de instrumentos legais e a implementação de políticas públicas para preservar a Pedra de Xangô foram possíveis graças à colaboração entre o poder público, a sociedade civil (comunidades de terreiros) e a academia. No entanto, a efetivação da Unidade de Conservação (APA, parque urbano e parque em rede), assim como sua subsequente preservação e administração, dependerá da construção de sua infraestrutura de apoio. Além disso, estará condicionada à manutenção do engajamento e mobilização da Governança Espiritual e da comunidade de terreiro, elementos centrais abordados nesta tese.

Defesa

Na tese, eu demonstro e defendo as seguintes hipóteses: I — a Governança Espiritual desempenha um papel crucial na defesa e proteção da integridade biocultural do sítio

natural sagrado afro-brasileiro Pedra de Xangô; II — as agências das divindades e entidades espirituais afro-brasileiras foram fundamentais na definição do conceito, elaboração e execução do projeto arquitetônico e urbanístico do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô; III — a Governança Espiritual atua no funcionamento e gestão do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

Para confirmar, validar ou rejeitar as afirmações, investiguei como ocorreram as interferências e influências das agências espirituais e de que maneira esses comandos se articulavam e se conectavam com as comunidades de terreiros para construir um discurso favorável à concepção de um projeto arquitetônico e urbanístico inspirado nos símbolos e valores da cultura afro-brasileira e indígena. Explorando as seguintes questões: Quem foram os agentes e seres da natureza envolvidos? Quais foram as estratégias de agenciamento adotadas?

Objetivos

O objetivo geral da tese foi compreender a importância da governança espiritual afro-brasileira como elemento fundante para a edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

Quantos aos objetivos específicos consistiram em: I - identificar as estratégias utilizadas pelos adeptos das religiões de matriz afro-brasileiras para viabilizar a construção de um parque prospectado a partir de sua cosmopercepção de mundo, com ênfase nas histórias, culturas e valores do povo negro na diáspora; II - investigar como Xangô inspirou e convenceu o poder público, técnicos, acadêmicos envolvidos na concepção do projeto arquitetônico e implantação do Parque Pedra de Xangô a executarem as suas ordens; III - descrever os diferenciais do projeto, explicando os significados e razões dos vários elementos que compõem a arquitetura das edificações do Parque Pedra de Xangô.

Lacunas encontradas no caminho

Dentro do campo da arquitetura e urbanismo, os espaços religiosos de matriz afro-brasileira são pouco estudados, carecendo de uma compreensão mais aprofundada

sobre os significados dos rituais e a disposição arquitetônica de cada elemento e símbolo sagrado. Este estudo tem como objetivo preencher essa lacuna, contextualizando e demonstrando como esses elementos se integram dentro da arquitetura, permitindo a realização dos rituais de acordo com a tradição.

A presente tese busca preencher essa lacuna fundamentada nos seguintes argumentos:

I. Não foram identificados estudos no Brasil que abordem o papel da governança espiritual na gestão de Unidades de Conservação, muito menos na concepção e execução de projetos arquitetônicos de seus equipamentos de apoio, até onde foi pesquisado;
II. A investigação das dinâmicas, perspectivas e narrativas do Povo de Terreiro, aliadas às conjunturas políticas passadas e presentes, é considerada essencial para a construção e elaboração do projeto arquitetônico do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô;
III. A carência de pesquisas no Brasil que investiguem a relevância e o papel desempenhado pela Governança Espiritual como estratégia de defesa e proteção da integridade biocultural de sítios naturais sagrados é evidente;
IV. Recorrências de eventos envolvendo Unidades de Conservação (UC) evidenciam a urgência de aprofundar o estudo sobre o tema.

Diante da carência de um referencial teórico nesse âmbito e em conformidade com as diretrizes das divindades afro-brasileiras, e, considerando minha experiência em estudos sobre a Pedra de Xangô, membros do escritório responsável pelo projeto arquitetônico e urbanístico entraram em contato comigo, manifestando a dificuldade em dar 'forma' e criar a ambiência exigida pelas comunidades de terreiros.

Enquanto estudiosa da temática, sugeri às arquitetas que era crucial investigar a Pedra de Xangô a partir da perspectiva cultural afro-brasileira. Exu, a divindade dos caminhos, encruzilhadas e das comunicações, indicou-me intuitivamente que só conseguiria resolver as lacunas da tese e, por conseguinte, ajudar o escritório de arquitetura, se retornasse às minhas andanças pelos Caminhos do Axé, mais especificamente, ao Parque em Rede Pedra de Xangô.

Assim o fiz, convidando-as a conhecer as comunidades de terreiros das nações *Keto*, *Jeje* e Angola de Cajazeiras e adjacências. Lá, elas vivenciariam os espaços, entrevistariam as lideranças religiosas para compreender a cosmopercepção de mundo do Candomblé e, posteriormente, iniciariam o desenho arquitetônico do projeto. Era necessário explorar epistemologias e metodologias que partem de caminhadas ancestrais afro-brasileiras.

Uma das arquitetas aceitou o desafio de enfrentar o desconhecido, problematizando questões no âmbito da produção do espaço urbano que não poderiam mais ser adiadas ou invisibilizadas, como as trajetórias ritualísticas do Povo de Terreiro na cidade. Nessa empreitada, dirigimo-nos ao Parque em Rede Pedra de Xangô, desbravando os caminhos, nos aquilombamos. Vivenciando as manifestações culturais no entorno do sítio natural sagrado afro-brasileiro, tecemos escrevivências[19] para prospectar, sob o comando das divindades, a arquitetura do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

Estado da arte

Odete Dourado, professora aposentada do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA (Universidade Federal da Bahia) tem o mérito de ser a pesquisadora que introduziu, no âmbito da arquitetura e urbanismo, o tema do Candomblé, mas não foi a primeira pessoa a escrever acerca do assunto.

Orlando Ribeiro, arquiteto do projeto Mapeamento Monumentos e Sítios Religiosos Negros da Bahia[20] - MAMNBA já tratava dessa temática na década de 1980, inclusive

[19] Escrevivências - Uma forma de escrever vivências.

[20] O Projeto MAMNBA foi uma iniciativas resultantes da criação do Centro Nacional de Referências Culturais (CNRC) e da subsequente formação da Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM) no Brasil. Na década de 1970, houve uma significativa reaproximação de profissionais, a exemplo de antropólogos, sociólogos e historiadores, questionando a predominância dos arquitetos na preservação do patrimônio no país. A FNPM, vinculada à extinta Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), implementou projetos culturais e de conhecimento, incluindo o Projeto Etnias e Sociedade Nacional coordenado pelo antropólogo Olympio Serra a partir de 1980. O Projeto MAMNBA, concebido em 1981, surgiu a partir do questionamento de Olympio Serra sobre o tombamento do terreiro do Gantois durante os esforços iniciais para o reconhecimento do patrimônio afro-brasileiro. Essa indagação, alinhada à noção de "ação-exemplo" de Aloísio Magalhães, propôs um inventário de monumentos e sítios relacionados aos cultos de matriz africana na Bahia. O inventário tinha como

como parte da instrução do processo de tombamento da Casa Branca. Pode-se afirmar que, desde a descrição de Nina Rodrigues sobre o *Gantois*, passando por Edison Carneiro, que chegou a desenhar a planta da Casa Branca, muitos autores já haviam se dedicado ao tema.

É importante ressaltar que, no período de 1938 a 1984, o único bem tombado como patrimônio nacional relacionado à cultura negra foi a Coleção do Museu de Magia Negra[21]. As religiões afro-brasileiras eram fortemente discriminadas, sendo até mesmo consideradas magia e bruxaria (Silva, 2019).

Márcia Sant'anna (2020, p.12) destaca que "o projeto MAMNBA, por meio do tombamento da Casa Branca, "forçou a porta" da área técnica do Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional (IPHAN) e da própria cultura institucional de conservação e gestão do patrimônio edificado". Mesmo de forma limitada, essa ação obrigou o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a assumir responsabilidades por outros espaços culturais.

No artigo "Antigas falas, novas aparências: o tombamento do Ilê Axé *Iyá Nassô Oká* e a preservação dos bens patrimoniais no Brasil", Odete Dourado (2011) analisa o processo de tombamento pelo IPHAN do terreiro Casa Branca. O texto lista as dificuldades enfrentadas pela instituição para compreender as peculiaridades do acervo patrimonial e esses desafios na gestão desse bem persistem até os dias atuais.

Sob a orientação de Dourado, o arquiteto Fábio Macedo Velame contribuiu pioneiramente para o debate acadêmico com a pesquisa intitulada "A Arquitetura do Terreiro de Candomblé de Culto aos *Egum*: O *Omô Ilê Agboulá* – Um Templo da Ancestralidade Afro-brasileira", tema de sua dissertação de mestrado defendida em 2007 no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPGAU-UFBA).

objetivo fornecer uma base sólida para uma política abrangente de reconhecimento e proteção desse patrimônio cultural. (Sant'anna, 2020).

[21] Em 21 de março de 2023 o IPHAN renomeiou a "Coleção Magia Negra" para "Acervo Nosso Sagrado. Trata-se de "um ato de reparação histórica e fortalece iniciativas de combate ao racismo no Brasil". Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/iphan-renomeia-201ccolecao-de-magia-negra201d-para-201cacervo-nosso-sagrado201d

A pesquisa aborda a interseção entre cultura e arquitetura, analisando como a sociedade de culto aos antepassados (*Egum*22) do terreiro Omo Ilê *Agboulá*, localizado em Ponta de Areia, município de Ilha de Itaparica-Bahia, integra a espacialidade de seu templo. Isso é feito por meio de um estudo detalhado dos espaços e temporalidades, considerando aspectos como mitos, ritos, festas, simbologia, hierarquias, entre outras dimensões (Velame, 2007).

Na tese de doutorado de Velame (2012), são investigadas as arquiteturas e territorialidades afro-brasileiras nos municípios de Cachoeira e São Félix. O autor explora a conexão dos terreiros de candomblé com a cidade, analisando a rede de lugares sagrados e as dinâmicas urbanas afro-diaspóricas. Examina, ainda, a importância desses lugares, conservados pelas comunidades terreiros, que, ao fazê-lo, desenham uma micropolítica por meio do exercício de subjetividades próprias, advindas de seus saberes, fazeres e poderes manifestados através das oferendas, obrigações e ritos.

Essas arquiteturas itinerantes rompem com as limitações da geometria euclidiana ocidental, caracterizando-se pela maleabilidade, flexibilidade e fluidez, evidenciando a prática do terreiro em movimento, celebrando divindades nas ruas, realizando seus rituais, edificando arquitetura (Velame, 2022).

Recentemente, o arquiteto Denis Alex Barboza de Matos (2017), em sua dissertação de mestrado intitulada "A Casa do Velho: o significado da matéria no Candomblé", explora o significado do elemento material na arquitetura sagrada dos terreiros de candomblé *Humpâme Ayíono Huntolóji*, em Cachoeira, e o Ilê Axé *Oyó Ni Ibecê* ou Terreiro do Capivari, na cidade de São Félix, ambos tombados pelo IPHAN.

Matos (2017) revela que os terreiros tombados preservam seus bens materiais por meio de rituais e de uma cosmopercepção afrodescendente, contrariando a lei de tombamento em vigor, cujas práticas de conservação têm como premissas a permanência, imutabilidade e autenticidade da matéria.

[22]Egum – espirito ancestral, antepassado.

As práticas de conservação nas comunidades de terreiros envolvem não apenas a não permanência da matéria, mas, principalmente, sua possível reposição, mutação, transição e restauração. Essas dinâmicas estão intrinsecamente ligadas aos rituais e à cosmopercepção reproduzida nessas comunidades, conectando conceitos de ancestralidade, conexão, troca entre os mundos visível e invisível, e, especialmente, a produção, otimização e continuidade do axé. As divergências conceituais e práticas geram conflitos entre líderes religiosos do candomblé e os órgãos responsáveis pela salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro (Matos, 2017).

No campo da arquitetura e urbanismo, ainda, merece destaque as contribuições de pesquisadores como Iris Salles Nascimento (1989), Ana de Lourdes Ribeiro da Costa (1989), Mabel Zambuzzi (2010) e Thais de Bhanthumchinda Portela (2007). Nascimento (1989), na dissertação *O espaço do terreiro e o espaço da cidade: cultura negra e estruturação do espaço urbano*, discute os aspectos arquitetônicos das comunidades de terreiros e sua interação no espaço urbano de Salvador nos séculos XIX e XX, defendendo a importância do inventário arquitetônico dos terreiros para garantir a preservação desses territórios. Ela explora como a comunidade se apropria do espaço, a distribuição dos primeiros terreiros na cidade e aborda a arquitetura popular, a estrutura do terreiro e suas características arquitetônicas.

Costa (1989), na dissertação *Ekábo: Trabalho Escravo – Condições de Moradia e Reordenamento Urbano de Salvador no século XIX,* analisa as condições de moradia dos trabalhadores escravizados na cidade de Salvador no século XIX. Estuda como a existência de múltiplas formas de habitações para negros influenciou na organização do espaço urbano, registrando e pontuando as freguesias onde aconteciam as manifestações religiosas de matriz afro-brasileira.

Zambuzzi (2010) em "*O espaço do terreiro e o espaço da cidade: cultura negra e estruturação do espaço urbano"* examina a proteção dos terreiros de candomblé tombados, principalmente aqueles localizados no estado da Bahia. Analisa também os tratamentos dispensados pelos órgãos de salvaguarda, assim como a aplicação e eficácia das legislações vigentes de modo a garantir a sua preservação.

A pesquisadora observa que abundam leis e procedimentos de proteção para as comunidades de terreiros; todavia, sem o adequado monitoramento dos órgãos de

salvaguarda, responsáveis por aplicar as leis e sem o devido direcionamento aos sacerdotes e sacerdotisas, isso dificulta a eficiência dos instrumentos normativos (Zambuzzi, 2010).

Portela (2007), na tese de doutorado *Urbanismo e o candomblé: sobre cultura e produção do espaço público urbano contemporâneo,* investiga como atuam o arquiteto urbanista e o planejador urbano nos espaços da cidade? De que forma eles intermedeiam os interesses das partes envolvidas? Dialogam com outras culturas, saberes e fazeres?

A autora realiza uma análise minuciosa de processos de construção e ocupação do espaço urbano, utilizando como parâmetros duas cidades, dentro do contexto da conjuntura capitalista global. Ela examina a postura e o discurso dos arquitetos e urbanistas, geralmente vinculados aos sistemas de poder, em contraponto à ação das comunidades de terreiros. Estas agem por meio da luta e resistência ao poder da classe dominante. A conclusão é que o povo de terreiro não apenas ocupa, mas, também, produz o espaço urbano a partir de suas singularidades. No entanto, muitas vezes, presencia impotentemente o apagamento de sua memória, história e seu legado ancestral (Portela, 2007).

A revisão bibliográfica aborda temas circundantes; no entanto, não aborda diretamente a questão central, que é a participação da Governança Espiritual Afro-brasileira na construção da arquitetura e na produção dos espaços urbanos. Diante disso, na próxima seção, exploraremos alguns conceitos e referenciais teóricos fundamentais para o desenvolvimento da tese.

Referencial Teórico

O principal referencial teórico baseia-se no Candomblé, nas normas do poder do Axé, na energia que na física não se define, mas se sente, a partir de um discurso que desafia as ordens impostas pelo conhecimento hegemônico. *A Ciência Encantada das Macumbas* (Simas e Rufino, 2018) rompe com as dicotomias consagradas ao longo da construção do paradigma científico moderno, pois:

> A macumba é ciência, é ciência encantada, é amarração de múltiplos saberes. É assim que ela é versada no segredo da jurema, dos catimbós, *torés*, babaçuês e encantarias. Não somos nós que dizemos; as falas são dos mestres ajuremados e acoboclados nas cidades encantadas e na textualidade das folhas. Por isso, para o que é enunciado/reivindicado a partir das macumbas, toda demanda tem vence-demanda e, para nós, casa de caboclo é assentamento de encantado. A perspectiva do encantamento é elemento e prática indispensável nas produções de conhecimentos. (Simas e Rufino, 2018, p.12-13)

Um dos conceitos-chave para a discussão e desenvolvimento desta tese é a Governança Espiritual. Assim, realizarei uma análise minuciosa do termo, investigando contribuições de pesquisadores que direta ou indiretamente dedicaram-se ao estudo do tema.

Em 2013, John Studley, pesquisador independente e consultor etnoflorestal, membro da *Royal Geographical Society e Chartered*, foi incumbido de explorar o conceito de governança endógena por seres não humanos. Essa tarefa surgiu após um debate online que precedeu uma análise biocultural de espaços naturais sagrados realizada por ele nas Montanhas de *Kawakarpo*, na China. Seus interlocutores solicitaram que ele esclarecesse a governança de sítios naturais sagrados habitados por espíritos, utilizando a tipologia da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) (Studley e Horsley, 2018).

Ciente de que Peter Horsley havia estabelecido uma base jurídica para o plano de governança espiritual do povo Maori na Nova Zelândia, Studley o convidou para uma colaboração na condução de estudos que proporcionassem uma resposta jurídica pluralista, reconhecendo a profunda conexão dos Maoris com a natureza. Esta parceria resultou em sucesso, como documentado pelos pesquisadores (Studley e Horsley, 2018).

Mesmo havendo evidências fenomenológicas, na literatura de conservação e em diversas culturas, o conceito de Governança Espiritual apenas se disseminou recentemente em escala global (Studley e Horsley, 2018) e será aqui examinado. No contexto brasileiro, até onde foi pesquisado, não forem identificados trabalhos que abordem esse tema. Além dos exemplos do povo Maori (Nova Zelândia) e dos povos das Montanhas de *Kawakarpo*, na China. Este estudo, também, investiga fenômenos relacionados à floresta sagrada de *Osogbo*-*Oxum* (Nigéria), à pedra sagrada dos

Anangu no *Uluru Kata Tjuta National Park* (Austrália) e às práticas agrícolas na aldeia de Koro, no noroeste de Gana.

No artigo *"Cosmopolitics of Òsun: art, religion and ecology in a sacred forest in Africa,*" Moisés Lino (2022) explora as cosmopolíticas implementadas pela orixá Oxum para garantir a continuidade da conservação de sua Floresta Sagrada. O autor investiga as complexas interações entre arte, religião e ecologia no contexto desse ambiente sagrado.

Além disso, Lino examina as condições que contribuíram para a preservação da vasta área verde ao longo do tempo, destacando a coexistência harmoniosa entre as vidas humanas e demais seres presentes na floresta. O estudo oferece uma compreensão aprofundada das práticas e estratégias adotadas pela orixá Oxum para manter a integridade e a vitalidade da Floresta Sagrada, ressaltando a interconexão entre espiritualidade, arte e preservação ambiental (Lino, 2022).

A narrativa de Fernandes Pinto (2021) apresenta a história dos membros da Cultura *Anangu*, um povo aborígene que atua como guardião da pedra sagrada *Uluru Kata Tjuta*, localizada na Austrália. Conforme as crenças dos aborígenes, essa paisagem singular foi criada por seres antigos, e os *Anangu* se veem como descendentes diretos desses seres espirituais.

Ao longo de 35 anos, os *Anangu* enfrentaram a proibição de acessar seu território ancestral. Contudo, empreenderam uma luta fervorosa pelo reconhecimento de seus direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupavam, não se restringindo apenas à região de *Uluru*, mas abrangendo todo o território australiano. Essa luta incansável levou o Governo do Norte a reconhecer e devolver o território aos *Anangu*, marcando uma importante conquista na preservação e proteção de suas tradições e laços espirituais com a terra (Fernandes Pinto, 2021).

No estudo conduzido por Birgit Boogaard e colaboradores (2023), destaca-se a significativa importância da Governança Espiritual nas práticas agrícolas na aldeia de Koro, situada no noroeste de Gana. Os autores exploram quatro casos de anciãos do povo *Dagara*, cujas vidas estão profundamente incorporadas e entrelaçadas com a cosmologia mais ampla e as relações espirituais que mantêm com a terra.

Os relatos apresentados pelos autores evidenciam como diversas práticas agrícolas fazem parte de um sistema biocultural holístico. Esse sistema não apenas incorpora os aspectos práticos da agricultura, mas também reflete uma interconexão intrínseca com a cosmologia e as relações espirituais. Essa abordagem mais abrangente promove relações ecológicas mais respeitosas entre a natureza humana e demais seres nas atividades agrícolas, ressaltando a importância da Governança Espiritual nesse contexto específico (Boogaard, 2023).

O termo "cosmopercepção", um outro conceito a ser explorado, engloba uma riqueza de significados e representa uma perspectiva mais inclusiva para compreender a concepção de mundo de diversos grupos culturais, diferindo do conceito restritivo e eurocêntrico de "cosmovisão". A cosmopercepção desafia a abordagem conceitual predominante que favorece a "ausência do corpo" como condição para o pensamento racional. Historicamente, mulheres, povos originários e todos aqueles rotulados como "diferentes" foram reduzidos a meros corpos, desprovidos de racionalidade (*Oyěwùmí*, 2021). Esse conceito busca reconhecer e valorizar a complexidade das experiências humanas e das diversas formas de compreender e interagir com o mundo.

Presentes em diversos contextos geográficos e culturais desde a antiguidade, os sítios naturais sagrados são reconhecidos e legitimados pelas comunidades tradicionais, instituições religiosas e outros segmentos filosóficos e espiritualistas. A literatura científica internacional e instituições globais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), têm proporcionado visibilidade ao tema nas últimas décadas, por meio da publicação de obras de referência (Fernandes Pinto, 2017).

Portanto, a expressão 'sítio natural sagrado' é empregada para referir-se a espaços naturais que possuem uma simbologia cultural e espiritual própria (Fernandes Pinto, 2017). Esse termo engloba locais que são considerados sagrados devido às suas significativas conexões com a cultura, espiritualidade e valores tradicionais das comunidades que os reconhecem como tal.

Ao explorar fenômenos relacionados à história dos negros e africanos em diáspora no Brasil, deparamo-nos com conceitos como pan-africanismo, afrocentricidade, amefricanidade, afroperspectivismo, quilombismo, africanidade e afrodescendência,

entre outros. Essas terminologias foram empregadas por diversos pensadores e teóricos para explicar a escravidão nos países e suas consequências históricas. Embora eu vá conceituá-las para fins didáticos e processuais na tese, escolhi utilizar os termos "africanidade" e "afrodescendência", cunhados por Cunha Júnior para explicar os temas de interesse da população afrodescendente, pois entendo que melhor atendem ao propósito da presente pesquisa.

O ponto fundamental consiste em demonstrar como a Governança Espiritual Afro-brasileira opera e gera resultados, evitando tanto a idealização de uma África imaginada quanto a construção de narrativas que desconsiderem a complexidade sistêmica da ressignificação dos povos africanos nas Américas.

O estudo sistematizado sobre o Constitucionalismo Negro no Brasil teve seu início com a dissertação de Marcos Vinícius Lustosa Queiroz (2017), intitulada “Constitucionalismo Brasileiro e o Atlântico Negro: a experiência constitucional de 1823 diante da Revolução Haitiana”. Neste trabalho, o autor ousou explorar o constitucionalismo tendo como referência as dinâmicas mobilizadoras da diáspora africana, notadamente a Revolução do Haiti.

Queiroz (2017) desafia e coloca em questão os discursos dominantes das Constituições Modernas, utilizando o conceito analítico do "Atlântico Negro", cunhado por Paul Gilroy, para compreender os fenômenos geopolíticos e culturais resultantes das numerosas diásporas dos povos negros na modernidade e no período colonial.

O "Atlântico Negro" é considerado um centro diaspórico do escravagismo mercantilista colonial, um espaço de desumanização do negro, mas também de gestação de uma cultura de resistência marcada pelo hibridismo e pela filosofia *Sankofa*, que envolve o retorno à ancestralidade para demarcar uma identidade sempre dinâmica.

Além disso, o autor introduz a Revolução Haitiana como uma categoria analítica essencial. A Revolução Haitiana emerge como uma protagonista do constitucionalismo, deslocando assim os discursos hegemônicos sobre a história do direito constitucional, bem como as narrativas dominantes sobre a modernidade elaboradas pela filosofia política (Queiroz, 2017).

A investigação do conceito de Constitucionalismo Negro visa avaliar se as expressões culturais na Pedra de Xangô, impulsionadas pela necessidade de preservar as tradições das religiões de matriz africana, afro-brasileira e o meio ambiente, representam um exemplo emblemático dessa categoria analítica. Além disso, busca-se compreender se essas práticas têm o potencial de contribuir para a reconstrução e aprimoramento dos marcos jurídicos normativos que regem as cidades, assim como os direitos humanos e liberdades fundamentais no Brasil.

É relevante trazer ao debate a noção de arquitetura dos terreiros, conforme proposta por Velame (2022), que transcende as simples edificações e se estende a comunidades de terreiros em espaços diversos, não restritos apenas a locais privados. Embasado nas ideias de Muniz Sodré, Velame (2022) argumenta que um terreiro pode ser qualquer lugar na cidade onde ocorrem atos litúrgicos afro-brasileiros, tornando-se um espaço onde o axé flui por meio dos ritos, permitindo as manifestações do sagrado, as incorporações e as conexões com a espiritualidade.

Velame (2022) destaca que, durante os rituais, o terreiro se transforma em um território em rede, movimentando-se e conectando-se por meio dos corpos dos adeptos das religiões de matriz afro-brasileira, dos filhos e filhas de orixás, *voduns* e *inquices* que sacralizam o lugar. Nessa perspectiva, o conceito de arquitetura dos terreiros proporciona uma compreensão mais globalizante sobre a importância dessa arquitetura na construção do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

O conceito de ambiência será analisado sob duas perspectivas: na preservação do patrimônio histórico e cultural e na ideia de ambiência como um "espaço-tempo experimentado pelos sentidos" (Thibaud, 2012, p. 18), referida aqui como estética da ambiência.

A preservação de ambiências históricas divulga legados culturais, contribui para a reafirmação das identidades dos lugares e facilita vivências afetivas entre pessoas e ambientes patrimoniais. Nos documentos patrimoniais, como convenções, tratados, recomendações, resoluções, cartas, orientações, princípios e normas patrimoniais, geralmente encontramos instruções sobre como preservar e intervir em ambientes históricos e culturais em diversas escalas, como sítios históricos e culturais, conjuntos históricos e monumentos isolados (Viegas e Teixeira 2015).

Em todo e qualquer projeto de intervenção em sítio histórico urbano, é preciso conservar a originalidade, incluir os bens culturais nos múltiplos contextos urbanos contemporâneos, respeitando os valores de antiguidade e as escalas de implantação, priorizando o uso de materiais e técnicas adequadas nas intervenções (Viegas e Teixeira, 2015).

A estética da ambiência, por sua vez, é uma abordagem recente e embrionária suscitada por Jean-Paul Thibaud (2012), sociólogo, doutor, professor da École *Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble*, França (2012). Autor do livro "A cidade através dos sentidos", o cientista social defende a ideia de ambiência enquanto o lugar dos sentidos na experiência dos espaços vividos (percepção). Thibaud trabalha os temas: percepção situada, relações sociais, ambientes sensoriais usuais e desenho urbano, em lugares urbanos públicos, tendo como principais parceiros engenheiros e arquitetos.

Essa perspectiva destaca a importância da percepção e das sensações na vivência do espaço urbano, considerando não apenas os elementos físicos, mas também os aspectos sensoriais e estéticos. A estética da ambiência propõe uma compreensão mais holística e sensorial dos ambientes urbanos, reconhecendo a influência dos sentidos na construção da experiência cotidiana nas cidades. Definidos os conceitos que vão subsidiar a tese, passo a me apresentar: quem eu sou, de onde venho, o porquê da escolha do tema.

Quem é você? De onde você vem?

Quem sou eu? De onde venho? Sou a Convidada de Xangô, uma mulher negra, nascida no Rio de Janeiro, dedicada ao estudo das questões afro-brasileiras. Além disso, sou escritora, compositora, poetisa, advogada, mestra e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPGAU-UFBA). Como pioneira nos estudos sobre a Pedra de Xangô, minha dissertação de mestrado desempenhou um papel fundamental na implementação de políticas públicas destinadas a preservar esse símbolo sagrado. Em particular, meus estudos contribuíram para a criação da Unidade de Conservação (UC) - Área de Proteção Ambiental – APA Municipal Vale

do Assiste Valente, do Parque Urbano (Parque Pedra de Xangô) e do Parque em Rede Pedra de Xangô, incorporado ao Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (2016), (PDDU) bem como para o tombamento da pedra sagrada como patrimônio cultural da cidade de Salvador (2017), entre outros instrumentos legais

Minha missão de vida está intrinsecamente ligada à produção de conhecimento que não apenas enriquece teoricamente, mas também gera impactos práticos alinhados à promoção da cidadania, diversidade cultural, equidade e justiça ambiental e racial. Em busca desse propósito, fundei em 2018 a plataforma digital "Pedra de Xangô: Forças da Natureza[23]", um espaço dedicado à proteção do monumento sagrado Pedra de Xangô e ao apoio à pesquisa.

O universo virtual emerge como um terreno propício para desafiar e desconstruir antigas hierarquias de poder, promovendo a produção de conhecimento, mobilizando indivíduos para causas fundamentais. Um exemplo notável dessa revolução é a música "Black Parade" de Beyoncé, que faz referência aos orixás *Yemoja*[24] e *Osun*[25]. A canção alcançou mais de 12 milhões de visualizações no YouTube, tornando-se uma das maiores divulgações dos orixás até o momento. A ação da cantora serve como um convite global para a adoção de atitudes antirracistas.

A criação da plataforma digital da Pedra de Xangô está em sintonia com esse mesmo propósito, convidando as pessoas a refletirem e adotarem condutas antirracistas. Além disso, ela serve como um modelo exemplar, tanto pelo símbolo que representa quanto pelo espaço que cria para a proposição, disseminação de conhecimentos, debates, preservação, comemoração e divulgação de diversos modos de existir. Essa iniciativa demonstra que a construção de um espaço democrático pode superar barreiras e transcender fronteiras, permitindo o conhecimento daqueles que diferem de nós mesmos, proporcionando novas perspectivas de vida por meio da troca[26] (ArchDaily Team, 2023).

---

[23] www.pedradexango.com.br

[24]Yemoja/Iemanjá – Divindade patrona das águas do mar.

[25]Osun/Oxum – Divindade das águas doces, dos rios.

[26] Pode a arquitetura combater a intolerância. Disponível em: Pode a arquitetura combater a intolerância? | ArchDaily Brasil.

Em 2019, tive a honra de participar do Colóquio e Exposição "Bosques Sagrados e Parques Secretos: Paisagens de Orixás no Brasil e na África Ocidental" na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. A exposição em um evento internacional desempenhou um papel crucial na redução das pressões externas enfrentadas por esse bem cultural. Não se tratava apenas de uma pedra no meio do caminho; era a Pedra de Xangô, um símbolo sagrado afro-brasileiro que transcende as fronteiras do Povo de Axé, pertencendo a toda a humanidade.

Durante a condução da pesquisa, fui apresentada ao termo "Governança Espiritual" pela professora Érika Fernandes-Pinto. Tive a oportunidade de explorar um capítulo de sua tese de doutorado, intitulada “Sítios naturais sagrados do Brasil: inspirações para o reencantamento das áreas protegidas”, onde o tema foi abordado de forma restrita. Além disso, obtive acesso a alguns artigos em inglês que abordam essa questão de maneira mais detalhada.

É realmente inspirador quando encontramos aquela palavra ou conceito que ressoa profundamente com o nosso tema de pesquisa. A descoberta da "Governança Espiritual" trouxe uma alegria genuína, e lembro-me de um trecho do prefácio do meu livro Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador (Silva,2019) onde meu orientador, de maneira poética, descreve que fui guiada por Exu, percorri África, viajei pela Bahia e retornei a Cajazeiras para salvar a Pedra de Xangô (Velame, 2019).

"Já que se trata de caminhos, temos que convidar Exu a nos orientar, ou nos desorientar, ardiloso que é, entre vários caminhos, que sempre se cruzam. Exu esperto, sabendo que os caminhos são longos, tortuosos [..] deixa essa tarefa para Maria Alice [..]" (Velame, 2019, p.9).

Percebi nas entrelinhas que a ancestralidade me enviava uma nova mensagem que era para eu continuar sendo conduzida por Exu. Assim, fui *sankofar* (voltar ao passado), ao reencontro das minhas raízes para tecer esse novo enredo, as teias, pois segundo um provérbio da etnia *fon* “aquele que não sabe aonde vai, tem que saber pelo menos de onde vem”.

Exuzilhar[27] é o nome de um livro da escritora Cidinha da Silva e, também, um “verbo de vento e movimento” uma metáfora intrigante, sugerindo uma condução dinâmica e fluida, típica do gingado associado ao orixá Exu. Essa força, essa matripotência, ganhou significado no curso dessa tese. É interessante notar o papel central da "Governança Espiritual" na minha pesquisa e como a descoberta desse conceito influenciou na abordagem. A relação poética com Exu e a referência ao provérbio *sankofa* adicionam uma camada cultural e filosófica relevante à narrativa.

Não há neutralidade epistemológica em meu discurso. Meu lugar de pronúncia é o de uma filha de ancestrais míticos (orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados) e ancestrais parentais que honra sua ancestralidade e tem a convicção plena de que sua jornada epistemológica envolve retornar ao passado, conhecer o legado africano e afro-brasileiro. Tudo isso para compartilhar nossas verdades, dores e, acima de tudo, nossas potências. Como pesquisadora orgânica, não apenas observo, vivencio e coleto dados, mas também luto, atuo em determinado grupo ou problemática, buscando transformar uma realidade.

Esta breve apresentação tem como objetivo esclarecer minhas origens, identificar meu ponto de partida e explicar o que me motivou a escolher o tema *A Governança Espiritual Afro-brasileira na Edificação do Memorial do Parque Pedra de Xang*ô. Esse posicionamento é importante para o delineamento do percurso metodológico que apresentarei a seguir.

Percurso encantado da governança espiritual: abordagem metodológica

A Pedra de Xangô é o sujeito principal da pesquisa; ela age e dita as regras do jogo no território investigado, provocando movimentos e transformações. Este enfoque desafia as normas impostas pelo saber hegemônico e segue as diretrizes ditadas pela Governança Espiritual, representada por Xangô, Orixá da ética, verdade e justiça, e demais deidades das religiões de matriz africana e afro-brasileira.

[27]Exuzilhar: Melhores crônicas de Cidinha da Silva (2019). Exuzilhar — Verbo-neologismo que Cidinha da Silva criou em 2010, depois de intuir que o verbo “encruzilhar” poderia ser ainda mais complexo. (Kwanza Produções, 2018)

Assim, a metodologia adotada foi a metodologia da pesquisa afrodescendente Trata-se de uma abordagem qualitativa empregada em pesquisas de campo por cientistas que possuem conhecimento prévio sobre o tema investigado. Esse método é direcionado a pesquisadores que vivenciaram o contexto da pesquisa, como adeptos do Candomblé, indivíduos familiarizados com questões quilombolas ou militantes de movimentos negros. A ênfase recai sobre aqueles que possuem um repertório prático do tema, fornecendo uma "descrição densa" (Geertz, 1989) de suas experiências (Cunha Júnior, 2008).

O método da pesquisa afrodescendente é descrito como "da porteira para dentro" (Luz e Luz, 2013), indicando que o pesquisador deve ter uma experiência prévia e imersão no tema antes de realizar a pesquisa. Ele exige que o pesquisador catalogue, sintetize e defina o que já conhece, proporcionando uma dissolução de cânones seculares, conceituais e etnocêntricos (Cunha, 2008)

Segundo Cunha Júnior (2008), o método da pesquisa afrodescendente não segue a abordagem generalista, mas trabalha com um recorte espacial específico, enfocando territórios afrodescendentes com base na cosmopercepção de mundo africana, referenciando a ancestralidade, memória e patrimônio construído ao longo das gerações. Um aspecto distintivo desse método é sua natureza empírica, não partindo da teoria para a prática, mas observando a realidade e ajustando teorias e conceitos existentes ou a serem gerados com base na urgência da técnica. O pesquisador afrodescendente deve reconhecer a existência de um "caderno de campo oculto" dado pela experiência anterior (Cunha Júnior, 2008)

O pensamento sistêmico, também referido como pensamento complexo, incorpora a base conceitual da africanidade no contexto do pensamento africano. Na pesquisa afrodescendente, são escolhidos três a quatro eixos que se entrelaçam, buscando conexões, relações e correlações entre os eixos investigados, entre os conceitos listados ou ainda sobre subtemas selecionados (Cunha Júnior, 2019).

As pesquisas tradicionais geralmente têm um enfoque restrito, vinculado a um campo específico do conhecimento, conduzido por cientistas externos ao contexto investigado e que mantêm uma distância do tema (Cunha Júnior, 2019).

Ao contrário, na pesquisa afrodescendente, não há distanciamento entre o sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado. Estabelece-se uma relação de sujeito para sujeito, em vez de uma relação de sujeito para objeto de pesquisa. Essa abordagem caracteriza a qualidade de pesquisa participante, na qual ao longo do trabalho ambos, pesquisador e sujeito pesquisado, se modificam mutuamente, gerando dinâmicas de transformação das informações e das percepções sobre os fatos (Cunha Júnior, 2019).

A pesquisa afrodescendente integra conceitos de forma sistêmica por meio de múltiplas comunicações. Ao romper com a tradição científica ocidental, esse método se afasta da imparcialidade científica, buscando desenvolver paradigmas a partir das vivências e conhecimento empírico. (Cunha Júnior, 2008).

A Pedra de Xangô, como sítio natural sagrado afro-brasileiro, transcende a mera condição de objeto de investigação, escapando à abordagem objetificadora do método positivista. O sagrado e o olhar profano resistem à dissolução mesmo diante das normas do método científico. O distanciamento do observador necessita ser atenuado. A concepção do observador observante é parte integrante do referencial conceitual da cientista. Os saberes ancestrais e sua constituição ontológica não podem ser dissociados da subjetividade e intersubjetividade da pesquisadora, que ocupa um lugar de pronúncia, ação, corporalidade e território.

O sistema observante é uma técnica desenvolvida pelo físico e ciberneticista austríaco Heinz Von Foerster, que, seguindo os estudos do biólogo chileno Humberto Maturana, questiona, no âmbito linguístico da ciência, o papel do observador e comprova cientificamente a impossibilidade deste permanecer na objetividade. Von Foerster e Maturana trazem o sujeito do conhecimento para o campo de ação da ciência, superando, assim, o pensamento dicotômico ocidental de Descartes (Vasconcellos, 2021).

Heinz Von Foerster utiliza a Cibernética para questionar a crença na possibilidade de conhecer objetivamente o mundo. Ao analisar a atividade de projetar sistemas artificiais e compreender os sistemas naturais auto-organizadores, os ciberneticistas passaram a se atentar aos conceitos de autonomia e autorreferência. Von Foerster conclui que os conceitos cibernéticos não são autossuficientes, uma vez que

dependem dos ciberneticistas. Portanto, essas noções devem ser aplicadas também aos próprios cientistas enquanto observadores (Vasconcellos, 2021).

Ao reconhecer que a observação do pesquisador está intrinsecamente associada ao contexto de sua própria estrutura para realizar essa observação, Von Foerster desenvolve a técnica "sistema observante". Isso significa que o observador, ao reconhecer sua inseparável relação com o sistema a ser observado, se observa enquanto observa (Vasconcellos, 2021)

Assim, numa perspectiva transdisciplinar e interdisciplinar, a pesquisa buscou aproximar a ciência da sociedade para gerar conhecimentos e soluções para problemas complexos. A transdisciplinaridade, fundamentada na teoria da complexidade, favorece a integração de disciplinas, estabelecendo redes de conhecimento, enquanto a interdisciplinaridade demanda que as disciplinas ultrapassem seus limites e incorporem contribuições de outros campos do conhecimento (Cunha Júnior, 2008; Gattas Furegato, 2006).

Toda prática transdisciplinar[28] é necessariamente marcada por tradução intercultural, pois há uma diferença de perspectiva e não podemos “silenciar o Outro presumindo uma univocalidade – a similaridade essencial – entre o que o Outro e Nós estamos dizendo (Viveiros de Castro, 2018, p.255)”. Isso se deve ao fato de estarmos interagindo com atores sociais heterogêneos oriundos de diferentes matrizes culturais, sendo imprescindível o trabalho conjunto com tradução intercultural, promovendo “compartilhamentos, diálogos e negociações entre detentores de diferentes sistemas de conhecimento”. Existe uma assimetria de poder e a transdisciplinaridade é uma ferramenta integrativa, transformativa e transformadora (El-Hani, 2023).

Charbel El-Hani (2022) oferece uma explicação esclarecedora sobre a tradução intercultural, enfatizando-a como um processo de diálogo e negociação que demanda um engajamento mútuo. Ele destaca a importância de compartilhar experiências e práticas, abrindo-se à subversão recíproca de repertórios conceituais e práticos. A

[28]Conteúdo da aula expositiva *Tradução intercultural e aprendizagem a partir da diferença,* proferida pelo professor Dr. Charbel N. El-Nani, em 06/12/2023.Disciplina Diálogos de saberes e comunidades tradicionais (Tópicos em Métodos de Investigação em Ecologia e sua Interface com Aplicação I), Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução – INCT – IN – TREE – Brasil.

partir desse intercâmbio, do diálogo e da negociação, novos arranjos de relações e poder podem emergir, criando condições para que possamos, eventualmente, discutir juntos uma perspectiva nova que se desenvolve da experiência compartilhada e desdobrada através da subversão de nossos repertórios conceituais e práticos. No processo dialógico, o Outro dos Outros continua a ser outro, e tanto nós quanto eles não estaremos mais expressando o que expressávamos anteriormente. A questão crucial é o que novas ideias poderemos eventualmente explorar em conjunto quando nos transformamos e subvertemos uns aos outros.

Nesse contexto, a tradução intercultural foi empregada na tese com o objetivo de facilitar a compreensão mútua entre indivíduos de diferentes culturas. Essa abordagem buscou promover um diálogo eficaz entre os participantes no processo de implementação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô e, especialmente, compreender como cada representante das comunidades de terreiros, de instituições públicas e privadas e da academia recebeu a mensagem da Governança Espiritual Afro-brasileira.

Reconhecer as divergências de perspectiva entre as Comunidades de Terreiros, o poder público, os profissionais de arquitetura e urbanismo, e a academia foi um desafio significativo, mas crucial para lidar com as disparidades entre os diferentes corpos de conhecimento em diálogo. Essa abordagem buscou evitar a imposição de universalidade, homogeneização e a dominação de um sistema de conhecimento sobre os demais seres. O respeito à diversidade de saberes contribuiu de maneira positiva para uma abordagem mais inclusiva e enriquecedora do processo (Cunha Junior, 2008; Viveiros de Castro, 2018; Charbel, 2022).

Destaque nas agendas internacionais de sustentabilidade, a transdisciplinaridade conduz à formação de redes intersetoriais e programas de pesquisa orientados para a produção de resultados transdisciplinares (Cundill, 2015). A aprendizagem recíproca e colaboração entre vários *stakeholders*, ou seja, cientistas, cidadãos, formuladores de políticas e gestores de recursos, empenhados com a solução de problemas socioecológicos complexos, vem tornando a ciência e a tomada de decisões interativas por intermédio da coprodução de conhecimento com a sociedade (Max – Neef, *apud* Cundill, 2015).

Na coleta de dados, optou-se pela técnica da investigação-ação participativa (IAP) por adotar uma perspectiva que se contrapõe ao modelo tradicional de pesquisa científica. Enquanto o método hegemônico enxerga as pessoas como meros objetos de investigação, a (IAP) as reconhece como sujeitos participantes, totalmente engajados com os pesquisadores especializados na produção do conhecimento (Bernal, citado por Marconi e Lakatos, 2013).

A investigação-ação participativa (IAP) reconhece que os sujeitos investigados possuem a capacidade de agir e o poder de transformar sua própria existência. Nesse sentido, o pesquisador assume uma postura intervencionista, atuando junto ao grupo, ao fato ou à problemática em questão, com o objetivo de fornecer suporte ao sujeito estudado na busca por orientação (Marconi e Lakatos, 2013).

O conhecimento exerce um papel essencial na investigação-ação participativa (IAP), orientando e impulsionando a transformação de grupos, comunidades ou organizações para melhorar a qualidade de vida de seus membros. Essa perspectiva reconhece o poder de ação e o potencial transformador que surgem da reflexão e da investigação contínua da realidade. No processo de mudança, é importante destacar a participação e a comunicação entre os envolvidos na pesquisa, assegurando que o planejamento, as decisões e a implementação sejam compromissos compartilhados por toda a equipe (Marconi e Lakatos, 2013).

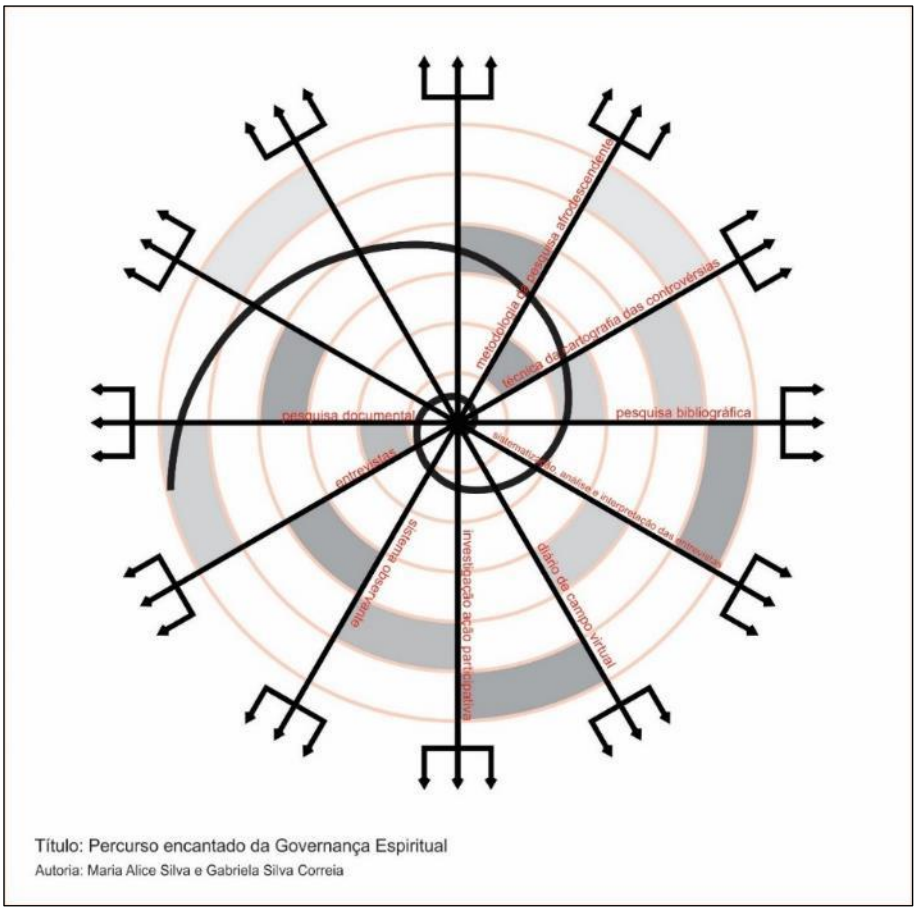
Os fundamentos teóricos da pesquisa foram organizados em três eixos investigativos: hermenêutica crítica do Estado e a juridicidade negra; hermenêutica da Governança Espiritual Afro-brasileira; e hermenêutica da ambiência. A abordagem metodológica integra diversas técnicas, a exemplo sistema observante (inspirado no pensamento sistêmico), pesquisa bibliográfica e documental, diário de campo virtual, entrevistas, sistematização, análise dos discursos e conteúdos.

O espaço tempo não é linear. O desenvolvimento da pesquisa, também, não adotou uma progressão linear, nem tampouco aderiu a uma ordem cronológica ou sequência rígida de fases. Ao contrário, a pesquisa foi integrada a um sistema cuja compreensão, concebida pela pesquisadora, é simbolizada pela Governança Espiritual e pelo Tempo-*Okotó* de Exu. *Okotó* é um dos diversos símbolos de Exu que é um caracol, uma concha cônica ossificada que cresce com o movimento de um pião, em espiral

que vai ao infinito, cresce espiralado, o “Tempo Espiralado” de Exu (Figura 5) (Velame, 2022).

A representação visual apresentada na Figura 5 (Apêndice B) é uma metáfora visual poderosa que ilustra o percurso encantado da pesquisa. A imagem simboliza o fluxo do axé, a energia vital presente nas religiões de matriz africana e afro-brasileira, conferindo mobilidade tanto à pesquisa quanto ao espaço estudado. A espiral presente na representação traduz a repetição cíclica, um conceito fundamental no Candomblé, mantendo a dinâmica do sistema religioso e cultural característico dessa tradição (Velame, 2022).

Figura 5 – Percurso encantado da Governança espiritual.



Fonte: Autoria própria e Gabriela Correia (2022).

Exu é a representação de caminhos, possibilidades e encruzilhadas, atuando como o portal que nos permite vislumbrar para além das direções óbvias. Ele estabelece conexões com a terra que nossos pés pisam, os ares acima de nossas cabeças e o nosso próprio interior (Vaz e Ramos, 2021).

> Etimologicamente, o nome Exu significa esfera, denotando a sua circularidade. Na proposta da Exuêutica, é essa circularidade que possibilita que o erro se torne acerto, que o não percebido seja notado, que o não compreendido ganhe sentido. Nesse processo circular de interpretação se estabelece a troca. Cada volta em torno das normas, dos fatos e das pessoas modifica a/o intérprete. Preenche as lacunas antes existentes, modificando também a percepção da/o intérprete sobre o sentido do conjunto de elementos a serem analisados. Esse processo interpretativo, portanto, requer que as pessoas sejam enxergadas. Elas não são apenas números ou nomes; não são ficções universalistas; são indivíduos em sua complexidade, em sua humanidade policêntrica, cujas identidades interseccionais podem representar obstáculos para o acesso a direitos e, portanto, à justiça. (Vaz e Ramos, 2021, p.279)

A exuêutica jurídica, termo cunhado por Samuel Vida (2018), emerge como uma ferramenta alternativa à hermenêutica jurídica convencional, com suas abordagens jurídico-acadêmicas padronizadas e repertórios teóricos, conceituais e retóricos típicos do juridicismo. Esse procedimento busca incorporar outros parâmetros e recursos para a interpretação e aplicação do direito, utilizando *owes* (provérbios), *orikis* (saudações) e *itans* (histórias) preservados na memória e vivificados no cotidiano das relações comunitárias das religiões de matriz africana e afro-brasileira. Esses elementos representam exemplos significativos do rico repertório epistemológico da afrodiasporicidade, visando resgatar o que foi menosprezado ou silenciado.

Na condução da pesquisa, análise e interpretação dos resultados, foi empregada a tradução intercultural. O delineamento metodológico seguiu diretrizes internacionais para estudos qualitativos, buscando consistência, coerência e credibilidade nos resultados.

A pesquisa bibliográfica constituiu uma parte essencial do processo investigativo. Utilizei fontes nacionais e internacionais, como a *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências Sociais (Lilacs), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Portal de Periódicos Capes e outras. As palavras-chave incluíram Governança Espiritual, ambiência, sítio natural sagrado, arquitetura de terreiros, africanidade, afrodescendência, afrocentricidade, afropespectivismo, amefricanidade, energia vital, pan-africanismo, filosofia africana e afro-brasileira, cosmopercepção, e constitucionalismo negro.

A pesquisa documental abrangeu diversas fontes escritas, como Termos de Referência, Diagnósticos socioculturais ambientais, Projetos Executivos, listas de

presença de reuniões e documentos de tombamento do Parque Pedra de Xangô, clipagens de matérias publicadas. A investigação, também, incorporou registros de conversas informais, audiências públicas, reuniões, oficinas e *lives*, cujos conteúdos foram parcial ou integralmente publicados no diário de campo, no perfil do Instagram @pedra.de.xango e em outros meios.

O diário de campo virtual foi criado no perfil do Instagram @pedra.de.xango (Figura 6) e exerceu um papel importante como uma ferramenta de registro, promoção e defesa da Pedra de Xangô. Além de documentar dados relevantes, esse diário virtual envolveu seguidores, estabelecendo uma conexão mais abrangente e democrática no decorrer da pesquisa. As tecnologias digitais têm sido amplamente adotadas pela população, atuando como indicadores empíricos e referências para os lugares de memória. Através das redes virtuais, as memórias das cidades podem ser preservadas, facilitando as conexões entre o passado e o presente vivido (Morigi; Massoni; Sena, 2016).

Figura 6 – Perfil do Instagram @pedra.de.xango.



Fonte: Instagram @pedra.de.xango (2023).

As entrevistas foram conduzidas em duas etapas, utilizando-se dois formatos: I - entrevistas narrativas, oferecendo total liberdade aos entrevistados para compartilhar

suas histórias relativos à Pedra de Xangô, conforme as percebem (Ravagnoli,2018); II - entrevistas em profundidade onde buscou-se colher respostas mais especificas. Entrevistei 24 (vinte e quatro) pessoas dos mais variados segmentos, abrangendo a gestão pública, setor privado, sociedade civil, academia e seguidores. As perguntas sofreram adaptações, devido o público ser diferenciado. O processo de coleta de dados incluiu a formalização de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, quando necessário, autorizações referentes ao uso de imagens.

Três comunidades terreiros foram investigados. A seleção das comunidades seguiu os mesmos critérios estabelecidos em minha dissertação de mestrado intitulada "Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador". Esses critérios incluem a escolha de uma comunidade de terreiro representante de cada nação, a inclusão de comunidades que possuem extensas áreas verdes, bem como comunidades que não dispõem de espaços arborizados para a realização de rituais, todas localizadas nas proximidades da Pedra de Xangô. Além disso, foram selecionadas comunidades de terreiros que promovem eventos anuais na Pedra de Xangô ou que participam de projetos em defesa desse lugar sagrado.

Por questão de saúde pública (Pandemia do Covid 19 (SARS-COV-2)), economia processual e atendendo aos critérios acima, selecionei dois terreiros investigados durante o mestrado (*Mutalombo Yê Kaiongo* e *Ilê Axé Tumbi Odé Oji*) e um terceiro que não participou da pesquisa de mestrado, o *Vodun Kwe Tò Zò*. Iniciei as visitas de campo explorando o Parque em Rede Pedra de Xangô, em seguida as Casas de Axé.

Estrutura da tese

A pesquisa se desenvolveu através de três categorias analíticas fundamentais: a Governança do Estado e a juridicidade negra; a Governança Espiritual; e a Governança da Ambiência. Exploramos, a partir desses eixos, a Governança Espiritual e sua influência na sacralidade do Parque Pedra de Xangô, sua contribuição para a concepção do projeto arquitetônico e urbanístico do memorial, bem como seu papel na gestão da Unidade de Conservação. A tese é estruturada em sete capítulos, além da introdução e das "(in)conclusões".

Exuzilhando: abrindo os caminhos é a frase que inaugura o primeiro capítulo. Nesta seção, apresento os conceitos trabalhados na tese, em seguida discorro sobre Governança em Unidades de Conservação e, por fim, a Governança Espiritual Afro-Brasileira.

O Capítulo I está assim organizado: 1.1 - Explorando os discursos e teorias conceituais.1.2 - Governança em Unidades de Conservação – UC: evolução histórica e conceitual; 1.2.1 - Governança em Unidades de Conservação – UC da Natureza no Brasil; 1.2.2 - Governança Espiritual em Unidades de Conservação; 1.3 - Governança Espiritual Afro-brasileira.

Agô: licença as divindades e ancestrais é o segundo capítulo. Neste exploro a geografia da Governança Espiritual em paisagens montanhosas do Tibete (China); na floresta sagrada de Oxum em O*sogbo* (Nigéria); no *Uluru Kata Tjuta National Park* (Norte da Austrália); as práticas agrícolas na aldeia de Koro (Gana).

Distribuição do segundo capítulo: 2.1 - A Governança Espiritual nas paisagens montanhosas do Tibete – China; 2.2 - A Governança Espiritual em O*sogbo*: a floresta sagrada de Oxum – Nigéria; 2.3 - A Governança Espiritual no norte da Austrália: Uluru Kata Tjuta National Park; 2.4 - As práticas agrícolas na aldeia de Koro – Gana.

O terceiro capítulo, intitulado "O Mundo Encantado das Arquiteturas das Comunidades Terreiros", nos levará a uma fascinante jornada pelo universo arquitetônico das comunidades de terreiros, representadas pelas nações Angola, Ketu e *Jeje*. Nesta seção, serão exploradas três comunidades de terreiros localizadas nas proximidades da Pedra de Xangô. O objetivo deste relato é evidenciar a diversidade de configurações espaciais desses templos e como, possivelmente, influenciaram o projeto arquitetônico do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A organização do terceiro capítulo é a seguinte: 3.1 - Um passeio no Candomblé Angola - *Unzo Mutalombo Yê Kaiongo*; 3.2 - *Ilê Axé Tumbi Odé Oji* – um palácio africano *keto*; 3.3 - Imersão nas folhas encantadas do *Jeje* – terreiro *Vodun Kwe Tò Zò*.

Pedra de Xangô: Não destrua meu quilombo é o título do quarto capítulo. Nesta seção, são apresentadas a divindade da Justiça, Xangô, aquele que representa a própria

Governança Espiritual. Em seguida, abordo a importância da Pedra Sagrada e problematizo a negligência e ausência do poder público no desenvolvimento de políticas direcionadas à produção desse espaço urbano.

O quarto capítulo está assim estruturado: Pedra de Xangô: Não destrua meu quilombo 4.1 - Mas, quem é Xangô?; 4.2 - A Governança Espiritual e o Constitucionalismo Negro em ação; 4.3 - Exu faz o erro virar acerto: entre disputas, narrativas e travessias; 4.4 - A Governança Espiritual, as tecnologias ancestrais e as Juristas Negras na Pedra de Xangô.

O espiralar do axé é o título do quinto capítulo, onde descrevo os rituais afro-religiosos realizados no entorno do sítio natural sagrado, destacando a circularidade das manifestações culturais.

A estrutura do capítulo é organizada da seguinte forma: *O espiralar do axé*; 5.1 - O Caminho do Axé – Parque em Rede; 5.2 - Os rituais afro-brasileiros no Parque Pedra de Xangô; 5.3 - A circularidade nos rituais afro-brasileiros. Cada seção aborda aspectos específicos relacionados aos rituais e à importância da circularidade nas práticas afro-religiosas no contexto do Parque Pedra de Xangô.

Oyá borboleta, sua força também é minha inaugura o sexto capítulo, no qual exploro a influência da Governança Espiritual na concepção e realização do projeto arquitetônico, urbanístico e paisagístico do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. Neste capítulo, reúno fragmentos de relatos obtidos em conversas formais e informais, assim como declarações de entrevistas concedidas por gestores públicos, arquitetos, urbanistas e sociólogos. O artigo "A Arquitetura da Terra na Implantação do Parque da Pedra de Xangô", publicado nos Anais do 3.º Seminário Arquitetura Vernácula/Popular — Olhares sobre o Brasil, e inicialmente assinado por alguns membros do Grupo de Trabalho de implantação do Parque Pedra de Xangô e outro acadêmico foi revisado e atualizado. Além disso, integro pequenos textos e depoimentos de entrevistas, alguns deles, previamente publicados no perfil @pedra.de.xango, o diário de campo da pesquisa.

A organização do sexto capítulo segue a seguinte estrutura: *Oyá borboleta, sua força também é minha*; 6.1 - Rastreando o projeto arquitetônico do Parque Pedra de Xangô; 6.2 - Saberes ancestrais Ori (entando) a construção do equipamento de apoio do

Parque Pedra de Xangô; 6.3 - Tecnologias construtivas em pedra, terra, ferro e aço; 6.4 - Integração dos elementos naturais na arquitetura do Parque Pedra de Xangô; 6.5 - Parque Pedra de Xangô: uma arquitetura contemporânea; 6.6 - Alafiando a Governança Espiritual; 6. 7 – O que ficou no meio do caminho; 6.8 - O segredo é a preservação do Sagrado.

É com o machado de Xangô, último capítulo da tese, que concluo a jornada investigativa demonstrando o papel da Governança Espiritual na inauguração, gestão e funcionamento do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô, bem como apresento uma proposta para fortalecer a Governança Espiritual no entorno da Unidade de Conservação - UC.

Ordenamento do quinto capítulo. *É com o machado de Xangô*; 7.1 - Êta, Êta no samba aqui nesta roda Xangô é quem manda: o papel das guardiãs da Pedra de Xangô. 7.2 - A Governança Espiritual na gestão e funcionamento do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô; 7.3 - Capoeira: a ancestralidade vive ao som do berimbau e do gingado; 7.4 - Olhares, Vivências e sentidos no Parque Pedra de Xangô; 7.5 - Circuito de Arte Urbana APA Municipal Av. Assis Valente e Parque em Rede Pedra de Xangô.

Ao finalizar, optei por não utilizar os termos convencionais como "considerações finais" ou "provisórias". Em vez disso, denominei a seção como "(in)conclusões", refletindo a natureza dinâmica da Governança Espiritual Afro-brasileira, caracterizada pelo espiralar do Axé, uma energia vital em constante movimento.



Laroyê!

Pedra de Xangô. Foto: Mônica Silveira

CAPÍTULO I. EXUZILHANDO: ABRINDO OS CAMINHOS

> *Piriguy*, um *Elegbá* tradicional, estava assentado num coqueiro em frente à casa-grande logo depois da Cajazeira maior. Os galhos da cajazeira, muitas vezes, entravam em conflito com as palmas do coqueiro, principalmente nos dias de chuva e vento. O coqueiro não era comum no aspecto físico, comparado a outros coqueiros existentes na praia de Amaralina, por exemplo. Era fino e comprido. Parecia frágil demais para suportar o feixe de palmas que se articulava no topo e seguia o fluxo dos ventos num vai e vem cadenciado, pondo em risco a resistência do tronco. Todos que ali passavam se sentiam inseguros, menos a velha Emiliana. Emiliana sempre fazia a saudações a *Piriguy* e dizia a quem quisesse ouvir: "*Piriguy* toma conta e dá conta". E explicava: "*Piriguy* é um *Legbá* especial antigo, cuja missão é tomar conta, vigiar as porteiras e não permitir falta de respeito de quem quer que seja"(Duarte, 2018, p.49).

A história mencionada está documentada no livro "Terreiro do *Bogum* - Memórias de uma comunidade *Jeje-Mahi*[29] na Bahia", escrito por Everaldo Conceição Duarte. Ele, sendo filho biológico da casa e membro de uma das linhagens do Candomblé responsável pela "reunião simultânea de cultos de várias divindades num mesmo terreiro" (Parés, 2005, p.34), compartilha as memórias do Terreiro do *Bogum*, incluindo aquelas relacionadas ao guardião *Piriguy*, o *vodun Legba*.

O *vodun Legba* (*Jeje*), o *Nkisi Mpoombo Nzila* (Angola) e o orixá Exu (*Keto*/*nagô/iorubá*), cada um com suas particularidades dentro das tradições do Candomblé, são reconhecidos como os senhores dos movimentos (Velame, 2022). No terreiro e no Candomblé, nada ocorre sem a influência deles. *Piriguy*, o *vodun Legba*, guardião do Terreiro do *Bogum*, governava com firmeza os domínios da casa de axé, afastando os intrusos e sendo responsável por tudo o que ali se desenrolava.

[29] Os terreiros do Bogum e da Roça do Ventura, em Cachoeira, fundados por africanos no século XIX, são considerados a matriz do Candomblé. Estudos realizados por Parés (2005) sugere que a tradição dos cultos *vodun* teve um papel importante em sua formação. A influência linguística *jeje* na terminologia ritual é reconhecida, mas sua influência estrutural no Candomblé ainda não foi totalmente apreciada. Autores como Pierre Verger e Roger Bastide, ao analisar a formação do Candomblé, destacam a natureza monoteísta dos cultos pré-coloniais e a reunião de divindades de origens diversas, como aconteceu no Ilê Iyá Nassô Oká (Casa Branca) como uma inovação brasileira, devido às condições socioculturais da sociedade escravista e ao encontro de vários grupos interétnicos com o intuito de economizar e distribuir recursos em tempos de opressão. Segundo João José Reis a devoção aos santos nas igrejas católicas influenciou a formação dos cultos de múltiplas divindades no Candomblé. O processo de reunião de divindades, característico do Ilê Iyá Nassô e de outros terreiros contemporâneos, retrata a confluência de grupos heterogêneos na sociedade colonial e escravista. A integração no Candomblé baiano e nos cultos de *voduns* nas cidades comerciais da área gbe pode ser analisada como respostas simultâneas, todavia independentes, a condições sociais semelhantes (Parés, 2005).

Legba, no Candomblé da nação *Jeje*, é o *vodun* "guardião do conjunto do patrimônio divino, foi eleito o responsável em transitar, cuidar e zelar pelos domínios de seus irmãos personificando, portanto, o princípio da mobilidade" (Velame, 2022, p.62). Nos terreiros de tradição Angola, *Nkisi Mpoombo Nzila* é o *inquice* dono dos começos e caminhos, desempenhando o papel de protetor dos templos e atuando como uma ponte entre os homens e os *inquices*. Em sua função, ele movimenta-se entre as divindades e os mortais (Velame, 2022).

Exu, no Candomblé da nação *Keto*, é o mensageiro, o senhor das encruzilhadas e dos caminhos. Ele é o primeiro orixá a ser cultuado e servido. De acordo com Santos (2008, p.181), Exu representa “o princípio dinâmico que mobiliza o desenvolvimento e o devir das existências”, influenciando todas as unidades do sistema religioso.

Segundo Velame (2022), o orixá Exu é reverenciado como o senhor do instante, dos acontecimentos, do movimento e do agora. Ele personifica o princípio dinâmico que impulsiona o fluxo do axé, sendo responsável pelo desenvolvimento e crescimento individualizado e diferenciado de todos dos humanos e demais seres. Sua energia é essencial para a existência, pois sem ela nada poderia subsistir.

Ao abordar a Governança Espiritual Afro-brasileira na construção do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô, é importante explorar as encruzilhadas, possibilidades, caminhos e conceitos-chave. Neste capítulo, examinei as influências e confluências de diversas correntes teóricas, como pan-africanismo, africanidade, amefricanidade, afrocentrismo, afroperspectivismo, afrodescendência, perspectivismo ameríndio, quilombismo, além dos conceitos de cosmopercepção, ambiência, arquiteturas de terreiros, constitucionalismo negro, governança espiritual, e sítio natural sagrado. Essas abordagens foram fundamentais para orientar o desenvolvimento da tese, ressaltando que ao longo da pesquisa outras referências teóricas foram incorporadas, proporcionando uma compreensão mais abrangente dos caminhos percorridos.

Os estudos de Ama Mazama (2009); Hampatê Bâ (2010); Abdias Nascimento (1980, 2009); Ailton Krenak (2019); Everaldo Duarte (1998, 2018); Eduardo Viveiros de Castro (2004, 2014); Leda Martins (2021); Lélia Gonzalez (1988); Molefi Kete Asante (2012,2013); Henrique Cunha Júnior (2001); Fábio Velame (2022a, 2022b); John

Studley e Peter Horsley (2018); Érika Fernandes Pinto (2017, 2022); George Mauricio (2009); Rafael Sanzio dos Anjos (2009,2020, 2023); Renato Noguera (2011, 2014); Oyěwùmí Oyèrónkẹ́ (2002); Lívia Sant'anna Vaz e Chiara Ramos (2021); Kaka Werá Jecupé (1998); Jean Paul Thibaud (2004, 2005, 2012); Marcos Vinícius Lustosa Queiroz (2017, 2021); Sobonfu Somé (2003) e outros serão aqui explorados.

I.1 Explorando os discursos e teorias conceituais

Constitucionalismo negro

O constitucionalismo moderno foi um movimento social, político, jurídico e ideológico que surgiu no final do século XVIII, inspirado nos ideais do iluminismo. O objetivo da insurgência era limitar o poder estatal das monarquias absolutistas, criar os estados-nações, estabelecer os direitos e as garantias fundamentais dos cidadãos.

Muito embora, tenha havido o envolvimento dos subalternos (colonizados), a historiografia, a filosofia, o direito e a política hegemônica, apenas citam as experiências protagonizadas pelas elites dominantes, destacando três paradigmas: o francês, o inglês e o estadunidense que serviriam de diretrizes para novas incursões constitucionais.

Reconhecido como o fenômeno jurídico mais significativo na modernidade, a Revolução Haitiana foi a primeira e única experiência de criação do estado-nação nas colônias latino-americanas. Fomentada por africanos escravizados e livres, teve como objetivo central a abolição da escravatura e obteve sucesso com a promulgação de duas Constituições aprovadas, respectivamente, em 1801 e 1805 (Santos, 2021). Conforme Duarte e Queiroz (2016), a Revolução do Haiti foi um movimento transcultural que contou com a participação de africanos em diáspora de várias etnias e organizações comunitárias.

A independência do Haiti, associada à abolição do escravismo, ocorreu com a notável atuação das práticas religiosas, exercendo um papel crucial como instância de mediação e espaço de formação de territórios de liberdade no cotidiano das plantações (Queiroz; Duarte, 2016). A historiografia contemporânea destaca

expressivamente o papel do vodu. O vodu, como prática independente dos negros escravizados, emergiu como uma religião que proporcionava momentos de libertação psicológica e empoderamento. Isso capacitava-os a expressar e reafirmar sua própria existência, que já havia sido reconhecida por meio das experiências, do trabalho coletivo, das adversidades e da violência cotidiana (Queiroz; Duarte, 2016).

Os eventos da Revolução do Haiti e as ideias de seus intelectuais geraram uma poderosa corrente de pensamento negro que reverberou globalmente, tornando-se uma das bases do pan-africanismo. Esse movimento, com vertentes sindicais, políticas e antirracistas, foi oficialmente institucionalizado em 1900, e, em 1904, um de seus setores se consolidou no Brasil (Cunha Júnior, 2023).

A ausência do reconhecimento da Constituição Haitiana, como um fenômeno histórico e precursor do constitucionalismo moderno, aliada à reprodução acrítica do conhecimento monocultural eurocêntrico, resultou em consequências ético-políticas imensuráveis que reverberam até os dias atuais na vida dos africanos em diáspora (Santos, 2021).

No Brasil, o estudo sistematizado sobre o Constitucionalismo Negro teve início com a dissertação de mestrado de Marcos Vinícius Lustosa Queiroz em 2017, intitulada *Constitucionalismo Brasileiro e o Atlântico Negro: a experiência constitucional de 1823 diante da Revolução Haitiana*[30]. Nessa pesquisa, o autor propôs uma leitura inovadora ao examinar o constitucionalismo à luz das dinâmicas mobilizadoras da diáspora africana.

[30] A dissertação teve “sua origem na reunião de fundação do Centro de Estudos em Desigualdade e Discriminação (CEDD/UnB), realizada na Faculdade de Direito da Universidade de Brasília em abril de 2012. Neste dia, introduzida pelo professor Evandro C. Piza Duarte, foi realizada a primeira de muitas discussões sobre o artigo Hegel e Haiti, da filósofa estadunidense Susan Buck-Morss. Naquele momento, para mim e para outros que estavam presentes no encontro, pensar o constitucionalismo levando as dinâmicas da diáspora africana a sério era algo completamente distante, até mesmo “absurdo” diante das narrativas dominantes que nos eram ensinadas ao longo do curso de direito. Nos bancos de sala de aula, nos simpósios e congressos e nas letras frias de trabalhos jurídicos, o constitucionalismo, assim como a modernidade eram fenômenos precipuamente oriundos do mundo branco europeu e estadunidense. A formação do direito constitucional moderno teria sido mediada por processos políticos levados adiante por grupos sociais, teóricos, personagens, eventos e instituições localizadas na Europa e nos Estados Unidos. Nas chamadas periferias globais, somente teriam havido releituras, cópias e tentativas fracassadas de implementar os avanços desenvolvidos nos centros do mundo moderno” (Queiroz, 2017a, p. 11 a 13).

Essa dissertação representa um marco importante ao explorar as interconexões entre o constitucionalismo brasileiro e os eventos da Revolução Haitiana em 1823. Ao conectar esses contextos históricos, Queiroz ofereceu uma perspectiva única que destaca a influência da diáspora africana nas formulações constitucionais no Brasil. A iniciativa pioneira de Queiroz abriu caminho para uma compreensão mais ampla das raízes e impactos do constitucionalismo negro no Brasil, examinando como as experiências históricas e as lutas por direitos influenciaram a evolução do pensamento constitucional no país.

Revisitar o constitucionalismo moderno à luz das lutas negras, especialmente a Revolução do Haiti, oferece percepções sobre como se moldou, tanto na prática quanto na teoria, a construção do sistema constitucional brasileiro. A ausência de representatividade do povo negro no cenário brasileiro é ressaltada por Anjos. Conforme apontado pelo autor, o Brasil Africano real permanece invisível oficialmente por mais de um século (1888-2021), evidenciando que a rejeição secular do Estado, com o fim do sistema escravista, tem sido o fio condutor da persistente tentativa de normalizar e legitimar uma democracia precária, perpetuando assim os privilégios estabelecidos (Anjos, 2023).

Ele destaca que ao longo dos 523 anos de história do Brasil, foram promulgadas sete Constituições Federais (1824, 1891, 1934, 1937, 1946, 1967 e 1988), das quais muitas incluíram elementos racistas e de exclusão[31] (Anjos, 2023). Apenas na última Constituição, de 1988, encontramos uma menção explícita às comunidades quilombolas, marcando um reconhecimento tardio das suas demandas e realidades. Essa invisibilidade e exclusão históricas são identificadas como barreiras para a efetiva representação e participação do povo negro na esfera nacional.

O processo de democratização do Brasil, iniciado com a promulgação da Constituição Federal de 1988, incorporou instrumentos normativos voltados para a proteção dos direitos humanos. Essa Carta Magna representou uma ruptura "com o processo de

[31] Rafael Sanzio Araújo dos Anjos (2023), em suas aulas na disciplina "Imagem e Identidade Nacional" ministrada no primeiro semestre de 2023, no Programa de Pós-Graduação - Pós-Afro - UFBA e na Mesa redonda Projeto Geoafro - UFBA \ UNB - Patrimonialização Afrobrasileira. Disponível em: (74) MESA REDONDA PROJETO GEOAFRO - UFBA \ UNB - PATRIMONIALIZAÇÃO AFROBRASILEIRA: - YouTube. Acesso: 20 jan 2024

naturalização e trivialização das desigualdades étnico-raciais no âmbito jurídico, enfrentando as amarras mutiladoras do protagonismo, da cidadania e da dignidade da população afrodescendente" (Piovesan e Souza, 2006, p.14).

A Carta Magna de 1988 constituiu um marco importante ao reconhecer a necessidade de medidas específicas para enfrentar as desigualdades históricas e estruturais que afetam a população afrodescendente no país. Essa mudança reflete um compromisso constitucional com a promoção da justiça social e a garantia dos direitos fundamentais para todos os cidadãos, independentemente de sua origem étnico-racial.

Examinar essa história nos proporciona percepções sobre o presente e, ao mesmo tempo, nos inspira a considerar lições para o futuro. A prática da Governança Espiritual Afro-brasileira na Pedra de Xangô ofereceu valiosas contribuições para a reconstrução e aprimoramento dos marcos jurídicos normativos dos direitos e liberdades fundamentais no Brasil? Influenciou a edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô? Essas questões só poderão ser respondidas mais adiante. Por enquanto, vamos explorar o movimento pan-africanista.

Pan-africanismo

O pan-africanismo representa um movimento político, identitário, cultural, econômico e solidário entre os povos negros, visando à reorganização autônoma do continente africano em uma unidade administrativa, conectada a uma soberania global que reconheça a influência e a importância da presença africana em todo o mundo (Gomes, 2014).

Esse movimento deu origem a conceitos e teorias políticas, culturais e econômicas voltados para a libertação das populações negras. O pan-africanismo surgiu como um pensamento político independente em relação ao pensamento ocidental, abordando várias dimensões. Ele confronta as invasões europeias, denuncia o sistema criminoso de escravização e combate ao racismo antinegro em todas as suas formas.

Para o pan-africanismo, a história africana é percebida como cíclica, contínua e socialmente organizada em todo o território. A abordagem pan-africanista concentra-se na análise das experiências vivenciadas pelos povos negros, explorando a

complexidade da organização social em diversas esferas, desde famílias, vilas e comunidades até bairros, cidades, países, nações, presídios, sindicatos, movimentos, associações, projetos e partidos (Silva, Souza, Cunha júnior, 2023).

Tendo como uma das inspirações a Revolução do Haiti, a ideologia Pan-Africanista surgiu de um sentimento de solidariedade e consciência de uma origem comum, representando a luta pela libertação e integração dos povos africanos em todos os lugares onde se encontrassem (Nascimento, 1981).

A Conferência dos Povos de Cor realizada em Londres em 1900 marcou o início do Pan-Africanismo como um movimento formal político. Idealizada e organizada por Henry Silvester Williams, essa conferência tinha como objetivo reivindicar o domínio colonial por parte dos países europeus sobre as terras tradicionais das populações africanas. Adicionalmente o movimento adotou e popularizou o termo "pan-africanismo". (Nascimento, 1981; Paim, 2014).

O pan-africanismo continua a representar o meio pelo qual as esperanças e aspirações da África negra em busca de autonomia, respeito, poder e dignidade são expressas. Essa filosofia, política e ideologia tem suas raízes nos pensamentos de pioneiros intelectuais que se estendem desde Boukman, no Haiti, até Biko, na África do Sul. Entre esses proeminentes pensadores estão figuras como Dessalines, Blyden, Sylvester Williams, Casely-Hayford, DuBois, Garvey, Padmore, Nkrumah, C.L.R. James, Azikiwe, Malcolm X, Aimé Césaire, Cheikh Anta Diop, Cabral e Nyerere (Ibekwe, 2020).

Segundo Ibekwe (2020), no século XX, três vertentes do Pan-Africanismo se destacaram, lideradas por Du Bois, Garvey e Nkrumah. Todas compartilhavam o objetivo de alcançar a emancipação da África Preta da dominação branca. Contudo, divergiam na definição da comunidade política a ser emancipada e nos meios pelos quais essa emancipação seria buscada, conforme detalhado a seguir.

Du Bois (1868-1963) definiu a comunidade política como os Negros (povos pretos) da África e da Diáspora Negra nas Américas. Seu projeto visava abolir a linha da cor e promover a integração social entre pretos e brancos (Ibekwe, 2020).

Para Garvey (1887-1940) a comunidade política englobava todos os povos negros do mundo, independentemente de onde estivessem localizados. Sua visão era global, unindo os afrodescendentes na diáspora, como aqueles nas Américas, Europa e outras partes do mundo, com os africanos no continente africano (Ibekwe, 2020).

O meio que Garvey propôs para alcançar a emancipação era a construção de uma superpotência negra em África. Ele acreditava que essa superpotência industrial seria "forte o suficiente para dar proteção aos membros de nossa raça espalhados por todo o mundo e para obrigar as nações e raças da Terra a nos respeitar." A ideia era criar uma nação africana forte e independente, capaz de oferecer proteção e respeito aos afrodescendentes globalmente, além de desafiar a dominação branca e a opressão racial. Essa visão é central para o movimento "Volta para a África" liderado por Garvey (Ibekwe, 2020). Garvey expressava sua preocupação com os africanos na diáspora. Seus princípios se disseminaram como fogo sobre a palha, abrangendo todas as nações e povos africanos que viviam sob o domínio opressor dos europeus.

Nkrumah (1909-1972) advogava pelo Continentalismo, no qual a comunidade política consistia nos habitantes do continente africano, englobando árabes e Negros, excluindo os africanos em diáspora. Sua proposta para alcançar a emancipação envolvia a implementação do socialismo e a integração dos estados neocoloniais do continente em um único Estado continental, sob a liderança de um governo continental unificado (Ibekwe, 2020).

Henry Silvester Williams, Du Bois, Cyril L.R. James, George Padmore, Kwame Nkrumah, Jomo Kenyatta, Leopold Senghor e outros, foram os primeiros nacionalistas pan-africanos, a desempenharam papéis fundamentais no caminho para o surgimento das primeiras nações africanas independentes. Nkrumah, Kenyatta e Senghor tornaram-se, respectivamente, os primeiros presidentes de Gana, Quênia e Senegal. (Reed-Bandele, [Documento interno]).

O Pan-Africanismo incorporou o marxismo formulado por Karl Marx e Friedrich Engels, que teve início em 1848 com o Manifesto Comunista e as publicações de Marx entre 1857 e 1869. Garvey se opôs de forma contundente à filosofia comunista de Karl Marx (Cunha Júnior, 2023b). Eis o que ele pensava sobre o assunto:

O comunismo é uma construção concebida por indivíduos brancos para abordar questões políticas internas. Propõe a ascensão da classe trabalhadora branca sobre a classe capitalista da mesma raça. Criado por homens brancos com simpatia pelas lutas econômicas de suas próprias massas brancas, o comunismo não foi originalmente destinado a promover a emancipação econômica ou política dos indivíduos negros, mas sim fortalecer a capacidade da classe trabalhadora branca mais desfavorecida (Reed-Bandele, [Documento interno]).

A ascensão do movimento Pan-Africanista entre as organizações negras no Brasil enfrentou desafios significativos, em parte, devido à crítica de Marx às religiões, considerando-as o "ópio do povo" (Cunha Júnior, 2023b). Manoel Querino, um socialista brasileiro não marxista, desempenhou um papel crucial na disseminação do pan-africanismo entre os negros brasileiros. Seu engajamento estava baseado em um profundo conhecimento da história africana e das contribuições africanas para a história das Américas, do mundo europeu e do próprio continente africano (Cunha Júnior, 2023b).

A cultura africana serviu de inspiração para fatos revolucionários e é uma área preferencial para estudos futuros sobre o pan-africanismo, conforme notado por Nascimento (1981). De acordo Clarke *apud* Nascimento (1981), na América Central, América do Sul e no Caribe, a cultura africana, renascida em terras estrangeiras, tornou-se uma força motriz, unificadora, um sistema de comunicação que colaborou para impulsionar algumas das mais bem-sucedidas revoltas de escravizados na história mundial.

O movimento Pan-Africanista deixou uma marca indelével na história do povo negro no mundo contemporâneo, ao almejar a unificação da África e uma aliança sólida e progressista com uma diáspora unida. Além disso, desempenhou um papel revolucionário ao contribuir para a produção da História Geral da África (UNESCO, 1983), uma obra monumental composta por 8 volumes, elaborada entre as décadas de 1960 e 1980, e influenciada pelos renomados intelectuais pan-africanistas S.K.B. Asante, de Gana; Amadou Hampaté Bâ, do Mali; Théophile Obenga, do Congo Brazzaville; Ali Marzrui, do Quênia, e por "intelectuais africanos das décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970, que viveram um contexto anticolonial revolucionário na África" (Silva, Souza, Cunha Júnior, 2023). Esse trabalho é um marco singular, tornando a

África o único continente a possuir uma história geral que é consensual entre todas as suas 56 nações.

O continente africano simboliza a integração, união e coesão dos diversos sistemas presentes dentro dela. Nessa conjuntura de integração cultural, validada por meio da luta e militância negras, a experiência da diáspora negra no Novo Mundo expressa mais particularmente sua essência Pan-Africana. Um exemplo exemplificativo pode ser encontrado na seguinte observação de Wole Soyinka citado por Nascimento (1981):

> *Ogun*[32] por sua parte se torna não só o deus da guerra, mas o deus da revolução, no contexto mais contemporâneo - e isto se dá não meramente na África, mas nas Américas, para onde seu culto se espalhou. Como os suportes católicos do regime de Batista em Cuba descobriram demasiadamente tarde, deviam ter-se preocupado menos com Karl Marx e mais com *Ogun*, deidade redescoberta da revolução (Soyinka *apud* Nascimento, 1981, p.157).

Analisando a história do Pan-Africanismo, é possível constatar a importância das manifestações culturais na conquista e manutenção dos territórios. Os rituais religiosos se constituíram como caminhos para acessar com dignidade, destemor e resiliência a liberdade tão sonhada, e, por conseguinte, resgatar o domínio sobre as terras e demais benefícios. Nesse contexto, surge a oportunidade de explorar o universo da teoria da afrocentricidade.

Afrocentricidade

Molefi Kete Asante, africano natural da cidade de Valdosta, estado da Geórgia, EUA, é professor do departamento de Africologia da *Temple University*. Seu objetivo é libertar a mente dos africanos da prisão colonialista, auxiliando-os a se posicionar a partir de uma consciência e cosmopercepção política africana, colocando-os no centro dos processos. Em 1980, publicou o livro "*Afrocentricity*: *Theory of Social Change*" (Afrocentricidade: Teoria da Mudança Social) (Mazama, 2012).

[32] Ogum/Ogun. Orixá do ferro, deus da guerra.

No texto, Asante advoga pela técnica da pesquisa humana construída a partir de conceitos originados dentro da própria comunidade como a principal abordagem para a formulação de padrões de análise fundamentados no pensamento afrocêntrico (Asante, 2012). O livro inicia denunciando que os africanos estão à margem da sociedade, sendo considerados periféricos. Tudo o que lhes é ensinado sobre a história, a cultura, a literatura, a linguística, a política ou a economia africana no mundo tem como referência o olhar ocidental. O único conhecimento considerado válido e legitimado era aquele imposto pela hegemonia branca. Era imperativo alterar essa narrativa, sendo importante despertar a consciência africana (Asante, 2012).

O autor afirma que a mudança geográfica forçada de milhares de africanos do continente, devido ao tráfico de escravizados africanos pelo e para o ocidente, afastou o povo negro da centralidade de sua tradição e história, desmantelando núcleos culturais, psicológicos, econômicos e espirituais. Isso os colocou coercitivamente na cosmopercepção de mundo e no ambiente europeu. A teoria da afrocentricidade não surge de um vácuo, mas é inspirada na visão de intelectuais pan-africanistas a exemplo de: Henry Silvester Williams, Du Bois, Cyril L.R. James, George Padmore, Kwame Nkrumah e outros.

A teoria da afrocentricidade estabelece um diálogo com os conceitos de negritude de Aimé Cesaire, poeta e homem público martinicano (Lopes, 2011). Além disso, interage com as ideias de Maulana Karenga, ativista americano, professor na Universidade do Estado da Califórnia, criador da celebração afro-diaspórica Kwanza[33] que ocorre

[33] A criação do Kwanzaa por Karenga teve como inspiração os Tumultos de Watts, sucessivos acontecimentos violentos contra o povo negro nos Estados Unidos, em 1965, que emergiu após a prisão de Marquette Frye, jovem negro acusado de dirigir embriagado. Durante um período de turbulência racial, foi contabilizado 34 mortes e mais de mil feridos. Concebida como uma resposta à falta de representação cultural dos afro-americanos nos feriados nacionais dos EUA, a celebração utiliza nomes e expressões em suaíli. Karenga instituiu sete princípios, chamados de Nguzo Saba, são eles: Umoja (união), Kujichagulia (autodeterminação), Ujima (responsabilidade coletiva), Ujamaa (economia cooperativa), Nia (propósito), Kuumba (criatividade) e Imani (fé). Esses princípios são evocados e discutidos entre os dias 26 de dezembro a 1º de janeiro. Oriundos de festividades africanas. O Kwanza não foi pensado para rivalizar com a festividade natalina, mas como uma forma de reforçar os valores africanos durante as festas de fim de ano. É uma celebração de colheita que reflete sobre o ano passado e traz esperança para o ano novo. Para muitos, o Kwanzaa é visto como uma resistência do povo negro, ao estilo do quilombo, da capoeira ou do candomblé, uma estratégia de luta contra a hegemonia cultural, surgindo gradualmente como uma alternativa ao Natal. Disponível em: Os brasileiros que celebram o Kwanzaa, festa negra criada nos EUA que rivaliza com o Natal - BBC News Brasil

anualmente entre os dias 26 a 1º de janeiro. Karenga também é o idealizador do renascimento cultural negro (*Kwaida*), que busca resgatar a tradição negra (Lopes, 2011).

A afrocentricidade, também, bebe da fonte historiografia de Cheik Anta Diop (2014), físico e antropólogo senegalês que dedicou seus estudos às origens da raça humana e à cultura africana pré-colonial. Diop demonstrou que a África é o berço da civilização da humanidade. No entanto, ele destaca que a África foi considerada inferior devido ao racismo epistêmico. Essa interlocução amplifica as perspectivas afrocentradas e promove uma compreensão mais profunda da história e cultura africanas.

Amefricanidade

Lélia Gonzalez (1988) busca entender as insurgências quilombolas, na época escravista e na atualidade, a partir da expressão amefricanidade, palavra por ela cunhada para explicar a proposta do povo negro contra a dominação colonial. O termo "amefricanidade" floresceu e se consolidou ao longo dos séculos que marcaram a presença dos negros no continente.

Mesmo durante a época escravista, a categoria (amefricanidade) se manifestava em rebeliões, na elaboração de estratégias de resistência cultural e no desenvolvimento de formas alternativas de organização social livre. Essa expressão concreta estava presente nos quilombos, *cimarrones, cumbes, palenques, marronages* e *marron societies*, espalhados pelas mais diversas regiões de todo o continente (Larkin Nascimento, 1981). Reconhecê-la significa, em última instância, valorizar um extenso trabalho de dinâmica cultural que não nos remete apenas ao lado do Atlântico, mas nos conduz de lá e nos transforma no que somos hoje: americanos (Gonzalez, 1988).

Segundo Lélia Gonzalez (1988) o quilombo é uma categoria político-cultural de amefricanidade. A autora fez fortes e contundentes críticas às produções do conhecimento com bases conceituais eurocêntricas, procurando desconstruí-las. Defendia que toda linguagem é epistêmica e acreditava que a mesma deveria ser revolucionária e, ainda, contribuir para a compreensão de nossa realidade. (Asante *apud* Gonzalez, 1988).

A categoria político-cultural de amefricanidade possui conexões e enormes similaridades com a teoria da afrocentricidade de Molefi K. Asante que sustentava o princípio de que “uma ideologia de libertação deve encontrar sua experiência em nós mesmos; ela não pode ser externa a nós e imposta por outros que não nós próprios; deve ser derivada da nossa experiência histórica e cultural particular”. (Asante *apud* Gonzalez, 1988, p.79).

Afrodescendência e Africanidade

Cunha Júnior (2001), insatisfeito e em resposta às controvérsias sobre a existência ou não de uma identidade negra no Brasil, cria os termos afrodescendência e africanidade para explicar a existência de várias etnias africanas no Brasil. Para o autor (2001), Afrodescendência refere-se ao reconhecimento da existência de uma etnia composta por indivíduos de descendência africana. Essa etnia compartilha, como base comum, as diversas origens étnicas e nações africanas, considerando o desenvolvimento histórico dessas, dentro dos limites condicionantes dos sistemas predominantes de escravismo e capitalismo racista. A afrodescendência não se trata de uma identidade única, mas sim, de uma diversidade que não se preocupa com graus de mistura interétnica no Brasil, focando-se, ao contrário, na narrativa histórica.

A identidade afrodescendente, embora não seja única, carece de uma coesão monolítica. No entanto, vale destacar que as identidades europeias ou brancas no Brasil são amplamente aceitas como existentes, e raramente são submetidas aos mesmos processos de questionamento que as identidades negras. Poucas vezes nos deparamos com questionamentos sobre o que torna os europeus uma unidade cultural, enquanto a ideia da tradição greco-romana geralmente é aceita com pouca contestação (Cunha Júnior, 2001)

A introdução do conceito de afrodescendente surge da confusão que envolve a definição do termo "negro". A diversidade de tonalidades de pele entre as pessoas negras é frequentemente apontada como um complicador na definição do que é considerado negro. Em contraste, a mesma complexidade não é comumente levantada ao definir o branco. Essa situação cria desafios para a identificação de

pontos de coesão, tanto teóricos quanto práticos, entre os descendentes de escravizados e africanos no Brasil (Cunha Júnior, 2001)

Africanidades

Africanidades é um conceito cunhado por Cunha Júnior (2001) para explicar o fenômeno, o movimento cultural no Brasil. O termo não é centrado apenas nos africanos e afrodescendentes. As africanidades reconhecem as outras culturas, mas veem como essencial a compreensão das dinâmicas culturais nacionais. Elas são produzidas em um diálogo com as culturas de outras etnias presentes no Brasil. As africanidades brasileiras não são a versão nacional do afrocentrismo ou afrocentricidade (Cunha Júnior, 2001)

As africanidades brasileiras são desenvolvidas para contemplar o Brasil e não possuem a mesma estrutura do afrocentrismo. Não surgem como uma proposta centrada na base africana, uma vez que ter como base não implica estar centralizada, especialmente considerando as trocas culturais e populacionais históricas entre a África e outros continentes. Por outro lado, o afrocentrismo parece se assemelhar a ideias funcionalistas e estáticas, mantendo a preservação da cultura africana (Cunha Júnior, 2001).

As africanidades são sistêmicas e dinâmicas, entendendo as culturas como estando em constante transformação. Surge também o desafio da oposição entre o enfoque racial do afrocentrismo e o enfoque étnico das africanidades e das afrodescendências. As africanidades têm uma preocupação específica com o Brasil, sem a necessidade de se posicionar contra o eurocentrismo (Cunha Júnior, 2001).

Ela busca compreender a dinâmica de base africana no contexto do escravismo e do capitalismo racista brasileiros. A preocupação não é estabelecer uma teoria da África em oposição a uma teoria da Europa. As africanidades brasileiras demandam, sobretudo, um aprofundamento nas ideias relacionadas à Europa e Ásia para uma melhor compreensão dos fenômenos da produção humana nos diversos continentes, das contribuições mútuas e uma diminuição na idealização da Europa, Ásia e até mesmo da África (Cunha Júnior, 2001).

As africanidades brasileiras representam um paradigma para reexaminar os conceitos e preconceitos vigentes sobre a cultura brasileira. Elas refletem um discurso originado da camada racialmente marginalizada e escravizada da população brasileira. Seu propósito é desmantelar as idealizações da cultura imposta pelo dominador e estabelecer um espaço de liberdade intelectual, livre de racismo e conceitos moldados pelos processos historicamente dominantes na cultura brasileira. As afrodescendências orientam sobre a diversidade étnica brasileira, afastando-se de concepções baseadas em raça, e reconhecem a presença coesa e não desestruturada de uma etnia predominantemente afrodescendente (Cunha Júnior, 2001).

Afroperspectivismo

A teoria afroperspectiva, termo cunhado pelo professor Renato Noguera, surge para investigar esses fenômenos. A partir da pluriversalidade, não apenas das várias Áfricas, mas, também, do povo africano, dos povos ameríndios e outros. O autor afirma que a afroperspectiva é uma forma de abordagem e construção do conhecimento. Uma possibilidade de se pensar a partir de um território epistêmico não ocidental, mas que dialoga com esses e outros territórios.

A academia elegeu como pensamento único e legítimo os cânones ocidentais do conhecimento, colocando à margem os conhecimentos de outros povos e etnias. Essa geopolítica dominante, eurocêntrica, racista necessita se deslocar, pois, a compreensão dos fenômenos não pode ser analisada a partir de uma única perspectiva (Noguera, 2014).

O quilombismo, a afrocentricidade, o perspectivismo ameríndio são temas abordados por Noguera. Na teoria afroperspectiva, ele cita Abdias do Nascimento, Molefi Asante, Eduardo Viveiros de Castro para falar, respectivamente, sobre quilombos, afrocentricidade e perspectivismo ameríndio. O autor demonstra que o termo afroperspectivismo “tem um sentido simples, o conjunto de pontos de vista, estratégias, sistemas e modos de pensar e viver de matrizes africanas.” (Noguera, 2014, p.23)

O quilombismo é um conceito polissêmico. Atemporais e permanentes, com dimensões variadas, os quilombos foram e são, atualmente, um conjunto de práticas afro-brasileiras que englobam todas as formas de organização, redes e focos de resistência física e cultural negra, tais como irmandades, afoxés, clubes, terreiros, escolas de samba, entre outros. Essas práticas formam uma rede de solidariedade ao longo da história (Abdias Nascimento, 2009).

Abdias Nascimento (2009) também oferece uma dimensão matricial neste contexto pluriversalista para a compreensão africana híbrida dentro da afroperspectiva afrodiaspórica brasileira. A cosmopercepção comunitária Ubuntu, essa perspectiva de fusão destas dimensões culturais, segue sendo extremamente expressiva.

Perspectivismo ameríndio é o termo trabalhado pelo antropólogo Viveiros de Castro. Em 2006, o autor fez uma palestra para um público de cientistas do INPA, em Manaus, acerca das cosmologias amazônicas e as concepções indígenas da natureza[34].Metade da plateia era composta por cientistas e a outra de indígenas do rio Negro. O tema foi como o "perspectivismo ameríndio" se manifestava nas culturas rionegrinas (povos *Tukano* e *Aruaque*, principalmente). Os cientistas não se interessaram muito e nem formularam perguntas[35]. Prossegue o autor:

> Uma senhora então se levantou e, dirigindo-se à metade branca e científica da plateia, disse: "vocês precisam prestar atenção ao que o professor aí está dizendo. Ele está dizendo o que a gente sempre disse: que vocês não veem as coisas direito; que, por exemplo, os peixes, quando fazem a piracema (a desova) estão na verdade, lá no fundo do rio, transformados em gente como nós, fazendo um grande *dabucuri* (cerimônia indígena típica da região)". E outro índio perguntou: "aquilo que o professor disse, sobre os morros da região serem habitados por espíritos protetores da caça, é verdade[36] [..]

Com esse emblemático exemplo, Viveiros de Castro coloca no centro da análise o perspectivismo ameríndio entre cientistas que estudam a Amazônia e os indígenas que vivem lá. Os primeiros estavam apenas interessados no conhecimento hegemônico ocidental, os segundos na sua cultura, no seu modo de viver e fazer.

---

[34] Eduardo Viveiros de Castro: 'O que se vê no Brasil hoje é uma ofensiva feroz contra os índios' - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

[35] Idem.

[36] Idem.

Os cientistas foram buscar informações sobre novas espécies, associações ecológicas. Não lhes interessavam, a organização metafísica que alicerça o conhecimento indígena, não lhes acrescentavam em nada, era apenas um adereço exótico para explicar os fenômenos reais[37].

Noguera (2011, p.147) apresenta a ética *Ubuntu* como exemplo de afroperspectivismo de resistência, princípio motivador de um existir compartilhado, em comunidade. Ubuntu “pode ser traduzido como o que é comum a todas as pessoas [.] uma maneira de viver junto com outras pessoas de forma não egoísta, uma existência comunitária antirracista e policêntrica”.

Os paradigmas africanos, a ancestralidade, a comunidade, as manifestações culturais, a natureza, as redes, os compartilhamentos, a recuperação dos caminhos deixados pelos povos africanos, como legados, as ressignificações dos modos de existir e resistir são experiências afroperspectivistas, práticas *Ubuntus*. (Noguera, 2011).

Cosmopercepção

Cosmopercepção é um fenômeno holístico que abarca os cinco sentidos do corpo humano: visão, tato, olfato, audição e paladar. Constitui um conjunto de vivências e experiências singulares que ultrapassam a simples contemplação, transcende a mera visualização ao envolver outros sentidos para a comunicação e a expressão de sentimentos, vontades e desejos.

A cosmopercepção implica uma simbiose do eu com o todo e do todo com o eu. O termo foi cunhado pela socióloga feminista nigeriana Oyěwùmí Oyèrónkẹ́ (2002) que, em debate acadêmico, problematizou e afastou o conceito “cosmovisão”, por considerá-lo restritivo, eurocêntrico, adotando o conceito de cosmosensação ou cosmopercepção, por ser, uma forma mais inclusiva de desvelar a concepção de mundo por distintos grupos culturais.

[37] Idem.

A cosmopercepção desafia a visão predominante que associa o pensamento racional à "ausência do corpo", pois ao longo da história, mulheres, povos originários e outros rotulados como "diferentes" foram frequentemente reduzidos meramente a corpos, desconsiderando sua racionalidade (Oyěwùmí, 2021). O Povo de Terreiro e outros grupos tradicionais reconhecem-se como corpos conscientes, seres vivos e presenças ativas nos territórios e nas comunidades, demandando a consolidação de um Estado de direito eficaz que reconheça, amplifique as vozes e valorize todas as expressões individuais e coletivas.

Na tese, adotei o conceito da Justiça de Xangô, que opera sob a égide da cosmopercepção. Essa forma de justiça transcende os paradigmas convencionais, uma vez que Xangô enxerga, ouve, fala, sente e, fundamentado em sua cosmopercepção, profere julgamentos segundo a lei do pertencimento. Ele distribui equitativamente e decide com base na pluriversalidade (Vaz e Ramos, 2021).

Na história da arquitetura e urbanismo, assistimos as ideias e conceitos acadêmicos considerados como tecnologias neutras, universais, revolucionárias, reproduzirem o racismo antinegro, negarem as manifestações culturais afro-brasileiras. A adoção do termo cosmopercepção, na tese, é um dos caminhos para se alcançar o tão desejado direito à cidade, em especial, os direitos das populações afrodescendentes (Cunha Júnior, 2019).

Cosmopercepção de mundo africana

Na concepção africana, as pedras, a terra, o vento, os rios, os mares, as matas, os animais, possuem íntima ligação com o cosmo, as pessoas e os ancestrais, nas mais diversas formas de manifestação de energias. A conexão dos humanos e os demais seres da natureza conferem ao universo circundante uma agência responsável pelo equilíbrio do ecossistema. Essa agência representa o elo entre os seres da natureza, os humanos e a regência da ancestralidade.

Para Fukiau[38]

> "O mundo natural é o que nós vemos, tocamos, sentimos, saboreamos e ouvimos e ainda assim nós não podemos alcançar o significado em sua totalidade. É o mistério de todos os mistérios. É o cerne do que é espiritual e sagrado. É o ligar e desligar de todas as coisas, i.e., (*kala ye zima), Nkingu kibeni wangudi wa kinenga mu biobio* (a chave princípio do equilíbrio em tudo). Todas essas coisas de acordo com o conceito *Bântu* de sacralidade são seres *(Kadi*), com ou sem expressão, com ou sem poder de locomoção".

O africano vê a vida e a si próprio como uma energia em fluxo que vai para além da compreensão biológica, incluindo, também, o mundo animal e vegetal. A vida não se resume ao mundo terreno, mas legitima-se, mediante a rede de relações entre seres vivos e ancestrais (Muya, 2008).

As forças que constituem o universo possuem sacralidade. A natureza exerce uma significativa influência na vida do povo africano. A terra permite que as pessoas tenham acesso a sua identidade e desenvolvam múltiplas aptidões. Água é vida, transmite paz, favorece a concentração, a reconciliação, aviva a sabedoria. O mineral, por sua vez, faz lembrar os desejos, os registros, facilita a comunicação e a compreensão. Finalmente, o fogo, alimenta o sonho, mantém aceso a chama da vida, a conexão entre os vivos e os mortos (Somé, 2003). Tudo isso é energia, axé, aquilo que não se explica, mas se sente.

Hampatê Bâ (2010, p.168) fala-nos que em África, tudo é "História" e que essa "grande História da vida compreende a História das Terras e das Águas (geografia), a História dos vegetais (botânica e farmacopéia), a História dos "Filhos do seio da Terra" (mineralogia, metais), a História dos astros (astronomia, astrologia), a História das águas, e assim por diante".

O autor acrescenta que de todas as histórias, a do ser humano é a melhor e a mais expressiva, pois, conforme a mitologia, foi edificada com uma fração de tudo que lhe antecedeu: nos campos mineral, vegetal e animal e que estão interligados. Os estudos relacionados a vida humana apoiam-se em mitos que determinam o lugar e a função

[38]. Extraído do livro *"A visão Bantu Kongo da sacralidade do Mundo Natural".* Por *Kimbwandende Kia Bunseki Fu Kiau.* Tradução portuguesa - Valdina O. Pinto. Disponível em: A Visão Bântu Kôngo Da Sacralidade Do Mundo Natural PDF | PDF (scribd.com). Acesso em: 04 nov. 2022.

das pessoas no universo, seu comportamento perante a natureza e o seu vínculo com o cosmo. (Hampatê Bâ, 2010).

Cosmopercepção dos povos originários

Segundo os povos originários, os donos da Terra, o cosmo é a natureza. Krenak (2019) conta-nos a história de uma leitura que fez, sobre certo pesquisador europeu, do início do século XX, que visitara o território indígena dos *Hopi* nos Estados Unidos, e ficara perplexo com a atitude de uma anciã da tribo, que ao invés de dar-lhes atenção estava conversando com uma pedra, vejamos:

O cientista solicitara a um representante da comunidade que viabilizasse o seu encontro com uma anciã da tribo, pois desejava entrevistá-la. Ao chegar no local, percebera que a referida senhora estava parada, diante de uma rocha. Passados alguns minutos de espera, o pesquisador perguntou: “Ela não vai conversar comigo, não?”. O facilitador respondeu: “Ela está conversando com a irmã dela”. “Mas é uma pedra.” E o camarada disse: “Qual é o problema?” (Krenak, 2019, p.10).

Na tradição norte-americana, os nativos acreditam que a Mãe Terra é um Ser Vivo. No momento em que uma pessoa se direciona a um “Lugar de Poder”, o olhar da Mãe Terra é orientado para aquele sítio, e a energia flui com mais intensidade naquela zona (Sams,1993, p.158).

> Somos parte da terra e ela é parte de nós. [..] a maior contribuição que os povos da floresta pode deixar ao homem branco é a prática de ser uno com a natureza interna de si. A tradição do Sol, da Lua e da Grande Mãe ensinam que tudo se desdobra de uma fonte única, formando uma trama sagrada de relações e inter-relações de que tudo se conecta a tudo. O pulsar de uma estrela na noite é o mesmo do coração. Homens, árvores, serras, rios e mares são um corpo, com ações interdependentes. Esse conceito só pode ser compreendido através do coração, ou seja, da natureza interna de cada um. Quando o humano das cidades petrificadas largarem as armas do intelecto, essa contribuição será compreendida. Nesse momento entraremos no ciclo da Unicidade, e a Terra sem Males se manifestará no reino humano (Jecupé, 1998, p.57).

A Mãe Terra dispõe de linhas energéticas que se igualam infinitamente aos meridianos, as linhas imaginárias responsáveis pela circulação da energia vital no corpo humano. Assim, o Povo de Pedra corresponde aos nossos ossos e a terra se

equipara à nossa carne. As águas de nossos planetas simbolizam nosso sangue, e fundam as marés de nossos sentimentos (Sams,1993).

Cosmopercepção das religiões de matriz afrobrasileira

Nas religiões de matriz afro-brasileira, a natureza é, também, divinizada, ou melhor, é a própria divindade, a ponte entre a ancestralidade, os seres humanos e os outros seres. Não se trata aqui, apenas, de um bem, um recurso natural ou um cenário paisagístico, mas elementos constitutivos da vida. É ela (natureza) que fundamenta e possibilita o existir. Tudo é vida e energia e tudo se interliga, pois cada parte do universo gerada por uma energia, chamada axé, que se torna ela própria, na sua plenitude, uma força capaz de manter e transformar o mundo.

> Para nós, Candomblecistas, usando a expressão de Júlio Braga, na natureza tudo tem uma razão de ser. O canto da cigarra fora de hora pode significar um sinal, bem como o piar da coruja. O florir de uma árvore, fora de suas características, pode querer dizer coisas que só nós entendemos [...]. Em todo lugar onde se encontrem os sinais naturais da criação, as árvores, os rios nas suas nascentes, os lagos e a fauna em plena liberdade, aí estarão em harmonia as representações das divindades da religião afro-brasileira (Duarte, 1998, p.19).

O encantamento da natureza é a força motriz das comunidades de terreiros. Mãe Runhó, sacerdotisa do *Terreiro do Bogum,* não tinha búzios (concha do mar). Ela fazia consulta oracular com qualquer objeto ao alcance das mãos: castanhas de caju, caroços de feijão, tampinhas de garrafas, botões de paletó. Gostava de conversar com as divindades, buscar respostas para as perguntas dos consulentes, através da leitura e interpretação das imagens e movimentos projetados no chão pelas árvores (Duarte, 2018). Desse modo, a natureza tornava-se “uma hierofania com diversas manifestações e erupções do sagrado no mundo” (Velame, 2021, p.22).

Ambiência

Antes de adentrar no mundo encantado das religiões de matriz afro-brasileiras, necessário se faz entender o conceito da palavra ambiência, no contexto da arquitetura e urbanismo e sua influência na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

Ao revisitar os documentos patrimoniais desde a década de 1930 até os dias atuais, constata-se que as formas urbanas, por sua própria natureza, são dinâmicas e mutáveis; mesmo os locais históricos de nossas cidades, frequentemente seus núcleos originais, estão sujeitos a mudanças contínuas em suas estruturas. No entanto, se essas transformações forem muito intensas, podem comprometer seriamente suas "ambiências históricas" (Viegas, Teixeira, 2015).

A ambiência histórica refere-se à harmonia na integração de um bem cultural com suas partes e o ambiente ao seu redor, envolvendo relações históricas, de uso, sociais, econômicas, culturais e diversas outras. Portanto, os projetos contemporâneos de intervenção em bens culturais não devem apenas considerar, mas também priorizar a preservação de suas ambiências históricas como um princípio fundamental (Viegas, Teixeira, 2015).

Segundo Ricci (2019), a importância de um bem patrimonial não se limita à sua imponência e história, mas à essência de seu vínculo com a mesma comunidade. Assim, o reconhecimento e a preservação de um patrimônio cultural estão intimamente atrelados ao grau de afetividade, apreço da comunidade para com o bem, o que torna objeto de grande valia e estima.

Das características singulares de um patrimônio histórico, a ambiência é uma das mais valiosas. A ambiência “é o espírito do lugar, a sensação intuitiva variável provocada no visitante quando o frequenta, desde o vento no rosto, o cheiro, a luminosidade e até mesmo o déjà-vu, a percepção do pertencimento em algum momento” (Ricci, 2019).

A ambiência ocorre a partir da humanização, através do equilíbrio de elementos que constituem os espaços, ponderando os motivos que viabilizam o protagonismo e a cooperação. Assim, o espaço é um cenário “onde se realizam relações sociais, políticas e econômicas de determinados grupos da sociedade, sendo uma situação construída coletivamente e incluindo as diferentes culturas e valores” (Bestetti, 2014).

De acordo com Bestetti (2014) a “arquitetura é a arte de construir para atender aos desejos da sociedade, buscando seu bem-estar, conforto e segurança”. Além de acolher elementos humanos e outros seres da natureza, a arquitetura pode retratar

histórias, expressar sentimentos e repertórios culturais de indivíduos ou grupos sociais.

Jean Paul Thibaud (2012), no artigo *A cidade através dos sentidos*[39], discorre sobre a ecologia urbana sensoriais (percepção) e afirma que a cidade contemporânea está em constante transformações, o que provoca a reconfiguração de sua aparência fragilizando, por conseguinte, o conceito de cidade, sendo mais correto, referir-se ao vocábulo urbano.

A despeito de ser demasiadamente precoce dizer que as demandas perceptuais representam uma ruptura com o passado e abre caminho para novas possibilidades e perspectivas na pesquisa contemporânea, Thibaud conclui ser possível, quando menos, reconhecer o desenvolvimento das referidas temáticas nas ciências humanas e sociais (Thibaud, 2012).

Como o espaço urbano na contemporaneidade impulsiona a sensibilidade dos cidadãos? De que forma a vivência sensível atua, enquanto observadora e operadora das transformações urbanas? Como o pensamento sobre a cidade sensível nos direciona quanto às formas de vida e os modos de convivência? Quais os instrumentos conceituais e metodológicos que podem ser utilizados para dar início às pesquisas de campo na área? (Thibaud, 2012).

Para explicar os questionamentos supracitados existem muitas correntes de pensamento, Thibaud (2012) destaca três delas que têm um apelo, um enfoque sensível para com os temas da cidade: a estética da modernidade; a estética ambiental e a estética das ambiências.

A estética da modernidade buscou investigar os resultados das transformações nas grandes cidades no início do século XX. Diferentemente de adotar uma leitura,

[39] *A cidade através dos sentidos*, publicado em 2010, “é um livro escrito por Jean-Paul Thibaud, sociólogo, doutor, professor da École Nationale Supérieure d’ Architecture de Grenoble, França (THIBAUD,2012). Membro de um laboratório francês de pesquisas, o autor trabalha com os temas: percepção situada, relações sociais, ambientes sensoriais usuais e desenho urbano. Está acostumado a trabalhar com arquitetos e engenheiros; seu campo principal de pesquisa se relaciona a lugares urbanos públicos. O autor busca melhor entender como os moradores da cidade experienciam, percebem e usam os lugares públicos (THIBAUD,2005). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000100022

introspectiva, ontológica, a atuação limitou-se a multiplicar as cenas microscópicas diária para registrar um retrato da cultura sensível moderna. “A cidade é, então, tomada pelo “fenômeno da importância medíocre” (Simmel), pelas “manifestações superficiais discretas” (*Kracauer*) e por suas “imagens dialéticas” (Benjamin) que são observadas, descritas e decifradas” (Thibaud, 2012).

Inspirada, exponencialmente, pela cultura da estética da natureza do século XVIII, a estética ambiental preocupou-se em investigar o papel da natureza nos espaços vividos. Essa corrente de pensamento surgiu no terço final do século passado, devido ao despertar dos cidadãos pelos temas ambientais. Inicialmente tomou-se como referência o ambiente natural, a arte do paisagismo, os espaços selvagens e as áreas agrícolas para, gradativamente, se debruçar sobre os ambientes construídos em meio urbano e o vasto campo da arte ambiental (Thibaud, 2012).

Quanto à estética da ambiência é uma abordagem recente e embrionária. Thibaud (2012) defende que a ideia de ambiência resgata “o lugar dos sentidos na experiência dos espaços vividos” (percepção), bem como viabiliza desenhar os modos de sentir a vida urbana, prospectar e criar espaços urbanísticos e arquitetônicos.

> A ambiência não existe somente no nível de recepção sensorial, mas também no nível de produção material (Amphoux *et al.*, 1998; Daidalos, 1998). Diversos criadores, tais como Adolphe Appia (espaço cênico), Michael Chekhov (performance teatral) ou Peter Zumthor (projeto arquitetônico), comprovam a importância e a eficácia das “atmosferas” para o ato criativo. Em cada um desses casos, percebe-se que é a ambiência que dá vida a um ambiente, produzindo um efeito de conjunto e conferindo seu tom único, singular. Como afirmou Michael Chekhov (1991), “sem a atmosfera, uma performance torna-se mecânica demais”. Obviamente, isso vale não só para a criação artística, mas também se aplica às múltiplas invenções e criações do cotidiano. Em suma, a ambiência convoca, ao mesmo tempo, uma poiesis e uma estética dos ambientes construídos. O desafio é ajustar essas duas dimensões e relacioná-las às atuais mutações da urbe (Thibaud, 2012).

Desse modo, a estética[40] (percepção) da ambiência deixa de ser um item secundário e torna-se um componente essencial no pensamento urbanístico contemporâneo. A visão clássica do “controle das ambiências” preocupada apenas com a disseminação

[40] Convém ressaltar que o termo “estética” deve ser compreendido aqui em seu sentido original de aesthesis, isto é: a percepção pelos sentidos e não somente como julgamento de gosto ou filosofia da beleza (Thibaud, 2012).

de marcas em espaços edificados definidos a partir de uma perspectiva material, desloca-se para um conceito interdisciplinar que resgata a relevância da percepção sensível e da experiência estética (Augoyard, 1995). “É aqui que emergem os aportes das ciências humanas e sociais que passam a se articular com os campos de planejamento, projeto e de engenharia” (Thibaud, 2012).

Arquiteturas de terreiros

Velame (2022), por meio de uma metodologia genealógica e comparativa, examina as arquiteturas dos terreiros de candomblé na Bahia, com base nas reflexões e definições elaboradas por historiadores, sociólogos e antropólogos desde o final do século XIX até os dias atuais.

Os autores investigados por Velame incluem Nina Rodrigues, Edson Carneiro, Pierre Verger, Roger Bastide, Juana Elbein Santos, Raul Lody, Jussara Rego, Kátia Matoso, João Reis, Jocélio Teles, Muniz Sodré, Ulisses Rafael, Júlio Braga e Louis Marcelin. O resultado obtido revela a existência de duas vertentes nos estudos: a africanista e a crioulista, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Comparativo entre africanistas e crioulistas

ARQUITETURA DOS TERREIROS (VERTENTES)	PERÍODO	AUTORES	CARACTERÍSTICAS
AFRICANISTA	Final do século XIX até os anos de 1980	Nina Rodrigues, Edson Carneiro, Pierre Verger, Roger Bastide, Juana Elbein Santos, Raul Lody, Jussara Rego (VELAME, 2022).	“Continuidade das práticas culturais africanas no novo mundo; estudos comparativos entre o Brasil e a África em busca das permanências, as origens e referências africanas; resistência cultural, religiosa, artística e linguística; a busca do mesmo, do igual e do idêntico; romantização do negro no novo mundo; a defesa da ideia de que que o candomblé foi institucionalizado pelos africanos; a posição de que as arquiteturas dos terreiros se pautavam em modelos, formas e referências e tipologias”. (VELAME, 2022, p.121-122)
CRIOULISTA	Meados de 1980 até a contemporanei-dade.	Kátia Mattoso, Jocélio Telles, Muniz Sodré, Júlio Braga, Louis H. Marcelin	“ressignificação, reinvenção, adaptações culturais africanas no Novo Mundo; criações e invenções do negro no Brasil em seu novo contexto social; interações culturais do africano com outras etnias africanas, indígenas e europeias; estudos comparativos entre o Brasil e África em

ARQUITETURA DOS TERREIROS (VERTENTES)	PERÍODO	AUTORES	CARACTERÍSTICAS
		(VELAME, 2022).	busca dos elementos em comuns, mas também, e, principalmente, as distinções entre práticas culturais africanas e afro-brasileiras; a proposição de que o candomblé foi institucionalizado pelos crioulos (filhos de africanos nascidos no Brasil); a defesa de que as arquiteturas dos terreiros de candomblé apresentam transformações (espaço-temporalidades), redes, diversidades de configurações espaciais. (VELAME, 2022, p.122)

Elaboração Maria Alice Silva, 2023. Fonte: in Arquitetura dos terreiros de candomblé: entre os africanistas e crioulistas (VELAME, 2022).

Nina Rodrigues[41], renomado médico-legista e professor titular da Faculdade de Medicina da Bahia, abriu os caminhos para o desenvolvimento dos estudos afro-brasileiros com a publicação da obra clássica 'O Animismo Fetichista dos Negros Baianos' em 1896. Rodrigues adotou como referencial teórico a sua formação eurocêntrica, criando dois conceitos básicos para explicar as arquiteturas dos terreiros de candomblé: I — a reprodução da arquitetura africana no Brasil; II — a existência de um protótipo arquitetônico (Velame, 2022)

Conforme Velame (2022, p.123), o cientista conduziu “uma minuciosa autópsia arquitetônica, dissecando com seu bisturi, sua caneta e seu olhar positivista cada parte do corpo arquitetônico do Terreiro de Candomblé do *Gantois*”. De posse de uma descrição robusta e detalhada da arquitetura do terreiro *Gantois* e suas ambientações, Nina Rodrigues elaborou uma análise comparativa com outros terreiros de Salvador, utilizando os quartos dos santos, especialmente os *Pejis*, como parâmetro arquitetônico (Velame, 2022).

[41] “Nina Rodrigues foi um privilegiado observador das últimas décadas da escravidão, do processo de abolição e dos primeiros anos de liberdade do negro no Brasil. Constituiu uma testemunha ocular da virada do século, do universo do negro no crepúsculo do Império e na Alvorada da Velha (Nova) República, convivendo com diversos africanos de várias nacionalidades e línguas. Sobre essa forte influência desse convívio, ele elabora o discurso da continuidade da arquitetura africana no Brasil, embora, paradoxalmente, Nina Rodrigues (2005, p.118) nunca fora à Àfrica, o que impossibilitou de estabelecer um comparativo mais consistente. Morrera jovem, aos 44 anos de idade em 1906, em Paris”. (Velame, 2022, p.122-123).

O autor adotou o Terreiro do *Gantois* como modelo arquitetônico, criando três categorias para os terreiros de Candomblé: 1 – “Terreiros de africanos e terreiros nacionais ou crioulos; 2 – Terreiros de Candomblé e templos domésticos; 3 – Terreiros do interior e terreiros da capital"(Velame, 2022, p.124).

No contexto dos terreiros nacionais, por outro lado, os fundadores e líderes são geralmente mulatos ou crioulos, isto é, filhos de africanos nascidos no Brasil. Esses indivíduos tiveram um contato mais amplo e intenso com as culturas ameríndias, especialmente os *Tupinambás* e os *Kiriri*, além das influências europeias, como o catolicismo português, e de outras etnias africanas, distintas das presentes nos países de origem de seus pais, em um processo de hibridização (Velame, 2022).

A segunda classificação diferencia os espaços entre terreiros de Candomblé e templos domésticos, orientando-se pela geografia funcional. Os Terreiros de Candomblé são caracterizados como casas de axé localizadas "nas cercanias da cidade, em zonas semiurbanizadas e rurais". Em contrapartida, os templos domésticos englobam residências comuns, situadas no centro antigo, no entorno próximo do centro e em bairros populares (Velame, 2022, p.125).

Com base na orientação geográfica-formal, a terceira classificação divide os terreiros em duas categorias: terreiros da capital e terreiros do interior. Os terreiros da capital são identificados como chácaras ou roças consideradas sagradas, utilizadas exclusivamente em grandes celebrações anuais, sem residência fixa e habitadas apenas pelos orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados (Velame, 2022; Silva, 2019). Quanto aos terreiros do interior, são exemplificados aqueles do Recôncavo Baiano, como Cachoeira, São Félix, Maragogipe, Santo Amaro, entre outros (Velame, 2022). Essa categorização reflete uma fusão dos terreiros de candomblé com os templos domésticos em um mesmo espaço.

Edson Carneiro, etnólogo, historiador e folclorista, discípulo de Nina Rodrigues e defensor do positivismo progressista, desenvolveu suas pesquisas durante o Estado Novo, tornando-se o primeiro autor a produzir um estudo sistematizado sobre as religiões de matriz africana na Bahia (Velame, 2022). Defendendo um modelo de culto dominante, o autor, com base em um estudo detalhado realizado no terreiro Casa Branca, (nação nagô), realizou um cadastro minucioso dos modelos construtivos do

templo. Seguindo o princípio da matricialidade, ele elege, como referência, o terreiro considerado o mais antigo, criando duas categorias: terreiros antigos e terreiros recentes, além de casas construídas especificamente para os Candomblés e casas sem distinções (Velame, 2022)

Pierre Verger, o francês reconhecido como etnógrafo, etnólogo, historiador, fotógrafo e viajante, não focalizou sua pesquisa na arquitetura dos terreiros de candomblé. Com uma perspectiva etnográfica e artística, ele documentou os templos africanos na Nigéria (Iorubás) e no Benim (Daomenianos). Sua obra fortaleceu a ideia de preservação da cultura africana no território brasileiro (africanismo), empreendendo diligências em busca das origens e dos exemplos africanos. Essas iniciativas tinham como objetivo estabelecer fundamentos para estudos comparativos futuros entre a África e o Novo Mundo (Velame, 2022).

Para documentar os rituais africanos, especialmente os fluxos das oferendas e os movimentos das divindades e deuses, Pierre Verger desenvolveu diagramas de fluxos e cartografias do corpo em movimento, representados nos desenhos gerais de plantas dos templos africanos. Ele empregou esse método etnográfico ao registrar as celebrações dos Inhames de *Pobé* nos templos de *Are* e de *Ondó*, no Benim, bem como na cerimônia dos Orixás Ogum *Igbo-Igbo*, realizada na pequena aldeia de Ishede, em Holi, região de floresta na fronteira do Benin com a Nigéria (Velame, 2022).

Roger Bastide, antropólogo, deixou um legado significativo com a publicação de "O Candomblé da Bahia" em 1958, fundamentando-se no pensamento antropológico estrutural-funcional e no conceito africanista de Melville J. Herskovits. Ele escolheu o *Ilê Axé Opô Afonjá* como paradigma de terreiro nagô, introduzindo o conceito da "África em Miniatura". Isso refere-se à ideia de uma estrutura que transpõe e reproduz a geografia africana, representando uma continuidade da África no Brasil e um purismo hegemônico nagô, onde as relações entre as partes constituem o todo (Velame, 2022, p.141).

Juana Elbein Santos, autora de "Os Nagô e a Morte", contribuiu para o debate com uma abordagem estruturalista, destacando o *Ilê Axé Opô Afonjá* como exemplo de terreiro de candomblé nagô. Ela introduz o conceito estrutural arquitetônico urbano-

mato, ressaltando que o terreiro é composto por dois espaços: um urbano e outro mato (Velame, 2022).

Júlio Braga, babalorixá, antropólogo e historiador, apresentou um trabalho inovador no Brasil sobre a repressão policial aos Candomblés, intitulado "Na Gamela do Feitiço: Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia", publicado em 1995. Nele, Braga sustenta a tese de que a arquitetura dos terreiros de candomblé assemelhava-se a uma casa simples, longe de ser comparada a um templo afro-religioso clássico. Essa estratégia era uma forma de resistência à repressão policial da época, respaldada pelo código criminal vigente (Velame, 2022).

Raul Lody, sociólogo estruturalista, sustenta a presença de três modelos fundamentais de cultos afro-brasileiros: os Candomblés da Bahia, os Xangô de Recife e os Tambores de Minas. Seguindo a tradição de Pierre Verger, Roger Bastide e Juana Santos, o autor defende a ideia da continuidade da herança africana no Brasil (Velame, 2022).

Jussara Rego, geógrafa, ao abordar as significativas perdas nas áreas de mata dos terreiros da cidade de Salvador, especialmente a Casa Branca, ressignifica o conceito de modelo urbano-mato criado por Juana Santos. Em seu artigo intitulado "Territórios de candomblé: a desterritorialização dos terreiros na região metropolitana de Salvador-Bahia", ela propõe o modelo território-rede. Nesse modelo, os espaços construídos, tanto urbanos quanto naturais, dos terreiros estariam distribuídos em praças, avenidas, terrenos baldios e parques públicos (Velame, 2022).

A vertente africanista impõe o purismo, incorporando à arquitetura a visão da África mítica, imaculada e pura. Essa abordagem busca expressar a unicidade por meio de elementos fechados, herméticos e um todo indivisível, negando, assim, sua relação com a cidade e as dinâmicas urbanas (Velame, 2022).

Kátia Mattoso, historiadora, em sua obra "Bahia século XIX: uma província do império", foi a primeira a questionar a validade da tese da vertente africanista, especialmente a estrutura urbano-mato. Ela argumenta contra a presença de modelos arquitetônicos específicos para terreiros de candomblé e destaca a diversidade nas configurações espaciais dos templos religiosos de origens africanas, ressaltando a influência das dinâmicas urbanas (Velame, 2022).

O antropólogo Jocélio Telles, no âmbito da história e antropologia social, publicou em 2005 o livro "Candomblé e espaço urbano na Bahia do século XIX", no qual apresenta dados estatísticos sobre a presença dos terreiros nos centros urbanos. Suas observações corroboram as argumentações de Kátia Mattoso, destacando a diversidade nas formas espaciais das comunidades de terreiros, influenciada pelas dinâmicas urbanas que abrangem as relações do povo de santo com o trabalho, o mercado religioso, a habitação e a mobilidade (Velame, 2022).

> Jocélio Telles demonstra através de seus estudos sobre a perseguição aos candomblés do século XIX existentes em Salvador, tendo como fontes as denúncias nos jornais da época que entre 1850 e 1897, existiam 74 terreiros de candomblé na cidade do Salvador, assim distribuídos: 17 na Freguesia da Sé; nove na Freguesia de Nossa Srª da Vitória; dois na Freguesia de Nossa Srª da Conceição da Praia; três na Freguesia do Pilar; dois na Freguesia de Nossa Senhora da Penha; 16 na Freguesia de Santo Antônio Além do Carmo; oito na Freguesia de São Pedro Velho; sete na Freguesia de Santana do Sacramento; nove na Freguesia de Nossa Senhora de Brotas; quatro na Freguesia do Santíssimo Sacramento da Rua do Passo; e quatro na Freguesia de São Bartolomeu de Pirajá, só na Freguesia da Sé, entre 1847 e 1870, foram realizadas 24 denúncias à polícia sobre a existência de terreiros. Mostra, ainda a grande pressão que a polícia exercia sobre os candomblés do centro da cidade, no século XIX, evidenciando sua quantidade “inoportuna”, e a luta da polícia em retirá-los do centro antigo e empurrá-los cada vez mais para a preferia da cidade (Velame, 2022, p.143 - 144).

O autor destaca ainda a intensa pressão exercida no século XIX pela polícia sobre os Candomblés da cidade, evidenciando sua quantidade considerada inaceitável e a luta do poder público em removê-los do centro antigo, expulsando-os cada vez mais para as áreas periféricas. A lógica consistia em transferir os terreiros de candomblé para longe do centro urbano diante do desafio de erradicá-los devido à sua rápida propagação na cidade (Velame, 2022).

Ao analisar a presença do Caboclo no Candomblé e incorporar a cabana em sua espacialidade, Telles contempla os processos de hibridação e paralelismo espacial, que envolvem a integração de elementos culturais da sociedade mais ampla. Essa abordagem representa uma ruptura com a ideia de purismo (Velame, 2022).

Muniz Sodré, jornalista, sociólogo e tradutor, adotando uma perspectiva fenomenológica existencial e afrocentrada nas transformações, principalmente nas temporalidades afro-brasileiras, em sua obra "O Terreiro e a Cidade: A Forma Social do Negro", aborda e enfatiza a importância das culturas das casas de axé e sua relação e interação com a cidade. Ele explora o conceito de "lugares sagrados" que

se conectam a uma "pluralidade e heterogeneidade" de locais por meio dos rituais do candomblé (Velame, 2022).

Com base na fenomenologia, Sodré, citado por Velame (2022), argumenta que "o tempo, as temporalidades, o lugar, o corpo, o rito, o mito e o sagrado afro-brasileiro" são elementos fundamentais na formação, estruturação e evolução das arquiteturas dos terreiros, que estão em constante fluxo e transformação. Essa abordagem rompe com a ideia de padrões e categorias estáticas e imutáveis, reconhecendo a dinâmica e a fluidez que caracterizam a manifestação arquitetônica nos contextos religiosos afro-brasileiros (Velame, 2022, p.152).

Júlio Braga, um dos representantes da vertente crioulista, desempenhando o papel de *Ojé* (sacerdote de culto aos *Egum* - mortos), também desempenha um papel significativo nessa perspectiva. Utilizando a Antropologia Interpretativa ou Antropologia da Hermenêutica, o autor aprofunda a investigação da arquitetura dos terreiros. Por meio de uma descrição detalhada e densa, ele explora a singularidade e complexidade dos terreiros de *Egum*, abordando sua espacialidade, elementos simbólicos, rituais, relações de gênero, hierarquias e inter-relações sociais e topológicas (Velame, 2022).

Louins Herns Marcelin, antropólogo haitiano, ao adotar a abordagem da história social, dedica-se a examinar as arquiteturas dos terreiros de candomblé considerando as relações de vizinhança, parentesco e família extensa. Ele estabelece conexões entre a arquitetura, o bairro e a cidade por meio das atividades cotidianas, problematizando a relação entre terreiro e cidade. Marcelin rompe com a ideia de unidade, percebendo os terreiros como uma teia, uma rede que se estende do templo para a rua, bairro e cidade (Velame, 2022).

Nessa perspectiva, Muniz Sodré, citado por Velame (2022), destaca a inexistência de modelos fixos, visto que essas arquiteturas passam por transformações ao longo do tempo. Trata-se de uma construção coletiva atemporal que estabelece lugares e redes do sagrado afro-brasileiro por meio dos rituais litúrgicos do Candomblé. A vertente crioulista, fundamentada nos princípios da transformação, hibridismo e diversidade, explora a inter-relação do terreiro com a cidade, utilizando a arquitetura para expressar o dinamismo, o movimento e a eterna transformação.

Quanto ao conceito de hibridismo, destacam-se simultaneamente elementos como "o mestiço, o crioulo, o africano, os orixás, os *voduns*, os *inquices*, os caboclos (*Kiriris* e os Tupinambás), os santos católicos, as ciganas, os ancestrais e os desvalidos"(Velame, 2022, p.153). No que se refere à diversidade, essa se reflete na arquitetura por meio de eventos, elementos singulares, desvios, escapadas, redes, interconexões, interpenetrações e características distintas. Essa combinação de atributos confere singularidade a cada arquitetura de terreiro de candomblé (Velame, 2022).

Até então, a arquitetura de terreiro era um tema desconhecido para arquitetos e urbanistas brasileiros, especialmente para os profissionais da empresa responsável pelo projeto arquitetônico do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. Esses especialistas não tinham conhecimento prévio sobre a Pedra de Xangô e as dinâmicas dos terreiros. Compreender o processo e o fluxo de Axé tornou-se essencial, pois, para o Povo de Terreiro, habitar é criar, edificar e cuidar de lugares sagrados (Velame, 2022).

Adotando uma perspectiva transdisciplinar e interdisciplinar, a abordagem epistemológica optou conceber o projeto, tendo como âncora os valores e princípios das religiões de matriz africana e afro-brasileira. Integrando elementos da arquitetura, urbanismo, antropologia cultural, estudos religiosos e saberes tradicionais, essa abordagem holística permitiu uma compreensão mais profunda e sensível das dinâmicas culturais, espirituais e arquitetônicas presentes nos terreiros de Candomblé.

O Candomblé, como principal fonte teórica, me permitiu investigar o paradigma da governança espiritual dentro da filosofia africana. Essa abordagem transcende as correntes teóricas apresentadas, fundamentando-se nas energias do Axé e na influência das divindades afro-brasileiras nas decisões e orientações arquitetônicas e urbanísticas.

I.2 Governança em Unidades de Conservação – UC: evolução histórica e conceitual

O conceito de governança tem suas raízes nos estudos pioneiros de Ronald Coase, publicados em 1937 sob o título *A Natureza da Empresa* (Coase, 1991). Esses estudos fundamentais de Coase foram posteriormente aprimorados por Oliver Williamson (1975) em sua obra *Governança Corporativa*. Governança, conforme analisado por Coase e expandido por Williamson, refere-se aos mecanismos operacionais adotados pela empresa para coordenar efetivamente atividades que abrangem dois domínios: os protocolos internos, quando a empresa desenvolve suas redes e questiona as hierarquias internas; e os contratos e a aplicação de normas, quando ela se envolve em práticas de terceirização. Isso sugere uma transição de empresas com estruturas hierarquizadas e integração vertical para organizações globais e em rede (Matias Pereira, 2014).

Ao introduzir de forma pioneira o conceito de governança em seu livro *Governance and development*, o Banco Mundial o caracteriza como: "a maneira como o poder é exercido na gestão dos recursos econômicos e sociais para o desenvolvimento" (World Bank, 1992, p. 01, tradução nossa).

Segundo o Banco Mundial, a boa governança está intrinsicamente ligada a uma administração sólida do desenvolvimento. A experiência do Banco destaca que, apesar de programas e projetos que financia serem tecnicamente robustos, muitas vezes não conseguem alcançar os resultados esperados devido à qualidade da ação governamental. Entre vários fatores relevantes para o tema em análise, a ausência de envolvimento dos beneficiários e demais partes interessadas na concepção e implementação de projetos pode comprometer significativamente a sustentabilidade dessas iniciativas (World Bank, 1992, p. 01).

Inicialmente empregado no âmbito da administração de empresas, o termo governança tem sido amplamente incorporado ao longo das últimas décadas por diversos setores, incluindo o Terceiro Setor, cooperativas, estatais, fundações, órgãos governamentais, entre outros.

Assim a governança torna-se um conceito polissêmico, ambíguo e multidimensional (Rose-Ackerman, 2017), baseado em diversas correntes teóricas (Buta *et al*, 2020). Do ponto de vista normativo, a boa governança representa condições ideais a serem atingidas, condições que têm sido cada vez mais ampliadas, tornando-se quase um remédio, uma alternativa única de cura, para diversos males globais. Os desafios inerentes à boa governança não se restringem apenas à efetividade, *accountability*, transparência e legalidade, mas agora também abrangem condições de equidade, participação social, democracia, inclusão, respeito aos direitos humanos, entre outros (Grindle, 2017, *apud* Buta *et al,* 2020). A diversidade de significados e operacionalização dos conceitos geram problemas no que tange aos aspectos normativos dificultando a análise em diferentes contextos (Gisselquist, 2014; Buta *et al*, 2020).

De acordo com Graham, Amos e Plumptre (2003), a governança não é um problema de "governo". Refere-se a como os governos e outras organizações sociais interagem, como se relacionam com os cidadãos e como as decisões são tomadas em um mundo complexo. Portanto, a governança é um processo pelo qual as sociedades ou organizações tomam suas decisões importantes, determinam quem envolvem no processo e como prestam contas.

Enfim, na esfera da administração pública, a Governança pode ser compreendida como o sistema e o processo que estabelecem o equilíbrio de poder entre os diversos participantes, incluindo cidadãos, representantes eleitos (governantes), alta administração, gestores e colaboradores. Seu objetivo é assegurar a prevalência do bem comum sobre os interesses individuais ou de grupos específicos Tribunais de Contas da União (TCU, 2020).

I.3 Governança em Unidades de Conservação da Natureza no Brasil

Durante o 5º World Park Congress, John Graham, Burce Amos e Tim Plumptre (2003), por meio do *Institute On Governance* (IOG) [42], definiram os princípios da governança

[42] "O Institute On Governance (IOG) é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1990. Sua missão é explorar, compartilhar e promover a boa governança no Canadá e no exterior, e ajudar governos, organizações do setor público, o setor voluntário, comunidades e o setor privado colocar isso

no século XXI - em áreas protegidas como a interação entre estruturas, processos e tradições que influenciam o exercício do poder nas decisões e na prestação de contas, envolvendo a participação da sociedade e dos atores sociais ao longo da criação, implementação e gestão de um sítio protegido.

Jeronymo *et al.* (2020), no artigo "Uma análise da dimensão 'tipo de governança' em Unidades de Conservação da Natureza no Brasil, a partir das orientações do Sistema Internacional de Áreas Protegidas (SIAP) da *International Union for Conservation of Nature*[43] (IUCN) para os Sistemas Nacionais de Áreas Protegidas (SNAPs)," questionam o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e o Decreto 4340/2002, que o regulamenta, por não permitir que as Unidades de Conservação exerçam todas as combinações possíveis de tipos de governança de áreas protegidas.

A Lei Federal nº 9.985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), tem como propósito orientar a criação, implantação e gestão das Unidades de Conservação (UCs), abrangendo princípios, diretrizes, objetivos, determinações e instrumentos para a administração de áreas protegidas no Brasil. Essa legislação abraça os conceitos de preservação e conservação, sendo a proteção considerada um conceito abrangente. O SNUC classifica as categorias de manejo de

em prática. Na nossa perspectiva, a governança compreende as tradições, instituições e processos que determinam a forma como o poder é exercido, como é dada voz aos cidadãos e como são tomadas as decisões sobre questões de interesse público. As nossas atividades atuais enquadram-se nos seguintes temas gerais: Modernização do Governo; Conselho e Governança Organizacional; Governança Aborígena; Construindo Parcerias Fortes; Saúde e Inovação; e Programação Internacional. Na prossecução destes temas, trabalhamos no Canadá e internacionalmente. Prestamos assessoria em questões de governança a organizações dos setores público, privado e sem fins lucrativos. Reunimos pessoas em diversos ambientes, eventos e atividades de desenvolvimento profissional para promover a aprendizagem e o diálogo sobre questões de governança. Realizamos pesquisas relevantes para políticas e publicamos resultados na forma de resumos de políticas e documentos de pesquisa. Você encontrará informações adicionais sobre o Instituto e nossas atividades atuais em nosso site www.iog.ca" (Graham, Amos e Plumptre, 2003- tradução nossa).

[43] União Internacional para a Conservação da Natureza - A IUCN – é um fórum global constituída por organizações ambientalistas governamentais e não governamentais. Fundada em 1948, é a maior e mais antiga entidade do gênero, considerada "autoridade global sobre o status do mundo natural e as medidas necessárias para protegê-lo". Sua missão é encontrar soluções para a conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável. Reúne mais de 1.400 organizações de 160 países, possui mais de 18 mil pesquisadores e especialistas voluntários. (Fonte: Sobre | IUCN, acesso em: jun./2021 - dados de 2021.

UC em dois grupos principais: Proteção Integral e Uso Sustentável, diferenciando-se principalmente pelo enfoque no uso dos recursos naturais (BRASIL, 2000).

Nas Unidades de Conservação (UC) do grupo de Proteção Integral, apenas são permitidos os usos indiretos dos recursos naturais, ou seja, atividades que não envolvem consumo, coleta, dano ou destruição dos recursos naturais (BRASIL, 2000, Art. 2º, IX). Conforme o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), Lei n. 9.985 de 2000 (BRASIL, 2000), as categorias de manejo do grupo de Proteção Integral incluem Estação Ecológica (ESEC), destinada à preservação da natureza e pesquisa científica (Art. 9º); Reserva Biológica (REBIO); Parque Nacional (PARNA); Monumento Natural (MONA); Refúgio da Vida Silvestre (RVS) (Jeronymo *et al.,* 2020).

As Unidades de Conservação - UC do grupo de Uso Sustentável possibilitam os usos diretos dos recursos naturais, ou seja, atividades que envolvem coleta e uso, comercial ou não, dos recursos naturais (BRASIL, 2000, Art. 2º, X), desde que compatibilizados com a "conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais" (BRASIL, 2000, Art. 7º, II, §2º). Entre as categorias de manejo do grupo de Unidades de Uso Sustentável estão: Área de Proteção Ambiental (APA); Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE); Floresta Nacional (FLONA); Reserva Extrativista (RESEX); Reserva de Fauna (REFAU); Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS); Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) (Jeronymo *et al.*, 2020).

Jeronymo e colaboradores analisaram, com base nos estudos de Borrini *et al.* (2013), os diversos tipos de governança que cada categoria de manejo de Unidade de Conservação (UC) pode adotar. A governança de áreas protegidas é caracterizada por duas dimensões principais: tipo e qualidade. Os tipos de governança incluem (a) Governança do Estado; (b) Governança Compartilhada ou Cogestão; (c) Governança Privada; (d) Governança Comunitária. Além disso, a dimensão da qualidade refere-se à noção de boa governança, conforme discutido por Graham, Amos e Plumptre, 2003; Jeronymo *et al.*, 2020).

Na Governança do Estado, o poder, a autoridade e a responsabilidade pela gestão e prestação de contas da área protegida estão concentrados no âmbito do poder público. Em contrapartida, na Governança Compartilhada ou Cogestão, participam

diversos atores (governamentais e não-governamentais) de maneira formal ou informal. A governança compartilhada não se restringe exclusivamente a áreas protegidas e, de fato, está se tornando mais comum em diversos outros setores (Graham, Amos e Plumptre, 2003; Borrini, 2013, Jeronymo *et al.* 2020)

A governança privada refere-se à gestão de áreas protegidas sob controle e/ou propriedade individual, de ONGs ou corporativas, frequentemente designadas como "áreas protegidas privadas". Devido à considerável presença de biodiversidade em terras privadas, organizações do setor privado podem exercer um papel crucial como proprietários e gestores dessas áreas dedicadas à preservação da natureza (Borrini, 2013).

Na Governança Privada, compete ao proprietário da área protegida exercer o poder, a autoridade e assumir a responsabilidade sobre o bem. Ao poder público, cabe, apenas a fiscalização do sítio (Jeronymo *et al.*, 2020). A Estação VeraCruz é um notável exemplo. Localizada em área privada, integrante da Costa do Descobrimento, esta estação se estende pelos estados da Bahia e do Espírito Santo, totalizando 112 mil hectares de Mata Atlântica e restingas (Borrini, 2013, UNESCO[44]).

A governança comunitária, ou governança em "Espaço comunitário", refere-se a atividades realizadas em nível local, onde a entidade organizadora não pode assumir uma forma jurídica e quando não é possível estabelecer um conselho diretivo formalmente constituído (Graham, Amos e Plumptre, 2003).

Os resultados do estudo indicam que as orientações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e do Decreto nº 4.340/2002 impedem que as

[44] A Veracel Celulose, anteriormente Veracruz Florestal Ltda, iniciou suas atividades na região sul da Bahia em 1991, adquirindo as primeiras terras com o propósito de formar uma base florestal para a implantação de uma unidade industrial de fabricação de celulose branqueada de eucalipto. Em 1992, a empresa adquiriu a área denominada Fazenda São Miguel, com 6.069 hectares. Entre 1994 e 1996, foi estabelecida a Estação Veracruz, dando início à implantação de infraestrutura para receber visitantes. Em 1998, a Estação Veracruz recebeu o reconhecimento oficial do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) como Reserva Particular do Patrimônio Natural, conforme a Portaria nº 149/98-N, de 5 de novembro. A Portaria nº 38, de 5 de maio de 2009, publicada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), aprovou o plano de manejo da RPPN e alterou seu nome para Estação Veracel. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/porto-seguro-estacao-veracruz/#!/map=38329&loc=-16.38394180903203,-39.1675740480423,17. Acesso em: 24 jan 2024.

categorias de manejo das Unidades de Conservação (UC) exerçam todos os tipos de governança de áreas protegidas. Essa restrição apresenta desafios significativos para a gestão dessas áreas (Jeronymo *et al.*, 2020).

Além de as categorias de manejo das Unidades de Conservação (UC) não terem a capacidade de exercer todos os tipos de governança de áreas protegidas, o Brasil não segue a recomendação do Sistema Internacional de Áreas Protegidas (SIAP) da *International Union for Conservation of Nature* (IUCN) de preencher cada combinação possível de tipo de governança de área protegida e de domínio. Isso torna o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) um Sistema Nacional de Áreas Protegidas (SNAP) não pleno e suscetível a excluir comunidades locais e tradicionais de sua gestão, potencialmente gerando conflitos (Jeronymo *et al.*, 2020).

Antes de abordar o tema da Governança Espiritual, apresentei sucintamente o conceito de governança em Unidades de Conservação no mundo e no Brasil. Essa abordagem inicial teve como objetivo proporcionar uma visão abrangente do tema, identificar lacunas e contribuir para o aprimoramento da legislação e, por conseguinte, da gestão. Ficou evidente os riscos enfrentados pelas comunidades locais e tradicionais, incluindo possíveis exclusões e apagamento das comunidades, suas culturas e tradições no território. Com essa breve explanação, introduzo o cerne desta tese: a Governança Espiritual.

I.4 Governança Espiritual em Unidades de Conservação

Governança Espiritual, conforme descrita por Studley e Horsley em 2018, representa um comportamento distintivo observado em muitas comunidades indígenas ao redor do mundo. Esse comportamento é caracterizado pela proteção ritualística da maior parte da biodiversidade global situada fora das áreas oficialmente designadas como de proteção. O conceito de Governança Espiritual é especialmente aplicado para esclarecer a gestão dos Sítios Naturais Sagrados (SNS), os quais são ritualizados por essas comunidades indígenas dentro de suas visões de mundo específicas (Studley e Horsley, 2018).

A Governança Espiritual proporciona espaço para a aceitação de múltiplos mundos, convocando formas alternativas de conhecer e estar no mundo. Essa abordagem

oferece a possibilidade de existir em um mundo que abarca diversos mundos, concedendo uma certa liberdade para reinterpretar a existência (Studley e Horsley, 2018). Os estudos revelaram que, embora os conservacionistas tenham reconhecido os sítios naturais sagrados indígenas como refúgios da biodiversidade, a plena importância do conceito de Governança Espiritual ainda não havia sido totalmente assimilada (Studley e Horsley, 2018).

Segundo Studley e Horsley (2018), para salvaguardar a maior parte da biodiversidade do planeta, é imperativo ampliar o conceito de governança para incorporar a Governança Espiritual. Isso não se limita apenas aos espaços contidos em áreas legalmente protegidas, mas enfatiza, em particular, as áreas de conservação e os Sítios Naturais Sagrados (SNS) dos povos indígenas estendendo-se aos povos de comunidades tradicionais. Essa abordagem busca reconhecer e respeitar as práticas espirituais e culturais que desempenham um papel vital na preservação da biodiversidade e na sustentabilidade dos ecossistemas.

A instituição da governança, juntamente com suas normas associadas, não é percebida como um mero instrumento de gerenciamento de recursos pelos povos que as praticam. No entanto, frequentemente demonstram uma semelhança funcional com as instituições formais de conservação da natureza, devendo ser reconhecidas no planejamento de conservação e integradas à matriz de governança proposta pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) (Studley e Horsley, 2018. Esses saberes estão em coevolução nas dinâmicas de diversificação dos conhecimentos culturais, inseparáveis da natureza. Esse desafio implica uma revisão fundamental da abordagem científica convencional para abraçar uma perspectiva mais integradora e espiritualmente informada (Studley e Horsley, 2018).

A pesquisa aborda a temática da Governança Espiritual Afro-brasileira, focando no sagrado afro-brasileiro na construção do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. Esse tema central mereceu uma exploração aprofundada para uma compreensão mais completa do conteúdo proposto na tese. Para contextualizá-lo, segue uma breve conceituação.

I.5 Governança Espiritual Afro-brasileira

As religiões africanas e afro-brasileiras têm como base a concepção de que tudo é energia, e as diversas formas dessa energia geram interações dinâmicas complexas e sistêmicas. Os orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados são seres espirituais dotados de poder mítico que comandam, de maneira transdisciplinar, a vida e a existência tanto de seres humanos quanto dos demais seres. Nesse sentido, pode-se afirmar que a Governança Espiritual Afro-brasileira é uma tecnologia ancestral, representada pelo Candomblé presente nas comunidades de terreiros e em diversos territórios e sítios naturais sagrados no Brasil.

Dessa forma, a principal fonte teórica da tese fundamenta-se na própria Governança Espiritual Afro-brasileira, centrada no conceito de axé e no conhecimento do Candomblé como uma teoria de cosmopercepção de mundo. Além do aspecto religioso, essa concepção abrange a compreensão de como o mundo opera. A Governança Espiritual Afro-brasileira representa um paradigma da ciência africana e afro-brasileira, é a energia do axé e a influência das divindades presente na cidade, atuando no processo decisório, especialmente no contexto estudado, que envolve orientações para ações urbanísticas e arquitetônicas.

O Orixá Exu, considerado o mensageiro e senhor da comunicação, representa um notável exemplo dessa tecnologia ancestral. Como destaca Jorge Amado no livro "Bahia de Todos os Santos": "Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá dos mais importantes na liturgia dos Candomblés" (Amado, 2012, p.21), demonstrando assim a atuação da Governança Espiritual ao zelar pelo território.

Carybé (2014), na coleção "As sete portas da Bahia: o Candomblé", aborda com grande assertividade, beleza e poesia a Governança Espiritual Afro-brasileira na cidade de Salvador, Bahia, conforme descrito abaixo.

> E tem o Candomblé que entranhou a cidade de mistério, que sua por todos os poros da Bahia. Ele está presente na mesa rica e na pobre, nos arvoredos sagrados, nos pés de *Iroco*, nas encruzilhadas onde moureja Exu, nos quindins das baianas, nas igrejas, nos mercados, nas folhas da mata. Às coisas do trivial, cotidiano, soma-se uma força sútil, uma imponderável presença, uma potência mágica que paira no ar. Vendo uma quartinha ao pé de uma jaqueira ou de um *Iroco* sentimos que ao mistério do lento ascender de sua seiva trazendo forças do fundo da terra soma-se outro mistério, o de saber que esse arvoredo é morada de um espírito, talvez de um deus, e a

> jaqueira se nos apresenta com uma força metafísica densa, insuspeitada [..] Os atabaques trovejam, o agogô repica seu som agudo, muito perfume e espelhos, e pentes bonitos, e sedas joias e o que há de bom para Oxum que mora no dique, é a deusa mais dengosa, mais faceira, mais sabedora de coisas do amor. Qualquer morador do Tororó ou da Usina já a viu sobre as águas verdes [..] (Carybé, 2014).

Continuando a narrativa poética e reveladora da presença da Governança Espiritual Afro-brasileira na capital da negritude, Carybé (2014) destaca:

> E os orixás se congregam sob o teto humilde dos barracões da Bahia, vem Ogum, o guerreiro, Oxalá, velho imaculado, apoiando a mão trêmula em seu cajado terminado em pássaro, Yemanjá tangendo espumas, cheirando a mar, Obaluaê transformando a febre e as convulsões em danças terríveis, belo no mistério da palha roxa que lhe cobre a figura. É nessa hora que o céu da Bahia se enfeita de foguetes, anunciadores da chegada desses deuses tão antigos, tão familiares, tão tangíveis que é possível lhes falar.

Amado (2012), Carybé (2014), nos textos acima descritos dão uma medida exata de como a Governança Espiritual Afro-brasileira atua, opera e se revela nas encruzilhadas, nos mercados, nas matas, nas igrejas, Sítio Naturais Sagrados, nas comunidades de terreiros e em outros espaços nesta cidade encantada de São Salvador-Bahia.

Os teoremas e teses compartilham muitos aspectos semelhantes. Em um teorema, há uma ideia a ser apresentada, originada de postulados que podem não ser demonstrados, mas constituem uma base de partida. Os termos dos postulados seguem as hipóteses, e a demonstração do teorema segue a mesma lógica matemática.

Assim, a pesquisa teve como ponto de partida a energia do axé, o Candomblé e a Governança Espiritual Afro-brasileira presente no Parque Pedra de Xangô**.** Este princípio é um postulado da filosofia africana, fundamentado historicamente no pensamento egípcio de Maat, onde o mundo é concebido a partir de um sistema interconectado regido pela ordem do universo (Cunha Júnior, 2019).

Maat é uma divindade do antigo Egito, representada como uma mulher negra segurando um símbolo *Ankh* (chave da vida) e um cetro (símbolo de poder), enquanto sua cabeça é adornada com uma pluma de avestruz. O termo Maat abrange significados como verdade, ordem, justiça, equilíbrio e reciprocidade. Nos rituais de entronização, os faraós ofereciam a imagem de Maat aos deuses, estabelecendo um

pacto de governabilidade. Esse gesto simbolizava o compromisso em manter diariamente a ordem e a justiça nos mundos natural e espiritual (Camara, 2011). No Sítio Natural Sagrado Pedra de Xangô, são realizados rituais com o propósito de manter o equilíbrio, a ordem e a justiça entre esses dois mundos, evidenciando a Governança Espiritual Afro-brasileira em ação.

Sítios naturais sagrados

Os Sítios Naturais Sagrados (SNSs) são espaços naturais que possuem uma profunda carga de simbolismo cultural e espiritual. Além de servirem como marcadores identitários, desempenham um papel fundamental na existência e sobrevivência de determinados grupos humanos (Fernandes Pinto, 2017-2022). Esses locais sagrados estão presentes em diversas regiões geográficas e contextos culturais desde tempos antigos, sendo reconhecidos e legitimados por comunidades tradicionais, instituições religiosas e outros segmentos filosóficos e espiritualistas (Fernandes Pinto, 2017).

Conforme destacado por Studley e Horsley (2018), os sítios naturais sagrados (SNSs) representam uma ampla gama de recursos naturais, incluindo montanhas, colinas, florestas, bosques, rios, lagos, lagoas, cavernas, ilhas e nascentes. Esses sítios podem variar desde elementos individuais, como uma única árvore, nascente ou formação rochosa, até paisagens vastas e cadeias montanhosas inteiras. Eles incorporam uma diversidade de formações geológicas, relevos distintos, ecossistemas específicos e habitats naturais.

Embora sejam mais comuns em ambientes terrestres, os SNSs também podem ser encontrados em áreas marinhas costeiras, ilhas e arquipélagos. Essa diversidade de elementos naturais confere aos SNSs uma riqueza e complexidade únicas, refletindo sua importância cultural e espiritual para as comunidades locais e para a preservação da biodiversidade (Studley e Horsley, 2018).

Os Sítios Naturais Sagrados (SNS) ao redor do mundo estão situados em territórios habitados por povos indígenas, sendo regidos pela governança espiritual, agência espiritual e biodiversidade (Studley e Horsley, 2018). A relevância intrínseca e

espiritual dessas terras abrange questões ambientais, como a preservação da biodiversidade e a abordagem das mudanças climáticas.

Em termos de escala, a governança espiritual dos Sítios Naturais Sagrados (SNS) é uma prática comportamental característica, na qual muitos povos indígenas em todo o mundo protegem ritualmente uma parte significativa da biodiversidade global fora das áreas formalmente protegidas (Lynch; Alcorn, 1993) (Studley; Horsley, 2018).

De acordo com Wild e McLeod, citados por Fernandes Pinto (2022), os Sítios Naturais Sagrados (SNSs) em todo o mundo foram incorporados de maneira inadequada às Áreas Protegidas (AP), sem o devido reconhecimento de seus significados simbólicos para as comunidades locais. A implementação de medidas que restringem o acesso e o uso desses locais sagrados, sem o diálogo com seus guardiões tradicionais, resultou em constrangimentos e na falta de apoio social à gestão de muitas AP (Fernandes Pinto, 2022).

Os Sítios Naturais Sagrados (SNS) são encontrados em diversas regiões do mundo, cobrindo uma extensão significativa da superfície terrestre, estimada em cerca de 12 milhões de km², ou pelo menos 8% da área total (Bhagwat e Palmer, 2009). Em áreas específicas, como o planalto tibetano, os SNS podem abranger até 25% do território, representando parcelas significativas de regiões como a Prefeitura Autônoma de Garzê e o Vale do Yubeng (Buckley, 2007; Shen *et al.*, 2012; Studley, 2014). Além de sua extensão física, os SNS desempenham um papel crucial em redes ecológicas mais amplas e estão intrinsecamente ligados ao tecido social das paisagens em que se inserem. A personalidade jurídica e a Governança Espiritual emergem como mecanismos socioculturais essenciais que destacam a profundidade da dimensão espiritual dentro desses contextos paisagísticos mais amplos (Studley; Horsley, 2018). A seguir, exploraremos um panorama mais detalhado da importância sagrada desses sítios naturais em diferentes partes do mundo.

Retrato da dimensão sagrada dos Sítios Naturais Sagrados no Brasil

No Brasil, uma variedade de Sítios Naturais Sagrados (SNS) foi catalogada por Fernandes Pinto (2017) por meio da Rede SNS Brasil, uma abordagem colaborativa de conhecimento, juntamente com o uso de ferramentas de mídia social. O site Sítios

Naturais Sagrados do Brasil (SNSbrasil) [45], estabelecido para promover o tema e conectar pessoas interessadas nesse universo mágico, atingiu um marco significativo em maio de 2021, registrando 1000 sítios naturais sagrados em todo o país (SNSbrasil, 2021).

A dimensão sagrada dos Sítios Naturais Sagrados (SNSs) está ganhando destaque nos debates internacionais. No Brasil, embora seja um tema relativamente recente (Fernandes Pinto, 2017; 2022), tem exercido um impacto significativo nas comunidades tradicionais, especialmente nas comunidades de terreiros, reconhecidas como guardiãs por excelência da natureza.

Os gestores de Áreas Protegidas (AP) tendem a adotar predominantemente uma abordagem fundamentada nas ciências naturais, deixando de lado frequentemente a consideração pela dimensão sagrada da natureza. Apesar do significado social dessas áreas, observa-se uma falta de políticas públicas nacionais voltadas para o reconhecimento dos valores e da imaterialidade dos Sítios Naturais Sagrados (SNSs) (Fernandes Pinto, 2022).

A vulnerabilidade dos Sítios Naturais Sagrados (SNSs) é evidente diante de grandes projetos de infraestrutura, como usinas hidroelétricas, estradas e especulação imobiliária, que representam ameaças constantes (Fernandes Pinto, 2022). Apesar de sua importância cultural, os valores das Áreas Protegidas (AP) são frequentemente negligenciados nos planos de gestão das Unidades de Conservação (UC), os quais geralmente priorizam a biodiversidade (Fernandes Pinto, 2022).

Essa realidade transcende as fronteiras brasileiras, sendo observada em muitos países onde as políticas e leis existentes não oferecem o suporte adequado para proteger os SNSs. Nos documentos de designação das Áreas de Preservação (AP) e em seus planos de gestão, os sítios naturais sagrados muitas vezes não recebem a devida atenção (Dudley, 2008; Fernandes Pinto, 2022) sendo palco de conflitos.

[45] Disponível em: Sitios Naturais Sagrados do Brasil – @snsbrasil.

Com base no artigo "*Praying in Brazilian protected areas: from conflicts to potential alliances with Society for Nature Conservation*" de Fernandes Pinto (2022) que aborda os conflitos religiosos em áreas protegidas no Brasil, apresento um quadro demonstrativo (Quadro 2) que fornece uma pequena amostra de sítios naturais sagrados em áreas protegidas no Brasil. Sabemos que esse universo é muito amplo, conforme estudos desenvolvidos por Fernandes Pinto (2017). Ao observar os dados da tabela é possível verificar o registro de um sítio natural sagrado afro-brasileiro, a Pedra de Xangô, Salvador-Bahia.

Encontramos, ainda, o Parque Nacional da Tijuca no Rio de Janeiro, um espaço multirreligioso, marcado por conflitos de crenças e, também, contendas entre funcionários do parque e adeptos das religiões de matriz africana e afro-brasileira. Os religiosos eram impedidos, na maioria das vezes, de forma violenta, de realizarem suas práticas ritualísticas seguidas de oferendas dentro da Unidade de Conservação (UC), sob a alegação de afetar aquele ambiente. (Fernandes Pinto, 2022; Boniolo, 2010).

O mapa das Religiões e Áreas Protegidas reproduz os dados da tabela 1, mostrando a distribuição espacial dos sítios naturais sagrados em Unidades de Conservação. Por fim, a Figura 7 ilustra os sítios listados no Quadro 2 e no Mapa 2 (Apêndice A), apresentando suas respectivas imagens.

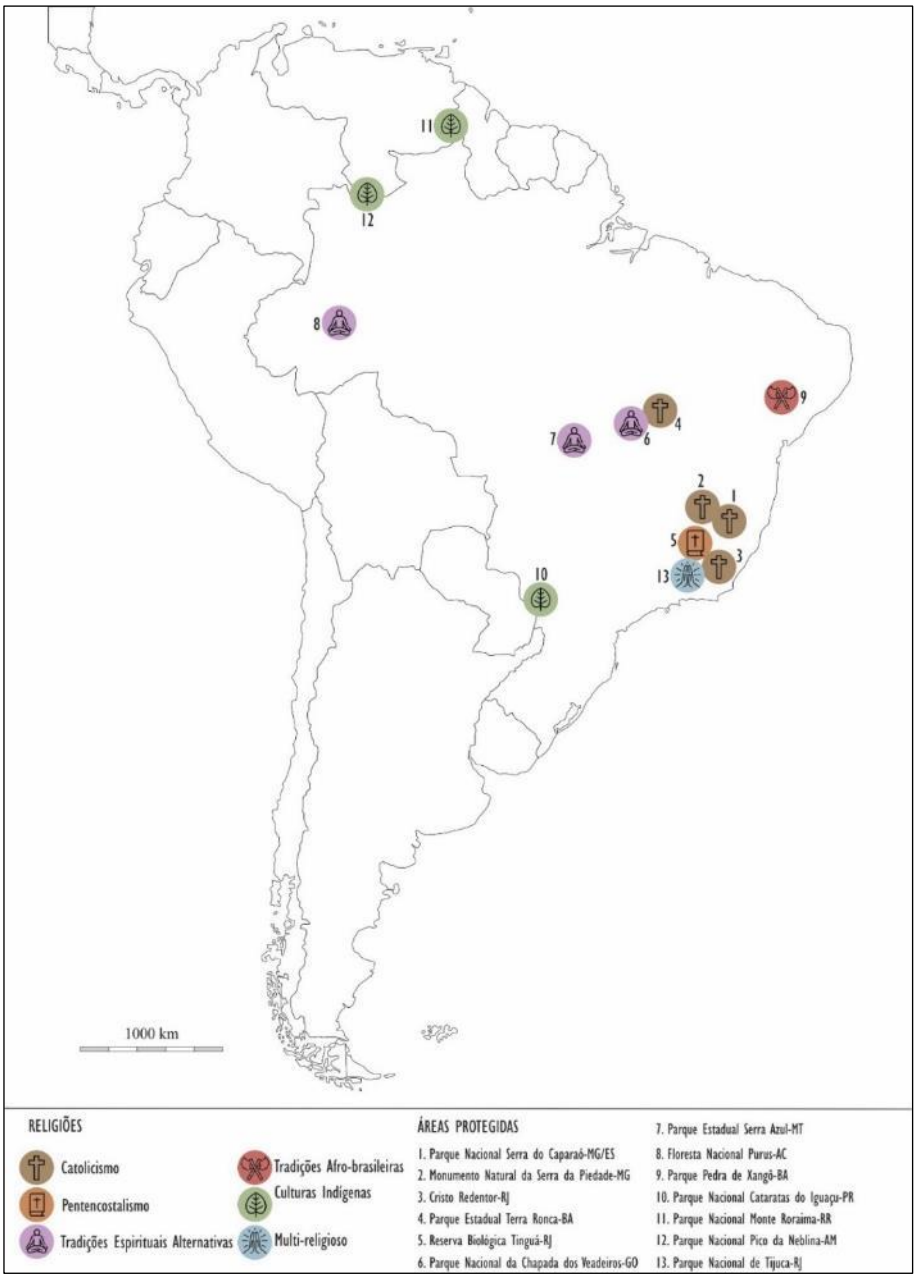
O Parque Pedra de Xangô é um Sítio Natural Sagrado Afro-brasileiro localizado em uma Unidade de Conservação (UC). Existem outros exemplos em Salvador - Bahia, como o Parque São Bartolomeu, o Parque do Abaeté e outros. Em 2008, o município realizou o Mapeamento dos Terreiros da cidade, porém deixou de cartografar seus Sítios Naturais Sagrados Afro-brasileiros. Essa lacuna dificulta o exercício da Governança Espiritual em UC, a preservação da cultura e tradição africana e afro-brasileira na cidade conhecida como a Capital da Negritude.

Quadro 2 – Sítios naturais sagrados em áreas protegidas no Brasil

RELIGIÃO	ÁREAS PROTEGIDAS	COMPARAÇÃO	OUTCOME -DESFECHO
Catolicismo	Parque Nacional Serra do Caparaó/MG/ES; Monumento Natural da Serra da Piedade/MG; Cristo Redentor/RJ; Parque Estadual Terra Ronca/BA	Palcos de cerimônias religiosas, tais como: batizados, casamentos, missas e procissões. Destinos religiosos: integrantes de caminhos sagrados, rotas e peregrinações.	Interesses aceitos nas leis de AP, às vezes nas categorias restritivas.
Pentencostalismo	Reserva Biológica Tinguá/RJ	Vigílias de orações em montes naturais, realizadas por pentencostais, práticas recentes e em expansão no Brasil.	Infrações, confiscação de objetos sagrados e pessoais.
Tradições Espirituais Alternativas	Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros/GO Parque Estadual Serra Azul/MT Floresta Nacional Purus/AC	*Chakras* terrestres. Pontos de alta concentração de energia interligada numa rede de circulação planetária (conhecida como linhas *ley*). Fenômenos relacionados com OVNIs. - discos voadores). Berço da doutrina Santo Daime (Brandão, 2005). A religião caracteriza-se por uma profunda devoção à natureza.	Aeroporto para discos voadores construído no Parque Serra Azul pelo Poder Público.
Tradições Afro-brasileiras Candomblé/ Umbanda	Parque Pedra de Xangô/BA	SNS emblemático para a história do Povo Negro no Brasil. Inserida na APA Vale do Assis Valente/Bahia. A proteção deste lugar ocorreu, graças a uma forte mobilização do povo afro-religioso da cidade de Salvador-Bahia. Isto também ajudou a preservar uma área mais ampla de florestas e rios.	O mais afetado por práticas de racismo estrutural, sistêmico ambiental e religioso.
Culturas Indígenas	Parque Nacional Cataratas do Iguaçu: Brasil/ Argentina. Parque Nacional Monte Roraima: Brasil/Guiana/Venezuela. Parque Nacional Pico da Neblina/Brasil.	uma das cinco grandes quedas de água do mundo. Guarda lugares sagrados para os indígenas *Ingarikó* no Brasil e o *Pemon* na Venezuela. O ponto mais alto do Brasil – chamado *Yaripo* pelo Povo Yanomami considerado a casa dos espíritos que protegem o mundo da queda do céu.	áreas onde os povos nativos têm sido exterminados. Mantidas sem intervenção humana direta.
Multirreligioso	Parque Nacional de Tijuca/RJ.	coexistência de crenças – diferentes tradições utilizam o espaço.	O convívio nem sempre é pacífico.

Elaboração: Maria Alice Silva, 2023. Fonte: in Praying in Brazilian protected areas: from conflicts to potential alliances with Society for Nature Conservation (FERNANDES PINTO, 2022).

Mapa 2 – Religiões e Áreas Protegidas



Elaboração Maria Alice Silva e Luis Guilherme Pires, 2023. Fonte: in Praying in Brazilian protected areas: from conflicts to potential alliances with Society for Nature Conservation (FERNANDES PINTO, 2022).

Figura 7 – Sítios naturais sagrados em áreas protegidas.



Elaboração Maria Alice Silva e Luis Guilherme Pires, 2023. Fonte: in Praying in Brazilian protected areas: from conflicts to potential alliances with Society for Nature Conservation (FERNANDES PINTO, 2022).

Nas últimas décadas, os congressos mundiais da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) e as publicações que orientam boas práticas na gestão de Áreas Protegidas (AP) têm destacado a importância de reconhecer e incorporar as culturas e os significados espirituais da natureza em estratégias de gestão de AP (Fernandes Pinto, 2022).

Para preservar a biodiversidade global, é imperativo ampliar o conceito de governança para abranger a Governança Espiritual. Isso não se limita apenas aos espaços localizados em áreas legalmente protegidas, mas especialmente em áreas de conservação e em Sítios Naturais Sagrados pertencentes aos povos indígenas (Studley e Horsley, 2018), às comunidades tradicionais, como as comunidades de terreiros.

As propostas discutidas em congressos internacionais e as pesquisas mencionadas podem ter um impacto significativo no avanço das lutas ecológicas, abordando questões como disputas de terras envolvendo populações quilombolas, povos originários, habitantes da floresta, comunidades de terreiros e outros grupos.

É essencial que a Governança Espiritual Afro-brasileira seja reconhecida em escalas territoriais e globais como uma voz importante na discussão sobre a necessidade de proteção ambiental e preservação dos valores culturais da natureza. Embora a operação da Governança Espiritual nos territórios brasileiros ainda não tenha sido completamente caracterizada, existem exemplos internacionais que avançaram nessa direção, como será discutido a seguir.



Foto: Mônica Silveira (2019).

A Governança Espiritual Afro-brasileira, “a Justiça do Machado de Xangô se faz no dia a dia, no chão do terreiro, *pejis* (altar), praças, avenidas, cachoeiras, rios, mares, aos pés da Pedra de Xangô, também conhecida como Pedra de *Nzazi*, Pedra de *Sogbo*, Pedra da Onça, Pedra da Godia, Pedra do Quilombo do Buraco do Tatu, Pedra do Quilombo do Urubu (Silva, *et al,* 2022, p.184)

CAPÍTULO II. AGÔ: LICENÇA AS DIVINDADES E ANCESTRAIS

"*Agô*" é uma interjeição utilizada nas tradições das religiões de matriz africana e afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda. Essa expressão é comumente empregada para saudação aos ancestrais, orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados e aos mais velhos; para pedir permissão (antes de entrar em um local sagrado ou ao adentrar espaços onde se realizam práticas religiosas); expressar respeito e reverência, e, em algum contexto, uma forma de despedida. A utilização desse vocábulo, de origem iorubá, está profundamente enraizada nas tradições e rituais do Povo de Terreiro representando uma conexão espiritual e cultural com as divindades e a comunidade religiosa.

No contexto mundial, os Sítios Naturais Sagrados (SNS) são geralmente locais considerados como espaços de grande significado espiritual, onde as pessoas buscam inspiração, revelação, cura e comunhão com a natureza (Fernandes Pinto *et al,* 2017*).* A prática de pedir licença, reverenciar os moradores espirituais e respeitar as orientações das divindades e ancestrais destaca a conexão profunda entre as comunidades e esses espaços sagrados.

A significativa proteção voluntária que esses sítios recebem das comunidades revela e demonstra um compromisso profundo e contínuo com a preservação desses lugares sagrados, impulsionado pelo entendimento da importância cultural, espiritual e ambiental que eles detêm. A valorização desses sítios vai além do aspecto físico, envolvendo uma conexão intrínseca com a identidade cultural das comunidades e suas tradições espirituais. O cuidado e a preservação desses locais não apenas protegem o ambiente natural, mas também garantem a continuidade das heranças culturais e espirituais ao longo de várias gerações (Fernandes Pinto *et al,* 2017).

Para Verschuuren e colaboradores (2010), os vínculos culturais e espirituais das comunidades com a natureza podem, de fato, ser poderosos catalisadores para a conservação ambiental. Esses laços profundos muitas vezes levam as comunidades a desempenhar um papel ativo na proteção e preservação de áreas naturais. No entanto, é verdade que esses aspectos são por vezes negligenciados nas práticas de governança e gestão de áreas protegidas e conservadas.

A seguir, serão apresentados exemplos de sítios onde a interconexão entre o sagrado, o humano e o natural transcendem as visões fragmentadas que separam o ser físico, a mente, o espírito, a alma e o ambiente. Isso possibilita um enfoque e um uso holístico do território, onde os seres da natureza e os seres humanos, em sua completude, aparecem integrados. Nessa perspectiva, os seres humanos são conscientemente dependentes desse ecossistema e compreendem que suas vidas são partes intrínsecas desse meio natural.

II.1 A Governança Espiritual nas paisagens montanhosas do Tibete

> Os *numina* ou *gzhi bdag* que habitam os sítios naturais sagrados animados no Tibete não são apenas os donos do lugar (*gzhi* = lugar), mas como *bdag po*, eles detêm poder e autoridade absolutos como 'Senhores' e 'Governadores' (Mills, 2003) das moradas nas montanhas sobre as quais têm domínio. Seu poder se estende a seus títulos genealógicos, que sugerem um forte senso de parentesco espiritual com a humanidade. Além disso, eles são os guardiões *de jure/de facto* de todos os recursos biofísicos dentro dos seus domínios e são considerados, oficiosamente, como "pessoas jurídicas" (Studley, 2019, p. 34 – tradução nossa)

Desde tempos imemoriais, as paisagens montanhosas do Tibete (Figura 8) têm sido habitadas e "assentadas" por divindades conhecidas como *gzhi bdag* em tibetano (Studley e Horsley, 2018; Yü, 2015, p. 26).

"*En-spirited*" é uma expressão utilizada intencionalmente pelos tibetanos para descrever entidades físicas, ou seja, os sítios naturais habitados por um espírito *numina* ou genius loci. Essa expressão é escolhida no lugar de "*inspirited*", "animado" ou "vivificado" porque enfatiza um processo que depende da agência humana. O prefixo '*en-*' denota a conversão de um estado para outro, neste caso, de natural para espiritual (Studley e Horsley, 2018).

O *gzhi bdag,* também conhecido como os "Deuses do passado", são divindades miticamente subjugadas pelo budismo e pela religião *Bön* no contexto tibetano. Eles estão mais próximos dos nômades e agricultores tibetanos em geografia, identidade e presença espiritual. Essas divindades fazem parte de uma tradição animista[46] e

[46] “O conceito de animismo, cujo termo advém de anima (alma), foi inicialmente desenvolvido por Georg Ernst Stahl, em 1720, para se referir ao "conceito de que a vida animal é produzida por uma alma imaterial”, mas redefinida pelo antropólogo inglês Sir Edward B. Tylor, em 1871, na obra Primitive

xamânica, que está profundamente preocupada com o mundo imediato. Essa tradição envolve uma série de cerimônias e rituais realizados tanto nos lares quanto nas montanhas (Studley, 2005).

Figura 8 – Montanha de Kawagarbo – Tibete.



Fonte: Pseudois (2011).

No cenário dos leigos tibetanos, inúmeros elementos paisagísticos carregam um significado especial ligado à veneração de espíritos ancestrais. Sua consciência não se restringe apenas à constante atenção ao *gzhi bdag* durante atividades como caça, estendendo-se também aos rituais, onde buscam proteção, saúde e êxito em diversas esferas, como caça, comércio, viagens e agricultura. A participação em rituais nas montanhas é um componente vital da vida e identidade rural tibetana, refletindo-se em

Culture (A Cultura Primitiva), significando que 'todas as coisas têm anima (alma; espíritos)' (Paradiso, 2015, p.274). Durante décadas, os termos animismo e fetichismo foram utilizados de forma depreciativa às manifestações religiosas africanas. Ambos os termos acabaram fazendo parte do título do primeiro livro sobre a temática, do pesquisador Nina Rodrigues, em "O animismo fetichista dos negros bahianos" (1935). A visão de Rodrigues sobre os termos é reflexo da incompreensão ocidental a religiosidade africana. Mircea Eliade em O sagrado e o profano (2001) aborda o fato de o homem moderno ocidental ter dificuldade para aceitar certas manifestações do sagrado, chamadas por ele de hierofanias. Contudo, os termos animismo e fetichismo são hoje ressignificados, devendo ser desprendidos da carga preconceituosa que os revestia, e isso cabe ao leitor. Manter tais termos fixos a ideia de primitivismo, é manter o olhar do colonizador e a mentalidade colonialista" (Paradiso, 2015, p.269). As tradições animistas estão presentes, principalmente, nas culturas tribais indígenas, nas culturas africanas e afro-brasileiras".

aspectos culturais, econômicos, eco-espirituais e políticos. Importante destacar que o culto *gzhi* bdag, caracterizado como uma "tradição popular recuperada espontaneamente", escapa à influência do Estado, representando uma forma contemporânea de expressar uma identidade única (Studley e Horsley, 2018).

Os *gzhi bdag* exercem o que pode ser chamado de "governança espiritual", conforme descrito por Bellezza (1997), proporcionando apoio, bênçãos e proteção. Esta concessão está condicionada à devoção e satisfação regulares por parte dos seres humanos, além do atendimento às expectativas comportamentais em relação à preservação de sua propriedade, que inclui flora e fauna. Essa interação ocorre especialmente quando os seres humanos visitam a morada dessas divindades (Studley, 2014).

A Governança Espiritual é intrínseca e exclusivamente fundamentada na agência dos *numina*, que, na qualidade de proprietários, detêm poder e autoridade absolutos. Os *numina* decidem sobre os objetivos da governança e sua realização, coordenando o processo de tomada de decisão por meio de intermediários. O principal objetivo da governança espiritual, compartilhado por todos os participantes, é manter o equilíbrio entre os mundos humano, biofísico e espiritual. Os participantes incluem *numina* (*gzhi bdag*), chefes, camponeses, ajudantes espirituais, médiuns de transe, mestres de adivinhação, médicos e lamas tibetanos (Studley, 2014).

A pluriversalidade está presente na Governança Espiritual, pois reconhece a existência um "mundo outro-que-humano" dialogando com a cosmopercepção indígena inter-relacional que reconhece um "mundo onde muitos mundos se encaixam" (Blaser, 2010; Stahler-Sholk, citado por Studley e Horsley, 2018).

O conceito de Governança Espiritual destaca a pluriversalidade, contrastando a hegemonia ocidental e a universalidade. Ele questiona a dicotomia natureza-cultura, as epistemologias monofásicas e ontologias unitárias, e a perspectiva limitada de um único mundo (Studley e Horsley, 2018). Isso sugere uma abordagem mais inclusiva que reconhece a diversidade de perspectivas e cosmopercepções.

O fenômeno da governança espiritual do Sítio Natural Sagrado (SNS), conduzido por "pessoas jurídicas", manifesta-se por meio de até doze traços característicos: "animismo", "xamanismo", "propriedade/domínio sobrenatural da natureza",

"personalidade não-humana", "relações de parentesco", "*covenants* (alianças/acordos)", "reciprocidade", "equilíbrio topocósmico", "auditoria eco-espiritual", "ontologias relacionais" e "agência não-humana". Esses elementos, individualmente ou em conjunto, resultam na formação de "normas sui generis" ou "leis consuetudinárias" (Studley e Horsley, 2018).

Os doze traços característicos associados à Governança Espiritual de Sítios Naturais Sagrados (SNS) evidenciam a complexidade e a riqueza das práticas e crenças nas comunidades indígenas. A seguir, apresento a definição de cada uma dessas características, conforme estudado por Studley e Horsley.

O termo animismo provém do latim "anima", que significa "sopro, princípio vital" (Sztutman, citado por Studley e Horsley, 2018). O animismo é uma crença que atribui a presença de espíritos ou *numina* a todas as entidades no cosmo, sejam elas elementos naturais, como rochas, rios e florestas, ou outros aspectos do mundo ao nosso redor (Studley e Horsley, 2018). Nesse sistema, cada elemento é considerado habitado por uma energia espiritual ou vital, e essa concepção forma a base para muitas práticas religiosas e culturais em diversas sociedades ao redor do mundo.

Para o povo *Qiang*, exemplificativamente, todas as rochas de quartzo branco são “sagradas”, mas apenas algumas delas são assentadas em suas casas. A escolha específica de rochas de quartzo branco como marcadores de orientação e a ação de assentá-las nas casas refletem a importância atribuída a esses elementos na vida cotidiana e espiritual da comunidade. A prática ritual de honrar e apaziguar os *numina* associados a essas rochas evidencia o compromisso contínuo de manter uma relação harmoniosa com o ambiente natural e espiritual que os rodeia (Studley e Horsley, 2018). Esse exemplo evidencia a pluriversalidade das práticas de governança espiritual, que variam de acordo com as culturas e tradições específicas de cada comunidade indígena

Xamanismo é uma expressão abrangente usada para descrever um conjunto de práticas espiritualistas ancestrais, animistas. Xamãs ou médiuns de transe são vistos como facilitadores da comunicação com o mundo espiritual, desempenhando funções importantes, como adivinhação e cura. Eles atuam como intermediários entre os humanos e os espíritos, contribuindo para a preservação do equilíbrio nas paisagens

cósmicas (Studley e Horsley 2018). Essas práticas envolvem uma profunda compreensão da interconexão entre o mundo humano, o mundo espiritual e o mundo natural, e o papel dos xamãs é crucial na manutenção desse equilíbrio.

Em muitas sociedades indígenas, há um reconhecimento de que a natureza é habitada por entidades espirituais. O exemplo dos *Naxi* na província de Yunnan, China, ilustra como as oferendas são feitas a um *numen* chamado *shu*, mediadas por um *Dongba* (xamã), como forma de compensar a coleta de recursos da natureza e garantir bênçãos ambientais e sociais. Isso destaca a compreensão da propriedade ou domínio sobrenatural da natureza nas práticas indígenas (Studley e Horsley 2018).

Propriedade e o domínio sobrenatural da natureza é a concepção de que certos seres espirituais, como donos-mestres do território, têm autoridade sobre a natureza e suas manifestações. A presença de donos-mestres espirituais do território em diversas sociedades indígenas destaca a importância da reciprocidade contratual na relação entre as comunidades e essas entidades sobrenaturais. Os donos-mestres assumem o papel de fiscalizar, proteger e garantir a preservação da ordem e do equilíbrio no território que habitam. Em troca, eles esperam receber cultos e reverências por parte das comunidades. Essa relação simbiótica, baseada na reciprocidade, reflete uma abordagem específica de governança espiritual, onde há um entendimento de que a manutenção do equilíbrio requer a participação ativa e o respeito mútuo entre os seres humanos e as entidades espirituais (Studley e Horsley 2018).

A atribuição de personalidade não-humana a elementos naturais, como montanhas, rios e florestas, é uma característica comum em muitas sociedades indígenas. Essa crença reflete a visão de que essas entidades têm uma existência consciente e são capazes de interagir com as comunidades humanas (Studley e Horsley 2018).

O conceito de personalidade nas culturas indígenas difere significativamente da abordagem ocidental, onde a personalidade muitas vezes é associada a um grupo distinto de indivíduos racionais. Nas perspectivas indígenas, a personalidade é atribuída a uma ampla gama de fenômenos (Studley e Horsley 2018).

As relações de parentesco nas comunidades indígenas são fundamentadas na ideia de compartilhamento e conexão entre pessoas humanas e não humanas. Nesses contextos, humanos e não humanos são considerados membros de uma rede inter-

relacional, formando uma espécie de família ampliada. Essas relações são baseadas na reciprocidade contratual, onde há uma troca constante de serviços, respeito e reverência entre os diferentes membros dessa rede (Studley e Horsley 2018).

Os *Covenants* ou Acordos, no contexto das práticas indígenas, referem-se a pactos ou contratos rituais estabelecidos entre as sociedades indígenas e os "proprietários" ou "mestres" dos espíritos locais. Esses acordos são fundamentados nos conceitos de personalidade e parentesco, indicando sinais de contratos consensuais, pactos, relações jurídicas ou acordos entre as comunidades indígenas e as entidades espirituais locais (Studley e Horsley 2018).

A reciprocidade, nas práticas indígenas, é uma troca não-monetizada que envolve o dar e receber. Essa prática desempenha um papel importante nas sociedades indígenas, contribuindo para manter o equilíbrio e promovendo o "acolhimento mútuo" entre os domínios natural, humano e espiritual (Studley e Horsley, 2018). Essa troca é fundamental para sustentar as relações entre as comunidades indígenas e as entidades espirituais, estabelecendo e mantendo um equilíbrio dinâmico entre esses diferentes domínios.

O equilíbrio topocósmico nas práticas indígenas, é o rito habitual de receber harmonia, estabilidade e estabelecer relações generosas entre todos os elementos do universo, sejam eles humanos, naturais ou espirituais (Studley e Horsley 2018). Esse conceito reflete a importância de manter uma ordem equilibrada e harmônica entre os diferentes domínios da existência.

A auditoria eco-espiritual, conforme descrita por Reichel e citada por Studley e Horsley (2018), representa um sistema indígena de monitoramento duplo que visa verificar e avaliar as condições eco-espirituais em contextos locais e regionais. Essa prática envolve não apenas a análise das condições ambientais, mas também a consideração das dimensões espirituais associadas à paisagem, gerando uma interconexão entre as perspectivas ambientais e espirituais nas práticas de gestão indígenas.

O estilo de vida da maioria dos povos indígenas apoia-se na preservação das relações com *numina*, originalmente permeadas por médiuns 'xamãs' ou de transe, fenômenos conhecidos como ontologias relacionais (Studley e Horsley, 2018). Isso revela a

importância das práticas espirituais e das relações com entidades não humanas na vida cotidiana e na cosmovisão dessas comunidades.

A relação com os *numina* ocorre por meio da vivência de rituais específicos realizados no sitio natural sagrado. Atos litúrgicos auxiliam na manutenção da reciprocidade contratual, garantindo os equilíbrios e afastando ações corretivas. Os *numina* concordam em conceder auxílio, proteção e bênção, desde que a humanidade honre, agradeça, pacifique, invoque e ofereça sacrifícios. Em resumo, é esperado que se comporte corretamente em seus domínios, protegendo sua propriedade e participando de investigações rituais para atender às suas demandas (Studley e Horsley, 2018).

Agência é a capacidade de um “ator” atuar em qualquer ambiente ou estrutura social. Entre a maioria dos povos indígenas, existem uma gama de seres da natureza que mostram agência tanto para modelar seu ambiente quanto para fazer escolhas individuais e coletivas (Miller; Davidson; Hunt, 2010 *apud* Studley; Horsley, 2018).

O sistema de Governança Espiritual do Sítio Natural Sagrado (SNS) baseia-se em normas sui generis que são consideradas "únicas" e estabelecidas por uma entidade espiritual, diferenciando-se das leis estatais, que são formuladas por agentes humanos e codificadas formalmente. No âmbito do governo espiritual, essas normas sui generis são frequentemente denominadas "tabus" pelos antropólogos da Polinésia (*tabu*) ou dos Maori (*tapu*) (Studley e Horsley, 2018).

Leis consuetudinárias são costumes e práticas de uma sociedade considerados como leis, apesar de não serem formalizados por documentos escritos ou processos legislativos. Essas condutas, embora não registradas por escrito, são vistas como normas jurídicas, refletindo comportamentos adotados ao longo do tempo por um grupo de pessoas, como povos, sociedades, cidades ou países. O direito consuetudinário está intimamente ligado à cultura, aspectos étnicos, religiosos, localização geográfica, colonização e influências estrangeiras, moldando a origem e o desenvolvimento dos costumes, tradições e comportamentos de uma comunidade (Fachini, 2021).

A ciência ocidental, ao separar o espírito da matéria, a mente do corpo, a cultura da natureza e dos humanos contribuiu para tornar invisíveis os sistemas de crenças, modos de vida e expressões dos povos originários e das comunidades tradicionais.

Esse processo resultou na imposição de uma narrativa única e em uma visão homogênea do mundo, frequentemente destruindo perspectivas sagradas. A experiência dos leigos tibetanos, conforme confirmada nos estudos de Studley e Horsley (2018), serve como modelo para uma governança que reconheça essas múltiplas dimensões de mundo.

II.2 Governança Espiritual em O*sogbo*: a floresta sagrada de Oxum-Nigéria

> Conta a lenda que, outrora, uma seca atingiu terras iorubanas. À procura de água, os caçadores encontraram uma floresta e um belo rio. A descoberta tomou conta da cidade. Os caçadores começaram a usar indiscriminadamente os recursos naturais, outros seres moradores da floresta. Certo dia, resolveram caçar um pequeno cervo. O bicho na fuga, escondeu-se atrás das grandes árvores da floresta. Os caçadores não desistiram de seu alvo e cortaram a árvore que protegia o animal. Galho por galho foi ao chão, quando o tronco já morto, caiu nas profundezas do rio, um sopro nasceu de dentro da água para ecoar em toda a floresta: *“Oxum Osogbo! Aqui é a morada sagrada de Oxum! Afastem-se!* (Lino, 2022).

A história resumida acima tem origem no relato da princesa Adedoyin Olosun, apresentado durante uma palestra pública no Goethe-Institut Salvador em abril de 2018. O professor Moisés Lino (2022), posteriormente, sistematizou esse relato em seu artigo "*Cosmpolitics of Òsun: art, religion and ecology in a sacred forest in Africa*", que será detalhado a seguir para compreender como ocorre a Governança Espiritual na floresta sagrada.

Afastem-se! Os caçadores, temerosos com a fala estrondosa de Oxum, mesmo sendo suave e agradável, decidiram seguir para outra região da floresta próxima ao rio, onde encontraram abundância de água e comida. Atendendo às ordens da divindade das águas doces, construíram um novo habitat no meio da mata (Lino, 2022).

Na nova morada, Floresta Sagrada de Oxum, (Figura 9), além da caça, os caçadores cultivavam grãos, comercializavam acará e produziam farinha de inhame seco moído. Essas experiências estão registradas nas pedras e na paisagem. O mercado tornou-se muito movimentado e barulhento, perturbando a tranquilidade da divindade local. Oxum, mais uma vez, demonstrou sua governança ao proclamar que aquele local era sua morada, ordenando a retirada dos invasores (Lino, 2022).

Figura 9 – Floresta Sagrada de Oxum - O*sogbo*. Nigéria



Fonte: Oluwatosinladeloye (2018).

Os caçadores e comerciantes não resistiram à força da governança de Oxum e abandonaram a floresta sagrada. Outra mudança foi protagonizada, desta vez sob as ordens da dona da floresta, que indicou o caminho. Eles só descobririam o novo habitat quando chegassem lá (Lino, 2022).

A exigência de Oxum era que fossem para um lugar tão distante que não pudessem ouvir a voz do rio. Assim, os caçadores chegaram à cidade de O*sogbo*, a atual capital do estado de Oxum, onde encontraram o palácio do rei. Nesse palácio, residem ainda os descendentes daqueles que, em tempos passados, tiveram seu primeiro encontro com o rio sagrado de Oxum. Dentro desse mesmo palácio, encontra-se o templo mais central dedicado a Oxum na cidade. Embora o rio permaneça na floresta, a presença de Oxum continua notável no palácio até os dias atuais (Lino, 2022).

No artigo "*Cosmpolitics of Òsun: art, religion and ecology in a sacred forest in Africa*" (Cosmopolíticas de Oxum: arte, religião e ecologia em uma floresta sagrada africana), embora Lino (2022) não faça menção explícita ao termo Governança Espiritual, essa perspectiva está intrinsecamente presente em toda a narrativa. Lino (2022) destaca o vínculo existencial entre a orixá Oxum e sua morada, a Floresta Sagrada de O*sogbo*. A partir desse cenário, ele analisa a relação entre religião, arte e ecologia em contextos pós-coloniais.

O autor também examina os impactos da dominação inglesa na Nigéria, que perdurou até a década de 1960. Avalia que os pactos de modernidade e desenvolvimento econômico impostos pelos ingleses apenas promoveram a depreciação e satanização das religiões de matriz africana, consideradas rudimentares pelos missionários (Lino, 2022).

A convergência de um modernismo urbanizado e um capitalismo perverso, acompanhada por frequentes golpes de Estado no cenário nacional, levou à ocupação da maior parte dos centros urbanos do país por uma população numerosa e ávida por recursos. No período pós-colonial, muitas pessoas, especialmente nas áreas urbanas, afastaram-se da influência dos orixás. A situação ambiental e ecológica recente em Lagos, a capital, e em outras cidades, como Ibadan, oferece evidências para compreendermos que a preservação de uma floresta urbana, com aproximadamente 75 hectares de área, não é algo comum na Nigéria e, muito provavelmente, não teria ocorrido sem a agência dos orixás (Lino, 2022).

As (cosmo)políticas implementadas por Oxum para assegurar a continuidade da conservação de sua Floresta Sagrada revelam que as energias desempenham um papel crucial nos processos de decisão, sendo sempre operacionalizadas entre humanos e demais seres. O autor ressalta que não é uma cosmologia iorubá ancestral, estática e fechada, que proporciona as condições de possibilidade para a existência contemporânea da Floresta Sagrada. Se fosse o caso, haveria mais exemplos bem-sucedidos em outros centros urbanos na Nigéria (Lino, 2022).

Além disso, a conservação foi também promovida pela arte, por meio da atuação artística da austríaca Susanne Wenger, devota do culto aos orixás. O trabalho de Wenger transformou a floresta sagrada em um jardim de esculturas, repleto de obras de arte por ela e outros artistas. Essa iniciativa não apenas contribuiu para a preservação ambiental, mas também levou, em 1965, ao reconhecimento da floresta como monumento nacional nigeriano e, em 2005, à sua declaração como Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO (Lino, 2022).

O festival anual de Oxum na floresta aumenta a visibilidade da deusa das águas doces, atraindo cada vez mais artistas e religiosos da Nigéria e da diáspora, que contribuem voluntariamente na defesa da morada de Oxum (Lino, 2022).

Por fim, aponta a recomendação da necessidade de divulgar cada vez mais a existência desses acordos cosmopolíticos não hegemônicos em todas as esferas de poder e mesas de debates. Acredita-se que, dessa forma, será possível obter conquistas na luta por um mundo mais belo e sustentável (Lino, 2022).

Os estudos de Lino (2022) buscaram compreender a Cosmopolítica de Oxum, explorando a interconexão entre arte, religião e ecologia em uma floresta sagrada africana, a Floresta de O*sogbo*. Analisando como essa floresta se mantém preservada, até os dias atuais, enraizada nas tradições africanas, pode-se afirmar que o culto a Oxum, associado à arte e ecologia, é um exemplo de "Governança Espiritual". Essa governança espiritual impacta positivamente as relações sociais, ambientais e jurídicas na região, envolvendo a análise das interações entre os praticantes das tradições espirituais, as comunidades locais e as estruturas de poder mais amplas. Esses acordos cosmopolíticos contribuem para uma governança mais holística e integradora e o resultado é a sobrevivência da floresta sagrada.

II.3 A Governança Espiritual no norte da Austrália: *Uluru Kata Tjuta National Park*

> Para os aborígines australianos *Uluru* remete ao “Tempo do Sonho”, a longínqua Era em que o planeta se formou, quando seres ancestrais percorreram a superfície da Terra criando os primeiros agrupamentos humanos e ligando formações especiais, onde seus espíritos permaneceram. Lugares sagrados que eles têm a responsabilidade de honrar e proteger.

Uluru Kata Tjuta é uma singular formação geológica de arenito (Figura 10), destacando-se com seus 348 metros de altura e aproximadamente 2 km de comprimento. Situado no norte da Austrália, em meio à vasta planície desértica, esse sítio natural sagrado faz parte de uma Unidade de Conservação, um parque nacional estabelecido em 1950 e gerenciado pelo governo australiano (Fernandes Pinto, 2021).

Os membros da Cultura *Anangu*, que são aborígenes australianos e os guardiões da pedra sagrada, acreditam que, assim como uma casa precisa de alicerces e fundamentos sólidos, o seu modo de vida está no *Tjukurpa* – uma filosofia que os conecta à natureza e aos ancestrais. "*Tjukurpa* é o sistema de crenças que orienta

todos os aspectos da vida dos *Anangu*. Eles acreditam que a paisagem foi criada por seres antigos e que são descendentes diretos desses seres".

Figura 10 – *Uluru Kata Tjuta*.



Fonte: *National Museum Australia* (1985).

Muito embora a cultura dos *Anangu*, seus modos de viver, fazer e saber, estejam, por muitas gerações, historicamente e umbilicalmente, atrelados à paisagem de *Uluru*, eles foram proibidos de adentrar o seu território ancestral durante décadas, com a criação do Parque Nacional (Fernandes Pinto, 2021). Os povos aborígenes, durante 35 anos, puseram em prática uma aguerrida luta pelo reconhecimento de seus direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupavam, não apenas na região de *Uluru*, mas em todo o território australiano (Fernandes Pinto, 2021). Eles obrigaram o Governo do Norte a devolver o seu território e manifestaram temor com as consequências da mineração, pastoreio e turismo, e, sobretudo, com a violação dos lugares sagrados.

O ato público de reintegração das terras ocorreu no Parque Nacional de *Uluru* em 26 de outubro de 1985 (Figura 11). Um grande número de aborígenes e não-aborígenes testemunhou a cerimônia em que o governador-geral Sir Ninian Stephen devolveu os títulos de propriedade para *Uluru-Kata Tjuta*. Nesse momento histórico, os povos originários estabeleceram um acordo de arrendamento do parque com o Serviço

Nacional de Parques e Vida Selvagem da Austrália por 99 anos. Posteriormente, foi constituído um conselho de administração, no qual a maioria dos membros é composta pelo povo aborígene. Com isso, o parque passou a ser gerido em parceria, marcando um importante avanço rumo à reconciliação e ao reconhecimento dos direitos dos povos tradicionais sobre suas terras.

Figura 11 – Ato público no Parque *Uluru Kata Tjuta National Park*.



Fonte: *National Museum Australia* (1985).

A formação rochosa e seus recursos naturais foram reconhecidos como Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO em 1987. Em 1994, *Uluru Kata Tjuta* também recebeu a distinção de Paisagem Cultural, devido ao seu extraordinário valor paisagístico. Sendo a principal atração turística da Austrália, *Uluru Kata Tjuta* atrai mais de 250 mil visitantes por ano. Os *Anangu*, guardiões do local, recomendam que os visitantes respeitem suas tradições e evitem escalar a montanha (Fernandes Pinto, 2021).

Antigamente, a subida de *Uluru* era uma atividade comercializada que atraía muitos turistas. No entanto, em 26 de outubro de 2019, a escalada foi definitivamente fechada, marcando um momento significativo. Nos dias atuais, os proprietários da área se reúnem no local, (Figura 12) para preservar a integridade do sítio natural sagrado de *Tjukurpa*.

Figura 12 – Reunião dos *Anangu* no *Uluru Kata Tjuta National Park*.



Fonte: *Uluru-Kata Tjuta National Park* (2019).

Na atualidade, o Serviço de Parques da Austrália e os *Anangu* colaboram em uma parceria efetiva, administrando conjuntamente a área protegida por meio de uma abordagem que combina ciência moderna e conhecimento tradicional. Essa narrativa é detalhada no website oficial do governo australiano, destacando como os valores culturais são integralmente incorporados e valorizados na gestão e preservação de *Uluru Kata Tjuta*.

Nas páginas oficiais do Serviço de Parques da Austrália, encontra-se a declaração: "Reconhecemos os proprietários tradicionais do país por toda a Austrália, sua conexão contínua com a terra e as águas, e sua cultura. Expressamos nosso respeito aos anciãos do passado, do presente e do futuro" (tradução adaptada por Érika Fernandes-Pinto).

Saberes Agrícolas e a Dimensão Sagrada: Explorando a Realidade na Aldeia de Koro, Gana

> No princípio, Deus criou os céus e as nuvens como um macho. Ele então criou a terra como mulher (*tengan*) e permitiu que os dois começassem um relacionamento. O trovão remou e enviou chuva e relâmpagos para a terra: deste ar de intercurso, animais, plantas, sementes (para a vida), rios, montanhas e tudo o que vemos hoje emergiram e começaram a prosperar. Os humanos evoluíram como parte desta cocriação entre os céus e o *tengan* com a promessa de que, após a sua morte, os humanos são devolvidos à mãe terra na forma natural em que surgiram. A terra em *Dagara*, a cultura

> continua a ser a mais sagrada de todas as coisas, porque é a personificação da criação de Deus (Boogaard, 2023).

Na cultura *Dagara*, a terra é considerada a mais sagrada de todas as coisas, pois é vista como a personificação da criação de Deus. Deus confiou aos seres humanos a responsabilidade de gerir o *tengan* (terra) como um recurso para a agricultura. Mesmo após a morte, os seres humanos continuam a ter a responsabilidade de assegurar o uso "sustentável" desses recursos. Como parte dessa responsabilidade, os antepassados designaram o *tengan dem* (guardiões da terra) para zelar por esses recursos naturais e estabeleceram regras para orientar seu uso (Boogaard, 2023).

O trecho em epígrafe foi extraído do artigo "*A Reconsideration of African Spirituality in Agricultural Development Projects: Traditional Ecological Knowledge from Dagara Elders in Koro, Ghana*" de Boogaard *et al.* (2023). Este trabalho menciona quatro histórias de casos específicas para ilustrar a interação entre africanos, espiritualidade e agricultura na aldeia de Koro, em *Dagara*. As histórias são: (1) "*tengan dem* e a criação do universo", (2) "*bumbuure for bondiri* – semente para a vida", (3) "uma maldição sobre a mineração ilegal" e (4) "boicote ao mercado para chuvas". O objetivo do texto é explorar os conflitos econômicos, ecológicos e ontológicos associados aos principais programas de desenvolvimento agrícola na África (Boogaard, 2023) demonstrando como a Governança Espiritual atua.

Sobre o primeiro caso, pode-se, ainda, afirmar que os *Tengan Dem* são guardiões da terra entre o povo *Dagara* (Tengan, 2000). Observa-se que "*tengan dem*" é plural, enquanto "*tengan* sob" é singular. A narrativa do *tengan dem* ilustra como as relações respeitosas com a terra são motivadas e justificadas pela cosmogonia do povo *Dagara*. Além disso, essa cosmogonia não apenas estabelece a necessidade de respeito pela terra, mas também oferece lições mais amplas sobre a interconectividade da terra, do céu e de todos, sejam humanos ou não. Essa interconectividade não é apenas uma afirmação metafísica abstrata, mas se manifesta por meio de práticas culturais e sociais guiadas pelos *Tengan Dem* como guardiões e mediadores de relações respeitosas com o meio ambiente. Ao mesmo tempo, a cosmogonia não atribui a responsabilidade exclusiva às mãos dos *Tengan Dem* (Boogaard, 2023).

A segunda narrativa, que envolve a expressão "*bumbuure for bondiri*", aborda as sementes cultivadas destinadas a alimentar e sustentar as populações do presente, passado (antepassados) e futuro em Koro. Isso engloba variedades como sorgo, painço, feijão bambara, feijão-caupi e inhame. Essas culturas, cruciais para a dieta, são consideradas sagradas e estão intrinsecamente conectadas a rituais conduzidos pelo *tengan dem*. Antes da colheita, rituais específicos são imperativos, e o consumo antecipado dessas colheitas é estritamente proibido, representando um tabu grave e uma ofensa cultural em Koro. O caso do "*bumbuure for bondiri*" destaca a complexa interseção entre espiritualidade e subsistência no contexto do povo *Dagara*. Mais do que simples commodities econômicas, as sementes e colheitas possuem profundos significados espirituais na cosmologia *Dagara* (Boogaard, 2023).

O terceiro caso aborda a maldição imposta à mineração ilegal em Koro. Em 2011, a comunidade foi invadida por garimpeiros ilegais que exploraram as terras e extraíram ouro contra a vontade do povo. Percebendo que os apelos para encerrar a prática eram ignorados, o *tengan sob* convocou os *tegan dem* e lançou uma maldição, ameaçando qualquer pessoa envolvida na mineração na aldeia. O temor da ira do *tengan* levou os mineiros a abandonarem suas máquinas e deixarem a área, não retornando desde então (Boogaard, 2023).

Essa narrativa destaca o papel do *tengan* sob como guardião da terra, inserido na cosmologia e ética ambiental mais ampla do povo *Dagara*. Para o *tengan dem*, a mineração representa um uso inadequado da terra, destinada a sustentar a vida de animais, humanos e plantas. Danificar a terra através da extração mineral é visto como prejudicial não apenas materialmente, mas também espiritualmente. A interconexão entre seres humanos e a terra desempenha um papel crucial na ordem moral, pois causar danos à terra implica, em última análise, infligir danos a si mesmos (Boogaard, 2023).

O quarto caso relata o "Boicote ao mercado por causa da chuva". Em um determinado ano, a chuva parou após algumas precipitações, e todas as culturas começaram a secar, gerando o temor de uma possível fome se nenhuma ação fosse tomada. O povo recorreu ao *tengan dem*, solicitando que intercedessem junto aos antepassados em seu nome, acreditando que isso refletia delitos na aldeia. O chefe *tengan sob* consultou o *tengan tuu* (bosque sagrado) para compreender as medidas necessárias.

Convocou uma reunião dos anciãos e comunicou que a orientação era boicotar imediatamente o mercado de *Babile*, tanto pelos indígenas quanto pelos comerciantes estrangeiros. No dia seguinte, o *tengan* foi ao mercado realizar rituais, anunciando o início do boicote. A informação se espalhou, e a sessão de mercado foi efetivamente boicotada. Naquela noite, uma forte chuva ocorreu, trazendo alegria a todos em Koro. Desde então, as chuvas têm sido consistentes, e as pessoas aguardam uma colheita mais abundante (Boogaard et al, 2023).

Os boicotes de mercado estão imersos em práticas muito mais complexas, que são, por si só, parte integrante da ética ambiental indígena. Os mercados são locais onde diversos agentes, tanto humanos quanto não humanos, se reúnem e se encontram. No mercado, encontramos bebidas espirituosas, deuses e antepassados (Boogaard et al, 2023). O Orixá Exu é o Senhor do mercado. O mercado-ojá é um espaço regido por Exu, caracterizado por experiências de relações comunitárias cuidadosas. Funciona como um ponto de encontro entre produtores e consumidores, onde ocorre a troca e circulação do axé, fortalecendo a natureza recíproca e complementar da dinâmica do próprio axé (Nascimento, 2016).

Assim, os mercados tornam-se centros rituais nos quais as atividades econômicas, sociais e espirituais da comunidade se entrelaçam. Se a ordem for perturbada, o mercado necessita de uma pausa. O fechamento do mercado não é apenas um evento simbólico, mas, também, algo altamente disruptivo. O boicote ao mercado é um ritual significativo que requer que toda a comunidade faça um sacrifício e reflita sobre os distúrbios. Assim como no caso da maldição da mineração, o boicote ao mercado ilustra como os *tengan dem* não apenas possuem conhecimento sobre práticas sustentáveis, mas também têm autoridade espiritual e social para intervir na comunidade e em suas práticas (Boogaard et al, 2023).

Alvo de críticas crescentes por parte de estudiosos e ativistas africanos, do ponto de vista econômico, a modernização agrícola em África muitas vezes favorece grandes produtores, prejudicando agricultores de pequena escala e, em alguns casos, resultando na desapropriação de suas terras. No aspecto ecológico, a industrialização agrícola não apenas causou sérios danos ambientais, mas também teve impactos negativos sobre comunidades rurais que dependem de ecossistemas degradados ou poluídos para seus meios de subsistência. Sob uma perspectiva sociológica, a

produção industrializada de alimentos perpetua injustiças econômicas e ambientais, afetando de maneira desproporcional comunidades rurais no Sul Global (Boogaard et al, 2023).

Ao finalizar, sob uma perspectiva ontológica, a exportação da agricultura industrial ocidental para a África é questionada como uma prática neocolonial que substitui as relações indígenas e sustentáveis com o ambiente pela assimilação a uma produção alimentar neoliberal predominante (Boogaard, 2023).

As formas africanas de espiritualidade representam um caso notável, constituindo a base do envolvimento indígena com os ambientes. No entanto, elas são, na melhor das hipóteses, educadamente ignoradas por projetos de desenvolvimento que buscam orientar o caminho do continente africano em direção a um futuro economicamente justo e sustentável (Boogaard *et al.*, 2023).

Segundo Boogaard *et al.* (2023), a ausência da espiritualidade africana nos projetos de desenvolvimento agrícola no continente não é um fenômeno novo, mas está enraizada no legado intelectual da colonização, que oprime conceitualmente os modos indígenas de conhecimento (Mungwini, 2017) e ontologicamente os modos locais de existência no mundo (Mafeje, 2011). As atividades missionárias cristãs, assim como a ciência e tecnologia coloniais (Mavhunga, 2017), historicamente marginalizaram a espiritualidade africana, rotulando-a como primitiva e supersticiosa (Kimmerle, 2006).

A rica tradição espiritual africana destaca a relação sagrada entre as comunidades e todos os elementos naturais da Terra. Filósofos africanos, como Eze e Ramose, enfatizam a interconexão entre compromissos ontológicos (relacionados à natureza da existência) e morais, ressaltando a sacralidade da Mãe Terra. Essa compreensão profunda é central para a discussão apresentada no contexto do artigo "*A Reconsideration of African Spirituality in Agricultural Development Projects: Traditional Ecological Knowledge from Dagara Elders in Koro, Ghana*" de Boogaard *et al.* (2023), e, por extensão, no contexto da Governança Espiritual nos sítios naturais sagrados.

Os exemplos apresentados, como as paisagens montanhosas do Tibete, a floresta sagrada de Oxum, o *Uluru Kata Tjuta Park National* e a aldeia de Koro, compartilham notáveis semelhanças. Todos esses sítios naturais são governados por uma Entidade

Espiritual que, de maneira constante, se envolve na preservação de seus espaços sagrados e dimensões territoriais, muitas vezes, negligenciadas pelas autoridades públicas. Essa relação entre o sagrado e o território revela a importância das práticas espirituais na manutenção e proteção desses lugares especiais.



Foto Mônica Silveira (2019).

E a arquitetura na verdade daqui é bem diferente [..] Tem um outro processo porque a gente tem que entender no candomblé de dentro como o vento circula nos lugares. Então a gente vai colocando as áreas [..] trabalhando essas áreas a depender do vento. Como vai circular ali dentro do processo, também do sol. Nascente, poente. Como é que o sol se põe. Na época o sol nascia na frente [..] na medida em que o sol fosse se pondo caminharia por cima do barracão trazendo toda a energia de frente para o fundo, ou seja, a casa recebia a energia [..] Então você vai ver uma arquitetura de candomblé Ser. Você percebe que é um Ser Humano. Cada coisa no seu lugar. (Taata Mutá Imê *apud* Silva, 2019, p.97)

CAPÍTULO III. O MUNDO ENCANTADO DAS ARQUITETURAS DE TERREIROS

> O terreiro nada mais é que uma cidade onde temos que conviver com a diversidade e coletividade. Uma cidade espiritual. Uma cidade de acolhimento. Uma cidade onde agente busca a valorização da dignidade do ser vivo humano e a elevação espiritual dos espíritos. Então os terreiros em si já é uma cidade, onde o executivo é o *inquice* dono do cargo. Os vereadores são os *inquices* que compõem o terreiro. A presidente ou a presidenta da Câmara de Vereadores é a zeladora responsáveis pelas ações do terreiro, ou seja, a ministra de confissão. Essa é eleita por Zambi[47]. e pelos *inquices*. Os secretários e as secretárias são os nossos *ogans*, *xincarogomas*, nossos *agbagigans*, nossos *ekedis* [..] os filhos de santo são as famílias que compõem a cidade.[48]. (Mãe Val, 2021).

O discurso transcrito pertence a Mãe Val (Valdeci Teixeira) e foi apresentado em 29 de julho de 2021, durante o 1º Seminário Mulheres Negras e Cidades Afro-Diaspóricas. Mãe Val participou da Mesa 2, denominada "Cidades e terreiros: as mulheres do terreiro produzindo cidades", uma iniciativa liderada pelas mulheres negras do Grupo de Pesquisa EtniCidades da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia - FAUFBA. O evento tinha como objetivo enriquecer as discussões sobre narrativas, memórias e experiências das mulheres negras latino e caribenhas, ressaltando a relevância de suas vozes na construção de significados em relação a cidades e terreiros.

O texto descreve o terreiro como uma cidade espiritual, destacando a convivência com a diversidade e a coletividade. A analogia entre a estrutura do terreiro e uma cidade real é evidenciada ao atribuir funções específicas aos participantes, como o *inquice* sendo o Governante Espiritual. A descrição de Mãe Val enfatiza a busca pela valorização da dignidade humana e a elevação espiritual, destacando a espiritualidade como o cerne dessa "cidade" especial.

---

[47] Zambi – Deis supremo na cultura banto.

[48] Discurso proferido por Mãe Val (Valdeci Teixeira) em 29 de julho de 2021, no 1º Seminário Mulheres Negras e Cidades Afro-Diaspóricas. Narrativas, memórias e vivências das mulheres negras latino e caribenhas, 2021. Mesa 2 – Cidades e terreiros: as mulheres do terreiro produzindo cidades. Realização: uma iniciativa das mulheres negras do Grupo de Pesquisa EtniCidades da FAUFBA. Moderadora: Maria Alice Silva. Palestrantes: Mãe Val, Eliana Falayò, Mãe Donana, Rejane Rodrigues (Quilombola), Kosi Oba (Naildes do Carmo. Disponível em: <https://youtu.be/QzHKn-fwnYU. Acesso em: 29 jan. 2021.

Se o terreiro é uma cidade, de que maneira essas tradições religiosas (comunidades de terreiros das nações Angola, *Keto*, *Jeje*) podem contribuir para a concepção arquitetônica e urbanística do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô?

A despeito dos desafios e da complexidade da empreitada, contaremos com a sagrada Ori (entação), personificada pelos orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados, para nos guiar nessa jornada. Inicialmente, direcionamos nossa investigação a três terreiros localizados nas proximidades do Parque Pedra de Xangô, buscando compreender não apenas suas arquiteturas, mas também suas cosmopercepções de mundo e como interagem com o sítio natural sagrado.

III.1 Um passeio no Candomblé Angola – *Unzo Mutalombo Yê Kaiongo*

O primeiro templo afro-brasileiro que visitamos foi o *Mutalombo Yê Kaiongo* (Figura 13), um terreiro da nação *Angolão Paquetan Malembá*, situado na rua Geraldo Brasil, n.º 65, em Cajazeiras XI, Salvador, Bahia. O líder espiritual da casa é o Taata de *inquice*, Jorge Barreto dos Santos, mais conhecido como *Muta Imê*. O significado de "*Mutalombo Yê Kaiongo*" é "Casa do caçador e príncipe das matas, da rainha do fogo, dos raios, ventos e tempestades [..]." O patrono do terreiro é *Mutalombo*, e a cumeeira pertence à *Nzazi* (Silva, 2019).

Figura 13 – Terreiro *Mutalombo Yê Kaiongo*.



Fonte: Mônica Silveira (2019).

Fundado em 1971, o Terreiro *Mutalambo Yê Kaiongo* mantém e transmite as tradições afro-diaspóricas do Candomblé Angola há mais de duas décadas, no bairro de Cajazeiras XI. O terreiro está situado em uma área remanescente do bioma Mata Atlântica (Figura 14), encontrando-se em um estágio médio de regeneração, ocupando uma extensão de 10.000 metros quadrados. Localizado às margens da bacia dos rios Joanes-Ipitanga, essa área é considerada de alta prioridade para restauração florestal, visando à segurança hídrica da Região Metropolitana de Salvador (Silva, 2019).

Figura 14 – Terreiro *Mutalombo Yê Kaiongo*.



Fonte: Mônica Silveira (2019).

Estudos prévios identificaram pelo menos 71 (setenta e uma) etnoespécies de árvores e plantas sagradas na Casa de Axé, proporcionando uma oportunidade privilegiada para a valorização da Mata Atlântica. Essa iniciativa converge para a preservação dos serviços ecossistêmicos e para a sensibilização ambiental junto aos Povos de Terreiro (Silva, 2019).A entidade religiosa está associada à Rede de Hortos de Plantas Medicinais e Litúrgicas (RHOL), um projeto que busca superar a ausência de espaço-mato nos terreiros urbanos por meio da implementação de uma rede de hortos (Silva, 2019).

Como membro do Grupo de Trabalho Externo de Implantação da APA Municipal Vale do Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô, criado pela SECIS (Secretaria Municipal de Inovação e Resiliência), o terreiro também contribuiu para o

laudo etnográfico do processo de tombamento da Pedra de Xangô. A comunidade é proponente dos projetos "Parque em Rede Pedra da Xangô e APA Municipal: o Parque que Queremos", selecionado na Chamada Pública de Projetos do Ministério Público do Estado da Bahia — Programa de Compensação Ambiental Urbana da Promotoria de Justiça de Habitação e Urbanismo, e "Área de Proteção Ambiental Vale do Ribeirão/Itapuã — Parque em Rede Pedra de Xangô: o parque que queremos", financiado pelo Fundo Socioambiental Casa.

Esses projetos têm como objetivo geral pressionar o poder público para a implementação e efetivação da APA Vale do Assis Valente/Parque em Rede Pedra de Xangô, por meio da elaboração independente de Diagnóstico Ambiental Participativo e do Plano Participativo Integrado de Recursos Hídricos e Recuperação de Áreas Degradadas (PRH/PRAD).

Com objetivos específicos, os projetos almejaram: empoderar e fortalecer as comunidades de Cajazeiras e adjacências, a fim de que possam defender a biodiversidade e promover o uso sustentável do espaço urbano; estimular os jovens no desenvolvimento de habilidades ligadas à educação ambiental; contribuir para a melhoria das condições socioambientais e o desenvolvimento sustentável participativo das Unidades de Conservação e das comunidades de terreiros; garantir a preservação e disseminação da tradição, práticas, saberes e fazeres populares e afro-religiosos; assegurar às gerações futuras um meio ambiente equilibrado, saudável e ecologicamente sustentável.

A arquitetura do terreiro *Mutalombo Yê Kaiongo* prioriza a natureza, biodiversidade e sustentabilidade, alimentando o axé e tecendo a rede entre terreiro e cidade. Ao longo de sua extensão, as casas dos *inquices*, dos caboclos, a floresta sagrada, pedras, fontes, veios d’água e fauna são distribuídos de maneira a atender de forma satisfatória às necessidades dos rituais litúrgicos do templo (Silva, 2019).

Taata Mutá Imê (Figura 15), ministrando uma aula sobre as arquiteturas de terreiros para alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia – UFBA, no terreiro *Mutalombo Yê Kaiongo* (2016), exemplifica essa sinergia ao relatar que:

> [..] a arquitetura na verdade daqui é bem diferente [..] Tem um outro processo porque a gente tem que entender no candomblé de dentro como o vento circula nos lugares. Então a gente vai colocando as áreas [..] trabalhando essas áreas a depender do vento. Como vai circular ali dentro do processo, também do sol. Nascente, poente. Como é que o sol se põe. Na época o sol nascia na frente [..] na medida em que o sol fosse se pondo caminharia por cima do barracão trazendo toda a energia de frente para o fundo, ou seja, a casa recebia a energia [..] aí então, você vai ver uma arquitetura de candomblé Ser**.** Você percebe que é um Ser Humano[49]" (Tata Mutá Imê, *apud* Silva, 2019, p.97).

Figura 15 – Taata Mutá Imê.



Fonte: Mônica Silveira (2019).

O terreiro *Mutalombo Yê Kaiongo* celebra anualmente, em 23 de junho, a Benzedura do *Mgongá*[50], marcada pela iluminação de uma grande fogueira em honra a *Nzazi*, *inquice* associado ao fogo, justiça, raios e trovões. *Nzazi* recebe reverências nas quartas-feiras e, no calendário litúrgico da casa (julho – agosto), é celebrada uma festa grandiosa em sua homenagem (Silva, 2019).

O Candomblé, uma ressignificação das tradições religiosas africanas, foi criado pelos negros africanos trazidos ao Brasil como escravizados. O primeiro grupo a chegar foi o povo de origem banto, representando a nação angola.

---

49. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BrFtjbNHGeS/?igshid=YmMyMTA2M2Y=

50. Benzedura do Mgongá. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CQe4bHyprIe/?igshid=YmMyMTA2M2Y= Acesso:30/05/2022.

Os praticantes da nação angola mantiveram, ao longo de um extenso período, uma postura reservada, mostrando resistência ao compartilhamento de informações sobre sua cultura, especialmente com pesquisadores e estranhos. Essa atitude de reserva perdura até os dias atuais. A seguir, apresentamos o depoimento completo da arquiteta Kátia Silveira sobre sua experiência no terreiro *Mutalombo Yê Kaiongo*, no qual ela destaca a hesitação do sacerdote em abordar conhecimentos considerados segredos da nação, reservados exclusivamente aos iniciados. Observemos:

> A minha ida ao terreiro *Mutalambó Ye Kaiongo*, liderado por Tata Mutá Imê foi impactante! Minha missão era o levantamento das ervas e plantas sagradas utilizadas nos rituais da Nação *Angolão Paquetan Malembá* como embasamento para o desenvolvimento do Projeto de Paisagismo do Parque Pedra de Xangô, o qual o Terreiro fazia parte como um dos representantes do grupo técnico externo que acompanhava o desenvolvimento do projeto junto a Fundação Mario Leal Ferreira-Prefeitura Municipal de Salvador. Como não praticante da religião afro-brasileira, fui inserida neste universo pela Maria Alice Silva, que me apresentou ao Tata Mutá informando-o qual a minha pretensão naquele momento. Várias foram às ocasiões em que estivemos com Tata nos eventos ligados a Pedra de Xangô- reuniões técnicas, rituais, etc., mas a cada encontro a entrevista não se realizava por diversos motivos. O Terreiro já possuía um levantamento sobre as ervas e plantas sagradas presentes no magistral livro " A Casa dos Olhos do Tempo que fala da nação *Angolão Paquetan*", o qual foi o ponto de partida para o levantamento do qual necessitava, mas não só! Faltava, para mim, aquele encontro especial com o Tata, sob o véu das forças da mata no seu belíssimo "espaço-mato", para a escuta essencial. Não bastava a relação das plantas, nos seus aspectos puramente técnicos, era fundamental uma percepção ampliada de outras realidades ou dimensões, incluindo neste contexto os elementos- água, vento, terra, pedras, fogo, a fauna. E finalmente ouvi do Tata a sua concepção educativa, de forma direta e objetiva ao me revelar que não permite o acesso ao conhecimento dos fundamentos da sua Nação, transmitidos apenas aos iniciados para que não seja utilizado de forma indevida. Neste sentido, refletindo naquela negativa, confesso que a posição do Sacerdote não teve efeito perturbador nas minhas expectativas, pelo contrário, me levou a enveredar com mais ênfase pelo caminho do mistério que eu tanto desejava e que viria a construir, aprendendo entre outras coisas a não fazer uso da palavra falada identificando o uso das folhas como eu esperava (no caso), mas em silêncio me dar conta da minha própria natureza. Desde então, ao me fazer perceber outros caminhos de acesso ao mistério (espiritualidade) o chamo carinhosamente de Tatinha, com muita gratidão e alegria por me fazer entender que posso usar todo corpo e meus sentidos para alcançar o inaudível. Uma vez um preto velho me disse: O Sagrado se guarda em Segredo! (Pai Serafim). Pois, que assim seja [51] (Kátia Silveira, 2021).

Exu indica que é hora de adentrar o universo cosmológico da nação *Ketu (nagô)*, e o *Ilê Axé Tumbi Odé Oji* é o local escolhido para essa exploração. Ao longo dessa

[51] Entrevista concedida por Kátia Silveira a pesquisadora Maria Alice Silva, 2021.

jornada, observo as mudanças que a cidade experimenta em sua rotina, relembrando a entrevista concedida pelo Taata Mutá Imê em 2016:

> [..] hoje eu posso dizer que sou rural. Amanhã não sei. O povo quer passar por cima. Preciso alimentar a minha corrente na minha casa para não secar. Já fecharam a entrada da lagoa. Agora a lagoa já tem portão, virou condomínio fechado. Deveríamos ficar atentos. Fazer o trabalho de base. (Taata Mutá Imê *apud* Silva, 2019, p.98-99)

Antigamente, para chegar ao terreiro *Mutalombo Yê Kaiongo*, percorríamos uma estrada de bairro. Hoje, a via está asfaltada, e empreendimentos imobiliários, como conjuntos habitacionais, integram a paisagem do local. Contudo, continuamos avançando sob a liderança de Exu, conscientes de que há muitas histórias a vivenciar.

III.2 *Ilê Axé Tumbi Odé Oji* – um palácio africano *keto*

No centro do Caminho do Axé, ao longo da rota do Parque Pedra de Xangô, deparamo-nos com um autêntico palácio africano: o *Ilê Axé Tumbi Odé Oji*. Este terreiro é uma verdadeira obra de arte, sendo seu criador o artista plástico e arquiteto autodidata, babalorixá Deilton Gomes.

Fundado em 10 de março de 2006, o *Ilê Axé Tumbi Odé Oji* (Figura 16) é um terreiro pertencente à nação *keto* (nagô), com o orixá Oxóssi como seu patrono e *Ogun* como cumeeira. Localizado no bairro da Fazenda Grande II, este templo religioso possui dois acessos distintos: o principal pela Travessa Valdemar Magalhães de Matos, nº 10, e o secundário pela Rua Profª. Julieta Fahel Guimarães, nos fundos do bloco 38, Quadra B. Classificado como um terreiro de laje, caracterizado pela ausência de área verde para a realização de rituais, o *Ilê Axé Tumbi Odé Oji* ocupa uma área de 450 metros quadrados, com 30 metros de comprimento e 15 metros de largura, conforme documentado por Silva (2019).

O Ilê Axé Tumbi Ode Oji é um dos 12 terreiros que integram a Rede Pedra de Xangô, sendo selecionado para análise devido à sua importância na elaboração do projeto arquitetônico do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. Com uma arte singular, este terreiro faz um uso excepcional dos metros quadrados disponíveis em sua comunidade. Sua estética evoca a majestade de um palácio africano,

reminiscente da cidade de *Oyó*. No barracão, encontram-se os tronos de Odé e Xangô, agregando ainda mais à sua beleza e significado.

Figura 16 – Terreiro Tumbi Odé.



Fonte: Acervo Tumbi Odé (2019).

A escolha de erguer dois tronos de pedra visa ressaltar a solidez e a imponência dos orixás, indicando que o terreiro é verdadeiramente um palácio e reafirmando que os orixás estão acima dos seres humanos, sendo os grandes reis (Gomes, 2022). Na Praça dos Orixás, deparamo-nos com uma imponente serpente esculpida em pedra sabão, enroscada no tronco de uma árvore, apontando em direção à entrada do terreiro. Essa obra transmite uma mensagem representativa do orixá *Oxumarê*, simbolizando estratégia, cálculo, velocidade, riqueza e a ideia de que só podemos dar aquilo que possuímos (Gomes, 2022).

Situado entre dois conjuntos habitacionais, o terreiro se projeta como uma expansão de concreto. A determinação na sua construção se evidencia no entorno, onde diversas casas estão parcialmente erguidas. Classificado como "de laje" e verticalizado, o terreiro carece de áreas verdes, limitando-se a duas mangueiras, uma cajazeira e alguns vasos de plantas. Apesar de reverenciar as forças naturais, ele está notavelmente distante delas. Na entrada principal, um rio que já foi habitat de muitos

peixes perdeu sua vitalidade, transformando-se em um esgoto a céu aberto, conforme relatado por Silva (2019).

Ilê Axé Tumbi Odé Oji é um terreiro de laje, carente de espaço verde. Na minha dissertação, "Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador (2017)", mencionei a presença de apenas duas mangueiras no terreiro e uma cajazeira, isso em 2016. No entanto, atualmente (2022), tanto as mangueiras quanto a cajazeira já não estão mais presentes, tendo sido sacrificadas devido à contaminação por fungos. Por serem árvores sagradas, o babalorixá precisou realizar cerimônias de despedida, comunicando aos orixás que eles não mais habitariam naquelas árvores. A comunidade ficou profundamente entristecida durante a despedida das árvores.

O evento em questão evidencia as características da Governança Espiritual em sítios naturais, conforme abordado por Studley e Horsey (2018). Isso engloba as Relações de Parentesco, que implicam na crença de laços familiares entre seres humanos e entidades espirituais, estabelecendo obrigações, responsabilidades e, por que não dizer, sentimentos.

Ao examinar a arquitetura do terreiro, constata-se que sua ornamentação, enriquecida por elementos como balaústres, frequentemente empregados na arquitetura e dispostos em sacadas e varandas, confere uma atmosfera de grandiosidade digna de um palácio. Visitar um "terreiro de laje" torna-se passagem obrigatória. Os arquitetos e profissionais envolvidos precisavam entender e atender às expectativas e demandas dos templos sagrados, compreendendo para quem estavam projetando e qual era a dinâmica do axé, incluindo seu fluxo e territorialidade em rede.

Era essencial adotar um olhar atento, cuidadoso, sistêmico e plural, capaz de realizar uma leitura histórica, cultural e sociológica do lugar, compreendendo seus códigos, costumes e tradições. Isso evitaria que o arquiteto, por mais bem intencionado em seu trabalho diário, destruísse valores existenciais, redes e conexões ancestrais. Mesmo sem um espaço mato apropriado para a realização de seus atos litúrgicos, o babalorixá Deilton Gomes (Figura 17) ressignifica o espaço do terreiro. Anualmente, em 29 de junho, o *Ilê Axé Tumbi Odé Oji* realiza a Fogueira de Xangô em suas dependências, mantendo total sinergia com a Pedra de Xangô.

Figura 17 – Pai Deilton Gomes.



Fonte: Acervo Tumbi Odé (2019).

A celebração da Fogueira de Xangô no *Ilê Axé Tumbi Odé Oji* estabelece a conexão entre a Pedra de Xangô e o terreiro, envolvendo a colheita das folhas necessárias nos arredores do sítio sagrado para o ritual do senhor da justiça, do fogo e do trovão. Dentro da comunidade, o rito se redefine e se entrelaça à Pedra de Xangô, considerada um espaço sagrado (Silva, 2019), "com o local sacralizado de sua fogueira (Figura 18) em frente ao barracão do terreiro, ao redor da qual Xangô orienta a dança do *alujá* com seus filhos" (Silva, 2019, p.76).

No encontro com o babalorixá Deilton Gomes, a arquiteta assimilou a mensagem, abandonando sua abordagem mecanicista e eurocêntrica. Em seu depoimento, manifestou contentamento com a interação, evidenciando a profunda perícia do sacerdote no universo das ervas e plantas sagradas. Sua conclusão ressaltou a importância da colaboração para o avanço do projeto paisagístico do parque, conforme relato a seguir transcrito:

> Em uma manhã ensolarada, minha visita para a entrevista com o Babalorixá do terreiro Tumbi Odé Oji, nação Ketu, transcorreu de forma leve, contínua e instigante. Lembro-me do Babá Deilton me receber em seu espaço sagrado, com um largo sorriso no rosto de um homem de quase 2m (dois metros) de altura, elegante e porte de sacerdote convicto do seu papel. Um homem

> atencioso, sereno e disponível para nosso encontro que viria a alicerçar o Projeto de Paisagismo para o Parque Pedra de Xangô. O que seria algo rígido de uma pesquisa/entrevista técnica, a originalidade no uso das palavras e o conhecimento profundo do religioso associado aos significados das plantas cultuadas, transcorreu de maneira fluída e célere, com direito a abstração, e, para mim um aprendizado e um mergulho desmedido no mundo das ervas sagradas, ouvindo atentamente, quase sem respirar, para não perder uma palavra ou associação sequer da sua narrativa. Encerramos nossa entrevista na Praça dos Orixás com muito Axé e eu agradecida pela disponibilidade e a envolvente conexão do Babá Deilton com os Orixás[52]! (Kátia Silveira, 2021).

Figura 18 – Terreiro Tumbi Odé. Fogueira de Xangô.



Fonte: Juscelino Pacheco (2016).

Na Praça dos Orixás, desenrola-se a cerimônia da Fogueira de Xangô. Este espaço acomoda assentamentos dos orixás e caboclos, servindo como o local onde o babalorixá se reúne para disseminar a filosofia, compartilhar histórias e mitos africanos, e estabelecer conexão com os orixás. "A energia aqui é constante. Ao adentrar o terreiro e sentar nesta praça, já se percebe a vibração e a energia do lugar. É um local onde cuidamos da energia, que não é fragmentada, pois os Orixás, Caboclos e *Erês*[53] representam todas as energias a favor do bem".

Guiados por Exu, é momento de se despedir e dirigir-se a um terreiro da nação *Jeje*. A escolha recai sobre o *Vodun Kwe Tò Zò*, localizado próximo ao Tumbi Odé Oji. A distância entre eles é de 450 metros pela via principal e 300 metros pela via

[52] Entrevista concedida por Kátia Silveira a pesquisadora Maria Alice Silva, 2021.

[53] Erês – os intermediários entre a pessoa e o orixá.

secundária. Assim, dirigimo-nos ao encontro de mais um terreiro integrante da rede em defesa da Pedra de Xangô.

III.3 Imersão nas folhas encantadas do *jeje* – terreiro *Vodun Kwe Tò Zò*

As experiências mais recentes ocorreram no candomblé da nação *Jeje Savalu*, especificamente no Vodun[54] Kwe Tò Zò (Templo da Deusa do Rio cujo poder domina o fogo), também conhecido como o terreiro da Pedra do Trovão. Sob a liderança da sacerdotisa Gayaku Sinay, uma mulher de *Oyá*, cujo *We-tá* (cabeça dupla) e o *vodun Ajakutá* (*Sogbo*) são reverenciados. A proposta da visita-imersão visava compreender as crenças, saberes e práticas do Povo de Terreiro da nação *Jeje* na configuração do espaço privado e público, especialmente no contexto do Parque Pedra de Xangô.

O *vodun* venerado como patrono no terreiro é *Sogbo*. *Sogbo* é a divindade "*Hennugan*" (chefe da família) dos "*Zò-vodun*" (*vodun* do fogo), também conhecidos como "*Kaviunos*". Essas divindades estão intrinsecamente ligadas a fenômenos naturais, como trovões, relâmpagos, chuvas torrenciais, redemoinhos aquáticos, chuvas de granizo e manifestações vulcânicas, entre outros. A palavra "*Sogbo*" resulta da junção de "*sò*" proveniente de "*Zò*" (fogo) e "*agbo*" que significa Carneiro, significando, portanto, "Carneiro de fogo". O carneiro é considerado um *Dùsù* (interdito divino), e sua carne não deve ser sacrificada nem consumida.

A associação comum entre o *vodun Sogbo* e o orixá Xangô é evidente, embora alguns indivíduos repudiem essa correlação religiosa. No Benin, a palavra "*Sogbo*" faz uma ampla referência ao culto do grande raio, relâmpago de fogo, abrangendo não apenas uma divindade específica, mas todo um grupo. Ao longo do tempo, a deidade "fronteiriça" Xangô, aceita como membro da *zo-hennu*, passou a ser chamada de *vodun Shango* devido à semelhança de símbolos compartilhados com o culto nigeriano.

Dentro do panteão do trovão, várias divindades incluem *Sogbo*, *Kposu* (*vodun* da *Sokpe), Gbadé, Avlekete, Adaen, Loko, Akorumbé, Aladò, Heviosso, Ajakutá, Gaú,*

[54] Voduns — divindades cultuadas pela etnia ewe-fon composta por africanes falantes das línguas *ewe-fon ou gbe* (*jeje*s, minas, ardras ou aladas, uidás, mahis, mundubis, *savalu*s e outros). (SILVA, 2019)

Zagò, Shangô, entre outros. Os três principais *Zo-vodun* no terreiro *Vodun Kwe Tò Zò* são: I - *Kposu*, divindade patrona do templo e *vodun* da *Sokpe*[55]; II - *Ajakuta*, deidade associada ao fulgurito, curisco/pedra de raio, *Sogbo*, o *vodun* da sacerdotisa Gayaku Sinay; III - Adaen, senhor da fúria dos céus e das chuvas torrenciais, o *vodun* da cumeeira[56].

A divindade soberana é *Oyá Avessan*. A liderança do *Vodun Kwe Tò Zò* explica que, quando um iniciado falece, ele passa por uma série de encontros espirituais. A entidade religiosa cuida de seus adeptos tanto em vida quanto na morte. O *vodun Sakpata* determina que a alma deve deixar o corpo. Em seguida, Jó Massa Hondon, com seus braceletes, sopra um vento frio que resfria o corpo, iniciando o processo de decomposição e transformação do corpo físico. A partir desse ponto, resta apenas o espírito, que é conduzido por *Avimaje* até o *atinsá* do *vodun Loko*, funcionando como um "portal" para adentrar em *Jikungan*. Ao chegar lá, *Oyá* recebe esse espírito e o encaminha para seu destino apropriado.

O Terreiro *Vodun Kwe Tò Zò* está integrado à poligonal da APA Municipal Vale do Assis Valente, localizado na Rua Professora Julieta Fahel — Travessa do Sossego, Fazenda Grande II, em Salvador, Bahia. Estrategicamente posicionado a apenas 5 minutos da Pedra de Xangô, é reconhecido como um dos Caminhos do Axé do Parque em Rede Pedra de Xangô.

No primeiro pavimento do terreiro *Vodun Kwe Tò Zò*, encontra-se uma área denominada “Praça dos Três Reis” (Figura 19) pela comunidade, em referência ao trio de divindades que lideram o panteão dos *voduns*. São três *atinsá* (árvores sagradas que abrigam um assentamento): o de *akoko*, que representa os *voduns Sakpata* e Dan, divindade de *Sogbo*. Ao entrar nessa área, à direita, encontra-se o *vodun sohokwe* (*soho* = guardião, *kwe* = casa/templo).

Do lado esquerdo, ao adentrar, está o assentamento do *vodun Axi-Legba* (*Legba* dos caminhos), presente em todas as arestas, fronteiras e encruzilhadas. Comumente diz-

[55] Kpo= pantera - su= homem, divindade meio homem meio animal que é tido como o mais velho dos membros da família.

[56] Cumeeira — é a peça de madeira central do barracão. Todo terreiro tem uma divindade que protege a casa e fica sempre na cumeeira.

se que este *Legba*, em particular, é o guardião da porta do banco central. Um pouco mais à frente, ainda à esquerda, destaca-se uma pequena casa branca com uma haste de bambu, que constitui o *asen* (altar) do *vodun Asiá* (*vodun* bandeira), uma deidade cuja cor emblemática é o branco. Ao lado, encontra-se o "*Hundèsen Togbosì*", cuja tradução significa "local de culto à senhora dos grandes rios", representando a fonte do *vodun zin*/*sin*.

Figura 19 – Terreiro *Vodun Kwe Tò Zò*.



Fonte: Mônica Silveira (2019).

Na frente, avista-se o "*Agbasá*" (barracão) (fig.20), destinado às celebrações públicas. O *agbasá* segue padrões específicos e predefinidos pelo grupo étnico ao qual o templo está vinculado, sendo essas características elencadas e utilizadas para identificar membros do mesmo grupo étnico. A fachada do barracão exibe uma placa com o nome do templo ou um símbolo da divindade patrona da casa.

O espaço interno (Figura 20) deve possuir mais de uma porta e mais de uma janela. O teto é revestido por bandeiras de papel seda em formato de pirâmide. No centro dos candomblés da nação *Jeje Savalu*, destaca-se uma pilastra comumente conhecida como "*Paumitã*" ou "*polomitã*" em algumas casas, representando "*Xotin*" (*axo* = real *atin* = árvore), a árvore real. Ao fundo do espaço, de frente à porta principal, encontra-se o "*Pagòdò*", onde está localizada a orquestra. A cor da fachada recria a tonalidade do palácio de *Savalou* — terracota, a cor símbolo do *vodun Sakpata*, o Rei da nação *Jeje Savalu*.

Figura 20 – *Agbasá* do terreiro Vodun Kwe *Tó Zó*.



Fonte: Mônica Silveira (2019).

Para assegurar a fidelidade às tradições e rituais, o telhado deve obrigatoriamente possuir duas águas, ou seja, duas caídas, sendo as telhas utilizadas de cerâmica. No topo da cumeeira, do lado externo, encontra-se uma "*Gonzen*", que é uma vasilha de barro, especificamente uma talha contendo os *acè* (energia) necessários. O telhado é composto por sete peças ou barrotes principais, preparados com extrema atenção e seguindo rituais específicos. Dessas, três são posicionadas para a direita, três para a esquerda e uma no centro. As telhas que cobrem a peça central recebem uma pintura ritual com traçados do "*Fadu*", representando o signo do *vodun* Fá, conforme determinado por este.

Dentro da estrutura do *Jeje Savalu*, o "*xotin*" simboliza a conexão entre o céu e a terra, atuando como uma ponte entre o mundo terreno (*ayikugban*) e o mundo espiritual (*jikungan*), dividido em nove espaços. O *vodun Oyá* desempenha o papel de administrar quem vive ou chega a esse espaço espiritual, sendo designado como *Avessan* dentro do *Jeje Savalu*.

Em contraste com outras tradições, os *voduns* dessa casa são preferencialmente assentados em árvores, evitando a construção de templos separados para cada divindade (Velame, 2022).No *Vodun Kwe Tò Zò*, toda "*Atin*" é considerada uma árvore sagrada, mas algumas se destacam como "*Atinsá*", árvores sagradas que abrigam um "*asen*", um objeto ritual, aos seus pés. O *Atinsá* é, por si só, a própria divindade viva.

O processo de "assentamento" de um Vodun envolve três elementos essenciais: uma *kpe* (pedra), uma *atin* (árvore) e um *gonzen* (quartinha/vasilha de água) - pedra, árvore e água.

A seguir, a Pedra de Trovão (Figura 21), também conhecida como Pedra de *Sogbo*. Em 2006, esse local sagrado foi alvo de ataques religiosos, incluindo derramamento de óleo ungido por neopentecostais em sua superfície. Nesse período, a líder Gayaku Sinay estava iniciando a construção do templo religioso dedicado a *Oyá*, enfrentando tristeza devido aos conflitos e perseguições (Silva, 2019).

Figura 21 – Pedra do Trovão



Fonte: Acervo do terreiro (2006).

Em busca de uma solução pacífica e organizada para a questão, a sacerdotisa recorreu ao oráculo, e *Legba*, o *vodun* das encruzilhadas, orientou-a a construir uma casa ao redor do monumento sagrado. A divindade indicou que, ao longo de 12 anos, o *Otá* (pedra sagrada) deveria permanecer oculto. Após esse período, a Pedra de *Sogbo* assumiria a responsabilidade de proteger o terreiro (Silva, 2019). E assim foi realizado.

A casa de *Legba* foi projetada com uma abertura no teto para assegurar que a árvore que brota da Pedra permanecesse viva. Desde sua construção, Gayaku Sinai passou a realizar as obrigações de *Legba* no topo da Casa de Pedra, o que afastou os evangélicos, que pararam de incomodar o terreiro e o monumento rochoso. Depois de

12 anos, *Legba* instrui a sacerdotisa a demolir a estrutura ao redor da Pedra de *Sogbo*. Inicialmente resistente, a religiosa cede diante da insistência do *vodun*. Com lágrimas nos olhos, ela realiza a demolição da casa. A Pedra de *Sogbo* emerge de seu esconderijo, embora poucos tenham conhecimento de sua existência (Silva, 2019).

A *Sòkpè* (Pedra do Trovão/*Sogbo*) apresenta muitas semelhanças com a Pedra de Xangô. Estudos preliminares indicam que a composição mineral é idêntica, assim como a época de formação. Ambas exibem fendas e são coroadas por uma árvore, evidenciando a rede indissociável entre pedra, floresta, céu, água, animais, seres humanos e divindades.

Destaca-se o '*Gozinxò*', a casa do vaso d'água, santuário dos *To-vodun* (*voduns* aquáticos). Entre eles estão *Togbosì*, *Oxum, Yemonja, Jaunsì, Aganga Tolú, Agbè, Naeté, Xu* e, especialmente, *Azlí*, que faz parte do panteão aquático e também da família de *Sogbo*. O *Gozinxo* está situado próximo ao *Tó*[57] e de frente para o riacho que percorre toda a extensão do *Vodun Kwe Tò Zò*.

No trabalho 'Arquiteturas crioulas: os terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix' (Velame, 2022), destaca-se a importância da natureza para as casas da nação *Jeje*, evidenciando as relações entre as árvores sagradas (*atinssá*) e os templos religiosos originados desse tronco comum.

O primeiro vínculo arquitetônico estabelecido é a fusão de árvores na mata sagrada. A mata sagrada na nação *Jeje* é vitalizada, constituindo a arquitetura primordial desses terreiros, conforme expresso entre o povo-de-santo: "*Jeje* sem riacho, mata, árvores e chão batido não é *Jeje*". Nessa arquitetura "invisível" edificada por árvores, cada uma delas se converte em um templo, transformando a mata em um vasto santuário ao ar livre (Velame, 2012, p.336).

Ao chegar no terreiro *Vodun Kwe Tò Zò*, a profissional compartilhou com a sacerdotisa as preocupações da equipe da qual fazia parte em relação às dificuldades para estabelecer um conceito arquitetônico. Ouvindo atentamente, a líder religiosa questionou se a profissional havia solicitado permissão às divindades do lugar. A

[57] Tò – Casa de Banho. a céu aberto – onde ficam os potes para os banhos de folhas.

resposta foi negativa, e a sacerdotisa a aconselhou a realizar um pequeno ritual. O pedido foi prontamente aceito, marcando o início do ato litúrgico para abrir os caminhos junto às entidades espirituais.

Terreiros da nação *Jeje*, de maneira distinta de outras tradições, possuem métodos e rituais específicos para despertar e utilizar o poder das folhas, chamadas de Ama. No *Vodun Kwe Tò Zò*, foi preparado um *Amakantihun*, uma mistura de elementos vegetais, minerais e animais utilizada para criar fórmulas mágicas. Durante o ritual, cânticos foram entoados em homenagem aos Voduns *Legbá*, *Agé* e *Alaáfia*. *Legba* foi invocado para permissão e segurança, *Agé* para encorajamento, sendo o detentor do conhecimento da flora e protetor da fauna, e *Alaáfia* para que todos os pedidos fossem realizados. Em uma procissão solene ao som dos tambores, a arquiteta foi conduzida ao *tò* e banhada com a fórmula. Segundo ela, a experiência da entrevista trouxe a tão esperada solução na forma de um conselho.

> onde o "cair em si" me fez entender que o que estava faltando era justamente a percepção da existência de outra dimensão, não a técnica nem palpável, mas a que tudo define, a que *É*, representada pela presença e força dos Orixás, Voduns e Inquices, Caboclos e Encantados em tudo nas nossas vidas[58] (Silveira, 2021).

Legba, *Agé* e *Alaafia* concederam a permissão, orientando que as arquitetas e demais envolvidos continuassem e concluíssem o projeto em conformidade com as forças que governam o sítio natural sagrado.

> Que regem um mundo que durante nosso dia a dia de correria insistimos em ignorar, mas que está ali, presente e vibrando o tempo todo, basta que possamos nos permitir e nos colocar sempre à disposição dessa força superior para sermos instrumentos do amor, pois de nada sabemos[59](Silveira, 2021).

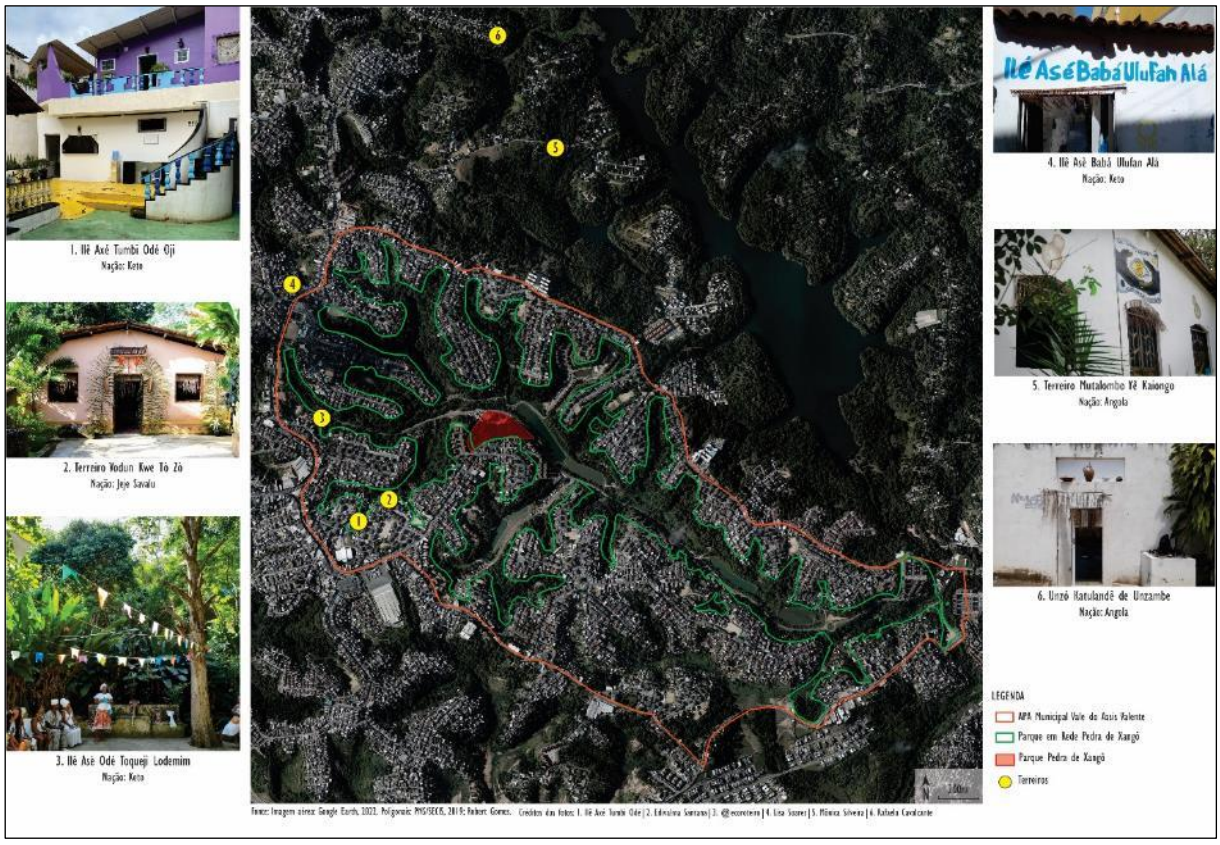
O Mapa 3 (Apêndice A), elaborado com base nas imagens aéreas do Google Earth de 2022 e nas bases poligonais da APA Municipal Vale dos Assis Valente (PMS/SECIS), oferece uma visualização da localização dos terreiros examinados neste estudo, bem como de outros situados nas proximidades da Pedra de Xangô, todos eles integrantes do coletivo em defesa do monumento Sagrado. Centro de

[58] Entrevista narrativa concedida por Kátia Silveira a pesquisadora Maria Alice Silva, 2021.

[59] Idem.

encontro de diversos rituais, o Parque Pedra de Xangô é também o ponto focal onde se entrelaçam os terreiros de Candomblé da metrópole de Salvador, tornando-se assim a encruzilhada religiosa, comunitária e política do povo-de-santo do território (Silva 2017; 2019). Após as apresentações das comunidades de terreiros, é o momento de conhecer Xangô e sua Pedra Sagrada.

Mapa 3 – Localização dos terreiros examinados neste estudo, bem como de outros situados nas proximidades da Pedra de Xangô.



Fonte: Autoria própria e Luís Guilherme Pires (2022)..



Pedra de Xangô. Salvador – BA.

Foto: Juscelino Pacheco, 2014.

É importante ver que, hoje, o quilombo traz para a gente não mais o território geográfico, mas o território a nível (sic) duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, a terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho direito ao espaço que ocupo na nação. E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho o direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco. A terra é meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou. (Beatriz Nascimento, *apud* ratts, 2006, p.59)

CAPÍTULO IV. PEDRA DE XANGÔ: NÃO DESTRUA MEU QUILOMBO

Os negros no Brasil não foram meramente escravizados; eles também exerceram o papel de colonizadores do território brasileiro. Suas mãos, engenhos, técnicas e saberes provenientes das civilizações africanas os transformaram em construtores de cidades. Por meio de seus corpos, todas as funcionalidades urbanas eram possibilitadas. Portanto, o negro representa a alma invisível que permeia as cidades brasileiras (Velame, 2023).

Construtores de cidades, os negros escravizados, não detinham o poder de definir o conceito e o desenho das ruas, avenidas, praças e outros espaços urbanos, nem tampouco tinham a capacidade de proteger e preservar seus territórios de pertencimento. Sua responsabilidade era predominantemente realizar a construção física, enquanto a concepção e definição eram atribuições do poder dominante.

A cultura, arte, língua, técnicas, culinárias e modos de ser e estar no mundo dos afrodescendentes, enquanto elementos civilizadores, permanecem "invisíveis" não apenas no imaginário social, mas principalmente na produção de cidades, nas paisagens urbanas, nas narrativas e nas presenças urbanas, nas decisões de planejamento urbano que edificam arquiteturas. Pode-se inferir que o negro, construtor de cidades, nunca teve seu capítulo escrito na história da arquitetura e do urbanismo no Brasil (Velame, 2023).

Dentro desse contexto de apagamento, seguindo um modelo eurocêntrico, que a Avenida Vale do Assis Valente foi concebida. Situada em uma região que abrigou antigas aldeias indígenas, remanescentes de quilombos e áreas preservadas da Mata Atlântica, o local apresenta uma riqueza de atributos bióticos, abióticos, históricos, estéticos e culturais de significativa importância para o Povo de Terreiro, para o povo negro da cidade de Salvador. Tais aspectos não foram considerados na concepção do projeto urbanístico em 2005 (Silva, 2019).

A ausência de diagnóstico sociocultural e ambiental quase resultou na destruição da Pedra Sagrada. Neste capítulo, a proposta é discutir o que Xangô representa para as comunidades de terreiros e os aquilombamentos e lutas na Pedra de Xangô.

IV.1 Mas, quem é Xangô?

> *Ṣàngó*[60]
> Ele é Rei, *Ọba*!
> Na dinâmica social e cosmológica negro-africana tem
> a prerrogativa biomítica da justiça.
> Na diáspora, assume a função da justiça reparadora.
> Está ligado ao princípio físico e fenomenológico
> do fogo,
> dos rios,
> dos trovões.
> O mistério das árvores também o constitui.
> Vermelho, branco,
> vermelho e branco.
> *Oṣé-Ṣàngó* – grande transmissor de *àṣẹ*.
> Possui a função genitora masculina.
> *Aláàfin* – dinastia, corrente de vida ininterrupta.
> *Ọba* de *Ọ̀yọ́* – aquele que assegura a expansão da linhagem,
> à expansão do reino.

O orixá da Justiça, Xangô, é retratado como o lendário e dinástico rei da cidade de *Oyó*. Ele personifica a justiça, representando propósito e poder de realização. Estrategista, mediador de conflitos e vencedor de batalhas, Xangô é venerado como um pilar e uma fonte de esperança. Sua influência é evidente nos altares (*pejis*), nos destinos (*odù*), nas danças, cantos e invocações, permeando e enraizando-se na consciência emocional tanto consciente quanto inconsciente da comunidade, na essência poética do povo (Santos; Santos, 2016).

Xangô reluz com uma coroa que emana sua majestade real. As tonalidades distintivas de sua soberania são o vermelho profundo e o branco imaculado, retratando sua presença dominante e purificadora. A quarta-feira é o dia da semana consagrada em sua honra.

A divindade da Justiça aprecia uma ampla variedade de iguarias em seu banquete sagrado que inclui: o *amalá*, o inhame, a bola de arroz e o *akassá*, todos simbolizando a fartura e a generosidade de suas bênçãos. Seu fruto sagrado, o *orogbo*, é considerado símbolo de fertilidade e abundância. O carneiro é seu animal votivo

[60]Oríkì (louvação) para Ṣàngó, construído a partir das obras: “Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira”, de Marco Aurélio Luz (2000); “Os Nàgô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia”, de Juana Elbein dos Santos (2012); e “Dicionário yorubá-português”, de José Beniste (2011) in:ALVES, Miriam Cristiane. A Matriz Africana: **Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas.** Série Pensamento Negro Descolonial, v.2.Organizadores: Míriam Cristiane Alves e OlorodeÒgìyànKálàfóJayro Pereira de Jesus. – 1. ed. --Porto Alegre: Rede Unida, 2020, p.43.

principal, outras criaturas como o cavalo, o cágado, o elefante, o burro e a pantera, também, são considerados como *totems*[61] associados à sua energia e proteção (Silva, 2019).

Nas cerimônias ritualísticas, encontramos os símbolos e atributos associados a Xangô, repletos de significado e tradição, entre os quais se destaca o *oxê* (machado duplo), que representa a simetria e o equilíbrio indispensáveis para a aplicação da justiça (Vaz e Ramos, 2021). A imagem do *Oxé* está intrinsecamente ligada ao rigoroso corte do mal; o machado que ergue casas e divide alimentos é o mesmo que elimina e despedaça os inimigos (São Bernardo, 2016).

Na dança sagrada de Xangô, cada movimento é uma reza ancestral, um elo entre o visível e o invisível. O *xere* (chocalho), com seu tilintar de chuva, canta os segredos dos céus. O *batá* (instrumento percussivo) convoca os orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados para descer em terra. O *labá* (bolsa), guarda as pedras de raio. O *ajerê* (panela de barro) abriga a chama da justiça. E o acará, com sua mecha acesa, ilumina os caminhos do orixá. Todos esses elementos, do pilão à gamela, compõem o rico acervo simbólico de Xangô, tecendo-se como fios de um tecido sagrado, a história e a espiritualidade do Povo de Terreiro (Silva, 2019).

Xangô é o fogo que arde nas profundezas da terra, transcende a mera divindade. Ele é a faísca que inflama as chamas da rebelião. Ele uniu os oprimidos ao redor das fogueiras espalhadas pela diáspora africana, nos barracões onde reverenciam *Aganju*, o Xangô menino. Sua energia é como a lava contida, prestes a romper as camadas da terra como um vulcão em erupção. Assim como a pressão crescente nas entranhas do planeta, a resistência e insurgência do povo negro brasileiro não pode ser contida indefinidamente, apesar das adversidades e dos ataques. A saudação a Xangô, "*Ka wò ka biyè sile*!", ressoa como um brado de resistência política e cultural. Ele é a força que as comunidades de terreiros evocaram para evitar a implosão do rochedo, a Pedra de Xangô (Silva, 2019).

Nesse contexto, Xangô opera "como uma classe, uma marca ou uma imagem mental, utilizada para racionalizar um campo semântico difuso que inclui ideias de poder,

[61]Totems – símbolos sagrados.

força, realeza, virilidade, dinamismo, luta, justiça, e assim por diante" (Silva, 2019, p.34). Xangô, *Nzazi* e *Sogbo* representam, respectivamente, o orixá, o *inquice* e o *vodun* da justiça, dos raios, dos trovões, do fogo e da pedreira. Essas divindades simbolizam autoridade política, poder, resistência e perseverança (Silva, 2019). Emergem para libertar o povo das desigualdades e da tirania, sendo o Axé de Xangô a força que concretiza o que é (São Bernardo, 2016).

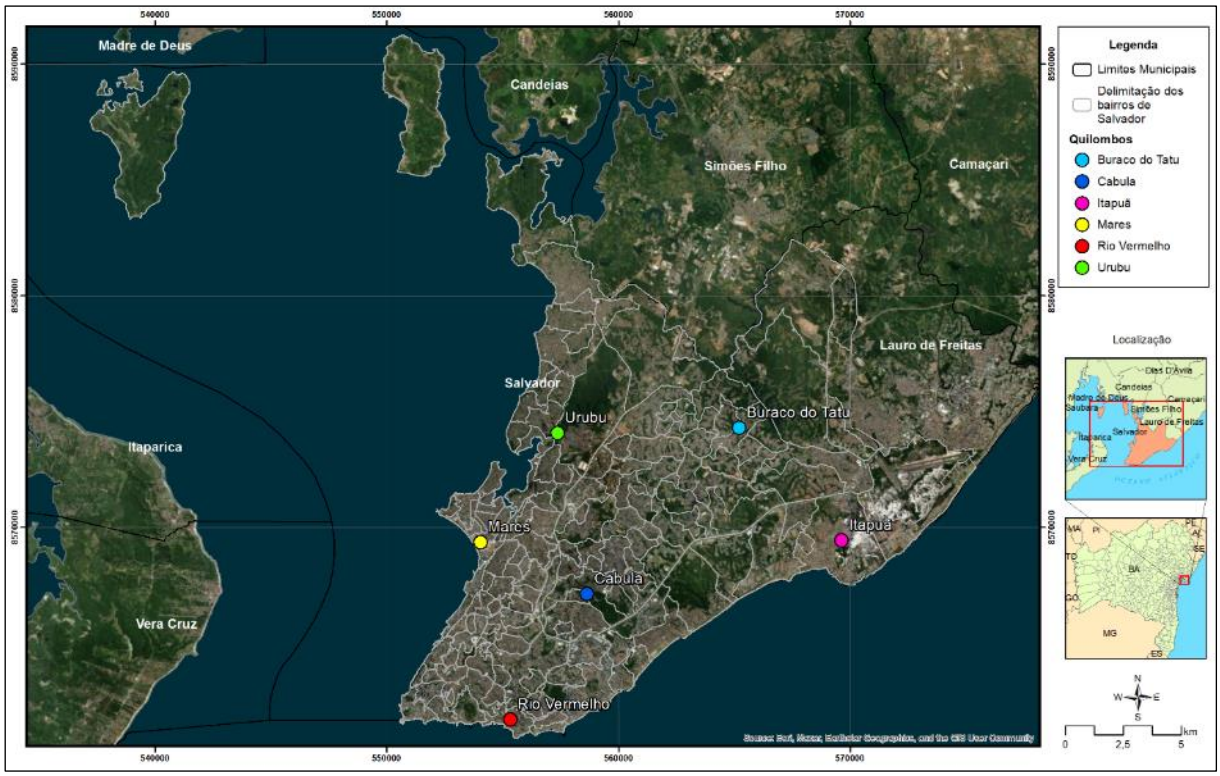
O orixá Xangô baseia suas decisões na lei do pertencimento, distribuindo equidade e decidindo com base na pluriversalidade, como um membro intrínseco de sua comunidade. Sua busca pela justiça não requer esforços sobre-humanos, pois não adota uma postura superior; ao contrário, reconhece-se como parte integrante de sua coletividade. Dessa forma, Xangô julga em conjunto com seus pares, o que não diminui sua missão nem seu poder de decisão, permitindo-lhe contemplar as interseccionalidades e julgar com justiça e precisão (Vaz e Ramos, 2021).

Enfim, Xangô é o eco das vozes ancestrais, clamando por uma justiça restauradora capaz de erradicar os resquícios da discriminação racial e violência perpetrados contra as comunidades tradicionais e os indígenas. Sua presença é o fogo da resistência, alimentando a chama da esperança em um mundo onde o respeito pela diversidade cultural e a igualdade de direitos são pilares inabaláveis. Xangô, com seu machado duplo e sua coroa majestosa, representa não apenas a busca pela justiça, mas também a perseverança na luta por um futuro mais justo e inclusivo para todos os filhos da terra.

IV.2 A Governança Espiritual e o Constitucionalismo Negro em ação

A Pedra de Xangô, também conhecida como a Pedra do Quilombo do Buraco do Tatu e/ou Quilombo do Urubu vivia cercado de várias fazendas e quilombos, dentre eles: Quilombos de Nossa Senhora dos Mares, do Cabula, do Rio Vermelho, do Urubu, e do Buraco do Tatu ou de Itapuã, conforme mapa dos quilombos (Mapa 4, Apêndice A) a seguir.

Mapa 4 – Quilombos de Salvador



Fonte: Autoria própria e: Iuri Peixoto (2023).

Para compreender a importância da criação da Área de Proteção Ambiental (APA) Assis Valente, do Parque em Rede Pedra de Xangô e do Parque Pedra de Xangô, é imprescindível compreender o modelo de planejamento adotado pelo poder público em Salvador desde a década de 1940. Nessa perspectiva, torna-se fundamental analisar minuciosamente os principais processos urbanos ocorridos no município, assim como suas dinâmicas urbanas e socioambientais.

Na década de 1940, a cidade de Salvador se caracterizava pela divisão entre áreas nobres e proletárias dentro dos limites urbanos. Nas periferias, eram encontrados apenas pequenos aglomerados de casebres, chácaras e residências de veraneio, destinadas à segunda residência das famílias mais ricas. Essa configuração refletia uma situação relativamente equilibrada, onde predominavam os sistemas de aforamento e arrendamento de terras, assim como aluguéis de residências para os estratos sociais de renda média e baixa (Souza *apud* Silva, 2017; 2019).

Entre 1940 e 1950, um significativo movimento migratório impulsionado pela busca de novas oportunidades de trabalho resultou em um aumento expressivo na população de Salvador. Durante esse período, a cidade experimentou um crescimento de 44%,

passando de 290.443 para 417.235 habitantes. Esse fenômeno provocou um desequilíbrio no espaço urbano, requerendo a intervenção do Estado para lidar com a questão habitacional (Souza *apud* Silva, 2017; 2019).

A cidade foi assolada por uma crise habitacional generalizada que atingiu todas as camadas sociais. Os custos dos aluguéis aumentaram significativamente, enquanto a disponibilidade de moradias tornou-se escassa. Isso levou à ocupação coletiva de áreas ociosas, tanto públicas quanto privadas, assim como de terras devolutas (Silva, 2017; 2019).

Nos anos 1960, a gestão municipal empreendeu a construção de importantes vias e infraestruturas viárias, incluindo o Túnel Américo Simas e as avenidas de vale, como o Vale do Canela, Nazaré, Barris, Contorno, entre outras. Essas iniciativas viabilizaram a abertura de novos loteamentos voltados para as classes médias e altas. Contudo, para as camadas de baixa renda, poucas intervenções foram realizadas, o que contribuiu para o crescimento desordenado da cidade de Salvador. (Souza *apud* Silva, 2017; 2019)

No ano de 1970, a cidade de Salvador enfrentava uma significativa crise habitacional desencadeada pelo rápido crescimento econômico, pela metropolização da cidade e pela estratégia acelerada de industrialização implementada pelos governos militares durante o chamado “milagre econômico brasileiro[62]”. Além disso, a implantação do Complexo Petroquímico de Camaçari, localizado a 40 km da capital, teve impactos significativos. Esses fatores resultaram em grandes fluxos populacionais provenientes

[62] “O período 1968-1973 é conhecido como “milagre” econômico brasileiro, em função das extraordinárias taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) então verificadas, de 11,1% ao ano (a.a.). Uma característica notável do “milagre” é que o rápido crescimento veio acompanhado de inflação declinante e relativamente baixa para os padrões brasileiros, além de superávits no balanço de pagamentos. Embora esse período tenha sido amplamente estudado na literatura, não existe um consenso em relação aos determinantes últimos do “milagre”. As interpretações encontradas podem ser agrupadas em três grandes linhas. A primeira linha de interpretação enfatiza a importância da política econômica do período, com destaque para as políticas monetária e creditícia expansionistas e os incentivos às exportações. Uma segunda vertente de interpretação atribui grande parte do “milagre” ao ambiente externo favorável, devido à forte expansão da economia internacional, à melhoria dos termos de troca e ao crédito externo farto e barato. Já uma terceira tendência de explicação credita grande parte do “milagre” às reformas institucionais do Plano de Ação Econômica do Governo (Paeg), entre 1964 e 1966, em particular às reformas fiscais/tributárias e financeira, que teriam criado as condições para a aceleração subseqüente do crescimento” (Veloso, Villela, Giambiagi, 2007).

do interior, especialmente do Recôncavo e de outras regiões do país (Silva, 2019; FFA/PMS/FMLF – Diagnóstico, 2018).

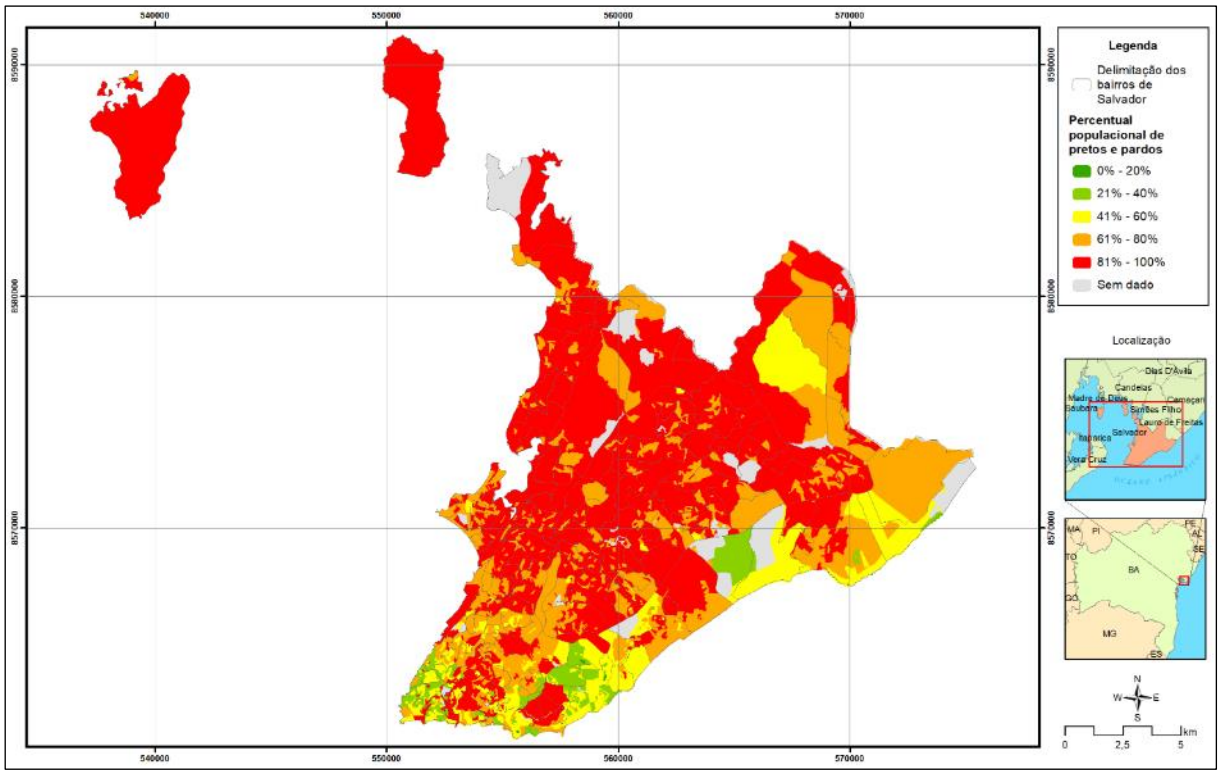
Como medida para enfrentar o déficit habitacional e controlar a expansão caótica do espaço urbano, o Governo do Estado optou por promover o crescimento linear da cidade em direção ao norte, por meio de um traçado paralelo à orla marítima. Neste cenário, foram erigidos edifícios e condomínios residenciais destinados aos estratos da classe média e alta, ocupando a faixa entre a Avenida Paralela e a orla. Em contrapartida, na região central, delimitada pela Avenida Paralela e a BR-324, conhecida como "miolo", foram estabelecidos amplos conjuntos habitacionais populares voltados para os segmentos economicamente menos favorecidos, abarcando trabalhadores das classes média e baixa (FFA/PMS/FMLF – Diagnóstico, 2018).

O modelo urbano adotado resultou em uma cidade profundamente segregada, onde as classes sociais mais privilegiadas estabeleceram suas residências entre a Avenida Paralela e a Orla Marítima Atlântica, enquanto as classes menos favorecidas foram direcionadas para a região oeste da cidade, conforme indicado no diagnóstico realizado pela FFA/PMS/FMLF em 2018, representado no Mapa 5 (Apêndice A) e no Mapa 6 (Apêndice A). A Avenida Paralela emerge como a linha divisória dessa segregação socioespacial, refletindo completamente o conceito de cidade delineado pelos órgãos de planejamento urbano.

Segundo informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Salvador figura como a capital com a maior proporção de afrodescendentes no Brasil. Em 2017, a população negra, composta por pretos e pardos, alcançava 2.425 milhões de habitantes, correspondendo a 82,1% do total de 2.954 milhões de pessoas na cidade[63].

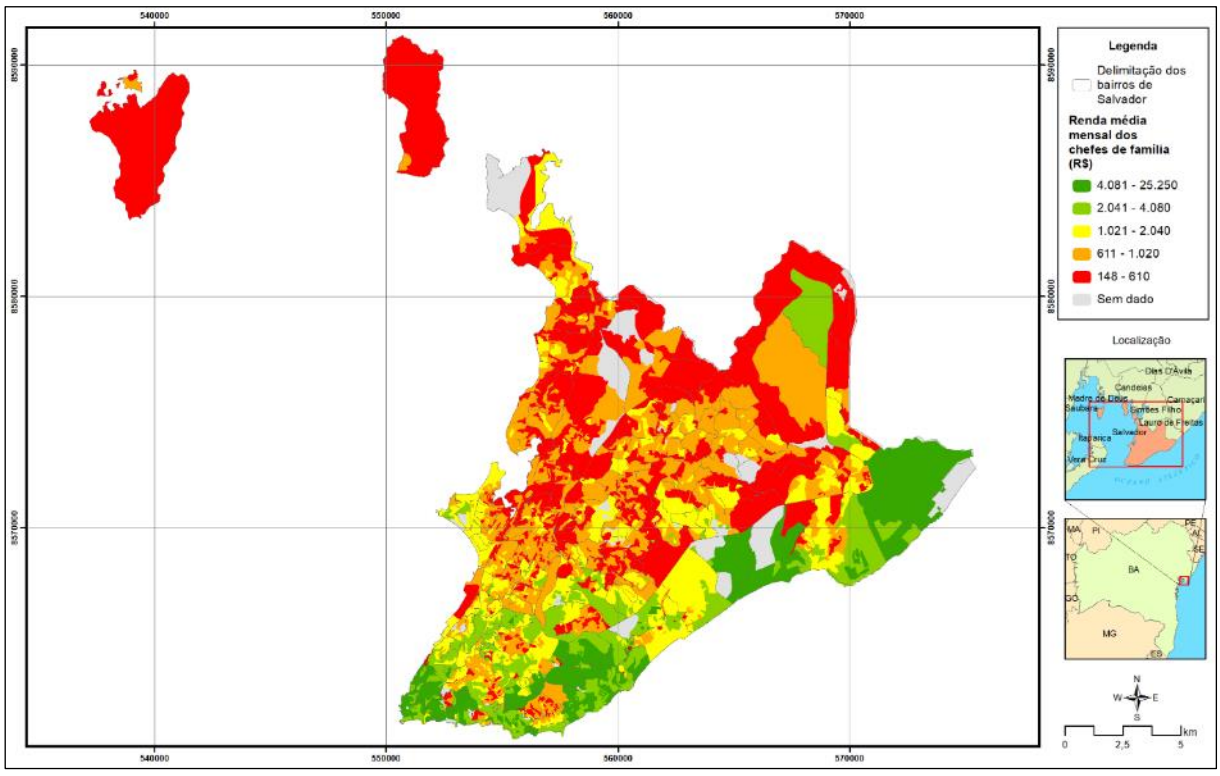
[63] <https://bahiaeconomica.com.br/wp/2018/11/19/ibge-salvador-e-a-capital-mais-negra-do-brasil-e-tambem-onde-esta-maior-desigualdade-salarial-entre-brancos-e-pretos/

Mapa 5 – Percentual populacional de pretos e pardos de Salvador.



Fonte: Autoria própria e Iuri Peixoto (2023). Base de dados: IBGE (2010).

Mapa 6 – Renda média mensal dos chefes de família de Salvador.



Fonte: Autoria própria e Iuri Peixoto (2023). Base de dados: IBGE (2010).

O planejamento territorial em Salvador é um reflexo claro das profundas desigualdades raciais presentes na cidade. As áreas periféricas são predominantemente destinadas à população afrodescendente, evidenciando um processo de marginalização que as exclui das dinâmicas urbanas essenciais. Essa marginalização imposta pelo poder público compromete severamente sua capacidade de acessar serviços básicos como saúde, mobilidade, saneamento, lazer, educação e comércio, entre outros aspectos fundamentais para uma vida digna.

A transformação urbana na região de Fazenda Grande, Cajazeiras e seus arredores (conhecida como o "miolo" de Salvador) teve início por volta de 1970, com o crescimento da urbanização e a desapropriação de extensas áreas antes destinadas à zona rural, distantes do núcleo central da cidade. O intuito era suprir a escassez de moradias para as classes menos privilegiadas (Silva, 2017; 2019).

Dos 16 milhões de metros quadrados desapropriados, apenas 6,9 milhões foram regularizados pela empresa Habitação e Urbanização do Estado da Bahia S/A - URBIS. A porção de terra remanescente foi informalmente ocupada, alienada e/ou absorvida pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia - CONDER, para outros fins (Silva, 2017; 2019).

Os conjuntos habitacionais surgiram nas alturas dos morros, nas encostas e nos vales profundos, sem considerar estudos de impacto ambiental. Um exemplo desse descuido por parte do poder público é o Conjunto Residencial Fazenda Grande 8b, próximo à Pedra de Xangô. Essa intervenção negligenciou questões ambientais, a história e a essência da cidade, fragmentando os espaços e traçando avenidas sem considerar os moradores, suas tradições e crenças, sem respeitar a vida selvagem e a vegetação (Silva, 2017; 2019).

Nesse contexto de apagamento das narrativas e memórias da comunidade afrodescendente, negando-lhes o direito à cidade, a Pedra de Xangô emergiu como símbolo em 2005, durante a construção da via coletora Avenida Vale do Assis Valente, que alterou drasticamente a paisagem ao seu redor e quase a destruiu (Silva, 2017; 2019).

A Pedra de Xangô, em sua imponência, resistiu à ameaça de destruição. A intervenção da Governança Espiritual ecoou como um chamado urgente, convocando

a líder comunitária Cleide Avelino, o Povo de Terreiro e defensores da natureza para protegê-la. Na solene inauguração da Avenida Vale do Assis Valente, um evento marcante se desenrolou, liderado pela força da espiritualidade afro-brasileira. Leonel Monteiro, presidente da Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro Ameríndia – AFA, compartilha conosco o relato desse episódio memorável:

> Acompanhei e participei das movimentações em defesa do monumento sagrado na qualidade de presidente da AFA. O povo de terreiro me ligou "corre, corre Leonel que vão derrubar a pedra". Estive presente nos protestos e na inauguração da avenida juntamente com Noélia, Sandra, *Otá*vio e Fábio. No trajeto comentei que não era possível o governador inaugurar a Avenida na Pronaica e não descer para ver a Pedra, só o caboclo Marujo para dar um tapa no pé de ouvido dele e fazer ele ir até lá. Nesse momento Marujo respondeu e se manifestou em Fábio, era a ajuda espiritual que precisávamos. O chefe de cerimonial me concedeu a palavra no início da minha fala fiz referência à memória indígena na localidade, fiz saudações aos caboclos e aos orixás e no final do discurso falei da importância da pedra e pedir ao Governador que fizesse uma visita ao monumento. O governador esteve no local. Se o governador não descesse ninguém ia respeitar aquilo ali. A Pedra de Xangô contém *asé*. Neste dia Xangô incorporou em Fábio cavou com a mão o solo e retirou uma pedra – *edun-ara*, quebrou e deu para mim, *Otá*vio, Noélia e Sandra. (Monteiro *in* Silva, 2019, p. 66-67)

A referência ao caboclo Marujo e sua manifestação espiritual, na fala de Leonel Monteiro destaca a dimensão espiritual e a importância da intervenção espiritual para preservar o monumento. Outrossim, o relato também ressalta a estratégia de chamar a atenção do governador para a Pedra de Xangô, enfatizando a importância espiritual do local. A incorporação de Xangô em Fábio e a entrega de uma pedra durante o discurso evidenciam a conexão entre a espiritualidade e a defesa do patrimônio cultural. A visita do governador ao local foi crucial para o respeito à Pedra de Xangô, ressaltando sua importância cultural e espiritual naquele contexto.

A Pedra do Quilombo, sitio natural sagrado afro-brasileiro resistiu de forma revolucionária e transformadora. Medidas de proteção foram adotadas, como a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Vale da Avenida Assis Valente, o Parque em Rede Pedra de Xangô e o Parque Pedra de Xangô, conforme estabelecido no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de 2016.

Avançando, irei explorar os aspectos legais envolvidos na instalação da infraestrutura de apoio do parque, ampliando a compreensão do leitor sobre o papel da Governança Espiritual nesse processo. A implementação da Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Vale da Avenida Assis Valente, do Parque em Rede Pedra de Xangô e do

próprio Parque Pedra de Xangô, bem como sua retirada dos mapas e da letra fria da Lei Municipal, e sua subsequente conservação e manutenção, estão intrinsecamente ligadas à continuidade da mobilização, à disputa de narrativas e à preservação do protagonismo pelo Povo de Terreiro, pois a luta, a resistência e a esperança são os princípios fundamentais do Axé (Silva, 2017; 2019).

IV.3 Exu faz o erro virar acerto: entre disputas, narrativas e travessias

Desde 2016, comunidades de terreiros, a academia e o poder público têm se esforçado para instalar o equipamento de apoio e a Unidade de Conservação (UC) na Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Vale do Assis Valente, mais precisamente o Parque Urbano Pedra de Xangô e o Parque em Rede Pedra de Xangô. A necessidade premente de implementar a futura Unidade de Conservação (UC) decorre do rápido crescimento da degradação socioambiental, colocando em risco as dimensões das poligonais definidas em lei.

Buscando contribuir para a resolução do problema, em 3 de março de 2017, o Povo de Terreiro de Cajazeiras e região, atendendo à convocação da Secretaria de Inovação e Resiliência (SECIS), compareceu à sede da Prefeitura-bairro com o objetivo de discutir e aprovar o Regimento Interno que estabelece a criação e delimitação da Unidade de Conservação Municipal denominada Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Vale da Avenida Assis Valente, do Parque Urbano e do Parque em Rede Pedra de Xangô – instrumentos legais que regulam o território. A ação não foi bem recebida por alguns. Uma das lideranças do Candomblé de Cajazeiras e áreas adjacentes reivindicava o protagonismo e a autoria do projeto, alegando a exclusão do Povo de Terreiro do debate, bem como a falta de publicidade e transparência na proposta.

A controvérsia chegou à Comissão de Intolerância Religiosa da Ordem dos Advogados do Brasil, seção Bahia (OAB-BAHIA), que interveio. A reunião designada foi tensa, a discussão por pouco não chegou às vias de fato, levando o grupo de religiosos, composto por sacerdotes e sacerdotisas, a se dividir. Alguns acharam despropositada e descabida a atitude de determinada líder religiosa na reunião, enquanto outros apoiaram a ação, intensificando a tensão.

A vida urbana é um cenário de constantes encontros e confrontos entre diferentes culturas, visões e formas de vida, inclusive no campo ideológico e político, como observado por Lefebvre (1991). Nesse contexto, alcançar um consenso é imperativo. Durante o encontro, os gestores públicos demonstraram claramente o impacto causado pelo desenrolar dos acontecimentos.

Um grupo de religiosos estava apreensivo quanto à possível não implementação da Unidade de Conservação (UC), enquanto outro intensificava as discordâncias. Em resumo, o caos se instalou. Outros elementos contribuíram para agravar a crise: atos de racismo estrutural, sistêmico e institucional ocorridos no entorno do monumento sagrado.

No entanto, Exu transforma o erro em acerto. O orixá da comunicação representa as relações sociais e o respeito pelo outro e por si mesmo. Na encruzilhada de Exu, não há o caminho do meio; Exu é a escolha, a decisão! Para ele, não existe erro, pois o que é considerado errado por um indivíduo pode ser o certo para outro. É nesse momento que Exu atua.

Diante das adversidades e conflitos, o Ministério Público do Estado da Bahia (MP-BA) foi acionado para intervir e, por meio do Núcleo de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (NUDEPHAC), recomendou recomeçar do zero. Essa abordagem visava garantir a ampla participação popular na elaboração do Regimento Interno da Unidade de Conservação. Dessa forma, o documento seria submetido ao escrutínio do fiscal da lei (MP-BA), que acompanharia todas as etapas do processo.

Esse incidente desarticulou todas as mobilizações realizadas até então, com as comunidades religiosas se dispersando e enfrentando dificuldades para alcançar um consenso. Um grupo de religiosos procurou a SECIS e manifestou interesse em dar continuidade ao processo.

Em 25 de outubro de 2017, a SECIS instituiu o Grupo de Trabalho (GT) por meio do Decreto n.º 29.057, com o propósito de acompanhar a criação da Unidade de Conservação do Vale da Avenida Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô. Em novembro do mesmo ano, a instituição emitiu a portaria de n.º 035/2017, nomeando os membros externos e internos do GT, composto por servidores públicos municipais, representantes da sociedade civil e academia.

No Candomblé, a antiguidade é um posto que denota hierarquia, sendo sinônimo de respeito e reverência. Os mais velhos são considerados verdadeiras bibliotecas vivas, merecendo toda a consideração. Com essa perspectiva, o Grupo de Trabalho Externo (GT Externo) foi composto por sacerdotes respeitáveis e pacificadores: *Agbagigan* Everaldo Duarte, Taata Mutá Imê e Iyá Egbe Sônia Mendes, líderes com destacados serviços prestados ao Povo de Axé, comprometidos em manter a paz e a harmonia tão desejadas. Além disso, o GT Externo contou com a participação de representantes de diferentes vertentes religiosas, como a acadêmica Maria Alice Silva e o religioso evangélico pastor Djalma Torres.

Paralelamente, três promotorias do Ministério Público da Bahia monitoravam de perto a construção do equipamento de apoio: a Promotoria de Habitação e Urbanismo, o Núcleo de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, e a 1.ª Promotoria de Justiça de Direitos Humanos (Promotoria de Combate ao Racismo, Intolerância Religiosa, Defesa dos Povos e Comunidades Tradicionais e Cotas Raciais).

Como parte de uma estratégia para manter a transparência, fortalecer a resistência sociocultural e renovar práticas de planejamento urbano insurgentes e contra-hegemônicas, em 2018, criei o perfil do Instagram @pedra.de.xango. O perfil atua como os Olhos de Xangô, ou *Oju Obá*. Nele, são compartilhadas diariamente todas as atividades e eventos relacionados à Pedra Sagrada. Ao longo do tempo, as alegações de exclusão, falta de transparência e publicidade perderam sua fundamentação, uma vez que todas as etapas do processo de implementação do equipamento de apoio da Unidade de Conservação eram divulgadas virtualmente, mantendo a comunidade informada e convidando-a a participar ativamente do processo. A interação com a comunidade tornou-se relativamente amistosa, ao ponto de muitos se identificarem como membros do Grupo de Trabalho da Pedra de Xangô. Com o tempo, os ânimos foram se acalmando, conforme ditam os mais velhos no candomblé, "tudo com tempo tem tempo".

> Como uma companhia, o tempo nos ajuda a discernir as coisas e nos dá placidez. O tempo nos faz enxergar o mundo através de outros olhos. O tempo, nas comunidades terreiros, embora seja referendado como “o que não faz parte do presente e nem do futuro”, nunca se desliga destes momentos. É na memória – outro lugar de excelência para as religiões negras africanas fora do seu continente de origem – que este conceito se alimenta, mantém-se e também se recria, fazendo do candomblé uma das grandes expressões

> da re-existência das populações negras no Mundo [..] ” (Souza Júnior, 2022, p.49).

A implementação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô trouxe à tona diversos cenários, narrativas, disputas e desafios. O trabalho colaborativo em rede teve momentos de tensão, conflito e discordância, mas também alcançou êxitos notáveis, superando expectativas. Algumas das ações destacadas do GT Externo incluem:

I. Celebração da parceria entre a Prefeitura de Salvador, por meio da Secretaria Municipal de Sustentabilidade, Inovação e Resiliência (SECIS), o Programa de Pós-Graduação em Ecologia: Teoria, Aplicação e Valores da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e o GT Externo. Essa parceria visou o desenvolvimento de estudos, em conjunto com a disciplina "Tópicos em Resolução de Problemas Ambientais", com o objetivo de subsidiar o Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica (PMMA) e o Programa Salvador Resiliente[64];
II. Participação na elaboração da minuta do Regimento do Parque Pedra de Xangô;
III. Contribuições nas propostas apresentadas pela Rede Convergência pelo Clima aos responsáveis pela construção do Plano de Mitigação e Adaptação às Mudanças Climáticas (PMAMC) da cidade de Salvador;
IV. Participação na elaboração do Diagnóstico sociocultural ambiental do Parque em Rede Pedra de Xangô (PRPX);
V. Participação na elaboração e execução dos projetos executivos do Parque Pedra de Xangô;

[64] A parceria resultou na produção de cinco artigos, que abordam diversas questões ambientais relevantes na região da Pedra de Xangô e seu entorno. São eles: I - "Sistema de tratamento das águas residuais sob o paradigma tradicional: uma ferramenta para a inserção da participação cidadã"; II - "Proposta de critérios para pagamentos de serviços ambientais pelo Plano Municipal de Mata Atlântica de Salvador"; III - "Utilização de plantas no combate a riscos ambientais no contexto urbano"; IV - "APRN de Fazenda Grande e Boca da Mata: uma proposta de delimitação, zoneamento e recategorização"; V - "Hortas para conhecer: uma proposta ambiental didático-pedagógica". Esses artigos foram fruto do método de co-produção, que contou com a participação ativa do Babalorixá Deilton Gomes, do Ilê Axé Tumbi Odé, e de Gayaku Sinay, do Terreiro *Vodun Kwe Tò Zò*, além dos alunos de duas escolas municipais da região. Essa abordagem colaborativa permitiu uma análise abrangente e uma maior integração entre conhecimentos tradicionais e científicos para o desenvolvimento sustentável da área estudada.

VI. Contribuição e envolvimento na elaboração do Plano Municipal de Conservação da Mata Atlântica de Salvador, que contempla a criação do Corredor Etnoecológico Pedra de Xangô, parte integrante do Macro Corredor Ecológico de Todos os Santos, em Salvador/BA, tema que será discutido adiante.

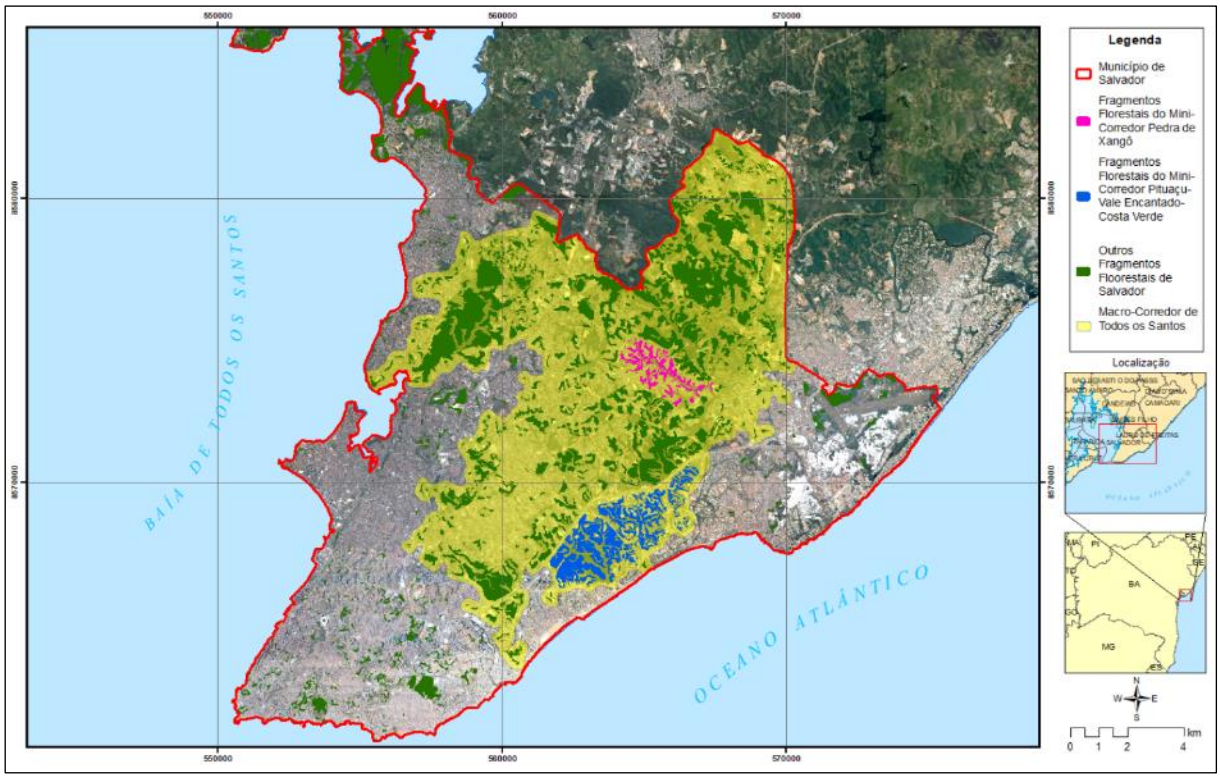
O Macro Corredor Ecológico de Todos os Santos

O Macro Corredor Ecológico de Todos os Santos (Mapa 7) compreende um conjunto de áreas naturais remanescentes em Salvador, conforme destacado por Dantas (2018). Este mosaico abrange diversas unidades de conservação, de natureza municipal e estadual, já criadas ou em processo de criação, considerando aspectos ecológicos, históricos, étnicos, culturais e religiosos.

O intuito do projeto é integrar os fragmentos remanescentes da Floresta Atlântica no município, representando menos de 5% da cobertura original. Além disso, busca abranger os diversos ecossistemas de grande importância biológica, tais como enclaves de cerrado, manguezais, brejos, recifes naturais, entre outros, assim como os rios formadores das principais bacias hidrográficas. A proposta inclui diversas comunidades de terreiros e minicorredores que incorporam sítios naturais sagrados da região.

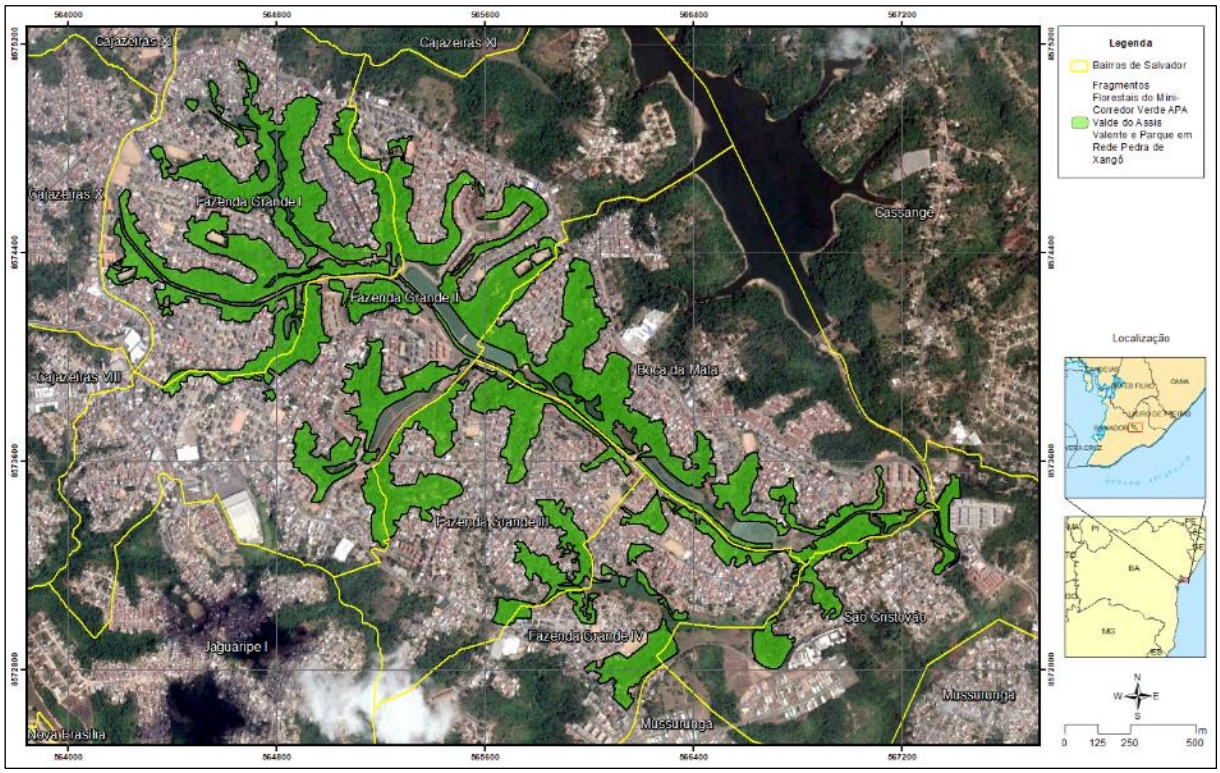
Os maiores e mais bem preservados fragmentos florestais existentes na cidade, onde a destruição da Mata Atlântica ultrapassou os 94%, estão situados na área do Mini Corredor de Pedra de Xangô (Mapa 8, Apêndice A). Essa região é considerada uma das porções mais estratégicas para a implementação e desenvolvimento de ações piloto, uma vez que abriga fragmentos conservados. Além de conectar bacias hidrográficas, oferece uma oportunidade de estabelecer ligações com outras áreas prioritárias, como o Mini Corredor Pituaçu-Vale Encantado.

Mapa 7 – Macrocorredor Ecológico de Todos os Santos.



Fonte: IMATERRA (2018). Elaboração: Tatiana Bichara e Iuri Peixoto.

Mapa 8 – Minicorredor Ecológico da Pedra de Xangô.



Fonte: Peixoto e Dantas (Documento interno não publicado).

O GT Externo da Pedra de Xangô, em colaboração com o Instituto Mãos da Terra (IMATERRA), em dezembro de 2021, solicitou apoio técnico ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio para a estruturação e implantação do Corredor Etnoecológico Pedra de Xangô, inserido no Macro Corredor Ecológico de Todos os Santos, em Salvador/BA. A solicitação foi fundamentada nos seguintes argumentos:

I. Necessidade de vincular a proposta à discussão mais ampla sobre a integração de valores culturais da natureza na gestão das Unidades de Conservação, em linha com as iniciativas promovidas pelo ICMBio. Além de embasar o pedido no arcabouço jurídico internacional e nas diretrizes voltadas à temática, área de especialidade da servidora Érika Fernandes Pinto, o pleito contribui para o desenvolvimento de outras iniciativas nessa direção;
II. Inovação do projeto, destacando-se como um Corredor Ecológico em uma área urbana densamente povoada na primeira capital do Brasil e cidade com a maior proporção de população negra nas Américas;
III. Possibilidade de integrar um roteiro ecoturístico denominado "Caminhos do Axé" à Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso, projeto também liderado pelo ICMBio. A proposta favorece a implementação de ações de restauração florestal, viveiros de plantas sagradas e educação ambiental.

A expectativa é que o ICMBio contribua oferecendo apoio técnico para a estruturação da proposta e condução de eventuais oficinas sobre a temática dos valores culturais da natureza, em colaboração com a equipe transdisciplinar e interdisciplinar envolvida nos estudos da área. Isso permitirá que essa dimensão seja devidamente reconhecida, incorporada e valorizada.

O tema da integração entre natureza e cultura está ganhando destaque no contexto das Unidades de Conservação. A Oficina "Valores Culturais e a Gestão de Unidades de Conservação," realizada em 6/11/2021, pela X SAPIS — V ELAPIS — Autogestão e Desenvolvimento Territorial de Áreas Protegidas — Diálogos, Aprendizagens e Resiliências, cujo resumo da palestra proferida por Érika Fernandes Pinto foi publicado no perfil @pedra.de.xango, indica essa trajetória. De acordo com a pesquisadora, é necessário adotar novas perspectivas, tais como: I — implementar políticas públicas integrando natureza e cultura; II — descolonizar o pensamento

estatal; III — reconhecer o protagonismo e a relevância das histórias e memórias das diversas comunidades, e a espiritualidade como a força mais poderosa na gestão de Unidades de Conservação.

A notícia da criação do Corredor Ecológico Pedra de Xangô renovou a esperança do Povo de Terreiro de que as áreas verdes, a fauna e a flora existentes no entorno da Pedra Sagrada (APA Municipal Vale do Assis Valente e APA Estadual Joanes Ipitanga) seriam protegidas e integradas, possibilitando a preservação das áreas de Mata Atlântica da cidade, de forma conectada, mantendo viva a tradição e difundindo o legado cultural afro-brasileiro.

Diante da Pedra de Xangô, o Deus da Justiça, onde os religiosos oferecem cânticos, danças, *amalás* e clamam por paz e justiça, o Povo de Terreiro, por meio do Corredor Ecológico Pedra de Xangô, terá a oportunidade de chegar à margem do rio Joanes — Ipitanga para reverenciar Oxum, a Deusa das águas doces.

O caso da Pedra de Xangô é significativo no contexto da implantação de políticas públicas. Outras conquistas auspiciosas merecem ser destacadas aqui, graças à mobilização Povo de Terreiro, à parceria estabelecida com a academia e o poder público. Em 22 de novembro de 2016, o Conselho de Cultura deliberou, por unanimidade, o tombamento da Pedra de Xangô. Finalmente, em 04 de maio de 2017, o sítio natural sagrado foi oficialmente tombado como patrimônio cultural da cidade de Salvador-Bahia (Silva, 2019).

A patrimonialização ambiental e cultural da Pedra de Xangô foi ainda mais valorizada com o reconhecimento, em 2018, no Sistema de Cadastro e Quantificação de Geossítios e Sítios da Geodiversidade (GEOSSIT) da CPRM (Serviço Geológico do Brasil). O monumento rochoso foi classificado como patrimônio geológico, um geossítio de relevância nacional devido à sua importância científica, educacional, turística e cultural (Silva; Saraiva; Castro; Figueirêdo Junior, 2018).

IV.4 A Governança Espiritual, as tecnologias ancestrais e as Juristas Negras na Pedra de Xangô

A proposta política e conceitual de Adilson Moreira (2019), apresentada no livro "Pensando como um negro: ensaio de Hermenêutica Jurídica", instiga uma reflexão crítica sobre a Hermenêutica Jurídica, adotando uma abordagem interpretativa que incorpora a perspectiva do pensamento negro. Essa proposição encontra ressonância em teorias como a afrocentricidade de Asante (2012), o afroperspectivismo de Nogueira (2011), o constitucionalismo negro de Queiroz (2018), assim como na Governança Espiritual afro-brasileira discutida neste contexto.

Conforme Moreira (2019), um jurista que adota uma perspectiva de pensamento negro também deve comprometer-se com o empoderamento. Atuar como protagonista na produção de trabalhos que abordam temas pertinentes às minorias raciais significa contribuir para a criação de oportunidades destinadas a distribuir poder. Esse processo coletivo busca viabilizar o reconhecimento pessoal e social dos grupos minoritários como agentes capazes de participar de maneira competente na esfera pública. Isso se concretiza ao assegurar que essas pessoas tenham acesso aos meios necessários para afirmarem-se como sujeitos humanos, históricos, culturais e políticos.

Em 28 de novembro de 2021, em celebração ao Novembro Negro, ocorreu na Pedra de Xangô (Figura 22) o evento "Emersão Juristas Negras – (Re)existindo após o mergulho". Idealizado por Lívia Sant’Anna Vaz e Chiara Ramos, respectivamente, Promotora de Justiça do Estado da Bahia e Procuradora Federal em Pernambuco, o evento marcou a primeira experiência realizada em espaço público do Selo Juristas Negras. Seus objetivos incluíam conectar as associadas às tecnologias ancestrais, questionar o binômio liberdade e justiça à luz da justiça imperial de Xangô, que reflete sobre empoderamento, tradição, ancestralidade, respeito, honestidade e equidade.

A justiça de Xangô é uma forma de justiça construída e internalizada nas relações, experiências e redes de sociabilidade dentro do terreiro. Ela se diferencia do paradigma de justiça institucionalizada e hegemônica, que gera classificações, distinções e adota uma abordagem punitiva (Silva, Diogo, Quintanilha, 2023). O encontro representou uma oportunidade para a troca de conhecimentos, afetos e a

construção de redes, destacando-se, acima de tudo, os agradecimentos à ancestralidade por termos resistido e sobrevivido diante das inúmeras dificuldades ao longo da vida.

Figura 22 – Emersão Juristas Negras.



Fonte: Autoria própria (2021).

Cerca de 30 juristas negras se reuniram no Parque em Rede Pedra de Xangô. Na condição de jurista negra e guardiã da Pedra de Xangô, coube-me apresentar o monumento sagrado, contando a história da luta pelo seu reconhecimento como patrimônio cultural e geológico, um elemento fundamental da Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Vale do Assis Valente, um parque urbano e um parque em rede.

O processo de aquilombamento teve início no *Ilê Axé Odé Tokeji Lodemim*, da nação *Keto*, onde as Juristas Negras participaram de um café da manhã, envolvendo-se em uma roda de conversa e em uma Oficina de Acarajé[65]. Em seguida, desfrutaram de um almoço no *Vodun Kwe Tò Zò*, o terreiro da Pedra do Trovão[66], da nação *Jeje-*

[65] Oficina de Acarajé no Ilê Axé Odé Tokeji Lodemim.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CW9bnAIldPq/?igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em: 5 set. 2022.

[66] Almoço no terreiro *Vodun Kwe Tò Zò* — o terreiro da Pedra do Trovão.

Savalu, encerrando a jornada na Pedra de Xangô, a Pedra da Justiça, a Pedra do Quilombo do Urubu e/ou Tatu, morada das divindades afro-brasileiras.

Ao longo dos últimos quatro anos, venho retratando a Pedra, o Sagrado e as Redes. Para descrever a experiência no sítio natural sagrado, criei a poesia "A Pedra de vários ângulos", que compartilho a seguir:

> Estava lá. Pedra de Xangô, *Nzazi* e *Sogbo*. Uma existência não seria suficiente para eu descrever quem você é e representa. Por isso escrevo aqui no meu diário de campo - @pedra.de.xango. Cada ângulo seu traz consigo memórias, segredos, mistérios. Mistérios ancestrais. Ficaria horas e horas a observar e descrever as emoções das suas convidadas ao te conhecer. Umas queriam apenas contemplar, outras registrar, ouvir, tocar, sentir a sua força e magnetismo. Eu de longe retrato a cena. A Pedra, o Sagrado e a Rede. Fico inebriada com o que vejo. Alegria, alegria, alegria. Lágrimas rolam do meu rosto. Disfarço e digo foi um cisco que caiu nos meus olhos. Que vontade de sair correndo e me curvar aos seus pés. Pois te reconheço como parte da minha existência. Contenho-me, fecho os olhos e sinto, sinto, sinto. Sinto a sua presença. Nesse momento, uma onda energética toma conta de mim, sussurra baixinho em meu ouvido e me diz vai, diga-lhes! Voam, voam, voam, conquistem o mundo Juristas Negras, mas não esqueçam de carregar consigo na mente, no coração, nas ações a sua ancestralidade. *Kawô Kabiecilê*. Pedra de Xangô é enredo, é rede[67] (Silva, 2021).

Enquanto juristas negras, questionamos a relação entre liberdade e justiça e destacamos a justiça imperial de Xangô, que expressa tradição, ancestralidade, respeito, honestidade e equidade. Nossa presença na academia e no mundo jurídico ressoa outras perspectivas de justiça que fortalecem as lutas contra a discriminação racial. É na força e no eco do trovão de Xangô que emanamos nosso trabalho. Com foco e respeito, reverenciamos e compartilhamos o conhecimento das que nos antecederam e que não apenas merecem, mas devem ser honradas pelo caminho que trilharam para que chegássemos até aqui.

Com o objetivo de avaliar a visita e receber um retorno das participantes do encontro, além de identificar maneiras de potencializar o Parque em Rede Pedra de Xangô, propus e executei o projeto "Série Juristas Negras na Pedra de Xangô", em formato de *live*.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CW_UXkklCG_/?igshid=YmMyMTA2M2Y= Acesso em: 5 set. 2022.

[67] A Pedra de Xangô em vários ângulos – Poema publicado em 17/12/2021 no perfil @pedra.de.xango - Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXlcMLprnOV/?igshid=YmMyMTA2M2Y= Autora: Maria Alice Pereira da Silva. Acesso em: 05 set. 2022.

A série teve como ponto de partida a realização da Emersão e como base teórica o livro "Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador". Os objetivos da série foram dialogar com sete juristas negras participantes da emersão no Parque Pedra de Xangô; investigar as impressões, sensações e memórias desenvolvidas durante a visita, ao conhecer as histórias e enredos envolvendo o sítio natural sagrado.

Em formato de *lives*, os encontros foram realizados na rede social Instagram — @pedra.de.xango. Dialogamos com sete juristas a saber: Jussara Souza, Eliane Pereira Silva, Elaine Alves, Luciana Martins, Delina Azevedo, Lívia Sant'Anna Vaz. As *lives* aconteceram no período de 02/02 à 09/03/2022, sempre às quartas-feiras, das 19 às 20h.

Alguns depoimentos que antecederam ao encontro virtual foram aqui elencados, bem como impressões proferidas na última *live*[68], a título de resultados, vejamos:

> I – [..] O aquilombamento partiu do "EU" aflorado e fortalecido pela aceitação e reconhecimento da potência feminina, para o NÓS juntas somos mais fortes, centrado na cultura, no conhecimento originário, antes subestimado, agora destacado, com vistas a encorajar a produção intelectual de todas, enquanto pretas de carreiras jurídicas ou de outras áreas do conhecimento. Voltando-me para mim mesma, posso afirmar que toda programação da Emersão, especialmente a visita ao patrimônio religioso e histórico cultural representado pela Pedra de Xangô foi um momento de magia e reconexão com a luta e resistência dos nossos ancestrais. A fala emanada das rochas nos contava uma história surpreendente de luta e resistência, dizendo diante de todas nós, Mulheres Pretas Empoderadas, que o sofrimento não foi em vão, ampliando, portanto, o compromisso de cada uma com a preservação e disseminação daquele sítio, que para além de muitas potencialidades, é a pura expressão do SAGRADO[69] (Souza, 2022).
> II – Quando lembro da minha visita à Pedra de Xangô, sinto a coesão das mulheres potentes que ali estavam. Cada uma sentindo uma energia. Mas

[68] Sara Sacramento – estudante de direito, teve uma participação especial na última live com Lívia Sant'Anna Vaz e Delina Azevedo. Ela fez uma linda fala vale a pena conferir:

Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Ca0pKYLJpGu/?igshid=YmMyMTA2M2Y= Acesso em: 12 fev. 2023.

[69] Jussara Souza - delegada de Policia Civil, aposentada há um ano e oito meses, advogada, especialista em Direitos Humanos; Políticas e Gestão de Segurança Pública; Gestão de Processos (Business Process Management - BPM), Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social; Fundadora e Gestora do Co-Espaço Gira: Escritório Compartilhado e Virtual. Atua, no estado da Bahia, como instrutora de Direitos Humanos nos cursos de formação de Investigadores, Escrivães e Delegados de Polícia, junto à Academia da Polícia Civil e considera como muito importante ter participado da equipe responsável pela construção do Protocolo de Atendimento da Polícia Civil às vítimas de discriminação racial, religiosa, de gênero e condição da pessoa com deficiência. A integra do texto da lavra de Jussara Souza encontra-se anexo à presente tese.

> todas vibrando justiça e vitória na fé de Xangô. O sentimento é de retorno à minha casa e pertencimento à minha ancestralidade[70] (Silva, 2022).
> III – A minha memória da visita é a sensação de reencontro. Reconexão com minha ancestralidade e comigo mesma. Tive a impressão de já ter visto aquele local. A energia que pairava no ar era tão forte que precisei sentar um pouco para absorver[71](Alves, 2022).
> IV – Conhecer a Pedra de Xangô foi uma real descoberta do que é se permitir ser alimentada por uma energia que te coloca de frente com a tua verdadeira essência. O silêncio que permeia todo local, mesmo próximo a uma estrada. É incrível, pois é possível sentir toda proteção e acolhimento, como um abraço que você estava esperando ao retornar para casa[72] (Martins, 2022).
> V – Eu mulher negra, juristas negras e a Pedra de Xangô (RE) unindo o seu povo. Esse grupo e essa visita me permitiram entrar em contato com a diáspora negra que ainda acontece em nós afrodescendentes. A diáspora que tem suas dores e seus encantos, mas que se dilui quando nos dispomos a nos unir. A visita a Pedra de Xangô unida ao grupo Juristas Negras fortaleceu em mim os sentimentos de pertencimento, resgate, respeito, irmandade, sacralidade e ancestralidade. Axé[73]. (Azevedo, 2022).
> VI – Se eu tiver que resumir em uma palavra o que é a Pedra de Xangô, eu diria que é travessia. Você entra de uma maneira e quando você sai é renascimento[74] (Sant'anna Vaz, 2022).

Repertório e Discurso afrocêntrico

A emersão no sítio natural sagrado afro-brasileiro contribuiu para ampliar o repertório e os discursos afrocêntricos das juristas, permitindo que elas se posicionassem no centro da discussão como mulheres negras (Asante, 2012), abordando questões e

---

[70] Eliane Pereira Silva – advogada, especialista em administração e políticas públicas, pela CEPERJ e CLACSO; gestora pública; presidente da Comissão de Compliance do IBRAPEJ; membro da Comissão de Direito Previdenciário e Igualdade Racial do IBRAPEJ; integrante do Coletivo de Mulheres Negras e Afroindígenas Zacimba Gaba, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CZQLGnkI1WI/?igshid=YmMyMTA2M2Y= Acesso em: 12 fev de 2023

[71] Elaine Alves – advogada, especialista em Direito e Processo Civil, Direito e Processo do Trabalho e Direitos Humanos, mestrando em direito, membro da Coletiva Abayomi Juristas Negras, da Comissão de Igualdade Racial da OAB/PE. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CZr3tYsJt8J/?igshid=MDJmN. Acesso em: 12 fev de 2023.

[72] Luciana Martins – advogada, especialista em crianças, adolescentes e famílias pelo IERBB/MPRJ, coordenadora jurídica do Coletivo Pais Pretos presentes, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CaPWO5Tj5_A/?igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em: 12 fev de 2023.

[73] Delina Azevedo é servidora efetiva do Ministério Público do Estado da Bahia – MPBA, desde 2006, lotada no CEAMA. Bacharel em direito (FRB). Especialista em Direito Civil (UFBA); Mestra em Direito Público (UFBA). Atua na co-gerência do Projeto Movimenta – planejando a mobilidade urbana. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CZ9NkOtD9vV/?igshid=YmMyMTA2M2Y= Acesso em: 12 fev de 2023.

[74] Lívia Sant'Anna Vaz – promotora de justiça no Ministério Público do Estado da Bahia; doutora em ciências jurídico-politicas pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa; nomeada uma das pessoas de descendência africana mais influentes do mundo. Trecho de sua fala na live. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Ca0pKYLJpGu/?igshid=YmMyMTA2M2Y= Acesso em: 12 fev de 2023.

problemáticas afro-diaspóricas no campo do direito, e ajudando-as a compreender como se manifesta a Justiça de Xangô.

Além das impressões e conhecimentos adquiridos na visita, o Selo Juristas Negras apresentou ao Comitê para Eliminação da Discriminação Racial - CERD, da ONU, um relatório sobre a situação do racismo religioso no Brasil. Nele consta um retrato da falta de assertividade do governo brasileiro no que tange à prevenção e enfrentamento ao racismo religioso, em suas mais diversas formas de manifestação.

A Pedra de Xangô é citada no documento, como exemplo de boa prática, de conquista de efetiva proteção de locais públicos vinculados aos espaços de culto e rituais das religiões de matriz africana e afro-brasileira em Salvador-Bahia. No relatório[75] encaminhado à ONU, em 22 de outubro de 2022, elencamos recomendações para serem cumpridas pelo Estado brasileiro, eis algumas delas:

> VII - Instituição de mecanismos que assegurem a proteção dos espaços sagrados, inclusive públicos, coibindo manifestações de racismo religioso, seja por pessoas privadas seja pelos próprios entes públicos;
> VIII - Efetiva proteção da prática de cultos, da celebração de reuniões relacionadas à religiosidade e a fundação e manutenção de lugares reservados para tais fins, sejam eles públicos e privados, em conformidade com as normas locais;
> IX - Garantia de consulta prévia das comunidades tradicionais de terreiros (povos de terreiros) quanto às políticas públicas, obras e outras intervenções urbanísticas que afetem seus direitos, nos termos da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT;
> XV - Cadastramento de terreiros e espaços sagrados públicos de religiões de matrizes africanas em todos os Municípios brasileiros, para fins de recolhimento de dados e garantia de acesso a direitos;
> XVI - Tombamento, registro e previsão legal de roteiros históricos/turísticos associados às religiões de matrizes africanas.

A Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, em sua 108ª Sessão (14 de novembro de 2022 – 02 de dezembro de 2022), acatou o relatório apresentado pelo Selo Juristas Negras. Uma das recomendações do Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial da ONU para o Estado Parte Brasil é que o país reveja o artigo 44 (b) das medidas legislativas e políticas em vigor

[75] Shadow Report submitted by Selo Juristas negras, to the 108th Session of the Committee on the Elimination of Racial Discrimination (CERD) on the examination of the 18th to 20th periodic report presented by Brazil pursuant to article 9 of the Convention, in Geneva, November 14 to December 2, 2022. Disponível em: https://tbinternet.ohchr.org/_layouts/15/treatybodyexternal/SessionDetails1.aspx?SessionID=2557&Lang=en . Acesso em: 05 nov, 2022.

para defender a pluralidade religiosa e a liberdade de religião, em consulta com representantes das religiões afro-brasileiras.

Nessa recomendação, vislumbra-se a necessidade do Estado Parte (poderes públicos) consultar os representantes do Povo de Terreiro antes da tomada de quaisquer decisões legislativas e/ou políticas que venham a impactar positiva ou negativamente, especialmente as normas que regem o Poder do Axé e as religiões de matriz afro-brasileiras.

A análise da Governança Espiritual no Parque da Pedra de Xangô revela um contexto onde as decisões são influenciadas por entidades espirituais. Essas entidades, em colaboração com seus interlocutores, reintroduzem o encantamento tanto no Direito quanto na governança secular. Essa dinâmica única representa uma experiência singular que só pode ser plenamente compreendida através da lente da Governança Espiritual e dos conceitos a ela associados. Entre esses conceitos, destacam-se o sítio natural sagrado, a cosmopercepção, o constitucionalismo negro, a ambiência, entre outros explorados ao longo da tese.

A atuação da Governança Espiritual Afro-brasileira no Parque Pedra de Xangô é de suma importância na reconstrução e no aprimoramento dos marcos jurídicos normativos dos direitos e liberdades fundamentais no Brasil. Ao buscar o reconhecimento e o respeito às práticas religiosas e culturais afro-brasileiras, a Governança Espiritual auxiliam no fortalecimento dos direitos individuais e coletivos dessas comunidades, promovendo a igualdade e a diversidade cultural. Portanto, essa perspectiva transcende as fronteiras da espiritualidade para se tornar uma contribuição valiosa não apenas para o campo jurídico, mas também para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva em todos os aspectos.



Foto: Projeto GeoAfro

[..] Tome a reza
Não desista da vez
Para nós mulheres de cor
O machado de *Ọ̀yọ́*
será um caminho
Porque a justiça precisa de cores retumbantes
Abrindo portas e dando assento
Mal sabem eles
Não somos condenadas
Somos escolhas ancestral
Vivas e poéticas
Nesse *ṣiré*, nós somos convidadas de *Ṣàngó*.
(Hélen Diogo, 2021)

CAPÍTULO V. ESPIRALAR DO AXÉ

O capítulo "Espiralar do Axé" destaca a centralidade da Governança Espiritual no Parque Pedra de Xangô, sob a ótica das manifestações culturais, onde as comunidades de terreiros e a própria natureza se transformam em hierofanias, manifestações tangíveis do sagrado durante as celebrações.

Esses eventos ocorrem por meio do processamento da energia nos corpos, resultando em movimentos visíveis, seja no interior do templo, às margens de um riacho, em torno de uma lagoa, junto a uma pedra na floresta, ao redor de uma árvore sagrada, em uma esquina ou encruzilhada — essencialmente, em qualquer local onde o corpo itinerante (o povo de terreiro) realize um ato litúrgico (Silva, 2019; Velame, 2022).

A cultura negra é uma cultura das encruzilhadas materializada através das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos, sendo frequentemente traduzida por um cosmograma que aponta para o movimento circular dos cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de intersecção (Martins, 2021)

Para os povos africanos e adeptos do Candomblé e Umbanda, a concepção integral do ser humano abrange mente, alma, espírito e matéria. Ao corpo é atribuído um valor civilizatório e é compreendido como um templo sagrado que abriga orixás, *voduns* e *inquices*, caboclos e encantados Sua dimensão espiritual e sociocultural é cíclica e intermitente; o povo de terreiro vive o presente e projeta o futuro a partir das experiências passadas, sejam aquelas vividas por diferentes indivíduos, antepassados ou deidades (Silva, 2019; Prandi, 2001). Esse corpo é concebido como uma arquitetura móvel, em constante transformação, edificada pelos mortais dessa essência sagrada (Velame, 2022).

O tempo, personificado como a espiral de Exu e também conhecido como Tempo *Okotò*, entrelaça na imanência a repetição incessante do Axé. Ao retornar de maneira cíclica pela espiral, ele perpetuamente redescobre o diferente, o incessantemente transformado. Nessa trajetória infinita, algo permanece constante, imutável e eterno: o Axé, o fluir contínuo que confere movimento à espiral (Velame, 2022). Esta energia mantém viva e pulsante a memória do legado ancestral afro-brasileiro,

especificamente no contexto do Parque Pedra de Xangô, como será explorado a seguir.

V.1 O Caminho do Axé – Parque em Rede Pedra de Xangô

A maioria dos africanos provinha de sociedades onde a letra manuscrita ou impressa não predominava como o principal meio de registro e disseminação de conhecimento. Uma ampla gama de saberes, desde os mais tangíveis até os mais abstratos, era preservada e transmitida por meio de outras formas. Entre essas modalidades, destacam-se as inscrições oral e corporal, isto é, as representações feitas pelo corpo e pela voz na dinâmica do movimento. O que é repetido no corpo e na voz constitui um conjunto de conhecimentos que molda uma visão de mundo específica (Martins, 2021). Essa abordagem enfatiza a importância de reconhecer e valorizar as diversas formas de comunicação e transmissão de conhecimento presentes nas ricas culturas africanas.

O corpo, a dança, a voz, o tempo e a energia processada não apenas são agentes ativos, mas também transmissores vitais de conhecimento. Eles representam possibilidades conceituais, levantes e caminhos insurgentes acessados pelos negros escravizados e africanos em diáspora, tornando-se meios fundamentais para expressar sua identidade e presença no mundo. Essas expressões se desdobram por meio de linguagens e códigos que abrangem o sensorial, o visual, o cinético, o olfativo e o gustativo, permeados por elementos ricos de música e dança (Martins, 2021). Este enfoque destaca a diversidade de formas pelas quais as comunidades africanas preservaram e transmitiram conhecimentos, utilizando suas experiências sensoriais e artísticas como veículos fundamentais para a expressão cultural e resistência.

A transmissão de conhecimento nas culturas africanas foi enaltecida através da oralidade, destacando a importância da energia processada, não por ausência de familiaridade com a prática da escrita. Apesar de todas as comunidades africanas terem conhecimento do uso da escrita, optaram por sublinhar o papel da oralidade, pois esta exemplifica a vitalidade energética na transmissão do conhecimento.

Conforme Muniz Sodré (2008, p.16), "as culturas costumam definir-se pela tônica do soma (corpo) ou do signo (escrita). A cultura ocidental é predominantemente *sígnica*,

porque fez da escrita e do conceito os eixos da sua universalidade, do seu poder de irradiação planetário". Enquanto isso, as culturas tradicionais, como as de origens asiáticas e africanas, são, essencialmente, simbólicas, ou seja, corporais, pois surgem do corpo para conectar-se com o mundo (Sodré, 2008).

Diferentemente do signo, o símbolo não se generaliza, nem se confina ao conceito ou à escrita. Sua representação e experiência demandam a presença, o momento; em outras palavras, uma situação concreta e corporal de um sujeito (Sodré, 2008).

Para interagir com o mundo e buscar a liberdade, os negros escravizados utilizavam a oralidade e o corpo como recursos principais, envolvendo elementos como "a respiração, a vitalidade física, a força da realização, a movimentação no espaço" (Sodré, 2008, p.16). Essas práticas eram manifestações de culto às divindades africanas.

O sistema hegemônico, habituado a perceber a cultura exclusivamente pelos prismas eurocêntricos da escrita, historicamente dificultou o reconhecimento dos conhecimentos e práticas das comunidades tradicionais, assim como suas manifestações culturais enquanto linguagens. Os rituais realizados na Pedra de Xangô constituem linguagens que remontam a um passado distante, quando os corpos negros eram subjugados pelo sistema escravagista, e dirigiam-se ao sítio natural sagrado em busca de liberdade e conexão com as divindades africanas e afro-brasileiras.

A Pedra de Xangô, como símbolo sagrado, enfrentou a ameaça de ser destruída, levando os adeptos das religiões de matriz africana e afro-brasileira a destacarem a sacralidade do sítio natural sagrado (Silva, 2019). Esse reconhecimento iniciou um movimento em defesa da pedra, levando os terreiros a se mobilizarem nas ruas com o objetivo de sensibilizar a sociedade e os órgãos da administração pública municipal, estadual e federal sobre a importância vital da Pedra de Xangô.

Geovania Macedo Valença, a eterna Mãe Zil (1934 - 2014) ou Mameto Ojí Karun Foobá, fundadora do terreiro Angola-Congo Tingongo Muende, erguido em Cajazeiras XI. Reconhecida como uma das mais respeitáveis *Mametos* de sua era, Mãe Zil deu os primeiros passos na defesa do monumento sagrado

Dona de uma personalidade única, repleta de sabedoria e conhecimento, a sacerdotisa Mãe Zil, em 2005, reuniu as Ialorixás e babalorixás de Cajazeiras e arredores para defender a preservação da Pedra Sagrada contra a implosão. Em 2010, diante da inação do poder público, Mãe Zil liderou e concretizou a 1ª Caminhada da Pedra de Xangô, ao lado de Ialorixás, babalorixás e seguidores da religião.

Mesmo enfrentando limitações físicas, a sacerdotisa participava anualmente do ritual, sentada em um banco diante do monumento sagrado, aguardando a chegada do cortejo. A Caminhada continua até os dias atuais, como um testemunho da força de Mãe Zil, das Matriarcas da Pedra de Xangô, e de todas as Mulheres de Axé e adeptos das religiões de matriz africana e afro-brasileira do estado da Bahia, conforme exploraremos adiante.

Mãe Diala e Mãe Cassuté (Figura 23) são, também, figuras importantes dentro do contexto da Pedra de Xangô[76]. Elas e outras lideranças religiosas, atendendo as Ori (entações) de Mãe Zil, deram os primeiros passos para a criação de uma rede de mobilização e preservação em defesa do monumento sagrado.

Essas líderes religiosas têm uma rica história de ativismo e mobilização. Desde os primeiros esforços em 2010, quando bateram de porta em porta nos terreiros, convidando adeptos do candomblé para participarem formalmente da associação criada (Associação Pássaros das Águas), cujo objetivo principal era reunir comunidades de terreiros Cajazeiras e adjacências em defesa da Pedra de Xangô.

Ao longo dos anos, elas estiveram envolvidas em diversas atividades, desde mapear lugares sagrados até protestar contra o racismo religioso, participar de rituais na Pedra de Xangô, realizar limpezas do monumento, caminhadas, reuniões, oficinas, seminários, audiências e conferências internacionais.

[76] Depoimento de Mãe Kacuté nos perfis @samba.das.matriarcas e @pedra.de.xango sobre o inicio da rede de proteção da Pedra de Xangô.

Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CopYNAEgDvw/?igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em: 23 fev. 2023.

Figura 23 – Mãe Diala e Mãe Cassuté no Parque Pedra de Xangô.



Fonte: André Frutuôso (2023).

Incansáveis, Mãe Diala e Mãe Cassuté percorriam as instituições públicas em busca de socorro e soluções para os diversos problemas enfrentados pela Pedra de Xangô (Figura 24). O Ministério Público era um endereço certo. Somente nesse órgão, seis inquéritos envolvendo a Pedra de Xangô foram abertos.

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA - FAUFBA (Figura 25), também, foi acionada, através da pesquisa Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador e mais recente com a pesquisa A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro na edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Intermediárias do sagrado, Mãe Diala e Mãe Cassuté recebiam as mensagens de Xangô e transmitiam as ordens divinas aos técnicos, pesquisadores e demais pessoas. Seus relatos ilustram a profundidade da conexão espiritual que mantêm com a Pedra Sagrada.

Figura 24 – MP-BA investiga agressões à Pedra de Xangô – Jornal A Tarde.



A TARDE

www.atarde.com.br

INTOLERÂNCIA

MP-BA investiga agressões à Pedra de Xangô

Sucessivos ataques à Pedra de Xangô, bem sagrado para os praticantes do candomblé localizado em Cajazeiras, estão sendo investigados pelo Ministério Público da Bahia (MP-BA). Ontem religiosos fizeram limpeza no local, onde na última quarta-feira foram despejados cerca de 200 kg de sal. A4

DEPUTADA BAIANA

Tia Eron entra em equipe de ministra polêmica B1

Ialorixá Mãe Dialá, à frente do Pedra de Xangô, local sagrado para o candomblé que vem sofrendo ataques por intolerância religiosa

Fonte: – Jornal A Tarde (2019).

Figura 25 – Projeto para a Pedra de Xangô é debatido na UFBA.



PATRIMÔNIO

Projeto para a Pedra de Xangô é debatido na Ufba

TAINÁ CRISTINA*

Em discussão sobre a preservação dos sítios naturais e sagrados da capital baiana, o Ministério Público da Bahia (MP-BA) realizou, na tarde de ontem, uma reunião de apresentação do projeto "Parque em Rede Pedra de Xangô e Área de Proteção Ambiental (APA) municipal: o parque que queremos".

O evento ministrado pelos promotores de Justiça Hortênsia Gomes e Edvaldo Vivas aconteceu no auditório da faculdade de arquitetura da Universidade Federal da Bahia (Ufba), na Federação.

Durante a exibição, foram discutidos assuntos como: ataques contra à Pedra, provenientes da intolerância religiosa; falta de saneamento; frequentes queimadas; ocupações irregulares; acidente de trânsito e vulnerabilidade ambiental.

Uma nova reunião técnica, para que autoridades apresentem projetos e soluções de preservação da área, irá acontecer no próximo dia 28, na sede do MP-BA, em Nazaré. No dia 17 de setembro, acontecerá uma audiência pública em Cajazeiras.

Convocados pela Associação Casa dos Olhos do Tempo que Fala da Nação Angolão Paquetam Malembá, responsável pelo projeto, o encontro contou com a participação de agentes da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa), Fundação Mário Leal Ferreira, Casa Civil do Município de Salvador, Secretaria Municipal da Sustentabilidade, Inovação e Resiliência (Secis), e a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (Sepromi).

"O Ministério Público se aproxima da coletividade através dos projetos, fazendo com que esse processo tenha mais chance de êxito. No dia 28, iremos compreender o problema da área, para chegarmos à soluções, integradas com as esferas federativas e a sociedade civil", frisou a promotora Hortênsia Gomes.

O projeto Parque em Rede Pedra do Xangô e Área de Proteção Ambiental (APA) foi um entre os 10 selecionados em chamada pública efetuada com recursos procedentes de uma iniciativa compensatória prevista em Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) recomendado pelo MP-BA pela Promotoria de Justiça de Habitação e Urbanismo de Salvador.

* SOB A SUPERVISÃO DA EDITORA MEIRE OLIVEIRA

Raphael Muller / Ag. A TARDE

Encontro ocorreu na faculdade de arquitetura da Ufba

Fonte: – Jornal A Tarde (2019).

Em uma ocasião especial, Mãe Diala, dirigiu-se a mim e disse: “Doutora Maria Lícia, 'Se me encontrar séria na Pedra de Xangô, é porque Xangô está se comunicando comigo.' Em outro momento, ela repassou a seguinte mensagem: 'Doutora Maria Lícia, Xangô mandou avisar que deseja *Orô* para desbravar os caminhos da obra.'

Mãe Cassuté complementou: 'Oh Maria Alice, querida amiga, *Nzazi* solicita *Amalá*.' Dessa forma, essas duas irmãs de fé, inseparáveis amigas, continuavam a cuidar do *Otá* (Pedra Sagrada), transmitindo as orientações de Xangô, *Nzazi* e *Sogbo*.

A sabedoria dessas mulheres era tão impactante que ninguém se atrevia a duvidar ou ignorar as (Ori) entações enviadas pela Governança Espiritual. Assim, elas iam moldando e desenhando a concepção do projeto arquitetônico do Parque Pedra de Xangô. Essa influência se manifestava através de práticas performáticas e festas ritualísticas, que, por meio de inúmeros processos de ressignificação e resiliência garantiram a preservação não apenas de corpos, mas também de um acervo de conhecimentos e práticas que resistiram às tentativas de apagamento e extinção (Martins, 2021).

De acordo Martins, a corporeidade negra, enquanto contribuição teórica, conceitual, performática, gera e reproduz cenários e paisagens que amplificam os objetivos do corpo, considerando-o “como um lugar e ambiente de produção e inscrição de conhecimento, de memórias, de afetos e de ações” (Martins, 2021, p.162).

O corpo é habilitado a criar pensamento, movendo como uma tela, uma imagem, uma pólis corporal com sua geopolítica, um corpo gentrificado, um corpo testemunha e de registros, um corpo/voz poético, estético, histórico. Em síntese, um corpo político, porta-voz, enviado do ainda não falado ou repetido, porque antes vetado, censurado, excluído (Martins, 2021).

Nas religiões de matriz africana e afro-brasileira, o corpo assume o papel de representação do cosmo, sendo o receptáculo de experiências sagradas. As oferendas, as danças performáticas, as vivências corpóreas, os cânticos, os toques dos tambores e os 12 rituais afro-brasileiros realizados no Parque Pedra de Xangô são linguagens e portais de conhecimento plurais. Essas expressões redefinem o espaço, edificando arquiteturas, construindo ambiências significativas.

V.2 Os rituais afro-brasileiros no Parque Pedra de Xangô

Caminhada da Pedra de Xangô

A Caminhada da Pedra de Xangô é um dos rituais públicos que acontece, anualmente, no Parque Pedra de Xangô. Iniciado em 2010, o evento transformou-se em um marco na luta pela oficialização e reconhecimento da Pedra de Xangô enquanto patrimônio cultural[77].

Mãe Zil - terreiro *Angola-Congo Tigongo Muende*; Mãe Iara de Oxum - *Ilê Axé Tomim Kiosisé Ayo*; Mãe Branca de Xangô – *Ilê Axé Obá Baba Serè*; Mãe Diala - *Ilê Asé Babá Ulufan* Alá; Mãe Cassuté de Oxalá - *Unzó Katulandê de Unzambe*; Mãe Alda Fernandes - *Ilê Axé Ogô Ogum*; Mãe Jó - *Ilê Axé Ogunjá* – Pai Waldo – *Ilê Axé Tayodê Onin Ofá*; Mãe Rita de Ogum - *Ilê Axé Fará Megê*; Pai Gildásio - Terreiro *Aribiquara Unzo de Zanbe;* Mãe Nozinha – terreiro *Delewi*; Mãe Gildete - *Ilê Axé Oyá Toujinam* e o professor Malaquias, cofundadores da Associação dos Terreiros de Candomblé de Águas Claras, Cajazeiras e Adjacências Pássaros das Águas, foram que deram materialidade a caminhada da pedra.

Além das lideranças religiosas acima mencionadas, o professor Malaquias, também, desempenhou um papel importante como cofundador da Associação dos Terreiros de Candomblé de Águas Claras, Cajazeiras e Adjacências Pássaros das Águas e um dos organizadores do evento religioso.

Um desacordo surgiu entre o grupo de religiosos, resultando na atual situação em que a manifestação cultural está exclusivamente sob a liderança de um dos terreiros cofundadores da Associação Pássaros das Águas, o *Ilê Axé Tomim Kiosisé Ayo*. A celebração ocorre tradicionalmente no segundo domingo de fevereiro, antecedendo o carnaval, e tem se firmado como um evento consagrado no calendário das festividades de verão em Salvador - Bahia.

[77] Entrevista com Mãe Diala. Live “Pedra de Xangô tecendo redes” realizada no perfil @pedra.de.xango. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CUtJqP1lsxN/?igshid=YmMyMTA2M2Y=.

O Povo de Terreiro, bem como simpatizantes, dirige-se para as imediações do Campo da Pronaica, ponto de partida da Caminhada, com grande fervor e alegria. Contudo, antes do início, é essencial realizar oferendas a Exu. Na encruzilhada, ocorre o despacho de rua, conhecido como *padê* para Exu, solicitando *agô* (licença) da divindade dos caminhos e descaminhos para que a festa ocorra harmoniosamente, na paz, sem contratempos. Como mencionado por Lima (2010, p.23), "Sem o despacho de Exu, sem que o *padê* (oferenda) seja realizado com respeito e atenção à liturgia, nenhuma cerimônia ou festa será bem-sucedida" (Silva, 2017; 2019).

Em seguida, um tapete branco se forma e se estende pela Avenida Vale do Assis Valente em direção à Pedra de Xangô. O percurso abrange 2,5 km em uma área relativamente arborizada. Durante o cortejo, um minitrio lidera a multidão. Adeptos do Candomblé e simpatizantes seguem a pé, entoando cânticos evocativos do orixá. Nesse trajeto, surgem encontros significativos, compartilhamento de histórias e a oportunidade de perceber o quanto Xangô é querido, venerado e respeitado (Silva, 2017; 2019).

Ao alcançar a Pedra de Xangô, as expressões de gratidão à divindade da Justiça se manifestam de diversas maneiras. A instituição responsável pela organização da festividade oferece ao orixá *amalá*, seu alimento preferido, e flores como gestos de reverência. Os participantes contribuem com perfumes, água de cheiro ou algumas moedas. Alguns indivíduos, em um intercâmbio de energia, encostam suas cabeças ou mãos na rocha, fundindo-se por alguns instantes em uma conexão intensa. Alguns, profundamente emocionados, choram abundantemente enquanto abraçam a pedra. Outros deitam-se e tocam suas cabeças na base do monumento (Silva, 2017; 2019).

O ritual é marcado pela saudação "*Axé, Kawô Kabiecilê*" (uma saudação para Xangô) (Silva, 2017; 2019). A roda se abre e os praticantes das religiões de terreiro, no *xirê*, dançam, cantam e reverenciam todo o panteão das divindades afro-brasileiras, destacando especialmente Xangô - *Nzazi* e/ou *Sogbo*, as divindades da justiça.

A Caminhada (Figura 26) é uma cosmopercepção de mundo e uma forma de resistência. Ela simboliza a tradição como uma vivência que se renova e se manifesta como um intricado jogo de forças e correlações de poder, utilizando a música, a dança,

a capoeira, o rito e o grito de liberdade como expressões fundamentais desse fenômeno (Silva, 2017; 2019).

Figura 26 – Festas populares: Xinelo de Couro vai animar a 15ªCaminhada da Pedra de Xangô.



Fonte: @noticiascajazeiras (2024)

Amalá de Xangô

A distância não é barreira quando o sagrado chama, e seja de forma individual ou coletiva, o ritual do *amalá*, como narrado, se desdobra a cada quarta-feira, tecendo fios invisíveis que ligam os terreiros à Pedra de Xangô. O processo meticuloso de preparo, transporte e oferenda não apenas nutre, mas também fortalece o axé (a essência vital), tanto daqueles que ofertam quanto daqueles que recebem. O *amalá* (Figura 27), venerado como o manjar predileto do orixá Xangô, emerge como um campo de energia carregado de significados, onde cada quiabo cortado, temperado com cebolas raladas, camarão seco, sal e azeite de dendê, é um portal para a intensidade da conexão espiritual. Apresentado com reverência em uma gamela de madeira, o *amalá* pode ser acompanhado por outras iguarias, como quiabos inteiros, acaçás, bolas de farinha e acarajé, enriquecendo o banquete que alimenta tanto o corpo quanto a alma (Silva, 2017; 2019).

Figura 27 – *Amalá* da Pedra de Xangô.



Fonte: Juscelino Pacheco (2014).

Durante um ciclo de seis anos, as festividades públicas do *Amalá* de Xangô ecoaram sob a condução de Mãe Branca de Xangô, do *Ilê Axé Obá Babá Sèré*. Não se limitando a oferecer o alimento ao Rei da Justiça, a sacerdotisa dividia o *amalá*, preparado com cinco mil quiabos, com todos os participantes (Figura 28), criando assim um banquete espiritual que transcendia as fronteiras da individualidade e unia as almas em comunhão (Silva, 2019).

Figura 28 – Oferta do *Amalá* para o público.



Fonte: J. Pacheco (2015).

Para Mãe Branca, o propósito transcende a simples alimentação. É a união entre o Orixá e o povo, um laço espiritual que se fortalece com cada gesto de compartilhar. Xangô, o Rei da Justiça, sempre manifestou sua generosidade através do alimento,

pois entende que a prosperidade é fruto do compartilhamento mútuo entre doador e receptor (Silva, 2017;2019). Seguindo os passos dessa sabedoria ancestral, as Matriarcas da Pedra de Xangô abraçam a mesma fé e compreensão de Mãe Branca. Em um compromisso sagrado, decidiram manter viva a tradição da festa pública do *Amalá*. Assim, em 2023, sob a liderança de Mãe Diala e Mãe Cassuté, as Matriarcas assumiram a nobre missão de oferecer o *Amalá* (Figura 29) a Xangô toda primeira quarta-feira do mês, renovando os laços entre o sagrado e o cotidiano, entre o divino e o humano.

Figura 29 – *Amalá* da Pedra de Xangô[78].



Fonte: Maíra Almeida (2023).

Em uma palestra memorável no Curso Epistemologia de Xangô, o eminente professor e babalorixá Sidney Nogueira (2022) revelou a profunda simbologia do *Ibá*, a representação do orixá Xangô. O *Ibá* de Xangô (Figura 30), moldado na forma de uma gamela, evoca a majestade de *Iroko*, a árvore sagrada. Dentro desta gamela repousam várias pedras, testemunhas silenciosas do tempo, enquanto sobre ela repousa o *amalá*, símbolo de partilha e comunhão. A baba do quiabo, fluida e

[78] Da esquerda para a direita: Mãe Dialá, Iyá Egbé Sônia Mendes e Mãe Rita de Nanã.

unificadora, age como uma cola invisível, unindo os elementos em uma harmonia perfeita, como uma metáfora da igualdade. Xangô, nesta concepção, é o amálgama divino, que não hierarquiza, mas une; ele personifica a ética da convergência e da união das diversidades. Xangô é a abundância que se distribui generosamente, como as bênçãos que fluem de sua mão benevolente[79].

Figura 30 – *Ibá* de Xangô.



Fonte: Mônica Silveira (2019).

Os *amalá*s venerados na Pedra de Xangô são mais do que simples oferendas; eles representam o elo que une, consolida e forja um novo destino, onde a Governança Espiritual Afro-brasileira possa florescer em sua plenitude. Busca-se, nesses rituais sagrados, preservar e proteger a riqueza da pluriversalidade e do sagrado afro-brasileiro, garantindo que sejam reconhecidos e respeitados como direitos e garantias fundamentais de toda uma comunidade. É através desses atos de devoção e celebração que se ergue o alicerce para um futuro onde a diversidade seja reverenciada e celebrada em toda a sua magnificência.

[79] Curso Epistemologia de Xangô ministrado pelo babalorixá, professor, doutor em Semiótica pela USP, Sidnei Barreto Nogueira em: 14 de agosto de 2022.

Festival de Sokpé

O Festival de *Sokpé*, também conhecido como Festival Cultural da Pedra do Trovão, é uma celebração anual de grande significado realizada pelo terreiro *Vodun Kwe Tò Zò*, ocorrendo durante os dias 10 a 12 de dezembro. Este evento, reservado apenas para os iniciados e convidados especiais, é uma oportunidade única para reverenciar o *vodun Sogbo*, um ser divino de grande importância dentro da tradição *vodun*.

Originalmente, as atividades desse festival se limitavam às práticas litúrgicas e religiosas. No entanto, a partir do ano de 2021, a sacerdotisa Gayaku Sinay decidiu enriquecer o evento ao integrar uma dimensão social, incorporando atividades acadêmicas e diversas manifestações culturais. Esse novo enfoque ampliou o alcance do festival, enriquecendo-o com trocas de saberes e vivências entre os participantes.

É relevante destacar que, para além das fronteiras físicas e culturais, o sagrado estabelece redes e conexões profundas entre as divindades. Nesse contexto, divindades como Xangô, *Nzazi* e *Sogbo* se entrelaçam em uma teia indissociável de influências e significados. Um exemplo notável dessa interligação é observado no Festival do *Sokpé*, onde o *vodun Sogbo*/*Kposu*, associado à Pedra do Trovão, só aceita oferendas após estas serem primeiramente apresentadas ao orixá Xangô, que está intrinsecamente ligado à Pedra de Xangô. Essa relação simbólica ressalta a interdependência e a harmonia entre as divindades, refletindo a riqueza e a complexidade das tradições religiosas afro-brasileiras.

No *Sòkpè*, ou Festival Cultural da Pedra do Trovão, três celebrações primordiais enaltecem o evento: o *Tedùdù*, o *Feví* e o *Zoogodè*. O *Tedùdù*, também conhecido como a festa do inhame novo, é um momento de reverência em que os participantes se vestem de branco e oferecem ao *vodun* da *Sòkpè* a preciosa hortaliça. Durante o ritual do *Tedùdù*, uma imponente pilha de mais de 70 kg de inhame, raiz que representa a base da agricultura e do comércio na região de *Savalu*, Benim, é erguida, sendo apreciada por todos os *voduns*.

Os membros do terreiro e da comunidade carregam suas raízes, equilibrando-as com destreza sobre suas cabeças, em uma procissão solene até a Pedra do Trovão, ao som de uma cantiga *anagô*: "*Má gbè hìn gbé o - Kó o má gbàgbée wa - Ide dowòò re*".

Com gestos de respeito e gratidão ao *vodun*, entregam os inhames à sacerdotisa e se curvam reverentemente perante a *Sòkpè*. Então, o hino da nação é entoado, celebrando a presença de todos os *voduns* nesse grandioso evento.

O *Feví*, a festa da comida de *Sogbo*, é um momento sagrado em que uma iguaria à base de quiabo, que empresta seu nome ao ritual, é apresentada ao *vodun* da *Sòkpè*. Durante essa celebração, uma parte da comunidade do terreiro se entrega à dança em reverência à *Sòkpè*, a Pedra do Trovão, e a *Sogbo*.

Já o Zoogodè, ocorrido no derradeiro dia do festival, é um momento marcado pela ascensão do fogo aos céus e sua benevolente devolução. Nessa ocasião, uma fogueira é acesa em honra ao *vodun* da *Sòkpè*, a Pedra do Trovão, e ao seu redor ecoam as danças até que as chamas surjam. Esse processo é conduzido sem a utilização de combustíveis, apenas com 12 buchinhas de tecidos preparadas com esmero. Após o acendimento da fogueira, as *Ekedis* devem manter-se atentas para evitar que os *voduns* saltem nas chamas ou toquem as brasas, buscando sempre conter sua força para evitar uma manifestação de poder que, aos olhos da sacerdotisa, é desnecessária.

Um aspecto crucial desses rituais é a profunda interligação e harmonia entre a divindade da *Sòkpè*, a Pedra do Trovão, e a divindade da Pedra de Xangô. O *vodun* só aceita as oferendas se estas forem primeiramente dedicadas ao orixá (Figura 31), demonstrando a intricada teia que conecta a Pedra de Xangô ao terreiro e à cidade.

Assim sendo, o *vodun Sogbo* requer que os fiéis do templo religioso tragam consigo um inhame e uma gamela com *feví* para oferecer ao Xangô da Pedra. Além disso, exige que seja apresentada uma *najé* (prato de barro) com as brasas da fogueira de *Sogbo* para aquecer a mencionada divindade.

Figura 31 – Gayaku Sinay na Pedra de Xangô.



Fonte: *Vodun Kwe Tò Zò* (2023).

Xirê de Xangô

O *Xirê* é mais uma das manifestações conduzidas pelo coletivo das Matriarcas, sob a orientação de Mãe Cassuté e Mãe Diala. As danças desdobram-se em rodas, fluindo no sentido anti-horário, evocando o poder do círculo mágico. Realizado no mês de dezembro, o *Xirê* (Figura 32) reverencia o ano que se despede. Na ciranda sagrada, celebra-se a vida, honra-se o passado, vive-se o presente e projeta-se o futuro, enquanto se clama por Justiça.

No *Xirê*, na roda da vida, desdobra-se o destino: Xangô, em sua equidade, tece os fios da justiça, integrado à sua comunidade. Não necessita de gestos grandiosos para agir, pois compreende-se parte do todo que o cerca. Não julga de cima para baixo, mas em harmonia com seus iguais, ciente de sua missão e poder de decisão. Assim,

em comunhão com seus pares, Xangô vislumbra as múltiplas faces da existência, julgando com sabedoria e retidão (Vaz e Ramos, 2021).

Figura 32 – Ritual do *Xirê* da Pedra de Xangô.



Fonte: Mônica Silveira (2019).

No *Xirê* da Pedra de Xangô (Figura 33), o Rei da Justiça convoca seus filhos e filhas a manterem-se unidos em defesa e preservação de seu sagrado lar, onde o solo do terreiro Brasil é o alicerce, é onde o axé floresce, é a terra que pulsa vida (Simas e Rufino, 2018, p.13).

Figura 33 – Ritual do Xirê da Pedra de Xangô. Jogo do *Orobô*.



Fonte: Mônica Silveira (2019).

A Fogueira de Xangô

Os terreiros de candomblé em Salvador celebram, em 29 de junho, o ritual da fogueira de Xangô, em honra a Xangô, *Nzazi* e *Sogbo*, divindades representativas da pedreira, do fogo, dos trovões, dos raios e da justiça. Além disso, nessa data, também, é reverenciado São Pedro, discípulo de Jesus Cristo (Figura 34). Segundo relatos bíblicos, Jesus concedeu a Pedro o título de coordenador dos apóstolos, proferindo as palavras: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja[80]".

Figura 34 – Dia de São Pedro é marcado por fogueira na Pedra de Xangô.



Fonte: Blog Bahia Notícias (2021).

Na mitologia iorubá, a cidade lendária de *Oyó*, sob o governo de Xangô, enfrentava graves adversidades, como seca, fome e doenças. Ao descobrir que seu pai, Oxalá (também conhecido como Orixá *Funfu*), estava aprisionado por sete anos, Xangô partiu para libertá-lo, mesmo estando gravemente ferido. Durante a jornada até a cidade-estado de *Ifé*, onde Oxalá seria tratado, *Airá*, uma divindade amiga, sugeriu

[80] Dia de São Pedro: Santo das chuvas é o alicerce da igreja e foi o 1º papa. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/06/29/dia-de-sao-pedro-saiba-a-origem-do-santo-das-chuvas.htmAcesso em: 19 out. 2022.

acender uma grande fogueira para aquecer Oxalá. Enquanto se aqueciam, *Airá* compartilhava histórias de *Oyó*, tornando-se o melhor amigo de Oxalá durante a viagem. Em agradecimento por essa amizade e ajuda, Oxalá decretou que, a cada ano, uma grande fogueira fosse acesa em homenagem a *Airá*.

A Fogueira da Pedra de Xangô é uma festa pública realizada pelo coletivo as Matriarcas, Guardiãs da Pedra de Xangô, liderada por Mãe *Dialá*, do Ilê *Asè* Baba *Ulufan* Alá, tendo como idealizador e coordenador o Babalorixá Josias de Xangô, do *Ilê Axé Obá Paleomon*. Trata-se de mais um ritual realizado para reverenciar as divindades do fogo junto ao seu grande *Otá* – Pedra de Xangô - fortalecendo a rede em defesa desse patrimônio cultural afrobrasileiro, sede de uma Área de Proteção Ambiental, APA Municipal Vale do Assis Valente, um parque urbano e um parque em rede.

A homenagem a São Pedro, mantida as peculiaridades de cada religião, é uma maneira de dizer ao mundo que é possível caminhar lado a lado, respeitando uns aos outros. Xangô, *Nzazi* e *Sogbo* são divindades sempre invocadas para acabar com as diferenças, opressões, injustiças e controvérsias. É a energia que transforma, a força que sustenta o ideal de justiça e liberdade.

No processo de implantação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô, a Governança Espiritual convidou seus filhos e filhas para integrarem o Grupo de Trabalho Externo de Implantação do Parque Pedra de Xangô, tornando-se assim Guardiões e Guardiãs Natos(as) de sua Pedra, como já mencionado em capítulo anterior. Além disso, convidou as Matriarcas[81], responsáveis pela circulação do Axé,

[81] Lindinalva Brasília dos Santos - Mãe Dialá - Ilê Axé Babá Ulufan Alá; Elizabeth da Silva Carvalho - Mãe Kacuté de Oxalá - Unzô Katulandê de Unzambe; Maria Rita dos Santos Gomes - Mãe Rita de Nanã - Ilê Axé Inkin Toloxé; Rita de Cássia Moreira dos Santos - Mãe Rita de Ogum - Ilê Axé Ogum Fará Megê; Alda Fernandes - Mãe Alda - Ilê Axé Ogô Ogum; Rosivan Macedo dos Santos - Mãe Rose de Oxum - Ilê Axé Yä Omim Opará Omon Aganjú Inkin Toloxé; Nilza Nascimento Ferreira - Mãe Nilza D'Oxum representando a saudosa Mãe Zil - Terreiro Angola-Congo Tigongo Muende Suya Sol Silva Cardoso - Mãe Sol - Ilê Axé Ode Toqueji Lodemim; Maria da Piedade - Mãe Piedade - Ilê Axé Acorojí; Lígia Maria dos Santos Souza - Mãe Lígia - Ilê Axé Omim Dewá; Ana Maria Batista - Mãe Aninha Ilê Axé Obá Pálèomon; Darcilene Carvalho - Mãe Dacirlene - Ilê Axé Odé Aty Ré. As Matriarcas Civis incluem Jandiara Lago Silva, Raquel Miranda, Benedita Conceição dos Santos, Andreia dos Santos, Maria de Lurdes Soares, Jaciara Ferreira Barbosa e Tayná Brasília.

a permanecerem firmes, realizando rituais afro-religiosos durante os 12 (doze) meses do ano, mantendo assim vivo o legado ancestral.

Seguindo as diretrizes da Governança Espiritual, as Matriarcas da Pedra de Xangô estabeleceram a concessão de título de Guardiões e Guardiãs da Pedra de Xangô para representantes dos poderes públicos e da sociedade civil que tenham prestado serviços relevantes à cidade, à cultura, à população negra, ao Povo Terreiro, às comunidades tradicionais e a Pedra de Xangô.

Em 29 de junho de 2023, na Pedra de Xangô, 15 (quinze) homenageados[82] foram empossados durante a cerimônia de titulação como Guardiões e Guardiãs da Pedra de Xangô. A concessão desses títulos está em total consonância com o que estabelece a Constituição Federativa do Brasil e representa mais uma manifestação da sabedoria das divindades que, na encruzilhada da diáspora, continuam a construir pontes e expandir sua rede em busca de uma justiça libertária, fundamentada na ética pluriversal de Exu.

A fogueira da Pedra de Xangô (Figura 35 e Figura 36), é a expressão adicional de reverência às divindades do fogo que fortalece a conexão com o seu imponente *Otá* (pedra) e a estruturação em rede de terreiros em prol do patrimônio cultural afro-brasileiro. Assim, ao som dos atabaques e outros instrumentos musicais tocados pelos *alabês* (músicos), a ala dos cantores e cantoras lidera as canções, convidando Xangô para receber sua oferenda. O *amalá*, contido na gamela, é inserido na fogueira em chamas, sendo aceito pelo orixá. Nesse momento, os filhos e filhas de Xangô, *Nzazi*

[82] 1 - Tânia Scofield Almeida - Presidenta da Fundação Mário Leal Ferreira – Prefeitura Municipal de Salvador; 2 - Fernando Guerreiro - Presidente da Fundação Gregório de Mattos – Prefeitura Municipal de Salvador; 3 - Bruno Monteiro - Secretário de Cultura do estado da Bahia; 4 - Luiz Carlos Suíca - Vereador do Município de Salvador; 5 - Jose Raimundo Lima Chaves - Pai Pote - Presidente da Associação Beneficente Bembé do Mercado – Santo Amaro-Bahia; 6 - Rafael Sanzio Araújo dos Anjos - Prof. Titular & Pesquisador Sênior - CIGA\PPGGEA\UNB – Brasília; 7 - Sônia Mendes Reis Nascimento - Ìyá Egbè - Administradora e mestranda em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU-UFBA; 8 - Ìyá Márcia D'Ògún - Presidenta do Conselho Municipal de Cultura de Salvador; 9 - Edvaldo Matos - Coordenador do SIOBÁ - Irmandade Beneficente de Ojés, Ogans e Tatas; 10 - Leonel Monteiro - Presidente da AFA – Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-Ameríndia; 11 - Fábio Macedo Velame - Prof. Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU –UFBA; 12 - Nilza Nascimento Ferreira - Mãe Nilza D'Oxum - Professora, sacerdotisa, sucessora de Mãe Zil – Santo Antônio de Jesus – Bahia;13 - Evilásio Bouças – Taata Evilásio - Presidenta do Conselho Municipal das Comunidades Negras de Salvador; 14 - Ângela Guimarães – titular da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do estado da Bahia; 15 - Maria Alice Silva - mestra e doutora em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU-UFBA.

e *Sogbo*, entrando em transe, são acompanhados pelos participantes que batem *paôs* (palmas) e celebram com fogos de artifício a presença divina.

Figura 35 – Ritual da Fogueira da Pedra de Xangô.



Fonte: Projeto GeoAfro (2023).

Figura 36 – Ritual da Fogueira da Pedra de Xangô.



Fonte: GeoAfro (2023).

O ritual da Fogueira de Xangô realizado no Parque Pedra de Xangô estabelece ainda mais a conexão que já existe entre a Pedra de Xangô e as comunidades de terreiros e agora estreita laços com a sociedade civil e o poder público. Daí dizer que a Pedra

de Xangô é enredo, é rede, é travessia. Uma travessia que demarca território, que define lugares sagrados.

Orô

O Coletivo Matriarcas da Pedra de Xangô lidera o ritual do *Orô* (Figura 37), uma cerimônia semipública que exige uma certa privacidade para preservar o segredo do sagrado. Uma parte significativa dessa celebração ocorre em um espaço restrito, reservado exclusivamente aos organizadores e membros do coletivo. Ao ritmo dos atabaques e cânticos, as oferendas são preparadas ao ar livre, criando um autêntico banquete para as divindades compartilharem suas comidas votivas com os mortais. Na Pedra de Xangô, entre espaços verdes e comunidades de terreiros, a tradição é mantida como uma reverência à ancestralidade, conectando-se em uma rede de significados e práticas sagradas[83].

Figura 37 – Ritual do *Orô* da Pedra de Xangô.



Fonte: Mônica Silveira (2019).

Os representantes das comunidades terreiros são pilares fundamentais das experiências afro-brasileiras. Eles irradiam sinais e sensações por meio dos ritos

[83] Registro do ritual *Orô* no perfil do Instagram @pedra.de.xango.
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJT6ZUAJXTz/?igshid=MDJmNzVkMjY=

regulares que envolvem músicas, danças, comidas, mitos, lendas, histórias, símbolos, conhecimentos e visões de mundo e cosmos. Esses elementos são transmitidos oralmente, seguindo uma temporalidade espiralada, formando e nutrindo a tradição ao longo das gerações (Velame, 2022).

Num dos momentos mais poéticos do ritual do *Orô*, Mãe Cassuté, angoleira do terreiro *Katunlandê* de *Unzambe*, decidiu expressar-se através da dança. A cena transporta as almas para outra esfera, um lugar de ancestralidade e vigor. É sublime testemunhar a harmonia dos sons, o eco dos tambores e os movimentos dos corpos em reverência ao divino. Esse fenômeno é o axé, o pulsar do povo do terreiro, e a Pedra de Xangô é um testemunho vivo "da presença, permanência e resistência da cultura e religiosidade afro-brasileira na cidade de Salvador" (Silva, 2017; 2019, p.143).

Toré

O *toré*, uma dança ritual indígena, é uma tradição desafiadora de exemplificar devido à diversidade linguística e às inúmeras formas de manifestação entre as tribos autóctones e o mundo exterior (Grunewald, 2000). A origem tanto do termo quanto do ritual do *toré* não pode ser precisamente determinada, dada a ausência de narrativas coloniais sobre o tema. No entanto, sabe-se que o *toré* ganhou "visibilidade (e a relevância atual) a partir de um processo social que se inicia na primeira metade do século XX. Hoje, o *toré* está totalmente inserido no movimento indígena no Nordeste como forma de expressão política" (Grunewald, 2000, p.43).

Normalmente, o ritual do *toré* tem início com a formação de uma roda e a realização de uma prece, onde o pajé suplica a Tupã consentimento e proteção para iniciar os atos litúrgicos que fundamentam a atividade do ritual sagrado (Silva; Souza *et al.*, 2018). Para muitos, o *toré* é um ato espiritual-religioso de grande importância para os povos originários, representando o resgate da força coletiva e energia vital da ancestralidade para superar os desafios contemporâneos do povo indígena. Entoando a música "Eh! Tupinambá aqui, em qualquer lugar, na roda" (fig. 38), dançando em sentido anti-horário, o povo indígena, os povos de terreiro, ambientalistas e membros das comunidades de Cajazeiras e Adjacências realizaram, em 2021, o II Ato Salvador

é Indígena na Pedra de Xangô, com discursos de protesto, cânticos e preces (Figura 38).

Figura 38 – II Ato Salvador é indígena.



A6 SERVIÇO A TARDE

TERRA PL 490 permite flexibilização do contato com as comunidades isoladas e a exploração da terra

Indígenas protestam contra projeto que altera demarcação

JADE SANTANA*

Apesar do tempo chuvoso, ativistas pela causa indígena não deixaram de marcar presença no II Ato Salvador é Indígena, que ocorreu ontem na Pedra de Xangô, em Cajazeiras. A manifestação, que aconteceu pela manhã, foi em apoio à luta dos povos indígenas e à demarcação de suas terras, em defesa do meio ambiente e da democracia e contra o Projeto de Lei (PL) 490.

Apoiado pela bancada ruralista, o PL 490/2007 altera as regras de demarcação de terras indígenas, criando um marco temporal que considera como tal somente aquelas que já estavam na posse dos povos originários quando houve a promulgação da Constituição Federal de 1988, sendo exigida a sua comprovação. O projeto de lei permite a flexibilização do contato com comunidades indígenas isoladas e a exploração hídrica, energética, mineração, garimpo, expansão da malha viária nas terras atualmente em posse dos povos indígenas.

"O povo indígena tem direito a essas terras e nós somos os guardiões das matas, das florestas e da água, se a gente não está assentado, como é que vamos poder cuidar do que é nosso? Nós temos respeito à terra, mas o Projeto de Lei 490 foi criado para tirar o que é nosso, para tirar o que nos pertence. Se isso acontecer, vamos perder o nosso direito à vida, o direito à terra, o direito ao plantio e subsistência", defende Jumara Payayá, manifestante, destacando a atuação indígena na proteção ambiental dessas terras.

Destruição

O resultado direto da aprovação do PL 490 será a exploração e destruição das terras brasileiras, acreditam os ativistas. Se, mesmo com a garantia da proteção de terras indígenas, crimes contra a natureza acontecem com frequência; o desmatamento na Amazônia cresceu 70% na gestão Bolsonaro, por exemplo; a tendência do problema é piorar. Segundo Tata kwanki Mutá Imé, coordenador do ato, todos os brasileiros irão ser golpeados pelo PL. "Na manifestação, tinhamos presentes o povo de terreiro, povos indígenas de diversas aldeias, povos ribeirinhos e até espíritas, unidos contra o projeto de lei. O PL vai atingir toda a sociedade brasileira de forma irreversível", afirma o organizador do II Ato Salvador é Indígena.

O atual presidente, Jair Bolsonaro, também foi denunciado, no início do mês, pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) no Tribunal Penal Internacional de Haia (TPI). O coletivo alega que o chefe de estado cometeu crimes contra a humanidade e genocídio por ter incentivado invasão de terras indígenas por garimpeiros. O documento de cem páginas afirma que o governo Bolsonaro agiu para criar um Brasil sem indígenas. O material traz atos e crimes que formariam, segundo o coletivo, uma política "anti-indígena explícita, sistemática e intencional encabeçada por Bolsonaro".

"O governo atual nos trata como se nada fôssemos. Com o desmonte da Fundação Nacional do Índio (Funai), não temos mais proteção e representação. Então agora temos que lutar com a nossa força", relata Jumara Payayá.

SOB SUPERVISÃO DA JORNALISTA MIRCELLA FALCÃO

II Ato Salvador é Indígena, contra o Projeto de Lei 490, aconteceu ontem

Fonte: Jornal A Tarde (2021).

O ato nasceu do incômodo gerado pela forma de tratamento do governo federal dirigida aos povos originários. Trata-se de uma retomada ancestral em apoio à luta contra o PL 490[84] e o Marco Temporal, no dia do julgamento de repercussão geral[85], que decidirá o futuro dos territórios indígenas do povo Xokleng. Os povos indígenas possuem a posse de suas terras muito antes da chegada dos europeus em 1500.

[84] "O Projeto de Lei 490/2007, cujo relator é o deputado Arthur Oliveira Maia (DEM-BA), prevê a criação de um "marco temporal" que determina que as terras tradicionalmente indígenas são aquelas ocupadas ou usadas para atividades produtivas por essa população em 5 de outubro de 1988, data de promulgação da Constituição Federal. Além disso, essa ocupação precisará ser comprovada pela etnia, o que não ocorre neste momento. Caso a comunidade indígena não estivesse na área pretendida à demarcação em 5 de outubro de 1988 ela não terá direito à terra, com exceção de "conflito possessório" que deverá ser provado". Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/06/23/pl-490-brasilia-df-indigenas.htm

[85] Xokleng: quem é o povo de violências e contato forçado há 109 anos. A tese rejeitada pelo Supremo Tribunal Federal é um recurso que discute reintegração de posse movida contra o povo Xokleng em Santa Catarina [..] O Supremo Tribunal Federal rejeitou, por 9x2, a tese do marco do marco temporal na véspera do dia em que marca os 109 anos do contato forçado do povo Xokleng com servidores do antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) — anterior à Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). A decisão do STF foi vista como um presente para os autodenominados Laklãnõ e para outros povos indígenas. Isso porque o julgamento na Corte começou com o reconhecimento da existência de repercussão geral do Recurso Extraordinário 1.017.365, que discute uma reintegração de posse movida contra o povo Xokleng, em Santa Catarina. Os ministros entenderam que a data da promulgação da Constituição Federal não deve ser fixada como marco para a demarcação de terras indígenas. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/09/5127576-xokleng-quem-e-o-povo-alvo-de-violencias-e-contato-forcado-ha-109-anos.html.

Aprovar o PL 490 e o Marco Temporal significa rasgar a história, a Constituição Federal, é decretar a extinção dos povos originários e, por tabela, a extinção das comunidades tradicionais.

Pedra de Xangô é um território afro-pindorâmico, uma terra indígena que pulsa com ancestralidade e resistência. Nesse solo sagrado, em comunhão, o Povo de Axé convoca os Orixás, voduns, inquices, caboclos e encantados, junto ao povo baiano, para se unirem aos povos originários no Levante pela Terra. Num ato de conexão profunda, realizaram o Toré na Pedra de Xangô, tecendo seus saberes e fazeres ancestrais para fortalecer a causa, unindo-se em uma rede de solidariedade e luta pelo direito à terra e à vida.

Ossé

O *Ossé*, ato de purificação dos assentamentos divinos, é um ritual litúrgico que ocorre na Pedra de Xangô, onde as Matriarcas, guiadas por Mãe Dialá e Mãe Cassuté, costumavam realizá-lo mensalmente, mas agora optaram por fazê-lo em meses alternados. O início se dá com a remoção cuidadosa de utensílios e vestígios de oferendas deixados pelos devotos. Em seguida, a base do monumento é varrida, uma prática que antigamente incluía um jato de água, mas hoje se restringe ao banho de folhas.

Em reverente silêncio, os devotos dedicam-se à limpeza do *Otá*, a Pedra Sagrada. Ao término, oferecem milho branco à divindade, inclinam-se em sinal de respeito à terra ou à pedra (Figura 39), saudando Xangô, e pedem permissão para realizar o jogo do *orogbo*, uma prática sagrada para verificar a satisfação do orixá com o ritual.

No *Ossé* e em outros rituais afro-brasileiros realizados no Parque Pedra de Xangô, desvela-se um diálogo íntimo entre a Pedra Sagrada e a comunidade dos terreiros. Nessa interlocução entre o palpável e o invisível, os praticantes do candomblé e da umbanda são brindados com a oportunidade de adentrar um universo encantado, repleto de mistérios, segredos e encantamentos que é o candomblé. Esses rituais, carregados de um valor mediúnico inestimável, não apenas geram sabedoria, mas também influenciam a esfera da arquitetura, contribuem para a formulação de políticas públicas, erguem pontes e abrem canais de comunicação, conectando divindades,

pedras, pessoas, animais, matas e rios. Dessa maneira, eles revelam a robustez e a ressonância da ancestralidade que permeia as religiões de matriz afro-brasileira.

Figura 39 – Ritual do *Ossé* na Pedra de Xangô.



Fonte: Mônica Silveira (2019).

O Ritual de Umbanda

A Umbanda, uma das religiões afro-brasileiras que nasceu de uma complexa fusão de ritos candomblecistas, batuques, calundus e práticas espíritas e católicas. Quanto à sua origem, há divergências entre os estudiosos. Alguns atribuem sua fundação ao médium Zélio Fernandino de Moraes, em 15 de novembro de 1908, enquanto outros situam o surgimento da religião como um culto organizado nas décadas de 1920 e 1930. No entanto, muitos dos elementos sagrados da Umbanda já estavam presentes nos rituais religiosos populares do final do século XIX, antes mesmo de sua consolidação como uma religião reconhecida socialmente.

Na Cabula, o líder espiritual era chamado de "embanda", possivelmente influenciando o nome da religião que se formou através das práticas desses líderes ou se confundindo com elas. Na tradição da Macumba, o termo "Umbanda" designava o chefe espiritual do culto e uma das linhas mais proeminentes.

Os rituais na Pedra de Xangô frequentemente acolhem a participação de adeptos da Umbanda, especialmente durante as celebrações em homenagem aos caboclos, que

ocorrem tradicionalmente no mês de julho. Em 2019, foi realizado na Pedra de Xangô o Encontro das Nações do Candomblé com o Povo de Umbanda, uma iniciativa organizada pelo umbandista Geison Morais. Durante a visita, os umbandistas (Figura 40) trouxeram oferendas à casa de Xangô, honrando-o com a mesma deferência que se oferece a um rei em seu palácio, como um gesto de respeito e reverência.

Figura 40 – Umbandistas na Pedra de Xangô.



Fonte: Monica Silveira (2019).

Sob o olhar benevolente das entidades, que se comunicaram por meio de seus médiuns, os umbandistas foram recebidos com afeto na Pedra de Xangô. Ali, em comunhão com os membros do Parque em Rede (Figura 41), eles entoaram seus cânticos e bateram *paós* (palmas) em reverência às divindades. Cada voz ecoou os cantos sagrados de sua tradição, um tributo à majestade e à grandiosidade de Xangô. Foi um momento de conexão profunda com o sagrado, onde a presença da ancestralidade se fez sentir de maneira indescritível, permeando o espaço com uma energia palpável e poderosa.

Eles foram acolhidos pelas entidades, que se manifestaram através de seus médiuns para apreciar a beleza do momento e sentir uma indescritível força da ancestralidade. Junto com os integrantes do Parque em Rede. Os umbandistas bateram *paós*, reverenciaram as divindades, e cada um entoou cantos de sua nação para Xangô.

Figura 41 – Ritual dos Umbandistas na Pedra de Xangô.



Fonte: Monica Silveira (2019).

O Encontro Nacional da Umbanda do Brasil: a arte de curar, celebrado em Salvador de 1 a 3 de setembro de 2023, representou uma união poderosa de diversas comunidades de terreiros em torno da Pedra de Xangô. Este evento histórico reuniu membros de dois países, dez estados, cinco federações e quarenta e oito terreiros, fortalecendo os laços entre os praticantes da Umbanda em todo o país.

Sob a liderança de Mãe Diana de Oxum, presidente da Associação *Egbé Axé*[86], o encontro foi muito além de uma simples celebração de aniversário. Ele buscou reconectar os umbandistas, oferecendo um ambiente de calor humano, amor e fraternidade. Além disso, teve como objetivo valorizar a comunidade umbandista, promover a diversidade religiosa e abrir caminho para que o vasto patrimônio material e imaterial dos terreiros seja acessível a todos.

O encerramento do encontro nacional do povo de Umbanda aconteceu no sagrado espaço do Parque Pedra de Xangô (fig.42). Ali, umbandistas de todo o Brasil se reuniram, celebrando não apenas a religião, mas também a democracia e a riqueza

[86] Associação Egbé Axé – “Entidade privada destina as ações sociais e ações voltadas para valorização e preservação da cultura e religião de matriz africana”.

Disponível em: <https://instagram.com/egbeaxe.bahia?igshid=MW9scHNqcGt3c25yMg== Acesso: 11 nov.2023.

da pluralidade religiosa. Foi uma verdadeira festa da união, da paz e da espiritualidade, consolidando ainda mais o papel da Pedra de Xangô como um ponto de convergência e harmonia entre diferentes tradições religiosas.

Figura 42 – Encerramento do Encontro Nacional da Umbanda do Brasil.



Fonte: Pimentel (2023).

As celebrações religiosas na Pedra de Xangô são verdadeiras expressões da riqueza e diversidade cultural do Brasil, refletindo a convivência harmoniosa entre diferentes tradições espirituais. Nesses eventos, as diversas práticas e manifestações religiosas se entrelaçam, destacando a importância do respeito mútuo e da coexistência pacífica.

Ingorossy dos Caboclos

Conforme aponta Velame (2022), o candomblé emerge como um porto seguro para a jornada da vida, acolhendo a todos, desde os mais desfavorecidos até os que enfrentam os momentos mais desafiadores. Esta religião ancestral não faz distinção de origens ou condições sociais, abraçando tanto o negro escravizado quanto o africano, o crioulo, o indígena, o cigano e até mesmo o branco pobre.

O Candomblé, ao orientar os indivíduos em sua jornada existencial, oferece-lhes suporte para enfrentar as tempestades da vida e também desfrutar dos períodos de bonança. Ao mitigar e prevenir adversidades e infortúnios, seja de natureza econômica, relacionada a problemas de saúde, habitacionais ou outros desafios, esta prática religiosa proporciona uma perspectiva única (Velame, 2022)

Na visão do candomblé, a felicidade não é um destino a ser alcançado, mas sim uma experiência a ser vivida plenamente no presente. Assim, a felicidade é concebida como uma qualidade intrínseca à existência, disponível a cada momento para ser experimentada e celebrada com intensidade (Velame, 2022).

Em um vibrante *xirê* de sustentação da vida, reúnem-se todas as entidades que guiam os mortais em sua jornada, seja nos turbulentos períodos de tempestade ou nos serenos momentos de calmaria. Entre elas, destacam-se os veneráveis orixás dos iorubás/ketu, os sagrados voduns dos daomenanos/*jeje*s e os poderosos inquices dos bantus/angola. Junto a eles, os caboclos "donos da terra", como os *Kiriris*, *Kariris* e Tupinambás, e uma variedade de entidades, como os Marujos, Boiadeiros e Preto-Velhos, convergem em uma sinfonia espiritual de apoio e proteção aos viventes, conforme delineado por Velame (2022).

Enquanto os orixás, voduns e inquices personificam o corpo espiritual da África, os Caboclos representam a alma indígena do Brasil. Os primeiros zelam pela emergência espiritual dos indivíduos, enquanto os caboclos, presentes nas nações angola, *keto* e *nagô* (*nagô-vodum, nagô-ketu, nagô-ijexá*), desempenham um papel crucial na esfera material, estando mais próximos dos anseios e necessidades terrenas dos mortais, como explica Velame (2022). Dotados de habilidades curativas notáveis, esses ancestrais indígenas detêm um vasto conhecimento das ervas medicinais locais e dos mistérios ocultos das matas, como apontado por Silva (2005).

Os caboclos são mais humanizados, estando mais próximos das paixões e necessidades humanas. Concentram-se na resolução de problemas imediatos e cotidianos, comunicando-se diretamente com as pessoas. Oferecem conselhos, recomendações para solucionar problemas, indicam práticas rituais como *ebós*, tratamentos com ervas e banhos de folhas (Velame, 2022).

Além de encarnarem os espíritos indígenas que regressam à terra como entidades encantadas, os caboclos também representam a rica mescla de culturas resultante do encontro entre brancos e indígenas. Em suas manifestações, esses veneráveis seres espirituais podem assumir características distintas, refletindo a diversidade e a complexidade do povo mestiço. Conforme observado por Silva (2005), alguns caboclos personificam os antigos homens do sertão, com traços rústicos e hábitos campestres, como caipiras e roceiros.

Ao desembarcarem neste plano terreno, os caboclos adotam vestimentas típicas, como cocares ornamentados com penas, realizam danças cerimoniais empunhando arcos e flechas, apreciam charutos e vinho, ou utilizam chapéus de couro enquanto executam passos de dança com laços, emulando os gestos utilizados na lida com o gado (Silva, 2005). Essas representações simbólicas evidenciam a profunda conexão dessas entidades com a terra, a natureza e os modos de vida ancestrais, enriquecendo o imaginário espiritual e cultural do povo brasileiro.

Na Pedra de Xangô, onde a natureza é reverenciada como uma divindade (Figura 43), os caboclos encontram seu lar espiritual. Todos os anos, celebra-se o *Ingorossy* dos Caboclos, um evento de grande importância conduzido pela sacerdotisa Mãe Rita de Nanã, responsável pelo ritual. Durante essa cerimônia, ela convoca o Povo de Terreiro a fazer suas preces e solicitações aos caboclos de penas e boiadeiros, buscando proteção e bençãos para os espaços sagrados que compõem a Pedra de Xangô. Nesse momento de comunhão e reverência, os participantes expressam sua devoção e confiança na guiança e proteção desses nobres espíritos, que guardam uma profunda ligação com a terra e suas tradições ancestrais.

No *Ingorossy*, a cerimônia se enriquece com a participação ativa de cada devoto, que traz consigo um presente especial (Figura 44), selecionado com base em sua devoção e preferência, destinado aos veneráveis caboclos. Este ritual é mais do que uma simples oferta; é um ato de profunda conexão e reverência, onde os participantes se unem em um gesto simbólico de compartilhamento e comunhão. É um momento de celebração da vida em harmonia com os espíritos da Terra, reconhecendo sua importância e influência em nossas vidas e na manutenção do equilíbrio espiritual e material.

Figura 43 – *Ingorossy* dos Caboclos.



Fonte: Mônica Silveira (2021).

Figura 44 – Mãe Rita de Nanã.



Fonte: Matriarcas (2022).

Azonsi Pedro Victor (2022) expressa com fervor a essência e a importância dos caboclos na espiritualidade brasileira. Ele retrata não apenas como espíritos da floresta e da natureza, mas como ancestrais, detentores de sabedoria ancestral e virtudes multifacetadas. Na visão de Victor (2022), os caboclos desempenham papéis

diversos, desde educadores e curadores até mediadores de paz e protetores. São seres que personificam a essência e a luz dos matagais, representando a conexão íntima entre o homem e a terra, entre o espiritual e o material.

Caruru dos Ibejis e/ou de São Cosme Damião

A tradição do Caruru dos *Ibejis* e/ou de São Cosme e Damião, celebrada em 27 de setembro na cidade de Salvador, é um momento de reverência tanto às divindades afro-brasileiras quanto aos santos católicos. Os *Ibejis*, divindades infantojuvenis e protetores das crianças, têm sua origem envolta em mistérios, com diferentes relatos sobre sua paternidade. Alguns os atribuem à união de Xangô com *Oiá*/Iansã, enquanto outros os associam à união de Ogum e Iansã (Sodré, 2011).

Por sua vez, São Cosme e São Damião, mártires católicos e gêmeos, são padroeiros dos médicos e enfermeiros, compartilhando semelhanças simbólicas com os *Ibejis*. Nesse paralelismo religioso, a celebração conjunta do Caruru dos *Ibejis* e de São Cosme e Damião ganha significado especial, unindo tradições e crenças em um ato de respeito e devoção.

Com a inauguração do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô, as Matriarcas decidiram incluir o Caruru dos *Ibejis* e de São Cosme e Damião no calendário litúrgico da rede, do Caminho do Axé O evento (Figura 45), fortalece os laços comunitários (Figura 46) e reafirma o compromisso com a diversidade religiosa e cultural presente no parque e em suas redondezas.

O terreiro, em sua expressão contemporânea, é um testemunho vivo da riqueza e complexidade das práticas religiosas brasileiras. Nele, podemos observar um enlace arquitetônico que reflete a heterogeneidade multitemporal das crenças e rituais que ali se combinam. Ao contrário de fusões sincréticas, o que se destaca é uma diversidade de práticas religiosas distintas, cada uma com sua própria identidade e significado.

Figura 45 – Caruru dos *Ibejis*.



Fonte: Mônica Silveira (2022).

Figura 46 – Oferta do Caruru dos *Ibejis* à comunidade.



Fonte: Mônica Silveira (2022).

No Caminho do Axé, localizado no Parque Pedra de Xangô, esse enlace arquitetônico é evidente. Adeptos do candomblé e fiéis católicos compartilham o espaço para prestar homenagens a divindades como Xangô, São Pedro, os *Ibejis* e São Cosme Damião. Essas celebrações ocorrem sem conflitos, sem sincretismo forçado, mas sim com uma compreensão profunda da importância e singularidade de cada divindade.

Mãe Alda Fernandes, também conhecida como Mãe Alda de Ogum, do Ilê Axé *Ogô* Ogum, é responsável pelo caruru dos *Ibejis*, uma demonstração clara da integração harmoniosa das diferentes práticas religiosas no terreiro.

Essa convivência respeitosa e inclusiva realça a habilidade do Povo de Terreiro em criar um ambiente onde todas as tradições são valorizadas e celebradas. Essa coexistência pacífica não apenas enriquece a vida espiritual e cultural do terreiro, mas também contribui para a construção de uma comunidade diversificada e solidária, onde as diferenças são reconhecidas como fontes de aprendizado e enriquecimento mútuo.

O Acará de Oyá na Pedra de Xangô

Oyá, também reconhecida como Iansã, a poderosa Deusa dos ventos e das tempestades, do Rio Níger é uma figura emblemática que compartilha com Xangô a força do fogo e dos trovões, simbolizando o machado da justiça. Sua essência é marcada pela busca incessante pela equidade, manifestando-se ora com a leveza de uma borboleta, ora com a força avassaladora de mil búfalos. Ela personifica a dualidade entre a suavidade e a intensidade, capaz de transformar-se de uma brisa suave em um vendaval poderoso, capaz de purificar e renovar os ares (Vaz e Ramos, 2021).

Uma lenda ancestral nos conta que *Oyá*, desejando a liberdade e a onipresença do vento, fez um pedido a *Olodumaré*. Ela almejava ser como o vento, capaz de percorrer todos os lugares, trilhar todos os caminhos e estar presente em cada pessoa. Seu desejo era dançar e brincar com o vento como uma criança. Em resposta, *Olodumaré* criou as brisas e os ventos leves, sutis como um sussurro, perceptíveis apenas ao fechar os olhos ou quando o coração está apaixonado (Sousa Júnior, 2022).

Entretanto, *Olodumaré* concedeu a *Oyá* uma condição: para transformar-se em brisa, ela deveria ser leve, e seus dias na Terra seriam limitados. Aceitando esse destino com serenidade, *Oyá* deu origem à borboleta (Figura 47), símbolo de transformação e renascimento incessante. Assim, ela percorre todos os espaços como *Iya mesan orum*, a mãe dos nove céus, ou simplesmente Iansã, a borboleta que dança na brisa. Seu bailado é uma homenagem aos reis e rainhas, enquanto ela ensina a *Oxoguiã* a caminhar pela terra sem tocar o chão (Sousa Júnior, 2022).

Figura 47 – A fauna e a flora no Parque Pedra de Xangô.



Fonte: Mônica Silveira (2019).

Oyá personifica a coragem e a resiliência das mulheres negras brasileiras, cujas histórias ecoam como lendas de determinação e bravura. Como verdadeiras pioneiras do empreendedorismo, elas desbravaram caminhos cruciais como vendedoras de quitutes, acarajé e ganhadeiras, percorrendo vielas e feiras para alimentar não apenas o corpo, mas também o espírito de sua comunidade. Enquanto carregavam cestas de quitandas e potes de dendê, conspiravam em silêncio pela liberdade que lhes era negada (Vaz e Ramos, 2021).

Essa luta ancestral era fundamentada no princípio da coletividade, um legado que ainda ecoa nos corações e mentes daqueles que reconhecem sua herança. Essas mulheres, em suas jornadas diárias, não buscavam apenas a libertação e melhores condições de vida para si e seus entes queridos, mas também para toda a comunidade que as cercavam (Vaz e Ramos, 2021). Seus passos ressoavam com o ritmo pulsante da resistência, tecendo laços de solidariedade e apoio mútuo em meio à adversidade.

Assim como *Oyá*, que alterna entre a leveza da borboleta e a força do vendaval, essas mulheres transitavam entre os papéis de provedoras, curadoras e guardiãs de sua cultura e tradições. Seu legado é uma inspiração contínua para as gerações futuras, um testemunho de que a determinação e a solidariedade podem mover montanhas e transformar destinos.

Oyá, a deusa que encontra morada no Parque Pedra de Xangô, compartilha o espaço majestoso de um exuberante bambuzal com o orixá Xangô. Em dezembro, sob o olhar atento das guardiãs da Pedra de Xangô, conhecidas como as Matriarcas, e dos devotos do Candomblé e Umbanda, reverenciam tanto o Rei da Justiça quanto sua intrépida escudeira durante o ritual do Acará de *Oyá*. A coordenação deste evento anual é realizada por Mãe Rita de Cássia Moreira dos Santos, conhecida como Mãe Rita de Ogum (Figura 48), do *Ilê Axé Fará Megê*, situado na Rua E, Caminho 4, Setor 2, Cajazeiras X, em Salvador, Bahia.

Figura 48 – Mãe Rita de Ogum.



Fonte: Acervo de Mãe Rita de Ogum (2022).

No espiralar do axé, o Candomblé e a Umbanda se erguem como verdadeiras artes de recriar e reconstituir os costumes africanos em terras distantes, conforme observado por Cunha Júnior (2019). No Parque Pedra de Xangô, essa realidade é vivenciada por meio de uma rica rede de rituais, que abrangem desde cerimônias privadas até celebrações públicas.

Desde a caminhada, o *ossé*, o *xirê*, o *orô* e a fogueira de Xangô, até a bênção matrimonial, o *amalá* e os rituais da umbanda, como o *ingorossy* dos caboclos e encantados, o *toré* e o festival do *Sokpé*. Cada um desses rituais afro-religiosos

representa uma expressão única de arte, estética e arquitetura fluída. Todos eles se unem para fortalecer a resistência e a preservação da cultura africana na diáspora, demonstrando a vitalidade e a resiliência do legado africano em solo brasileiro.

V.3 A circularidade nos rituais afro-brasileiros

Antônio Bispo (2015), um respeitado escritor e membro da comunidade quilombola, destaca que a percepção de mundo das comunidades se manifesta de maneira vívida através de sua religiosidade, influenciando profundamente na construção de suas distintas formas de viver, perceber e experimentar a vida. Enquanto o povo cristão, com sua fé em um Deus onipotente e transcendente, tende a se organizar de forma exclusivista e hierárquica, as comunidades das florestas, enraizadas em tradições ancestrais e seguidoras de religiões de matriz africana e afro-brasileiras, adotam uma abordagem notavelmente diferente.

Nas expressões culturais desses povos, a organização é circular (Figura 49), seja nos rituais realizados ao ar livre ou nos espaços sagrados como o barracão, o salão de festas religiosas. Esses eventos são conduzidos pela liderança religiosa, que guia os participantes através dos rituais. Durante essas cerimônias, as divindades se manifestam, compartilhando sua sabedoria ancestral, axé, a energia vital que permeia o universo, de acordo com a divindade que governa o Ori, a cabeça, do iniciado (Bispo, 2015). Essa abordagem reflete uma compreensão holística do mundo, onde todas as coisas estão interligadas e todas as formas de vida são vistas como parte de um todo maior.

No culto às divindades que se manifestam através das entidades espirituais, os seguidores das religiões de matriz africana e afro-brasileira conseguem discernir a presença de seus deuses em todos os elementos ao seu redor: na terra, na floresta, na água, no vento e no mar (Bispo, 2015). Nessa perspectiva, a circularidade exerce um papel central, refletindo-se em práticas como o samba, o reggae, a capoeira e a gira no terreiro, todas permeadas pela ideia de movimento e interconexão. Essa abordagem circular incorpora valores de igualdade e respeito mútuo na cosmopercepção desses povos, reconhecendo a interdependência de todos os seres e a harmonia intrínseca da existência.

Figura 49 – Xirê no Parque Pedra de Xangô.



Fonte: @manjar_cozinhaancestral (2023).

Apesar da tentativa do sistema dominante de impor a cultura da escrita e do livro como a única forma legítima e universal de linguagem, a produção, inscrição e disseminação do conhecimento nas culturas dos povos das florestas, membros de comunidades tradicionais e adeptos das religiões de matriz africana e afro-brasileira ocorreram, preferencialmente, por meio de performances corporais (Martins, 2021).

Essas expressões ocorriam na roda, onde ritos, cantos, danças, cerimônias, sinestesia e cinética se entrelaçavam. Uma ampla gama de saberes e práticas era transmitida através do corpo em movimento e de sua vocalidade, abrangendo desde os gestos mais simples até as demonstrações práticas, hábitos cotidianos, e as técnicas mais sofisticadas. Este método englobava processos cognitivos, pensamentos abstratos e complexos, incluindo a cosmopercepção ou filosofia (Martins, 2021).

Dessa forma, registrar o conhecimento era, de fato, equivalente a uma experiência corporificada, a um saber que se manifestava no corpo em performance, encontrando nele seu espaço e meio de inscrição, contribuindo para a produção de conhecimento (Martins, 2021).Nesse ambiente de memórias do passado, o Parque Pedra de Xangô recria e transmite as expressões orais e corporais, práticas, modelos e técnicas de

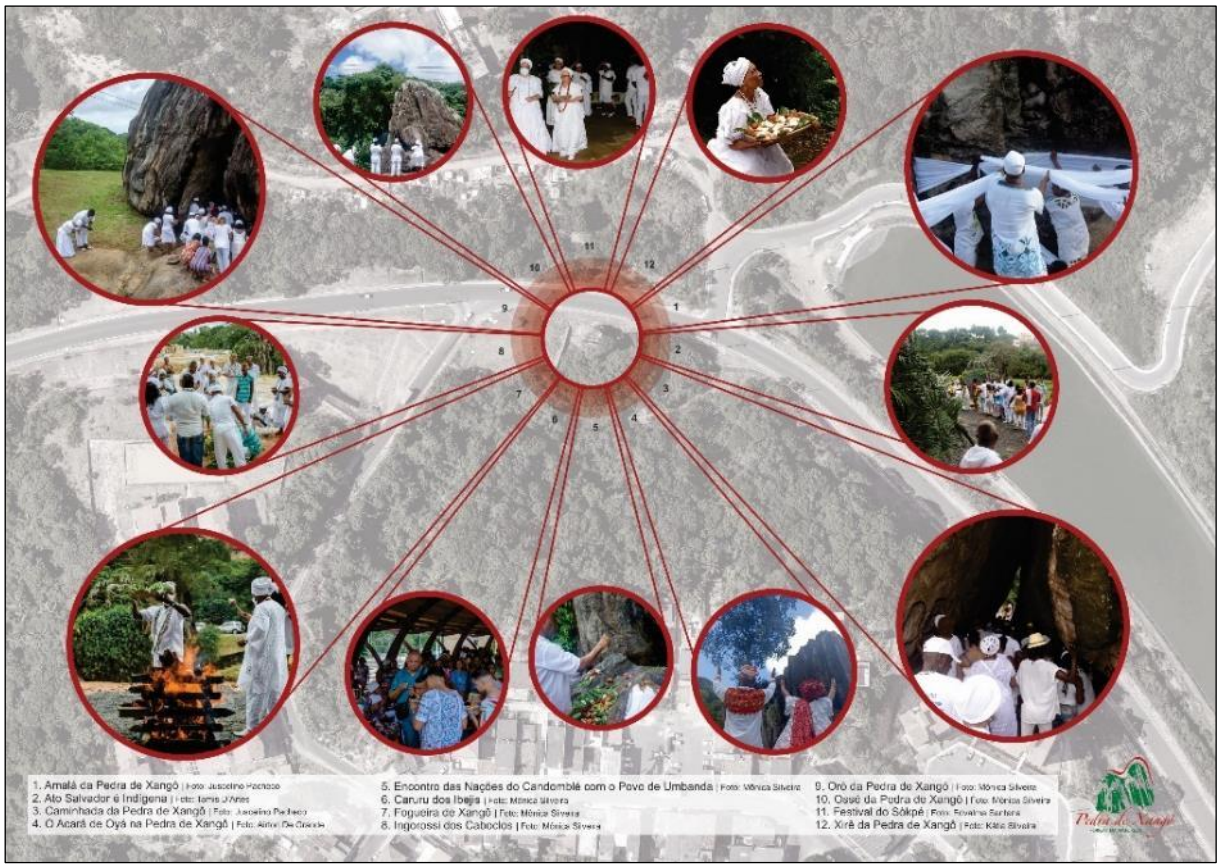
criação e disseminação de saberes e fazeres, contribuindo para a construção de identidades e a preservação do conhecimento.

Na encruzilhada de Exu, todas as culturas do mundo se entrelaçam em um diálogo transcultural, que não nega nem exalta as diferenças, mas as reconhece como fundamentais para a construção de uma justiça plena e verdadeiramente enraizada na diversidade. É desse ponto de convergência que se estabelecem conexões, em um encontro dialógico rico e criativo, entre as cosmopercepções africanas, afro-diaspóricas, indígenas, afro-indígenas e outras, todas direcionadas para a construção de uma sociedade justa. (Vaz e Ramos, 2021)

As cerimônias ritualísticas no Parque em Rede Pedra de Xangô, incluindo a Caminhada da Pedra de Xangô, o *Amalá* de Xangô, o *Ossé*, o Xirê, o *Orô*, a Fogueira de Xangô, os Rituais da Umbanda, o *Ingorrossy* dos Caboclos e Encantados, o Toré, o Festival do *Sokpé*, o Caruru dos *Ibejis*, o Acará de *Oyá*, (Mapa 9, Apêndice A), são encontros de saberes, expressões, práticas e rituais que reinventam tradições, cultivam conhecimentos, manifestam artes, estéticas que moldam arquiteturas flexíveis, contemporâneas, como aquela do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

O encantamento e a lógica da macumba (Rufino, 2018), combinadas com a ética experimentada e vivenciada nos terreiros, especialmente na Pedra de Xangô e a valorização de ecos e contra-narrativas ocidentais (Silva, *et al.*, 2022), penetrou, nas estruturas do poder estabelecido, construindo novas bases conceituais nos campos do direito, da arquitetura e em outras áreas do conhecimento, com foco na pluriversalidade. *Axé! Ka wò ka biyè sile*, Xangô!

Mapa 9 – Infomapa dos rituais afro-religiosos no Parque Pedra de Xangô.



Fonte: Autoria própria e Luís Guilherme Pires (2022).



Canto de *Oyá*

Sou feita de vento, de fogo, de aço
Não me perturbo, mau tempo do tempo renasço
Entre matas, estradas e bambuzais
Eu passeio onde ninguém vai

Minha mãe me ensinou
A ser brisa quando puder
E também me deu
A valentia, de mil búfalos em uma mulher
Me faço no tempo
Na sombra do espaço
Meu caminho não é lento
Sou impulso
Sou rastro [..]

Oyá borboleta
Iansã minha rainha
Oyá borboleta
Sua força também é minha [..]

(Rosa Amarela)

[87] [..] Inventário da flora e fauna do Parque em Rede Pedra de Xangô. Sociedade civil, academia e poder público juntos na implantação do primeiro Parque a ostentar o nome de uma divindade afro-brasileira. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBVyNPUFjAu/?igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em 18 mar 2023.

CAPÍTULO VI. OYÁ – BORBOLETA SUA FORÇA TAMBÉM É MINHA

Oyá está associada a todas as situações do cotidiano. Ela é uma divindade que está presente em todos os aspectos da vida. Incorporando a própria liberdade, *Oyá* é o símbolo de Justiça e colabora para que esta prevaleça. Sempre ao lado de Xangô, *Oyá* representa força, realização, poder e axé.

Oyá é a sutileza da borboleta que se disfarça na casa grande e, ainda, é a força do búfalo perante às injustiças. *Oyá* é a autêntica personificação mítica das mulheres negras que através de estratégias flexíveis e fortes burlavam o sistema opressor da escravidão (Ramos; Vaz, 2020). A borboleta é *Oyá* que se transmuta, sai do casulo, atingindo seu ápice quando adulta. Arquétipo da mulher guerreira, no contexto da cosmopercepção afro-diaspórica de justiça nos orixás, a divindade *Oyá* representa uma significativa quebra de paradigma, uma disrupção com a inflexibilidade dos papéis sociais definidos para homens e mulheres. Isso acontece porque ela assume as qualidades dos seus companheiros (Vaz; Ramos, 2021).

> "[..] Com Ogum, casou-se e teve nove filhos, adquirindo o direito de usar a espada em sua defesa e dos demais. Com *Oxaguiã*, adquiriu o direito de usar o escudo, para proteger-se dos inimigos. Com Exu, adquiriu os direitos de usar o poder do fogo e da magia [..]. Com Oxóssi, adquiriu o saber da caça, para suprir-se de carne e a seus filhos. [..] Com Xangô adquiriu o poder do encantamento, o posto da justiça e o domínio dos raios" (Vaz; Ramos, 2021, p.276).

O presente capítulo aborda o projeto arquitetônico e urbanístico do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô, desde sua concepção até a sua implementação e os resultados alcançados. Além disso, avalia as percepções e opiniões dos envolvidos direta e indiretamente no projeto, bem como destaca o papel da Governança Espiritual e das comunidades de terreiros durante o processo de construção.

No Terreiro *Vodun Kwe Tò Zó*, Casa de *Oyá*, foi que uma das arquitetas responsáveis pelo projeto arquitetônico e urbanístico recebeu a inspiração sobre como conceber o equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. Essa conexão espiritual demonstra a influência e a importância de *Oyá* na concepção e realização desse espaço sagrado.

A temática do Parque Pedra de Xangô está centrada nas religiões de matriz africana e afro-brasileira, portanto, a construção de seu equipamento de apoio precisava compreender e atender às especificidades de uma casa de Candomblé, conhecida como comunidade terreiro, que possui dinâmicas e necessidades próprias. Essa compreensão é fundamental para garantir que o espaço seja adequado e propício para as práticas ritualísticas e culturais realizadas pela comunidade religiosa, respeitando sua tradição e identidade.

Reverenciada pelo Povo de Axé como o centro do mundo, uma casa de Candomblé é uma construção arquitetônica e sagrada destinada às divindades africanas e afro-brasileiras. Trata-se de um conjunto que canaliza as energias naturais, estabelecendo a conexão física entre essas energias e os seres humanos (Mauricio, 2009).

Uma casa de candomblé verdadeiramente se revitaliza quando seu sacerdote ou sacerdotisa, os filhos do terreiro, os amigos e os simpatizantes mergulham no seu imaginário sagrado, conferindo propósito a cada objeto e a cada espaço da edificação, permitindo assim que o axé do lugar floresça ou seja renovado. Sem essa conexão vital, a casa religiosa se torna apenas mais um edifício frio e sem vida construído pelo homem (Mauricio, 2009).

Na construção de uma comunidade de terreiro, é imperativo respeitar as normas do poder do Axé, a energia vital que permeia todos os seres humanos e demais elementos da natureza. A equipe encarregada de construir o equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô teve que compreender essa singularidade, conhecida como Governança Espiritual. Nas próximas linhas, apresentarei como esse entendimento se desdobrou.

VI.1 Rastreando os percursos da equipe do projeto arquitetônico do Parque Pedra de Xangô

O processo de instalação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô tem início com a publicação no Diário Oficial do Município do Termo de Referência (TR) [88] Este instrumento delineou os seguintes objetivos para as intervenções:

> I – projetar espaços e equipamentos de modo a valorizar o território, levando em consideração suas peculiaridades culturais e religiosas; II – dotar a área de espaços públicos de lazer para atender a comunidade residente nos bairros do entorno do vale da Avenida Assis Valente; III – implantar edificação para comportar a sede do parque e espaços para a realização de atividades educacionais alinhadas com interesse da comunidade local; IV – implantar estruturas de apoio à visitação e à realização de cultos das religiões de matriz africana; estabelecer sistema de proteção nas áreas limítrofes, através de elementos físicos, para conter o avanço das ocupações para dentro da poligonal do Parque. (Diário Oficial do Município)

A empresa vencedora da licitação foi a Floriano Freaza Amoedo Arquitetura e Urbanismo Ltda (FFA). Em 2018, a empresa estabeleceu um contrato com a Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF), autarquia da Prefeitura Municipal de Salvador (PMS), com a participação da Secretaria Cidade Sustentável e Inovação (SECIS).

Segundo o arquiteto e urbanista Floriano Freaza Amoedo (2022) [89], a Governança Espiritual Afro-brasileira representou o conceito fundamental por trás do projeto. Uma condição facilitadora foi que alguns profissionais-chave da equipe eram iniciados e praticantes das religiões de matriz africana e afro-brasileiras. Os sociólogos José Maurício Bittencourt e Roque Peixoto ficaram encarregados de estabelecer uma comunicação com algumas lideranças religiosas que mantinham certa desconfiança em relação ao desenvolvimento do projeto e ao poder público. Eles trabalharam para esclarecer o contexto e os objetivos.

Com uma equipe, parcialmente, composta por profissionais de ascendência africana, engajada intelectualmente com letramento racial crítico e sensibilidade, a FFA

[88] O Termo de referência (TR) é o documento necessário para a contratação de bens e serviços, que deve conter parâmetros e elementos descritivos na Lei de Licitação 14331/2021. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14133.htm.

[89] Floriana Freaza Amoedo, sócio proprietário da Floriana Freaza Amoedo Arquitetura e Urbanismo Ltda (FFA) FFA. Entrevista concedida a pesquisadora Maria Alice Silva em 2022.

possibilitou o acesso a elementos conceituais diversos. A empresa empenhou-se em atender a uma demanda mais diversificada e inclusiva, conforme mencionado no termo de referência e solicitado pelas comunidades de terreiros.

Na prefeitura, uma arquiteta negra no comando da gerência da gestão, assegurou que as demandas dos adeptos religiões de matriz africana e afrobrasileira fossem atendidas e respeitadas. O Povo de Terreiro contou com a participação ativa e voluntária dos líderes religiosos Agbagigan Everaldo Duarte (j*eje*), Tata Mutá Imê (angola) e Iyá Sônia Mendes (*keto*), que fazem parte do Grupo de Trabalho Externo do Parque Pedra de Xangô.

Para assegurar a diversidade religiosa e a participação abrangente da sociedade, o pastor Djalma Torres, representando o segmento evangélico, fez parte do grupo de trabalho. Além disso, a autora desta tese, representando o grupo de pesquisa EtniCidades da FAUFBA, também integrou o conjunto de colaboradores.

VI.2 Saberes ancestrais Ori (entando) a construção do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô

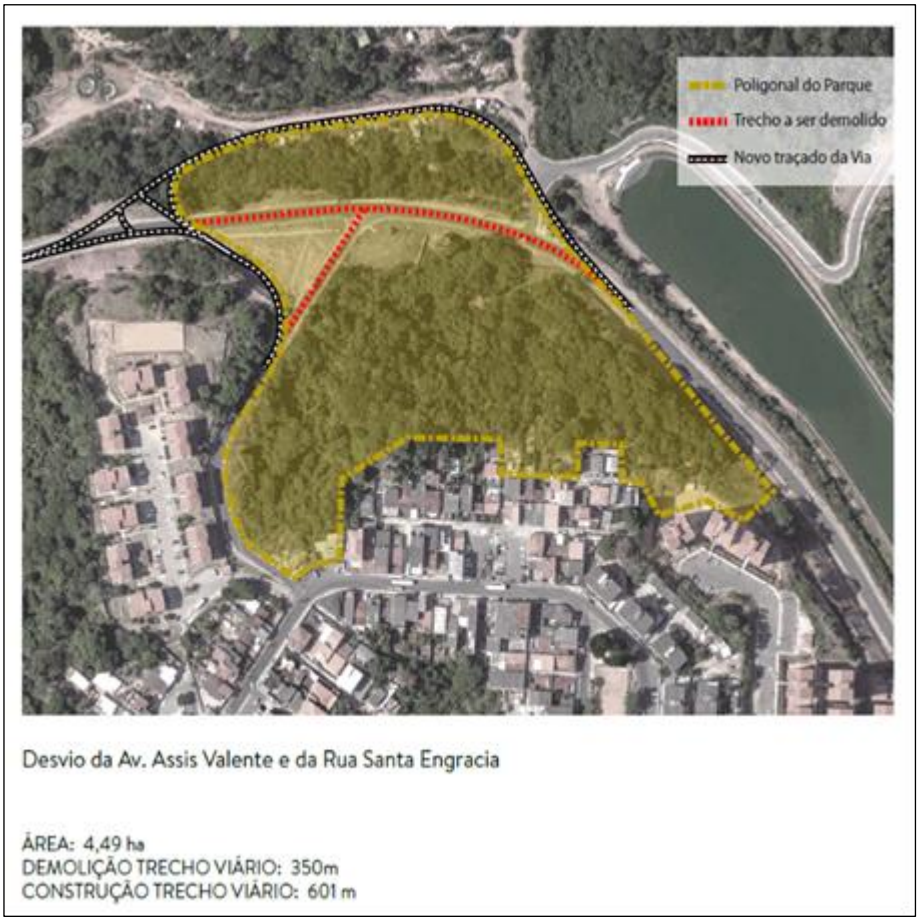
A Governança Espiritual sempre exerceu um papel fundamental em todo o processo construtivo. A primeira controvérsia surge com o Termo de Referência (TR), documento deflagrador da licitação, pois o referido documento não citou à necessidade do desvio da pista, uma antiga demanda das comunidades de terreiros e uma recomendação do relator do tombamento municipal da Pedra de Xangô, conforme transcrito a seguir:

> Recomendo a este Conselho a aprovação do Tombamento Municipal da Pedra de Xangô e Área Considerada Sítio Histórico do Antigo Quilombo do Urubu, ressalvando: i) a necessidade de adequação do traçado da Poligonal de Tombamento e da Poligonal de Entorno, aos aspectos morfológicos do sítio, sobretudo as sub-bacias e as linhas de drenagem natural; ii) o estabelecimento de uma poligonal de entorno imediato ao monumento lítico Pedra de Xangô e iii) a compatibilização do traçado da APA com a poligonal da área tombada, isto é, do monumento Pedra de Xangô e de seu entorno. Recomendo, ainda, que: i) sejam desobstruídos os córregos e veios d'água ou mesmo que se proceda à revitalização de cursos d'água eliminados com a construção da Avenida Assis Valente, de modo a voltar a correr água, na pedra sagrada; ii) a alteração do traçado da via Assis Valente de modo a afastá-la, convenientemente, do Monumento, garantindo sua integridade e dos fiéis e visitantes; iii) por fim a imperiosa necessidade da desativação das lagoas de estabilização, solução provisória encontrada pela EMBASA, para

> esgotamento sanitário dos conjuntos habitacionais construídos na região (Souza, 2016).

O intenso tráfego de veículos na avenida representava uma ameaça ao patrimônio cultural, interferindo na paisagem visual, nas práticas religiosas e na apreciação do espaço litúrgico. Para atender a essa diretriz, foi necessário ampliar a poligonal de intervenção (Figura 50), o que acarretou um aumento no orçamento inicial das obras, incluindo a necessidade de indenizar as ocupações informais já consolidadas no entorno imediato do bem protegido.

Figura 50 – Esquema do desvio da pista.



Fonte: PMS/FMLF/FFA (2018).

Segundo Amoedo (2022), a equipe do projeto realizou um trabalho mais intenso, e houve um aumento significativo nos investimentos da Prefeitura devido à ampliação da dimensão da construção e das intervenções planejadas. Isso envolveu, em especial, a mudança da rota da Avenida Assis Valente e a conexão com a Ladeira da Pedra - rua Santa Engrácia.

Conforme Carvalho[90] (2023), os relatórios do Grupo de Trabalho evidenciaram uma colaboração abrangente que envolveu não apenas toda a equipe técnica, mas também as comunidades de terreiros, a burocracia política, outras secretarias da Prefeitura Municipal de Salvador e até mesmo a academia. Após diálogos com a comunidade, foram elaborados três projetos com o objetivo de apoiar e facilitar a comunicação entre as diferentes possibilidades: a proposta do Termo de Referência, uma intermediária e outra que atendesse às necessidades da comunidade. A terceira opção reestruturou a proposta original do termo de referência, incluindo o desvio da pista (Carvalho, 2023).

Negociar com a Prefeitura Municipal de Salvador, a FFA, as Comunidades de Terreiros e a academia foi um exercício de paciência, escuta atenta e trocas. A consulta oracular, as guianças, os jogos de búzios e *orogbos*, os *amalá*s para Xangô e as conversas com os sacerdotes e sacerdotisas tiveram um papel fundamental no processo. Nada era decidido sem antes consultar o sagrado.

E é o próprio Flávio Carvalho (2023) quem nos conta como ocorreu essa interação, veja:

> Essa mediação aconteceu entre os cosmos desejos e as cosmos ações, através do diálogo dos corpos com a religiosidade interagiu com os com os sacerdotes e sacerdotisas – pedindo licença para que houvesse a transmissão dos desejos. Esse diálogo com a paisagem direta, associada com a religiosidade verbaliza o encontro. Essa relação é uma relação que não passa pelos mecanismos, pelas epístemes científicas é outro meio de se comunicar. Os mecanismos mais fáceis foram as autoridades religiosas circundando todo instante o processo, indicando como as nossas intenções – atravessava o tempo, o diálogo, conseguindo mediar e validar a influência direta da espiritualidade na paisagem. O outro lado, é que se trata de uma autoridade religiosa que estava aberta dizendo o que podia ou não ser feito, ir além do material, experiência pessoal, experiência da autoridade religiosa, se posicionando como mediadora, olhando o que estava sendo desenhado, o que poderia ser feito. Camada de informações que eu não tinha acesso racionalmente, também, o encontro entre várias camadas. A fonte inspiradora foi a Pedra, a Governança Espiritual, o processo.

O processo de consulta espiritual foi mediado pelas autoridades religiosas, destacando-se a participação ativa do Agbagigan Everaldo Duarte, que conhece como

[90] Flávio Carvalho, arquiteto e urbanista, homem negro de 31 anos, professor substituto do departamento de projetos na Faculdade de Arquitetura da UFRJ, mestrando em Planejamento Urbano pelo Instituto de Planejamento Urbano da UFRJ e coautor do projeto arquitetônico e urbanístico da Pedra de Xangô. Entrevista concedida a pesquisadora Maria Alice Silva.

ninguém a história dos sítios naturais sagrados afro-brasileiros na cidade de Salvador. Sua fala era uma guiança, onde cada palavra representava um ensinamento, um direcionamento, uma sentença.

No desenvolvimento do projeto conceitual, buscou-se investigar as perspectivas e narrativas das comunidades de terreiros. Para tanto, os responsáveis pelo projeto conceitual realizaram uma imersão e um estudo preliminar sobre o modo de ser e estar no mundo do povo de terreiro. Vale ressaltar que já existia toda uma articulação e registros de uma longa luta histórica. Não era necessário criar algo do zero, pois já se tinha direcionamento, forma, materialidade e legislações estabelecidas.

O objetivo da imersão era compreender a cosmopercepção de mundo, os desejos, os olhares e as narrativas dos adeptos das religiões africana e afro-brasileiras. Além disso, visava criar um espaço de reconexão ancestral circunscrito à Pedra Sagrada, articulado com uma política mais ampla de preservação.

> A iniciativa deflagrou o diálogo, agregou e incorporou diversos enfoques e práticas cidadãs ao programa de construção coletiva do tão sonhado parque. Experiência inovadora, a parceria poder público, sociedade civil e academia trouxe inúmeros ganhos para o projeto, a exemplo docompartilhamento de saberes técnicos-científicos, vivências e experiências afro-brasileiras. (Silva, et al, 2021d)

Após a conclusão dos estudos, a FFA apresentou o projeto preliminar para as comunidades de terreiros e a população do entorno, delineando o conceito arquitetônico, urbanístico e paisagístico nos seguintes termos:

> A Pedra de Xangô é o grande símbolo de resistência e devoção, contudo sabe-se também que os espaços naturais (matas e córregos) possuem grande importância para o culto das religiões afro-brasileiras. Dada a relevância do patrimônio natural, tanto por questões religiosas, quanto por questões ambientais, opta-se em projeto por fazê-lo protagonista, isto se desdobrará no espaço através de uma implantação respeitosa com relação à rocha e toda a paisagem natural (solo, vegetação, cursos d'água), e se desdobrará na materialidade, através do uso de materiais naturais de baixo impacto ambiental (PMS/FMLF/FFA, 2018). Grifo nosso.

A proposta inicial priorizou a Pedra de Xangô como protagonista do projeto, servindo como fonte inspiradora. A preservação e o reconhecimento da área foram realizados em sintonia com as características físicas e simbólicas do sítio natural sagrado. Nesse sentido, os elementos urbanísticos criados seguiram as orientações dos líderes religiosos, respeitando a estética e os signos do local. Os espaços abertos entre a

vegetação foram designados para práticas ritualísticas (Silva, *et al.*, 2021d). Para atender a esses requisitos, foi necessária uma modificação no traçado da pista de rolamento da Avenida Assis Valente, no trecho em frente à Pedra Sagrada.

Fazia-se imprescindível estabelecer um espaço de proteção para o monumento, destinado a práticas rituais relacionadas ao corpo e ao espírito, assim como para atividades educacionais, culturais, esportivas e de preservação ambiental. A intervenção abrangia, ainda, a criação de conexões entre os pontos sagrados mapeados (12 pontos), os equipamentos implantados e os acessos, configurando o parque como uma rede (Silva, *et al.*, 2021d).

É importante ressaltar que:

> O programa inclui um edifício de apoio e suporte ao Parque, um auditório para realização de eventos ligados a cultura afro e às religiões de matriz africana assim como um memorial das nações do candomblé, ampliando o contato da comunidade do entorno com o Parque e com os assuntos que serão abordados. Inclui ainda a recuperação dos eixos naturais de água da área, inserindo-os enquanto elemento paisagístico e sagrado. Também está prevista a utilização de plantas consideradas sagradas pelas religiões por toda a área do Parque. (PMS/FMLF/FFA, 2018). Grifo nosso.

A única construção planejada destina-se ao equipamento de apoio, com 500 m² de área construída, com o propósito de abrigar registros e experiências das principais funções do parque. Além disso, busca fortalecer os laços dos frequentadores com a natureza e promover o conhecimento das práticas religiosas e ambientais (Silva, *et al.*, 2021d).

A revitalização da área circundante à Pedra de Xangô, (Figura 51), incluiu o reflorestamento de áreas degradadas e a criação de espaços destinados ao cultivo de árvores consideradas sagradas para a religião afro-brasileira, representando a riqueza da Mata Atlântica. A concepção do equipamento de apoio garantiu sua integração harmoniosa com a paisagem do parque, e os serviços de infraestrutura foram desenvolvidos com o uso de materiais ecologicamente sustentáveis (Silva, *et al.*, 2021d).

No entorno da Pedra de Xangô (Figura 51), localizada no centro do Parque, foi projetada áreas destinadas ao bosque sagrado, à edificação (equipamento de apoio) e ao maciço vegetal, onde se encontram espécies do Bioma, adaptadas e ornamentais

acomodada ao longo dos caminhos, acessos e lago, criando uma ambiência facilitadora entre o usuário, a natureza e o espaço construído, associando, na medida do possível, vegetais da Mata Atlântica com características sagradas de matriz africana e afro-brasileira (PMS/FMLF/FFA, 2018).

Figura 51 – Princípio conceitual do Memorial do Parque Pedra de Xangô.



Fonte: PMS/FMLF/FFA (2018).

Para o Horto Etno-Botânico (bosque sagrado) propôs-se a introdução de espécies vegetais consideradas sagradas e medicinais, que coexistirão com as espécies nativas já presentes no local. Essas plantas serão cultivadas de acordo com os rituais tradicionais das religiões de matriz africana e afro-brasileira (PMS/FMLF/FFA, 2018).

Por toda a extensão das intervenções, estabeleceu-se uma área de revegetação com o objetivo de restaurar a vegetação nativa nos trechos afetados, durante a execução da construção. Essa área será integrada à massa vegetal preservada, promovendo a recomposição do ambiente natural (PMS/FMLF/FFA, 2018).

No contexto do projeto urbanístico, a escolha estética voltou-se para a circularidade como elemento de referência. Essa decisão parte da premissa de que as religiões de matriz africana e afro-brasileira possuem diversas camadas de imersão, em que certos conhecimentos são acessíveis a alguns, limitando-se aos nascidos no

Candomblé, enquanto outros são reservados aos mais experientes no santo (PMS/FMLF/FFA, 2018).

As cerimônias ritualísticas no Parque em Rede Pedra de Xangô, como a Caminhada da Pedra de Xangô, o *Amalá* de Xangô, o *Ossé*, o Xirê, o *Orô*, a Fogueira de Xangô, os Rituais da Umbanda, o *Ingorossy* dos Caboclos e Encantados, o Toré, o Festival do *Sokpé*, o Caruru dos *Ibejis*, o Acará de *Oyá* acontecem na roda. É na circularidade que as comunidades de terreiros expressam suas crenças, valores e manifestações culturais.

Essa compreensão cosmológica do mundo fundamentou o conceito de ambiência do projeto, ressaltando que as experiências e vivências se desdobram em três camadas, (Figura 52): vivência, memória e intimidade (PMS/FMLF/FFA, 2018). Na camada de vivência, a implementação ocorre por meio de caminhos e espaços de convergência, permitindo a vivência da cultura afrobrasileira. O círculo foi escolhido como a base geométrica de composição, buscando atender às manifestações culturais, como samba de roda, gira, *xirê*, capoeira e outras (PMS/FMLF/FFA, 2018).

Figura 52 – Ambiência do Memorial do Parque Pedra de Xangô.



Fonte: PMS/FMLF/FFA (2018).

Quanto à camada de memória, a escolha recaiu sobre uma fita que desempenha uma tripla função: servir como piso, banco ou cobertura. Essa fita atua como base para a exposição da memória, utilizando a rocha, a água e a vegetação como acervos que

narram a história das religiões de matriz africana e afrobrasileira (PMS/FMLF/FFA, 2018).

Camada de Vivência Camada de Memória Camada de Intimidade

Nas lajes impermeabilizadas, foram integrados tetos verdes com o objetivo de reduzir a carga térmica e o consumo de energia. Essa proposta busca uma maior integração paisagística com o entorno, favorecendo o microclima local (Amoedo, 2022).

O equipamento de apoio do parque foi concebido com a finalidade de preservar, auxiliar e, simultaneamente, potencializar as manifestações culturais que ocorrem no sítio natural sagrado afro-brasileiro Pedra de Xangô. Ademais, buscou-se reafirmar o simbolismo do monumento, propondo uma relação simbiótica com a natureza (Amoedo, 2022).

Para Amoedo (2022), o projeto arquitetônico e urbanístico buscou uma solução que proporcionasse as funcionalidades necessárias, adaptando-se ao espaço disponível, minimizando o impacto ambiental, sem competir com o sítio natural sagrado, que é a Pedra, mas sim valorizando-a e realçando sua beleza como elemento central e ponto focal do parque.

Segundo Rodolfo Madureira (2022), sócio proprietário da FFA,

> [..] houve uma sinergia muito grande por parte de todos no sentido de tentar viabilizar as melhores soluções possíveis dentro de todas as limitações de tempo, de recursos que se impunham e muitas delas foram conquistadas, tal como o desvio da avenida, o emprego de materiais menos convencionais nas construções atuais e principalmente um profundo respeito a pedra, a natureza do entorno e os desígnios das religiões de matriz africana que nortearam o projeto (Madureira, 2022).

Em síntese, a proposta englobou uma construção funcional, contemporânea e esteticamente integrada, promovendo o respeito e a harmonia com o entorno, a sustentabilidade da obra, as referências históricas e culturais que fundamentaram sua concepção e, acima de tudo, a valorização do monumento natural e altar religioso que é a Pedra de Xangô.

No projeto, foram projetados diversos espaços, tais como varanda de exposição, lanchonete, loja, copa, depósito, varanda dos funcionários, sala de monitoramento,

administração do parque, sala de reuniões, foyer, área de exposição, auditório, instalações para funcionários e sanitários masculino, feminino e para pessoas com mobilidade reduzida, conforme apresentado na planta baixa (Figura 53).

Figura 53 – Planta baixa.



Fonte: PMS/FMLF/FFA (2018).

Em última análise, era essencial atender às demandas das comunidades de terreiros, assegurando o respeito à diversidade cultural. Isso incluía a coleta e de folhas e ervas sagradas, a utilização do espaço sagrado para a realização rituais litúrgicos e outras manifestações culturais.

As manifestações culturais edificando arquitetura

A Governança Espiritual Afro-brasileira sempre orientou e protegeu o sítio natural sagrado. A Pedra de Xangô teve a força para evitar a sua própria implosão, convidando o poder público, o Povo de Terreiro e acadêmicos a criarem uma Área de Proteção Ambiental (APA), um Parque em Rede e um Parque Urbano, exigindo ainda o seu reconhecimento como patrimônio cultural da cidade de Salvador e patrimônio geológico de importância nacional.

Estratégico, Xangô convenceu, ainda, o Povo de Terreiro a viabilizar a construção do seu equipamento de apoio, a partir da sua cosmopercepção de mundo. Com o projeto concluído e os comandos divinos respeitados, faltava uma peça nessa engrenagem: acompanhar a execução da obra.

De imediato, Xangô convocou seus filhos e filhas. Ele tinha um recado para a empresa responsável pela edificação. Todos os rituais afro-brasileiros realizados em Sua Pedra Sagrada continuariam acontecendo na data prevista no calendário litúrgico, independentemente da construção do equipamento de apoio.

O Povo de Terreiro atendeu às ordens da Governança Espiritual, realizou rituais, acompanhou e fiscalizou a obra. O *Ingorossy* dos Caboclos, a Fogueira de Xangô, o *Ossé*, o *Orô*, o II Ato Salvador é Indígena foram algumas das manifestações culturais realizadas em plena construção, conforme fotos a seguir (Figura 54 a Figura 58). Não irei aqui detalhá-las, pois foram, exaustivamente, abordadas no capítulo Espiralar do Axé.

Figura 54 – Ritual *Ingorossy* dos caboclos.



Fonte: Mônica Silveira (2021).

Figura 55 – Ritual da Fogueira de Xangô.



Fonte: Mônica Silveira (2021).

Figura 56 – Ritual do *Ossé* da Pedra de Xangô.



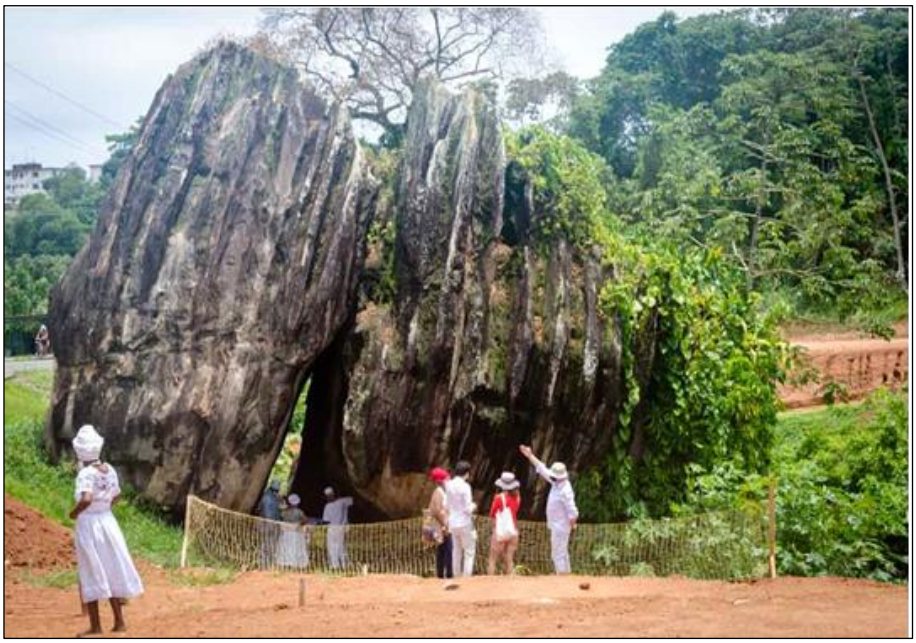
Fonte: Mônica Silveira (2021).

Figura 57 – II Ato Salvador é indígena.



Fonte: Tamis D’arts (2021).

Figura 58 – Ritual do *Orô* da Pedra de Xangô.



Fonte: Mônica Silveira (2021).

A Pedra de Xangô é um monumento religioso de profundo significado espiritual, cuja sacralidade transcende as mudanças ao seu redor. Em 10 de julho de 2021, esse local sagrado testemunhou dois importantes rituais. Pela manhã, membros do Povo de

Umbanda se reuniram para homenagear Xangô, oferecendo *amalá*, flores e perfumes como gestos de devoção (Figura 59).

Figura 59 – Ritual do Povo de Umbanda.



Fonte: Geison Morais (2021).

Na tarde daquele dia especial, a Pedra de Xangô foi palco de uma união sagrada, onde os laços terrenos se entrelaçaram com os fios invisíveis do destino. Ali, a sacerdotisa Gayaku Sinay e o Vodunsi Stefano Diego Borges trocaram votos sob a proteção de Taata Mutá Imê (Figura 60)[91], em uma cerimônia que ecoava os sussurros ancestrais dos orixás, *voduns* e *inquices*. Gayaku Sinay viu-se abençoada pela força imponente de Xangô, enquanto os olhos atentos de sua divindade *Oyá* (bambuzal) testemunhavam a aliança que se firmava com Diego Borges, o Vodunsi. Naquela ocasião, o sagrado se manifestou na simplicidade dos gestos e na profundidade dos olhares, selando uma união que ultrapassaria os limites do tempo e do espaço, conectando almas em um único propósito: o amor, em sua mais pura expressão divina.

[91] Unidos com a benção de Xangô. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/correio-afro/casamento-com-as-bencaos-de-xango-pedra-sagrada-em-cajazeiras-e-cenario-de-enlace-0721

Figura 60 – Unidos com as bênçãos de Xangô.



24h*

MÃE DE SANTO SE CASA EM PEDRA SAGRADA EM PRIMEIRA CERIMÔNIA AFRO-RELIGIOSA DO PAÍS

Unidos com as bênçãos de Xangô

Diego e Gayaku Sinay, de nação jeje, recebem as bênçãos do sacerdote angola Tatá Nkuzi Ioné

Fonte: Correios 24h (2021).

No contexto de rituais afro-brasileiros e transformações urbanísticas, emergiu o Memorial do Parque Pedra de Xangô. É importante salientar que a remoção de qualquer símbolo sagrado ou elemento ritual demandava a aprovação dos líderes comunitários, representados pelas Ialorixás, Babalorixás, Mametos, Taatas, Gayakus e Dotés. Assim, em nome da tradição religiosa, representantes das comunidades de terreiros inspecionavam regularmente a obra, em especial, às quartas-feiras, dia consagrado ao Rei da Justiça.

VI.3 Tecnologias ancestrais construtivas em ferro, terra e pedra

Asante (2012) enfatiza que os africanos devem assumir a agência de suas vidas e destinos, atuando como agentes conscientes e recusando-se a serem definidos por elementos e fatores externos. É imperativo que assumam o papel de protagonistas em sua própria história, contribuindo para sua narrativa e compartilhando-a ao redor do mundo.

Por sua vez, Cunha Júnior (2023) adverte que a história africana poderia ser contada como uma crônica de notáveis avanços tecnológicos e pioneirismo em relação à humanidade. Ao longo de milênios, os africanos estiveram entre os povos mais desenvolvidos, deixando um legado de 6.000 anos de história no campo do urbanismo e da arquitetura. O continente africano contribuiu, ao longo das eras, para a transformação dos conceitos tecnológicos, desenvolvendo uma diversidade de métodos que envolviam a construção em pedra, barro, madeira e bambu.

Podemos mencionar como exemplo a arquitetura e a invenção das colunas e vigas de pedra, criadas há 27 séculos antes de Cristo, na construção da primeira pirâmide em degraus (Figura 61). As três grandes pirâmides de Gizé, mundialmente conhecidas, são o resultado de um longo desenvolvimento da engenharia e da arquitetura africana. Na história antiga africana, mais de 300 pirâmides foram construídas na Núbia e no Egito (Cunha Júnior, 2023).

Figura 61 – A pirâmide em degraus de Djoser



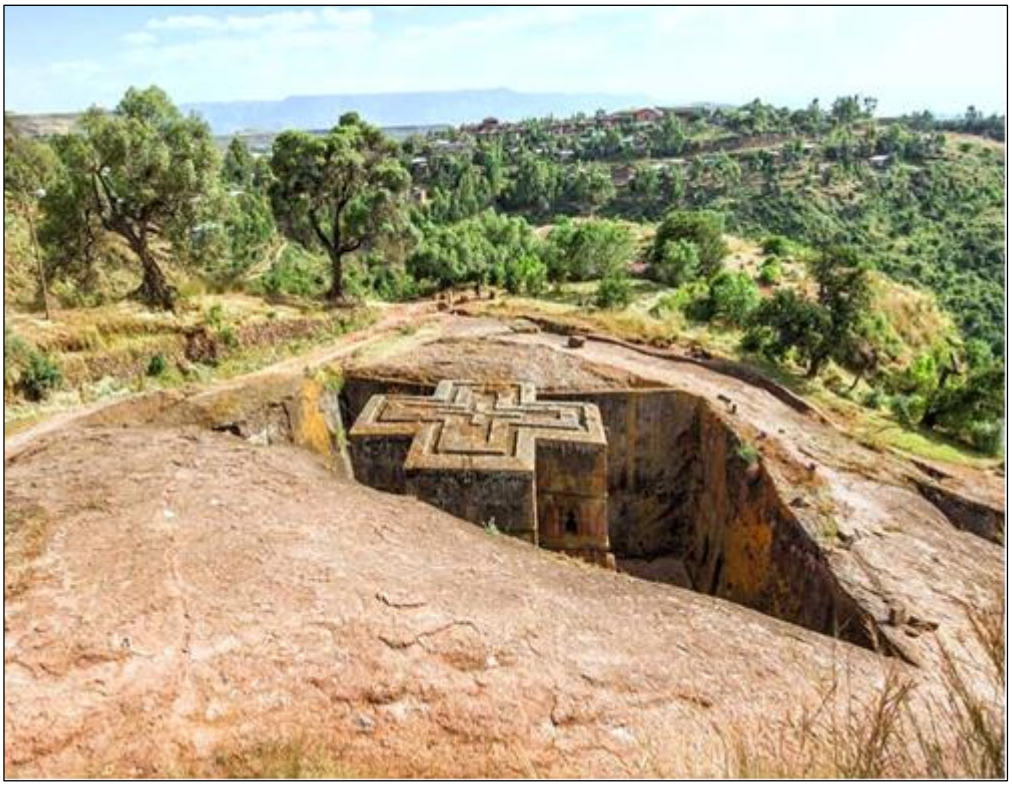
Fonte: Caroline Alves Moura (2021).

A África é o berço da humanidade e do conhecimento humano, tendo sido palco de importantes desenvolvimentos filosófico-religiosos ao longo da história. Um exemplo notável é o Cristianismo Primitivo Africano, que floresceu e se consolidou durante 400 anos antes do Catolicismo Romano e Bizantino, um aspecto frequentemente

subestimado e subvalorizado. A ideia de que o Cristianismo é exclusivamente uma religião do homem branco (Oden, 2022) carece de respaldo tanto na realidade bíblica quanto na histórica.

No contexto do Cristianismo Africano Primitivo, destacam-se as onze igrejas de pedra de Lalibela, na Etiópia (Figura 62), reconhecidas como patrimônio da humanidade pela UNESCO e um centro religioso de grande importância. A construção desses templos antecedeu a tradição europeia de grandes igrejas e é considerada uma influência seminal para o modelo ocidental. Esses espaços, destinados à adoração divina e à realização de rituais religiosos exemplificam a profunda herança africana que transcendeu fronteiras e impactou a história global.

Figura 62 – Igrejas de Lalibela.



Fonte: M&G Therin Weise (2021).

Tecnologias do ferro e aço

Há debates e disputas entre historiadores e arqueólogos africanos e europeus sobre à invenção e o desenvolvimento das tecnologias do ferro e do aço. No entanto, existem fatos incontestáveis que demonstram que, no passado, a África era uma

região onde o domínio sobre a utilização e produção do ferro era fato notório (Cunha Júnior, 2023).

Um exemplo interessante é o caso de Tutancâmon, o último faraó da décima oitava dinastia do Egito. Nascido em 1346 a.C. e falecido precocemente em 1327 a.C., aos 19 anos de idade, Tutancâmon não construiu um túmulo grandioso e foi sepultado em um local improvisado. Seu túmulo não despertou a atenção dos saqueadores que pilharam muitas outras tumbas reais no Vale dos Reis (Cunha Júnior, 2023, p.22).

> A sua tumba foi revelada em 1922, intacta, com uma fortuna em ouro e objetos de grande valor [..] A sua máscara mortuária, uma peça de grande arte e riqueza, foi noticiada em todas as revistas importantes da época, mas o que mais chamou a atenção dos cientistas e historiadores foram dois punhais de ferro com bainha de ouro (Figura 63). Não foi, entretanto, pela bainha de ouro que os punhais chamaram a atenção, foi pela grande qualidade do metal. Embora milênios se passassem, os punhais não tinham oxidação, ou seja, não estavam enferrujados (Cunha Júnior, 2023, p.40).

Figura 63 – Punhais de ferro.



Fonte: Pedro Jacobi (2023)

Para os especialistas, a ausência de ferrugem é um indicativo de uma tecnologia do ferro excepcionalmente avançada e evoluída para a época. Essa característica é comparável ao aço inoxidável, embora seja importante destacar que o aço inoxidável é uma tecnologia moderna, surgida durante a Revolução Industrial inglesa (Cunha Júnior, 2023).

O advento do ferro teve um impacto significativo na vida de todas as sociedades africanas. Os instrumentos de trabalho tornaram-se mais robustos e duráveis, impulsionando o desenvolvimento da agricultura e a expansão dos campos. Os exércitos também se fortaleceram, enquanto extensas áreas verdes foram convertidas em terras agrícolas ou para pecuária, com o uso do machado na derrubada das matas (Cunha Júnior, 2023).

Como resultado, os ferreiros emergiram como uma classe social privilegiada, detentora do conhecimento especializado na transformação da terra de minério de ferro em ferro. Em todas as religiões tradicionais africanas, uma divindade foi eleita como responsável pelo domínio dos conhecimentos sobre a tecnologia do ferro (Cunha Júnior, 2023).

Ogum, o poderoso Orixá do ferro, é reverenciado como o patrono daqueles que trabalham com o metal, destacando-se entre ferreiros, guerreiros, caçadores, entalhadores, barbeiros e todos aqueles que exercem suas atividades com a força do aço. Sua influência se estende aos que manipulam facas para cortar couro, realizam cirurgias com precisão e até mesmo aos maquinistas que desbravam os trilhos da ferrovia, pois Ogum é considerado o guardião, o protetor e o guia desses profissionais (Lopes, 2011).

Nas religiões africanas e afro-brasileiras, os metais exercem um papel importante como elementos de representação religiosa, estabelecendo conexões profundas entre formas e materiais usados nas divindades veneradas nos terreiros. A confecção das peças que representam as divindades muitas vezes envolve o uso de metais como ferro, latão, cobre, alumínio, entre outros, seguindo frequentemente as orientações estéticas inspiradas em antigos objetos encontrados nos terreiros. Essas esculturas simbólicas são comumente referidas pelos fiéis como "ferramentas", destacando sua importância não apenas como objetos de adoração, mas também como instrumentos sagrados que facilitam a comunicação e a conexão espiritual com as divindades (Lody, 1980).

Na imagem a seguir (Figura 64), uma filha de santo segura o machado de Xangô, símbolo icônico dessa divindade, demonstrando a relação simbólica e sagrada entre os metais e as práticas religiosas.

Figura 64 – Filha de santo incorporada segurando o machado de Xangô.



Fonte: Mônica Silveira (2021).

Tecnologia em terra

A África é reconhecida como uma pioneira no uso da tecnologia do barro na construção de uma variedade de estruturas, incluindo casas, templos, escolas e outras edificações. Gana, localizada na costa atlântica, é conhecida internacionalmente por suas belas construções cerâmicas. A cerâmica, assim como os tijolos, é produzida a partir da argila, frequentemente referida como barro, podendo ser utilizada de forma crua quando seca ao sol ou após ser queimada. Esse material versátil e durável tem sido uma parte fundamental da arquitetura africana ao longo dos séculos, refletindo tanto a habilidade técnica quanto a rica tradição cultural do continente (Cunha Júnior, 2023).

As cerâmicas se distinguem dos tijolos pela textura, apresentando uma organização mais refinada das partículas do material de base, o barro. Apesar de serem tecnologias semelhantes, existem diferenças na escolha dos materiais e no processo de fabricação dos produtos finais. Geralmente, as cerâmicas são utilizadas em artesanato para produzir vasos, moringas, potes e panelas. Na região do povo Karena, em Gana (Figura 65), as casas são construídas utilizando uma técnica cerâmica. Essas habitações são decoradas com motivos tradicionais e impermeabilizadas pelo uso de um tipo de goma látex extraído de plantas locais (Cunha Júnior, 2023).

Figura 65 – Casas em Karena – Gana.



Fonte: Portal *Ghana Rising* (2012).

A Grande Mesquita de Djenne (Figura 66), erguida majestosamente às margens do Rio Níger no Mali, há três séculos antes da era cristã, resplandece como uma das mais significativas e magníficas construções em terra crua em todo o mundo. Reconhecida como patrimônio da humanidade pela UNESCO, a mesquita acolhe, durante os horários de oração, até três mil pessoas em seu interior, mantendo uma temperatura ambiente fresca mesmo nos dias quentes de verão (Cunha Júnior, 2023).

Figura 66 – A grande mesquita de Djenne.



Fonte: Unesco (2021).

Os palácios e templos em Oyó, na Nigéria, especialmente em Gbongan Kossô, representam um impressionante testemunho arquitetônico dedicado a Xangô, notavelmente construídos com barro (Figura 67). O templo de Xangô em Kossô desempenha um papel crucial e insubstituível no sistema cultural e religioso local, sendo uma peça essencial para a continuidade e preservação do culto aos orixás na diáspora africana (Diogo *et al.*, 2022).

Figura 67 – O templo de Xangô em Kossô (Santuário principal de Xangô em Kossô).



Fonte: Fábio Velame (2020).

VI.4 Integração dos elementos naturais na arquitetura do Parque Pedra de Xangô

Durante o processo de construção do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô, as comunidades de terreiros solicitaram que a edificação se integrasse harmoniosamente à paisagem local. Essa integração deveria preservar e respeitar os elementos naturais preexistentes, como a vegetação e as formações rochosas. Essa orientação foi absorvida pelos técnicos responsáveis pelo projeto arquitetônico, conforme depoimento de Carvalho abaixo transcrito:

> A arquitetura da Pedra de Xangô deveria aparecer como um elemento que desse continuidade à paisagem vernacular em torno da pedra. Antes da materialidade em si a equipe de projeto entendia que a proposta para um

> equipamento de apoio, ou quaisquer edificações que viesse a ser feita em torno daquele lugar sagrado deveria se apresentar como elemento de respeito e continuidade, os elementos mais importantes já estavam presentes (mata e rocha). Uma arquitetura de continuidade deveria se posicionar no sopé da encosta, atrás da pedra, em meio à mata, com gabarito mínimo, cores e texturas que remetessem ao natural. Pareceu-nos num segundo momento crucial utilizar também material natural que imprimisse maior diálogo entre os elementos do passado e do futuro. A princípio pensamos na possibilidade de utilização da alvenaria de pedra, entretanto, identificamos na taipa de pilão potencial de não só remeter às técnicas tradicionais e à arquitetura vernacular como também à uma imagem afrodiaspórica (Carvalho, 2023).

Essa abordagem, amplamente adotada pela equipe, destaca a importância e o respeito à identidade cultural e espiritual do local, ao integrar-se cuidadosamente à paisagem existente e aos elementos naturais. Assim, a arquitetura projetada deu ênfase ao uso de materiais de baixo impacto, valorizando a preservação da memória, da paisagem e do verdadeiro significado do lugar.

A terra (Figura 68), bem como outros elementos e fenômenos naturais, têm uma importância central na cosmopercepção das religiões de matriz africana e afrobrasileira. O *vodun Azansú*, o orixá *Omolu* e o *inquice Kavungo* são divindades veneradas que estão intrinsecamente ligadas a esse elemento.

Figura 68 – Vistoria às obras do Parque Pedra de Xangô.



Fonte: Mônica Silveira (2021).

Denis Mattos (2017), ao descrever a construção da Casa dedicada ao *vodun Azansú*, divindade da terra, no terreiro *Huntolóji*, enfatiza que ao lidar com a terra, elemento

que exala densidade, o Povo de Axé revela a profunda interconexão entre indivíduo, arquitetura e o sagrado (Figura 69).

Figura 69 – Vistoria às obras do Parque Pedra de Xangô.



Fonte: Mônica Silveira (2021).

A construção das residências destinadas aos "santos da terra" é um tributo às técnicas tradicionais de construção com argila ou barro. A terra é considerada o ventre ancestral por excelência (Mattos, 2017). Optar por essas técnicas construtivas reflete uma profunda ligação com os elementos naturais. A terra não é apenas um material de construção; é reverenciada como um símbolo sagrado, uma entidade telúrica que exerce um papel essencial nas crenças e práticas espirituais das religiões afro-brasileiras.

A taipa de pilão (Figura 70), como exemplo, é uma técnica construtiva sustentável na qual a terra é compactada e comprimida em formas de madeira, chamadas taipais, organizadas em camadas de aproximadamente 15 cm. Esse método resulta em uma estrutura de extraordinária beleza, resistente ao fogo e duradoura. A escolha dessa técnica vai além da mera reverência aos elementos sagrados. O material construtivo, também, está associado à sustentabilidade da bioconstrução, à redução dos impactos ambientais e, principalmente, ao conforto térmico.

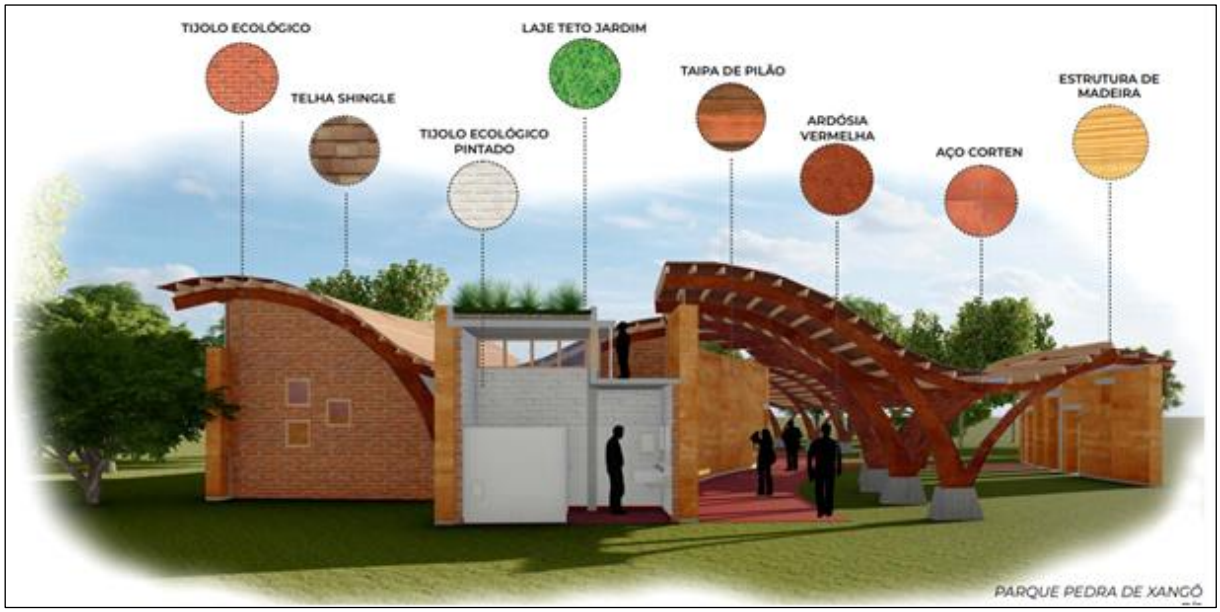
Figura 70 – Técnica construtiva da taipa de pilão – Taipais.



Fonte: Mônica Silveira (2021).

Com o objetivo de aprimorar o microclima local, foi adotada uma abordagem que prioriza uma maior integração paisagística com o entorno. Para alcançar esse propósito, optou-se por projetar tetos verdes sobre as lajes impermeabilizadas das coberturas planas. Essa estratégia visa garantir a redução da carga térmica nos espaços internos, o que por sua vez contribui para a diminuição do consumo de energia (Amoedo, 2022). Eis abaixo demonstração dos materiais (Figura 71).

Figura 71 – Demonstração ilustrativa dos materiais



Fonte: PMS/FMLF/FFA (2018).

O projeto arquitetônico do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô concretiza o conceito que permeou toda a sua concepção. Adotou-se um partido arquitetônico que se integra harmoniosamente às curvas da encosta, fazendo uso de materiais intrinsecamente ligados à simbologia do ambiente. As paredes foram erguidas em taipa de pilão e tijolo ecológico, evocando elementos da terra, enquanto os pilares metálicos simbolizam as ferramentas das divindades. Essa escolha reflete uma inserção cuidadosa dos elementos arquitetônicos com a espiritualidade e simbologia presentes no entorno da Pedra de Xangô.

VI.5 Parque Pedra de Xangô: uma arquitetura contemporânea

A construção do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô (Figura 72) foi guiada por uma cosmopercepção de mundo em sintonia com os princípios das religiões de matriz africana e afrobrasileira. O projeto arquitetônico do Parque Pedra de Xangô estabelece um diálogo amplo com toda a teia que abrange orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados, seres humanos, florestas, animais, rochas e rituais. Em suma, a edificação interage de forma significativa com o contexto cultural e natural, promovendo a conexão com o sagrado.

Figura 72 – Parque Pedra de Xangô.



Fonte: Mônica Silveira (2022).

A fachada de Taipa de Pilão (Figura 73) serve como a base e o elemento estrutural principal da edificação. Funciona como um abraço do prédio ao redor do anfiteatro. Embora esse abraço não seja visualmente evidente, há um ponto focal que aponta diretamente para o monumento sagrado. A curva da fachada possui uma concavidade voltada para a Pedra de Xangô. Quando as pessoas estiverem sentadas no anfiteatro, estarão posicionadas na direção da pedra, podendo observar, simultaneamente, o que está acontecendo no anfiteatro e na própria pedra.

Figura 73 – Fachada de Taipa de Pilão.



Fonte: Mônica Silveira (2022).

A varanda (Figura 74) do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô é um espaço projetado para acolher diversos encontros. Destaca-se na foto o *padê*, comida votiva oferecida a Exu durante o início de um ato ritualístico. Também são visíveis três tambores do candomblé: o rum, o maior; o *rumpi*, de tamanho intermediário; e o *lé*, o menor, junto com o *xequerê*, todos prontos para mais um ritual. "Nos terreiros brasileiros, os tambores são como autoridades, têm voz, falam e são alimentados. A rua e o mercado são espaços de formação onde ocorrem aprendizados por meio de diversas formas de trocas" (Simas; Rufino, 2018, p. 13).

Figura 74 – Varanda do equipamento de apoio.



Fonte: Mônica Silveira (2022).

A portada, parte interna (Figura 75), não é apenas uma entrada para a parte construída do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô, mas, também, representa um espaço significativo para expressões culturais de cunho religioso, artístico e educativo e exposição.

Figura 75 – Portada de acesso em taipa de pilão.



Fonte: Mônica Silveira (2022).

A plataforma da portada (Figura 76 e Figura 77) é um espaço multifacetado ao ar livre, idealizado para a realização de rituais, shows, rodas de conversa, palestras e outras atividades artísticas, culturais e educativas.

Figura 76 – Plataforma da Portada. Roda de Conversa.



Fonte: Nilá (2023).

Figura 77 – Plataforma da portada. Roda de Conversa.



Fonte: Nilá (2023).

O uso das costelas (Figura 78) na varanda de circulação, embora inicialmente não tenha sido concebido dessa forma, hoje evoca o ferro e as ferramentas dos orixás, semelhantes às produzidas pelos mestres artífices da Ladeira da Conceição (Carvalhos, 2022).

“A presença marcante do ferro na estrutura traz consigo a dualidade entre força e leveza, refletindo-se no movimento arquitetônico e na tonalidade ‘ocre’, reminiscente do vermelho-amarronzado do barro. Esse simbolismo evoca a luta e a justiça, como se ali fosse a entrada do grande palácio real de *Oió*! – Xangô”[92]. (Bomsucesso, 2023)

Figura 78 – Costelas.



Fonte: Mônica Silveira (2022).

A circulação aberta e avarandada é parte integrante da exposição. Sua concepção foi planejada com o propósito específico de abrigar o memorial da história da Pedra de Xangô (Figura 79), além de servir como espaço para a apresentação da cultura afro-brasileira e exposição de trabalhos relacionados.

[92] Frederico Bonsucesso, professor, geógrafo, guia turístico, doutor em arquitetura e urbanismo PPGAU-UFBA declaração concedida a pesquisadora Maria Alice Silva, publicada no perfil do Instagram @pedra.de.xango.Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjQC5-eApQN/?gshid=YmMyMTA2M2Y. Acesso: 25 fev. 2023.

Figura 79 – Área para exposição de trabalhos.



Fonte: Mônica Silveira (2022).

O auditório (Figura 80) foi concebido como um espaço multiuso, projetado para a realização de uma variedade de eventos, incluindo cursos, conferências, palestras, oficinas e atividades culturais.

Figura 80 – Auditório do Parque Pedra de Xangô.



Fonte: André Frutuôso (2023).

No interior do equipamento de apoio, estão localizados os módulos que abrigam as instalações administrativas da edificação, claramente visíveis (Figura 81). A ênfase na comunicação por meio de um diálogo, incorporando diversos desejos, e a concepção da parede espessa como elemento articulador do programa foram aspectos cruciais para o projeto (Carvalho, 2023).

Figura 81 – Módulos - fundo do prédio.



Fonte: Mônica Silveira (2022).

O anfiteatro (Figura 82), uma estrutura ao ar livre e aberta, integra-se ao memorial da Pedra de Xangô e foi intencionalmente projetado dessa maneira para alinhar com as forças naturais do local e servir como um espaço acolhedor para manifestações culturais. Sua orientação em direção à pedra estabelece uma conexão intrínseca entre geologia, vegetação, água, orixás, animais e seres humanos, formando uma rede indissociável de interação e significado.

Figura 82 – Anfiteatro (camada da vivência).



Fonte: Camilo Lobo (2022).

A imponente presença da Pedra Sagrada é uma constante, uma testemunha silenciosa que se ergue majestosamente no horizonte. Sua arquitetura, marcada por círculos e curvas, evoca a fluidez e a harmonia do movimento ritualístico, refletindo a roda de capoeira (Figura 83), a gira, a estética do *xirê* (Figura 84) que se desenrolam em seu entorno sagrado. Nessas formas curvilíneas, podemos vislumbrar a dança das divindades, o fluxo dos cânticos ancestrais e a energia vibrante dos rituais afro-religiosos que ecoam pela terra e pelos céus.

Figura 83 – Festival Internacional de Capoeira.



Fonte: Camilo Lobo (2022).

Figura 84 – Ritual do Xirê.



Fonte: André Frutuoso (2023).

O Parque Pedra de Xangô (Figura 85) surge como uma expressão arquitetônica que transcende as fronteiras do estático e abraça a fluidez do movimento. É um espaço onde cada curva e linha ecoa com a energia da transformação. Esta arquitetura não

está contida em uma única forma, mas sim se aventura no universo fluído explorando novos territórios de significado e simbolismo.

Figura 85 – Parque Pedra de Xangô.



Fonte: Igor Santos (2022).

O Parque Pedra de Xangô é um testemunho do reencantamento do mundo, um santuário sagrado que desafia as normas impostas pela hegemonia ocidental. Questionando as narrativas eurocêntricas, ele se levanta como uma voz de resistência, uma manifestação da essência do Axé que permeia toda a sua ambiência.

VI.6 Alafiando a Governança Espiritual

A metodologia centrada na pesquisa afrodescendente, no pensamento sistêmico, na transdisciplinaridade e interdisciplinaridade, revelou-se fundamental para desvendar a complexa dinâmica da Governança Espiritual. Essa perspectiva destaca a interconexão e as interações entre os seres humanos e os demais seres da natureza de maneira equilibrada e simétrica, promovendo a harmonia e estimulando processos de transformação. Ao adotar uma perspectiva transdisciplinar, interdisciplinar e transcultural, somos capazes de acessar camadas mais profundas de compreensão

e apreciação das práticas espirituais e dos sistemas de crença afrodescendentes, enriquecendo assim nosso conhecimento e nossa cosmopercepção de mundo.

No intuito de destacar que a Governança Espiritual vai além das simples consultas oraculares realizadas por sacerdotes e sacerdotisas, compartilho três episódios que, na minha condição de pesquisadora orgânica, demonstram a energia, o poder do axé na compreensão desse fenômeno. Colaciono, ainda, depoimentos das pessoas envolvidas direta ou indiretamente no projeto.

O primeiro episódio remonta ao ato público de Assinatura da Ordem de Serviço para início da obra de construção do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô, realizado em (20/03/2020) pela Prefeitura Municipal de Salvador. A estrutura montada para o evento foi próxima a localização do Memorial, ou seja, muito distante da Pedra Sagrada. O protocolo cerimonial estabelecia que, antes de iniciar o ato público, o prefeito percorresse o Portal da Liberdade (fenda da pedra), prestasse reverências à Pedra de Xangô e, em seguida, chegasse ao palco montado.

Enquanto os presentes aguardavam ansiosamente a chegada do prefeito, ele estava reunido com líderes religiosos (Figura 86) para prestar reverência a Xangô, *Nzazi* e *Sogbo*. Embora desconheça a autoria dessa iniciativa, consigo identificar nesse ato a presença da Governança Espiritual. Isso não implica que o gestor público deva adotar as práticas das religiões de matriz africana e afrobrasileira, mas demanda que ele mantenha um olhar atento e respeitoso, alinhado à cosmopercepção de mundo do Povo de Axé. Reconhecer que nos sítios naturais sagrados afro-brasileiros emanam forças do universo que deve ser considerado em qualquer tomada de decisão.

Esse ato carrega uma simbologia profundamente significativa. Através da fenda da pedra, os negros escravizados buscavam escapar em direção ao tão almejado Quilombo do Buraco do Tatu em Itapuã – *Abaité*. Retornar por esse caminho é como acessar um portal, abrindo espaço para o que é conhecido como "pedagogia das encruzilhadas" (Rufino, 2018, p.71) — uma pedagogia que se inspira na Governança Espiritual.

Figura 86 – Reverência a Xangô, *Nzazi* e *Sogbo*.



Foto: Mônica Silveira (2020).

> A pedagogia encarnada pelas potências do orixá que tece um balaio de múltiplos conceitos que confrontam a arrogância e a primazia dos modos edificados pela lógica colonial. Dessa forma, mais que confrontar os limites da razão dominante, a proposta que por ora se lança aponta outros caminhos: a partir de invenções paridas nas fronteiras e nos vazios deixados, são sabedorias reconstrutoras dos seres que, na invenção do Novo Mundo, foram submetidos à política de subordinação, encarceramento e morte da raça/racismo. A educação, nesse sentido, é apresentada como caminhos enquanto possibilidades de reinvenção de seres, uma resposta responsável e comprometida com a justiça cognitiva/social e com a vida em sua diversidade e imanência (Rufino, 2018, p.71). Grifo nosso.

O segundo episódio teve como protagonista Tânia Scofield, presidente da Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF), uma das primeiras gestoras a abraçar e promover ativamente o conceito de Governança Espiritual no Parque Pedra de Xangô. Sua compreensão sobre o fenômeno transcende as meras palavras, manifestando-se, também, em suas ações no processo de implantação do equipamento de apoio, como ela mesmo afirmou:

> A metodologia do projeto foi participativa. Isso é democracia. Tivemos a sorte da FFA ganhar a licitação. Floriano e a equipe teve a sensibilidade de compreender a sacralidade do lugar. Muito discutido, ouviu todos e todas [..] Niemeyer, diria: assim é a natureza, viva. Os rios, as curvas são da natureza viva. Elemento que se adequam e harmonizam. Projeto físico, social, cultural e religioso agregou os rituais. Até um poste do lugar tinha que pedir a autorização do espiritual e o pessoal da obra entendia e ninguém reclamava se tinha um ritual que não poderia ser desconsiderado (Scofield *apud* Silva, *et al.*, 2021 d).

Durante uma vistoria realizada pela FMLF e sua equipe, a comunidade religiosa estava imersa em um ritual em honra a Xangô e à Semana do Meio Ambiente (Figura 87). Nessa ocasião, a gestora não apenas se dispôs a ouvir e atender a todos, mas, também, participou do ato litúrgico.

Figura 87 – Ritual a Xangô – Semana do Meio Ambiente.



Fonte: Mônica Silveira (2021).

O terceiro episódio trata-se da visita do coletivo do *Abaité* à Pedra de Xangô. Conta a tradição oral que os negros escravizados, em sua busca por liberdade, fugiam das garras da casa grande e da senzala, atravessando a fenda da Pedra de Xangô para encontrar refúgio no Quilombo do Buraco do Tatu, em *Itapoan-Abaité*. O *Abaité*, território sagrado, tupinambá e quilombola, guarda legados ancestrais que resistem apesar dos problemas enfrentados, como o racismo institucional, religioso, ambiental, a especulação imobiliária e a pressão de sua proximidade com uma área intensamente urbanizada. Este local sagrado mantém uma conexão profunda com a Pedra de Xangô.

Em um esforço para resgatar essa herança ancestral, em 20/02/2021, ocorreu no Parque Pedra de Xangô um "aquilombamento" que reuniu o coletivo Pedra de Xangô e *Abaité* (Figura 88). O propósito desse encontro foi estabelecer laços, compartilhar conhecimentos e fortalecer a luta por justiça e preservação cultural e ambiental.

Figura 88 – Aquilombamento: Pedra de Xangô e *Abaíté*.



Fonte: Mônica Silveira (2021).

Para narrar essa história, trago o texto "Retomada Ancestral", escrito por Clara Domingas, uma ativista, educadora corporal, permacultora e mestra em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia - PPGA/UFBA, que é também membro ativo do Fórum Permanente de Itapuã e do Conselho Gestor da APA - Lagoas e Dunas do Abaeté. Em suas palavras, ela habilmente retrata a atuação da Governança Espiritual na Pedra de Xangô, destacando sua importância e influência de maneira envolvente e perspicaz.

> Peço licença aos encantados do lugar. Peço licença aos presentes. O “chamado” para regenerar os elos com a Terra é audível e contundente. Um homem caminha pela Av. Assis Valente e anuncia: “A pedra está chorando”. São lágrimas que não cessam, por séculos, enquanto áreas verdes e sítios sagrados de nossa cidade tornaram-se, quase totalmente, cemitérios de rios, espécies vegetais e animais, além de culturas e modos de viver que são sistematicamente extintos nos territórios. As paisagens nativas foram desfiguradas, simplificadas, empobrecidas. Mas o solo é sagrado. A Mata Atlântica florestal envolvia a Pedra de Xangô, que ficava encrustada no leito de um rio. O que insiste em permanecer vivo manifesta-se diante de nós, um iguana se aproxima, memórias são compartilhadas, as árvores trepidam. Uma kombi vem chegando, e pelas janelas, as crianças respondem à saudação de Xangô em coro: “*Kabecilê*”. Uma mulher recém-iniciada na religião do Candomblé desce da *Kombe*, caminha lentamente até a Pedra para fazer sua oferenda (Figura 89).

Figura 89 – Oferenda do *Amalá* na Pedra de Xangô.



Fonte: Clara Domingas (2021).

Prossegue Clara Domingas:

> O garoto que acompanha este ritual sai correndo na frente, para coletar as folhas de mamona, onde crescem abundantemente ao lado da Pedra, usadas nas oferendas. Fomos testemunhas destes e outros signos de resistência na Pedra de Xangô. Um grupo de representantes do Parque em rede – Abaeté e seu complexo de dunas e lagoas, área em processo de salvaguarda pelo Tombamento Municipal em curso, deslocou-se para “fazer pontes” e fortalecer o trabalho coletivo de regenerar de (geo)histórias e legados culturais, parte do que chamamos de Patrimonialização em rede. Apostamos nos modos colaborativos de produzir paisagens, em contraste com os modelos hegemônicos, predatórios e ameaçadores. Apostamos na conectividade e no reencantamento dos territórios, de maneira a contornar o que Serpa (2007) chama de “guetos preservados” quando se refere aos espaços verdes e APAs, cujas margens são pontos de constantes conflitos entre homem e natureza. As ferramentas de preservação, entre elas, o Tombamento Municipal de paisagens, junto com medidas de conservação como criação de parques e APAs, à exemplo do Parque da Pedra de Xangô e da APA Assis Valente, construídas a partir da demanda e luta da comunidade, fazem parte de esforços para barrar e mitigar a destruição causada principalmente pela ação predatória humana, servindo de referência e inspiração para outros sítios sagrados. Estamos em reunião. É tempo de “retomada” ancestral, termo cosmopolítico afro-brasileiro, cuja força brota como fluxo energético e conexão entre diferentes, como capacidade de fazer cruzamentos e também de criar multiplicidade, potência biodiversa transformadora.

O relato de Clara Domingas ecoa com uma intensidade que transcende as palavras, revelando a intrincada conexão entre espiritualidade, natureza e comunidade. A percepção da Pedra Sagrada em lágrimas e o apelo por oferendas são testemunhos

vívidos da presença da Governança Espiritual, convocando-nos a preservar e honrar esse território vivo e sagrado.

As manifestações culturais, encontros, reuniões e rituais afro-religiosos na Pedra de Xangô ressaltam conexões profundas, tanto tangíveis, quanto intangíveis. Divindades, pessoas e os demais seres da natureza celebram juntos o sagrado, revitalizando a fé nos sistemas de valores e crenças dos orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados (Silva, 2019).

A Pedra de Xangô é uma fonte inesgotável de inspiração para diversas narrativas e experiências. O exemplo narrado por Clara Domingas, ocorreu enquanto aguardávamos o início de um encontro com lideranças do *Abaité*. De maneira totalmente inesperada, uma Kombi chegou, carregada de Axé. Sem qualquer combinação prévia. Os presentes interpretaram esse acontecimento como um recado direto de Xangô. Em respeito ao ato religioso em curso, todos os presentes observaram silenciosamente o ritual, evitando qualquer interrupção. Após a conclusão do ato, houve trocas de acenos de despedida. Essa experiência marcante destaca que, onde quer que esteja um afrodescendente, todos estão interligados como africanos em diáspora, unidos por laços espirituais e culturais profundos.

Esses momentos espontâneos e significativos evidenciam a presença da Governança Espiritual, que se manifesta sem um roteiro definido, tocando os corações daqueles que estão dispostos a reconhecê-la, ouvi-la e seguir suas orientações.

Alguns relatos, declarações e depoimentos, concedidos em entrevistas, conversas informais, transmissões ao vivo e publicações nas redes sociais, oferecem insights sobre o processo de construção do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. Iniciamos com o depoimento de Tânia Scofield, arquiteta e urbanista, presidente da Fundação Mário Leal Ferreira - FMLF, que compartilhou suas reflexões sobre o projeto urbanístico.

"Para a Fundação, não se trata apenas de conceber um desenho urbano; é essencial expressar as relações sociais, culturais e religiosas que permeiam o espaço. Portanto, é imperativo que haja a participação ativa de todos aqueles que vivem ou trabalham na região" (Scofield, 2022)

A FMLF, como entidade encarregada da construção do equipamento de apoio do parque, abriu espaço para a reflexão sobre o conceito de Governança Espiritual Afro-brasileira na gestão pública municipal. A gestora na entrevista expressou:

> "O projeto representou um grande convite para explorar essas relações, promover discussões e criar um espaço sagrado, imbuído de significado religioso, na constante batalha contra a intolerância e a discriminação. Um espaço verde que naturalmente abraça e reverencia a Pedra de Xangô. Um belo parque. Esse foi o nosso pensamento!" (Scofield, 2022).

Flávio Carvalho, responsável pelo projeto conceitual, esteve presente no primeiro ritual público de abertura dos trabalhos na Pedra de Xangô. Após a cerimônia religiosa, dirigiu-se ao monumento sagrado e prestou-lhe reverência (Figura 90).

Figura 90 – Arquitetos reverenciando a Pedra de Xangô.



Foto: Autoria própria (2020).

A experiência foi compartilhada no diário de campo do Instagram @pedra.de.xango. Eis o depoimento de Carvalho[93]:

> O primeiro contato com o monumento Pedra de Xangô foi encantador, a rocha em si mesma possui beleza e energia surpreendentes. Logo pudemos

[93] Flávio Carvalho, publicada no perfil do Instagram @pedra.de.xango.Disponível em: Acesso: 25 fev. 2023.

> perceber que além de si a Pedra carregava a força de um grande interesse coletivo que faz dela um bem comum de grande valor paisagístico, cultural e religioso. Com uma articulação coletiva consolidada, foi possível encontrar caminhos para a elaboração de um projeto que atendesse aos anseios tão plurais que envolvem o monumento. E através de algumas reuniões e oficinas, pudemos juntos (técnicos, povo de santo e demais lideranças comunitárias) desenvolver o programa e as estratégias do projeto" (Carvalho, 2020)

Perguntado, em outra oportunidade, sobre a importância da Governança Espiritual no desenvolvimento conceitual do projeto arquitetônico, Carvalho (2023) afirmou:

> Sobre a governança espiritual: É difícil falar sobre espaços na minha vida onde não me sinta atingido pela governança espiritual. Eu não sou iniciado em qualquer religião e por isso tenho muito cuidado e respeito para falar sobre a forma como a espiritualidade me toca. Entretanto não dá para negar uma influência singular quando se vai relacionar com a Pedra de Xangô. Eu me lembro que pensava muito em Xangô e pedia, do meu jeito, sempre permissão para pensar sua paisagem, pedia permissão e sentia a energia vinda da pedra sempre que entrava em contato com a paisagem que ali existia, tocava-a com as mãos, tocava-a com a cabeça, sentia as árvores, a forma do terreno, os seres vivos que ali circulava. O pedido era para que a minha ação funcionasse como um instrumento da espiritualidade, para que minha ingenuidade não construísse qualquer barreira para a verdadeira função daquilo que estava se constituindo, e que minha passagem por aquele processo se somasse aos desejos ancestrais, eu pensava nos meus bisavôs, tataravôs, pensava naquilo que via a minha frente através das transmissões dos profundos saberes que me transpassavam principalmente dos diálogos e das validações de Everaldo Duarte, Sônia, Roque, Gabriela, Alice, Kátia, Luiz, Zé Maurício, poderia falar tantos outros nomes dos quais não me recordo (Carvalho, 2023).

A Governança Espiritual estabeleceu comunicação direta com Carvalho por meio da cosmopercepção (Oyěwùmí, 2021). Sintonizando sua mente com Xangô, ele buscou sentir a energia emanada da Pedra, utilizando o tato, suas mãos, sua cabeça ao encostar no símbolo sagrado. Nesse contato íntimo com a natureza e os demais seres presentes no território, Carvalho experimentou uma conexão profunda, conforme relato a seguir transcrito:

> Em um momento de reflexão e devoção, fiz um pedido à espiritualidade: que o desenho arquitetônico atendesse aos anseios dos ancestrais. Enquanto evocava a memória de seus bisavós e tataravós, ponderava sobre o grande desafio de conceber o projeto. As interlocuções com Everaldo Duarte, Sônia, Roque, Gabriela, Alice e tantos outros foram fundamentais nesse processo, contribuindo com seus saberes e fazeres para a materialização do conceito projetual (Carvalho, 2022) [94].

[94] Flávio Carvalho, conversa informal com a pesquisadora Maria Alice Silva, 2022.

Kátia Silveira (2020), também, presente na abertura dos trabalhos, destacou que o projeto paisagístico para a Pedra de Xangô transcendeu as técnicas de planejamento, organização e gestão da paisagem urbana. Tratava-se, fundamentalmente, de projetar para e com a natureza (Figura 91), reconhecendo suas forças atuantes, que são:

> Os orixás: presentes e vigilantes aos incautos. Assim, foi necessário adentrar espaços sagrados, pedir licença a Xangô, Oxóssi, *Osanyn* para atuar e assim caminhar juntos, passo a passo e poder ouvir o inaudível. Deu tudo certo, e, caminhamos juntos até hoje reverenciando e cuidando do *Otá*, altar a céu aberto, força viva da natureza, um símbolo sagrado. Que possamos beber sempre dessa fonte (Silveira, 2020).

Figura 91 – Abertura dos trabalhos.



Fonte: Autoria própria (2020).

Por sua vez, a arquiteta e urbanista Ludmila Gavazza de Andrade, servidora pública da Fundação Mário Leal Ferreira, compartilhou suas impressões em um texto intitulado "A Pedra de Xangô na minha história[95]". O relato é o seguinte:

> Voltei a trabalhar presencialmente por demandas de acompanhamento da obra do Memorial do Parque Pedra de Xangô. Sonhei com Xangô

[95] Texto produzido por Ludmila Gavazza de Andrade e cedido à pesquisadora Maria Alice Silva, 2022.

> com uma mensagem muito clara que era preciso que eu voltasse e que ele me garantia que tudo seria tranquilo. Lembro-me de, no sonho, eu perguntar em pensamento: “E se não for tranquilo?” e acordo com a mensagem: “Vá, vai ser tranquilo. Quando não estiver tranquilo não será para mim”. Assim Xangô me autorizou a seguir minha intuição e em todo o processo quando a demanda de trabalho se tornava tensa ou confusa, eu parava, eu reavaliava, porque havia um pacto da tranquilidade. Um pacto da ação, mas uma ação com base na tranquilidade (Andrade, 2022)

Na narrativa, Andrade (2022) compartilha um sonho no qual recebe uma ordenança direta de Xangô para retornar e acompanhar as obras da edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. No sonho, ao indagar sobre a tranquilidade do processo, Xangô responde: "Vá, vai ser tranquilo, quando não estiver tranquilo não será para mim."

Esse relato evidencia que Xangô não se limitou a transmitir suas instruções apenas por meio dos adeptos das religiões de matriz africana e afro-brasileira. A Governança Espiritual convocou Andrade diretamente a retornar ao trabalho e supervisionar a execução do projeto. Essa convocação demonstra a amplitude e a comunicação direta da espiritualidade, ultrapassando as fronteiras das práticas religiosas específicas.

Continua Andrade (2022):

> Em novembro de 2020, passo por uma grande dificuldade pessoal, após uma queda do parquinho, Gustavo fraturou o fêmur e precisou ficar 8 semanas engessado, imobilizado. Como mãe eu queria fazer o tempo passar e libertar meu filho daquela rigidez. A cada semana a quantidade de gesso aumentava e meu coração ficava aflito. E o calor daquele gesso? E o peso daquele gesso? Meu filho extremamente flexível estava temporariamente rígido. Voltei a trabalhar no acompanhamento do projeto do Parque Pedra de Xangô imersa na perspectiva objetiva de desempenhar minhas funções de arquiteta e urbanista. Eu não sabia que meu elo com Xangô já tinha extrapolado a racionalidade.

Andrade (2022) retorna a trabalhar no projeto, enquanto arquiteta e urbanista e percebe que a sua relação com o orixá Xangô já havia transcendido à razão, prossegue a servidora:

> Eu segui admirando a exuberância da Pedra de Xangô com o poder de me encantar no jogo de escalas e percepções e não cansei de registrar a complexidade de perceber a Pedra pequena de um ponto de vista, enorme de outro. Após muitas visitas a obra, eu resolvi descer para registrar “como arquiteta” a dimensão da Pedra de Xangô. Nesse dia, sendo leiga nas práticas relacionadas aos rituais das religiões de matrizes africanas, pedi licença a Xangô e pela primeira vez peguei na Pedra. Eu estava

> despretensiosa, orando apenas na perspectiva de pedir permissão em tocá-la. Senti a leveza e a tranquilidade que já me acompanhava, mesmo diante dos desafios no acompanhamento daquele projeto. Então quando pus minhas mãos na Pedra de Xangô, de forma inesperada, a imagem de Gustavo "rígido" e imobilizado veio em meu pensamento, junto com uma clara mensagem: "A rigidez também cura"! A rigidez será a cura". Que susto! Que alegria! Que ajuda! Desse dia em diante, acompanhar o período de imobilização do meu filho ganhou outra perspectiva. Ainda era difícil, mas eu estava segura, me resignei à situação e aceitei o processo de cura que agora guiado pela mensagem de força e tranquilidade de Xangô (Andrade, 2022).

Andrade (2022), compartilha que, pela primeira vez, pediu licença e tocou na Pedra Sagrada, sentindo-se leve e tranquila, uma experiência que revela sua conexão com a cosmopercepção. Mesmo diante de grandes obstáculos, como a doença de seu filho, ela encontrou conforto quando Xangô lhe enviou uma mensagem através de seu próprio pensamento: "a rigidez também cura! A rigidez será a cura".

José Mauricio Bittencourt[96], candomblecista, homem pardo, sociólogo, com mestrado em sociologia, integrante da equipe do escritório Floriano Freaza Amoedo (FFA), compartilhou:

> O nosso trabalho deu-se em três escopos de escuta. Fizemos uma escuta com o grupo ligado ao esporte, a questão ambiental e outro grupo ligado a religião de matriz africana. Fizemos visita aos bairros, mapeamos pessoas que podíamos conversar. Fizemos uma série de visitas, onde aplicávamos um questionário aberto que denominava escuta ativa. De suma importância ouvir o Kilson da Cajaverde, Ramalho, pois essas duas pessoas deram uma ideia dos impactos ambientais da área. Agora, por ser um espaço sagrado, o olhar e a interpretação mais profundos vieram de Sônia, terreiro *Keto*; Taata Mutá Imê, Duarte e Maria Alice. O Taata Mutá Imê foi incrível porque conseguimos entrevistar ele, andando com ele na área [..] Taata tinha toda referência relacionada as plantas, o plantio, o cuidado que tem que ter no espaço lá de baixo. Então todo esse material relativo à memória não só afetiva, mas a memória mesmo desse espaço. Como era antes, o que podemos fazer de menos intervenção possível para que o local tenha uma cara de natureza (Bittencourt, 2023)

Resultado:

> É sempre muito desafiador. O processo foi participativo. Sabendo que tínhamos pouco tempo, entrevistamos os atores estratégicos e fizemos algumas rodas de conversas com as lideranças em escolas públicas, na área de intervenção, fizemos uma transcrição e depois voltamos para validar com o público. Eu acho que de todo o projeto o mais impactante foi o afastamento da pista. Um detalhe importante, nesse sentido o resultado ao meu ver é um resultado exitoso de participação, ele só se deu porque esse grupo era muito bem organizado. Já tinha todo escopo de trabalho a ser realizado. Essas

[96] José Mauricio Bittencourt, sociólogo. Entrevista concedida à pesquisadora Maria Alice Silva, 2023.

> lideranças que falei aqui em cima são plenos conhecedores do local, então de fato, foi um trabalho que teve a participação e a presença de um grupo muito qualificado (Bittencourt, 2023)

Bittencourt liderou o diagnóstico sociocultural do entorno da área de construção. Em suas reflexões, destacou o papel fundamental dos líderes religiosos na implementação do equipamento, com destaque para a contribuição significativa do sacerdote Taata Mutá Imê. Esta observação enfatiza a presença constante da Governança Espiritual ao longo de todo o processo.

Gabriela Correia[97], arquiteta e urbanista, além de artista visual formada pela FAUFBA, umbandista e filha de *Oyá*, partilhou sua perspectiva sobre a presença da Governança Espiritual afirmando que:

> Somos um tridente, corpo, mente e espírito e no meu entendimento o equilíbrio é encontrado no cuidado dessas três dimensões da vida". Acompanhei a criação do Projeto do Parque Pedra de Xangô. Participei da criação do Termo de Referência para criação do Parque quando ainda estagiava na Secis. Ainda como estagiária participei de todo processo de projeto do parque, desde o estudo preliminar até o projeto executivo.

Sobre a Governança Espiritual Afro-brasileira na edificação do equipamento de apoio dissera:

> Eu, enquanto adepta de religião afro-brasileira, acredito que a governança espiritual influenciou, mobilizou e convergiu pessoas e energias desde o momento em que a obra da Avenida Assis Valente foi impedida de implodir a Pedra. Eu sinto que todo o processo de criação e materialização do Parque é encantado e tudo nele encanta. Não se pode explicar, é para sentir.

As observações de Gabriela Correia revelam sua perspicácia na compreensão da atuação da Governança Espiritual Afro-brasileira, desde o momento em que a integridade da Pedra Sagrada foi ameaçada. Sua participação multifacetada no processo, como umbandista, estudante de arquitetura, estagiária da SECIS e arquiteta da FFA, destaca a diversidade de papéis que desempenhou. O equilíbrio entre corpo, mente e espírito, enfatizado por ela, ressalta a importância de considerar todas as dimensões da existência. Sua visão do encantamento no processo como algo para ser sentido, para além de explicações puramente racionais, evidencia a compreensão

[97] Gabriela Correia, arquiteta e urbanista. Entrevista concedida à pesquisadora Maria Alice Silva, 2023.

da interação entre os aspectos materiais e espirituais na concepção do Parque Pedra de Xangô.

Luís Guilherme Pires[98], arquiteto e urbanista de formação, mestrando pelo PPGAU/UFBA e que se identifica como pardo, embora não professe nenhuma religião, nutre grande respeito pelas religiões de matriz africana, umbanda e, sobretudo, o candomblé. Em relação à presença da Governança Espiritual no projeto arquitetônico, ele expressou sua opinião da seguinte forma:

> À época, entre 2017 e 2018, era estagiário da SECIS – Secretaria da Cidade Sustentável e Inovação da Prefeitura Municipal de Salvador e estava envolvido nas reuniões e discussões promovidas pelo GT de Criação e Gestão de Unidades de Conservação e Parques [..] As reuniões aconteciam na unidade da SECIS que ficava localizada no Parque da Cidade/Itaigara e possibilitava o diálogo entre o poder público, sociedade civil e universidades (visto que em cada grupo havia pesquisadores de instituições de ensino superior que possuíam relação com os parques citados). No GT da Pedra de Xangô, me recordo da participação de moradores do entorno da Pedra, lideranças de terreiros, a UFBA (representada pela pesquisadora Maria Alice Silva) e a própria secretaria na figura do arquiteto José Saraiva. Para além desses encontros, também tive a oportunidade de realizar algumas visitas técnicas à área da Pedra, acompanhado de outros servidores da secretaria. Lembro-me que em uma dessas visitas fomos acompanhar e registrar um ato simbólico realizado por representantes dos terreiros com a finalidade de demarcar uma área verde próxima à Pedra com o plantio de mudas de plantas e árvores sagradas para o candomblé.

É fundamental destacar, nas palavras de Luís Guilherme, a presença ativa e a interação dos adeptos das religiões de matriz afro-brasileira durante o processo de implantação do equipamento de apoio do parque. Seja através da oferta de *amalá* para Xangô, da realização de rituais ou da participação no plantio de mudas de plantas e árvores sagradas. Esse engajamento evidencia a profunda interconexão entre a espiritualidade e a materialidade no contexto do projeto.

Milena Tavares[99], servidora pública municipal, arquiteta e urbanista, membro do Grupo de Trabalho, diretora da gerência de Patrimônio e Humanidades da FGM, reconheceu o papel da Governança Espiritual, da escuta e partilha de conhecimentos. Segue o relato:

---

[98] Luís Guilherme Pires, arquiteto e urbanista. Entrevista concedida à pesquisadora Maria Alice Silva, 2023.

[99] Milena Tavares, arquiteta e urbanista. Entrevista concedida à pesquisadora Maria Alice Silva, 2022.

> Participar do GT de implantação do Parque Pedra de Xangô, além de muito gratificante, por todo aprendizado adquirido especialmente na escuta, foi fundamental para construção participativa das intervenções propostas e executadas no entorno da Pedra de Xangô, bem cultural tombado, que é sagrado e reservado ao culto de tradição ancestral, oferecendo segurança na aprovação do projeto [..] A respeito da Governança Espiritual a entrevistada dissera ser: "fundamental para preservação do patrimônio que alcança a dimensão do sagrado da religião afrobrasileira [..] Espaço de lazer, de contemplação, de comunhão, de expressão de manifestações e uma referência de espaço consagrado ao culto afro-brasileiro" (Tavares, 2022).

As Matriarcas (Guardiãs da Pedra de Xangô), com ressalvas, expressaram sua aprovação ao projeto arquitetônico e urbanístico. A seguir, destacam-se trechos das entrevistas concedidas por Mãe Alda de Ogum, Iyá Egbé Sônia Mendes e Raquel Miranda integrantes do coletivo:

"A prefeitura acatou, mas é necessário implementar mais ações para que o parque se torne mais conhecido [..] o poder público precisa realizar muito mais em termos de segurança, projetos e cursos para a comunidade[100]" (Mãe Alda de Ogum, 2022)

Sônia Mendes[101], parda, candomblecista, membro do GT, na entrevista concedida relatou que:

> "[..] a governança espiritual já existe há muitos séculos dentro dos terreiros, pois dentro do terreiro o Babalorixá é apenas o zelador por que as decisões e os rumos dos terreiros e de seus filhos é o Orixá quem decide e dita. E hoje vemos ela manifestar-se fora deles como tem sido o caso da Pedra de Xangô [..] A obra ficou lindíssima, atendendo todas as demandas que o povo de santo pediu, a parte construída seguiu o modelo de algumas construções africanas, dialogando com o espaço e se inserindo no local, sem tirar o brilho da pedra" (Sônia Mendes, 2022).

Em entrevista concedida à pesquisadora, Raquel Miranda[102] (2022), líder comunitária, Guardiã da Pedra de Xangô, questionada sobre sua opinião em relação à edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô, assim se expressou: "Ótima, mas poderia ter outras áreas como espaço para comercializar os produtos de acordo com o

[100] Mãe Alda de Ogum, sacerdotisa, guardiã da Pedra de Xangô. Entrevista concedida à pesquisadora Maria Alice Silva, 2022.

[101] Sônia Mendes, membro do Grupo de Trabalho Externo de Implantação do Parque Pedra de Xangô, guardiã da Pedra de Xangô. Entrevista concedida à pesquisadora Maria Alice Silva, 2022.

[102] Raquel Miranda, líder comunitária, guardiã da Pedra de Xangô. Entrevista concedida à pesquisadora Maria Alice Silva, 2022.

evento/atividade, e uma maior inclusão das Lideranças que iniciaram este processo de guardar o monumento Pedra de Xangô" (Raquel Miranda, 2022).

As Matriarcas da Pedra de Xangô, em reconhecimento à atuação dos gestores públicos municipais na edificação do Memorial, concederam aos presidentes da FMLF e FGM o título de Guardiões da Pedra de Xangô. Tânia Scofield, da FMLF, expressou sua gratidão e reconhecimento pela homenagem recebida, afirmando que:

> "Eu me sinto extremamente honrada e feliz com este convite. Venho acompanhando essa luta e buscando, através da FMLF, preservar o monumento e sua função. Então, elas entenderam que faço parte da vigília pela salvaguarda da Pedra de Xangô, que já foi objeto de muitos atos de vandalismo, especialmente de intolerância religiosa. Agora, aumenta a minha responsabilidade, que é também de todo o povo de Salvador", celebra Tânia. Ela ressalta que, tendo em vista a proteção da Pedra de Xangô, a FMLF foi responsável pelo desvio da Avenida Assis Valente, de modo a distanciá-la da pedra, bem como pela incorporação do riacho próximo ao monumento ao Parque da Pedra de Xangô, inaugurado pela Prefeitura em maio de 2022[103]

Quanto à concessão do título de Guardião da Pedra de Xangô, o titular da FGM, afirmou que:

> [..] começou a apoiar a luta pela salvaguarda da Pedra de Xangô logo que entrou na gestão pública, em 2013. "Fico muito orgulhoso com o convite e a homenagem de guardião deste monumento sagrado, que, de alguma maneira, é algo que faço desde que comecei a trabalhar na Prefeitura. Porque a pedra e o parque são um marco da identidade de Cajazeiras, um ponto de lazer para as famílias, um patrimônio cultural do município tombado em 2017. Importante não só para as religiões de matriz africana, como para todo o Brasil", disse Guerreiro[104].

Tânia Scofield e Fernando Guerreiro, gestores públicos da prefeitura de Salvador, não apenas entenderam o papel da Governança Espiritual em todo o processo, mas também se empenharam para garantir que as ordens das divindades fossem cumpridas. Este é um caso único, até onde foi pesquisado, na história da administração municipal na cidade de Salvador e no Brasil.

Ainda sobre a Governança Espiritual, Katia Silveira, arquiteta que teve a oportunidade de explorar o Mundo Encantado das Arquiteturas de Terreiros e receber orientações

---

[103] Gestores da prefeitura serão guardiões da Pedra de Xangô**.** Disponível em: <https://www.reporterhoje.com.br/2023/01/06/gestores-da-prefeitura-serao-guardioes-da-pedra-de-xango/

[104] Idem.

de *Oyá* para desenvolver o projeto paisagístico do Parque Pedra de Xangô, deu uma belíssima e inspiradora declaração, conforme relato a seguir:

> Para uma pessoa que desconhece os rituais sagrados afro-brasileiros, o desenvolvimento do que viria a ser o Projeto de Paisagismo para o Parque Pedra de Xangô, encontrei dificuldade para a sua conclusão, o que poderia ser "interpretado" como algo natural tendo em vista as dificuldades próprias da atividade de projetar. Essa dificuldade foi comentada sem a menor intenção do que viria a acontecer, naquele dia no Terreiro *Vodun Kwe Tò Zò*, sob a direção de sua Ialorixá Gaiaku Sinay: seria necessário passar por uma imersão em um ritual para a devida aprovação ou negativa de Xangô para a realização do Projeto.
>
> Com a sinalização positiva da Divindade, (uma alegria e um alívio sem fim) prosseguimos com o projeto técnico realizando todas as suas etapas como levantamento das espécies vegetais junto aos Terreiros, prefeitura, técnicos, desenhos, entrevistas, etc. A interação entre a equipe de projeto e seu cliente intermediário (escritório de arquitetura e prefeitura) seguia normalmente, mas a pergunta era: quem era meu cliente principal, a quem eu deveria me dirigir para obter o que chamamos em Arquitetura de "Briefing"?? Como saber deste cliente quais direcionamentos ele daria para realização dos seus desejos, sonhos e programa de necessidades, tão almejados quando se realiza um projeto? Como saber se o que estava sendo feito atendia a orientação divina? Então, resolvi perguntar "mentalmente" e ao mesmo tempo, pedia um sinal de que poderia prosseguir com o projeto e que tudo estava no devido caminho. E a resposta veio de maneira não esperada quando em uma saída de Orixás no Terreiro São Roque, entra Xangô que roda lindamente sem parar, no Salão, até que sua coroa cai de forma inesperada, rola no salão e para nos meus pés que assistia a evolução da Divindade. Sem acreditar no que via, sem saber como agir, se tocava na coroa, se podia pegar e entregar diretamente a "ele", e mergulhada nesse turbilhão de sentimentos, fui transportada a uma dimensão onde se "ouve' o inaudível, sem utilizar dos ouvidos físicos, apenas sentindo o envolvimento e força indescritível daquela energia me dizendo que estava no caminho certo. Aquela vivência me pareceu minutos sem fim, e eu não queria que acabasse, queria mais e mais, mas voltando a mim fui inundada de uma força e segurança que só uma Divindade é capaz de te conceder. Estar com Xangô aprovando, autorizando, trago comigo o sentimento da Justiça se realizando naquele que seria um Parque voltado para nunca mais esquecermos das dores dos povos escravizados (Kátia Silveira, 2023).

No jogo ancestral dos Búzios, o termo "*Alafiá*" ecoa como um suspiro de leveza, um sinal evidente de que não houve erro ou obstáculo que obscurecesse a resposta buscada. O depoimento de Kátia Silveira ressoa como uma confirmação da Governança Espiritual. Xangô, o senhor da justiça, alafiou, pronunciou um sim retumbante.

VI.7 A Governança Espiritual tecendo redes virtuais e físicas

Na presença da Governança Espiritual, a beleza e imponência da Pedra de Xangô constituem um fenômeno que atrai simpatizantes e colaboradores, tanto através das redes sociais quanto por meio da visita ao sítio natural sagrado afro-brasileiro. A energia do território impacta positivamente as pessoas, fazendo com que se sintam coparticipantes na luta em defesa do patrimônio cultural. Neste subcapítulo, abordarei a tessitura em rede protagonizada pelo orixá Xangô.

Segundo Tofani (2020), no Brasil, as comunidades essencialmente ligadas a bens patrimoniais são denominadas "comunidades depositárias", termo que tem gradualmente ampliado para "comunidades guardiãs". Atribui-se tal mudança à Constituição Federal de 1988, que empregou o conceito de função social da propriedade com o objetivo de salvaguardar o patrimônio cultural brasileiro. Esse conceito não invalida o direito à propriedade, mas restringe seu uso em prol do interesse coletivo. Além disso, a Constituição estabeleceu o conceito de responsabilidade compartilhada pelos bens patrimoniais entre o Poder Público e as comunidades locais. Portanto, as comunidades recebem os bens em depósito e contribuem ativamente para sua preservação e proteção, na qualidade de guardiães.

Especialistas e instituições dedicadas à conservação do patrimônio cultural e natural, compartilham o ponto de vista de que apenas preservamos aquilo que conhecemos e que possui significado para nós. Para que algo tenha significado, é essencial compreendê-lo e, sempre que possível, vivenciá-lo. Esse princípio da conservação tem como base a hipótese de quanto melhor compreendido e experimentado um bem patrimonial for, maior será seu valor social e o respaldo político para sua contínua preservação. Ademais, é importante viabilizar o acesso qualificado a esse bem a todas as pessoas que possam contribuir, direta ou indiretamente, para sua conservação (Tofani, 2020).

O acesso acontece através de duas categorias que são relativamente autônomas, mas atingem seu potencial máximo quando experimentadas juntas. A primeira categoria, intitulada de "acesso abstrato", cuida das publicações e mídias destinadas a diversos públicos, oferecidas em vários formatos, contendo informações e análises que viabilizam a compreensão de todos ou alguns aspectos do bem patrimonial. A

segunda categoria, conhecida como "acesso concreto", envolve infraestruturas e serviços que permitem a experiência do bem patrimonial por diferentes públicos, ou pelo menos de suas dimensões públicas. O acesso concreto deve respeitar a capacidade de suporte do bem e, se necessário, ser concedido apenas aos seus detentores ou guardiões (Tofani, 2020).

A apropriação social das tecnologias da informação e comunicação, como o uso das redes sociais, em particular o perfil do Instagram @pedra.de.xango, não apenas serviu como um diário de campo, registrando as atividades culturais e outros eventos no Parque Pedra de Xangô, mas ampliou a voz da comunidade de terreiro em defesa do direito à cidade. Inúmeras transmissões de *lives* foram realizadas no perfil. Convém destacar, a *live* promovida pela Fundação Gregório de Mattos (FGM), em seu canal do YouTube, intitulada "Pedra de Xangô: símbolo pelo direito à cidade" (Figura 92), contribuindo de forma significativa para esse propósito.

Figura 92 – Pedra de Xangô: símbolo pelo direito à cidade.



Correio 24h 5

BAHIA

UFSB: Muniz Sodré dará aula magna no curso de jornalismo

UNIVERSIDADE A Universidade Federal do Sul da Bahia lançará, na próxima terça-feira (2), às 19h, o seu curso Bacharelado em Jornalismo. A inauguração das atividades será feito com aula magna de Muniz Sodré, jornalista e sociólogo baiano, professor emérito da Escola da Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele falará sobre 'Jornalismo contemporâneo no Brasil: uma análise crítica'.

O curso será vinculado ao Centro de Formação em Artes e Comunicação da universidade.

A instituição afirmou que a nova faculdade assume o desafio da formação de profissionais comprometidos com o meio, o território, sua comunidade e com o desenvolvimento regional, evidenciando a pluralidade étnica e cultural local e proporcionando soluções criativas para o mercado da informação e comunicação.

A transmissão do evento será pelo YouTube.

Pedra de Xangô: símbolo pelo direito à cidade

TEMA DE LIVE Justiça, respeito, reconhecimento e direito à memória são pautas pelas quais o povo de santo luta há anos. A Pedra de Xangô, patrimônio de Salvador tombado em Cajazeiras, é um dos símbolos dessa luta. Ontem, ela foi tema da edição 2021 do evento 'Patrimônio É...', da Fundação Gregório de Mattos, que discutiu a importância do espaço, de sua preservação e como toda essa batalha por reconhecimento simboliza a busca pelo direito à cidade por parte da população negra e religiões afro em Salvador.

O evento foi virtual e contou com a participação de vários especialistas, mediados por Gabriella Melo, historiadora e gerente de Patrimônio Cultural da FGM.

O professor Fábio Velame, Doutor e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Ufba, disse que falar de direito à cidade é falar de direito à memória, existência e presença negra na cidade de Salvador. De acordo com ele, a história de Cajazeiras sofre de um apagamento histórico cruel. Ignoram-se todas as tribos indígenas, principalmente tupinambás, e quilombos de escravizados fugidos instalados no local.

"Iniciativas como o tombamento da Pedra de Xangô e a construção do seu Parque dão aos povos de matriz africana, aos negros e indígenas o direito de estar ali na história daquele lugar", afirmou ele.

Foram propostas reflexões sobre a preservação e manutenção em torno do patrimônio

"Iniciativas como o tombamento da Pedra de Xangô e a construção do seu Parque dão aos povos negros e indígenas o direito de estar ali na história daquele lugar Fábio Velame

Por meio da Secretaria de Sustentabilidade, Inovação e Resiliência (Secis), o local passou a fazer parte da Área de Proteção Ambiental (APA) do Vale da Avenida Assis Valente e Parque em Rede Pedra de Xangô, que criou o projeto Parque Pedra de Xangô, fruto de uma antiga demanda da comunidade de Cajazeiras e das religiões de matriz africana.

A ordem de serviço para a execução da obra de implementação foi assinada em fevereiro de 2020.

Atualmente, a Pedra de Xangô está envolvida por uma vegetação remanescente de Mata Atlântica. Com a construção do parque, o objetivo é que a estrutura seja preservada. A obra é um pedido antigo de estudiosos e adeptos das religiões de matriz africana.

Diretor da Fundação Gregório de Mattos, Fernando Guerreiro afirmou que a discussão pretendeu esclarecer questões sobre o patrimônio material e imaterial da cidade. Segundo ele, começar o ano falando sobre a Pedra de Xangô torna as coisas ainda mais especiais porque ela foi o primeiro patrimônio tombado pelo município, há 8 anos.

Fonte: Correio 24h (2021).

Com o objetivo de avaliar a eficácia, eficiência e efetividade da apropriação social das tecnologias de informação e comunicação (@pedra.de.xango) como diário de campo da pesquisa e portal de “acesso abstrato” ao bem patrimonial, selecionei 6 (seis) seguidores para serem entrevistados, tendo como parâmetro o grau de participação e engajamento com o perfil. Os seguidores selecionados foram: Helen Diogo (Rio

Grande do Sul), OPR (Alemanha), Renata Coração (Minas Gerais), Diana Soares (Manaus), Osvaldo Copque (Salvador).

A entrevista aplicada continha 12 (doze) perguntas e as respostas concedidas pelos seguidores trazem elementos e informações para melhor entendermos a presença da Governança Espiritual no Parque Pedra de Xangô. As entrevistas tiveram como finalidade compreender como Xangô chegou em cada casa, em cada coração e se o diário de campo virtual cumpriu com o seu propósito. Transcrevo a seguir trechos dos depoimentos.

Helen Diogo é uma mulher negra de axé, atualmente em formação como jurista, além de ser doutoranda e pesquisadora. Também é escritora de poéticas e reside no Rio Grande do Sul. Ela relata que teve conhecimento do Parque Pedra de Xangô por meio do perfil do Instagram @pedra.de.xango e nunca esteve no local pessoalmente. Todo o acompanhamento e interação foram realizados por meio das redes sociais. Salientou, ainda, que “o perfil é mais que um espaço virtual de divulgação, mas sobretudo, um portal de saberes ancestrais e afro-diaspóricos, os quais consolida uma rede de vivências, experiências, pessoas, natureza, divindades entre outros”. (Diogo, 2022)

OPR[105] é uma mulher de 40 anos, filha de pai cubano e mãe brasileira, reside na Alemanha, mas busca manter suas origens. Acredita na Governança Espiritual, já participou de um ritual no Parque Pedra de Xangô. Indagada se conhecia o perfil do Instagram @pedra.de.xango afirmou que “conheço e, para mim, é de grande valia, pois, mesmo de longe posso acompanhar os acontecimentos e me manter informada” (OP, 2022).

Renata Coração, uma mulher branca, mãe, capoeirista, dançarina, MC e professora de inglês e Art Escolar, residente em Minas Gerais. Acredita em Governança Espiritual. Conhece a Pedra de Xangô. Questionada se conhece o perfil do Instagram @pedra.de.xango e como avalia, dissera: “Sim. Perfil necessário e de importante influência na acessibilidade e cuidado com o parque, com as comunidades de

[105] O.P.R foi uma das entrevistadas da pesquisa. No Termo de Consentimento Livre Esclarecido autorizou, apenas, a publicação das iniciais do seu nome.

terreiros, respeitando e colaborando com os princípios que regem o comportamento e espiritualidade afro-brasileira” (Coração, 2022).

Diana Soares Costa, mestra em engenharia, doutoranda em arquitetura e urbanismo pelo PPGAU-UFBA. Acredita e respeita a importância da Governança Espiritual e que sua existência é uma resistência em um país cujo racismo é estrutural. Não conhece o parque, o único acesso é pelas redes sociais. Quando questionada sobre seu conhecimento e avaliação do perfil do Instagram, ela respondeu:

> Ao entrar na UFBA para cursar a pós-graduação em arquitetura, vi uma divulgação em 08/01/2020 na universidade de que uma pesquisadora baiana faria uma fala em Havard sobre a Pedra de Xangô e fui buscar mais informações sobre o assunto e encontrei o perfil no Instagram. Achei potente ver uma mulher, em um lugar de poder falando sobre sua cultura e fiquei muito feliz, mas não sabia que a pesquisadora era da pós-graduação em arquitetura e urbanismo. Fui descobrir depois que a conheci como representante discente e consegui ligar o perfil do Instagram à pessoa da pesquisadora em destaque (Costa, 2022).

Osvaldo Copque, um homem negro, sexagenário, deficiente físico que utiliza uma bengala, possui formação em turismo pela Fundação Visconde de Cairu – FVC, especialista em currículo de formação pela Universidade Estadual da Bahia - UNEB, pesquisador e articulista das tradições de matriz africana e das ações antrópicas do turismo étnico afro. Como praticante do Candomblé, foi iniciado por Mãe Menininha do *Gantois*. Embora nunca tenha ido à Pedra de Xangô, teve conhecimento do monumento por meio da divulgação nas redes sociais, do perfil do Instagram @pedra.de.xango, da página do Facebook, YouTube e do livro "Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador".

Perguntado sobre como avalia o perfil do Instagram @pedra.de.xango afirmara:

> Um diário de bordo inovador para o nosso contexto contemporâneo. Imagens contando a história do lugar e traduzindo as manifestações culturais de quem visita o equipamento. A criação desse perfil resgata a cultura dos antigos almanaques. A sacada estratégica merece várias salvas de aplausos. Belíssimas imagens acompanhadas de textos leves, suaves e informativos, em que a concisão e objetividade são marcas peculiares de sua identidade. A estruturação do link de sua bio muito bem definida, com o desenvolvimento das suas ações sempre atualizadas (Copque, 2022).

Os depoimentos acima transcritos evidenciam que o perfil do Instagram @pedra.de.xango atua como um diário de campo da pesquisa e um meio de acesso

abstrato. Dessa forma, ele contribui significativamente para a divulgação, salvaguarda e proteção do sítio natural sagrado.

A Governança Espiritual da Pedra de Xangô resultou na visita presencial de cientistas, turistas, educadores e outros representantes da sociedade civil. Essa visita se estendeu para além das fronteiras locais, chegando em outros países, como Estados Unidos, Alemanha e Portugal, e em vários estados brasileiros, como Rio Grande do Sul, Manaus e Minas Gerais, através do perfil @pedra.de.xango e do site <www.pedradexango.com.br>.

O caso da Pedra de Xangô oferece valiosas percepções sobre redes e apropriação social das tecnologias da informação e comunicação. Este caso exemplifica como uma luta que inicialmente se limitava a um território físico expandiu-se para se tornar uma luta em rede em um espaço virtual, atravessando diversos territórios e movimentos. (Carvalho *et al.*, 2023).

No contexto das redes físicas, os depoimentos de Marcelle do Vale, Airton De Grande e Clara Domingas dão uma dimensão de quanto à atuação em rede, na modalidade física, é um campo fértil para o desenvolvimento de ações que visam promover a Governança Espiritual, a proteção do patrimônio cultural (material e imaterial), o patrimônio natural, bem como a sustentabilidade do planeta.

Marcelle do Vale, identifica-se como negra de pele clara, bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da UFBA - FDUFBA servidora pública do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia - TJBA, coordenadora de ações socioambientais do Instituto Búzios, ex-conselheira do Conselho Gestor do Parque de Pituaçu, em Salvador-Bahia.

> A respeito do primeiro contato com a Pedra de Xangô revela que: Meu primeiro contato com Pedra de Xangô se deu participando de uma apresentação dos estudos, num terreiro, pela sua mentora principal, a Drª Maria Alice Silva, quando fui acompanhando o meu companheiro que é atuante na política partidária. Naquele momento presenciei um conflito e todas as implicações da governança espiritual que antecede à sua materialidade institucional. Não considero coincidência. Foi um chamado a me impulsionar o envolvimento. Naquele momento já estava caminhando no ativismo socioambiental cotidianamente, participando de conselhos gestores de unidades de conservação. Sou de Ilhéus, desde nova sair, por sobrevivência, muito cedo das relações comunitárias, meu sentimento é de que não sou daqui, nem muito de lá. Portanto minha participação no ativismo não se dá pelo comunitário, se dá pelo conhecimento formal e informal. No comunitário sinto envolvida numa missão, a emancipação política e social dos

> interesses coletivos. Com Pedra de Xangô sinto integrar a missão de a reconhecer como sítio sagrado em rede (Vale, 2022).

Como a rede em defesa da Pedra de Xangô pode contribuir para a preservação do Parque de Pituaçu?

> [..] Do ponto de vista sociopolítico, o conhecimento acumulado e a luta por institucionalização e reconhecimento do território Pedra de Xangô são exemplos. Exemplos de perseverança e governança [..] a meu ver atuar em rede não só de pessoas, mas, também, rede de sítios históricos sagrados, garantindo as especificidades locais, contribuirá para a preservação de Pedra de Xangô e dos outros sítios históricos e ricos em biodiversidade planetária (Vale, 2022).

Marcele do Vale enfatizou a relevância da Governança Espiritual na construção do Memorial do Parque Pedra de Xangô. Em seu depoimento, fica evidente a valorização da colaboração em rede entre indivíduos e locais sagrados históricos, visando à preservação e proteção do ecossistema.

Airton De Grande, brasileiro, branco, graduado em jornalismo pela Universidade de São Paulo - USP, mestre em multimeios pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, é analista ambiental do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais- IBAMA desde 2003, atuando na superintendência do órgão em Salvador-Bahia. Não possui religião, tampouco pratica a crença em alguma divindade, mas acredita “que muitas pessoas demonstram fé nas tradições de origem africana e dirigem suas vidas de acordo com esses pressupostos – o que muito respeito e admiro” (De grande, 2022).

Indagado sobre que mensagem deixaria aos órgãos públicos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador, assim se pronunciou:

> A tradição nos conta que a Pedra de Xangô salvou muitas vidas de pessoas escravizadas que, em sua fuga desabalada, conseguiram a liberdade através daquela rocha. Só isso já seria suficiente para a conservação desse monumento e toda a área do seu entorno. Mas, basta observar um pouco mais para perceber que a Pedra de Xangô ainda continue salvando gente, pois aglutina pessoas para seus cultos, para sua reflexão sobre a vida, para o enfrentamento de seus problemas, para o agradecimento. Assim, a Pedra de Xangô deve ser entendida como um ponto alto e nobre do processo civilizatório humano, pois em torno dela circulam as soluções para uma vida melhor de cada indivíduo que procura e, portanto, para a vida melhor de toda a coletividade. Olhar e proteger a Pedra de Xangô é demonstrar carinho pela sociedade que a rodeia, é proteger a nós mesmos do pior dos perigos que nos ameaçam: o retrocesso civilizatório.

A declaração de Grande revela que, mesmo não professando uma religião específica, ele reconhece a Pedra de Xangô como um símbolo que atrai as pessoas para seus rituais, atuando como uma defensora. Ele a vê como um ícone que promove ideias e soluções para melhorar a vida da comunidade. Com esse comentário, o entrevistado admite a agência de uma entidade no sítio natural sagrado, que emana força, poder e energia, a Governança Espiritual.

Clara Domingas (2022), já citada no presente capítulo, ao narrar o episódio da retomada ancestral entre Pedra de Xangô e *Abaité*, é uma outra voz na defesa da Governança Espiritual, da patrimonialização dos sítios naturais sagrados, da atuação em rede. Sua fala é contundente, veja-se:

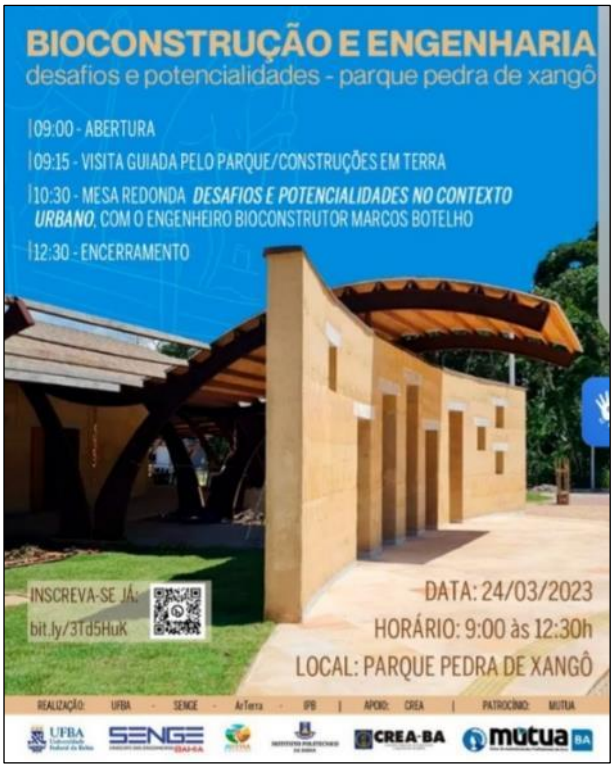
> Foi-se o tempo em que o Patrimônio era visto como um bem nacional, articulado para fortalecer o Estado Moderno, com suas relações verticalizadas, suas estruturas de hierarquia e desigualdades. Antes, patrimonializa-se a "história dos vencedores" com heróis e conquistas de grupos hegemônicos, enquanto negros e indígenas ficavam no papel secundário. Mas hoje, com o empoderamento desses grupos sociais, estamos construindo uma nova forma de compreender o patrimônio, reivindicando a participação e interagindo com políticas públicas e instituições governamentais. O tombamento da Pedra de Xangô e a construção do Parque em rede, que traz um orixá em seu nome pela 1ª vez no Brasil, abre caminhos para o fortalecimento de movimentos sociais, que, em seus territórios, começam a discutir os seus próprios conceitos e compreensões de seus bens culturais, suas próprias formulações sobre o ambiente, sobre habitabilidade e proteção dos diversos modos de vida. Estamos oxigenando o debate em torno do campo patrimonial. Nós valorizamos a memória histórica, transmitida por meio da oralidade e da roda, sem negar as transformações e os avanços da nossa sociedade. Analisamos a experiência singular do Parque Pedra de Xangô como capaz de ampliar a participação de grupos sociais antes excluídos do contexto de Patrimonialização. Nós somos agentes sociais de transformação e estamos aprendendo a atuar em rede, em bando, para construir irmandades de luta. Não aceitamos mais supremacias de uma cultura sobre a outra. Esperamos do Município e de outras instâncias governamentais, o mesmo tratamento sensível dado à Pedra de Xangô, também aos outros parques, áreas verdes e localidades sagradas da cidade de Salvador (Domingas, 2022).

O discurso de Clara Domingas vai ao encontro dos diálogos e considerações trazidas por Duarte (2014), Silva (2017; 2019), Cunha Júnior (2023) e outros autores na introdução desta tese. Daí a necessidade urgente de aprimorar as práticas de intervenções nos espaços públicos, criando mecanismos que garantam a consulta prévia à Governança Espiritual Afro-brasileira; a obrigatoriedade de elaboração de diagnóstico de impacto sociocultural e ambiental precedendo as intervenções públicas e privadas de importância, tanto em áreas urbanas quanto rurais, com o objetivo de preservar o patrimônio cultural, material, imaterial e natural.

VI.8 O que ficou no meio do caminho

Muito embora o projeto arquitetônico do Parque Pedra de Xangô tenha atendido, em tese, às ordens da Governança Espiritual e às expectativas das comunidades de terreiros, tornando-se um projeto exitoso, de referência no contexto estadual (Figura 93)[106] e nacional[107] [108], algumas etapas não foram executadas e merecem ser aqui contextualizadas.

Figura 93 – Bioconstrção e engenharia: desafios e potencialidades - Parque Pedra de Xangô.



Fonte: UFBA (2023).

Ao analisar o projeto executivo e a construção do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô, observa-se uma divergência entre os critérios estabelecidos no projeto e o que foi efetivamente realizado. Esta discrepância compromete não apenas

[106]Bioconstrução e engenharia: desafios e potencialidades – Parque Pedra de Xangô. Disponível em: <https://www.creaba.org.br/38335-2/.

[107]Soluções baseadas na natureza: exemplos implementados por cidades brasileiras | ArchDaily Brasil. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/991534/solucoes-baseadas-na-natureza-exemplos-implementados-por-cidades-brasileiras>.

[108]Bioconstrução. Programa Cidades e soluções. André Trigueiro. Disponível em: < <https://www.instagram.com/reel/Cxl5qu-vScm/?igshid=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D>.

a qualidade do projeto, mas também descaracteriza o conceito singular proposto que integra natureza, arquitetura e espiritualidade.

A edificação do projeto arquitetônico e urbanístico deixou de contemplar os seguintes itens:

I. coberturas planas, sobre as lajes impermeabilizadas, tetos verdes, a fim de garantir a redução da carga térmica, do consumo de energia e contribuir para uma maior integração paisagística com o entorno, favorecendo o microclima local;
II. a camada da intimidade, o coração do projeto arquitetônico. Essa camada é dentro da mata, é para ninguém vê, de uso exclusivo dos adeptos do candomblé e se destina a rituais mais privados do Povo de Terreiro nos espaços públicos. Ela foi pensada para atender a maioria das comunidades de terreiros da cidade de Salvador, considerada terreiros de laje, ou seja, aqueles que não possuem espaços matos nas suas dependências para a realização dos rituais;
III. o memorial a céu aberto prospectado para abrigar e contar a história do povo negro e as narrativas do Povo de Terreiro em defesa da Pedra de Xangô, além de servir como espaço para a apresentação da cultura afro-brasileira e exposição de trabalhos relacionados.

A fragmentação do projeto compromete a sua linguagem, qualificação da paisagem, promoção do conforto ambiental, a desvalorização do espaço construído, além de promover um distanciamento do entendimento das funções religiosas e ecológicas exercidas pela cobertura vegetal em área de grande ocupação urbana. A falta de implementação do telhado verde, comprometeu de muito a proposta de promover a eficiência energética, o conforto térmico e acústico nos espaços internos, bem como a biodiversidade, a expansão das áreas verdes e a atração de pássaros, insetos e polinizadores.

Cada espécie vegetal planejada é fundamental para o desenvolvimento das atividades rituais e sagradas ali realizadas, devendo estar imbuída de significados que inspirem devoção.

Importante ressaltar que a manutenção do projeto implantado corretamente, sem interferências que descaracterizem o conceito, passa necessariamente pela sensibilização da população através de projetos de educação ambiental para que a comunidade local se torne um agente multiplicador, garantindo às futuras gerações o direito ao desfrute da natureza.

Acreditando na premissa de que o projeto seria implantado corretamente, à época recomendou-se a implementação de um Plano de Manejo para proteger a paisagem do entorno do Parque de interferências pontuais que pudessem descaracterizar o conteúdo do árduo trabalho de pesquisa e observação, a qual resultou no estudo aprovado tanto pelos órgãos públicos quanto pela comunidade.

Por fim, não se deve contrariar de onde o poder emana: orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados exigem a presença de cada espécie vegetal que compõem o espaço projetado, porque assim foi determinado, sob pena de resolvê-las de modo incomum e imprevisível!

O equipamento de apoio do parque foi concebido com a finalidade de salvaguardar, auxiliar e, ao mesmo tempo, potencializar as manifestações culturais que acontecem na Pedra de Xangô, tendo como princípio basilar a Governança Espiritual Afro-brasileira.

Como mencionado na introdução da tese, *Sankofa* é um símbolo africano que recomenda retornar ao passado para buscar, reivindicar, reviver tudo o que ficou no caminho perdido, esquecido. Com base nesta pesquisa, espera-se que o poder público municipal, responsável pela edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô, possa voltar ao passado, resgatar o que foi deixado para trás, aprender com o presente e moldar o futuro.

Antes de concluir este capítulo, é preciso responder à pergunta que permeou toda a pesquisa: A Governança Espiritual Afro-brasileira influenciou o conceito projetual do Memorial do Parque Pedra de Xangô? Para responder tal indagação, apresento a seguir o subcapítulo *O segredo é a preservação do sagrado.*

VI.9 O segredo é a preservação do Sagrado

Às vésperas da defesa da minha tese fui convocada a participar de uma reunião do Grupo Baobá. O convite partiu do Agbagigan Everaldo Duarte, portanto, era uma ordem. Eu enfrentava um bloqueio na escrita. O prazo para a entrega da versão final da tese à banca examinadora estava com os dias contados. A preocupação me consumia, especialmente, por precisar explicar com detalhes a presença oracular e mediúnica da Governança Espiritual Afro-brasileira na edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Assim, mesmo cheia de afazeres, numa manhã de domingo, rompi com a solidão acadêmica e atravessei a cidade para ir ao encontro do Grupo Baobá, no terreiro Casa Branca – Vasco da Gama. Uma inexplicável alegria me envolvia durante o trajeto. Após mais de um mês em reclusão, como uma eremita absorta na revisão final do texto, eu me preparava para mudar minha rotina. A ida ao terreiro Casa Branca ganhava um significado especial que eu ainda, não sabia decifrar. Ali, eu trocaria a cartilha "Encantos da Preservação", escrita por Ekedy Sinha; mas, também, teria a oportunidade de vivenciar, pisar o chão do terreiro da Casa Matriz do Candomblé, a fonte da sabedoria ancestral.

No ar, uma sensação de que algo me seria revelado. Assim, passei pelo bambuzal, cumprimentei *Oyá*. Ela me deu as boas-vindas, acariciando meu rosto com uma brisa suave. Ao adentrar no Espaço Cultural Vovó Conceição, pedi a bênção aos membros do grupo Baobá. Expressei meu apreço e alegria em participar da reunião e sugeri o lançamento do livro de Ekedy Sinha no Parque Pedra de Xangô. Ideia prontamente acolhida por todos.

Desfrutar da companhia do Grupo Baobá é um privilégio, uma dádiva ouvir Agbagigan Everaldo Duarte, Ekedi Sinha, Alagbá Genaldo, Iya Suely e o Ogã Roberto Rodrigues. É um encantamento, um banquete para a alma. Ninguém permanece o mesmo, após escutar as palavras dessas autoridades religiosas.

Dessa maneira, mantive-me atenta, esperançosa de capturar cada palavra pronunciada. Meu cérebro funcionou como um gravador, incumbido de guardar cada ruído, cada sopro na memória. Em dado momento, Alagbá Genaldo iniciou uma fala

sobre a música de Candomblé, destacando que ela poderia transcender os limites do terreiro, desde que adaptada, substituindo as palavras mágicas da letra.

Com essa revelação do líder religioso, que ocupa uma posição de destaque no Culto aos *Eguns*, a tese encontrou seu caminho de volta aos trilhos. "Segredo, segredo, segredo" — a resposta para a banca estava contida na expressão mágica "O segredo do sagrado", tão familiar em meus raros encontros com o Grupo Baobá ao longo dos anos.

Saltitando de alegria, no dia seguinte, enviei uma mensagem ao meu orientador espiritual, Agbagigan Everaldo Duarte, pedindo-lhe, a gentileza, de elaborar alguma escrita sobre o mistério do sagrado. Uma resposta bela e esclarecedora me foi prontamente enviada, eis a seguir na íntegra:

> Em épocas passadas a gente, sacerdote da religião afro-brasileira, podia se sentir mais seguros ao passar essa ou aquela informação para a formação de outras pessoas. Valia a pena confiar. Passado algum tempo a confiabilidade de vários indivíduos foram apagadas e desviadas para atividades desonestas e perigosas. Desonestas, pois essas informações passaram a ser comercializadas para algumas atividades falsas. Perigosas em face ao uso desconhecido ou não recomendado para esse ou aquele fim. Quando a gente abre um processo de ajuda a um determinado consulente ou a uma causa a gente inicialmente analisa, através de meios próprios, se as solicitações são honestas e merecem a interferência do sagrado. A partir daí se prosseguem ou não as consultas e os passos a serem seguidos. A cada fase do processo novas consultas se efetuam e novas ações são elaboradas pelo sagrado e seguidas até o final da causa ou da construção do objeto desejado. Não recomendamos, por razões óbvias, a revelação de como se comunicar e obter a colaboração do sagrado nem de como entender as suas vontades. Cada sacerdote tem o seu próprio método e sua mediunidade variando conforme sua Nação e sua iniciação (Duarte, 2023).

A resposta de Duarte, sobre o mistério do sagrado, trouxe um novo alento a pesquisa. Corroborando com a fala do Agbagigan, Muniz Sodré (2008, p.94) ressalta que o "axé é força que se acumula, se distribui e se perde. Para evitar a perda e o desequilíbrio, é preciso conhecer o caminho, manter o respeito, cumprir o preceito e guardar o segredo".

A tese, que já trilhava um caminho promissor com as experiências e depoimentos dos participantes do projeto, encontrou sua plenitude. Era o líder espiritual do Grupo de Trabalho Externo (GTE) de implantação do Parque Pedra de Xangô que delineava até onde eu poderia avançar. O encontro no Terreiro Casa Branca, a troca da cartilha "Encantos da Preservação" e os conselhos sábios do Grupo Baobá contribuíram para

uma compreensão mais aprofundada da conexão entre o sagrado, o material e o imaterial no processo de edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô. Assim, finalizo este capítulo com a consciência de ter compartilhado aquilo que me foi autorizado descrever.

Quem sabe é Deus
Vivo ao Deus dará
Vencerei, vencerei, vencerei sempre
Terei que lutar
Quem sabe é Deus
Vivo ao Deus dará
Vencerei, vencerei, vencerei sempre
Terei que lutar
É com o machado de Xangô
Que a justiça reinará
Axé, Axé, Salvador
A vida vai ter que mudar.

(Saulo Barbosa e Jaime Sodré)



Parque Pedra de Xangô.

Foto: Airton De Grande (2023)

CAPÍTULO VII. É COM O MACHADO DE XANGÔ

A concepção da Justiça de Xangô e a Governança Espiritual Afro-brasileira resgatam com veemência as batalhas negras que foram silenciadas pelo poder dominante. Elas não apenas representam uma abordagem pioneira no contexto do constitucionalismo contemporâneo e dos direitos fundamentais, mas também afirmam de forma contundente um modelo de direito que não tolera limitações nem universalidades. Pelo contrário, é um direito intrinsecamente antidiscriminatório, esboçando um constitucionalismo negro que visa erradicar implacavelmente todas as formas de violência e opressão enraizadas na cultura jurídica.

A Governança Espiritual Afro-brasileira, especialmente por meio de Xangô, representa ferramentas para a resolução de conflitos e atua como agenciadora de políticas públicas. No caso em estudo, a concretização do Constitucionalismo Negro é operacionalizada através da Justiça do Machado de Xangô, da orixalidade e dos rituais religiosos que acontecem na Pedra de Xangô, os quais visam reparar injustiças históricas.

Como mencionou o músico e poeta Caetano Veloso, "o Haiti é aqui[109]". A orixalidade, especialmente a de Xangô, compartilha saberes que constroem territórios de poder, justiça e desenvolvimento, visando viabilizar um Estado Democrático de Direito e uma justiça emancipadora. O Constitucionalismo Negro expressa uma semântica de justiça vivida no território e na territorialidade, buscando a consolidação de um Estado de direito efetivo que ilumine e valorize o indivíduo em suas múltiplas manifestações.

Assim, com o machado de Xangô, apresento sucintamente o papel fundamental da Governança Espiritual Afro-brasileira na inauguração, gestão e funcionamento do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. Adicionalmente, proponho

[109] VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. Haiti. Disponíveis em: Haiti - Caetano Veloso - LETRAS.MUS.BR. Análise da música "Haiti" do Caetano Veloso | Trabalhos feitos. “A música ‘Haiti’, escrita nos anos 90, “faz uma alusão (referência) à situação decadente do próprio Haiti. Além de ter sido o primeiro país a ter conquistado a independência na América Latina, o Haiti foi a única nação, desde a Antiguidade, que teve uma revolta de escravos bem sucedida. Em função disso, o Haiti possui uma população descendente de escravos que é extremamente pobre. A partir desse contexto, os compositores desenvolveram a letra dessa música com o objetivo de demonstrar a realidade brasileira em paralelo à realidade haitiana”. Acessos: 05/01/2021.

fortalecer a Governança Espiritual do sítio natural sagrado, com a implantação do Circuito de Arte Urbana, ressaltando a importância contínua desse aspecto na preservação e perpetuação desse patrimônio cultural, ambiental e espiritual.

VII.1 Êta, Êta no samba aqui nesta roda Xangô é quem manda: o papel das guardiãs da Pedra de Xangô

Às vésperas da inauguração da sede da Unidade de Conservação, as comunidades de terreiros fervilhavam com debates acalorados sobre disputas de narrativas, reivindicações de autoria e protagonismo no projeto. Entre os temas mais recorrentes nas rodas de conversa, destacava-se a insatisfação com o destaque dado apenas a uma liderança religiosa, ignorando o caráter coletivo e em rede do trabalho realizado. Este sentimento encontrava eco no slogan que ecoava nas mentes e nos corações das comunidades: “Pedra de Xangô é enredo, é rede” (Silva e Almeida, 2019).

Para resolver a controvérsia e restaurar a harmonia, as sacerdotisas mais experientes das comunidades de terreiros de Cajazeiras e região, lideradas por Mãe Dialá, reuniram-se em 18 de março de 2022. O ponto central da discussão foi assegurar a participação de todos os líderes religiosos no cerimonial de inauguração. Nesse instante, nasceu oficialmente o grupo das Matriarcas - Guardiãs da Pedra de Xangô, composto por mulheres maduras, acima dos 45 (quarenta e cinco) anos, incluindo Ialorixás e ekedes. Esse grupo emergiu com o propósito de fazer a diferença e promover a justiça, garantindo o reconhecimento de todos os envolvidos no processo de estabelecimento do equipamento de apoio.

A oficialização do grupo Guardiãs da Pedra de Xangô ressalta a união, competência, liderança e sabedoria das mulheres nos terreiros, que desempenham um papel fundamental na condução do candomblé, reforçando a percepção de que a religião, em sua essência, é matriarcal. No entanto, uma das primeiras controvérsias surgiu devido ao agendamento, sem consulta prévia às comunidades de terreiros, da data de inauguração do equipamento de apoio para 27/04/2022, o que gerou desconforto, apreensão e discordâncias.

A data proposta pelo Grupo de Trabalho Externo (GTE) da Pedra de Xangô foi 4 de maio de 2022, coincidindo com o aniversário de 5 (cinco) anos do tombamento da

Pedra de Xangô. Apesar das argumentações apresentadas, a prefeitura optou por ignorar o processo de escuta com o GTE da Pedra de Xangô, gerando grande polêmica na comunidade. Muitos envolvidos no processo não poderiam estar presentes no evento, o que causou frustração e descontentamento.

Em resposta à decisão abrupta do poder público e à injustiça perpetrada, a sacerdotisa Gayaku Sinay tomou posse de sua plataforma no Instagram e fez um vídeo de protesto. Nele, expressou sua indignação em relação à escolha da data para a inauguração do Parque Pedra de Xangô. Gayaku Sinay destacou o envolvimento do Povo de Terreiro desde o início da luta para preservar a pedra e a importância do projeto para a comunidade religiosa. Sua insatisfação decorre da falta de diálogo sobre a data da inauguração, apesar das sugestões feitas pelos representantes das comunidades de terreiros. Ela apelou ao prefeito Bruno Reis para reconsiderar a decisão e permitir que todos possam participar do evento no dia 4 de maio, uma data significativa para celebrar a conquista, segue a fala da sacerdotisa:

> Boa tarde a todos. Acredito que todos já me conhecem. Eu sou Gayaku Sinay, sacerdotisa responsável pelo terreiro *Vodun Kwe Tò Zò*. Eu venho aqui manifestar minha indignação por conta da data que foi escolhida para a inauguração do Parque Pedra de Xangô. Nós povo de santo. Todos que tiveram desde o primeiro dia dessa luta para que essa pedra não fosse implodida. Todos até o dia de hoje estamos apostando nesse projeto. Estamos deixando de viver muita coisa para acompanhar esse processo. E agora com sua edificação concluída, muitos de nós não estaremos presentes porque não houve diálogo com o povo de terreiro em questão da data da inauguração. Sugerimos, por diversas vezes, aos órgãos competentes que deixassem a inauguração para o dia 04 de maio, onde todos nós poderíamos estar juntos para comemorar essa conquista. Mas mesmo assim, não fomos ouvidos. O meu apelo fica aqui ao prefeito Bruno Reis, que reveja, repense, porque pra gente é muito importante está nesse dia (Gayaku Sinay, 2022)[110].

O vídeo rapidamente ganhou visibilidade, e em apenas duas horas, o prefeito emitiu um novo pronunciamento, alterando a data de inauguração para 4 de maio, uma quarta-feira — coincidentemente, o dia dedicado a Xangô. Essa mudança reflete a influência tanto de uma força espiritual quanto política proveniente do Povo de Terreiro, que desempenhou um papel fundamental na consolidação dos processos políticos, garantindo a preservação da diversidade cultural na formulação,

[110] Pronunciamento de Gayaku Sinay, em 25/04/2022 – Disponível em: < <https://www.instagram.com/reel/CcyOkUKDmCJ/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso 28/05/2022.

implementação e gestão das políticas públicas relacionadas ao Parque Pedra de Xangô.

Denise Silva (2019) destaca que a pretitude é uma brecha. Mais do que uma simples abertura, uma brecha é também um portal, e todo portal depende de um campo de força. Enquanto a modernidade representa um regime de restrição telepática, a performance preta, que cria portais e campos de força, é uma rebelião contra esse limite. É o constitucionalismo negro (Queiroz, 2021) em ação, o Povo de Terreiro transformando paradigmas e impondo ao gestor público uma nova abordagem na concepção e produção das cidades.

A celebração da expressão negra, personificada pela sacralidade feminina das Matriarcas - Guardiãs da Pedra de Xangô, e pelo sagrado masculino dos Babalorixás, Tatas de *Inquice, Dotés, Ogans*, *Agbagigans* e demais adeptos do Candomblé e Umbanda, ecoou através das melodias poderosas dos *alabês* durante a inauguração do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. A participação vibrante do Povo de Terreiro, imerso na cadência da música "Êta no samba, êta no samba, aqui nessa roda Xangô é quem manda", definiu o ritmo da celebração, ressaltando que é com o machado de Xangô que se superam os desafios, vencem as demandas.

As Matriarcas, veneráveis guardiãs da Pedra de Xangô, adentravam a roda com graça e devoção (Figura 94), proclamando os nomes dos orixás, *voduns* ou *inquices* que regem seus *oris* (cabeças). Celebravam a conquista, o triunfo alcançado, na roda, por meio de harmonias, cadências e passos entrelaçados.

Na dança sagrada da Governança Espiritual, na mágica circularidade, no fluir dinâmico do axé, ampliavam a roda, abrindo espaço para a divina presença, para que o Orixá da Justiça também descesse à terra e se juntasse à festividade em reverência e exaltação.

A inauguração atinge seu ápice na magnificência da presença de Xangô, a Governança Espiritual, que se manifesta através do babalorixá Josias de Xangô (Figura 95), abençoando o local, desdobrando-se em uma sinfonia de transcendência. Sob a orientação da ancestralidade, todos se entrelaçam, entremeando-se em uma teia indivisível de elementos: geologia, matas, céu, terra, ar, água, animais, pessoas

e divindades. Assim, em união, eles tecem e fortalecem o Parque Pedra de Xangô, um sítio natural sagrado.

Figura 94 – Matriarcas na inauguração do Parque Pedra de Xangô.



Foto: Marina Silva, Jornal Correio da Bahia (2022).

Figura 95 – Inauguração do Parque Pedra de Xangô. Babalorixá Josias de Xangô.



Fonte: Marina Silva. Jornal Correio da Bahia (2022).

As Guardiãs da Pedra de Xangô (Figura 96) preservam com zelo as tradições das religiões afro-brasileiras. Uma importante lição emerge para os órgãos públicos e para a sociedade: a implantação e gestão de Unidades de Conservação podem ser transformadas por meio deste novo enfoque, fundamentado em uma práxis inovadora que incorpora diversas redes de saberes e poderes. Nas sociedades negras africanas, as mulheres desempenham um papel crucial como mães e líderes. O poder do sagrado feminino não apenas envolve a capacidade de gerar vida, mas também sustenta outras formas de pertencimento e a preservação dos princípios ancestrais, uma prática que atravessa os tempos.

Figura 96 – As Matriarcas da Pedra de Xangô.



Fonte: Projeto GeoAfro (2023).

A mãe é reverenciada como uma figura quase divina por todos os africanos, uma fonte inesgotável de amor e proteção. Amadou Hampâté Bá, renomado escritor malinês, retrata essa sacralidade feminina em sua obra "Amkoullel, o menino fula", afirmando: “Tudo o que somos e tudo o que temos, devemos somente uma vez ao nosso pai, mas duas vezes à nossa mãe” (Hampâté Bá, 2003, p.51).

Passos (1996) e Reis (2003) destacam o papel da matriarca negra Zeferina na rebelião dos negros escravizados. Inicialmente reunidos em Cajazeiras, distrito de Pirajá, em 1826, os insurgentes deram início à Revolta do Urubu. No confronto

ocorrido em 17 de dezembro de 1826, entre o exército e os escravizados, os quilombolas proclamaram: "Mata branco: Viva negro!" A batalha foi feroz e as tropas governamentais empregaram armas de fogo, fazendo com que os quilombolas recuassem, enquanto a negra Zeferina continuava a lutar com arco e flecha até ser capturada (Passos, 1996, p.27).

Ruth Landes (1967), renomada antropóloga estadunidense, em seu trabalho "Cidade das Mulheres", oferece uma visão detalhada da vida afro-religiosa na Bahia dos anos 30, sendo aclamada como uma resenha clássica. Através de sua pesquisa, Landes explora a liderança das mulheres negras, que desempenham múltiplos papéis como mães, provedoras do lar e sacerdotisas. Ela destaca que, no contexto do Candomblé baiano, é comum que as mulheres alcancem notoriedade, enquanto para os homens serem reconhecidos como sacerdotes é uma tarefa árdua, quase tão desafiadora quanto dar à luz um filho.

Por sua vez, o antropólogo Júlio Braga (2014), em sua obra "Candomblé: cidade das mulheres e dos homens", apresenta uma leitura que busca retratar com maior precisão a dinâmica dos acontecimentos. Braga questiona a noção predominante de que o Candomblé é um território exclusivamente matriarcal, dominado apenas por mulheres. Ele argumenta que o Candomblé é uma cidade tanto de mulheres quanto de homens, citando líderes religiosos masculinos, como Martiniano do Bonfim, Bernadino, Joãozinho da Goméia, entre outros, que desempenharam papéis significativos na estruturação e consolidação da religião na Bahia.

Martiniano do Bonfim, em particular, emerge como uma figura proeminente. Colaborador próximo de Mãe Aninha, a *Obabii* do *Ilê Axé Opô Afonjá*, ele desempenhou um papel ativo na entronização dos Obás de Xangô, um Conselho de Ministros oficialmente estabelecido em 1937. Reconhecido nas tradições religiosas *jeje*-nagôs e conselheiro dos principais terreiros da Bahia, a atuação de Martiniano foi essencial na organização dos grupos de obás (Lima, 2010).

Apesar de reconhecer a importância da figura masculina, Tata Kasulembe destaca que o Candomblé é potencialmente uma religião matriarcal. Ele ressalta que o cerne

do Candomblé reside no despertar da ancestralidade por meio do renascimento, sendo o nascimento de um iniciado considerado um ato supremo[111].

> O recolhimento remete a gestação, o *ronkó* remete a um útero, a saída remete ao parto, o grito do nome remete a primeira fala e por aí vai. Não existe forma NATURAL de geração de vida humana que não seja através da MULHER. O protagonismo feminismo na origem do candomblé é inegável. A casa de Candomblé considerada a mais antiga teve como pilar de fundação 3 mulheres (*Yá Nassô, Yá Acalá e Yá Adetá*), outras figuras como: Menininha, Stela, Simplícia, Olga de Alaketu [..] ajudaram a alicerçar o *ketu*. No angola, não foi diferente, a figura mais marcante de registro histórico foi Maria Nenêm, figuras anteriores a ela, na sua grande maioria são mulheres, como é o caso de Mãe Silvana, Mãe Sabina, Mãe Naninha e Maria Calabetã. Pelo lado do *Fon*[112] impossível não citar Gayaku Luiza, Ludovina Pessoa, Mãe Romana de Posun, Mãe Nicinha, Mãe Runhó. (Tata Kasulembe, 2022).

Portilho (2021) ecoa a perspectiva de Tata Kasulembe ao enfatizar que o matriarcado no Brasil é uma corrente contínua, jamais perdida. Esta corrente simboliza a força vital da sobrevivência do povo negro, sendo a energia propulsora que conduziu a transformação da estrutura de vida, transitando de uma visão centrada no homem para uma que inclui outros seres.

> Só é possível entender o Matriarcado na medida em que levarmos em conta a morfologia social, as formas de sociabilidade e o contexto da pessoa na estrutura matriarcal. E é nesse momento que minha escrita convida você a retornar, fechar os olhos e se abrir para a escuridão do ventre, mergulhar com *word-sense,* no centro do útero, e sankofaquiar nos nossos berços civilizatórios (Diop,2010) afro-pindorâmicos (Santos, 2019). Para elaborar conceitos, racionalizar, refletir e transformar as elaborações em pensamento-sociopolítico, circularmente, em roda (Portilho, 2021, p.122).

Oyěwùmí (2021), filósofa feminista africana e autora de "A invenção das mulheres", ressalta que raça e gênero são construções coloniais associadas aos padrões de poder e conhecimento eurocêntricos. Na sociedade iorubá pré-colonial, não havia uma hierarquia baseada em diferenças anatômicas.

Antes da influência da colonização ocidental na sociedade iorubá, as categorias sociais de homem/mulher e masculino/feminino, onde o masculino era

---

[111] Candomblé é matriarcal. Tata Kasulembe. Disponível em:< <https://www.instagram.com/p/CdR3nS6sd2p/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso: 27/05/2022.

[112] Fon – É o nome de uma etnia localizada no Benin antiga Daomé.

presumivelmente superior e, portanto, uma categoria dominante, eram conceitos estranhos para muitas culturas africanas (Oyěwùmí, 2004).

Na estrutura social iorubá, a regra fundamental era a senioridade, organizando as pessoas de acordo com suas idades cronológicas. Não havia uma divisão rígida entre homem e mulher em Iorubelândia. A pessoa mais velha, independentemente do sexo anatômico, detinha o poder sobre a pessoa mais jovem nas relações sociais, de acordo com a variação da faixa etária. A idade era o critério que determinava as hierarquias, seguindo a ordem das *abikus* (aqueles que não querem nascer), crianças, jovens, adultos, anciãos e ancestrais (*gelédes*, *egungun*) (Oyěwùmí, 2021 e 2004)

Na diáspora africana, nos terreiros e quilombos, a lógica é semelhante à descrita por Oyěwùmí (2021, 2004). São realidades complementares, onde prevalece o princípio da senioridade, determinado pelo tempo de iniciação e não pelo número de anos de existência das pessoas (Santos, 2008).

No processo de concretização do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô, ressalta-se, pela primazia da senioridade, a contribuição especial de Agbagigan Everaldo Duarte e Taata Muta Imê, os mais antigos em sua iniciação. Mãe Dialá e Mãe Cassuté personificam o coletivo "As Matriarcas – Guardiãs da Pedra de Xangô". Esses líderes religiosos desempenharam funções essenciais como mediadores e conselheiros na concepção e execução do projeto arquitetônico, dedicando suas vidas para fazer da utopia do Parque Pedra de Xangô uma realidade.

As batalhas foram travadas em redes, no solo, nos terreiros, nos territórios (Diogo, 2021), em círculos, nas rodas, nos *xirês*. Por mais de uma década, as Matriarcas defenderam a pedra, sustentando o movimento de resistência para (re)existir. Ao mesmo tempo, eram guardiãs de seus corpos, de sua herança, de seus antepassados (Fanon, 2008), e do ecossistema.

A cerimônia pública de inauguração do equipamento de apoio recebeu ampla cobertura na mídia impressa[113], nos telejornais locais[114], estaduais[115], e nacionais[116]. A cidade de Salvador brilhava em festa, celebrando a pioneira criação do primeiro parque no Brasil a ostentar o nome de uma divindade afro-brasileira. Os rituais, com os "toques de angola, de *jeje*, nagô, sons de atabaques de todas as nações", ressoavam, enquanto indígenas, quilombolas e adeptos das religiões de matriz afro-brasileira desempenhavam papéis destacados, persistindo na resistência e clamando por justiça.

VII.2 A Governança Espiritual na gestão e funcionamento do Parque Pedra de Xangô

A Secretaria de Sustentabilidade, Resiliência e Bem-Estar e Proteção Animal (SECIS), órgão integrado ao SAVAM – Sistema de Áreas de Valor Ambiental e Cultural, é o órgão responsável pela gestão do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. Azonsi Pedro Victor Almeida Dias, adepto do Candomblé, herdeiro da Pedra do Trovão (Terreiro *Vodun Kwe Tò Zò*) foi o escolhido para exercer o cargo de colaborador técnico-administrativo e gestor do Parque Pedra de Xangô.

Essa escolha reverencia a tradição da Governança Espiritual que sempre guiou o sítio natural sagrado. Para garantir que as diretrizes dos orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados continuem sendo seguidas e respeitadas, foi determinado que um representante das religiões de matriz afro-brasileira ocupasse o cargo de encarregado administrativo do equipamento de apoio do parque.

---

[113] Nunca antes o povo de santo foi tão reconhecido', diz Bruno ao inaugurar o Parque Pedra de Xangô. Disponível em: <https://politicalivre.com.br/2022/05/nunca-antes-o-povo-de-santo-foi-tao-reconhecido-diz-bruno-ao-inaugurar-parque-da-pedra-de-xango/. Acesso: 27/05/2022.

[114] Parque Pedra de Xangô é inaugurado em Salvador. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/parque-pedra-de-xango-e-inaugurado-em-salvador/. Acesso: 27/05/2022.

[115] Parque Pedra de Xangô é inaugurado em Salvador. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/parque-pedra-de-xango-e-inaugurado-em-salvador/. Acesso: 27/05/2022.

[116] Parque Pedra de Xangô completa 5 anos de tombamento. BANDCIDADE. Disponível em: <https://youtu.be/KBNOBU0wLGw. Acesso: 27/05/2022.

Minibiografia do gestor do Parque Pedra de Xangô

Azonsi Pedro Victor Almeida Dias, nasceu em 27 de abril de 1997, em um domingo especial no calendário do candomblé jeje. Filho biológico de Gayaku Sinay, liderança religiosa do Terreiro *Vodun Kwé Tò Zò,* integrante do Parque em Rede Pedra de Xangô.

A chegada de Dias ao mundo terreno foi marcada por apreensões e medo, em um difícil trabalho de parto que durou 10 dias. O cordão umbilical encontrava-se ao redor do pescoço, conhecido no candomblé como "*SALAKÓ*" dificultando o seu nascimento. Seu nome, inicialmente sugerido como Vitório, foi determinado por seu bisavô, Sr. Everaldino Maia Almeida, conhecido como Sr. Viví, que optou por Pedro, simbolizando a solidez das rochas e a fortaleza de sua família.

Dias é uma das pedras preciosas no esforço conjunto para valorizar e proteger a herança cultural afro-brasileira. Profissional multifacetado, engajado em diversas áreas, desde design gráfico até instrumentação cirúrgica, passando por técnicas em enfermagem, colunismo e produção cultural. Ele é regido pelo *Odú Ejilashebora*, representado por uma fogueira, e seu "*Juntó*" é *Sogbo*, divindade correspondente a Xangô no *jeje*.

Primeiro gestor do Parque da Pedra de Xangô, a presença de Dias na equipe de funcionários do Parque da Pedra de Xangô é uma conquista da Governança Espiritual Afro-brasileira, assegurando que um dos seus membros participe da gestão de um parque cuja temática principal é a religiosidade e a cultura afro-brasileira.

Diferentemente do *Uluru Kata Tjuta Park National*, na Austrália, que é oficialmente administrado em colaboração com o governo australiano e os *Anangu*, no Parque Pedra de Xangô, a parceria é informal entre poder público, sociedade civil e academia, impulsionada pelo ativismo dos representantes das associações religiosas. Essa abordagem destaca a importância do envolvimento e participação ativa das comunidades locais na gestão e preservação de espaços culturais e naturais.

Gestão do Parque Pedra de Xangô – Relatório Anual de Gestão – Estratégias fruição (Incentivo do pertencimento)

O relatório anual de gestão do Parque Pedra de Xangô indica um período de atividade diversificada e abrangente desde sua inauguração em 04/05/2022 até 04/05/2023, totalizando 112 (cento e doze) atividades, conforme descrição a seguir:

Atividades Realizadas:

1. Rituais (26 Atividades): Os rituais desempenharam um papel significativo, com eventos como *amalá*s de Xangô, fogueiras de Xangô, *ingorrosy* e sessão dos caboclos. Essas práticas foram descritas com mais detalhes no terceiro capítulo da tese.
2. Educação Ambiental - 13 atividades: O Parque também se dedicou a atividades de educação ambiental, incluindo plantios, diálogos (visitas pedagógicas e passeios culturais) e distribuição de mudas por meio da Caravana da Mata Atlântica.
3. Pesquisa - 6 atividades: O terceiro eixo focou em pesquisas, como observação de pássaros, levantamento de flora e estudo técnico sobre macrófitas.
4. Esportes - 67 atividades: O quarto eixo envolveu diversas atividades esportivas, com destaque para a capoeira liderando com 49 ações, seguida por yoga, ciclismo e aeróbica (SECIS, 2023).

Subcapítulos Específicos:

Dada a importância e o considerável número de atividades nos eixos 3 (pesquisa) e 4 (esportes), optou-se por dedicar subcapítulos específicos para detalhar a capoeira e as atividades relacionadas ao passeio cultural e à visita pedagógica. O relatório anual de gestão do parque compreende rituais afro-religiosos, manifestações culturais, atividades inerentes à educação ambiental, pesquisa e atividades esportivas com a finalidade de atender às múltiplas necessidades da comunidade local e promover a cultura afro-brasileira (SECIS,2023).

Utilização do Espaço para Atividades Culturais:

A gestão do Parque Pedra de Xangô respondeu de forma diligente às solicitações das comunidades de terreiros, desenvolvendo um formulário simplificado para o uso do espaço, cuidadosamente adaptado às particularidades do público-alvo. Inspirado em modelos já empregados por outras unidades de conservação, esse formulário assegura uma abordagem sensível e personalizada, atendendo às necessidades específicas da comunidade (SECIS, 2023).

Em resposta aos anseios das comunidades de terreiros, foi identificada a demanda por espaços destinados à comercialização de artesanatos, alimentos, bebidas e folhas sagradas. Consciente desse desafio, a gestão está empenhada na elaboração de um instrumento denominado "termo de permissão de uso", o qual estabelecerá regras contratuais claras entre a administração e os possíveis permissionários. Essa medida tem como objetivo conciliar as expectativas religiosas com a necessária organização e regulamentação do espaço (SECIS, 2023).

Desafios e Ações de Segurança:

Durante o período de gestão, o Parque enfrentou desafios significativos relacionados à segurança, destacando-se duas tentativas de invasão na área verde adjacente ao parque. Felizmente, ambas foram prontamente neutralizadas com o auxílio do Grupo Especial de Proteção Ambiental (GEPA) e da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SEDUR). Além disso, ocorreram duas tentativas de invasão e arrombamento das instalações prediais, o que levou à instalação de grades de proteção para salvaguardar o equipamento de apoio (SECIS, 2023).

Um Novo Espaço para Práticas Ritualísticas:

A criação do espelho d'água nas proximidades da Pedra de Xangô ofereceu um novo local para a realização de práticas ritualísticas. Contudo, a grande quantidade de matéria orgânica proveniente das oferendas resultou na proliferação de girinos e no surgimento de plantas macrófitas, gerando preocupações sanitárias. Para abordar essa questão, a gestão desenvolveu um plano de manejo para os resíduos, considerando a tradição das oferendas. A solução encontrada foi a aplicação da técnica ancestral conhecida como "*ojùbó*", que visa transformar os resíduos orgânicos em adubo, preservando assim a prática tradicional e mitigando os riscos à saúde pública (SECIS, 2023).

Ojùbó Òrìṣà no Parque Pedra de Xangô: Uma Solução Africana para Oferendas Sagradas:

Etimologicamente, o termo "*Ojùbó*" tem origem nas palavras *yorubás* "*ojù*" (face, superfície, olho) e "*ẹbọ*" (oferta, sacrifício), traduzindo-se literalmente como "superfície de oferenda". Trata-se de uma composteira ancestral, uma prática africana há muito

tempo empregada em vários terreiros de Salvador, como documentado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECIS) em 2023.

Desafios Sanitários e Solução:

Diante da necessidade de evitar problemas sanitários no Parque Pedra de Xangô, como a atração de roedores e odores fortes, a gestão implementou o uso do *Ojúbọ* como uma alternativa. Esse espaço é tradicionalmente utilizado pelos adeptos de religiões de matriz africana para depositar oferendas, e sua gestão requer máxima cautela para não desrespeitar as práticas sagradas das comunidades de terreiro (SECIS, 2023).

Para o gestor do parque, a solução envolveu a instalação de uma manilha, uma placa informativa e a capacitação do auxiliar de serviços gerais. Essa abordagem busca resolver a questão de maneira prática e eficiente. Em Salvador, apenas alguns terreiros dispõem de áreas verdes significativas, onde é possível estruturar um *Ojùbó*. O Terreiro *Vodun Kwe Tò Zò*, dirigido por Gayaku Sinay, é um exemplo, contando com um *Ojùbó* aos pés de um bambuzal (Figura 97), uma planta comumente associada a esse elemento. Outro terreiro que adota essa prática é o *Mutalombo Yê Kaiongo*, liderado por Taata Mutà Imê (SECIS, 2023).

Figura 97 – *Ojùbó* do terreiro *Vodun Kwe Tò Zó*.



Fonte: Dias (2023).

Ojùbó: Harmonizando Oferendas e Natureza no Parque Pedra de Xangô:

Os debates em torno da maneira consciente de realizar oferendas em espaços públicos, respeitando a natureza, são antigos e continuam sendo discutidos. É evidente a necessidade de desenvolver uma cartilha educativa para orientar práticas menos ofensivas e promover a sensibilização ambiental. Dias, gestor do parque, destaca que a conscientização não é suficiente, sendo crucial pensar em estratégias de mitigação dos impactos causados por grupos que mantêm práticas ritualísticas tradicionais (Dias, 2023).

Uma proposta apresentada foi a implantação de um "*Ojúbó*", um poço com laterais elevadas ao nível do chão, destinado ao depósito dos elementos orgânicos das oferendas. Essa iniciativa busca incentivar o depósito direto, embora o gestor reconheça que ainda será necessário lidar com depósitos em outras áreas, exigindo um trabalho contínuo de transposição das oferendas. A proposta inclui a transferência

das oferendas para o *Ojúbọ* após 12 horas. Quanto aos resíduos não orgânicos, como gamelas, alguidares e garrafas, sugere-se observar o potencial de reutilização, disponibilizando-os ao lado do *Ojúbó* para que comunidades interessadas possam coletá-los (Pedro Victor, 2023).

No contexto do Candomblé, a circularidade é lei. Na roda todos são iguais, independente do cargo que ocupa, foi com base nesse princípio africano que o Grupo Baobá abriu a roda para o lançamento da cartilha educativa "Encantos da Preservação" no Parque Pedra de Xangô (Figura 98). Dedicada à ancestralidade e ao Povo de Axé, a cartilha bilíngue (português/inglês), escrita por Ekedy Sinha do Terreiro Casa Branca, convida a todos a cuidar da Mãe Natureza, comprometer-se com o meio ambiente e realizar oferendas conscientes, sem agredir os sítios naturais sagrados (Grupo Baobá - BA, 2023).

Figura 98 – Convite do lançamento da Cartilha Educativa – Baobá.



Fonte: Grupo Baobá (2023).

Círculo de Saberes e Fazeres no Candomblé: Uma Partilha Ancestral:

Na abertura dos trabalhos, Iyá Egbé Sônia Mendes do *Ilê Axé Oxalufan* tomou a dianteira, e assumiu o encargo de chefe do cerimonial convocando para compor a

mesa as figuras proeminentes da comunidade comprometidas em preservar a natureza e a herança ancestral afro-brasileira. Agbagigan Everaldo Duarte (Terreiro do *Bogum*); Taata Mutá Imê (*Mutalombo Yê Kaiongo*); Alagbá Genaldo (*Ilê Axé Asipá*); Iyá Suely Melo (*Ilê Axé Iyá Omi Omo N'Ila*) e Ogã Roberto Rodrigues (*Ilê Axé Opô Afonjá*) (Figura 99).

Figura 99 – Lançamento da Cartilha Encantos da preservação.



Fig. 98 – Autoria própria (2023).

O encontro histórico foi marcado por momentos de escuta atenta, partilha generosa e trocas significativas. comprometeram-se a reproduzir e divulgar a Cartilha "Encantos da Preservação", reforçando o seu empenho na defesa da Mãe Terra e do legado ancestral afro-brasileiro. Este compromisso simboliza a união do poder público, sociedade civil e academia em um tripé essencial para a preservação do Parque Pedra de Xangô.

A visita ao *Ojùbó* do parque (Figura 100), uma iniciativa do gestor Dias, demonstra a importância de ter profissionais, adeptos das religiões de matriz afro-brasileira, integrados ao quadro funcional. Na implantação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô, a presença de figuras como Agbagigan Everaldo Duarte, com impressionantes 86 (oitenta e seis) anos de idade e 77 (setenta e sete) de iniciação, e Taata Mutá Imê, com 67 (sessenta e sete) anos de vida e de iniciação, simboliza a

senioridade e a Governança Espiritual Afro-brasileira. É a resposta dos orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados que enviaram seus filhos para concretizar em terra suas vontades e desejos.

Figura 100 – Visita ao *ojùbó* do Parque Pedra de Xangô.



Fonte: Raine Casaes (2023).

Enquanto em outras Unidades de Conservação (UC), como o Parque Nacional da Tijuca, ocorrem conflitos entre funcionários e adeptos das religiões de matriz africana e afro-brasileira, devido ao depósito de oferendas em locais considerados inadequados pelos gestores, no Parque Pedra de Xangô, esse impasse é resolvido através do diálogo, da disseminação de cartilhas e da aplicação da tecnologia ancestral africana, o *Ojùbó*.

VII.3 Capoeira: a ancestralidade vive ao som do berimbau e do gingado

A roda de capoeira representa um movimento constante, um eterno renascimento, uma expressão viva que preserva as memórias simbólicas de diversas culturas ancestrais. Marcada pela delimitação física e corporal do círculo, a roda faz o tempo girar, evocando uma condição primordial que só pode ser compreendida através da

experiência estética, uma temporalidade única experimentada por aqueles que, dentro da roda, se tornam parte integrante dela mesma (Guimarães, 2013).

Apesar das proibições que enfrentou ao longo de diferentes períodos históricos, a capoeira conseguiu ultrapassar fronteiras e hoje é praticada em mais de 150 países. Essa prática abrange diversas classes sociais e culturas, mantendo sua essência, seus rituais, seus símbolos e os representantes históricos que a tornam tão característica (IPHAN, 2018).

A sistematização da prática da capoeira no Parque Pedra de Xangô, iniciada a partir do projeto "Parque em Rede Pedra de Xangô e Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Vale do Assis Valente: o parque que queremos", em 2019, contou com o financiamento do Ministério Público do Estado da Bahia e do Fundo Social Casa e a coordenação do professor de capoeira, Mestre Jegue. O projeto incorporou práticas educativas, culturais e socioambientais, contribuindo de maneira significativa para a dinâmica do território, vejamos:

1. Ressignificação do Sítio Natural Sagrado: a capoeira promoveu uma nova interpretação e uso do sítio natural sagrado da Pedra de Xangô. Ao incorporar essa expressão cultural e artística, o espaço ganhou uma dimensão mais ampla, onde aspectos espirituais, culturais e sociais se entrelaçam.
2. Contribuição ao Conceito Arquitetônico do Parque: a presença da capoeira influenciou o próprio conceito arquitetônico do equipamento de apoio do parque. O design foi adaptado para acomodar e incentivar as práticas culturais e esportivas, tornando-se um espaço mais dinâmico e inclusivo.
3. Preservação Ambiental: ao integrar a capoeira de forma sustentável, os praticantes desenvolveram uma consciência ambiental. Isso resultou em atitudes mais responsáveis em relação à natureza, alinhadas com os princípios de preservação ambiental.
4. Perpetuação da Cultura Afro-brasileira: a prática da capoeira na Pedra de Xangô contribui para a continuidade e celebração da cultura, transmitindo tradições, valores e rituais importantes para a comunidade.
5. Inclusão Social e Comunitária: a capoeira, conhecida por promover a inclusão social, pode se tornar um elemento unificador na comunidade que frequenta a

Pedra de Xangô. Ela cria um espaço de convívio e interação, fortalecendo os laços comunitários.

No contexto das relações étnico-raciais, uma ampla gama de conhecimentos foi incorporada às atividades desenvolvidas. As estratégias pedagógicas adotadas envolveram os alunos das Escolas Municipais Professora Elisa Saldanha, Ulysses Guimarães e Ministro Carlos Santana, bem como crianças da comunidade local. Estas atividades foram conduzidas por mim e Mestre Jegue, que demonstrou habilidade e dedicação ao liderar as atividades.

Dentro da roda de capoeira (Figura 101), crianças e jovens têm a oportunidade de se conectar com as influências da ancestralidade afro-brasileira, participando de atividades que promovem o desenvolvimento de uma consciência crítica, tendo as africanidades como referência.

Figura 101 – Roda de Capoeira.



Fonte: Camilo Lobo (2022)

A prática da capoeira aos domingos no parque não se resume a um simples jogo ou arte; ela representa uma manifestação da ancestralidade, um caminho, um direcionamento e uma forma de enfrentar o racismo estrutural. Nesse contexto, além das aulas de capoeira, anualmente é realizado o Festival de Capoeira Internacional Regional Remanescentes ampliando as vozes e conexões afro-diaspóricas (Figura

102). A capoeira contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Vista como uma ferramenta poderosa de transformação social, a capoeira transcende fronteiras, desafia preconceitos e discriminações promovendo a valorização da diversidade cultural.

Figura 102 – Festival de Capoeira reúne brasileiros e estrangeiros na Pedra de Xangô



Fonte: Correio* (2019).

A oficina de leitura de livros infantojuvenis relacionados à Pedra de Xangô (Figura 103) é uma outra atividade e têm como objetivo proporcionar às presentes e futuras gerações a oportunidade de conhecer, vivenciar e preservar as histórias de seus ancestrais.

Essa abordagem culturalmente contextualizada da educação, que integra natureza, ancestralidade e comunidade, exerce funções fundamentais no processo de aprendizagem.

A falta de referências à cultura afro-brasileira na literatura infantojuvenil e nos livros didáticos é notável e evidencia a predominância de perspectivas eurocêntricas. Isso fica claro em aspectos como os nomes de ruas, datas festivas e até mesmo nas instituições escolares, que majoritariamente favorecem a herança cultural europeia.

Figura 103 – Livros infantojuvenis da Pedra de Xangô.



Fonte: Autoria própria (2022).

Para preencher a lacuna na representação da cultura afro-brasileira, os livros "Pedra de *Nzazi*, Xangô ou *Sogbo*?" e "Pedra de Xangô: patrimônio cultural?" representam uma iniciativa essencial. Eles promovem uma compreensão mais completa e autêntica da herança cultural do Brasil, enfatizando a importância de incluir narrativas que capturem a diversidade de influências e contribuições culturais no país. Ao oferecer uma perspectiva mais abrangente, essas publicações contribuem para um diálogo mais inclusivo e enriquecedor sobre a história e a identidade brasileiras, especialmente no contexto da Pedra de Xangô.

Os personagens como Taata Jakatamba (Taata Mutá Imê), vovó Doné Jamila (Mãe Diala - presidente das Matriarcas), Dandara (Tainá Brasília - neta de Mãe Diala) e Ayòbami (coautora do livro) nos livros "Pedra de *Nzazi*, Xangô ou *Sogbo*?" e "Pedra de Xangô: patrimônio cultural?" destacam a influência e inspiração dos membros religiosos da comunidade em sua criação. Isso ressalta a importância de incorporar as experiências e perspectivas desses membros na construção das narrativas, contribuindo para uma representação mais autêntica e fiel da cultura afro-brasileira e da comunidade em questão.

Destacando os feitos e coragens de membros da comunidade na defesa do monumento sagrado, os livros desempenham uma função educativa e preservacionista. Eles transcendem a mera narrativa, transmitindo conhecimentos culturais profundos e fomentando o respeito pelo patrimônio histórico e cultural afro-brasileiro. Ao retratar as lutas e conquistas relacionadas à preservação do monumento sagrado, esses livros não apenas informam, mas também inspiram os leitores a valorizarem e protegerem a rica herança cultural afro-brasileira.

VII.4 Olhares, vivências e sentidos: o passeio cultural e as visitas pedagógicas

O Passeio Cultural e a Visita Pedagógica no Parque em Rede Pedra de Xangô têm como objetivos: preservar patrimônio ambiental, cultural e geológico; resgatar as histórias de luta, superação e resistência do Povo de Terreiro no território; facilitar o acesso das pessoas às áreas ecológicas e culturais, gerando impactos positivos em rede; utilizar o turismo e o lazer como ferramentas educacionais; oferecer experiências de aprendizado leve e descontraído ao ar livre, conectando os participantes a um mundo de vivências culturais afro-brasileiras (Silva, 2019; Ecoroteiro, 2023).

As excursões são conduzidas, respectivamente, por Pedra de Xangô: Forças da Natureza, representada por Maria Alice Silva, e pelo Ecoroteiro, liderado pelo engenheiro ambientalista e sanitarista, doutorando em ecologia pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia - IBIO-UFBA, Robert Silva Gomes. Os passeios culturais e as visitas pedagógicas seguem a mesma metodologia, porém atendem a diferentes públicos-alvo e envolvem diversos atores. Enquanto os passeios culturais são voltados para o público em geral, especialmente crianças e adolescentes; as visitas pedagógicas são mais técnicas e direcionadas a pesquisadores, estudantes, arquitetos, geógrafos, historiadores, engenheiros e gestores públicos.

Assim, em colaboração com as comunidades de terreiros, como o Terreiro Ilê Asè Ode Toqueji Lodemim, o Grupo das Matriarcas – Guardiães da Pedra de Xangô e a Escola de Capoeira Regional Remanescentes, as excursões exploram 6 (seis) dos 12 (doze) pontos sagrados encontrados no Parque em Rede Pedra de Xangô. Os passeios culturais e visitas pedagógicas conduzem a uma imersão na magia ancestral

do Parque, proporcionando uma profunda conexão com a natureza. A integração entre elementos humanos e os demais seres do ecossistema busca enriquecer vidas e fortalecer a defesa e preservação cultural e ambiental da Pedra de Xangô e o seu entorno.

Entre os atrativos das excursões, destacam-se a trilha ecológica interpretativa, o banho de floresta, as aulas de capoeira e percussão, além de outras experiências culturais, musicais, gastronômicas e vivências em terreiros. Trata-se de um passeio que envolve os sentidos, a história, o caminho do Axé, rumo ao Parque em Rede Pedra de Xangô, valorizando a cultura da população negra e respeitando a natureza, os saberes e práticas da comunidade.

Durante o percurso, adota-se uma abordagem cuidadosa e informativa em cada parada. A trilha, além de proporcionar um contato direto com a natureza, aborda temas relevantes, desde a preservação da área da Pedra de Xangô até os impactos da urbanização desordenada ao longo da Avenida Assis Valente (Ecoroteiro, 2023). O ponto de encontro é no campo da Pronaica, no Tabuleiro do Chef, um local simbólico que marca o início da Caminhada da Pedra de Xangô e outras manifestações culturais. Foi neste espaço que academia, poder público e povo deram início à criação da APA e do Parque em Rede (Silva, 2019).

A primeira parada sagrada é a Encruzilhada, território de Exu, uma divindade frequentemente alvo de ataques neopentecostais. Nesse local, realiza-se o *Padê*, um ritual que marca o início das práticas no culto afro-brasileiro. Exu é reconhecido como uma entidade de grande poder e respeito.

O segundo ponto sagrado está ao longo da margem da Avenida Assis Valente, denominado Veios d'Água, onde são discutidos os aspectos socioambientais da região, destacando o histórico de uso e ocupação da área e os impactos da urbanização desordenada (Ecoroteiro, 2023). O terceiro ponto sagrado abrange um conjunto de pedras conhecido como "Pedras dos Caboclos". Nesse local, o Povo de Terreiro realiza rituais para os caboclos e encantados, reverenciando os ancestrais indígenas.

O quarto ponto sagrado é um terreiro de Candomblé, *Ilê Axé Odé Ki Jó Lodemim*, cujo patrono é Oxossi e liderado por Ialorixá Suya Sol. Este terreiro é o único na poligonal

do Parque Pedra de Xangô, tornando-se um ponto principal de apoio e proteção para a natureza do entorno, considerando a íntima relação entre essa natureza e o candomblé. Aqui, Ialorixá Suya Sol compartilha conhecimentos sobre o candomblé, destacando a luta contra o racismo religioso e ambiental, além da importância de preservar áreas naturais para os rituais sagrados (Silva, 2019; Ecoroteiro, 2023). Os "Bambuzais" (Figura 104), morada de Oyá e a "Pedra de Xangô", morada de Xangô são igualmente fascinantes, revelando a importância litúrgica desses locais para o povo de terreiro e destacando a conexão vital entre a natureza e o ecossistema local (Ecoroteiro, 2023).

Figura 104 – Bambuzais.



Fonte: Ecoroteiro (2023).

Durante o trajeto, iniciativas ecoeducativas e oficinas práticas entrelaçam-se, como ramos de uma mesma árvore, fortalecendo a consciência ambiental dos participantes. A produção de mudas da Mata Atlântica é como um gesto de carinho à mãe natureza, capacitando cada indivíduo a desempenhar um papel ativo na preservação desse ecossistema tão precioso.

Ao adentrar o Parque Pedra de Xangô (Figura 105), os participantes são convidados a desvendar os segredos do monumento sagrado, a mergulhar em seus enredos e histórias entrelaçadas como fios de uma grande teia. A aula ao ar livre, conduzida pela Escola Remanescente de Capoeira, encerra o passeio com uma dança entre o passado e o presente, consolidando uma experiência cultural que nutre a alma e enriquece o espírito. O "Passeio Cultural: Caminhos em Rede" não se limita a destacar

os saberes e práticas ancestrais dos terreiros, povos originários e quilombolas, mas também semeia a conscientização ambiental e o zelo pelo patrimônio cultural afro-brasileiro e pelo sagrado sítio natural (Silva, 2023; Ecoroteiro, 2023).

Figura 105 – Parque Pedra de Xangô – Passeio Cultural.



Foto: Ecoroteiro (2023).

Durante as visitas pedagógicas, a narrativa e o percurso seguem uma linha semelhante à do passeio cultural, adaptando-se conforme o tempo disponível para a exploração. Descrevo brevemente algumas dessas visitas, a seguir: I - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) da Prefeitura de Osasco/SP; II - estudantes de graduação na disciplina "Estudos Sociais e Ambientais" da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA; III - alunos da educação infantil e ensino fundamental da Escola Lua Nova; IV - estudantes de pós-graduação na disciplina "Matrizes Africanas do Território Brasileiro" no Programa Pós-Afro – UFBA; V - participantes do documentário "Uma jornada com Três Homens Pretos - trauma, ritual & a promessa do monstruoso".

A) Secretária Executiva de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) da Prefeitura de Osasco/SP.

A visita técnica requerida pela Secretária Executiva de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), Prefeitura de Osasco/SP, Amanda França, com representantes de órgãos públicos municipal, coletivos e academia evidencia a significativa expressão religiosa, cultural e sagrada do Parque Pedra de Xangô. O

objetivo dessa visita foi promover uma discussão sobre o processo histórico de estabelecimento do equipamento de apoio do Parque, com foco especial na colaboração e participação de entidades como a Fundação Gregório de Mattos, Fundação Mário Leal Ferreira, Secretaria Municipal de Sustentabilidade e Resiliência (SECIS), Secretaria Municipal da Reparação (SEMUR) e outros órgãos e coletivos envolvidos na implementação, funcionamento e gestão da Unidade de Conservação.

Essa interação entre representantes de diversos setores e instituições evidencia a relevância do Parque Pedra de Xangô não apenas como um patrimônio religioso e cultural, mas também como um espaço crucial para o desenvolvimento de políticas públicas que fomentem a igualdade racial e o respeito às tradições afro-brasileiras. No encontro realizado em 10 de maio de 2023, Tânia Scofield da Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF), Chico Assis e Milena Tavares da Fundação Gregório de Mattos (FGM), João Reisch da Secretaria de Inovação e Resiliência (SECIS), Maria Alice Silva do programa EtniCidades da PPGAU-UFBA e as Matriarcas da Pedra de Xangô receberam a secretária Amanda França e sua equipe. Durante a visita (Figura 106), uma apresentação detalhada abordou o processo participativo e colaborativo presente na implantação e gestão do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. Esse encontro proporcionou um diálogo frutífero sobre a experiência e a construção coletiva desse importante espaço cultural e ambiental.

É importante destacar que, embora o encontro estivesse inicialmente planejado como uma visita técnica em uma tarde de quarta-feira, sem a realização de rituais, a Governança Espiritual, que não segue calendário, nem horário específico, decidiu recepcionar os visitantes de uma maneira inesperada. Durante a visita, uma praticante do candomblé, com seu belo *amalá*, dirigiu-se à Pedra Sagrada e soltou o *ilá*, o grito ou a voz do Orixá, manifestando sua presença e identidade espiritual no lugar. Esse evento, não programado, adicionou uma dimensão espiritual única à visita técnica, ressaltando a conexão entre o sagrado e o cotidiano no Parque Pedra de Xangô.

Figura 106 – Visita da SEPPIR-Osasco.



Fonte: Elisa Vidal (2023).

B) Visita Pedagógica Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA

No âmbito da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA, os estudantes de graduação matriculados na disciplina Estudos Sociais e Ambientais, ministrada pela Professora Drª Thais Rosa, participaram de uma Visita Pedagógica ao Parque Pedra de Xangô em 28 de maio de 2023.

O encontro proporcionou aos alunos de arquitetura acesso a vivências e experiências da cultura afro-brasileira, introduzindo temas e metodologias que, até recentemente, não faziam parte dos currículos da instituição. Espera-se que, ao projetarem espaços dedicados à cultura e às religiões de matriz afro-brasileira, os futuros arquitetos e urbanistas demonstrem sensibilidade e atendam às necessidades e desejos de seus clientes, promovendo uma prática profissional mais ética, democrática, plural e consciente dos desafios enfrentados por diferentes comunidades.

C) Visita Pedagógica – Escola Lua Nova – Centro de Estudos

Em 04 de junho de 2023, alunos, professores e pais da Escola Lua Nova, um centro de estudos dedicado à educação infantil e ao ensino fundamental, situado no bairro da Pituba, em Salvador, Bahia, participaram de uma visita pedagógica ao Parque Pedra de Xangô. Sob a orientação do Professor Dr. em Geografia Leo Pessoa, autor da obra “Perambular ao ar livre: experienciando a cidade com crianças”, a visita ganhou um aspecto diferenciado. Os participantes, crianças com idades entre 3 e 12 anos, chegaram ao local com conhecimento prévio sobre o Parque, o que evidencia que o tema foi previamente abordado em sala de aula.

Com entusiasmo e curiosidade palpável, as crianças demonstraram um conhecimento notável sobre a Pedra de Xangô, expressando-o através de interações animadas e inúmeras perguntas. O evento contou com a participação de 50 pessoas e foi tão bem-sucedido que, em 23 de julho do mesmo ano, a escola retornou ao parque com novos participantes. Durante a visita, as crianças puderam explorar os pontos sagrados, visitar um terreiro, conhecer o Parque Pedra de Xangô, participar de atividades como capoeira, samba e dança do *maculelê*, além de plantar uma muda de planta para levar para casa como lembrança.

A visita pedagógica da Escola Lua Nova ao Parque Pedra de Xangô é significativa por diversos motivos. Em primeiro lugar, ela contribui diretamente para a preservação do meio ambiente, ao proporcionar às crianças uma experiência imersiva na natureza e ao incentivá-las a cuidar do ambiente por meio do contato com as mudas de plantas oferecidas como lembrança. Esse tipo de contato direto com a natureza desde a infância é essencial para o desenvolvimento de uma consciência ambiental responsável.

Além disso, a visita também desafia e combate o racismo religioso ao expor as crianças a práticas religiosas afro-brasileiras, como o candomblé, representadas pelo Parque Pedra de Xangô. Ao conhecerem e respeitarem essas práticas, as crianças estão aprendendo a valorizar e a conviver harmoniosamente com a diversidade religiosa presente na sociedade brasileira, contribuindo para uma cultura de respeito e tolerância.

Por fim, a visita promove uma educação plural e inclusiva, conforme preconizado pelas leis 10639/2003[117] e 11645[118], ao proporcionar às crianças o acesso a uma perspectiva mais ampla e diversificada da história e cultura do Brasil. Essa experiência enriquece o aprendizado das crianças ao oferecer-lhes a oportunidade de vivenciar e compreender as tradições e os conhecimentos das comunidades afro-brasileiras de forma direta e autêntica. Dessa forma, a visita pedagógica ao Parque Pedra de Xangô não apenas proporciona um contato enriquecedor com a natureza e a cultura afro-brasileira, mas também contribui para a formação de cidadãos conscientes, respeitosos e inclusivos, alinhados com os valores de preservação ambiental e respeito à diversidade religiosa e cultural.

D) Visita Pedagógica - Programa Pós-Afro – UFBA

A visita realizada, em 4 de outubro de 2023, liderada por Maria Alice Silva e a Ialorixá Suya Sol, do *Ilê Axé Odé Toke Ji Lodemim*, recebeu alunos da pós-graduação da turma do professor Rafael Sânzio, da Universidade de Brasília - UNB e do Centro de Estudos Afro-Orientais - CEAO-UFBA, no âmbito do Programa Pós-Afro - UFBA, na disciplina "Matrizes Africanas do Território Brasileiro". O que começou como uma simples visita logo se transformou em uma experiência acadêmica enriquecedora, culminando em uma aula pública seguida de um vibrante debate entre os pesquisadores de mestrado e doutorado.

Nesse encontro enriquecedor, explorou-se temas fundamentais que ecoam nas comunidades de terreiros, quilombos, afoxés e bairros negros. O Parque Pedra de Xangô, com sua singularidade e estrutura, vai além do aspecto religioso e cultural, pois se apresenta como um catalisador para a colaboração entre academia, poder

[117] Lei 10639/2003 - Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso: 26 nov, 2023.

[118] Lei 11.645/2008 - Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso: 26 nov. 2023.

público e sociedade civil. Ele se destaca como um espaço que já efetiva a integração desses três pilares fundamentais.

Essa experiência ressaltou a importância do Parque Pedra de Xangô como um ambiente propício para a pesquisa e o debate acadêmico, fornecendo insights valiosos para estudiosos interessados na história, cultura e identidade afro-brasileira. Ao oferecer um espaço para o intercâmbio de conhecimentos e perspectivas, o Parque demonstra sua relevância como um agente transformador, elemento essencial na promoção do diálogo e na construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente de suas raízes históricas e culturais.

E) Pedra de Xangô levando Axé para o mundo: "Uma jornada com Três Homens Pretos - trauma, ritual & a promessa do monstruoso"

Em 30 de agosto de 2023, a Pedra de Xangô irrompeu como um emblema de poder e vitalidade ao receber a equipe do aclamado documentário internacional "Uma jornada com Três Homens Pretos - trauma, ritual & a promessa do monstruoso". Este evento, minuciosamente organizado por Victoria Santos, uma destacada cineasta e ativista norte-americana, fundadora do *Black, Indigenous, and People of Color* - BIPOC Ed Coalition, já atraiu a presença de 200 visionários negros e indígenas. Seu objetivo primordial era nutrir o bem-estar e a saúde do Centro de Cura e Libertação.

A vivência na Pedra de Xangô contou com a participação do professor e filósofo Bayo Akomolafe[119], do mestre em pensamento sistêmico Orland Bishop[120] e do escritor e terapeuta Resmaa Menaken[121]. Durante o evento, foram explorados temas como

[119] Bayo Akomolafe, professor universitário, nasceu na Nigéria e percorreu vários lugares do mundo propagando os seus pensamentos. Organizador dos conceitos de pós-ativismo, transracialidade e ontofugitividade. Curador chefe da The Emergence Network, palestrante, autor de dois livros: "These Wilds beyond our fences: letters to my daughter on humanitys search for home" e " We will tell our own story: the lions of Africa speak"

[120] "Orland Bishop, mestre em pensamento sistêmico, fundador e diretor da *Shade Tree Multicultural Foundation* em Los Angeles, pioneiro em abordagens que combinam novas ideias, com modos tradicionais de conhecimento para o apaziguamento urbano e a orientação de jovens em situação de risco. " O trabalho de Orlando Bishop com a cura e o desenvolvimento humano é orientado por um amplo estudo nos campos da medicina, naturopatia, psicologia e cosmologias indígenas do sul e oeste da África".

[121] Resmma Menakem, psicoterapeuta, foca em um trabalho que "ativa a sabedoria dos ancestrais

ancestralidade, traumas e perspectivas de cura e futuro para o povo preto e para o mundo.

Adicionalmente à imersão na visita pedagógica, os três homens pretos participaram do ritual sagrado do *Amalá* de Xangô, conduzido pelas matriarcas da Pedra de Xangô. Esse momento transcendental foi mais que uma simples participação; foi uma experiência profunda de libertação, cura e abundante axé. O axé, essa poderosa energia vital, ressoa o princípio do movimento *Sankofa*, simbolizando o retorno às raízes, onde as almas do povo africano em diáspora e dos afrodescendentes se reconectam com o passado, se curam no presente e vislumbram o futuro com esperança renovada. E quem expressa essa profunda compreensão é Victoria Santos, em entrevista concedida à jornalista Isabela Cardoso, do Jornal A Tarde, ao discorrer sobre o projeto:

> a cultura negra em Salvador está para além da história escravocrata e, por isso a realização da Jornada Internacional na capital baiana tem uma grande relevância. “É algo que está anterior ao espírito da escravidão, está preservando o que veio antes desse período. É importante lembrar isso para que a gente possa se reconectar com o nosso futuro. Eu vi o que aconteceu nas cavernas com as pessoas africanas, quando elas foram capturadas, pela escravidão. Eu senti essa conexão com o Brasil. Em termos de se conectar com a ancestralidade brasileira. sinto que os brasileiros vêm fazendo isso muito bem com o Candomblé, com a Umbanda, com as religiões de matriz africana. (Santos, 2023 – Jornal A Tarde)

O projeto "Uma jornada com Três Homens Pretos - trauma, ritual & a promessa do monstruoso" assume um compromisso marcante ao realizar encontros em países distribuídos por três continentes, trilhando uma rota diaspórica inversa. Cada local visitado se torna um ponto vital na construção de bases sólidas, visando o fortalecimento e a valorização da identidade negra em escala global. As cidades contempladas nesse ambicioso projeto incluem Los Angeles (Estados Unidos), Salvador (Brasil) e Acra, a vibrante capital de Gana.

Ao escolher o Parque Pedra de Xangô como um dos cenários desse empreendimento, há um claro reconhecimento do papel fundamental desempenhado pelo parque como um epicentro de convergência e interação. O parque não é apenas um espaço físico; ele representa um símbolo de conexão entre diversas culturas, tradições e histórias da diáspora africana. Sua localização estratégica na encruzilhada da diáspora ressalta sua capacidade singular de estabelecer laços, desbravar novos caminhos e facilitar

encontros que transcendem fronteiras geográficas e culturais. Dessa forma, ele promove um diálogo enriquecedor e uma compreensão mais profunda das experiências negras ao redor do mundo.

VII.5 Circuito Arte Urbana – APA Municipal Vale do Assis Valente e Parque em Rede Pedra de Xangô

O Circuito Arte Urbana - APA Municipal Vale do Assis Valente e o Parque em Rede Pedra de Xangô representam a materialização de uma iniciativa de curadoria concebida por mim, Maria Alice Silva, em estreita colaboração com a renomada arquiteta e urbanista Milena Tavares. Este projeto foi oficialmente apresentado à Fundação Gregório de Matos - FGM e à Secretaria Municipal da Reparação - SEMUR, com o propósito primordial de fomentar a arte urbana, e de valorizar e preservar os espaços ambientais e culturais dentro da APA, do Parque em Rede Pedra de Xangô e do próprio Parque Pedra de Xangô (Silva, Tavares, 2023d).

A Pedra de Xangô, devidamente tombada pelo município de Salvador, ostenta o status de um ícone do patrimônio cultural. Situada dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Vale do Assis Valente, ela exerce um papel central na configuração de um parque em rede e um parque urbano. Os elementos circundantes a este importante patrimônio mantêm uma profunda conexão com ele, compartilhando uma história e uma atmosfera que os entrelaçam. Eles constituem parte integrante de um cenário onde questões ambientais, socioculturais e econômicas se entrelaçam em vivências cotidianas, tecendo um tecido complexo e interconectado (Silva, 2017, 2019).

No interior do Parque em Rede Pedra de Xangô, foram identificados 12 Lugares Sagrados de extrema importância para a realização dos rituais públicos, semipúblicos e privados das comunidades adeptas das religiões de matriz africana e afro-brasileira. No entanto, esses locais enfrentam ameaças de extinção devido à rápida e contínua degradação ambiental, especulação imobiliária e ocupação informal, conforme apontado por Silva (2017, 2019), resultando em mudanças na percepção das ambiências históricas, cruciais para a preservação do patrimônio cultural (Viegas, Teixeira, 2015).

Estudos ressaltam a estreita relação entre natureza e cultura, evidenciando o papel estratégico da história, memória, identidade e conhecimentos de diferentes grupos sociais na salvaguarda do patrimônio cultural Pedra de Xangô (Silva, 2023c; Silva et al., 2023a, 2023b). Embora o conceito de ambiência histórica seja uma abordagem relativamente recente e em constante aprimoramento junto aos órgãos de preservação do patrimônio, rumando em direção à Conservação Integrada, ele enfrenta desafios oriundos de diversas perspectivas, discrepâncias nos modos de apreensão dos valores patrimoniais e restrições nos âmbitos políticos.

Fundamentados nos conceitos de ambiência histórica (Viegas e Teixeira, 2015) e estética da ambiência (Thibaud, 2012), propomos à FGM a instalação de obras artísticas em locais específicos ao longo do Parque em Rede Pedra de Xangô e dentro do próprio parque (Silva e Tavares, 2023d). Ao integrar a arte urbana em espaços sagrados, o projeto não apenas revitaliza esses locais, mas também os transforma em pontos de referência cultural na cidade. Isso fortalece o vínculo das comunidades locais com sua história e herança cultural, além de contribuir para a promoção da diversidade e inclusão social.

Unindo arte, religião e ecologia, a Floresta Sagrada de Oxum, situada em O*sogbo*, capital do estado de Osun, na Nigéria, África, serve como uma fonte inspiradora para a proposta de curadoria do Circuito de Arte Urbana no entorno do Parque Pedra de Xangô. Este local, reconhecido como um sítio natural sagrado, recebeu o status de patrimônio da humanidade pela UNESCO em 2005, conforme documentado por Lino (2022).

A estratégia de implementação do Circuito de Arte Urbana em duas etapas é uma abordagem organizada e progressiva para garantir o êxito do projeto. Na primeira etapa, a instalação de seis obras ao longo da Avenida Assis Valente proporcionará uma experiência artística dinâmica para os visitantes, além de contribuir para a revitalização urbana da área. Na segunda etapa, a inclusão de duas obras dentro do Parque Pedra de Xangô ampliará o alcance do circuito, levando a expressão artística para um ambiente natural, ao mesmo tempo em que homenageia figuras importantes na preservação da área.

A inclusão de duas obras de arte em homenagem a Mãe Zil e a José Augusto Saraiva Peixoto acrescenta um componente emocional e histórico profundamente significativo ao projeto, reconhecendo o papel desempenhado pelos homenageados na luta pela preservação do sítio natural sagrado. Essa iniciativa não apenas enriquecerá a experiência dos visitantes, mas também fortalecerá os laços comunitários com o patrimônio cultural e ambiental da região.

A memória de Mãe Zil (1934-2014) continua a irradiar como uma figura incomparável na história da Pedra de Xangô. Seu legado é perpetuado pelo incansável cuidado com a Pedra Sagrada e pela idealização da Caminhada da Pedra de Xangô, uma iniciativa concebida em parceria com outras lideranças religiosas dos bairros de Cajazeiras e adjacências. Sua presença e dedicação foram essenciais para a proteção e valorização desse valioso patrimônio cultural afro-brasileiro.

José Augusto Saraiva Peixoto (1958 - 2021) foi um servidor público exemplar do município de Salvador, destacando-se como um renomado arquiteto urbanista especializado em Gestão de Recursos Hídricos e com mestrado em Engenharia Ambiental. Reconhecido como o fundador do Grupo Gérmen e um participante ativo em diversos movimentos de preservação ambiental, ele deixou um legado marcante nessa área. Como Subsecretário Municipal da Secretaria de Cidade Sustentável, desempenhou um papel crucial na implementação da APA Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô. Além disso, foi um dos coautores da emenda parlamentar que resultou na inclusão da Unidade de Conservação no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de 2016 (Silva; Saraiva Peixoto et al., 2016).

A seguir, compartilhamos a proposta após diálogos com artistas renomados em nossa cidade, cujas trajetórias são amplamente reconhecidas:

1. Escultura de Exu, localizada no ponto 01-Encruzilhada, pelo artista Zé Diabo;
2. Memória Indígena e *Torê*, no ponto 02-Veios D'Água, elaborada pelo artista JCunha;
3. Escultura Lenda do Baobá no ponto 03-Terreiro *Ilê Axé Ode Tokeji Lodemim*, criada pela artista Nádia Taquary;
4. Escultura Morada de *Oyá*, no ponto 04-Bambuzais, concebida pelo artista Ayrson Heráclito;

5. Escultura de Assis Valente, no ponto 05-Lagoa, realizada pela artista Nanci Novaes;
6. Escultura Ancestralidade Africana, no ponto 06-Espaço do Xirê, desenvolvida pelo artista Juarez Paraíso;
7. Busto de Mãe Zil, a ser instalado em uma área ajardinada no parque, elaborado pelo artista Félix Sampaio;
8. Painel em homenagem ao Ambientalista José Saraiva, na alvenaria do auditório do parque, criado pelo artista Bel Borba (Silva e Tavares, 2023).

A proposta em questão não apenas visa atrair um maior número de visitantes para a APA municipal e o Parque em Rede Pedra de Xangô, mas também representa um gesto significativo de consideração e respeito. Ao reconhecer e honrar a Governança Espiritual Afro-brasileira, a Pedra de Xangô, *Nzazi*, *Sogbo*, os antigos quilombos e aldeamentos indígenas, além das entidades espirituais veneradas, essa iniciativa ressalta a importância desses elementos na história e na identidade cultural do sítio natural sagrado.

Além disso, ao homenagear as figuras proeminentes que defenderam o monumento sagrado e destacar o trabalho dos talentosos artistas locais, estamos reconhecendo e celebrando suas contribuições, enaltecendo-os perante a comunidade. Essa abordagem integrada não apenas fortalece os laços comunitários, mas também promove a valorização e preservação do rico patrimônio cultural afro-brasileiro, representando um passo fundamental para enriquecer a experiência dos visitantes e fortalecer a identidade lugar.

É relevante ressaltar que o projeto está em total conformidade com a Constituição de 1988, especialmente com a Seção II, Artigo 215, parágrafo 1, ao promover a diversidade e a preservação do patrimônio cultural e natural envolvido. A proposta se baseia na promoção da inclusão, uma vez que as obras serão instaladas em espaços públicos, garantindo acesso livre e incentivando o interesse pelas artes e pela rica cultura afro-brasileira, ameríndia e nordestina.

Está prevista a instalação de placas como parte do programa #Reconectar da FGM/PMS, enquanto a SECIS pode incentivar empreendedores locais a adotarem essas obras através do programa *Ver de Perto*, visando à preservação das mesmas.

O Circuito certamente fortalecerá a Governança Espiritual Afro-brasileira no Parque Pedra de Xangô (Figura 107)., ao mesmo tempo que enriquecerá as atividades culturais já existentes na área, com ênfase na educação. Adicionalmente, atenderá à demanda por conscientização ambiental e preservação do patrimônio cultural, enquanto combate ao racismo religioso e o racismo ambiental. Essa iniciativa também estimulará a criação de novos movimentos para a apropriação positiva do território.

Figura 107 – Parque Pedra de Xangô.



Foto: Sam Valentine (2023).



Foto: Maíra Almeida

Vem ver a Pedra[122]
Quem não viu vem ver a Pedra de Xangô,
Nzazi e *Sogbo*
Nzazi e *Sogbo*

De onde você vem
Onde é seu *Kanzuá*
Aqui você também tem seu lugar
De onde você é
Qual é seu orixá
Xangô, *Nzazi*, *Sogbo* vai te guiar

Ooo todo povo cantando a paz e o amor
Quilombola, Indígena,
Banto, *Jeje*, Nagô
Esse canto ecoa
E faz emanar o que vem da Pedra de Xangô.

Chegou a hora de mostrar a força do Axé
Que já tentaram derrubar
Mas permanece de pé
Matriarca com o seu gingado
Preserva esse rico legado
E faz o mundo inteiro
Visitar o território sagrado

Ooo (refrão)
Ooo todo povo cantando a paz e o amor
Quilombola, Indígena,
Banto, *Jeje*, Nagô
Esse canto ecoa
E faz emanar o que vem da Pedra de Xangô

[122] Música: Vem ver a Pedra. – Maria Alice Silva e Silvio Almeida Disponível em: < <https://www.instagram.com/pedra.de.xango/reel/Cmuxy7bIJG7/>.

(IN) CONCLUSÕES

O tema central da tese foi a "Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro na edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô". Nela defendo as seguintes hipóteses: I — a Governança Espiritual exerce um papel fundamental na defesa e proteção da integridade biocultural do sítio natural sagrado afro-brasileiro Pedra de Xangô; II — as agências das divindades e entidades espirituais afro-brasileiras contribuíram na definição do conceito, elaboração e execução do projeto arquitetônico e urbanístico do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô; III — a Governança Espiritual atua no funcionamento e gestão do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

Inicialmente, procurei compreender a importância da Governança Espiritual afro-brasileira como elemento fundante na construção do Memorial do Parque Pedra de Xangô. Em uma segunda etapa, busquei alcançar os seguintes objetivos: I - identificar as estratégias utilizadas pelos adeptos das religiões de matriz afro-brasileiras para viabilizar a construção de um parque prospectado a partir de sua cosmopercepção de mundo, com ênfase nas histórias, culturas e valores do povo negro na diáspora; II - investigar como Xangô inspirou e convenceu o poder público, técnicos, acadêmicos envolvidos na concepção do projeto arquitetônico e implantação do Parque Pedra de Xangô a executarem as suas ordens; III - descrever os diferenciais do projeto, explicando os significados e razões dos vários elementos que compõem a arquitetura das edificações do Parque Pedra de Xangô.

A perspectiva metodológica se caracterizou por uma abordagem transdisciplinar e interdisciplinar, utilizando-se a metodologia da pesquisa afrodescendente. Para alcançar esse propósito, Xangô me convidou a contemplar a ciência de base africana, a desafiar barreiras conceituais, superar demandas, contornar resistências e realizar o Seu desejo de edificar um espaço onde seu culto não apenas permaneça, mas também floresça e se perpetue. Nessa jornada, permiti-me ser guiada pelas normas do Poder do Axé, pelo Candomblé e por seus mitos e ritos.

Com base nos conhecimentos das religiões de matriz africana e afro-brasileira, assim como da filosofia africana, conduzi os procedimentos de pesquisa e reflexão acerca do tema, chegando a conclusões sobre a eficácia dos objetivos propostos

inicialmente. O resultado foi uma ruptura em relação às normas e à retórica do discurso eurocêntrico ocidental, devido à compreensão das energias presentes na relação entre a natureza, os seres humanos e demais seres.

A pesquisa revelou a marcante influência das divindades e entidades espirituais afro-brasileiras na concepção do projeto do Memorial do Parque Pedra de Xangô. Os rituais foram reconhecidos como elementos condutores da criação e realização desse empreendimento, moldando sua essência e estética de maneira profunda e significativa.

Em um percurso de pesquisa transdisciplinar e interdisciplinar, mergulhei em diversos domínios do conhecimento, sendo convidada a contemplar os sistemas de forma sinérgica e abrangente. No cerne da investigação, emergiram temas que transcenderam os limites disciplinares, abrangendo áreas como arquitetura, urbanismo, direito, cultura, ecologia, história, biologia, geografia e políticas públicas. Todos esses campos se cruzam em uma rede complexa de conexões e inter-relações, destacando a importância de um enfoque holístico.

Exuzilhar na tese revelou-se fundamental para esclarecer o papel da Governança Espiritual Afro-brasileira, fornecendo múltiplas percepções, abrindo caminhos para uma análise detalhada das temáticas e práticas por meio da investigação de discursos e teorias conceituais. Temas como Governança Espiritual, energia vital, Candomblé, africanidades, ambiência, arquiteturas de terreiros e constitucionalismo negro foram explorados.

O *Okoto* é o símbolo da circularidade aqui representada pela espiral, pelo caracol que gira a partir de um ponto central e vai se expandindo a partir deste mesmo ponto, de forma circular. Esse movimento é Exu, esse ser espiralado, insurgente, transgressor, a energia que carrega o axé, o senhor dos caminhos, das multiplicidades.

O percurso encantado da Governança Espiritual - Tempo *Okotò*, simbolizando o constante movimento e o fluxo circular da existência, conduziu-me por uma jornada de descobertas e reflexões profundas. Nessa caminhada, explorei paisagens tão diversas quanto às majestosas montanhas do Tibete, a serena floresta sagrada de Oxum, o mágico Parque Nacional *Uluru Kata Tjuta* e a tranquila aldeia de Koro, até finalmente alcançar a imponente presença da Pedra de Xangô. Meu propósito era

desvendar a essência e a dinâmica que estão por trás da Governança Espiritual Afro-brasileira, imergindo em experiências culturais e geográficas singulares. Esta descoberta impulsionou minha busca incansável por conhecimento e compreensão das práticas espirituais em suas diversas manifestações ao redor do globo.

Nas majestosas montanhas do Tibete, pude contemplar a profunda comunhão da comunidade local com os *numina*, ou divindades. Essa conexão se expressa através de rituais específicos, fundamentais para manter uma relação de reciprocidade contratual, garantindo equilíbrio e evitando intervenções corretivas. Os *numina* concordam em conceder auxílio, proteção e bênçãos, contanto que a humanidade os honre com rituais, por meio de invocações e oferendas. Esse processo apresenta semelhança com os métodos empregados pelo orixá Xangô, em seu sítio natural sagrado, reforçando ainda mais a fundamentação conceitual da tese.

Em O*sogbo*, lar de Oxum, presenciei a grandiosidade e a energia da orixá das águas doces, que trabalha incansavelmente pela preservação de sua floresta. Com sua voz poderosa, porém suave, Oxum estabelece as regras, definindo os espaços que podem ser ocupados em seu santuário sagrado, expulsando os invasores que ousam violar seu território.

Fundamentada nas tradições africanas, a Governança Espiritual de Oxum conecta arte, religião e ecologia, zelando pela integridade da floresta, influenciando positivamente as esferas culturais, sociais, ambientais e jurídicas da região. Esse elo entre divindade, natureza e cultura ressoa de maneira análoga no Parque Pedra de Xangô.

A história dos aborígenes australianos como guardiões do monumento rochoso *Uluru-Kata Tjuta* revela a presença da Governança Espiritual. Os membros da Cultura *Anangu* consideram-se descendentes diretos da Pedra Sagrada. Com seus estilos de vida, práticas e conhecimentos historicamente enredados à paisagem de *Uluru*, eles administram em parceria com o poder público o parque nacional, em um modelo de gestão compartilhada da área. No Parque Pedra de Xangô, a gestão é uma atribuição da administração pública municipal, mas a Governança Espiritual Afro-brasileira, através dos representantes das comunidades de terreiros, vem buscando consolidar essa prática.

A presença da Governança Espiritual é notável na Aldeia de Koro, em Gana. Na cultura *Dagara*, a terra é reverenciada como a mais sagrada entre todos os seres, sendo considerada a manifestação da criação divina. Os seres humanos são encarregados por Deus da responsabilidade primordial de preservar o *tengan* (terra) como um recurso vital para a agricultura. Essa abordagem enfatiza a intrínseca conexão entre espiritualidade, cultura e sustentabilidade ambiental dentro da comunidade, o que reforça a necessidade de se pensar e agir holisticamente para atender aos ditames da Governança Espiritual, se quisermos proteger a biodiversidade e a cultura de cada território. Sob essa mesma perspectiva e cosmopercepção, o Povo de Terreiro reverencia a Mãe Terra como um ser vivo imprescindível para a existência de outros seres.

Antes de chegarmos à majestosa presença da Pedra de Xangô, imergimos em um fascinante universo das arquiteturas de terreiros no entorno do Parque Pedra de Xangô: o *Mutalombo Yê Kaiongo*, o *Ilê Axé Tumbi Odé Oji* e o *Vodun Kwe Tó Zò*. Nossa caminhada teve como objetivo conhecer as estruturas físicas da casa de Axé e, também, desvendar suas cosmopercepções de mundo, ou seja, como esses elementos se conectam com o sítio natural sagrado, dando forma à arquitetura e à paisagem que os cercam.

A arquitetura do *Mutalombo Yê Kaiongo*, um terreiro de tradição angola, destacou-se pela sua simbiose harmoniosa com a natureza, demonstrando um compromisso sólido com a preservação da biodiversidade e a sustentabilidade ambiental. Em todo o complexo arquitetônico do terreiro, as moradias dos *inquices* e dos caboclos, a floresta sagrada, as rochas, fontes, cursos d'água e a fauna local são dispostos de maneira estratégica para atender às exigências das divindades. Esses elementos desempenham um papel crucial na alimentação da energia espiritual do templo sagrado e no fortalecimento dos vínculos entre o terreiro e a comunidade urbana ao seu redor.

No Caminho do Axé, próximo ao Parque Pedra de Xangô, situa-se o *Ilê Axé Tumbi Odé Oji*, pertencente à nação *keto*. Este terreiro de laje é uma verdadeira obra de arte, concebida pelo talentoso artista plástico e arquiteto autodidata babalorixá Deilton Gomes que buscou integrar, na edificação do seu templo sagrado, elementos da cultura e arquitetura africana.

A visita a um "terreiro de laje" é passagem obrigatória. Os profissionais de arquitetura e urbanismo precisaram compreender e atender às expectativas e necessidades dos templos sagrados afro-brasileiros que não possuem áreas verdes, entender para quem estavam projetando e qual a dinâmica do axé, incluindo seu fluxo e territorialidade em rede.

Sob a Ori (entação) de Exu, optamos por subir as escadarias internas do terreiro Tumbi Odé Oji, que nos levaram à travessa Prof. Julieta Fahel, encurtando assim o percurso até o terreiro da nação *jeje*, o *Vodun Kwe Tò Zò*. Lá, tivemos o privilégio de conhecer a arquitetura do terreiro e testemunhar a Governança Espiritual, sob a orientação da líder religiosa Gayaku Sinay. Durante o ritual de abertura de caminhos que ela conduziu, foram invocados os Voduns *Legbá*, *Agé* e *Alaafia*. *Legba* foi chamado para garantir permissão e segurança, *Agé* para trazer encorajamento, como guardião do conhecimento da flora e protetor da fauna e *Alaafia* para garantir que todos os pedidos sejam realizados com sucesso.

As histórias e narrativas acessadas durante as visitas de campo forneceram aos arquitetos e urbanistas percepções valiosas sobre o modo de vida, práticas e saberes do povo de terreiro. Essas informações ampliaram o entendimento relacionado à ambiência cultural do sítio natural sagrado e, também, foi uma orientação na busca por atender aos anseios do Cliente, Xangô, ou seja, à Governança Espiritual.

O Parque Pedra de Xangô abriga uma rica tradição cultural afro-brasileira e os maiores e mais preciosos remanescentes florestais da região central de Salvador. Enquanto nos territórios circundantes a devastação da Mata Atlântica já alcançou proporções alarmantes, este sítio natural sagrado resiste, preservando os fragmentos do ecossistema, conectando diferentes bacias hidrográficas e tecendo uma rede indissociável de geologia, matas, céu, terra, ar, água, animais, pessoas e divindades.

O Mini Corredor de Pedra de Xangô oferece uma oportunidade singular para lançar iniciativas pioneiras, sendo um campo fértil para o desenvolvimento de ações-piloto que visam promover a preservação e a restauração ambiental. Ao estabelecer pontes com outras áreas prioritárias, como o Mini Corredor Pituaçu-Vale Encantado, a Pedra Sagrada torna-se um elo crucial na preservação do patrimônio natural e cultural, inspirando esperança e ação em favor de um futuro sustentável.

Pelos caminhos da Avenida Vale do Assis Valente, onde repousa a Pedra de Xangô, embarquei em uma análise da vida pulsante no entorno do monumento sagrado. Nessa trajetória, divisei horizontes promissores para o futuro desse território. Enquanto explorava o tema da tese, mergulhei em reflexões sobre as batalhas de narrativas, os acertos, erros e desafios enfrentados pelo povo de terreiro. Investiguei os instrumentos legais que protegem esse sítio de ancestralidade afro-brasileira, especialmente a portaria da SECIS. Este documento deu origem ao Grupo de Trabalho encarregado de contribuir com a edificação do Memorial do Parque da Pedra de Xangô, abrindo espaço para a participação ativa das comunidades de terreiros e para minha própria inserção como pesquisadora, representante da academia.

Trata-se de um marco, uma nova forma de se pensar, planejar e produzir cidades que devem ser replicadas em todo território brasileiro. No planejamento urbano e arquitetônico das cidades, deve-se incorporar as perspectivas espirituais e culturais das comunidades locais, a fim de proteger e preservar os lugares sagrados, a memória, identidade e legado ancestral daqueles que vivem no território.

Isso representa a Governança Espiritual Afro-brasileira em ação, abrindo caminhos para a efetivação da Justiça de Xangô. Diante disso, é imprescindível estabelecer instâncias participativas de acompanhamento, monitoramento e gestão compartilhada dos patrimônios naturais e culturais em níveis federal, estadual e municipal. Essas instâncias devem priorizar as comunidades locais afro-brasileiras, indígenas, ribeirinhas, ciganas, quilombolas, periféricas, assentadas de reforma agrária e LGBTQIAPN+, garantindo também a elaboração de instrumentos legais que obriguem a realização de relatórios de diagnóstico sociocultural e ambiental. Esses relatórios devem preceder intervenções públicas e privadas relevantes em áreas urbanas e rurais, visando assim à preservação do patrimônio cultural (material e imaterial) e natural.

No processo de implantação do Memorial do Parque Pedra de Xangô, foi notada a sinergia, a importância da colaboração conjunta entre diversas vozes, unindo cientistas, servidores públicos, cidadãos e outros agentes interessados. Essa experiência aproximou a ciência, a cultura, a política pública. A arte de decidir passou pela escuta e trocas onde o conhecimento foi compartilhado e aplicado, visando criar

soluções mais sensíveis, eficazes e inclusivas, em respeito à Governança Espiritual e aos anseios das comunidades de terreiros.

As comunidades de terreiros foram capazes de transmitir as vontades e (Ori) entações da Governança Espiritual, dos orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados, desafiando décadas de apagamento e invisibilidade em nome do progresso e modernização, que muitas vezes marginalizaram as religiões de matriz africana e afro-brasileira. Esse processo não apenas evidencia a resiliência dessas comunidades, mas, também, demonstra a importância de reconhecer e respeitar as tradições espirituais africana e afro-brasileira na configuração do ambiente urbano e rural.

O encontro das Juristas Negras com as tecnologias ancestrais na Pedra de Xangô desencadeou uma série de ações. Em primeiro lugar, ampliou-se o conceito de aquilombamento, bem como a noção da Justiça de Xangô. A imersão nas tradições sagradas africanas e afro-brasileiras fortaleceu os laços das participantes com suas raízes culturais, o que, de fato, vem reverberando nas suas intervenções jurídicas cotidianas. Como resultado para a sociedade, o encontro motivou a elaboração de um relatório pelo Selo Juristas Negras, apresentado ao Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial da ONU.

Nele constou um diagnóstico da falta de posicionamento do governo brasileiro no que se refere à prevenção e enfrentamento ao racismo religioso, em suas mais múltiplas formas de manifestação. A Pedra de Xangô é citada no documento, como exemplo de boa prática da efetiva proteção dos locais públicos associados aos espaços de culto e rituais das religiões de matriz africana e afro-brasileira em Salvador, Bahia. O documento foi aceito e recomendado ao estado-membro Brasil.

A contribuição da Governança Espiritual Afro-brasileira no Parque Pedra de Xangô é fundamental para a reconstrução e aprimoramento dos marcos jurídicos normativos dos direitos e liberdades fundamentais no Brasil. Trata-se de um caso singular, onde as decisões são tomadas por entes sobrenaturais, através dos seus interlocutores trazendo o reencantamento do Direito e da governança secular.

O sitio natural sagrado Pedra de Xangô, como morada dos orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados, é um centro de energia encantada. Por meio de festas e rituais, na união entre terreiro e território, eis que surge uma arquitetura única,

transformando os terreiros, caminhos e encruzilhadas em espaços sagrados interligados, em redes.

No embate contra a tentativa de apagar a identidade cultural, na resistência e resiliência dos corpos que se recusam a se submeter às normas impostas pelo poder hegemônico, a pedagogia da encruzilhada de Xangô, *Nzazi* e *Sogbo* emergiu como uma estratégia de confronto conceitual. O Povo de Terreiro se reúne em círculo, na roda convoca Exu, oferece o *padê* para abrir novos caminhos, receber axé e fortalecer a comunicação, ampliando suas vozes e narrativas, reiterando assim sua cosmopercepção de mundo.

Na roda, por meio de caminhadas, *amalá*, *xirê*, *ossé*, *orô*, *ingorrossy* dos caboclos e outros rituais afro-brasileiros, o Povo de Terreiro buscou na celebração, no culto ao sagrado, na demarcação de corpos políticos e no movimento de mulheres e homens, imbuídos de uma sabedoria ancestral, força, energia, axé para edificar o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Para atender aos desejos e intenções do cliente (Xangô), foi necessário trilhar um caminho entre o consciente e o inconsciente, dando um passo para perceber o imperceptível, ouvir o inaudível e enxergar o invisível**.** Seguir o tênue caminho da intuição e acolher as Ori (entações) dos representantes do sagrado afro-brasileiro e ir ao encontro das tecnologias ancestrais.

O projeto do Memorial do Parque Pedra de Xangô revela uma série de conceitos que ressoam através de suas formas. O desenho arquitetônico, seguiu a performance e lógica do *xirê* que, na roda, dar passagem para todas as divindades vir em terra. Essa perspectiva circular introduz valores de igualdade e respeito mútuo na cosmopercepção do povo de terreiro, pois na roda todos são iguais, independente do cargo que ocupa, comprovando a interdependência de todos os seres e a simetria inerente a própria vida.

Entrelaçando-se em harmonia com as curvas das encostas, a circularidade dos ritos religiosos e das manifestações culturais, os materiais construtivos escolhidos representam e ecoam a ancestralidade do ambiente. A Taipa de pilão e os tijolos ecológicos erguem paredes que exalam a energia da terra. Os pilares metálicos lembram as ferramentas dos orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados. Nessa

sagrada união de elementos naturais, cada traço, curva e linha narra uma história, integrando a espiritualidade à própria estrutura do espaço, como uma prece gravada em pedra.

A Pedra de Xangô não apenas reside na encruzilhada, mas é a própria encruzilhada que conecta territórios, o visível e o invisível: comunidades, divindades e instituições públicas e privadas. Esse cruzamento desafiou o postulado da neutralidade científica, rompeu com a teoria positivista tradicional, especialmente no campo das ciências sociais. Reconheceu a Arquitetura como uma arte, cultura e ciência trans e interdisciplinar que transita por diversos campos do saber.

A tese investigou as múltiplas possibilidades e caminhos, onde concorreram percepções diversas e práticas cidadãs, na tessitura do tão sonhado e desejado memorial, demonstrando que é possível honrar os anseios da Governança Espiritual Afro-brasileira. Nos alicerces desse empreendimento, ressoaram os sussurros dos ancestrais, guiando-nos de volta às raízes da africanidade, resgatando práticas construtivas sustentáveis há muito esquecidas.

Para assegurar as orientações dos orixás, *voduns*, *inquices*, caboclos e encantados, a Governança Espiritual indicou um guardião das tradições afro-brasileiras, com a nobre missão de gerir o parque e proteger o seu legado ancestral. Este funcionário é Pedro Victor Almeida Dias, guardião dos trovões e devoto do Candomblé *jeje*, que emerge como um colaborador e guardião dos territórios do Parque Pedra de Xangô. Com pulso firme e coração devotado, ele atua, oferecendo seu apoio na gestão da Unidade de Conservação (UC).

Enquanto em outras Unidades de Conservação (UC), como o Parque Nacional da Tijuca, ocorrem conflitos entre funcionários e adeptos das religiões de matriz africana e afro-brasileira, devido ao depósito de oferendas em locais considerados inadequados pelos gestores, no Parque Pedra de Xangô, esse impasse é resolvido através do diálogo, da disseminação de cartilhas e da aplicação da tecnologia ancestral africana, o *Ojùbó*.

No Parque Pedra de Xangô, a capoeira uniu-se aos rituais religiosos, assegurando a presença de mais um patrimônio cultural no território. Poderosa ferramenta de transformação social, a capoeira transcendeu fronteiras, quebrou barreiras, contribuiu

para a valorização da rica diversidade cultural do sítio natural sagrado. A roda de capoeira possibilitou as crianças vivenciarem a cultura afro-brasileira, através da música, da dança, do gingado, da leitura de livros afrocentrados. Todos os domingos, mestre Jegue, visionário do futuro, esculpe o presente no compasso da capoeira, mantendo viva a chama da ancestralidade e da Governança Espiritual Afro-brasileira.

A visita pedagógica e o passeio cultural permitiram acessos às outras cosmopercepções de mundo, através do ver, do perceber, do sentir e do se comunicar. A imersão nos lugares sagrados do Parque em Rede Pedra de Xangô, promoveu uma conexão intimista com os valores culturais da natureza. Essas experiências possibilitaram uma integração plena entre os seres humanos e as demais criaturas da Terra, fortalecendo a salvaguarda cultural e ambiental da Pedra de Xangô e de seus arredores.

A Governança Espiritual, os enredos, a memória coletiva, a identidade singular e os conhecimentos ancestrais das diversas comunidades de terreiros deram o tom, a régua e o compasso na edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô. A arquitetura é ciência, é cultura, é Governança Espiritual. Ciente que a Pedra de Xangô possui potencial cultural, turístico, religioso, étnico e ecológico, a título de contribuições futuras, a tese propôs à Fundação Gregório de Mattos (FGM) a criação e instalação de obras de arte nos sítios naturais sagrados, ao longo do Parque em Rede Pedra de Xangô, como acontece na Floresta Sagrada de Oxum, na Nigéria. Essa iniciativa busca honrar e perpetuar a Governança Espiritual, realçando e preservando todos os espaços sagrados que existem no entorno da Pedra Sagrada.

A Governança Espiritual afro-brasileira resguardou a Pedra de Xangô do iminente perigo de destruição e, ainda, conduziu todo o processo de edificação do Memorial do Parque, tecendo redes, entrelaçando destinos, abrindo um novo horizonte para o planejamento urbano e arquitetônico na cidade de Salvador.

A Pedra de Xangô transcendeu sua imponência física, ergueu-se como um território vivo, um sítio natural sagrado, onde se fundem os domínios do visível e do invisível. Neste centro de energia, poder e força, se entrelaçaram, formando uma teia sagrada, uma rede indissociável de geologia, fauna, flora, pessoas e divindades. Por meio de rituais afro-religiosos, Xangô conduziu os rituais, edificando Sua arquitetura,

preservando a interdependência entre os reinos animal, vegetal e mineral, alimentando a chama da vida.

Na edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô, a Governança Espiritual demonstrou como se projeta uma arquitetura que, embora enraizada na tradição, se revela nitidamente contemporânea, insurgente e afro-diaspórica. Essa arquitetura emprega técnicas ancestrais em reverência às divindades africanas e afro-brasileiras, abraça seres e energias.

Assim, impulsionada pelo tempo espiralado de Exu e pelas normas do poder do Axé, a energia em movimento, apresento a presente tese: " A Governança Espiritual: o Sagrado Afro-Brasileiro na Edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô". Ciente de que a pesquisa é apenas o começo de um contínuo mergulho nas profundezas do legado ancestral, convido o leitor a contemplar a beleza da Pedra Sagrada e do seu conjunto arquitetônico e urbanístico. Vem ver a Pedra. Saudações a Exu, Laroyê! Saudações a Oyá, Eparrei! Saudações a Xangô, Kawô Kabiecilê! Saudações a todos os orixás, voduns, inquices, caboclos e encantados, Axé!

REFERÊNCIAS

ADJAOTTOR, J. E. T. KUWORNU; APPIAH, GEORGE; NARTEY, MELVIN. *The philosophy behind some Adinkra symbols and their communicative values in Akan*. Vol. 7(3), pp. 22-33, April, 2016 DOI:10.5897/PPR2015.0117 Article Number: A5A4C6E58407 ISSN:2141-663X Copyright © 2016 Author(s) retain the copyright of this article. Disponível em: <https://academicjournals.org/PPR>. Acesso em: 02. nov, 2023.

ALCOFF, L. M. (2022). *Extractivist epistemologies. Tapuya: Latin American Science, Technology and Society*, 5(1): 2127231. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/25729861.2022.2127231>. Acesso em: 02 nov. 2023.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?.* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AMADO, Jorge. *Obá Onã Xocun e a memória da Bahia in Carybé: coleção as Sete Portas da Bahia*. Pan ArtWorks/GBDG Editorial Ltda – Instituto Carybé, 2014. Desenhos de Carybé. Textos de Carybé e Pierre Verger.Pósfácio de Jorge Amado.

ALVES, Aristides (Org). *Casa dos Olhos do Tempo que Fala da Nação Angolão Paquetan Kunzo Kia Mezu Kwa Tembu Kisuelu Kwa Muije Angolão Paquetan*. Fotografia Aristides Alves. Texto Renato da Silveira e Cleidiana Ramos. Ilustração Maro Aurélio Damasceno. – Salvador: Asa Foto, 2010.

ALVES, Míriam Cristiane. A Matriz Africana: *Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas. Série Pensamento Negro Descolonial*, v.2.Organizadores: Míriam Cristiane Alves e Olorode Ògìyàn Kálàfó Jayro Pereira de Jesus. – 1. ed. --Porto Alegre: Rede Unida, 2020.216 p. (Série Pensamento Negro Descolonial, v.2).

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *Quilombos: Geografia africana – cartografia étnica –territórios tradicionais* – Rafael Sanzio Araújo dos Anjos. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2009.

_____. *A geografia afrobrasileira, o estado de mentalidade colonial e a governança racista*. Boletim Paulista de Geografia, nº 104, jul.-dez. 2020 (ISSN: 2447-0945).

_____. *O Brasil africano, os quilombos do agora e a governança racista do Estado: algumas referências espaciais in Arquiteturas dos quilombos da Bahia: território, natureza, tempo, cultura, etnicidade/organização*, Any Brito Leal Ivo, Fábio Macêdo Velame. Salvador: Edufba, 2023, p.25 – 59.

ARCHDAILY TEAM, 2023*. Pode a arquitetura combater a intolerância*. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1009748/pode-a-arquitetura-combater-a-intolerancia>. Acesso em: 05 nov. 2023.

ASANTE, Molefi K. *Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In*: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica*

inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. CAMPOS, Flávio de. Oficina de História: volume 2. São Paulo: Leya, 2013.

AUGRAS, *Monique. O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô / Monique Augras*. 2.ed. – Petropólis, RJ: Vozes, 2008.

BAHIA. Secretaria de Segurança Pública (SSP). Polícia Civil da Bahia. Coordenação de Documentação e Estatística Policial (CDEP/SGE). *Números de Crimes Violentos Letais Intencionais em Salvador - Por Bairros: período janeiro a dezembro: ano 2017*. Salvador, 2019.

_____. CONDER. Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia. Painel de informações: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairros e prefeituras-bairro /Sistema de Informações Geográficas Urbanas do Estado da Bahia (INFORMS - Organizador). 5ª ed. Salvador: CONDER/INFORMS, 2016.

BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullel,* O *menino fula*. Tradução de Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

_____ A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (org.). *História geral da África: metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010. v. 1, p. 167-212.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (BNDES). *Violência e Sistema Prisional*. Brasília, 27 out. 2017.

BARBOSA, Muryatan Santana. *Pan-africanismo e relações internacionais: uma herança (quase) esquecida*. Rev. Carta Inter., Belo Horizonte, v. 11, n. 1, 2016, p. 144-162.

BARBOSA, Saul; SODRÉ, Jaime. *Machado de Xangô*. Participación Especial: CAETANO VELOSO 66223539 / 2:45 Álbum “Bahia, cidade aberta” [Saul Barbosa]

DABLIÚ. *CD DB-OT 5018, Track 1*. Disponível em: <https://caetanoendetalle.blogspot.com/2014/11/1995-machado-de-xango.html>.

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia: rito nagô/ Roger Bastide*; tradução Maria Isaura Pereira de Queiroz; revisão técnica Reginaldo Prandi. – São Paulo; Companhia das Letras, 2001.

BELTRÁN, J. (Ed.) 2000. *Indigenous and Traditional Peoples and Protected Areas: Principles, guidelines and case studies*. Best Practice. (Disponível em: <<https://www.iucn.org/downloads/pag_004.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2023.

BERNBAUM, E. 2017. *The Cultural and Spiritual Significance of Nature in the Management and Governance of Protected Areas*. The George Wright Forum, vol. 34, no. 2, pp. 168–179. (Disponível em: <http://www.georgewright.org/342bernbaum.pdf>.

BERTULIO, Dora Lúcia Lima. *Direito e Relações Raciais. Uma Introdução Crítica ao Racismo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

BESTETTI, Maria Luisa Trindade (2014). *Ambiência: espaço físico e comportamento*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13083>. Acesso: 06 nov, 2023.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer/ Antônio Bispo dos Santos*; imagens de Santídio Pereira; texto de orelha Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

Bollettin, P., Ludwig, D. & El-Hani, C. (2023). *Challenges of symmetrical dialogue: Reflections on collaborative research in Northeast Brazil*. Ethnobiology Letters 14(2): 47- 55. Disponível em: <https://doi.org/10.14237/ebl.14.2.2023.1836>. Acesso 07 nov. 2023.

BONIOLO, Roberta Machado. *Os orixás não são lentos, eles são caprichosos: o projeto de criação do Espaço Sagrado da Curva do S (Parque Nacional da Tijuca/Rio de Janeiro*. Disponível em: <https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/ Roberta Machado Boniolo - 1021177 - 4374 - corrigido.pdf>. Acesso em: 26 nov, 2023.

BOOGAARD, Birgit; LUDWIG, David; GURI, Bernard Yangmaadome & BANUOKU, Daniel (2023) *A Reconsideration of African Spirituality in Agricultural Development Projects: Traditional Ecological Knowledge from Dagara Elders in Koro, Ghana. In Bolaji Bateye, Mahmoud Masaeli, Louise Müller & Angela Roothaan (eds.), Beauty in African thought: critical perspectives on the Western idea of development*. Lexington Books (2023). Disponível em: <https://philpapers.org/rec/BOOARO-4>. Acesso em: 05 nov. 2023.

BORRINI, G.; DUDLEY, N.; JAEGER, T; LASSEN, B.; BROOME, N. P.; PHILLIPS, A.; SANDWITH, T. *Governance of protected areas: from understanding to action*. IUCN, [S. l.], 2013. Disponível em: <https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/ documents/pag-020.pdf>. Acesso em: 07 dez, 2023.

BRAGA, Júlio. *Candomblé: força e resistência*. Afro-Ásia, Salvador, n.15, p. 13 – 17, 1992.

_____. *Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1995.

_____. *Religião e Cidadania*. Salvador: EDUFBA, 1990.

_____. *Fuxico de Candomblé: estudos afro brasileiros*. Feira de Santana: UEFS, 1988.

_____. *Candomblé: as cidades das mulheres e dos homens*. Feira de Santana: UEFS, 2014.

_____. *Ancestralidade afro-brasileira: o culto de babá egum*. Salvador: Ceao/Ianamá,1995

BRASIL. *Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil*. Artigo n. 216 de 5 de outubro de 1988. Brasília: Edições Câmara, 2012.

_____. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República – SEPPIR. *Ordem Jurídica e Igualdade Étnico Racial*/. Coordenado por Flávia Piovesan e Douglas de Souza. Brasília: SEPPIR, 2006.

_____. Lei Federal no 9.985, de 18 de julho de 2000. *Regulamenta o Art. 225°, par. 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9985.htm>. Acesso em: 08 mai, 2023.

_____. Tribunal de Contas da União. *Referencial básico de governança aplicável a organizações públicas e outros entes jurisdicionados ao TCU / Tribunal de Contas da União*. Edição 3 - Brasília: TCU, Secretaria de Controle Externo da Administração do Estado – SecexAdministração, 2020.

BROSIUS, J. P., 2004*. Indigenous Peoples and Protected Areas at the World Parks Congress*. Conservation Biology 18(3):609-612 (Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/249432270_Indigenous_Peoples_and_Protected_Areas_at_the_World_Parks_Congress>. Acesso em: 05 nov. 2023.

BUTA, Bernardo Oliveira; TEIXEIRA, Marco Antonio Carvalho (2020). *Governança pública em três dimensões: conceitual, mensural e democrática*. Articles. Organ. Soc 27 (94). Jul-Sep 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-9270941>.

BWAMBALE, B., NYEKO, M., SEKAJUGO, J. *et al*. *The essential contribution of indigenous knowledge to understanding natural hazards and disaster risk: historical evidence from the Rwenzori (Uganda)*. Nat Hazards 110, 1847–1867 (2022). Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11069-021-05015-x>. Acesso em: 05 nov. 2023.

CAMARA, Giselle Marques. *Maat: o princípio ordenador do cosmo egípcio: uma reflexão sobre os princípios encerrados pela pela deusa no Reino Antigo (2686-2181 a.C.) e no Reino Médio (2055 – 1650 a.C.)* / Giselle Marques Camara – 2011. 134 f.; il. Orientador: Ciro Flamarion Cardoso. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.

CARYBÉ. *Carybé: coleção as Sete Portas da Bahia*. Pan ArtWorks/GBDG Editorial Ltda – Instituto Carybé, 2014. Desenhos de Carybé. Textos de Carybé e Pierre Verger.Pósfácio de Jorge Amado.

CARVALHOS, Flávio; KRAUS, Lalita; SILVA, Maria Alice. *Apropriação tecnológica para o planejamento insurgente: transgressão e luta na Pedra de Xangô - Salvador/BA* in XX ENANPUR 2023 – BELÉM 23 A 26 DE MAIO.

CASTILHO, Lisa Earl; PARÉS, Luis Nicolau. *Marcelina da Silva e seu mundo: novos dados para uma historiografia do candomblé ketu*. Afro-Ásia, 36 (2007), p. 111-51.

CÉSAIRE, Aimé. *O discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora,1978.

CHARBEL, El – Hani. *Pensando sobre nossas relações com a natureza e aprendendo com o pensamento ameríndio*. Disponível em: <https://darwinianas.com/2023/01/26/pensando-sobre-nossas-relacoes-com-a-natureza-e-aprendendo-com-o-pensamento-amerindio/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

CORRÊA, *Aureanice de Mello. Não acredito em deuses que não saibam dançar: a festa do candomblé, território encarnador da cultura in Geografia cultural: uma antologia, volume II/organização, Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.

CORREIA, Gabriela Silva. *Tecendo afetos com o Parque São Bartolomeu: entrelaçando as narrativas sobre o lugar*. Trabalho final de graduação – TFG – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal da Bahia. FAU_UFBA, 2021.

CORREIO DA BAHIA. *ONU aponta Salvador como a 13ª cidade mais violenta do mundo*. Salvador, 10 abr. 2014.

COSTA, Ana de Lourdes Ribeiro da. *Ekabó!: trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século XIX*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1989.

COSTA, LARA MOUTINHO. Dissertação: Orientação: LOUREIRO, C. F. B. *A floresta sagrada da Tijuca: estudo de caso de conflito envolvendo uso público religioso de Parque Nacional*. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunid.E Ecologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CUNDILL, G., ROUX, D. J. & PARKER, J. N. (2015). *Nurturing communities of practice for transdisciplinary research*. Ecology and Society 20(2): 22. Disponível em: <http://www.ecologyandsociety.org/vol20/iss2/art22/>. Acesso:08 nov 2023.

CUNHA JUNIOR, Henrique. *A espacialidade urbana das populações negras: conceitos para o patrimônio cultural in* SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA JUNIOR, Henrique (orgs) / Marlene Pereira dos Santos; Henrique Cunha Junior – Fortaleza, CE: Editora Via dourada, 2019.

_____. *Bairro negro, lugar fora das ideias urbanísticas in* CUNHA JUNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira (orgs.)/ Henrique Cunha Junior; Estanislau Ferreira Bié – Fortaleza, CE: Editora Via dourada, 2023a.

_____. *Bairros negros e cidades negras: conceitos necessários para a inclusão das populações negras nas histórias da cidades brasileiras*. Revista Campo da História, v. 8, n. 1, 2023b. ISSN 2526-3943.

_____. NTU: Introdução ao pensamento filosófico Banto in Revista Educação em Debate. Fortaleza, v.1, n.59, ano 32, 2010.

_____. *Africanidade, Afrodescendencia e Educação*. Educação em Debate (UFC), Fortaleza, v. 2, n.23, p. 5-15, 2001.

_____. *Metodologia Afrodescendente em Pesquisa*. Ethnos Brasil, v. ano 6, p. 69-80, 2008.

DANTAS, Tatiana B.; PEIXOTO, Iuri de S. J. *Formação de corredores ecológicos no entorno da área proposta para criação do refúgio de vida silvestre do Vale Encantado*, *In*: MAIA, Margareth P. et al. *Estudos técnicos para subsidiar a criação da unidade de conservação de proteção integral do Vale Encantado*. Salvador: Imaterra. 2018. p.261-276.

_____, Tatiana B.; PEIXOTO, Iuri de S. J. *Mapa do Macro Corredor de "Todos os Santos*". Salvador: Imaterra. [Documento interno], 2020.

_____, Tatiana B.; PEIXOTO, Iuri de S. J. *Mapa do mini-corredor verde - APA Vale da Assis Valente e parque em rede Pedra de Xangô*. Salvador: Imaterra. [Documento interno], 2020.

_____, T. B. *Corredores Ecológicos: uma prioridade para a cidade de Salvador*. Palestra Proferida em Audiência Pública, realizada dia 15.12.2018, na Assembléia Legislativa da Bahia.

DIOGO, Hélen Rejane Silva Maciel. *À Maria Alice Silva e a todas as Convidadas de Sàngó in*: ALVES,Miriam Cristiane (org) et. al. *Matripotência e Mulheres Olúsó: memória ancestral e a enunciação de novos imaginários*. Organizadores: Miriam Cristiane Alves,Ana Paula Melo da Silva,Raquel Silveira Rita Dias, Priscilla Pinheiro Lampazzi e Kaká Portilho. 1 Ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2021.

DIOGO, Helen; SILVA, Maria Alice; Francisco Quintanilha Veras Neto; Fábio Macedo Velame. *O Parque Pedra de Xangô: afirmação da arquitetura e da geografia negra in* Arquiteturas contra-hegemônicas: identidades. Revista V!RUS [recurso eletrônico] / Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, - v.1, n.25 (2022) – São Carlos – SP; IAU/USP, 2022. Disponível em: <http://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus>. Acesso: 01 jan, 2023.

DIOP, Cheik Anta. *A unidade cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica*. Tradução Silvia Cunha Neto Luanda – Angola. Edições Mulemba, 2014.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. *Pedagogias da transmissão da religiosidade africana na casa de Candomblé Yabasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte – CE*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-Ce, 2011.

DOURADO, Odete. *Antigas falas, novas aparências: o tombamento do Ilê Axé NassôOká e a preservação dos bens patrimoniais no Brasil*. São Paulo, Revista Risco, IAU-USP, 2011.

DUARTE, Everaldo Conceição. *Terreiro do Bogum: Memórias de uma comunidade Jeje-Mahi na Bahia*. Everaldo Conceição Duarte – Lauro de Freitas – BA: Solisluna, 2018.

_____. *O Terreiro do Bogum e o Parque São Bartolomeu in Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultural* Ana Lúcia Menezes Formigli (org.) et al – Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998.

_____. *Santuários perdidos. Trabalho apresentado no Seminário Pedra de Xangô: território sagrado* – Fundação Gregório de Mattos, Salvador-Bahia, 2014. Acervo pessoal de Maria Alice Pereira da Silva.

DUARTE, Evandro C. Piza; QUEIROZ, Marcos V. Lustosa. *A Revolução Haitiana e o Atlântico. Negro: o constitucionalismo em face do lado oculto da modernidade. In:* "*Direito, Estado e Sociedade*", nº 49, jul/dez, 2016.

DUDA, Nega. *Êta no samba*. Nega Duda. Disponível em: (665) Êta No Samba - YouTube. Acesso em: 05 jun, 2022.

DUDLEY, Nigel. et al. 2010. *Conservation of biodiversity in sacred natural sites in Asia and Africa: a review of the scientific literature. IN*: VERSCHUUREN, B., *et al*. (Eds.). Sacred Natural Sites: conserving nature and culture. IUCN, Gland, Switzerland. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/249387637_Conservation_of_Biodiversity_in_Sacred_Natural_Sites_in_Asia_and_Africa_A_Review_of_the_Scientific_Literature>. Acesso em: 05 jun, 2022.

EL-HANI, C. N. (2022). *Bases teórico-filosóficas para o design de educação intercultural como diálogo de saberes*. Investigações em Ensino de Ciências 27(1): 1-38. Disponível em: <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2022v27n1p01>.

_____, C. N., Poliseli, L., & Ludwig, D. (2022). *Beyond the divide between Indigenous and academic knowledge: causal and mechanistic explanations in a Brazilian fishing community*. Studies in History and Philosophy of Science, 91, 296-306. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.shpsa.2021.11.001.

ELÍADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Rio de Janeiro: Edições 70 (Brasil) LTDA, 1989.1

_____. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1989.

ESTAÇÃO VERACEL. *Porto Seguro: Estação Veracruz*. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/porto-seguro-estacao-veracruz/#!/map=38329&loc=-16.38394180903203,-39.1675740480423,17>. Acesso em: 24 jan, 2024.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malé, 2016.

Fachini, Tiago (2021). *Direito consuetudinário: conceitos, requisitos e exemplos*. Disponível em: <https://www.boletimjuridico.com.br/artigos/teoria-geral-do-direito/11029/direito-consuetudinario-conceitos-requisitos-exemplos>. Acesso: 09 nov 2023.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira*, 1968.

_____. *Pele negra máscaras brancas*. Salvado: UFBA, 2008.

FFA – Arquitetura e Urbanismo / PMS - FMLF (2018). *Diagnóstico sociocultural ambiental do Parque em Rede Pedra de Xangô e elaboração dos projetos executivos do Parque Pedra de Xangô*. FFA – Arquitetura e Urbanismo / PMS - FMLF (2018).

FERNANDES-PINTO, Erika. *Sítios Naturais Sagrados do Brasil: Inspirações para oreencantamento das áreas protegidas* / Erika Fernandes-Pinto. -- Rio de Janeiro, 2017. 423 f. Orientadora: Marta de Azevedo Irving.Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2017.

_____. *No meio do caminho tinha uma pedra: resistência e proteção de um lugar sagrado afro-brasileiro em Salvador/BA*. Disponível em: <https://snsbrasil.blogspot.com/search?q=Pedra+de+xango&m=1>. Acesso em:07 dez, 2022.

_____. *Praying in Brazilian protected areas: From Conflicts to Potential Alliances with Society for Nature Conservation*. Disponível em: <https://www.academia.edu/93369630/Praying_in_Brazilian_Protected_Areas_From_Conflicts_to_Potential_Alliances_with_Society_for_Nature_Conservation2022>. Acesso em: 29 dez, 2022.

FERNANDES PINTO, Erika; IRVING, Marta de Azevedo. *Entre Santos, Encantados e Orixás: uma jornada pela diversidade dos sítios naturais sagrados no Brasil*. SER-UFPR – Revista DEMA – Desenvolvimento e Meio Ambiente. Vol. 46, agosto 2018, DOI: 10.5380/dma.v46i0.57281. e-ISSN 2176-9109.

_____. *Sítios naturais sagrados: valores ancestrais e novos desafios para as políticas de proteção da natureza*. SER- UFPR – Revista DEMA – Desenvolvimento e Meio Ambiente. Vol. 40, abril 2017, p. 275-296, DOI: 10.5380/dma.v40i0.47843.

Ferraz Junior, Tercio Sampaio. *A superação do direito como norma: uma revisão descolonial da teoria do direito brasileiro* /Tercio Sampaio Ferraz Junior, Guilherme Roman Borges. – São Paulo: Almedina Brasil, 2020.

FERREIRA da SILVA, Denise - *A Dívida Impagável*. Tradução: Amilcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Edição - Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

FIGUEIRÊDO JÚNIOR, Sérgio Magarão. *GEOSSIT – Cadastro de Sítios Geológicos*: *Pedra de Xangô*. Disponível em: <https://www.cprm.gov.br/geossit/geossitios/ver/1304>. Acesso em: 20 maio, 2018.

FONSECA, Carolina Ferreira. Forte da Capoeira: *Esquivas entre espetáculo e resistência em Salvador*. Dissertação de mestrado (PPGAU). Salvador – BA:UFBA, 2009.

Freeman, R. E., & Reed, D. L. (1983). Stockholders and stakeholders: *A new perspective on corporate governance*. California Management Review, 25, 88-106. doi:10.2307/41165018. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/41165018>. Acesso em: 05 jun, 2022.

FuKiau. Kimbwandende Kia Bunseki. *A visão Bantu Kongo da sacralidade do Mundo Natural*. Tradução portuguesa - Valdina O. Pinto. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/425286786/A-VISAO-BANTU-KONGO-DA-SACRALIDADE-DO-MUNDO-NATURAL-pdf>. Acesso em: 04 nov, 2022.

GATTÁS, Maria Lúcia Borges; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. *Interdisciplinaridade: uma contextualização. Artigos de Atualização*. Acta paul. enferm. 19 (3). Set 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002006000300011>. Acesso: 15 out, 2023.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A. 1989.

GILROY, Paul. *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Paul Gilroy; tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: ED. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GRAHAM, J.; AMOS, B.; PLUMPTRE, T. W (2003). *Governance principles for protected areas in the 21st century*. Ottawa: Institute on Governance, Governance Principles for Protected Areas, 2003. 50 p.

Grünewald, Rodrigo de Azeredo. *Toré e jurema: emblemas indígenas no nordeste do Brasil*. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000400018>. Acesso em: 25 dez, 2022.

Gisselquist, R. M. (2014). *Developing and evaluating governance indexes: 10 questions. Policy Studies*, 35(5), 513-531. doi:10.1080/01442872.2014.946484 Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01442872.2014.946484>. Acesso em: 05 jun, 2022.

GOMES, F. F. (2014). *Pan-africanismo, historiografia e educação: experiências em Cabo Verde e no Brasil*. [Dissertação -Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará]. Acervo Digital da UFC. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10942>. Acesso em: 05 jun, 2022.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria politico-cultural de amefricanidade. In:* Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, nº92/93 (jan./jun.). 1988b, p.69-82.

GRINDLE, M. S. (2017). *Good governance, R.I.P.: A critique and an alternative. Governance: An International Journal of Policy, Administration, and Institutions*, 30(1), 17-22. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/gove.12223>. Acesso em: 05 jun, 2022.

GUIMARÃES, Aissa Afonso. *Capoeira – a roda, o jogo, o ritual in Africanidade(s) e afrodescendência(s): perspectivas para a formação de professores* / Maria Aparecida Santos Corrêa Barreto [*et al.*], (organizadores). - Vitória, ES: EDUFES, 2013, p. 169-179.

IBEKWE, Chinweizu. *Marcus Garvey e o movimento de poder preto: legados e lições para a África preta contemporânea*. Lagos, Nigeria, 2008. Tradução pela AI-Brasil - shenuti Swahili KMT e Yerodin Kenyatta. Revisão por Laila Swahili. Publicado em agosto de 2020 como parte do Njia ya Garvey e da retomada RBG100.

ICMBIO, 2017. *Princípios e Diretrizes em Turismo de Base Comunitária*. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/turismo_de_base_comunitaria_em_uc_2017. pdf>. Acesso em: 05 jun, 2022.

JAMES, C. L.R. *Os Jacobinos Negros*. Toussant L' Overture e a revolução de São Domingos. Tradução Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio/ Kaka Werá Jecupé* – São Paulo: Pierópolis, 1998.

JECTY, Ruby (2022). *Mastering Adinkra symbols: An establishment of positive Ghanaian personality in the next generation*. Global Journal of Human-Social Science: G Linguistics & Education 22(2): 1–10.

JERONYMO, Carlos André Luz; SILVA, Elmo Rodrigues da; FONSECA, Kenny Tanizaki. *Uma análise da dimensão "tipo de governança" em Unidades de Conservação da Natureza no Brasil*. Novos Cadernos NAEA. v. 23 n. 3. p. 201-222. Set-dez, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1° Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. *Futuro ancestrall* Ailton Krenak. 1° Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KUWORNU-ADJAOTTOR, J. E. T., Appiah, George and Nartey, Melvin (2016). *The philosophy behind some Adinkra symbols and their communicative values in* Akan. Philosophical Papers and Review 7(3): 22–33.

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

Lefebvre, henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LIMA, Vivaldo da Costa. *Cosme e Damião: o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África*. Salvador: Corrupio. 2005.

_____. *Lessé Orixá: nos pés do santo*. Salvador: Corrupio, 2010.

LINO E SILVA, MOISES. "Cosmopolitics of Osun." In: HUPE, ANA. *Footnotes to Triangular Cartographies*. Berlin: K-Verlag, 2022.

LODY, Raul Giovanni da Mota. *Artesanato Religioso Afro-Brasileiro*. Prefácio de Clarival do Prado Valladares. Rio de Janeiro: IBAM, 1980.

_____. *Espaço, orixá, sociedade: um ensaio de antropologia visual*. Salvador: Perspectiva, 2005.

_____. *Xangô: o senhor da casa de fogo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

_____. *Um estudo sobre o culto à natureza pelos instrumentos religiosos do afro-negro e afro-islâmico no Brasil e suas especificações por uma ocupação física e cultural do espaço*. Copyrith – 1984, by.

Lopes, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana* [recurso eletrônico] /Nei Lopes. - 4. ed. - São Paulo: Selo Negro, 2011. recurso digital: il.

Ludwig, D. (2016). *Overlapping ontologies and Indigenous knowledge*. Studies *in History and Philosophy of Science* Part A, 59, 36-45. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.shpsa.2016.06.002>. Acesso em: 05 jun, 2022.

LUZ, Marco Aurélio; LUZ, Narcimária C. P. *Educação na perspectiva da ancestralidade africano-brasileira in Africanidade(s) e afrodescendência(s): perspectivas para a formação de professores* / Maria Aparecida Santos Corrêa Barreto [et al.], (organizadores). Vitória, ES: EDUFES, 2013.

LUZ, C.P. Narcimária. *Obstáculos ideológicos à dinâmica da pesquisa em educação. In:* Revista da FAEEBA. Educação e Contemporaneidade. Salvador, UNEB, Departamento de Educação, Campus I, ano 7, n. 10, jun-dez, 1998.

MACHADO, Vanda. *O que é racismo estrutural? a encruzilhada como lugar de resistência e afirmação da negritude in Escrevivências Baobás: De Contos Ancestrais Indígenas - Africanos – Diaspóricos*. Nascimento, Cláudio Orlando Costa do. (Organizadores) Oliveira, Eduardo David. Nkadibuala, Arlindo. Jesus, Rita de Cássia Dias Pereira de. Ituiutaba - MG: Editora Barlavento, 2023.

MALOMALO, Bas´Ilele. *Epistemologia do ntu: ubuntu, bisoidade, macumba, batuque e "x" africana in História e cultura afrodescendente / organizadores, Elio Ferreira de Souza, et. al*. - Teresina: FUESPI, 2018. 721 p. - (Coleção Àfrica Brasil; v. 8) Apoio: Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro/NEPA. ISBN Coleção: 978-85-509-0194-7 ISBN Volume: 978-85-8320-224-0

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*/ Leda Maria Martins. -1. Ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*/ Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 7. Ed. – 7. Reimpr. - São Paulo: Atlas, 2013.

MATIAS PEREIRA, José. *Curso de Administração Pública: Foco nas instituições e ações governamentais*. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2014.

Matos, Denis Alex Barboza de. *A Casa do "Velho": o significado da matéria no Candomblé. / Denis Alex Barboza de Matos*. 2017. 289 f.: il. Orientador (a): Profa. Dra. Márcia Genésia de Sant'Anna. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2017.

MAURICIO, George. *O candomblé bem explicado (Nações Bantu, Iorubá e Fon)/ Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã*; [organização Marcelo Barros]. – Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

MAZAMA, Ama. *A afrocentricidade como um novo paradigma. In Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*/ Elisa Larkin Nascimento (org.). São Paulo: Selo Negro, 2009.

Mensah, Atta Annan (2015). *The significance of Adinkra symbols in the design of communication art products: A case study of selected second cycle institutions in*

Kumasi metropolis. International Journal of Innovative Research and Development 4(10): 1–9.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº34, p.287-324, 2008.

MORIGI, Valdir José; MASSONI, Luis Fernando Herbert; SENA, Jocelaine Rodrigues de. *As memórias da cidade nas redes sociais*. Disponível em: <http://seminarios memoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/B029-VALDIR-JOSE-MORIGI-normalizado.pdf>. Acesso em: 05 jun, 2022.

MOREIRA, Adilson José. *Pensando como um negro: Ensaio de Hermenêutica Jurídica*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

MUYA, Juvénal Ilunga. Bénézet Buzo: *O despertar de um pensamento sistemático e autenticamente africano" in Teologia Africana no século XXI*. Coordenadores: Bénézet Buzo e Juvénal Ilunga Muya: Luanda, Angola: Editora Paulinas, 2008.

NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo*. Petropólis: Editora Vozes, 1980.

_____. *Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico cultural da população afro-brasileira. In: Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*/ Elisa Larkin Nascimento (org.), São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. *Adinkra: sabedoria em símbolos africanos* /organização Elisa Larkin Nascimento, Luiz Carlos Gá. – 2. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó: Ipeafro, 2022.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Pan-africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra*. São Paulo, Editora Vozes LTDA, 1981.

NASCIMENTO, Íris Salles. *O espaço do terreiro e o espaço da cidade: cultura negra e estruturação do espaço de Salvador nos séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado) Salvador: Faculdade de Arquitetura, 1989.

NJERI, Aza. Prefácio. *Valores afro-civilizatórios e artivismo: um direito à arte a à negritude in Direito, arte e negritude* [recurso eletrônico] / organizado por Rebeca de Souza Vieira e Veyzon Campos Muniz. – Porto Alegre: Fi, 2021. Disponível em: <http://www.editorafi.org/>. Acesso em: 05 jun, 2022.

Nogueira, Sidnei Barreto. *Curso Epistemologia de Xangô.* Ministrado pelo babalorixá, professor, doutor em Semiótica pela USP, Sidnei Barreto Nogueira em: 14 de agosto de 2022, on line.

NOGUERA, Renato. *Afrocentricidade e Educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado*. Revista África de Africanidades, Cidade Rio de Janeiro, ano 3, n.11, nov. 2010. Disponível em: <http://www.africaeafricanidades.com.br/ /01112010_02.pdf >. Acesso em: 05 jun, 2022.

_____. *O ensino da filosofia e a lei 10.639*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

_____. *A ética da serenidade: O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope*. Ensaios Filosóficos. v 8. Dez. 2013. p. 139-155. Disponível em: <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo8/noguera_renato.pdf>. Acesso: 23 out 2022.

_____. *Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 3, n. 6, p. 147-150, fev. 2012. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/358>. Acesso em: 02 jan. 2023.

ODEN, C. Thomas. *Quão africano é o cristianismo?: Redescobrindo as raízes africanas da Fé cristã*. Editora Quitanda, 2022, 1ª edição.

OHCHR.ORG. *Shadow Report submitted by Selo Juristas negras, to the 108th Session of the Committee on the Elimination of Racial Discrimination (CERD) on the examination of the 18th to 20th periodic report presented by Brazil pursuant to article 9 of the Convention*, *in* Geneva, November 14 to December 2, 2022. Disponível em:<https://tbinternet.ohchr.org/_layouts/15/treatybodyexternal/SessionDetails1.aspx?SessionID=2557&Lang=en. Acesso em: 05 nov, 2022.

Oliveira, Eduardo. Epistemologia da *Ancestralidade*. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf>. Acesso: 23 out 2022.

_____. *Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira*. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012, p.28-47.

OLIVEIRA, Iris Verena Santos de. *Becos, Ladeiras e Encruzilhadas: andanças do povo-de-santo pela cidade de Salvador*. / Iris Verena Santos de Oliveira. Dissertação (Mestrado) em História Social, Universidade Federal do Ceará – UFC – Fortaleza, 2007.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. In:* COETZEE, Peter; ROUX, Abraham. The African Philosophy Reader. Trad.: Wanderson Flor do Nascimento. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Disponível em: <https:/filosofia africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%2581_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf>. Acesso em: 02 set., 2020.

_____. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero/ Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí*; tradução Wanderson Flor do Nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

_____. *Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

PAIM, Márcio. *Pan-africanismo: tendências políticas, nkrumah e a crítica do livro na casa de meu pai. Sankofa*: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 88-112, jul. 2014.

PAIXÃO, Marcelo. *O verde e o negro: a justiça ambiental e a questão racial no Brasil, in* Henri Acselrad; Selene Herculano; José Augusto Pádua. *Justiça ambiental e cidadania*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 159-168, 2007.

PEREIRA, R. G. F. A. FIGUEIRÊDO JÚNIOR, S.M. *Pedra de Xangô: a geodiversidade presente nas tradições afrodescendentes da cidade de Salvador-Bahia*. 49º Congresso Brasileiro de Geologia – 20 a 24 de agosto de 2018 – Rio de Janeiro. Disponível em: <http://cbg2018anais.siteoficial.ws/ST01/st01.htm>. Apresentação nº 4790.

PARADISO, Silvio Ruiz. Religiosidade na Literatura Africana: *A Estética do Realismo Animista In*: Revista Estação Literária. Londrina, Volume 13, p. 268-281, jan. 2015.

PARÉS, Luís Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *O rei, o pai e a morte: a religião vodum na antiga Costa dos Escravos na África Ocidental/* Luis Nicolau Parés. – 1ª. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *Transformações dos voduns do mar e do trovão na área Gbe e no Candomblé jeje da Bahia in Somávò: O Amanhã nunca termina: novos escritos sobre a religião dos voduns e orixás/* Carlos Eugênui Marcondes de Moura, (org.). – São Paulo: Empório de Produção, 2005.

PASSEGGI, *Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In:* PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista (Org.). *Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PASSOS, Walter de Oliveira. *Bahia: terra de quilombos*. Salvador, 1996

PAZ, Francisco Phelipe Cunha. *Memória, a flecha que rasura o tempo: reflexões contracoloniais desde uma filosofia africana e a recuperação das memórias usurpadas pelo colonialismo*. Problemata: R. Intern. Fil. V.10, n.2 (2019), p.147-166 ISSN 2236 – 8612 doi: <http://dx.doi.org/10.7443/problemata. V1 Oi2. 49127>. Acesso em: 05 jun, 2022.

PIOVESAN, Flávia; SOUZA, Douglas Martins de. *Introdução in BRASIL*. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República – SEPPIR. Ordem Jurídica e Igualdade Étnico Racial/. Coordenado por Flávia Piovesan e Douglas de Souza. Brasília: SEPPIR, 2006.

PEDRA DE XANGÔ NO INSTAGRAM. *Pedra de Xangô é enredo, é rede. Diz a lenda que antes de serem embarcados nos navios negreiros, os escravizados africanos, sob chibatada*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BrP3kTrhRnt/?igshid= 1tas0lnvfhuo6>. Acesso em: 05 jun, 2022.

Peters, G. O que é governança? Revista do TCU, n. 127, p. 28-33, 2013.

PENTEADO JÚNIOR, Wilson Rogério. *Prefácio II. In: Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador /* Maria Alice Pereira da Silva; Fundação

Gregório de Mattos; coordenador Magnair Santos Barbosa; prefácio Fábio Macedo Velame, Wilson Rogério Penteado Júnior. Recife: Liceu, 2019.

PORTELA, Thais Bhanthumchinda. O urbanismo e o candomblé: sobre cultura e produção do espaço público urbano contemporâneo. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional daUniversidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2007.

PORTILHO, Kaká. *Um matriarcado amerinafricano no Brasil. In Matripotência e Mulheres Olùsó: memória ancestral e a enunciação de novos imaginários*/ Organizadores: Míriam Cristiane Alves, Ana Paula Melo da Silva, Raquel Silveira Rita Dias, Priscilla Pinheiro Lampazzi e Kaká Portilho. 1. Ed. – Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2021.

PRANDI, Reginaldo. *O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.16, n. 47, p. 43-58, out. 2001.

QUEIROZ, Marcos Vinícius Lustosa. *Constitucionalismo brasileiro e o Atlântico Negro: a experiência constitucional de 1823 diante da Revolução Haitiana* Dissertação apresentada como requisito parcial de obtenção do título de Mestre em Direito no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília – UnB, na área de concentração “Direito, Estado e Constituição”, linha de pesquisa “Constituição e Democracia”, Brasília, 2017a.

_____. *Constitucionalismo Brasileiro e o Atlântico Negro: a experiência constituinte de 1823 diante da Revolução Haitiana*. Rio de Janeiro, Lumen Juris, 2017b.

_____. Constitucionalismo Negro: elementos de teoria e história constitucional a partir da Revolução *Haitiana*. Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD), v.13, n.1, 2021. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/RECHTD/article/view/16763> Acesso em 25 out, 2021.

RAMOS, Luciana de Souza. *O direito achado na encruza: territórios de luta, (re) construção da justiça e reconhecimento de uma epistemologia jurídica afro-diaspórica 2019*. 422 f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

RAMOSE, Mogobe; *Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana*. Tradução: Dirce Eleonora Nigro Solis, Rafael Medina Lopes e Roberta Ribeiro Cassiano. In: Ensaios Filosóficos, Volume IV, out. de 2011. Disponível em: <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf>.

RAMOS, R. M. *A ancestralidade: construção e aquisição de identidades africanas no Brasil realizadas a partir da cultura do Candomblé*. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 16(2), São João del-Rei, abril-junho de 2021. e-4051.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

RAVAGNOLI, N. C. da S. R. (2018). *A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada*. The ESPecialist, 39(3). <https://doi.org/10.23925/2318-7115.2018v39i3a2>. Acesso em 25 out, 2021.

REED-BANDELE, Cimarron. Marcus Garvey não era um pan-africano. Tradução: Yerodin Kenyatta e Swahili KMTAI. Brasil – RBG100 [documento interno].

REIS, João José. Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em *1835*/ João José Reis. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

RIBEIRO, Adalberto de Figueiredo; MORAES, Antônio Marcos Vitória de. *Inspeção geológica de superfície ao monumento lítico afro religioso: "Pedra de Xangô", Fazenda Grande II, Salvador, BA*. Adalberto de Figueiredo Ribeiro, Antônio Marcos Vitória de Moraes, 2015.

RIBEIRO, Katiúscia; Luiz, Raphael; Ribeiro, Sônia; Ignacio, João Paulo. *Introdução a filosofia africana*. Apostila – Ajeum filosófico.

RIBEIRO, Katiúscia. *Mulheres negras e a força matricomunitária*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/mulheres-negras-e-a-forca-matricomunitaria/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

RICCI, Daniele. Importância da preservação da ambiência nos patrimônios *históricos*. Disponível em: <https://corsiarquitetura.com.br/2019/08/28/importancia-da-preservacao-da-ambiencia-nos-patrimonios-historicos/>. 2019. Acesso em 05 nov, 2023.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. 1° Edição. Rio de Janeiro: Mórula Editora, 2019.

_____. *Pedagogia das encruzilhadas in* Revista Periferia, v.10, nº1, p.71- 88, jan./jun., 2018.

SALVADOR [recurso eletrônico] / organização Gilberto Corso Pereira, Claudia Monteiro Fernandes. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. Recurso digital; 8500 MB (*Reforma Urbana e Direito à Cidade*; 17)

SALVADOR. Decreto nº 28.434, de 5 de maio de 2017. Ano XXX – 6835. *Aprova os Tombamentos do Movimento Afro Religioso, conhecido por Pedra Sagrada do Antigo Quilombo do Buraco do Tatu, "Pedra de Xangô", e também da área considerada de Remanescente de Antigo Quilombo, bens culturais situados na Fazenda Grande II e Cajazeiras*. Diário Oficial do Município – Poder Legislativo, Salvador, 6 a 9 mai 2017, p.2.

_____. *Decreto nº 29.057, de 25 de out. de 2017. Cria o Grupo de Trabalho para acompanhar a criação da Unidade de Conservação do Vale da Avenida Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô*. Diário Oficial do Município. Poder Legislativo, Salvador, BA.

_____. *Portaria nº035, de 10 de nov. de 2017. Cria o Grupo de Trabalho para acompanhar a criação da Unidade de Conservação do Vale da Avenida Assis Valente*

e do Parque em Rede Pedra de Xangô designando para compô-lo representantes da sociedade civil. Diário Oficial do Município. Poder Legislativo, Salvador, BA.

_____. *Decreto 27.179 de 2016. Salvador BA*. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/decreto/2016/2717/27179/decreto-n-27179-2016-regulamenta-a-lei-n-8550-de-28-de-janeiro-de-2014-que-instituiu-normas-de-protecao-e-estimulo-a-preservacao-do-patrimonio-cultural-do-municipio-de-salvador>. Acesso em: 05 jun, 2022.

_____. *Lei Ordinária 8.550 de 2014*. Salvador BA. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/lei-ordinaria/2014/855/8550/lei-ordinaria-n-8550-2014-institui-normas-de-protecao-e-estimulo-a-preservacao-do-patrimonio-cultural-do-municipio-de-salvador-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 05 jun, 2022.

_____. *Lei nº 9609, de 01 de jul. de 2016. Dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador – PDDU 2016 e dá outras providências*. Diário Oficial do Município. Poder Legislativo, Salvador, BA. Disponível em: <http://www.sucom.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/LEI-n.-9.069-PDDU-2016.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2017.

_____. *Decreto nº 28.434, de 05 de maio de 2017. Ano XXX – 6835, publicado 06 a 09 de maio de 2017, p.2. Aprova os Tombamentos do Movimento Afro Religioso, conhecido por Pedra Sagrada do Antigo Quilombo do Buraco do Tatu, "Pedra de Xangô", e também da área considerada de Remanescente de Antigo Quilombo, bens culturais situados na Fazenda Grande II e Cajazeiras*. Diário Oficial do Município. Poder Legislativo, Salvador, BA.

_____. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente – SEDHAM. Cadernos da Cidade. Vol.1 – *Uso e Ocupação do Solo em Salvador, 1999-2002*. Disponível em: <http://www.sim.salvador.ba.gov.br/caderno /Cadernos>. Acesso em: Acesso em: 07 mar, 2020.

_____. SECOM. Prefeitura Municipal do Salvador. *Prefeitura faz tombamento da Pedra de Xangô nesta quinta (04).* Disponível em: http://www.comunicacao. salvador.ba.gov.br/index.php/pautas/49914-prefeitura-faz-tombamento- da-pedra-de-xango-nesta-quinta-04>. Acesso em: 07 mar, 2020.

_____. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. SECULT – Fundação Gregório de Mattos - FGM. *Pedra de Xangô e área considerada sítio histórico do antigo Buraco do Tatu – outubro – 2016*. Dossiê Processo de Tombamento Municipal nº086/15.Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2016.

SAMS, Jamie. *As cartas do caminho do sagrado: as descobertas do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1993.

SANT'ANNA Márcia. *O Projeto MAMNBA: contexto político institucional, desdobramentos conceituais e técnicos*. Anais do Museu Paulista. São Paulo, Nova Série, vol. 28, 2020, p. 1-17. d2 e 29.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. 1ª Edição. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

_____. *A terra dá, a terra quer*/ Antônio Bispo dos Santos; imagens de Santídio Pereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Eufrásia Cristina Menezes. *A dimensão espetacular das festas públicas do candomblé in* Léa Freitas Perez; Leila Amaral; Wânia Mesquita (org.). Rio de Janeiro, Garamond, 2012.

SANTOS, Jocélio Teles. *O dono da terra: o caboclo nos candomblés da Bahia.* Salvador: Sarah Letras, 1995.

_____. (Coordenador); *Mapeamento dos terreiros de Salvador/* Jocélio Teles dos Santos. - Salvador: UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais, 2008.

_____. *Candomblé e espaço urbano no Bahia do século XIX. In*: Estudos Afro-Asiáticos, Salvador, ano 27, nº 1/2/3, Jan-Dez:205-226.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nàgô e a morte: Pàde, e o culto Égun na Bahia*; traduzido pela Universidade Federal da Bahia. 13. Ed. – Petrópolis, Vozes, 2008.

_____. *Deoscoredes Maximiliano dos. (Mestre Didi Asipá).* Sángò. Salvador: Corrupio, 2016.

SANTOS, Milsoul. *Orixalidade in:* MELO, Edelamare. *Negro/a, quilombola, religioso/a de matriz africana: Preconceito, Racismo, Intolerância e Discriminação nas Relações de Trabalho, Produção e Consumo*. Edelamare Melo (Org.). Belo Horizonte: Editora RTM,2019.

SANTOS, Maria do Carmo dos Rebouças. *Lições constitucionais da Revolução do Haiti: No aniversário do símbolo da independência haitiana, que a experiência constitucional revolucionária dos jacobinos negros possa servir de farol para novas viagens constitucionais no Brasil.* Correio Brasiliense, 22/05/2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2021/05/4926163-licoes-constitucionais-da-revolucao-do-haiti.html>. Acesso em: 05 jan, 2022.

SARTRE, Jean Paul. *Prefácio. In:* Frantz Fanon. *Os condenados da terra Rio de Janeiro*: Civilização Brasileira, 1968. p. 3-21.

SÉRGIO DOS SANTOS DE SÃO BERNARDO, Augusto. *Xangô e Thémis: Estudos sobre filosofia, direito e racismo* / Augusto Sérgio dos Santos São Bernardo. Salvador: J. Andrade, 2016.

_____. *A lenda e a lei: A ancestralidade afro-brasileira como fonte epistemológica e como conceito ético-jurídico normativo*. Revista Odeere, v. 3, n.6, p. 226-250, dez. 2018.

SERRA, Ordep. *Ilê axé Iyá Nassô Oká/Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho - Laudo Antropológico de autoria do professor doutor Ordep José Trindade Serra da Universidade Federal da Bahia.* 2008. Disponível em:

<http://ordepserra.files.wordpress.com/2008/09/laudo-casa-branca.pdf>. Acesso em: 10 mar, 2014.

SILVA, Alberto da Costa e, *Um Rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África* / Alberto da Costa e Silva. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Ed. UFRJ, 2003.

SILVA, Cidinha da. *Exuzilhar: melhores crônicas de Cidinha da Silva*, vol.1/ Cidinha da Silva – [1. Ed.] – São Paulo: Kuanza Produções, 2019.

SILVA, José Roberto da; Souza, evilásio Clecio de; RUFINO, Maria Aparecida da Silva. *O ritual do toré como organizador prévio para o conceito de círculo*. Zetetiké,Campinas, SP, v.26,n.1,jan./abr. 2018, p.75-93. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.20396/zet.v26i1.8650471>. Acesso em: 07 mar, 2020.

SILVA, Maria Alice Pereira da. *Candomblé*. Revista VeraCidade. Revista da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente – SEDHAM –Prefeitura Municipal de Salvador, Ano IV – Número 5 – Outubro 2009 – ISSN – 1981-545X.

_____, Maria Alice Pereira da *et al*. *APA Municipal Assis Valente e Parque em Rede Pedra de Xangô*. Trabalho apresentado à Câmara de Vereadores de Salvador como proposta de Emenda aditiva e modificativa ao artigo 135, inciso XVII do Projeto de Lei nº 396/2015 do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – PDDU – 2016. Sugeridoa criação na área em estudo da APA Municipal Vale da Avenida Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô.

_____, Maria Alice Pereira da; SARAIVA PEIXOTO, José Augusto; CASTRO, Cássio Marcelo de. *Paisagismo religioso: Parque em rede Pedra de Xangô in* Anais [do] XIII Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura – ENEPEA: Paisagismo necessário – verde social, Ba 23 a 27 de agosto de 2016 – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo; Márcia Rebouças Freire, Lucy Rocha Kalil (orgs) – Salvador: FAUBA, 2016.

_____, Maria Alice Pereira da. *Pedra de Xangô: um lugar do sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador.* 2017. 405 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24875>. Acesso em: 07 mar, 2020.

_____, Maria Alice Pereira da. *Salvador Roma Negra: cidade diaspórica* (2018). Disponível em: <https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais /8/1530393388_ARQUIVO_Salvador-RomaNegra.pdf>. Acesso: 30 out, 2022.

_____, Maria Alice Pereira da. *Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador*/Maria Alice Pereira da Silva; Fundação Gregório de Mattos; coordenador Magnair Santos Barbosa; prefácio Fábio Macedo Velame, Wilson Rogério Penteado Júnior. Recife: Liceu, 2019.

_____, Maria Alice Pereira da. *Pedra de Xangô Park: An Act of Historical Repair in "Banning Black Gods: Law and Religions of the African Diaspora*, Journal of Africana Religions, vol.9, n.2, da Pennsylvania State University Park, PA, 2021a.

_____, Maria Alice. Pedra de Xangô, *Nzazi* e *Sogbo*/ Maria Alice Pereira da Silva e Walter Passos; ilustrado por Dayse Gomis. – Salvador: Ouricinho, 2021b.

_____, Maria Alice. *Pedra de Xangô: patrimônio cultural?* / Maria Alice Pereira da Silva e Walter Passos; ilustrado por Anderson Eloy. – Salvador: Ouricinho, 2021c.

_____, Maria Alice Pereira da *et al. A arquitetura da terra na implantação do Parque da Pedra de Xangô. In:* Anais do Seminário Arquitetura Vernácula/Popular. Anais. Salvador(BA) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 2021d. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/arqvernapop/398117-a-arquitetura-da-terra-na-implantacao-do-parque-da-pedra-de-xango/>. Acesso em: 07 mar, 2020.

_____, Maria Alice Pereira da; DIOGO, Hélen Rejane Silva Maciel; VERAS NETO, Francisco Quintanilha. *Ecos e contra-narrativas ocidentais: o letramento racial crítico como artefato para o (RE) conhecimento do patrimônio cultural e religioso afro-brasileiro.* Livro digital. Àwúre. Direitos Humanos Fundamentais dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiros de Religiões de Matriz Africana e Afro-Indígenas. CONAETE – Ministério Público do Trabalho, Brasília, 2022.

_____, Maria Alice Pereira da; DIOGO, Hélen Rejane Silva Maciel; VERAS NETO, Francisco Quintanilha. *A Justiça de Xangô e as suas interfaces com o constitucionalismo negro: o estudo de caso "A Pedra de Xangô".* Bahia Análise & Dados, v. 32, p. 1-25, 2023a.

_____, Maria Alice Pereira da. VERAS NETO, Francisco Quintanilha; RIBEIRO, Bernard Constantino. *Saberes, fazeres de terreiros e interseccionalidades: as ações irruptivas transformativas e cadenciadas das Matriarcas da Pedra de Xangô in* Anais 12º Seminário Interdisciplinar de Sociologia e Direito - *Mulheres na ciência protagonismos e luta*, 2023. Universidade Federal Fluminense - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, 2023b.

_____, Maria Alice Pereira da. Pedra de Xangô: *Pedra do Quilombo do Buraco do Tatu e/ou Pedra do Quilombo do Urubu? in* Arquiteturas dos quilombos da Bahia: território, natureza, tempo, cultura, etnicidade/organização, Any Brito Leal Ivo, Fábio Macêdo Velame. Salvador: Edufba, 2023c, p.89 – 115.

SILVA, Maurício WC. Sombra di polon: *O embrião das moranças e tabankas da herança kaabunke. Revista África e Africanidades* Ano X –n. 25 – out-dez 2017, disponível em:www.africaeafricanidades.com.br.

SILVA, Meryelle Macedo; SOUZA, Márcia Aparecida de; CUNHA JÚNIOR, Henrique. *História sociológica brasileira e pan-africanismo: reflexões para educação*. Dossiê pensamentos comunicacionais afrodiaspóricos. Esferas, ano 13, vol.3, nº28 – setembro-dezembro 2023/ISSN – 2446-6190.

SILVA, Sidnei Felipe da; RAMOS, Leandro da Silva. *O "Toré" e o ensino de geografia: as músicas indígenas na etnoeducação Potiguara da Paraíba in* Intinerarius Reflectionis Revista Eletrônica da Graduação/Pós-Graduação em Educação UFG/REJ ISSN 1807-9342 Volume 14, N. 2, 2018.

SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e umbanda: caminhos de devoção brasileira: ilustrações Olavo Cavalcanti*. 5. Ed. São Paulo, Selo Negro, 2005.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*/ Luiz Antônio Simas/Luiz Rufino. 1ª. Ed – Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SODRÉ, Jaime. *Cosme e Damião: celebração, africanização e memória in Cosme e Damião: a arte popular de celebrar os gêmeos*. Coleção Ludmilla Pomerantzeff. Maria Lucia Montes (Curadoria e texto); Cândido da Costa e Silva e Jaime Sodré (textos). São Paulo: Expomus: Exposições, Museus e Projetos Culturais, 2010.

SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade: a formação social negro brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

_____. *Mestre Bimba: corpo de mandinga*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2008.

_____. *Pensar nagô / Muniz Sodré*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade*. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUSA JUNIOR, Vilson Caetano de. Oloya, *Ebomi Nice e o bailar das borboletas/ Vilson Caetano de Sousa Junior, Nice Evangelista Espíndola; Ilustrações de Rodrigo Siqueira*. Salvador: Brasil com Artes, 2022.

_____. *Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas/Vilson Caetano de Sousa Junior; ilustrações de Rodrigo Siqueira*. Salvador: EDUFBA, 2011.

SOUZA, Jessé. *A Guerra contra o Brasil. Como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

SOUZA, Luiz Antonio de. *Parecer referente ao processo nº086/2015 - PR – FGM – Fundação Gregório de Mattos, relativo ao Tombamento Municipal da Pedra de Xangô e Área Considerada Sítio Histórico do Antigo Quilombo do Urubu*. Relator: Luiz Antônio de Souza. Membro do Conselho Consultivo de Patrimônio da FGM – representante da UNEB – Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 22 nov.2016, p. 1-9.

Studley, John; Horsley, Peter. *Spiritual Governance as na Indigenous Behavioural Practice" in Cultural and Spiritual Significance of Nature in Protected Areas: Governance, Management and Policy*, editado por Verschuuren, B. e Brown, S (pp.72-84). Editor: Routdlege, 2018.

SZTUTMAN, Renato. *O animismo hoje*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br /home/o-animismo-hoje/>. Acesso em: 28 jan, 2023.

TENGÖ, M., HILL, R., MALMER, P., RAYMOND, C. M., SPIERENBURG, M., DANIELSEN, F., ELMQVIST, T. & FOLKE, C. (2017). *Weaving knowledge systems in* IPBES, CBD and beyond – Lessons learned for sustainability. Current Opinions in Environmental Sustainability 26: 17-25. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j. cosust.2016.12.005>.

THIBAUD, Jean Paul. *O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. In:* TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira; RABINOVICH, Elaine Pedreira; GUEDES, Maria do Carmo. (Org.). Psicologia e Ambiente. São Paulo: EDUC, 2004. p. 347-361.

_____. (2005). *Psicologia ambiental e política ambiental: estratégias de construção do futuro*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000100022>. Acesso: em 20 nov, 2023.

_____. *A cidade através dos sentidos*. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_ACidade_JeanThibaud.pdf >. Acesso: em 20 nov, 2023.

TOFANI, F. P. *Teorias e práticas contemporâneas de restauração, reabilitação e requalificação do patrimônio cultural edificado: uma experiência de ensino de pós-graduação interdisciplinar*. Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Belo Horizonte, v.11, n.2, p. 1-25, 2020.

UNEP, 1999. *Cultural and Spiritual Values of Biodiversity*. Disponível em: <http://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/9190/Cultural_Spiritual_thebible.pdf?isAllowed=y&sequence=1>. Acesso em: 07 mar, 2020.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. Pensamento Sistêmico: uma epistemologia científica para uma ciência novo-paradigmática". Disponível em: <https://www.mariajoseesteves.com.br/wp-content/uploads/2021/08/1.-PDF-no-LAYOUT-Pensamento-Siste%CC%82mico-Word.pdf>. Acesso em: 02 set, 2022.

VASCONCELOS, Sérgio Douets; LIMA, Cláudia Rocha. *A cultura Iorubá e a sua influência na construção das religiões de matriz africana no Brasil*. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342544>. Acesso: 23 out 2022.

VAZ, Livia Sant'Anna; RAMOS, Chiara. *A Justiça é uma mulher negra; ilustrado por Vanessa Ferreira – Preta Ilustra*. – Belo Horizonte, MG: Casa do Direito, 2021.

VELAME, Fábio M. *Prefácio I. In: Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador* / Maria Alice Pereira da Silva; Fundação Gregório de Mattos; coordenador Magnair Santos Barbosa; prefácio Fábio Macedo Velame, Wilson Rogério Penteado Júnior. Recife: Liceu, 2019.

_____. *Arquiteturas crioulas: os terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix* / Fábio Macedo Velame. Salvador: EDUFBA/PPGAU, 2022a.

_____. *Arquiteturas dos terreiros de candomblé: entre os africanistas e crioulistas* / Fábio Macedo Velame in Olhares contemporâneos sobre arquitetura vernácula/popular/ Márcia Sant'Anna, Marco Antônio Penido de Rezende, organizadores. Salvador: EDUFBA; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022b.

VELHO, Gilberto. *Patrimônio, negociação e conflito. Fonte: Mana – Estudos de Antropologia Social*; volume 12, número 1, p. 237-248. Abril 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/NtsgyP5DLx9P867hBBhv3xh/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. *Haiti.* Disponivel em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44730/>. Acesso em: 07 mar, 2020.

VELOSO, Fernando A.; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fabio (2007). *Determinantes do "milagre" econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica*. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1764/1/TD_1273.pdf>.

VERSCHUUREN, B., et al. 2010. *Sacred natural sites conserving nature and culture. Earthscan.* Disponível em: <https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/2010-045.pdf>. Acesso em: 07 mar, 2020.

_____. (Ed.), 2018. *Cultural and Spiritual Significance of Nature in Protected Areas. Routled.* Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/328355750_Cultural_and_Spiritual_Significance_of_Nature_in_Protected_and_Conserved_Areas_The_%27deeply_seated_bond%27>. Acesso em: 07 mar, 2020.

WILD, R.; MCLEOD, C. (Ed.) 2008. *Sacred Natural Sites: Guidelines for Protected Area Managers*. Gland, Switzerland: IUCN. Best Practice Protected Area Guidelines Series No. 16. Disponível em: <https://cmsdata.iucn.org/downloads/pa_guidelines_016_sacred_natural_sites.pdf>. Acesso em: 05 mar, 2020.

VIDA, Samuel Santana. Quem dorme com os olhos dos outros não acorda a hora que quer: colonialidade jurídica, constitucionalismo, e direito à liberdade religiosa na diáspora – a cidade negra e os sujeitos constitucionais das religiões de matrizes africanas em *Salvador*. 2018, dissertação de mestrado, UNB – Brasília.

VIDOR, Elisabeth. *Capoeira: Capoeira: uma herança cultural afro-brasileira*/ Elisabeth Vidor e Letícia Vidor de Sousa Reis. – 1. Ed. – São Paulo: Selo Negro, 2013.

VIEGAS, Cintia Camila Liberalino; TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. *O papel da ambiência histórica nos processos de tombamento de sítios históricos urbanos*. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 18, nº28. 1º sem. 2017.

_____. *Preservação da ambiência histórica: contribuições dos documentos patrimoniais para intervenções em ambientes históricos e culturais. Projetar – 2015. Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática*. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Viveiros de Castro, Eduardo. *Perspectival anthropology and the method of controlled equivocation. Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, 2(1), 3-22. Disponível em: <https://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol2/iss1/1, 2004>. Acesso em: 01 mar, 2020.

_____. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia: Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____. (2016). *Entrevista*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/eventos/185-noticias/noticias-2016/559817-eduardo-viveiros-de-castro-o-que-se-ve-no-brasil-hoje-e-uma-ofensiva-feroz-contra-os-indios>.

_____. *A antropologia perspectiva e o método de equivocação controlada*. Tradução – Marcelo Graconazzi Camargo – Universidade de Brasília. Rodrigo Amaro

– Universidade Estadual de Minas Gerai. Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 5 (10): 247-264, agosto a dezembro de 2018.

YAYI, Abiola Akande. *Novo mercado tradicional para Abomey-Calavi*. Trabalho de conclusão do curso II em Arquitetura. Profª orientadora: Giovanna Teixeira Damis Vital. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

_____. *Ancestralidade africana e mundo contemporâneo*. E-book. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/550224251/Ancestralidade-Africana-e-Mundo-Contemporaneo-Abiola-Akende-Yayi>. Acesso em: 25 dez, 2022.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. *A Pachamama e o ser humano*. Florianópolis: Editora UFSC, 2017.

ZAMBUZZI, Mabel. *O Espaço Material e Imaterial do Candomblé na Bahia: O que e como proteger*. Dissertação de Mestrado. Salvador: PPG-AU/FAUFBA, 2010, 143p

WORLD BANK. *Governance and development*. Washington: The World Bank, 1992.

GLOSSÁRIO

Abassá (Agbassá): Barracão do terreiro, salão onde se realizam as cerimônias públicas.

Abikus: aqueles que não querem nascer.

Acã: Grupo etnolinguístico localizado em Gana.

Acará: O mesmo que acarajé. Mecha de algodão embebida em azeite de dendê, que, ao ser acesa, evoca o fogo de Xangô.

Acarajé: Bolinho de feijão fradinho frito no dendê e consagrado a *Oyá*-Iansã

Acè: energia, força da natureza, poder, o mesmo que axé na língua fon/*jeje*.

Adinkra: Antigo sistema africano de escrita.

Agbagigan: Títulos da hierarquia de Candomblé *jeje*, correspondente ao ogan *keto*-nagô.

Agbo: Carneiro

Agô: Saudação, licença, permissão.

Agráfo:Que não está escrito.

Aiyê: Terra.

Ajakutá: Epíteto de *Sogbo*, que o qualifica como senhor dos okutás (pedras).

Ajerê: Panela de barro.

Ajuremados: Espíritos de pessoas que beberam jurema, i.e., se iniciaram com o auxílio desse alucinógeno, no *toré* nordestino, e aí podem "baixar".

Akassá.: Bolinho de farinha de milho branco, envolto em folha da bananeira.

Aklunozangbe: Dia da semana em que se deve prestar culto aos ancestrais para o povo fon.

Akoko: árvore sagrada.

Alabês: Tocadores de atabaques.

Alujá: Dança sagrada no Candomblé.

Amakantihun: Mistura de elementos vegetais, minerais e animais.

Amalá: Comida votiva do orixá Xangô.

Angola: Nação do candomblé de origem banto.

Ankh: Antigo símbolo hieroglífico egípcio. O símbolo ou a chave da vida.

Asen: Altar.

Atin: Árvore sagrada.

Atinsá: Conjunto de árvores sagradas na língua fon/*jeje*

Avessan: *Oyá*: Iansã.

Axé: Energia, força da natureza, poder.

Ayikugban: O mundo terreno na língua fon/*jeje*.

Babaçuês: Culto religioso afro-brasileiro rituais modelo *jeje*-nagô, com simplificações e adaptações marcadas por influência da pajelança amazônica, do catimbó nordestino, do candomblé de caboclo e da umbanda carioca.

Babalorixá: Pai de santo.

Batá: Instrumento percussivo, tambor de duas membranas, distendidas por cordas.

Braisnstorms: Tempestade de ideias, tempestade cerebral.

Bumbuure for bondiri: Semente para a vida.

Caboclo: Entidade indígena cultuada no Brasil.

Candomblé: Nome genérico com que, no Brasil, a partir da Bahia e desde o início no século XIX, se designa o culto aos orixás *jeje*-nagôs

Caruru dos *Ibejis*: Comida feita com quiabo cortado, azeite de dendê, cebola e camarão para os “deuses iorubás gêmeos, protetores da família e das crianças.

Catimbó: Culto originado da pajelança e rituais angola-conguenses, aliados.

Cumeeira: É a peça de madeira central do barracão.

Dabucuri: cerimônia indígena típica da região.

Dijina: Nos candomblés bantos e na umbanda, nome iniciático pelo qual o filho ou filha de santo será conhecido após a feitura.

Diulo: O mundo espiritual na língua banto (Angola).

Dotés: Título concedido aos babalorixás da nação *jeje*.

Dùsù: Interdito divino.

Egbé: Sociedade, comunidade terreiro.

Egugun: Espírito ancestral.

Ekédi (ekede): Moça, mulher auxiliar das filhas de santo em transe.

Encantados: Seres que já tiveram alguma encarnação (crença da maioria das culturas), e posteriormente encantaram-se, tornando-se assim parte da natureza.

Encantarias: Manifestações culturais afro-ameríndias.

Encruza: Local onde habita Exu, no cruzamento de caminhos.

Eparrei: Saudações para Oyá (Iansã).

Erês: Os intermediários entre a pessoa e o seu Orixá.

Escrivivências: Uma forma de escrever vivências.

Exu: Divindade, o dono das encruzilhadas, dos caminhos.

Exuzilhar: Verbo-neologismo cunhado por Cidinha da Silva depois de intuir que o verbo “encruzilhar” poderia ser ainda mais complexo.

Fá: Vodun da adivinhação protetor de todos que tem o poder de jogar o oráculo.

Feví: Festa da comida de *Sogbo*.

Fezan: Calendário lunar do candomblé *jeje*.

Fon: Uma das principais nações do candomblé, também, chamada de *jeje*. Fon é o nome de uma etnia localizada no Benin antiga Daomé

Gaiaku: Sacerdotisa suprema do candomblé *jeje*.

Gonzen: Vasilha de barro.

Gozinxò: Casa do vaso d’água

Griot: guardião das tradições milenares africanas, contador de histórias.

Gzhi bdag: Divindades tibetanas.

Hennugan: chefe da família.

Hundèsen Togbosì: Local de culto à senhora dos grandes rios.

Ialorixá: principal líder religiosa do culto aos Orixás.

Ibá: O mesmo que assentamento, principal representação material de uma divindade.

Ibejis: Orixá duplo, protetor dos gêmeos e dos partos múltiplos.

Ilá: Grito ou a voz do Orixá.

Ilê Axé: Casa da força.

Ilê: Casa.

Ingorossi: Reza coletiva, espécie de ladainha dos candomblés bantos: angola.

Inquice: Cada uma das divindades equivalentes aos orixás dos nagôs em congo-angola.

Itans: Lendas, histórias.

Ixin: O mundo terreno na língua banto (Angola).

Iya mesan orum: Mãe dos nove céus

Jeje Savalu: Nação do culto tradicional afro-brasileiro.

Jeje: Povo fon do Benim.

Jeje-Mahi: Nação do culto tradicional afro-brasileiro.

Jikungan: O mundo espiritual na língua fon (*Jeje*).

Ka wò ka biyè sile: saudação a Xangô.

Kaiongo: Divindade dos ventos na nação angola.

Kanzuá : Cabana, terreiro, salão, casa.

Kaviunos: Vodun do fogo.

Keto: É a mais popular nação do candomblé. É de origem yorubá: nagô.

Kpe: Pedra na língua fon/*jeje*.

Kpo: Pantera.

Kwanza: É uma festa.

Kwe: Casa/templo.

Labá: Bolsa

Laroyê: Saudação a Exu.

Legba: Vodun do movimento, esfera, o mesmo que Exu no *jeje*.

Maat: É uma divindade do antigo Egito.

Macumbas: designações genéricas atribuídas aos cultos afro-brasileiros.

Medjo: Primeiro dia da lua cheia.

Mutalombo: É o *inquice* da caça, da abundância, o senhor das florestas.

Nagô: Termo utilizado para se referir ao povo do antigo império africano oriundo de Oyó.

Najé: Prato de barro.

Nkisi: Inquice Designação genérica das divindades da nação Angola..

Ntu: O princípio da existência de tudo.

Numina: Divindade.

Nzazi: É o senhor dos trovões, dos raios, do fogo e da justiça na nação angola.

Nzila: Na tradição Angola, é o *inquice* dono dos começos e dos caminhos.

Odé: É uma qualidade do orixá Oxóssi ligado às folhas.

Odù: Caminho, destino.

Ogans: títulos honoríficos de protetor do candomblé concedidos aos adeptos do sexo masculino que não vivenciam a possessão, mas exercem funções específicas.

Ogum/Ogun: Orixá do ferro, deus da guerra.

Oju Obá: Olhos do Rei.

Ojúbó: composteira ancestral.

Okotó: Símbolo de Exu.

Ori: cabeça.

Orikis: saudações.

Orixá: Designação genérica das divindades do panteão iorubá ou nagô-queto.

Orô: Obrigação ritual.

Orogbo : Noz-de-cola, fruto de árvore africana, usado nos sacrifícios religiosos.

Orun: Céu.

Ossé: rito de limpeza do assentamento.

Osun/Oxum: Deusa das águas doces: dos rios.

Otá: Pedra simbólica que constitui a parte principal do assentamento.

Owes: provérbios.

Oxaguiã: uma das duas manifestações principais de Oxalá.

Oxê: Machado de metal de duplo gome. atributo de Xangô.

Oxumarê: orixá do movimento e dos ciclos vitais que geram as transformações.

Padê: Rito que precede todas as cerimônias *jeje* e nagô-queto

Pagòdò: Onde está localizada a orquestra

Paó: Bater palmas para saudar divindades e pessoas importantes.

Paumitã ou polomitã: Pilastra.

Peji: Altar das divindades.

Salakó: Cordão umbilical ao redor do pescoço.

Sankofa: Retorno ao passado para que seja possível adquirir conhecimento e sabedoria.

Sankofar: Voltar ao passado.

Sogbo: A divindade do trovão, da justiça na nação *Jeje*.

Soho: Guardião

Sokpe Kpo = pantera: su = homem, divindade meio homem meio animal que é tido como o mais velho dos membros da família.

Stakeholders: cientistas, cidadãos, formuladores de políticas e gestores de recursos, empenhados com a solução de problemas socioecológicos complexos

Su: Homem, divindade meio homem meio animal que é tido como o mais velho dos membros da família.

Taata: Sacerdote — líder religioso.

Tabu: Normas sui generis na Polinésia.

Tapu: Normas sui generis dos Maori

Tedùdù,: Festa do inhame novo.

Tengan dem: Guardiões da terra.

Tengan tuu: Bosque sagrado.

Tengan: Terra: Dagara

Tjukurpa: Sistema de crenças que orienta todos os aspectos da vida dos Anangu.

Tò: Casa de banho: a céu aberto: onde ficam os potes para os banhos de folhas.

Toré: Dança ritual realizada por diversos povos indígenas.

Totems: símbolos sagrados como emblema.

To-*vodun*: Voduns aquáticos.

Ubuntu: Pode ser traduzido como o que é comum a todas as pessoas. Representa a existência respeitosa e equilibrada entre os seres da natureza.

Umbanda: Religião afro-brasileira.

Vodun: Divindade cultuadas pela nação *jeje*.

Vodunsi: Filho do vodum, membro do terreiro.

We-tá (cabeça dupla)

Xangô: A divindade iorubá (*keto*-nagô), do trovão, da justiça.

Xerê: Chocalho metálico ou cabaça de pescoço longo cheia de sementes.

Xincarogomas: Títulos da hierarquia de candomblé bantos, correspondente ao ogâ *keto*-nagô.

Xirê: Brincadeira, festa.

Xotin: Representa a ligação entre o céu e a terra,

Yemonjá: Yemoja: Divindade patrona das águas do mar.

Zambi: Divindade suprema do Candomblé da nação angola.

Zò: Fogo

Zoogodè: Ritual da nação *Jeje*.

Zò-*vodun*: Vodun do fogo.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Mapas;

APÊNDICE B – Percurso encantado da Governança espiritual;

APÊNDICE C – Entrevistas;

APÊNDICE D – Ofícios;

APÊNDICE E – Redes Sociais;

APÊNDICE F– Série Juristas Negras.

APÊNDICE G – Termo de autorização de imagem

APÊNDICE A – Mapas

.

564000 564800 565600 566400 567200

8575200 8574400 8573600 8572800

Cajazeiras XI
Cajazeiras XI
Cajazeiras X
Fazenda Grande I
Fazenda Grande II
Fazenda Grande III
Fazenda Grande IV
Cassange
Boca da Mata
São Cristóvão
Mussurunga
Mussurunga
Cajazeiras VIII

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

Ponto	Lugares Sagrados
1	Encruzilhada
2	Veios d'Água
3	Terreiro Ilê Axé Ode Tokege Lademio
4	Bambuzais
5	Lagoa
6	Espaço Xirê
7	Reserva do Ramalho
8	Nascentes
9	Pico dos Vermes
10	Floresta Densa
11	Reserva do Mariwô
12	Pedra de Xangô

Legenda

- Lugares Sagrados
- Parque Pedra de Xangô
- Parque em Rede Pedra de Xangô
- APA Municipal Assis Valente
- APA Joanes - Ipitanga
- Bairros de Salvador

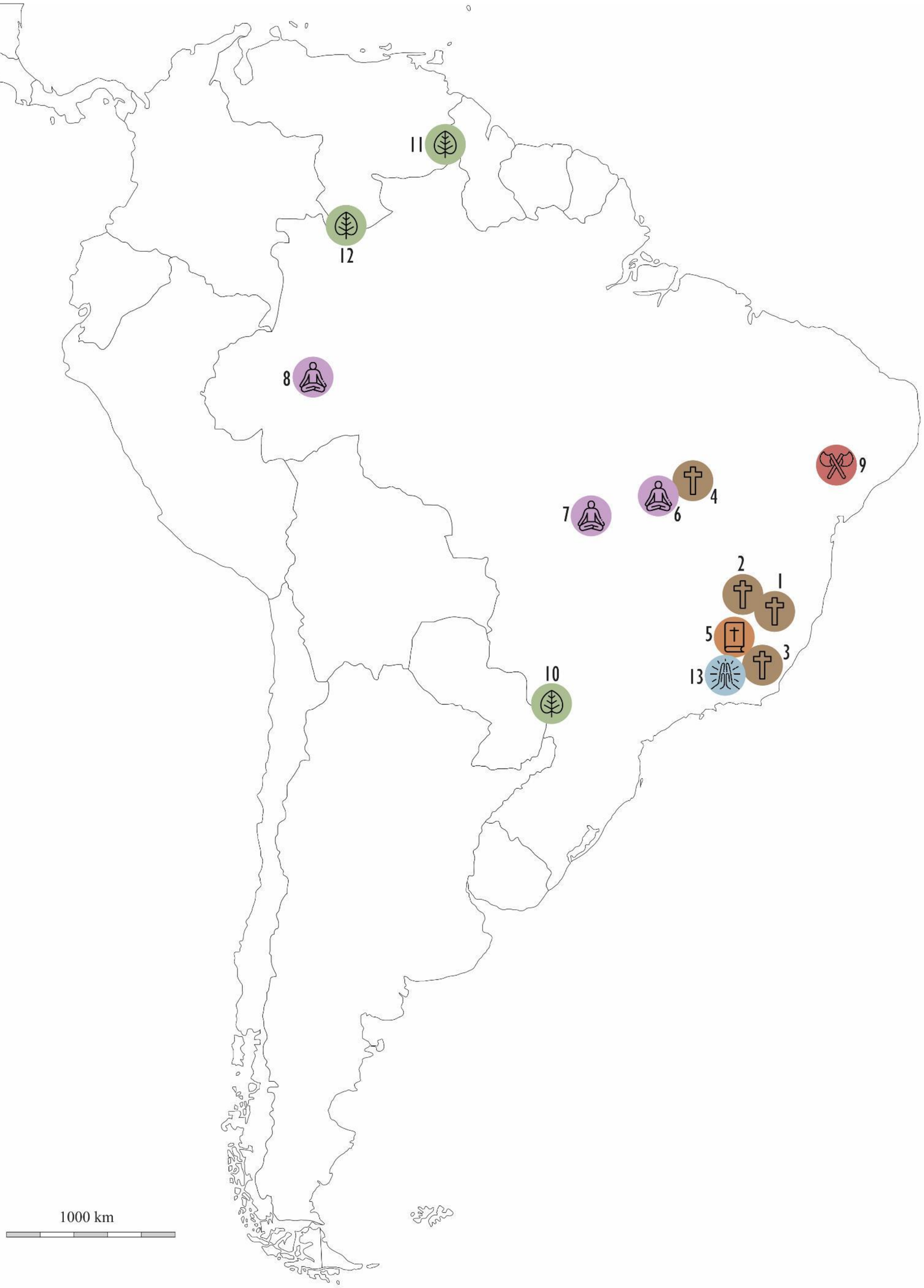
Localização



Projeção: Universal Transversa de Mercator; Datum Horizontal: Sirgas 2000 UTM Zone 24S

Unidades de Conservação Estadual - Inema (2019)
Delimitação e denominação dos Bairros de Salvador. Lei Municipal n° 9.278/2017;
Imagem Maxar Technologies/ Google (2023)

Data: 03/10/2023	Autoria	Maria Alice Silva; Elaboração: Iuri de São José Peixoto
Escala: 1:12.000	Documento	A Governança Espiritual: o sagrado afrobrasileiro na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô
Figura/Anexo: A	Título	Mapa da Área de Estudo - APA Vale do Assis Valente e Parque em Rede Pedra de Xangô



RELIGIÕES

- Catolicismo
- Pentencostalismo
- Tradições Espirituais Alternativas
- Tradições Afro-brasileiras
- Culturas Indígenas
- Multi-religioso

ÁREAS PROTEGIDAS

1. Parque Nacional Serra do Caparaó-MG/ES
2. Monumento Natural da Serra da Piedade-MG
3. Cristo Redentor-RJ
4. Parque Estadual Terra Ronca-BA
5. Reserva Biológica Tinguá-RJ
6. Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros-GO
7. Parque Estadual Serra Azul-MT
8. Floresta Nacional Purus-AC
9. Parque Pedra de Xangô-BA
10. Parque Nacional Cataratas do Iguaçu-PR
11. Parque Nacional Monte Roraima-RR
12. Parque Nacional Pico da Neblina-AM
13. Parque Nacional de Tijuca-RJ



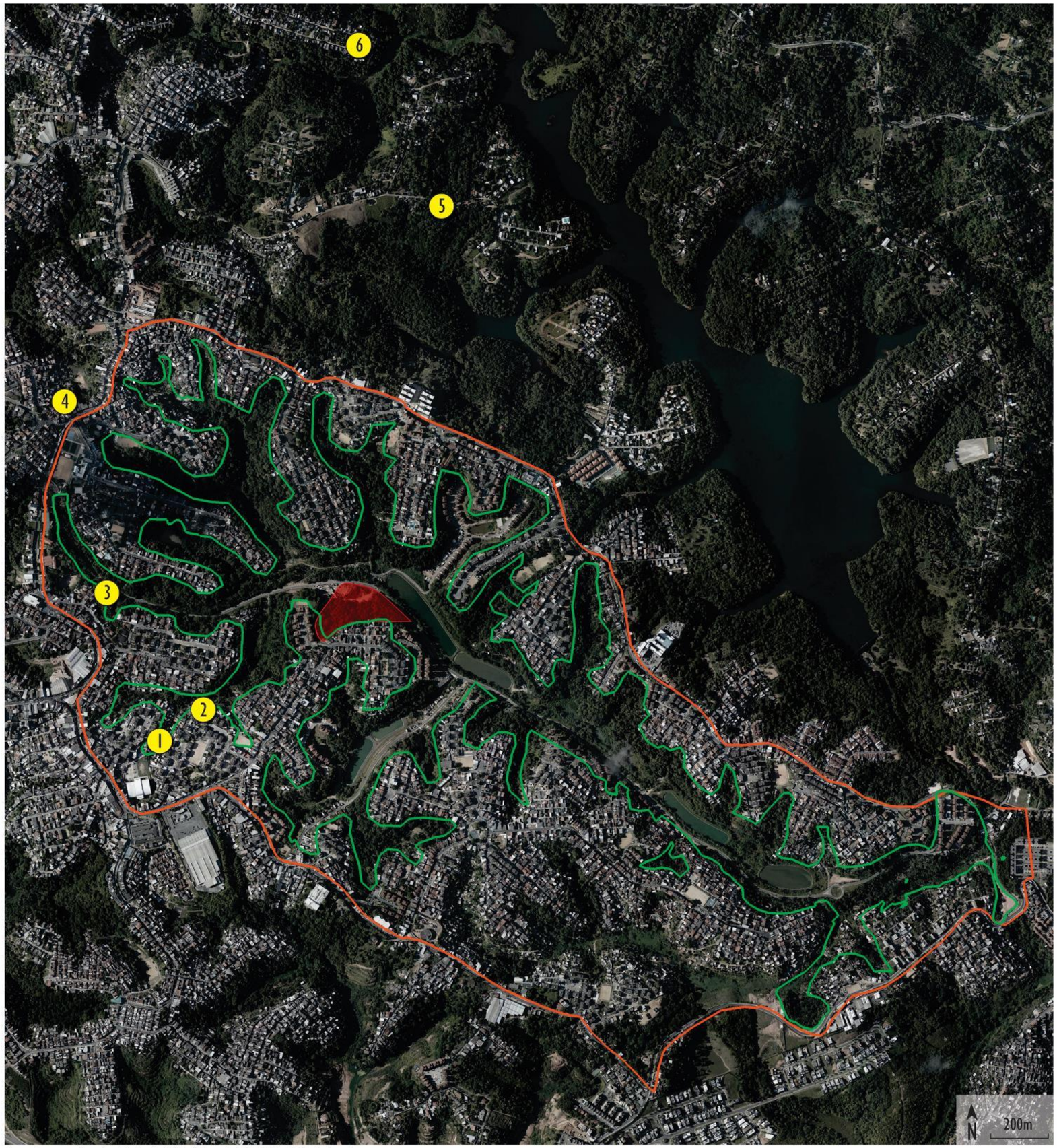
1. Ilê Axé Tumbi Odé Oji
Nação: Keto



2. Terreiro Vodun Kwe Tò Zò
Nação: Jeje Savalu



3. Ilê Asè Odé Toqueji Lodemim
Nação: Keto





4. Ilê Asè Babá Ulufan Alá
Nação: Keto



5. Terreiro Mutalombo Yê Kaiongo
Nação: Angola

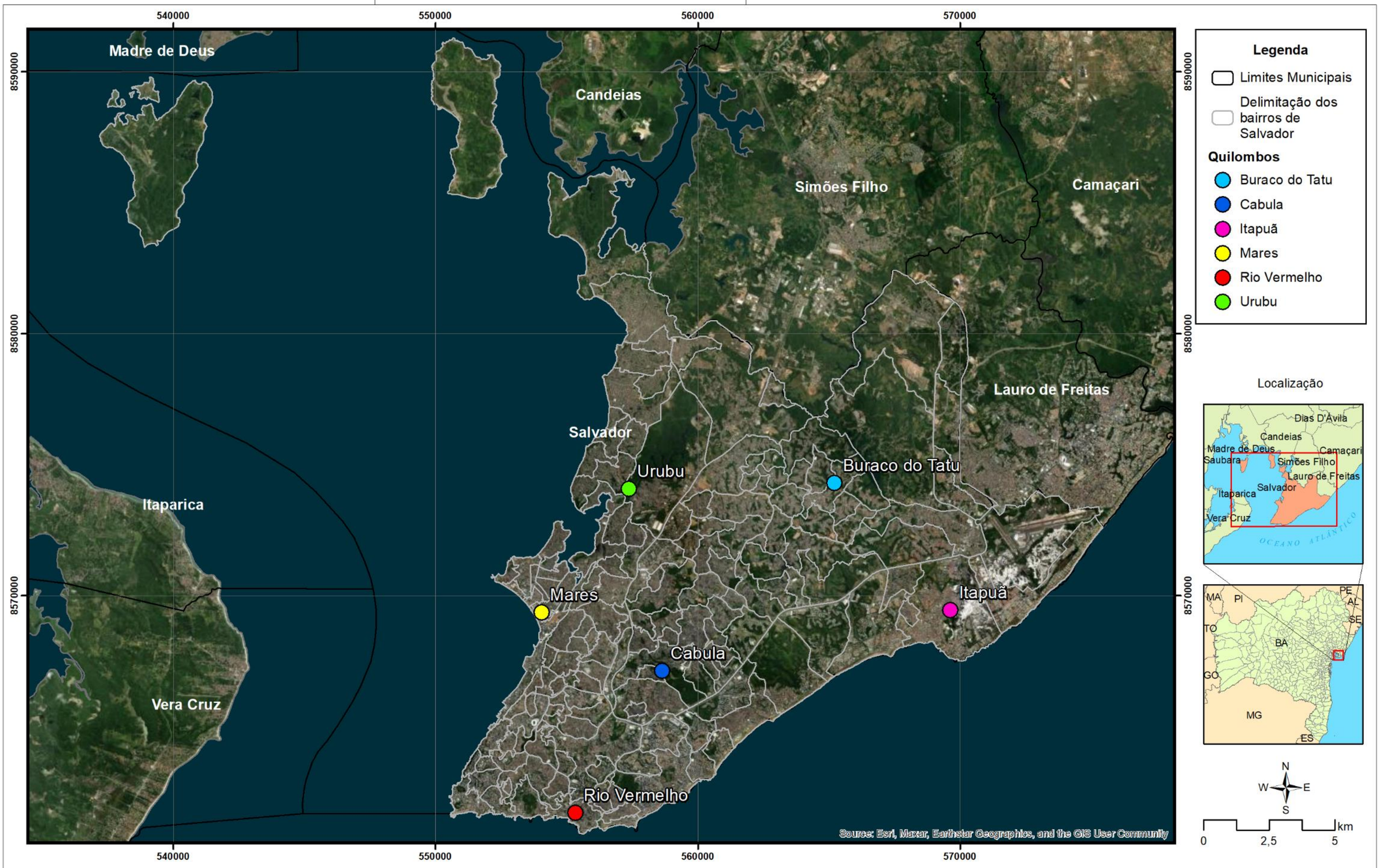


6. Unzó Katulandê de Unzambe
Nação: Angola

LEGENDA

- APA Municipal Vale do Assis Valente
- Parque em Rede Pedra de Xangô
- Parque Pedra de Xangô
- Terreiros

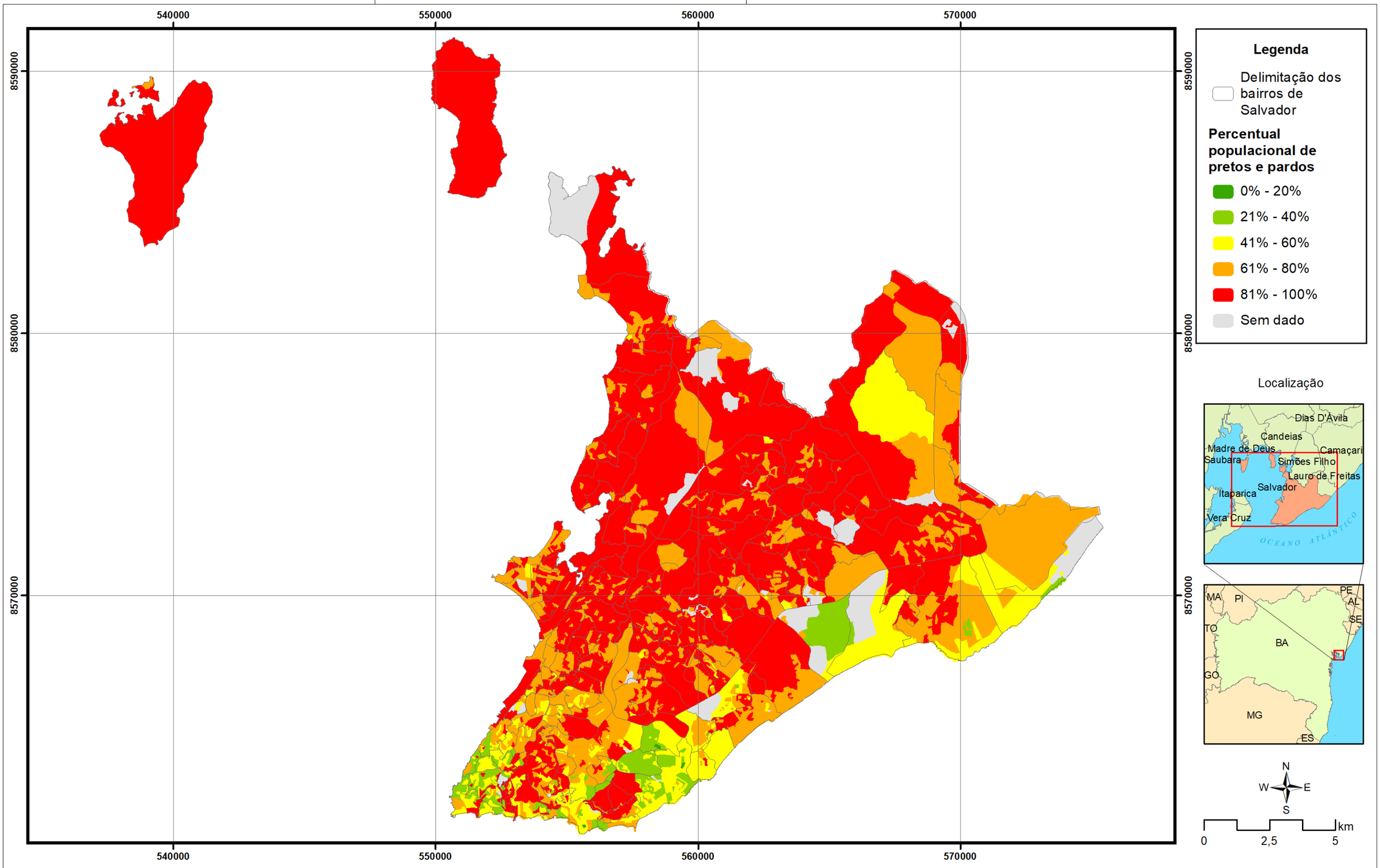
Fonte: Imagem aérea: Google Earth, 2022. Poligonais: PMS/SECIS, 2019; Robert Gomes. Créditos das fotos: 1. Ilê Axé Tumbi Odé | 2. Edivalma Santana | 3. @ecoroteiro | 4. Lisa Soares | 5. Mônica Silveira | 6. Rafaela Cavalcante



Projeção: Universal Transversa de Mercator; Datum Horizontal: Sirgas 2000 UTM Zone 24S

Delimitação e denominação dos Bairros de Salvador. Lei Municipal n° 9.278/2017;
Divisao Político Administrativa do Estado da Bahia (SEI-BAHIA, 2019)
Malha territorial dos setores censitários (IBGE, 2010).

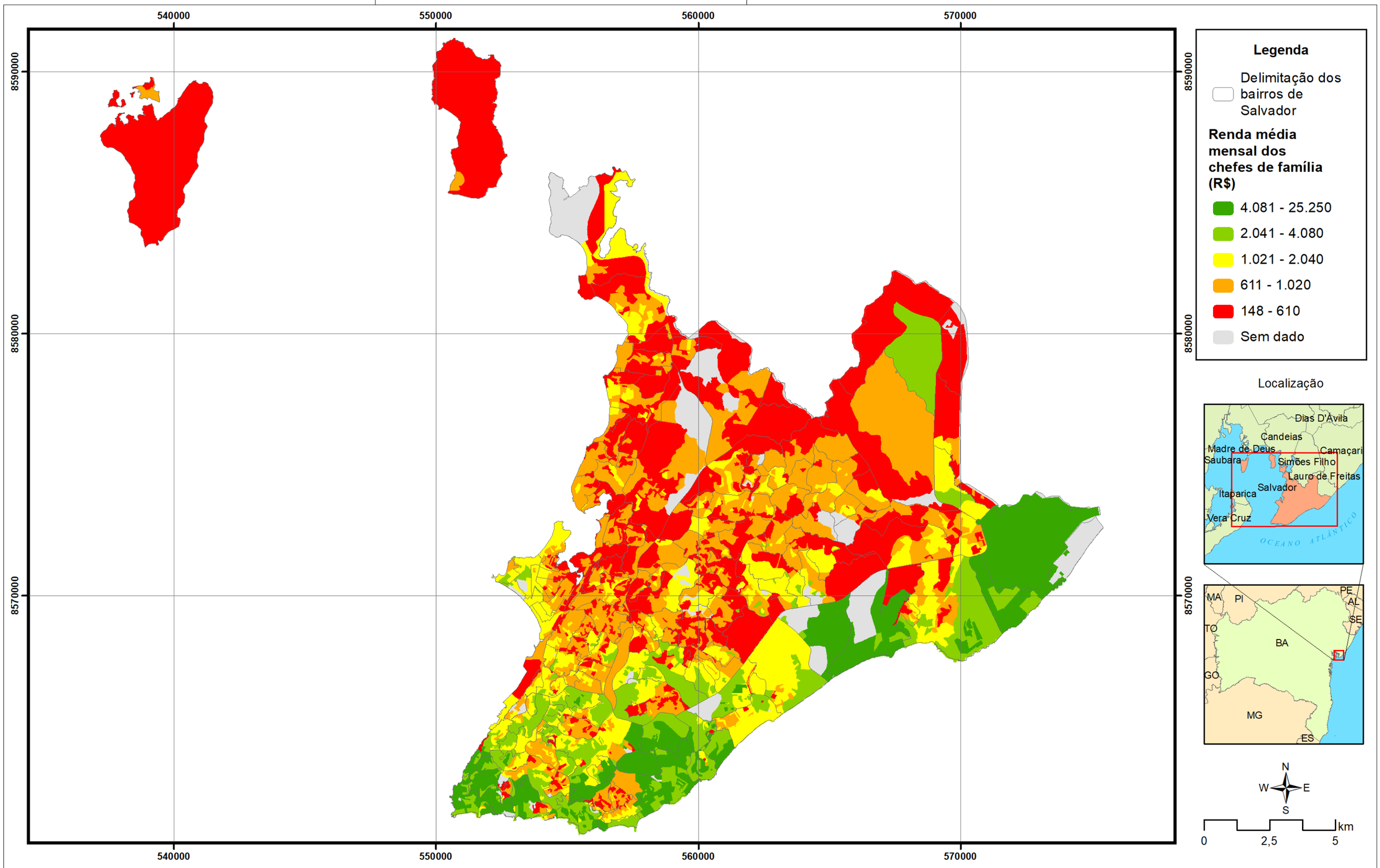
Data: 19/02/2024	Autoria: Maria Alice Silva; Elaboração: Iuri de São José Peixoto	
Escala: 1:135.000	Documento: A Governança Espiritual: o sagrado afrobrasileiro na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô	
Figura/Anexo: A	Título: Mapa da Localização dos Quilombos Históricos de Salvador	



Projeção: Universal Transversa de Mercator; Datum Horizontal: Sirgas 2000 UTM Zone 24S

Delimitação e denominação dos Bairros de Salvador. Lei Municipal n° 9.278/2017;
Estatísticas do Censo demográfico (IBGE 2010)
Malha territorial dos setores censitários (IBGE, 2010).

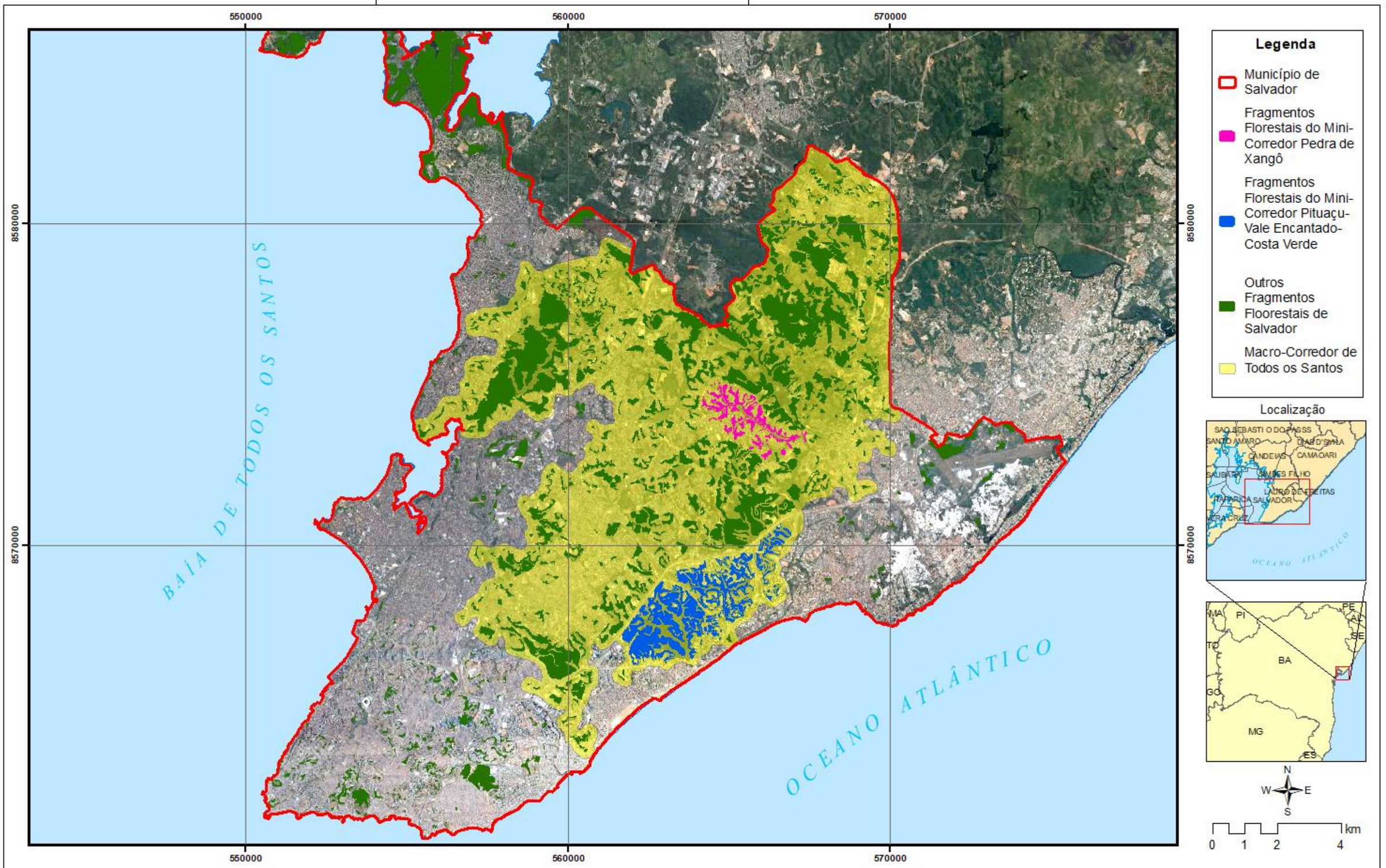
Data: 03/10/2023	Autoria	Maria Alice Silva; Elaboração: Iuri de São José Peixoto
Escala: 1:135.000	Documento	A Governança Espiritual: o sagrado afrobrasileiro na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô
Figura/Anexo: A	Título	Percentual populacional de pretos e pardos no município de Salvador-BA por setor censitário (2010)



Projeção: Universal Transversa de Mercator; Datum Horizontal: Sirgas 2000 UTM Zone 24S

Delimitação e denominação dos Bairros de Salvador. Lei Municipal n° 9.278/2017;
Estatísticas do Censo demográfico (IBGE 2010)
Malha territorial dos setores censitários (IBGE, 2010).

Data: 03/10/2023	Autoria: Maria Alice Silva; Elaboração: Iuri de São José Peixoto	
Escala: 1:135.000	Documento: A Governança Espiritual: o sagrado afrobrasileiro na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô	
Figura/Anexo: A	Título: Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes (com e sem rendimento)	

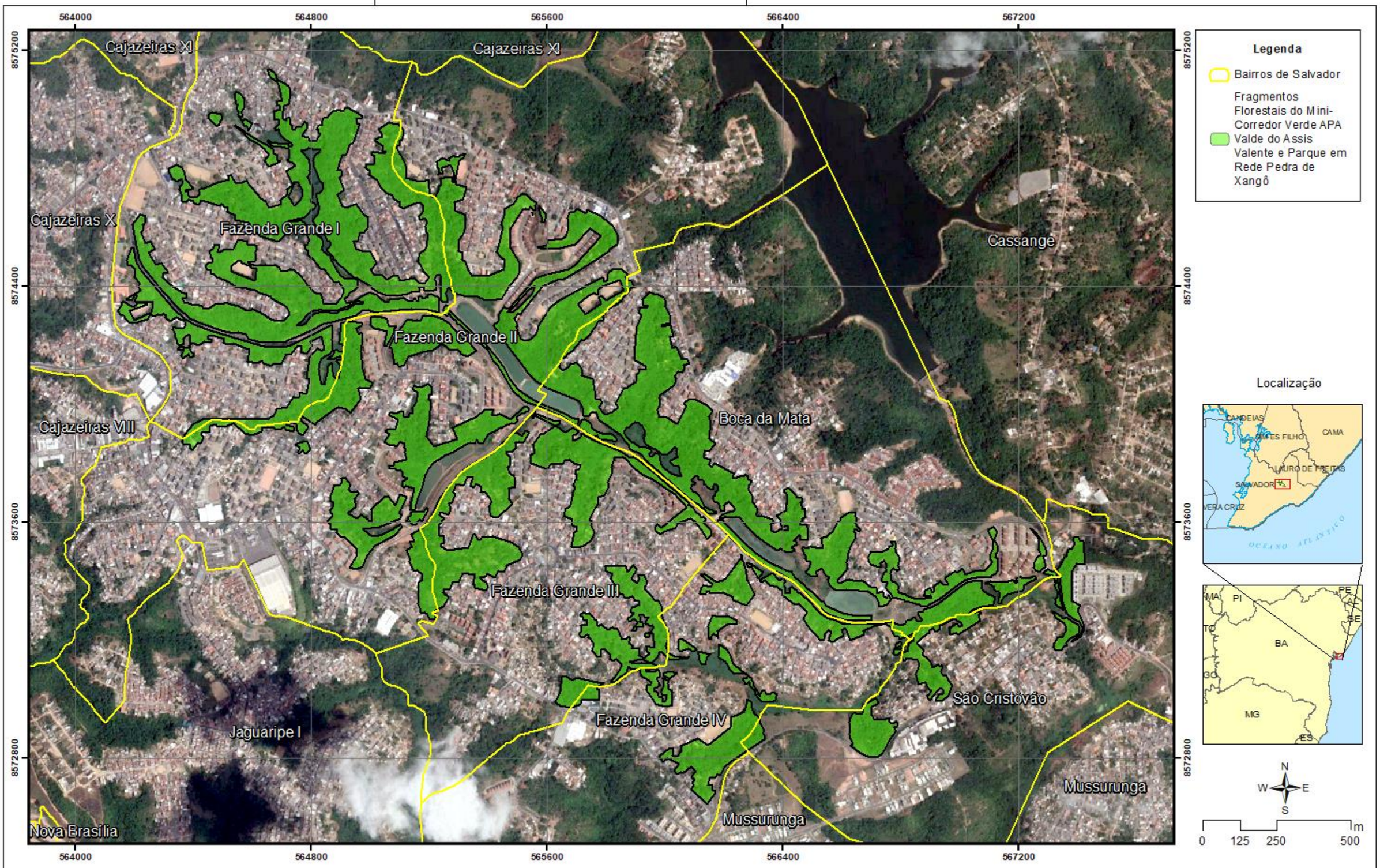


Projeção: Universal Transversa de Mercator; Datum Horizontal: Sirgas 2000 UTM Zone 24S

Delimitação e denominação dos Bairros de Salvador. Lei Municipal n° 9.278/2017;
Mapeamento dos Estágios Sucessionais da Mata Atlântica de Salvador - Ministério Público do Estado da Bahia (2013);
Imagem Mosaico Maxar Technologies (2020).

Elaboração: Iuri de São José Peixoto e Tatiana Bichara Dantas

Data: 16/04/2020	Projeto/Autor: Tatiana Bichara Dantas e Iuri de São José Peixoto	IMATERRA
Escala: 1:110.000	Documento: Estudo de Corredores Ecológicos no Município de Salvador	
Figura/Anexo: A	Título: Mapa do Macro-Corredor Ecológico de Todos os Santos	Folha: 01 de 01

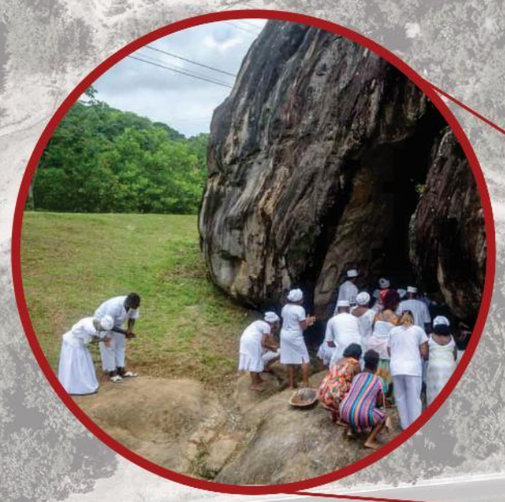


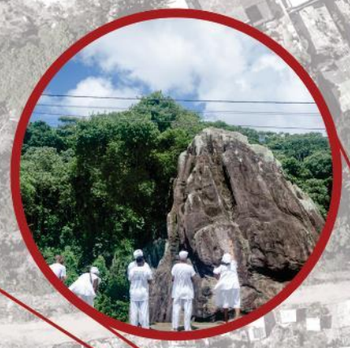
Projeção: Universal Transversa de Mercator; Datum Horizontal: Sirgas 2000 UTM Zone 24S

Delimitação e denominação dos Bairros de Salvador. Lei Municipal n° 9.278/2017;
Mapeamento dos Estágios Sucessionais da Mata Atlântica de Salvador - Ministério Público do Estado da Bahia (2013);
Imagem Maxar Technologies (2020) de 11/03/2018.

Elaboração: Iuri de São José Peixoto e Tatiana Bichara Dantas

Data: 16/04/2020	Projeto/Autor: Tatiana Bichara Dantas e Iuri de São José Peixoto	IMATERRA
Escala: 1:12.000	Documento: Estudo de Corredores Ecológicos no Município de Salvador	
Figura/Anexo: A	Título: Mapa do Mini-Corredor Verde APA Vale do Assis Valente e Parque em Rede Pedra de Xangô	Folha: 01 de 01





















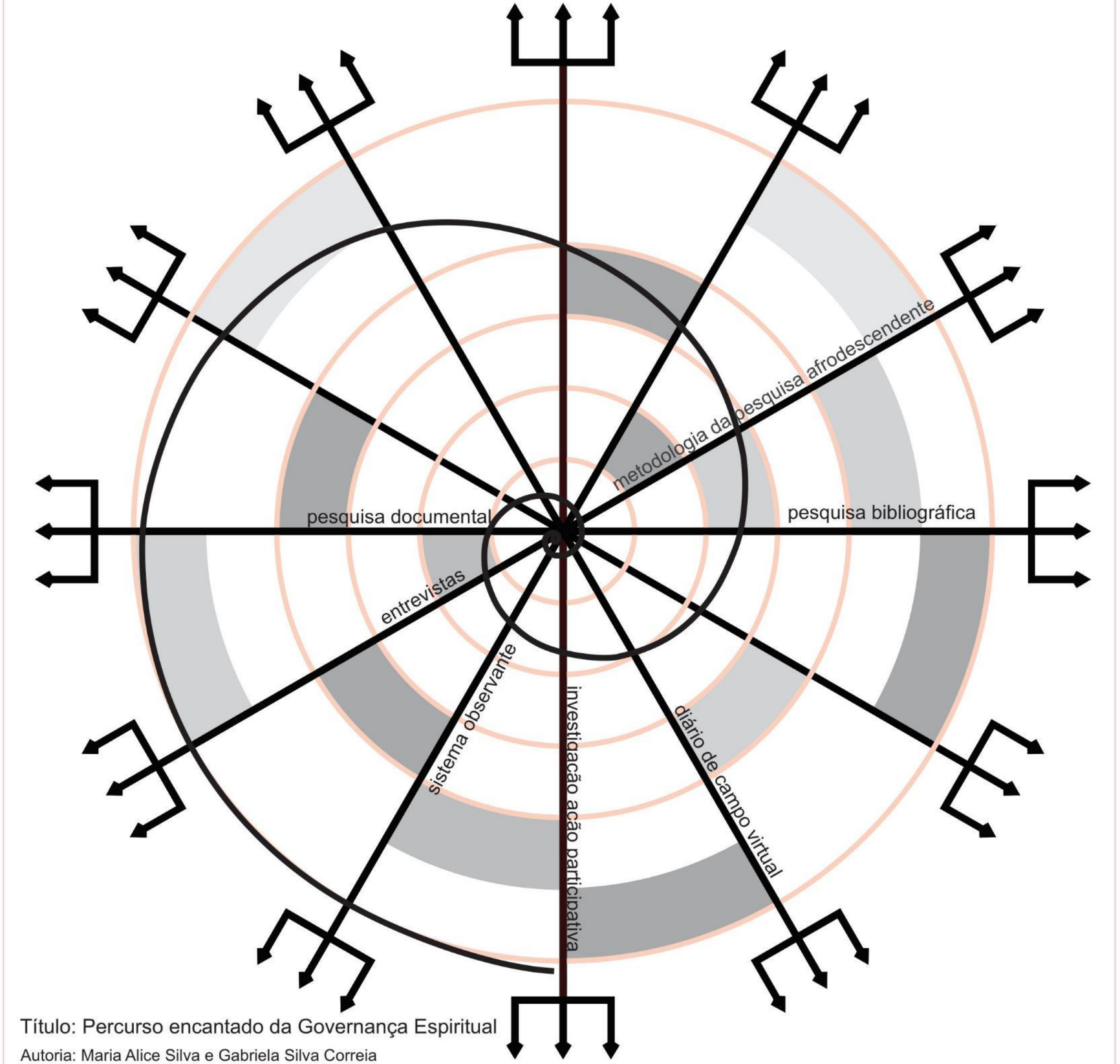




1. **Amalá da Pedra de Xangô** | Foto: Juscelino Pacheco
2. **Ato Salvador é Indígena** | Foto: Tamis D'Artes
3. **Caminhada da Pedra de Xangô** | Foto: Juscelino Pacheco
4. **O Acará de Oyá na Pedra de Xangô** | Foto: Airton De Grande
5. **Encontro das Nações do Candomblé com o Povo de Umbanda** | Foto: Mônica Silveira
6. **Caruru dos Ibejis** | Foto: Mônica Silveira
7. **Fogueira de Xangô** | Foto: Rafael Sanzio
8. **Ingorossi dos Caboclos** | Foto: Mônica Silveira
9. **Orô da Pedra de Xangô** | Foto: Mônica Silveira
10. **Ossé da Pedra de Xangô** | Foto: Mônica Silveira
11. **Festival do Sòkpé** | Foto: Edvalma Santana
12. **Xirê da Pedra de Xangô** | Foto: Kátia Silveira

Pedra de Xangô
FORÇAS DA NATUREZA

APÊNDICE B – Percurso encantado da Governança espiritual



Título: Percurso encantado da Governança Espiritual

Autoria: Maria Alice Silva e Gabriela Silva Correia

APÊNDICE C – Entrevistas

ENTREVISTA COMPLEMENTAR

Tese: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro na edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô.
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFBA
Orientador – Fábio Macêdo Velame
Co-orientador – Henrique Cunha Júnior
Orientanda – Maria Alice Pereira da Silva
Entrevistada: Clara Domingas, artivista, educadora corporal, permacultora e mestra em Antropologia (PPGA/UFBA), que é também membro ativo do Fórum Permanente de Itapuã e do Conselho Gestor da APA - Lagoas e Dunas do Abaeté. Objetivo obter percepções sobre o movimento em defesa da Pedra de Xangô.

TEXTO

PATRIMONIALIZAÇÃO

> Foi-se o tempo em que o Patrimônio era visto como um bem nacional, articulado para fortalecer o Estado Moderno, com suas relações verticalizadas, suas estruturas de hierarquia e desigualdades. Antes, patrimonializa-se a "história dos vencedores" com heróis e conquistas de grupos hegemônicos, enquanto negros e indígenas ficavam no papel secundário. Mas hoje, com o empoderamento desses grupos sociais, estamos construindo uma nova forma de compreender o patrimônio, reivindicando a participação e interagindo com políticas públicas e instituições governamentais. O tombamento da Pedra de Xangô e a construção do Parque em rede, que traz um orixá em seu nome pela 1ª vez no Brasil, abre caminhos para o fortalecimento de movimentos sociais, que, em seus territórios, começam a discutir os seus próprios conceitos e compreensões de seus bens culturais, suas próprias formulações sobre o ambiente, sobre habitabilidade e proteção dos diversos modos de vida. Estamos oxigenando o debate em torno do campo patrimonial. Nós valorizamos a memória histórica, transmitida por meio da oralidade e da roda, sem negar as transformações e os avanços da nossa sociedade. Analisamos a experiência singular do Parque Pedra de Xangô como capaz de ampliar a participação de grupos sociais antes excluídos do contexto de Patrimonialização. Nós somos agentes sociais de transformação e estamos aprendendo a atuar em rede, em bando, para construir irmandades de luta. Não aceitamos mais supremacias de uma cultura sobre a outra. Esperamos do Município e de outras instâncias governamentais, o mesmo tratamento sensível dado à Pedra de Xangô, também aos outros parques, áreas verdes e localidades sagradas da cidade de Salvador. (Domingas, 2022)

Autorizo a publicação do texto na tese de doutorado "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro ne edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô", de autoria de Maria Alice Pereira da Silva.

Salvador, 5 de junho de 2022

Clara Domingas Correia de Codes

Clara Domingas Correia de Codes

1

Digitalizado com CamScanner

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora Delina,

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.

A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 14/10, às 19h30, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; ( ) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, DELINA SANTOS AZEVEDO, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Delina Santos Azevedo

Salvador, 12 de outubro de 2022

Participante da pesquisa: Delina Santos Azevedo

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador:_____

PERGUNTAS

1 - Quem é Delina Azevedo?

Delina Santos Azevedo é mulher negra, baiana, soteropolitana, de 38 anos, casada, mãe de dois meninos negros em idade infantil. É servidora pública, bacharel em Direito, pertencente, portanto, da classe média soteropolitana.

2 - Qual a religião de Delina Azevedo e o que significa o termo cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira?

Eu sou católica batizada, crismada e casada sob essa religião. Porém, eu me considero ecumênica, pois acredito e cultuo orixás em minha casa. Sou neta de uma filha de santo, Dona Pequena, Teodoroa, que tinha o seu quartinho no bairro do Garcia, fazia atendimento, festas e cultuava os caboclos.

A minha cosmopercepção é de que nos somos seres integrados a natureza. O ser humano é mais um elemento criado por Deus (em sentido universal), e que o indivíduo que vive possui uma alma que está em constante evolução espiritual nesta e em outras vidas, passadas e vindouras. Acredito que a família, o lugar e as relaçoes que temos, tudo influencia na nossa evolução espiritual e que possuímos, cada um, uma missão própria e uma missão em prol da coletividade.

Precisamos respeitar cada ser desta terra. Seres vivos e seres inanimados. Cada pedra, cada folha, cada pássaro, tudo possui história, memória e razão de ser.

3 – A senhora acredita em governança espiritual afro-brasileira?

Sim. Eu converso com a espiritualidade todos os dias. Acredito que nada acontece por acaso e que há uma sociedade espiritual acima de nós a conduzir as nossas vidas. Acredito, que assim como na humanidade, existe entidades positivas e negativas e que nós precisamos estar conscientes para atrair as energias que queremos nas nossas vidas. Que as nossas ações afastam ou aproximam as entidades superiores que cuidam de nós. Que pertencemos a uma espiral e que caminhamos coletivamente a partir das nossas ações individuais.

4 - A senhora participa de algum movimento social?

Sim. Eu integro o Coletivo Maria Felipa, dos servidores do Ministério Público do Estado da Bahia, em ações de combate ao racismo institucional. Eu integro o Selo Juristas Negras que é uma rede de mulheres negras integrantes do sistema de Justiça que atuam buscando igualdade racial e combate ao racismo em todas as suas formas. Eu sou dizimista da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, como forma de contribuir com os trabalhos sociais que ela desenvolve na comunidade. Eu sou mãe negra ativista na Escola e nas redes sociais, trabalhando o ensino da cultura afro-brasileira, a auto-estima de crianças negras, o respeito e tratamento adequado as crianças e adolescentes de pele preta.

5 - Como conheceu o Parque Pedra de Xangô?

Eu conheci a Pedra de Xangô por volta de 2016, simultaneamente, através de minha irmã, que é arquiteta e estuda elementos afro na cultura baiana, do meu pai, que é amante da cidade de Salvador e com a iminência da construção de uma via pública nas proximidades da Pedra de Xangô e dos atos de racismo, nos levou a conhecer esse monumento natural e no meu trabalho, em razão das denúncias de racismo. Mas a minha experiência pessoal e profunda com a esse espaço sagrado se deu de verdade em 2020 com a visita realizada pela Coletiva Juristas Negras a este lugar, mais precisamente, no dia 28 de novembro de 2020. Desde então, criei um laço afetivo e protetivo com este lugar. Li os dois livros infantis escritos por Maria Alice sobre a pedra de Xangô, Nzazi e Sogbo que fala da história e da condição de patrimônio histórico, ambiental, cultural e geológico ao qual a Pedra de Xangô foi alçada. Acredito ser um espaço verdadeiramente de força espiritual e que deve ser de conhecimento de todo soteropolitano e do mundo.

6 – Já teve a oportunidade de assistir ou participar de algum ritual afro-brasileiro na Pedra de Xangô?

Não. Participei da inauguração do Parque Pedra de Xangô.

7 – A senhora acompanhou o processo de implantação do mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô?

Sim. Eu visitei a pedra quando só tinha mato. Depois em 2020-2021 fui algumas vezes quando estava em obras o parque e fui em 2022 na inauguração.

8 – A senhora conhece o perfil @pedra.de.xango? Como a senhora avalia o perfil?

Sim. Conheço o perfil. Já fiz live com Maria Alice para este perfil. Acho de suma importância porque é um local de acesso a informações sobre cultura, história, lazer, preservação ambiental e ativismo negro.

9 - Como a senhora pode contribuir para a preservação do Parque Pedra de Xangô?

Dando conehcimento ao local e da sua importância histórica e ambiental. Penso que as escolas e faculdades devem incluir esse roteiro nas aulas dos estudantes. É preciso conhecer para preservar.

10 - No dia 04 de maio de 2022 foi inaugurado o mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô. O que achou da obra?

Linda. Necessária. Penso que a urbanização do lugar, garantindo respeito ao espaço sagrado e a natureza foi necessária para que nou houvesse e não haja destruição desse monumento sagrado.

11- A senhora acredita que a cultura pode exercer um papel relevante na preservação e defesa do patrimônio ambiental?

Sim. Totalmente. A relação de amor, preservação e conservação se faz a partir dop conhecimento, dos vínculos criados com o lugar. Por isso, é importante que haja movimentação, eventos, circulação neste espaço, para que a população conheça e se aproprie dele. Esse uso, todavia, tem de ser monitorado, para que se apresenta a histporia do lugar e para que não haja depredação.

12 - Que mensagem a senhora deixaria para os órgãos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador?

O Parque Pedra de Xangô abriga um bem histórico, cultural e ambiental de suma importância para o povo soteropolitano, baiano e brasileiro. Através da pedra de Xangô, podemos contar a nossa história de luta, resistência, convivência de povos distintos, religiosidade, sacralidade e fé. É uma honra que prestamos aos nossos antepassados, negros e indígenas, quando cultuamos e protegemos a Pedra de Xangô, Nzazi e Sogbó. Asè! Independente da religião que cada pessoa cultue, a história é nossa, é um bem

coletivo e difuso. Nós somos porque fomos. Nós somos porque seremos. Eu sou porque nós somos e assim, resistiremos. Não há como evoluirmos sem conhecermos o nosso passado.

Em, 21 de outubro de 2022. Salvador – Bahia.



Delina Santos Azevedo.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhor
Floriano Freaza Amoedo,
Empresa FFA.

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.

A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 16/09, às 14h, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (X) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, Floriano Freaza Amoedo, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 23 de setembro de 2022

FLORIANO FREAZA AMOEDO:19594143568

Assinado de forma digital por FLORIANO FREAZA AMOEDO:19594143568
Dados: 2022.10.02 23:23:01 -03'00'

Participante da pesquisa: Floriano Freaza Amoedo _____

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame _____

Co-orientador: Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior _____

PERGUNTAS

1 – Em que área atua a empresa FFA?

R. Arquitetura e Urbanismo, incluindo Planejamento Urbano, Desenho Urbano, Projeto de Edificações e de Infraestruturas

2 – Quem são os proprietários da FFA?

R. Floriano Freaza Amoedo e Rodolfo Elias Madureira Filho

3- Qual a religião do sr. Floriano Freaza Amoedo?

R. Católico por tradição de família, embora não praticante.

4 - O que significou para FFA ganhar a licitação e realizar o projeto arquitetônico do mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô?

R. Uma honra e um desfio. Também uma excelente oportunidade para adquirir novos conhecimentos, pois o que inicialmente parecia ser um projeto de simples parque urbano nos mostrou a importância do engajamento de uma comunidade que valoriza suas tradições históricas, culturais e religiosas, que nos ajudaram a compreender os valores associados a seu espaço sagrado, para que o projeto alcançasse o melhor resultado possível. Isto foi percebido inicialmente nas reuniões com Grupo de Trabalho Externo e ampliado com o processo participativo aberto a toda a comunidade. Destacando-se aqui o papel agregador e o trabalho qualificado e abnegado da pesquisadora Maria Alice, na proposição e no impulsionamento do projeto, com um permanente acompanhamento e zelo.
Foi também para nós da equipe técnica uma oportunidade de oferecer um retorno ao povo da cidade de Salvador, especialmente à comunidade religiosa de matriz afro, com o melhor que pudemos elaborar no sentido de otimizar o investimento público e sobretudo valorizar e ampliar os objetivos do projeto; manifestando assim nossa gratidão por tudo que esta cidade e este povo nos tem dado.

5 - O senhor acredita em governança espiritual afro-brasileira?

R. Não tenho o necessário conhecimento para compreender o conceito plenamente, mas acredito que exista sim, em função da enorme quantidade de pessoas que seguem essa matriz religiosa/espiritual e respeitam seus preceitos e rituais. Pessoas que conhecemos e admiramos pela sabedoria e generosidade que demonstram em suas ações.

6 - A equipe contratada para desenvolver o projeto arquitetônico encontrou dificuldades para atender às ordens espirituais? Em caso positivo, como se deu a interação com a comunidade para atender às expectativas das divindades e, por conseguinte, do grupo religioso? Qual a metodologia utilizada?

R. Alguns profissionais chave da equipe são iniciados e praticantes das religiões de matriz afro porém, de uma forma explícita, ninguém da equipe me transmitiu nenhum sinal de que houvesse acontecido algum evento específico além dos rituais e das práticas cotidianas de cada um, que certamente incluem consultas e "conversações" com seus guias; ademais das naturais reflexões para encontrar a melhor solução possível para resolver os desafios do projeto. Destacando aqui o trabalho dos sociólogos José Mauricio Bittencourt e Roque Peixoto, que desenvolveram um trabalho de interlocução com algumas lideranças religiosas que à época tinham algum grau de desconfiança com o processo do projeto e do poder público, atuaram no sentido de esclarecer o contexto e os objetivos, assim como de mobilização para a participação. Então, certamente a governança espiritual afro-brasileira esteve presente colaborando no avanço do processo de elaboração do projeto.

7 - A construção do equipamento de apoio do parque levou 2 (dois) anos. Qual foi o momento mais tenso e preocupante?

R. O fato de que o período de execução da obra tenha coincidido com um período de pandemia acarretou uma série de problemas, com a elevação de preços e a indisponibilidade de materiais no mercado, especialmente o aço patinável que foi especificado para a estrutura. Então, o risco de ter que fazer substituição por aço pintado em função dos prazos de obra que já estava contratada e mobilizada, exigiram uma grande mobilização da equipe do projeto na busca de alternativas de fornecimento e análise de soluções, o que contribuiu para que não houvesse descaracterização do que havia sido projetado.
Para isso também foi fundamental o compromisso da equipe da Fundação Mário Leal Ferreira, que sempre esteve presente, acompanhando a execução da obra e zelando pela qualidade, o que é de agradecer, mas sobretudo pelo apoio às propostas do projeto para que o equipamento passasse a ter uma escala de intervenções bem maior do que o previsto no Termo de Referência da Licitação. Isto significou um maior volume de trabalho assumido pela equipe do projeto e principalmente um maior volume de investimento assumido pela Prefeitura, na medida em que se ampliou a dimensão da edificação e das intervenções previstas, especialmente o desvio da Avenida Assis Valente e a ligação com a Ladeira da Pedra (Rua Santa Engrácia), pelo que agradecemos a Tânia Scofield e Yveline Hardman, respectivamente presidente e diretora da FMLF, que encamparam essa ampliação do projeto e souberam encaminhar a proposta adequadamente para que fosse aprovada pelo Prefeito ACM Neto e outras instâncias do Executivo à época.

8 - Poderia discorrer sobre a arquitetura do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô?

R. O equipamento foi pensando como apoio e ao mesmo tempo potencializador das atividades e objetivos do Parque da Pedra de Xangô, visa também reafirmar o simbolismo do sítio propondo uma relação simbiótica com a natureza e buscando proporcionar espaços adequados para as manifestações culturais e religiosas que ali ocorrem. No mesmo se propôs o funcionamento de um Memorial para fortalecer o conhecimento e a divulgação e conhecimento da história, da cultura e das religiões de matriz afro, contando com um espaço expositivo (salão interno e varanda externa) e com um auditório para palestras, conferências e reuniões.

O partido arquitetônico buscou uma solução que oferecesse as funcionalidades necessárias, adequando-se ao espaço disponível, causando o menor impacto ambiental possível, sem concorrer com o monumento natural e sagrado que é a Pedra mas sim emoldurando-a e destacando-a como elemento principal e ponto focal do espaço do parque.

Para a materialização do edifício buscou-se trabalhar com materiais básicos e de longa tradição no uso das arquiteturas ancestrais, destacando o elemento terra na taipa de pilão. Também o ferro (aço corten), a pedra natural e a madeira assumem protagonismo.

Destacar que o emprego da taipa de pilão numa obra pública em Salvador é "novidade" nos tempos recentes. Trata-se de um material que, embora tenha sido escolhido pela forte referência da terra às construções ancestrais, está associado à sustentabilidade da bioconstrução, com um mínimo gasto de energia, apenas na pouca quantidade de cimento que se emprega para estabilizar o solo e no eventual transporte, quando o solo não está disponível no local da obra.

O emprego do metal é uma referência ao machado de Xangô, mas também porque é um material durável e que permite o total reaproveitamento, além de permitir estruturas de sustentação mais leves. O cobre, metal de Xangô, foi cogitado para a camada de acabamento da cobertura de perfil curvo, porém o elevadíssimo custo e as dificuldades na logística do fornecimento e assentamento, que apenas é feito por empresas de fora a Bahia, inviabilizou o emprego na obra. Então se adotou um material composto, com uma matriz de fibra de vidro e agregado de areias de rochas vulcânicas (lâminas shingle) de cor cobre, sobre um sistema de múltiplas camadas de materiais para garantir estanqueidade e isolamento termoacústico; tendo a parte inferior em chapas OSB (fibras de madeira aglutinadas com resina) aparentes no acabamento dos tetos. Para o revestimento dos pavimentos adotou-se o emprego de pedras naturais.

Nas coberturas planas, sobre as lajes impermeabilizadas, foram implantados tetos verdes que garantem a redução da carga térmica sobre os espaços internos, com consequente redução do consumo de energia para a climatização, contribui para uma maior integração paisagística com o entorno e favorece o microclima local.

Em síntese, buscou-se compor uma edificação que fosse adequadamente funcional e que esteticamente fosse harmônica, atual e expressão clara dos valores que deve fomentar, como sejam o respeito e integração com o entorno, a sustentabilidade da construção, as referências histórico culturais que motivaram sua construção e sobretudo a valorização do monumento natural e altar religioso que é a Pedra de Xangô.

9 - O que mudou na sua trajetória pessoal e da empresa FFA ao participar do projeto?

R. Cada trabalho é uma oportunidade de crescimento profissional e este projeto do Parque da Pedra de Xangô foi uma experiência única, com grande envolvimento afetivo por parte da equipe, que nos enriqueceu muito na interação com toda a comunidade envolvida. Destacando-se a interação com os membros do GT Externo, onde recebemos verdadeiras aulas sobre o espaço sagrado para as religiões de matriz africana, incluindo-se neste o grande respeito com o meio natural e as suas plantas sagradas.

10 - Como tem sido a recepção do projeto no âmbito da arquitetura e urbanismo?

R. Eu não sou muito conectado com as redes sociais onde provavelmente circulam mais notícias sobre o projeto, como é o caso do Instagram. Porém, indiretamente temos notícias de uma repercussão positiva e em ocasiões esporádicas nos felicitaram diretamente pela participação nesse importante equipamento, frisando a "beleza" do conjunto.

Desde já, agradecida pela atenção dispensada.

Maria Alice Pereira da Silva.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhor
Geison Morais

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.
A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 25/09, às 19h, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (x) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, Geison Morais dos Santos_____, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 25 de setembro de 2022

Participante da pesquisa: Geison Morais dos Santos_____

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador:_____

PERGUNTAS

1 - Quem é Geison Morais?

Geison Morais é um homem negro, umbandista, soteropolitano, gay, administrador de empresas, bacharel em ciências contábeis, especialista em Gestão da Qualidade e mestrando em Gestão de Projetos. Apaixonado por religiões e religiosidades é licenciando em Ciências da Religião no Centro Universitário Cidade Verde-PR.

2 - Qual a religião de Geison Morais e o que significa o termo cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira?

Sou umbandista e amante das religiões de matrizes africanas, tenho orgulho em professar a fé oriunda de meus ancestrais. Para mim a cosmopercepção das religiões de matrizes afro-brasileiras é como se percebe o mundo através delas. Algumas dessas cosmopercepções são bem diferentes do que estamos acostumados sob a égide da cultura judaico-cristã. Por exemplo, me encanta na cosmopercepção das religiões de matriz afro-brasileira, a ausência da dicotomia que defende um duelo entre uma divindade boa e má. Para nós, de matriz afro-brasileira, todas as divindades são boas. A vida é boa. Não existe pecado. Existe aprendizagem. Existe evolução. Existe uma vida que vai além da expiação, uma vida plena para ser feliz aproveitar as coisas, a família e os dons que nos foram concebidos.

3 – O senhor acredita em governança espiritual afro-brasileira?

Complexo. É a primeira vez que alguém me pergunta sobre isso! Mas, acredito que sim, em todas as religiões existe uma governança espiritual, uma estrutura hierárquica com base em suas crenças sejam elas politeístas ou até mesmo monoteístas. Se para os cristãos a governança tem seu organograma Deus, seu filho Jesus Cristo e o Espírito Santo, para nós, há Olorum (Deus supremo), nossos orixás, nossos exus catiços, nossos caboclos, marujos, crianças...

4 - O senhor participa de algum movimento social?

Atualmente não.

5 - Como conheceu o Parque Pedra de Xangô?

Eu já tinha ouvido falar na Pedra de Xangô, em rodas de conversa. Eu nasci e sempre morei distante, no bairro da Boca do Rio, e embora, Cajazeiras – onde está localizada a pedra, seja um bairro muito popular, eu estive lá poucas vezes. Em 2019, tive a ideia de organizar um passeio com um grupo de umbandistas para conhecer. Pesquisei na internet e cheguei a Maria Alice Pereira da Silva que acolheu o grupo e nos apresentou a Pedra e o projeto do parque durante a nossa visita.

6 – Já teve a oportunidade de assistir ou participar de algum ritual afro-brasileiro na Pedra de Xangô?

Sim! A visita que organizei já se iniciou com um ritual. Fomos à casa de Xangô munidos de oferenda. Como ninguém vai a um palácio sem oferendas ao rei com Xangô não podia ser diferente, soaria indelicado. Levamos o amalá e acarás para Iansã (como determina a liturgia das religiões afro-brasileiras). E claro, fomos recebidos pelas entidades que se manifestaram através de seus médiuns para contemplar a beleza do momento e sentir uma indescritível força da ancestralidade. É uma energia fora do comum! É importante também lembrar que nessa visita, aconteceu o primeiro encontro entre o Candomblé e a Umbanda na Pedra de Xangô. Nossos irmãos do candomblé participaram conosco, batemos o paó juntos e cada um entoou cantos conforme sua nação.

7 – O senhor acompanhou o processo de implantação do mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô?

Sim. Tive oportunidade de acompanhar um pouco através das redes sociais, nas notícias de jornais e nos contatos com Maria Alice Pereira da Silva. Também estive algumas poucas vezes no local acompanhando a obra e reunido com lideranças da umbanda e candomblé.

8 – O senhor conhece o perfil @pedra.de.xango? Como o senhor avalia o perfil?

Sim. Foi através desse perfil que o enredo e entre mim e a pedra começou.

9 - Como o senhor pode contribuir para a preservação do Parque Pedra de Xangô?

Tento contribuir divulgando as ações do Parque Pedra de Xangô e narrando as minhas experiências para que outras pessoas, sobretudo, umbandistas possam visitar. Lembro que quando falei sobre o Pedra de Xangô, houve quem me dissesse que era difícil o

acesso, por não considerá-la um bem-público, patrimônio cultural da cidade, mas, com ideia equivocada que ele pertencia a determinado grupo ou terreiro. A Pedra é do povo e ainda sonho em promover outros encontros significativos para que o Parque Pedra de Xangô, tenha ainda mais repercussão.

10 - No dia 04 de maio de 2022 foi inaugurado o mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô. O que achou da obra?

Maravilhosa. Uma área valorizada e que fortalece sobretudo a cultura soteropolitana. Um lugar que vale a pena conhecer e levar a família.

11- O senhor acredita que a cultura pode exercer um papel relevante na preservação e defesa do patrimônio ambiental?

Com certeza! A cultura é um patrimônio imaterial de todos os povos, e se um povo tem a cultura de preservação, a tendência à defesa do patrimônio bem como da natureza torna-se uma bandeira. Vivemos atualmente, uma era capitalista, onde muitos pregam que para o desenvolvimento econômico e tecnológico, vale tudo. Não acredito nisso! Sou a favor do desenvolvimento, da tecnologia, da inovação, mas, temos de construir um limiar. Se não defendermos o patrimônio, o que ficará de nossa história para ser mostrado? Se não defendermos a natureza, no futuro haverá colapsos por falta de água, de alimentos, de ar "respirável". Do que vamos viver? De internet? De veículos? É preciso pensar meios urgentes para estabelecer na cultura o senso de preservação dos patrimônios e da natureza.

12 - Que mensagem você deixaria para os órgãos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador?

Falamos na pergunta anterior sobre a preservação e conservação, mas, isso se dá também a com a manutenção. Observamos na cidade, muitas obras que são inauguradas com beleza esplêndida, mas, depois dois anos (ou menos), podemos observar total abandono e descaso. Lâmpadas queimadas, ferrugem, desgaste de construção... É preciso que seja realizada uma manutenção periódica com base no tempo de vida útil dos materiais utilizados. Quanto a questão ambiental, é preciso que os órgãos responsáveis façam o monitoramento das questões ambientais e tracem ações, desde a conscientização das pessoas ou até mesmo a criação de barreiras para impedir contaminação ou a presença de agentes nocivos. Ainda se referindo ao Parque Pedra de

Xangô, é preciso discutir a segurança para preservação e integridade dele em face aos ataques de intolerância religiosa, praticados até o momento.

Desde já, agradecida pela atenção dispensada.

Maria Alice Pereira da Silva.

PERGUNTASAS

1 - Quem é Milena Tavares?
Respondo pelo setor de patrimônio e humanidades da instituição que promoveu a abertura e a instrução do processo de tombamento da Pedra de Xangô e área remanescente de antigos quilombos. Sou mulher, formada em arquitetura e urbanismo, nascida em família católica, mas me reconheço desde cedo como espiritualista. Sou branca, filha de historiador e museóloga, que me inspiraram desde cedo o interesse pela história, cultura, arquitetura e o respeito a diversidade.

2 - Qual a religião de Milena Tavares, o que significou integrar o Grupo de Trabalho (GT) de implantação do Parque Pedra de Xangô, tendo como referência a cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira?
Venho adotando a filosofia espírita Kardecista no meu caminhar e busco sintonizar com as energias sutis do Universo, reconhecendo nas religiões de matriz afro-brasileira a raiz da interação entre os mundos material e espiritual, que creio existir.
Participar do GT de implantação do Parque Pedra de Xangô, além de muito gratificante, por todo aprendizado adquirido especialmente na escuta, foi fundamental para construção participativa das intervenções propostas e executadas no entorno da Pedra de Xangô, bem cultural tombado, que é sagrado e reservado ao culto de tradição ancestral, oferecendo segurança na aprovação do projeto.

3 - Qual o papel da FGM na salvaguarda e proteção dos bens patrimoniais?
Promover políticas públicas voltadas a preservação do patrimônio local. Atender ao indicado na Lei Municipal 8550/14, regulamentada pelo Decreto nº 27.179/16

4 - A senhora acredita em governança espiritual afro-brasileira?
Acredito ser fundamental para preservação do patrimônio que alcança a dimensão do sagrado da religião afro-brasileira.

5 – Como se deu a atuação da FGM no desenvolvimento e execução do projeto arquitetônico do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô?
Fornecimento de documentos que compõem o processo de tombamento, participação em reuniões do GT, aprovação do projeto, acompanhamento das obras, diálogo entre instituições visando a preservação do bem cultural

6 – Durante a implantação do mobiliário urbano, a Pedra de Xangô sofreu vários atos de racismo religioso, racismo ambiental, dano ao patrimônio público. Como tem sido a atuação da FGM no combate a esses crimes?
Envio de ofício solicitando investigação ao Ministério Público, vistorias de monitoramento, diálogo com a sociedade civil – rodas de conversas transmitidas pelo YouTube da FGM, solicitação de instalação de câmara de monitoramento ao centro de operações e inteligência 2 de Julho e a Guarda Municipal, solicitação a polícia militar, companhia policial ambiental e guarda municipal para intensificar rondas de segurança na área, retirada de inscrições indevidas na pedra sagrada por meio de contratação de restauro, articulação entre instituições públicas municipais e estaduais para atuar na preservação da área.

7 - Poderia discorrer sobre a arquitetura do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô?
Conceito arquitetônico e materiais teve como prerrogativa diálogo com a comunidade, a integração com o meio natural, reduzir impactos ambientais, valorizar o monumento Pedra de Xangô e a paisagem local.

8 - Tivemos ciência que um pastor neopentecostal ingressou com uma ação na justiça contra o município para impedir que o Parque Pedra de Xangô ostentasse o nome de um orixá. Procede essa afirmativa? Em caso positivo? Em que vara tramita e qual o número do processo, bem como qual a linha de defesa da instituição?

A informação nos chegou apenas informalmente.

9 - A construção do equipamento de apoio do parque levou 2 (dois) anos. Qual foi o momento mais tenso e preocupante?

Tivemos muitos momentos tensos e de grande preocupação. Na pandemia ocorreram inúmeras tentativas de ocupação informal no parque, exigindo um esforço muito grande da PMS e órgãos de apoio para conter essa ameaça.

Também foi identificada ocorrência de desplacamento na Pedra de Xangô, já próximo a inauguração, notando-se uma área grande em destaque, sendo providenciado isolamento para evitar acidentes, mas houve quem retirasse a proteção e subisse para depositar oferendas, expondo-se ao risco e também um pastor escalou o monumento.

10 - No dia 04 de maio de 2022 foi inaugurado o mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô. Na sua trajetória profissional, como arquiteta urbanista e gestora pública que lição essa obra deixa para a sociedade?

Que o reconhecimento e a valorização do patrimônio cultural e ambiental, pelo poder público, com a colaboração da comunidade, do Parque Pedra de Xangô e entorno vem sendo vetor de desenvolvimento e de transformação para o subúrbio da cidade, sendo cada vez mais apropriado pela população local e despertando cada vez maior interesse para visitação.

11 - O que significa o Parque Pedra de Xangô para a cidade de Salvador?

Espaço de lazer, de contemplação, de comunhão, de expressão de manifestações e uma referência de espaço consagrado ao culto afro-brasileiro.

12 - Como tem sido a recepção da obra junto aos poderes públicos, a sociedade civil e a comunidade acadêmica? É possível fornecer imagens e documentos para subsidiar a tese de doutorado?

Percebo interesse na visitação e em desenvolvimentos de estudos, já que esta é a segunda entrevista que participo em pouco tempo. O processo de tombamento é público, apenas solicitando a formalização do pedido de cópias de documentos de interesse, para que fique registrado no próprio processo.

Desde já, agradecida pela atenção dispensada.

Eu que agradeço.

Maria Alice Pereira da Silva.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora
Renata Coração

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.



Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.
A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 25//09, às 16h, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: (x) utilização das minhas iniciais; (x) exposição do nome (x) omissão do nome.

Eu Renata Maria Sanches de Mendonça Salgado da Fonseca, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 25 de setembro de 2022

Participante da pesquisa: Renatinha Coração

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador:_____

Renata M M Salgado

PERGUNTAS

1 - Quem é Renata Coração?

Sou mãe, capoeirista, dançarina, MC e professora de Inglês e ART Escolar. Nascida em Belo Horizonte, já morei em Salvador e mantenho uma identidade profunda com a cidade e sua ancestralidade viva.

2 - Qual a religião de Renata Coração e o que significa o termo cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira?

Não sigo uma religião específica. Acredito que a espiritualidade se dá nas nossas ligações com tudo aquilo que é existente e vivo antes de nós e que nos guia na passagem pela terra. A cosmopercepção, entendo que, está diretamente vinculada a esta consciência é entendimento do mundo físico como uma realidade concretizada a partir do invisível, das leis da origem de tudo e de todos.

3 - Você acredita em governança espiritual afro-brasileira?

Sim.

4 - A senhora participa de algum movimento social?

Não.

5 - Como conheceu o Parque Pedra de Xangô?

Conheci Dra Maria Alice no Programa Online Ku Abo, durante o período pandêmico e na primeira oportunidade que tive de conhecer o Parque, que ainda estava em construção, fui. Entrei em contato com Maria Alice que prontamente se propôs a visitar a Pedra de Xangô comigo, numa primeira oportunidade, e em outras visitas, também me levou para visitar o Terreiro Vodun Ketzo e o Terreiro Tumbiode localizados na região de Cajazeiras..

6 – Já teve a oportunidade de assistir ou participar de algum ritual afro-brasileiro na Pedra de Xangô?

Não.

Renata M M Lima

7 – A senhora acompanhou o processo de implantação do mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô?
Sim.

8 – A senhora conhece o perfil @pedra.de.xango? Como a senhora avalia o perfil?
Sim. Perfil necessário e de importante influência na acessibilidade e cuidado com o parque, com as comunidades de terreiro, respeitando e colaborando com os princípios que regem o comportamento e espiritualidade afro-brasileira.

9 - Como a senhora pode contribuir para a preservação do Parque Pedra de Xangô?
Apoiando o Perfil @pedra.de.xango , visitando o Parque e possivelmente desenvolver algum projeto ou programa cultural e educacional no local.

10 - No dia 04 de maio de 2022 foi inaugurado o mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô. O que achou da obra?
Importantíssima.

11- A senhora acredita que a cultura pode exercer um papel relevante na preservação e defesa do patrimônio ambiental?
Tenho certeza.

12 - Que mensagem você deixaria para os órgãos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador?
Escutem, apoiem e ampliem as possibilidades e concretização de programas e projetos envolvendo os conhecimentos, a presença e ação das comunidades afro-brasileiras.

Desde já, agradecida pela atenção dispensada.

Maria Alice Pereira da Silva.



APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhor
Airton De Grande



Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.

A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 28/09, às 19h00, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (x) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, AIRTON MIGUEL DE GRANDE, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 26 de setembro de 2022

Participante da pesquisa: Airton Miguel De Grande

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

PERGUNTAS

1 - Quem é Airton De Grande?

Brasileiro, 58 anos (28/03/1964), é graduado em jornalismo pela USP, mestre em multimeios pela UNICAMP. É analista ambiental do Ibama desde 2003, atuando na superintendência do órgão em Salvador, BA. Documentarista, poeta de ocasião, desde 2017 trilha o percurso da formação em psicanálise (com aderência ao Fórum do Campo Lacaniano da Rede Diagonal Brasil - Natal, RN).

2 - Qual a religião de Airton De Grande e o que significa o termo cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira?



Não tenho religião, tampouco pratico a crença em alguma divindade. Desconheço o termo cosmopercepção, ou pelo menos não faz parte de meu vocabulário. Todavia, posso intuí-lo como uma percepção abrangente da vida, do universo e das suas relações.

3 - O senhor acredita em governança espiritual afro-brasileira?

Acredito que muitas pessoas demonstram fé nas tradições de origem africana e dirigem suas vidas de acordo com esses pressupostos - o que muito respeito e admiro. Mas seria incoerente de minha parte, uma vez que não tenho crença em qualquer divindade, que me posicione sobre esse tema.

4 - O senhor participa de algum movimento social?

Não.

5 - Como conheceu o Parque Pedra de Xangô?

Através da arquiteta Kátia Silveira e da advogada Maria Alice Silva.

6 - Já teve a oportunidade de assistir ou participar de algum ritual afro-brasileiro na Pedra de Xangô?

Sim, assistindo, mas não me lembro o nome .

7 - O senhor acompanhou o processo de implantação do mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô?

Sim. Conheci o parque no segundo semestre de 2018, quando ainda não havia as atuais alterações na área. Vi também as primeiras modificações, como movimentação de solo, novo traçado da avenida, construção das edificações, etc.

8 - O senhor conhece o perfil @pedra.de.xango? Como o senhor avalia o perfil?

Conheço e acompanho. Acho bastante dinâmico e útil para divulgar as atividades e manter viva as tradições que giram em torno da Pedra de Xangô.

9 - Como o senhor pode contribuir para a preservação do Parque Pedra de Xangô?

Divulgando e estimulando a visitação e participação das pessoas ao parque. Como profissional da área ambiental venho também, há cerca de quatro anos, tentando aproximar meu órgão (Ibama) do parque e de suas atividades, porém com pouco sucesso, haja vista a falta de sensibilidade e até - ouso dizer - por preconceito dos dirigentes para com a temática das religiões de perfil afrobrasileiro. Sinto-me bastante insatisfeito com isso e continuarei lutando para que o Ibama venha colaborar de fato com a existência e conservação do parque

10 - No dia 04 de maio de 2022 foi inaugurado o mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô. O que achou da obra?

Achei muito bonito e convidativo. Permite a contemplação da pedra e também seu uso para atividades de educação e recreação.

11- O senhor acredita que a cultura pode exercer um papel relevante na preservação e defesa do patrimônio ambiental?

Sim, sem dúvida. Aliás, defendo junto aos meus colegas de trabalho e ao meu órgão que esse é um dos pontos que devem ser adotados e difundidos junto à sociedade: demonstrar ao cidadão a vinculação positiva e necessária da cultura com o meio ambiente.

12 - Que mensagem o senhor deixaria para os órgãos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador?

A tradição nos conta que a Pedra de Xangô salvou muitas vidas de pessoas escravizadas que, em sua fuga desabalada, conseguiam a liberdade através daquela rocha. Só isso já seria suficiente para a conservação desse monumento e toda a área ao seu entorno. Mas basta observar um pouco mais para perceber que a Pedra de Xangô ainda continua salvando gente, pois aglutina pessoas para seus cultos, para sua reflexão sobre a vida, para o enfrentamento de seus problemas, para o agradecimento. Assim, a Pedra de Xangô deve ser entendida como um ponto alto e nobre do processo civilizatório humano, pois em torno dela circulam as soluções para uma vida melhor de cada indivíduo que a procura e, portanto, para a vida melhor de toda a coletividade. Olhar e proteger a Pedra de Xangô é demonstrar carinho pela sociedade que a rodeia, é proteger a nós mesmos do pior dos perigos que nos ameaçam: o retrocesso civilizatório.

Desde já, agradecida pela atenção dispensada.

Maria Alice Pereira da Silva.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhor (a)

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.

A entrevista para a coleta dos dados ocorrerá no dia 09/10, às 9h, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (X) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, Alda Fernanda _____, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 09 de outubro de 2022

Participante da pesquisa: _____

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador: _____

PERGUNTAS

1 - Qual o seu nome de batismo, a sua idade e onde reside?

Alda Fernandes. Nascida em Ourique aos. 66 anos. Casa zeis 10 - Setor I - Quadra C - Bamuhos 6 Lago

2 - O (a) senhor (a) é do candomblé? Em caso afirmativo de que nação, qual o terreiro, o cargo e o nome do orixá, inquice ou vodun? Sim. Ilê Axé Ogô Ogum. Ialorixá - Ogum.

3 - Quantos anos têm de iniciada?

35 anos de iniciadas.

4 - O (a) senhor (a) conhece a Pedra de Xangô?

Sim. Desde, 2001.

5 - O senhor (a) participa de rituais no Parque Pedra de Xangô?

Sim. DO Samba das Matuaicas e participava da Caminhada dos Pássaros das Águas, despachando Exu.

6 - Como era a Pedra de Xangô antes da inauguração do mobiliário urbano?

Era cheia de matos, tinha um pequeno riacho, depois ficou na beira da pista.

7 - Qual a sua participação no processo de implantação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô?

Não participei.

8 - A construção do equipamento de apoio do parque levou 2 (dois) anos. Qual foi o momento mais tenso e preocupante? Como a gente vinha pegar folhas sagradas, como vai ser agora nos cultos para o Orixá Xangô essa era a minha preocupação.

9 - O poder público acatou às ordens das divindades e das comunidades na concepção e execução do projeto arquitetônico?

A prefeitura acatou, mas precisa fazer mais ações para que o Parque fique mais conhecido. 3

Alda Fernandes

10 - Como o terreiro do (a) senhor (a) interage com o Parque Pedra de Xangô?
Eu sempre estou presente aqui com o grupo das Iyalorixás e Babalorixás.

11 - O equipamento de apoio trouxe algum benefício direto ou indireto para o seu terreiro ou comunidade?
Sim. Mas, precisando de mais coisas. Precisamos de eventos culturais que promovam os Terreiros.

12 – Em termos de políticas públicas o que pode ser melhorado?
Segurança e projetos, cursos para a comunidade.

Aldo Fernandes

Desde já, agradecida pela atenção dispensada

Maria Alice Pereira da Silva.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora
Diana Soares Costa

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.
A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 03/10, às 19h30, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: (X) utilização das minhas iniciais; ( ) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, Diana Soares Costa, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 03 de outubro de 2022

Participante da pesquisa: Diana Soares Costa

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva

Orientador: _____

Co-orientador:_____

PERGUNTAS

1 - Quem é Diana Soares Costa?

Eu sou uma pessoa que desde criança já entendia e construía os meus propósitos de vida e, principalmente, batalhava com sentimentos muito intensos, infelizmente sozinha, principalmente com o de rejeição do meu pai que não tive a oportunidade de conhecer (por vontade dele) e a falta de afetividade da minha mãe. Um fato importante que foi um grande divisor de águas na minha vida foi que eu defini que se o meu pai não viesse me procurar até os meus 15 anos de idade, eu iria definir novas estratégias e procurar acolhimento em outros lugares e pessoas, desde então, tenho como referência de pai o meu tio José Carlos (que me ensinou o quanto era importante estudar, acredito que foi por influência dele que fiz o meu mestrado em engenharia civil) e o pai da minha melhor amiga de infância Edson Andrade que sempre me acolheu na casa dele como uma filha, cuidou de mim até quando eu achava que nem precisava. Minhas amizades trouxeram afetividade, amor e paz e os principais nomes são Erica Andrade e Andreza Pimentão, arriscaria minha vida por elas, sem titubear.

Sempre acreditei que minha vinda para a terra seria para ajudar o próximo e isso pode ser visto em toda minha carreira acadêmica, profissional e principalmente a pessoal. Acredito que no fundo eu sabia que era uma pessoa privilegiada e que deveria trabalhar para as diferenças fossem amenizadas, existem pequenas atitudes desde a Diana da alfabetização até grandes realizações da Diana de hoje. Diante das relações pessoais, sempre fui muito desconfiada, destaco que sou uma pessoa séria, educada e prestativa a maioria do tempo, no entanto, se eu me permito conhecer melhor outras pessoas, demonstro afetividades e sou de me doar por inteiro às minhas relações quando a barreira da desconfiança cai.

Um misto de paz e guerra, amor e ódio, 8 ou 80, não existe meio termo, nunca estou em cima do muro. Sou a pessoa que leva a paz, mas não prejudique as pessoas que amo, ou as causas que luto, caso contrário encontrarão a pior guerra das suas vidas.

Para finalizar, acredito que apesar de não ser uma pessoa tão comunicativa, eu sinto energias em algumas pessoas e procuro uni-las para que possam evoluir cada vez mais. Fico feliz de ver outras pessoas felizes, de verdade.

Um dia, que não está tão longe, vou atingir o poder que eu preciso ter e vou ajudar milhares de pessoas, configurando uma grande corrente do bem liderada por mulheres.

2 - Qual a religião de Diana Soares e o que significa o termo cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira?

Fui criada na religião cristã, fiz a eucaristia, mas nunca concordei com tudo o que o padre falava ou que determinava a bíblia, por isso fui convidada a me retirar de alguns colégios católicos e até de uma igreja.

O termo "cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira" é algo que não tenho tanto conhecimento. Ao fazer uma rápida pesquisa[1], destaco a fala da filósofa nigeriana e professora associada de Sociologia na Stony Brook University, Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí, que faz uma crítica aos usos universais do conceito de cosmovisão enfatizando que é eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. Ela cunhou a expressão "cosmosensação", ou "sentido do mundo" (world-sense), para marcar a diferença, em relação à percepção da realidade, entre os yorùbá, da "cosmovisão".

Wanderson Flor do Nascimento, traduz a expressão world-sense utilizada por Oyěwùmí como "cosmopercepção" por julgar que "a palavra 'sense', indica tanto os sentidos físicos, quanto a capacidade de percepção que informa o corpo e o pensamento". O termo 'cosmosensação' (ou cosmopercepção) é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais.

3 – A senhora acredita em governança espiritual afro-brasileira?

Antes de tudo, fiz uma pesquisa no google e achei interessante compartilhar que ao digitar "governança espiritual afro-brasileira", na primeira página, as primeiras informações são sobre manifestos contra perseguições contra religiões afro-brasileiras, logo após, uma matéria incrível sobre Mãe Stella de Oxóssi que foi um ponto alto e intelectualizado da governança espiritual e um post do perfil @pedra.de.xango com a seguinte frase em destaque: "*BÊ, oh Bê, ói a Governança Espiritual afro-brasileira no Parque Pedra".

Eu acredito e respeito a importância dessa governança e que a sua existência é uma resistência em um país cujo racismo é estrutural.

4 - A senhora participa de algum movimento social?

Participo de movimentos que são liderados por professoras da universidade estadual do Amazonas e por mim. O primeiro é na comunidade de Novo Horizonte

[1] OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. The Invention of Women: making an African sense of western gender discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. p. 2-3.

(Manaus/AM) onde moram indígenas da etnia Kokama que estão passando ainda por um momento muito sensível de perda de suas lideranças em virtude da COVID-19 o que acarreta o risco de perda cultural a ser repassada, além disso é uma comunidade que vive em insegurança alimentar e alguns passam fome. Nosso trabalho consiste em distribuição de cestas básicas, ações com médicos que vão até a comunidade e atenção aos animais com veterinários convidados. Existe um projeto a longo prazo que se chama *papercrete* onde está havendo a mobilização da comunidade para a construção de uma moradia mais digna com blocos de concreto com papel reciclado, estamos na fase de obtenção do cimento por empresas e de entrevistas com os moradores para a definição de quem serão os primeiros contemplados.

Outro trabalho que faço está relacionado à comunidade do Cristo Rei (Região metropolitana de Manaus), objeto de estudo do meu doutorado, em que também levamos cestas básicas para a população e o nosso trabalho também consiste em ajudar com projetos de arquitetura na implantação de câmaras frias para o armazenamento dos peixes que ficam presos no paraná e por falta de oxigenação na água acabam morrendo e sendo desperdiçados, além disso o estudo dos impactos antrópicos que estão acontecendo na comunidade serão desenvolvidos e entregues à população para que possam viver com maior qualidade de vida visando o diálogo com o regime hidrológico.

O movimento social que também sempre participo e levo alguns alunos (e eles gostam) é o Projeto Remada Ambiental, que consiste na coleta dos resíduos para reciclagem no Rio Tarumã (Manaus) quando o rio está em época de vazante (descida das águas) onde diminuímos os impactos ambientais e trabalhamos com a conscientização da comunidade.

Também faço algumas ações individuais e dessas, a que mais me emociona é o cachorro-quente para os guerreiros da limpeza urbana. Em Salvador, o caminhão costumava passar à meia noite e eu descia com os cachorros-quentes bem quentinhos, refrigerante e de vez em quando um bolo de chocolate de sobremesa. Eu gostava de conversar com eles e via que tirar aquele tempo do meu dia pra eles me fazia muito feliz. Era conhecida com a amazonense do cachorro-quente.

5 - Como conheceu o Parque Pedra de Xangô?

Eu não conheço o Parque, infelizmente, mas é uma questão de tempo, meu único conhecimento é pelas redes sociais.

6 – Já teve a oportunidade de assistir ou participar de algum ritual afro-brasileiro na Pedra de Xangô?

Ainda não assisti nenhum, mas tenho muita vontade de conhecer melhor os rituais, músicas, pessoas, energias e tudo o que essa religião incrível puder me proporcionar.

7 – A senhora acompanhou o processo de implantação do mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô?

Infelizmente não.

8 – A senhora conhece o perfil @pedra.de.xango? Como a senhora avalia o perfil?

Ao entrar na UFBA, para cursar a pós-graduação em arquitetura, vi uma divulgação em 8/10/2020 na universidade de que uma pesquisadora baiana faria uma fala em Harvard sobre a Pedra de Xangô e fui buscar mais informações sobre o assunto e encontrei o perfil no Instagram. Achei potente ver uma mulher em um lugar de poder falando sobre a sua cultura e fiquei muito feliz, mas não sabia que a pesquisadora era da pós-graduação em arquitetura e urbanismo. Fui descobrir depois que a conheci como representante discente e consegui ligar o perfil do Instagram à pessoa da pesquisadora em destaque.

9 - Como a senhora pode contribuir para a preservação do Parque Pedra de Xangô?

Acredito que hoje em dia as redes sociais possuem um poder que nós ainda não sabemos mensurar, posso ajudar na divulgação do perfil, mas também sou muito empolgada para fazer ações em comunidades. Um trabalho em conjunto da comunidade e pesquisadores da UFBA para conhecer os maiores problemas e tentar amenizá-los poderia ser uma boa opção para começar.

10 - No dia 04 de maio de 2022 foi inaugurado o mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô. O que achou da obra?

Eu vi alguns mobiliários urbanos no perfil da Pedra do Instagram e achei todos muito expressivos, com cores neutras e formas estonteantes. Os materiais empregados foram de ótima escolha para um bom desempenho térmico e esteticamente estão todos de muito bom gosto e conectados com a natureza circundante.

11- A senhora acredita que a cultura pode exercer um papel relevante na preservação e defesa do patrimônio ambiental?

A cultura e o patrimônio ambiental andam de mãos dadas. Historicamente, as populações tradicionais (ex: os indígenas, quilombolas e ribeirinhos), detentoras de culturas ancestrais, sempre foram as grandes defensoras do nosso patrimônio ambiental.

Essas populações sempre souberam o valor da preservação por possuir um modo de vida cultural intimamente ligado ao meio ambiente.

12 - Que mensagem a senhora deixaria para os órgãos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador?

A melhor forma de preservação é a apropriação do parque pela comunidade, bem como ações que valorizem a interação do público com os bens materiais e os imateriais que estão envolvidos nesse local potente que nos convida à resistência da cultura afro-brasileira.

Desde já, agradecida pela atenção dispensada.

Maria Alice Pereira da Silva.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhor
Flávio Carvalhos

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.

A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 25/09, às 19h, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (X) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu Flávio Carvalho Silva, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 20 de setembro de 2023

Participante da pesquisa: Flávio Carvalho Silva

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva

Orientador: Fábio Macedo Velame

Perguntas:

1 – Quem é Flávio Carvalhos?

Arquiteto e urbanista, homem negro de 31 anos, professor substituto do departamento de projetos na Faculdade de Arquitetura da UFRJ, mestrando em Planejamento Urbano pelo Instituto de Planejamento Urbano da UFRJ e coautor do projeto arquitetônico e urbanístico da Pedra de Xangô.

2 - Como e quando foi a sua primeira experiência na Pedra de Xangô?

O primeiro contato com o monumento Pedra de Xangô foi encantador, a rocha em si mesma possui beleza e energia surpreendentes. Logo pudemos perceber que além de si a Pedra carregava a força de um grande interesse coletivo que faz dela um bem comum de grande valor paisagístico, cultural e religioso. Com uma articulação coletiva consolidada, foi possível encontrar caminhos para a elaboração de um projeto que atendesse aos anseios tão plurais que envolvem o monumento. E através de algumas reuniões e oficinas, pudemos juntos (técnicos, povo de santo e demais lideranças comunitárias) desenvolver o programa e as estratégias do projeto.

3 - O que você entende sobre Governança Espiritual?

Sobre a governança espiritual: É difícil falar sobre espaços na minha vida onde não me sinta atingido pela governança espiritual.. Eu não sou iniciado em qualquer religião e por isso tenho muito cuidado e respeito para falar sobre a forma como a espiritualidade me toca. Entretanto não dá para negar uma influência singular quando se vai relacionar com a Pedra de Xangô. Eu me lembro que pensava muito em Xangô e pedia, do meu jeito, sempre permissão para pensar sua paisagem, pedia permissão e sentia a energia vinda da pedra sempre que entrava em contato com a paisagem que ali existia, tocava-a com as mãos, tocava-a com a cabeça, sentia as árvores, a forma do terreno, os seres vivos que ali circulava. O pedido era para que a minha ação funcionasse como um instrumento da espiritualidade, para que minha ingenuidade não construísse qualquer barreira para a verdadeira função daquilo que estava se constituindo, e que minha passagem por aquele processo se somasse aos desejos ancestrais, eu pensava nos meus bisavôs, tataravôs, pensava naquilo que via a minha frente através das transmissões dos

profundos saberes que me transpassavam principalmente dos diálogos e das validações de Everaldo Duarte, Sônia, Roque, Gabriela, Alice, Kátia, Luiz, Zé Maurício, (poderia falar tantos outros nomes dos quais não me recordo).

4 - Como foi a interação com o Grupo de Trabalho Externo?

Os relatos do Grupo de Trabalho indicaram uma ação integrada que envolveu todo o corpo técnico, as comunidades de terreiros, a burocracia política, outras secretarias da Prefeitura Municipal de Salvador e também a academia. Após discussões com a comunidade, foram elaborados três projetos com o objetivo de subsidiar e estabelecer uma comunicação entre as possibilidades: a proposta do Termo de Referência, uma intermediária e outra que atenderia ao desejo da comunidade. A terceira opção redesenhou a proposta original do termo de referência, incluindo o desvio da pista.

5 - Como se deu o seu diálogo com a Governança Espiritual?

Essa mediação aconteceu entre os cosmos desejos e as cosmos ações, através do diálogo dos corpos com a religiosidade interagiu com os sacerdotes e sacerdotisas – pedindo licença para que houvesse a transmissão dos desejos. Esse diálogo com a paisagem direta, associada com a religiosidade verbaliza o encontro. Essa relação é uma relação que não passa pelos mecanismos, pelas epístemes científicas é outro meio de se comunicar. Os mecanismos mais fáceis foram as autoridades religiosas circundando todo instante o processo, indicando como as nossas intenções – atravessava o tempo, o diálogo, conseguindo mediar e validar a influência direta da espiritualidade na paisagem. O outro lado, é que se trata de uma autoridade religiosa que estava aberta dizendo o que podia ou não ser feito, ir além do material, experiência pessoal, experiência da autoridade religiosa, se posicionando como mediadora, olhando o que estava sendo desenhado, o que poderia ser feito. Camada de informações que eu não tinha acesso racionalmente, também, o encontro entre várias camadas. A fonte inspiradora foi a Pedra, a Governança Espiritual, o processo.

6 - Qual a importância da ancestralidade na concepção do projeto arquitetônico do Parque Pedra de Xangô?

A ancestralidade é um elemento de referência fundamental para a concepção do projeto. Ela se materializa no espaço e exige formas de ação urbanísticas. Através delas, nós concebemos paisagem e materialidade do parque.

7 - Discorra sobre a arquitetura da Pedra de Xangô?

A arquitetura da Pedra de Xangô deveria aparecer como um elemento que desse continuidade à paisagem vernacular em torno da pedra. Antes da materialidade em si a equipe de projeto entendia que a proposta para um equipamento de apoio, ou quaisquer edificações que viesse a ser feita em torno daquele lugar sagrado deveria se apresentar como elemento de respeito e continuidade, os elementos mais importantes já estavam presentes (mata e rocha). Uma arquitetura de continuidade deveria se posicionar no sopé da encosta, atrás da pedra, em meio à mata, com gabarito mínimo, cores e texturas que remetessem ao natural. Pareceu-nos num segundo momento crucial utilizar também material natural que imprimisse maior diálogo entre os elementos do passado e do futuro. A princípio pensamos na possibilidade de utilização da alvenaria de pedra, entretanto, identificamos na taipa de pilão potencial de não só remeter às técnicas tradicionais e à arquitetura vernacular como também à uma imagem afro-diaspórica.

8 - Que lições o projeto do Parque Pedra de Xangô deixou para o arquiteto e urbanista Flávio Carvalhos, o que mudou na sua trajetória profissional?

Muitas lições. A Pedra foi uma oportunidade de amadurecimento sobre a minha ancestralidade e as formas de lidar profissionalmente com as questões raciais na arquitetura. A relação com Xangô permanece, o processo urbanístico que aconteceu ali tem muito a nos ensinar e por isso se transformou também no meu objeto de estudo na dissertação. Acima das questões materiais, a Pedra de Xangô hoje faz parte de minha personalidade, minha história e do meu futuro.

Salvador, 25 de setembro de 2023

Flávio Carvalho Silva.

Flávio Carvalho Silva

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora
Gabriela Correia

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.

A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 30/09, às 19h, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (X) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu Gabriela Silva Correia, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 21 de fevereiro de 2024

Participante da pesquisa:

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Perguntas:

1 - Quem é Gabriela Correia?

Gabriela Correia, arquiteta e urbanista, além de artista visual formada pela UFBA, umbandista e filha de Oyá,

2 - Como e quando foi a sua primeira experiência na Pedra de Xangô?

Estive na Pedra de Xangô pela primeira vez em 2017 durante uma atividade do Seminário Salvador e sua cores promovido pelo grupo Etnicidades da Faculdade de Arquitetura da Ufba.

3 - O que você entende sobre Governança Espiritual?

Governança Espiritual para mim são as forças que atuam sobre nossa vida, lugar ou situação. Essas forças/energias são a manifestação do Sagrado que atuam apontando direções, cruzando caminhos, falando através pessoas...

4 - Como foi a interação com o Grupo de Trabalho Externo?

Não houve interação com GTE

5 - Como se deu o seu diálogo com a Governança Espiritual?

Eu, enquanto adepta de religião afro-brasileira, acredito que a governança espiritual influenciou, mobilizou e convergiu pessoas e energias desde o momento em que a obra da Avenida Assis Valente foi impedida de implodir a Pedra. Eu sinto que todo o processo de criação e materialização do Parque é encantado e tudo nele encanta. Não se pode explicar, é para sentir.

6 - Qual a importância da ancestralidade na concepção do projeto arquitetônico do Parque Pedra de Xangô?

A ancestralidade presente na concepção do projeto arquitetônico do Parque Pedra de Xangô se manifesta na forma, materialidade, valorização dos elementos naturais como espaços sagrados e portanto, valorizados e colocados em destaque no projeto.

7 - Discorra sobre a arquitetura da Pedra de Xangô?

A materialidade e a forma são os aspectos mais marcantes do projeto. O uso da terra como elemento estruturante da arquitetura do Memorial Pedra de Xangô na longa parede de Taipa de Pilão curva através da qual se distribui os espaços do Memorial. Tal parede composta por dois arcos concordantes, se abre para os dois lados do prédio. Assim

como terreiros das religiões afro-brasileiras que sempre foram lugares de acolhimento, o memorial abraça o visitante por ambos os lados. O metal das estruturas, os pisos em pedras naturais e o uso da madeira são exemplos de como os elementos naturais aliados à novas tecnologias e saberes ancestrais foram trazidos de forma intencional para conectar o visitante à natureza dos Deuses africanos.

8 - Que lições o projeto do Parque Pedra de Xangô deixou para o arquiteto e urbanista Gabriela Correia, o que mudou na sua trajetória profissional?

O projeto do Parque Pedra de Xangô trouxe para mim, além de aprendizado técnico fundamental para minha formação enquanto arquiteta, a maravilhosa constatação do quanto a força de pessoas unidas e, nesse caso particularmente, Orí-entadas pelos Orixás, Inquices e Voduns em prol de uma causa são capazes de reorientar o rumo dos acontecimentos e ocuparem um espaço tão importante para as religiões afro-brasileiras e para a cidade. Aprendizados para a profissão e para a vida.

Salvador. 21 de fevereiro de 2024

Documento assinado digitalmente
gov.br GABRIELA SILVA CORREIA
Data: 22/02/2024 19:30:14-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora
Hélen Diogo

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.
A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 25/09, às 19h30, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: (**X**) utilização das minhas iniciais; ( ) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, Hélen Rejane Silva Maciel Diogo, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 28 de setembro de 2022

Participante da pesquisa: Hélen Rejane Silva Maciel Diogo

Documento assinado digitalmente
HELEN REJANE SILVA MACIEL DIOGO
Data: 28/09/2022 10:31:53-0300
CPF: ***.216.510-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador:_____

PERGUNTAS

1 - Quem é Helen Diogo?

Hélen Diogo é uma mulher negra, jurista em formação, mestranda, pesquisadora e escritora de poéticas.

2 - Qual a religião de Hélen e o que significa o termo cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira?

Eu sou uma mulher de axé(Batuque), a cosmopercepçao é um refinamento, uma sensibilidade do ver, do perceber, do sentir e do se comunicar, através de vivências e experiências únicas, que não são abarcadas e nem alcançadas por a cultura branco-eurocêntrica. A cosmopercepção implica uma simbiose do eu com o todo e do todo com o eu.

3 – A senhora acredita em governança espiritual afro-brasileira?

Acredito e já tive provas de que é um processo forte de intervenção e comando da orixalidade, aqui, em especial um comando dado por Xangô, em minha (nossa) vida individual e coletiva.

4 - A senhora participa de algum movimento social?

Acredito que as mulheres negras já são um movimento social, logo tal fato já me coloca na condição de sujeita e participante dessa coletividade/movimento social.

5 - Como conheceu o Parque Pedra de Xangô?

Conheci o Parque Pedra de Xangô através do perfil @pedra.de.xango

6 – Já teve a oportunidade de assistir ou participar de algum ritual afro-brasileiro na Pedra de Xangô?

Infelizmente, ainda não tive a oportunidade de participar de rituais em locus, mas meu desejo de ir, em breve, já é um chamado e uma certeza

7 – A senhora acompanhou o processo de implantação do mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô?

Sim, todo o acompanhamento foi realizado via instagram, a partir do qual tive conhecimento da Pedra de Xangô não só como um patrimônio histórico e cultural

Documento assinado digitalmente
HELEN REJANE SILVA MACIEL DIOGO
Data: 28/09/2022 10:32:56-0300
CPF: ***.216.510-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

afro-religioso, mas do gerenciamento de Xangô e os seus direcionamentos na produção de saberes culturais e afro religiosos traduzindo-se em uma vasta rede de ligação do território(academia, poder público, comunidade) e terreiro(tradição afro religiosa).

8 – A senhora conhece o perfil @pedra.de.xango? Como a senhora avalia o perfil?

Conheço o perfil pedra de Xangô e acredito que ele é mais que um espaço virtual de divulgação , mas, sobretudo, um portal de saberes ancestrais e afrodiaspóricos, os quais consolida uma rede de vivências, experiências, pessoas, natureza, divindades, entre outros.

9 - Como a senhora pode contribuir para a preservação do Parque Pedra de Xangô?

Acredito que minha contribuição pode ser manifestada das seguintes forma, e assim é meu desejo e estou aqui para cumprir: (1) Agradecendo a Xangô por através dessa pedra ter feito história e revolução na minha vida pessoal e acadêmica, (2) Divulgando a riqueza de trabalho(a dissertação de Maria Alice e, agora, o trabalho de doutoramento) que se concretizou no Parque Pedra de Xangô,(3) Contribuindo com esmero através de meu trabalho no Mestrado, em especial, minha dissertação, que versa sobrem o Constitucionalismo Negro e a Justiça de Xangô, a qual traz como primeira ordem a Pedra de Xangô e sua força afrodiaspórica, ancestral e pulsante. Além disso é a pedra, é sem dúvida alguma, um marcador e manifestação de justiça de tamanho significado para a população negra em diáspora e, por fim, e não menos importante, (4) Lembrando a cada momento e instância de minha vida que Xangô é rei, e reina.

10 - No dia 04 de maio de 2022 foi inaugurado o mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô. O que achou da obra?

Um império magnífico e digno de Xangô. Eu achei maravilhoso e grandioso enquanto estrutura arquitetônica e poder ancestral. O Parque é um manifesto, um convite, uma comunicação, o qual não resta dúvida que aquele lugar precisa ser experienciado e honrado por cada um/uma de nós.

11- A senhora acredita que a cultura pode exercer um papel relevante na preservação e defesa do patrimônio ambiental?

A cultura é um instrumento poderoso e norteador da proteção, da cooperação e colaboração na preservação e defesa do patrimônio ambiental, pois aponta não só

Documento assinado digitalmente
HELEN REJANE SILVA MACIEL DIOGO
Data: 28/09/2022 10:34:08-0300
CPF: ***.216.510-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

um caminho, bem como, um olhar singular de ler o patrimônio ambiental que dispomos.

12 - Que mensagem a senhora deixaria para os órgãos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador?

Que o brado de Xangô seja sempre escutado e respeitado. Xangô mostra através de seu poder ancestral, o encaminhamento que a orixalidade tem sobre nossa vida individual e coletiva, pública e privada. Ninguém é mais o mesmo ao ver a Pedra, porque ela não é só uma pedra, mas A PEDRA do REI. Cabe aos órgãos responsáveis salvaguardarem a história afrodiaspórica, o templo de Xangô e o seu lugar imperioso intitulado Parque Pedra de Xangô. Espero que os órgãos não fujam de sua responsabilidade e não negligenciem o devido cuidado e respeito a tudo que foi, até o momento, construído.

Documento assinado digitalmente
HELEN REJANE SILVA MACIEL DIOGO
Data: 28/09/2022 10:30:45-0300
CPF: ***.216.510-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Desde já, agradecida pela atenção dispensada.

Maria Alice Pereira da Silva.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora
Kátia Silveira

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.

Digitalizado com CamScanner

A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 15/09, às 16h, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto. Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (X) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, Dalila V. C. da Silva, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 16 de setembro de 2022

Participante da pesquisa: _____

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador: _____

PERGUNTAS

Digitalizado com CamScanner

1 - Quem é Kátia Silveira?

Um ser em busca de viver e manifestar o Sagrado....

Arquiteta Urbanista pela FAU-Ufba, com pós-graduação na área de design de produto (UNEB) e administração de empresas (Ufba) e atualmente em atividade na área de arquitetura e paisagismo urbano, residencial e comercial na empresa PARQUI-Paisagismo e Arquitetura, com experiência em planejamento urbano, na área de uso e ocupação do solo nas gestões do estado e município

2 - Qual a religião de Kátia Silveira? O que significou para a entrevistada ser integrante da equipe responsável pelo projeto arquitetônico do mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô?

Sou Espírita, aberta a princípios e fundamentos sagrados de outras filosofias, integrando conhecimentos interdimensionais.

A princípio, vencer uma concorrência é sempre motivo de muita alegria, mas depois se transformou em **desafio**, vez que ao longo do desenvolvimento do projeto, além dos conhecimentos técnicos, haveria a necessidade de andar de mãos dadas com grupos diversos de matriz africana, com o objetivo de atender a um único e principal cliente, não visto e apenas sentido.

Uma pergunta que não calava na minha mente era: como se daria essa interlocução?

3 - A senhora acredita em governança espiritual afro-brasileira?

Sim...vivi essa governança na prática durante o tempo de projetação. Era perceptível que a condução do trabalho não estava apenas nas mãos de quem detinha o conhecimento técnico no plano terreno. Demorei um pouco a perceber como essa interferência se dava, sua condução e os canais de sua revelação, já que tudo era em algum sentido, inaudível!!

4 - A equipe contratada para desenvolver o projeto arquitetônico encontrou dificuldades para atender às ordens espirituais? Em caso positivo, como se deu a interação com a comunidade para atender às expectativas das divindades e, por conseguinte, do grupo religioso? Qual a metodologia utilizada?

Com relação ao Projeto de Paisagismo, uma vez estabelecidos os critérios de seleção das espécies vegetais para a região onde está inserido o Parque e obedecidos os requisitos técnicos do projeto urbanístico e de arquitetura, era fundamental atender a comunidade de matriz africana no que diz respeito a existência no Parque, para coleta e uso, as folhas e ervas sagradas utilizadas em seus rituais litúrgicos.

Digitalizado com CamScanner

Uma vez levantado todo acervo vegetal necessário, uniu-se para aquela área, objetivos técnicos de manutenção, revegetação e plantio de espécies nativas de Mata Atlântica aos do plano do Divino, representado por Sacerdotes e Sacerdotisas.

Assim, prosseguimos projetando, eu e minha sócia Eliana A. Sallenave, mas em determinado momento, não dávamos o projeto como concluído. Foi quando arrisquei um comentário com a Sacerdotisa Gaiaku Sinai, do Terreiro Vodun Kwé Tózó, que me chamou a atenção para a principal e basilar ação que era "pedir permissão" aos Orixás para nossa atuação naquele local sagrado.

Convidada de "imediato" a passar por um ritual, aceitei e mergulhei com toda minha fé nas forças ocultas da natureza, não antes de sussurrar para ela que confiava na resposta.

Ao final do lindo ritual, nos foi dada a permissão e felicidade maior não poderia existir!

Agradeço aos Orixás pela confiança, à sabedoria da Sacerdotisa, por mais este aprendizado, onde o Divino e o material não são princípios separados e inacessíveis, são uno, só nos resta perceber.

5 - A construção do equipamento de apoio do parque levou 2 (dois) anos. Qual foi o momento mais tenso e preocupante?

Um momento tenso foi na época dos seguidos ataques ao Monumento Sagrado, onde a intolerância religiosa se fez presente de forma bastante agressiva e desrespeitosa, e, o desmatamento em ritmo crescente do acervo ambiental no entorno do Parque comprometendo a Paisagem do seu entorno.

A Pedra sem o verde que a envolve perderia seu sentido e força maior.

6 - Poderia discorrer sobre a arquitetura do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô?

De forma direta e objetiva se trata de uma arquitetura moderna e orgânica em sua forma, e, fluida em sua maneira de existir de forma a atender ao Divino e Sagrado ali existente.

7 - O que mudou na sua trajetória profissional ao participar do projeto?

A ampliação de caminhos dentro da profissão com a inclusão de aspectos e critérios não apenas técnicos, mas de sensibilização para ampliação da percepção do que não é visto, mas apenas sentido, através de sinais pouco convencionais!

Que é necessário estar atento ao invisível que habita todo lugar...

Digitalizado com CamScanner

Que é possível ouvir o inaudível....

Que todos os espaços são sagrados...

Que é possível fluir e confiar na condução das forças superiores que sinaliza de forma sutil e natural, como tudo deve ser e existir....

Desde já, agradecida pela atenção dispensada.

Maria Alice Pereira da Silva.

Digitalizado com CamScanner

Eu, Luis Guilherme Pires, arquiteto e urbanista e atualmente mestrando no PPGAU/UFBA, participei do processo que culminou na elaboração e execução do projeto do parque da Pedra de Xangô. À época, entre 2017 e 2018, era estagiário da SECIS – Secretaria da Cidade Sustentável e Inovação da Prefeitura Municipal de Salvador e estava envolvido nas reuniões e discussões promovidas pelo GT de Criação e Gestão de Unidades de Conservação e Parques, coordenado pela urbanista Jacileda Santos e contava com a participação de representantes dos parques envolvidos (Pedra de Xangô, Parque Marinho da Barra e Vale Encantado). Nesse momento, estavam sendo elaborados os termos de referência, bem como os estudos (urbanístico, ambiental, social, econômico etc.) necessários à implantação dos parques. As reuniões aconteciam na unidade da SECIS que ficava localizada no Parque da Cidade/Itaigara e possibilitava o diálogo entre o poder público, sociedade civil e universidades (visto que em cada grupo havia pesquisadores de instituições de ensino superior que possuíam relação com os parques citados). No GT da Pedra de Xangô, me recordo da participação de moradores do entorno da Pedra, lideranças de terreiros, a UFBA (representada pela pesquisadora Maria Alice Silva) e a própria secretaria na figura do arquiteto José Saraiva. Para além desses encontros, também tive a oportunidade de realizar algumas visitas técnicas à área da Pedra, acompanhado de outros servidores da secretaria. Lembro-me que em uma dessas visitas fomos acompanhar e registrar um ato simbólico realizado por representantes dos terreiros com a finalidade de demarcar uma área verde próxima à Pedra com o plantio de mudas de plantas e árvores sagradas para o candomblé.

Luis Guilherme Cruz Pires

Salvador, 01 de março de 2023

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora
Marcele Silva do Valle
Instituto Búzios

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.
A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 15/09, às 16h, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (x) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, Marcele Silva do Valle, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 16 de setembro de 2022

Participante da pesquisa: Marcele Silva do Valle

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador:_____

PERGUNTAS

1 - Quem é Marcele do Valle?

Nascida e criada na região sul da Bahia, Ilhéus. Bacharel em Direito pela UFBA formada em 2002, iniciei o curso de Direito em 1986 na UESC/ILHÉUS, aprovada em concurso público da Caixa Econômica Federal em 1987, lotada no interior por manipulação interna, sofri o primeiro assédio moral no trabalho, que me impôs trancar o curso de Direito, retomei estudos na UFBA em 1997 já em Salvador, município para o qual fui transferida pela CEF. Saí da Caixa Econômica Federal pelo programa de demissão voluntária em 2001. Inicici em 2007 o Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional, multidisciplinar, pela rede PRODEMA/UESC/ILHÉUS, não concluído (minha pesquisa mexeu com interesses pois demonstraram haver desvios), a pesquisa teve como objeto a gestão participativa em recursos hídricos. Ainda nesse período atuei na formação, como assessoria jurídica do antigo INGÁ, órgão estadual de gestão das águas, de comitês de bacia hidrográfica pelo interior da Bahia. Estudante de ciências sociais da UFBA. Ativista socioambiental, coordenadora de ações socioambientais do Instituto Búzios. Fundadora do Psol, ex secretária geral do partido na Bahia. Ex coordenadora do setorial ecossocialista do psol Bahia. Negra de pele clara registrada parda, mãe de homem, avó de menina, servidora pública por íntima disposição, vinculada ao estado dispondo de minha força de trabalho por sobrevivência, analista judiciária do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, desde 2008, função oficial de justiça lotada no Tribunal do Júri, companheira de servidor público e político partidário. Filha de pai negro servidor público e de mãe socialmente branca artesã e cabeleireira. Meus ancestrais são por parte de pai bisavô português e bisavó afrobrasileira, radicada no território da região de Cachoeira e Santo Amaro, recôncavo da Bahia, adepta do candomblé, vai a pé para a região cacaueira onde constrói fazenda de cacau, cria filhos, mas não faz herdeiros pois o português casa oficialmente com mulher branca. Por parte de mãe, descendente de homem branco possivelmente europeu, radicado no sul do Brasil, praticante intuitivo da medicina integrativa homeopática e do ocultismo. Sou da região do território cacaueiro. Nascida e criada em Ilhéus, território indígena tupinambá, terra do cacau, fortemente influenciada cultural, ambiental e economicamente pelas águas doces e salgadas, pela biodiversidade do bioma mata atlântica, e a cultura do cacau cabruca. Ainda tomando consciência do que isso significa e da influência que exerce sobre o que sou e como estou no mundo.

2 - Qual a religião de Marcele do Valle, o que significa o termo cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira?

Afiliar-me a uma religião institucionalizada sempre foi muito complexo pra mim. Meu contexto social familiar vem de vertentes variadas e em muito conflituosas. Meu pai não tinha religião e ao contrário se opôs às participações em ritos religiosos. Era um dos

conflitos que a minha família, mãe e pai, demonstravam estar envolvidos. Divergiam quanto à educação religiosa/ espiritual das filhas. Ele por exemplo não queria o batismo na igreja católica. Minha mãe por sua vez frequentava grupos e a igreja católica mas não demonstrava muita dedicação nem muitos dogmas. Se ligava a vertente menos dogmáticas. Não casaram por exemplo. Outra parente estava praticante de religião afro-brasileira. Outra logo do início da construção da igreja neopentecostal local. Portanto em meu íntimo não me relacionei bem com a institucionalidade. Frequentei um pouco na juventude casa espírita kardecista por influência de um relacionamento amoroso, mas não segui. Tenho uma espiritualidade informal, reconhecendo a presença e influência da espiritualidade, dos encantados, da vida após a vida, dos arquétipos ligados e imbricados nos elementos da natureza e nossa relação de pertencimento com esta. É o que dou conta intuitivamente da cosmologia afro-brasileira. De fato não tenho aprofundamento para tecer conceitos, é tudo muito intuitivo e credito ser em razão desses antecedentes históricos familiares. Tinha um avô materno, homem branco, possivelmente descendente europeu, gaúcho, fugitivo da Marinha, que descobri já na juventude que possuía um livro de São Cipriano, prática de ocultismo e medicina integrativa, prático homeopata, mas era tabu familiar. Esse conhecimento se perdeu. Não conhecemos a família dele. Por parte de pai, uma avó possivelmente judia, branca, outra bisavó do candomblé, da região de Cachoeira/ Santo Amaro que desceu a pé para a região sul cacaueira. Sinto a influência deles em mim. É uma construção, sinto meio tardia. Mas é o que tenho pra agora. O que de fato tem profundidade é minha resistência à institucionalidade católica.

3 - Você acredita em governança espiritual afro-brasileira?

Esse termo governança tem relevância na minha vida. Me reconheço servidora pública, o público/ coletivo e tudo o que implica, é uma marca pessoal. E governança pra mim assume esse sentido, do coletivo interrelacionado, envolvendo os atores sociais, mesmo que estes não dêem conta. Suas paixões, ações e omissões, visão de mundo vão se interrelacionando e provocando resultados. É um processo dialético, de sínteses e novas sínteses. É uma espécie de bailado ou orquestra. É um modo de ser e interagir com a matéria e esta com o etéreo, que resulta no que atinge nossos sentidos que por sua vez são extremamente limitados. E meio que estamos nesse caldo social com variadas percepções e tocadas por elas que ao sermos tocados mudamos às vezes imperceptivelmente a direção. E isso é extremamente e intimamente ligado ao momento histórico econômico social e espiritual brasileiro mais importante, a escravização. Governança espiritual afro-

brasileira pra mim, neste momento de reflexão, é isso, em construção, obviamente. Pra dar conta das perguntas filosóficas que todos devemos enfrentar e enfrentamos mesmo não dando conta, de onde viemos, pra onde vamos. E nessas questões a espiritualidade afro-brasileira me trazem referências, intuitivamente.

4 - Como conheceu o Parque Pedra de Xangô?

A atuação ativista socioambiental veio pra minha vida como consequência desses antecedentes familiares, históricos e culturais. Não a persegui. A governança espiritual, posso identificar os momentos que age. Tenho ainda muita insegurança quanto a ouvir com os ouvidos da matéria, com antecedência, o que depois fica bem delimitado. Tenho buscado respeitar e apurar os sentidos para economizar desvirtuamento dos caminhos. Assim que fui acumulando relações interpessoais com interesses afins. Sinto-os temporariamente e abruptamente separados, tanto os espaços geográficos, quanto espirituais, mas os vejo em unidade. Assim que vejo Pedra de Xangô. Imbricada nos demais sítios e espaços naturais geográficos e espirituais como parte integrante, em que pese extremamente marcante em sua singularidade e farol. E foi assim que me aproximei materialmente desse espaço, já o sentia e sentia sua existência e importância. Meu primeiro contato com Pedra de Xangô se deu participando de uma apresentação dos estudos, num terreiro, pela sua mentora principal, a Dra Maria Alice Silva, quando fui acompanhando o meu companheiro que é atuante na política partidária. Naquele momento presenciei um conflito e todas as implicações da governança espiritual que antecedentemente à sua materialidade institucional. Não considero coincidência. Foi um chamado a me impulsionar o envolvimento. Naquele momento já estava caminhando no ativismo socioambiental cotidianamente, participando de conselhos gestores de unidades de conservação. Sou de Ilhéus, desde nova saí, por sobrevivência, muito cedo das relações comunitárias, meu sentimento é de que não sou daqui nem muito de lá. Portanto minha participação no ativismo não se dá pelo comunitário, se dá pelo conhecimento formal e informal. No comunitário sinto envolvida numa missão, a emancipação política e social dos interesses coletivos. Com Pedra de Xangô sinto integrar a missão de a reconhecer como sítio sagrado em rede.

5 - Como as religiões de matriz afro-brasileira vêm se apropriando do Parque de Pituaçu?

Minha percepção com relação às unidades de conservação e espaços onde a natureza ainda é exuberante é de que estas existem pela influência afroamerindea na construção de nossa sociabilidade brasileira. A visão de mundo afro se encontra com a cosmologia

amerindea. Pra mim são afins. Se por um lado a natureza permanece e existe em razão dessas cosmovisões, imbricadas, por outro é por isso que está em constante risco de permanência. O racismo que estrutura nossa sociedade age de maneira contundente. Todas as construções legais e institucionais estão conformadas por essa contradição. São constructos eurocentrados que se opõem a reconhecer a cosmologia afroamerindea pois o que está em disputa é o domínio e livre disposição para exploração por um grupo no poder. Pituaçu é potência e também vítima. Enquanto integrante do conselho gestor por duas gestões meu esforço se deu na atuação junto à comunidade do entorno para que esta integrasse o conselho gestor. Aprovamos institucionalmente o Festival Alternativo, com artistas e ativistas culturais, mas a participação da institucionalidade religiosa se reduziu à presença de representação da igreja católica local. Presenciei algumas vezes a relação ritualística de um único terreiro que não está localizado nas imediações de Pituaçu mas que tinha essa relação anual. Historicamente como integrante do conselho gestor no tempo em que atuei não nos chegou demanda de religiões ou instituições afroamerindea. Tínhamos conhecimento de que havia um Terreiro que foi expulso pela gestão do Parque. Pelo regimento interno do conselho gestor não há cotas de participação para instituições, coletivos ou organizações sociais que partem dessa diversidade. O órgão público estadual, executor da política ambiental no estado, também por lei presidente do conselho gestor do parque de Pituaçu não cumpre com a necessária interrelação com outros órgãos e secretarias, por exemplo, com a secretaria de reparação, secretaria de educação, etc.

6 – As religiões de matriz afro-brasileira têm assento no Conselho Gestor do Parque de Pituaçu?

O racismo estrutura nossa sociedade. E reconhecer a influência africana em nossa construção social é fruto de luta mas não passou de meramente formal e ilustrativa. Os espaços de poder, mesmo esses de gestão participativa, na maioria meramente consultivos, não são integrados e não espelham a diversidade cultural e muito menos religiosa e espiritual brasileira. Pituaçu não é diferente, o conselho gestor é tripartite por lei, mas as normas que o regem sequer prevêem a diversidade e sequer a prevalência da comunidade do entorno na gestão. As religiões afro não têm acento. No máximo a norma prevê a possibilidade de que uma associação religiosa possa reivindicar acento, por sua livre disposição, mas não é sequer estimulado/mobilizado pelo estado, essa parte fica a critério e sensibilidade de quem, pessoa física, assume a função pública de representação do estado gestor. A legislação nesse quesito é incipiente por um lado e por outro tem

imensa resistência de ser aplicada de maneira interdisciplinar e interseccional de modo a espelhar e legitimar a governança institucional. O estatuto da igualdade racial por exemplo não é referência nessa gestão do estado.

7 – A cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileirra tem sido respeitadas nas tomadas de decisões da gestão do Parque de Pituaçu?

Esta questão foi de algum modo contextualizada nas respostas anteriores. Não há garantia sequer de acento, mesmo porque não há respeito às mínimas previsões legais e à importância de interrelacionar com as secretarias e órgãos públicos para o fim de consolidar a democracia participativa. Não há previsão expressa na legislação correlata e também não há vontade política de interpretar as que existem para garantir um mínimo de espaço plural, diverso e democrático. Portanto o desrespeito já começa daí. Até onde sei qualquer iniciativa de relacionamento com o território do parque de Pituaçu, que guarda semelhança com o parque do Abaeté, onde atualmente estou conselheira, partindo de representação religiosa, fica a critério burocrático e hierarquizado imposto pela gestão do estado, que inviabiliza cotidianamente o controle social e a participação na gestão dos bens e serviços públicos.

8 - Como a rede em defesa da Pedra de Xangô pode contribuir para a preservação do Parque de Pituaçu?

Entendi essa referência a rede como coletivo de pessoas entorno de um ou mais objetivos. Entendo atuação em rede num sentido mais amplo.

Do ponto de vista sociopolítico, o conhecimento acumulado e a luta por institucionalização e reconhecimento do território Pedra de Xangô são exemplos. Exemplos de perseverança e governança. Vale destacar questão atual com o avanço da degradação da natureza por atos humanos com intenso uso da terra para seguir acumulando riqueza para pequenos grupos de poder. Nesse sentido entendo que a divisão socioespacial em territórios assume aspecto positivo, por um lado, pois atende a interesse de resguardar as especialidades locais, a cultura, a religiosidade, mas por outro pode assumir aspecto negativo para a preservação da biodiversidade pois a fragmentação espacial a torna infértil e sendo assim a própria característica de sítio natural, histórico, cultural e paisagístico entra em risco de desaparecimento. Sendo assim a meu ver atuar em rede não só de pessoas, mas também rede de sítios históricos sagrados, garantindo as especificidades locais, contribuirá para a preservação de Pedra de Xangô e dos outros sítios históricos e ricos em biodiversidade planetários.

9 - No dia 04 de maio de 2022 foi inaugurado o mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô. O que você achou da obra?

A resposta anterior traz uma primeira impressão que tive já no canteiro de obras. Ainda não tive a oportunidade de visitar após a inauguração. Percebi, a partir de relatos, que foi garantida a participação já desde o início do projeto de representação da religiosidade afro e essa tônica vem sendo garantida, o que já é muito positivo principalmente diante o cenário de racismo institucional. Quanto à paisagem e biodiversidade local tenho quase nenhuma informação, testemunhei uma breve caminhada de inspeção com vistas a produção de conhecimento nessa área mas tenho a impressão de que os estudos não foram concluídos. Nessa última questão me parece que a obra não garantiu permanência, há a necessidade de ser realizado corredor ecológico com áreas afins para a preservação da biodiversidade local.

10 - Enquanto liderança ambientalista, que mensagem você deixaria para os órgãos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador?

As respostas anteriores já trazem um pouco de minha experiência no ativismo socioambiental que parte de pesquisa orientada. Nosso desafio ainda está na consolidação e ampliação dos espaços de gestão participativa, que são meramente formais, acesso a informações institucionais com vistas a permitir o controle social das políticas públicas, interrelacionar os diversos setores e segmentos sociais e políticos com a pauta socioambiental, trabalhar fortemente com saúde e educação ambientais, garantir as que existem e ampliar as unidades de conservação sob gestão participativa, garantir que tecnologias sociais tenham o mesmo apreço e grau de importância que outras áreas de conhecimento para a gestão dos territórios com vistas a preservação das especificidades e riquezas locais. Formação de gestores, no sentido amplo, não só servidores públicos mas também o segmento privado para integrar, ampliar e aprofundar os espaços de gestão participativa e emancipação política social e econômica. Enfrentar a desigualdade social, democratizar o acesso a moradia e saneamento básico.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora Diretora,
Milena Tavares
Gerente de Patrimônio da Fundação Gregório de Mattos – FGM

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.

A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 16/09, às 14h, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (X) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, MILENA LUISA DA SILVA TAVARES, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 16 de setembro de 2022

Participante da pesquisa: _____

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador: _____

TEXTO

RETOMADA ANCESTRAL

Escrito por Clara Domingas, artivista, educadora corporal, permacultora e mestra em Antropologia (PPGA/UFBA), que é também membro ativo do Fórum Permanente de Itapuã e do Conselho Gestor da APA - Lagoas e Dunas do Abaeté com o objetivo de relatar o aquilombamento que ocorreu em 20/02/2021, no Parque Pedra de Xangô, reunindo o coletivo Pedra de Xangô e Abaité.

"Peço licença aos encantados do lugar. Peço licença aos presentes. O "chamado" para regenerar os elos com a Terra é audível e contundente. Um homem caminha pela Av. Assis Valente e anuncia: "A pedra está chorando". São lágrimas que não cessam, por séculos, enquanto áreas verdes e sítios sagrados de nossa cidade tornaram-se, quase totalmente, cemitérios de rios, espécies vegetais e animais, além de culturas e modos de viver que são sistematicamente extintos nos territórios. As paisagens nativas foram desfiguradas, simplificadas, empobrecidas. Mas o solo é sagrado. A Mata Atlântica florestal envolvia a Pedra de Xangô, que ficava encrustada no leito de um rio. O que insiste em permanecer vivo manifesta-se diante de nós, uma iguana se aproxima, memórias são compartilhadas, as árvores trepidam. Uma kombi vem chegando, e pelas janelas, as crianças respondem à saudação de Xangô em coro: "Kabecilê". Uma mulher recém-iniciada na religião do Candomblé desce da Kombe, caminha lentamente até a Pedra para fazer sua oferenda. O garoto que acompanha este ritual sai correndo na frente, para coletar as folhas de mamona, onde crescem abundantemente ao lado da Pedra, usadas nas oferendas.Fomos testemunhas destes e outros signos de resistência na Pedra de Xangô. Um grupo de representantes do Parque em rede – Abaeté e seu complexo de dunas e lagoas, área em processo de salvaguarda pelo Tombamento Municipal em curso, deslocou-se para "fazer pontes" e fortalecer o trabalho coletivo de regenerar de (geo)histórias e legados culturais, parte do que chamamos de Patrimonialização em rede. Apostamos nos modos colaborativos de produzir paisagens, em contraste com os modelos hegemônicos, predatórios e ameaçadores. Apostamos na conectividade e no reencantamento dos territórios, de maneira a contornar o que Serpa (2007) chama de "guetos preservados" quando se refere aos espaços verdes e APAs, cujas margens são pontos de constantes conflitos entre homem e natureza. As ferramentas de preservação,

entre elas, o Tombamento Municipal de paisagens, junto com medidas de conservação como criação de parques e APAs, à exemplo do Parque da Pedra de Xangô e da APA Assis Valente, construídas a partir da demanda e luta da comunidade, fazem parte de esforços para barrar e mitigar a destruição causada principalmente pela ação predatória humana, servindo de referência e inspiração para outros sítios sagrados. Estamos em reunião. É tempo de "retomada" ancestral, termo cosmopolítico afro-brasileiro, cuja força brota como fluxo energético e conexão entre diferentes., como capacidade de fazer cruzamentos e também de criar multiplicidade, potência biodiversa transformadora". (Clara Domingas, 2021).

Autorizo a publicação do texto na tese de doutorado "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro ne edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô", de autoria de Maria Alice Pereira da Silva.

Salvador, 23 de fevereiro de 2021

Clara Domingas Correia de Codes

Clara Domingas

ENTREVISTA

Tese: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro na edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFBA

Orientador – Fábio Macêdo Velame

Co-orientador – Henrique Cunha Júnior

Orientanda – Maria Alice Pereira da Silva

Entrevistado: Everaldo Duarte

TEXTO

O segredo do sagrado

> "Em épocas passadas a gente, sacerdote da religião afro-brasileira, podia se sentir mais seguros ao passar essa ou aquela informação para a formação de outras pessoas. Valia a pena confiar. Passado algum tempo a confiabilidade de vários indivíduos foram apagadas e desviadas para atividades desonestas e perigosas. Desonestas, pois essas informações passaram a ser comercializadas para algumas atividades falsas. Perigosas em face ao uso desconhecido ou não recomendado para esse ou aquele fim. Quando a gente abre um processo de ajuda a um determinado consulente ou a uma causa a gente inicialmente analisa, através de meios próprios, se as solicitações são honestas e merecem a interferência do sagrado. A partir daí se prosseguem ou não as consultas e os passos a serem seguidos. A cada fase do processo novas consultas se efetuam e novas ações são elaboradas pelo sagrado e seguidas até o final da causa ou da construção do objeto desejado. Não recomendamos, por razões óbvias, a revelação de como se comunicar e obter a colaboração do sagrado nem de como entender as suas vontades. Cada sacerdote tem o seu próprio método e sua mediunidade variando conforme sua Nação e sua iniciação (Duarte, 2023)."

Autorizo a publicação do texto na tese de doutorado "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro ne edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô", de autoria de Maria Alice Pereira da Silva.

Salvador, 24 de outubro de 2023

_____

Everaldo Duarte

APÊNDICE 3

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora Jurista Negra,

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada " A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista semi-estruturada gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.

Digitalizado com Cam

A entrevista semi-estruturada para a coleta dos dados ocorrerá em período previamente acordado entre os sujeitos e a pesquisadora e será realizada por mim, Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento informado, declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em amplo acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: poderá optar pela ( ) utilização das minhas iniciais; (X) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, Jussara Maria Santos de Souza, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 31 de janeiro de 2022

Participante da pesquisa: _____

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador: _____

Digitalizado com Cam

Pesquisa: A Governança Espiritual: O sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô

Live: Série Juristas Negras na Pedra de Xangô

Dia: 02/03/2022

Hora: 20h

Mediadora: Maria Alice Pereira da Silva

Convidada: Jussara Souza

> Delegada de Policia Civil, aposentada há um ano e oito meses, Advogada, Especialista em Direitos Humanos; Políticas e Gestão de Segurança Pública; Gestão de Processos (Business Process Management - BPM), Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social; Fundadora e Gestora do Co-Espaço Gira: Escritório Compartilhado e Virtual.
>
> Atua como instrutora de Direitos Humanos nos cursos de formação de Investigadores, Escrivães e Delegados de Polícia, junto à Academia da Polícia Civil e considera como muito importante ter participado da equipe responsável pela construção do Protocolo de Atendimento da Polícia Civil às vítimas de discriminação racial, religiosa, de gênero e condição da pessoa com deficiência.

Na condição de membro do Selo Juristas Negras (2021), me sinto honrada em participar dessa live, atendendo ao convite da irmã Maria Alice, pesquisadora, que no intuito de fortalecer a cultura e religião afro-brasileira, realiza pesquisa-ação sobre a governança espiritual dos espaços sagrados, especificamente, do Memorial da Pedra de Xangô, interagindo de maneira profícua com representantes das religiões de matrizes africanas e, em

especial, a comunidade de Cajazeiras, onde o pedra está localizada.

Na sua pesquisa, Maria Alice promove a mediação junto ao Poder Público visando à preservação e o respeito do espaço na sua sacralidade, cotejados com as questões ambientais e urbanísticas, realizando, portanto, uma verdadeira práxis, despojada de qualquer conteúdo de promoção individual, no sentido de mero formalismo, mas, sobretudo, de imediato impacto coletivo.

Como mencionado, participo do Selo Juristas Negras desde o ano passado, sendo uma das pretas aquilombadas na "Imersão", evento dirigido por Lívia Vaz e Chiara Ramos, Promotora de Justiça da Bahia e Procuradora Federal, respectivamente, idealizadoras e dirigentes do grupo, com o propósito de atuarem como facilitadoras de uma viagem intrapessoal, reconectando os elementos ancestrais gravados na memória e vivências individuais, que repercutem nas vidas cotidianas. Um verdadeiro mergulho que a todo instante era marcado por palavras fortes: TORNAR-SE NEGRO DOI, MAS É LIBERTADOR, dentro de um contexto de exclusão, preconceito e discriminação da população da diáspora negra aqui e acolá.

Depois dessa experiência, o grupo foi brindado com a 1ª Emersão/Salvador, com o objetivo de trazer a tona o que pertence a cada uma, por direito.

O aquilombamento partiu do "EU" aflorado e fortalecido pela aceitação e reconhecimento da potência feminina, para o NÓS junrtas somos mais fortes, centrado na cultura, no conhecimento originário, antes subestimado, agora destacado, com vistas a encorajar a produção intelectual de todas, enquanto pretas de carreiras jurídicas ou de outras áreas do conhecimento.

Voltando-me para mim mesma, posso afirmar que toda programação da Emersão, especialmente a visita ao patrimônio religioso e histórico cultural representado pela Pedra de Xangô foi um momento de magia e reconexão com a luta e resistência dos nossos ancestrais.

A fala emanada das rochas nos contava uma história surpreendente de luta e resistência, dizendo diante de todas nós, Mulheres Pretas Empoderadas, que o sofrimento não foi em vão, ampliando, portanto, o compromisso de cada uma com a preservação e disseminação daquele sitio, que para além de muitas potencialidades, é a pura expressão de SAGRADO.

Enquanto refletia sobre meu momento, me deparei com a letra de uma música, cujos trechos ressuou como uma poesia mimética da minha alma, com os quais encerro este breve relato.

EMERSÃO

Artista 2DEI

(2021)

Estou sensível, sensível demais

E assim eu quero e sei que continuar

Fé no que virá

Mais rápido de que se pensa

Estou sensível

Pensando em construir a cura

Sangrar já não me assusta

Me joguei num oceano e não penso em me secar

Quero o sal de lágrimas se transformando em mar

Eu quero amar, eu quero amar

.....

Tenho lido muitas coisas

Ouvindo muitos discos

Trabalhando com pessoas

Descansando no domingo

....

Tenho ouvido minha voz

Tenho ouvido muita gente

Bebido Cuba-libre

Sonhado em matar o presidente

Eu tenho cantado de novo

Camaradas reunidos

Tenho me observado

E tenho me reconhecido.

É a expressão do antigo e o novo, do profano e sagrado, enfim, a dialética da vida.

ENTREVISTA COMPLEMENTAR 1

Tese: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro na edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFBA

Orientador – Fábio Macêdo Velame

Co-orientador – Henrique Cunha Júnior

Orientanda – Maria Alice Pereira da Silva

Entrevistada: **Kátia Silveira**

Projeto Arquitetônico e Urbanístico Parque Pedra de Xangô

1 - Fale sobre a visita ao Terreiro Mutalombo Yê Kaiongo.

A minha ida ao terreiro Mutalambó Ye Kaiongo, liderado por Tata Mutá Imê foi impactante! Minha missão era o levantamento das ervas e plantas sagradas utilizadas nos rituais da Nação Angolão Paquetan Malembá como embasamento para o desenvolvimento do Projeto de Paisagismo do Parque Pedra de Xangô, o qual o Terreiro fazia parte como um dos representantes do grupo técnico externo que acompanhava o desenvolvimento do projeto junto a Fundação Mario Leal Ferreira-Prefeitura Municipal de Salvador. Como não praticante da religião afro-brasileira, fui inserida neste universo pela Maria Alice Silva, que me apresentou ao Tata Mutá informando-o qual a minha pretensão naquele momento. Várias foram às ocasiões em que estivemos com Tata nos eventos ligados a Pedra de Xangô- reuniões técnicas, rituais, etc, mas a cada encontro a entrevista não se realizava por diversos motivos. O Terreiro já possuía um levantamento sobre as ervas e plantas sagradas presentes no magistral livro " A Casa dos Olhos do Tempo que fala da nação Angolão Paquetan", o qual foi o ponto de partida para o levantamento do qual necessitava, mas não só!. Faltava, para mim, aquele encontro especial com o Tata, sob o véu das forças da mata no seu belíssimo "espaço-mato", para a escuta essencial. Não bastava a relação das plantas, nos seus aspectos puramente técnicos, era fundamental uma percepção ampliada de outras realidades ou dimensões, incluindo neste contexto os elementos- água, vento, terra, pedras, fogo, a fauna. E finalmente ouvi do Tata a sua concepção educativa, de forma direta e objetiva ao me revelar que não permite o acesso ao conhecimento dos fundamentos da sua Nação, transmitidos apenas aos iniciados para que não seja utilizado de forma indevida. Neste sentido, refletindo naquela negativa, confesso que a posição do Sacerdote não teve efeito perturbador nas minhas expectativas, pelo contrário, me levou a enveredar com mais ênfase pelo caminho do mistério que eu tanto desejava e que viria a construir, aprendendo entre outras coisas a não fazer uso da palavra falada identificando o uso das folhas como eu esperava (no caso), mas em silêncio me dar conta da minha própria natureza. Desde então, ao me fazer perceber outros caminhos de acesso ao mistério (espiritualidade) o chamo carinhosamente de Tatinha, com muita gratidão e alegria por me fazer entender que posso usar todo corpo e meus sentidos para alcançar o inaudível. Uma vez um preto

velho me disse: O Sagrado se guarda em Segredo! (Pai Serafim). Pois, que assim seja (Kátia Silveira, 2021).

2 - Como foi a visita ao Ilê Axé Tumbi Odé OJi.

Em uma manhã ensolarada, minha visita para a entrevista com o Babalorixá do terreiro Tumbi Odé Oji, nação Ketu, transcorreu de forma leve, contínua e instigante. Lembro-me do Babá Deilton me receber em seu espaço sagrado, com um largo sorriso no rosto de um homem de quase 2m (dois metros) de altura, elegante e porte de sacerdote convicto do seu papel. Um homem atencioso, sereno e disponível para nosso encontro que viria a alicerçar o Projeto de Paisagismo para o Parque Pedra de Xangô. O que seria algo rígido de uma pesquisa/entrevista técnica, a originalidade no uso das palavras e o conhecimento profundo do religioso associado aos significados das plantas cultuadas, transcorreu de maneira fluída e célere, com direito a abstração, e, para mim um aprendizado e um mergulho desmedido no mundo das ervas sagradas, ouvindo atentamente, quase sem respirar, para não perder uma palavra ou associação sequer da sua narrativa. Encerramos nossa entrevista na Praça dos Orixás com muito Axé e eu agradecida pela disponibilidade e a envolvente conexão do Babá Deilton com os Orixás ! (Kátia Silveira, 2021).

gov.br
Documento assinado digitalmente
KATIA VALERIA COSTA DA SILVEIRA
Data: 23/02/2024 10:45:29-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Salvador, 20 de setembro de 2022

Kátia Silveira

ENTREVISTA COMPLEMENTAR 2

Tese: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro na edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFBA

Orientador – Fábio Macêdo Velame

Co-orientador – Henrique Cunha Júnior

Orientanda – Maria Alice Pereira da Silva

Entrevistada: **Kátia Silveira**

Projeto Arquitetônico e Urbanístico Parque Pedra de Xangô

1 - Como foi a interação com a Governança Espiritual?

A interação entre a equipe de projeto e seu cliente intermediário (escritório de arquitetura e prefeitura) seguia normalmente, mas a pergunta era: quem era meu cliente principal, a quem eu deveria me dirigir para obter o que chamamos em Arquitetura de "Briefing"?? Como saber deste cliente quais direcionamentos ele daria para realização dos seus desejos, sonhos e programa de necessidades, tão almejados quando se realiza um projeto? Como saber se o que estava sendo feito atendia a orientação divina? Então, resolvi perguntar "mentalmente" e ao mesmo tempo, pedia um sinal de que poderia prosseguir com o projeto e que tudo estava no devido caminho. E a resposta veio de maneira não esperada quando em uma saída de Orixás no Terreiro São Roque, entra Xangô que roda lindamente sem parar, no Salão, até que sua coroa cai de forma inesperada, rola no salão e para nos meus pés que assistia a evolução da Divindade. Sem acreditar no que via, sem saber como agir, se tocava na coroa, se podia pegar e entregar diretamente a "ele", e mergulhada nesse turbilhão de sentimentos, fui transportada a uma dimensão onde se "ouve' o inaudível, sem utilizar dos ouvidos físicos, apenas sentindo o envolvimento e força indescritível daquela energia me dizendo que estava no caminho certo. Aquela vivência me pareceu minutos sem fim, e eu não queria que acabasse, queria mais e mais, mas voltando a mim fui inundada de uma força e segurança que só uma Divindade é capaz de te conceder. Estar com Xangô aprovando, autorizando, trago comigo o sentimento da Justiça se realizando naquele que seria um Parque voltado para nunca mais esquecermos das dores dos povos escravizados (Kátia Silveira, 2023).

Documento assinado digitalmente
gov.br KATIA VALERIA COSTA DA SILVEIRA
Data: 23/02/2024 10:45:29-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Kátia Silveira

O Projeto do Parque da Pedra de Xangô:

Minha perspectiva do projeto da Pedra de Xangô, coordenado pela FMLF, de autoria da FFA, é de transformação de uma antiga via que "tentou explodir" a Pedra de Xangô e se manteve durantes vários anos como um punhal que tangenciava o sagrado e que invadia o ambiente de fé e devoção.

Após escuta sobre a demanda do Povo de Santo, elaboração dos projetos e execução das obras. O punhal foi extraído. A área do Parque se expande e a Pedra de Xangô passa a ser circundada por caminhos, que abraçam e promovem a contemplação do sagrado. Tudo meu respeito e admiração a Xangô.

A Pedra de Xangô na minha história:

Voltei a trabalhar presencialmente por demandas de acompanhamento da obra do Memorial do Parque Pedra de Xangô. Sonhei com Xangô com uma mensagem muito clara que era preciso que eu voltasse e que ele me garantia que tudo seria tranquilo. Lembro-me de, no sonho, eu perguntar em pensamento: "E se não for tranquilo?" e acordo com mensagem: "Vá! Vai ser tranquilo. Quando não estiver tranquilo não será para mim".

Assim, Xangô me autorizou a seguir minha intuição e em todo processo quando a demanda de trabalho se tornava tensa ou confusa, eu parava, eu reavaliava, porque havia um pacto da tranquilidade. Um pacto da ação, mas uma ação com base na tranquilidade.

Em novembro de 2020, passo por uma grande dificuldade pessoal, após uma queda do parquinho, Gustavo fraturou o fêmur e precisou ficar 8 semanas engessado, imobilizado. Como mãe eu queria fazer o tempo passar e libertar meu filho daquela rigidez. A cada semana a quantidade de gesso aumentava e meu coração ficava aflito.

E o calor daquele gesso? E o peso daquele gesso?

Meu filho extremamente flexível estava temporariamente rígido.

Voltei a trabalhar no acompanhamento do Projeto do Parque da Pedra de Xangô imersa na perspectiva objetiva de desempenhar minhas funções de arquiteta e urbanista. Eu ainda não sabia que meu elo com Xangô já tinha extrapolado a racionalidade. Eu segui admirando a exuberância da Pedra de Xangô com o poder de me encantar no jogo de escalas e percepções e não cansei de registrar a complexidade de perceber a Pedra pequena de um ponto de vista, enorme de outro. Após muitas visitas a obra, eu resolvi descer para registrar "como arquiteta" a dimensão da Pedra de Xangô. Nesse dia, sendo leiga nas práticas relacionadas aos rituais das religiões de matrizes Africanas, pedi licença a Xangô e pela primeira vez peguei na Pedra. Eu estava despretensiosa, orando apenas na perspectiva de pedir permissão em toca-la. Senti a leveza e a tranquilidade que já me acompanhavam mesmo diante dos desafios no acompanhamento daquele Projeto. Então, quando pus minhas mãos na Pedra de Xangô, de forma inesperada a imagem de Gustavo "rígido" e imobilizado veio em meu pensamento, junto com uma clara mensagem: "A rigidez também cura! A rigidez será a cura!".

Que susto! Que alegria! Que ajuda!

Desse dia em diante, acompanhar o período de imobilização de meu filho ganhou outra perspectiva. Ainda era difícil, mas eu estava segura, me resignei à situação e aceitei o processo de cura que agora estava guiado pela mensagem de força e tranquilidade de Xangô.

Ludmila Gavazza de Andrade

Salvador, Abril de 2022.

Ludmila Gavazza de Andrade

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.
A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 03/10, às 19h30, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: (X) utilização das minhas iniciais; ( ) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu,__ , aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 03 de outubro de 2022

Participante da pesquisa:

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador:_____

PERGUNTAS

1 - Quem é [redacted]? Uma mulher com 40 anos de idade, filha de pai cubano e mãe brasileira, que vive fora do Brasil mas busca manter suas origens.

2 - Qual a religião de Olimpia e o que significa o termo cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira? Hoje não assumo uma religião específica, exatamente porque hoje entendo sobre cosmopercepção, pois as diferentes culturas que fazem parte da minha história, ampliavam o meu olhar para a liberdade.

3 – A senhora acredita em governança espiritual afro-brasileira? Sim acredito, por experiência pessoal. Um legado deixado por meus ancestrais que não tinha conhecimento, mas que vem se revelando desde que completei 38 anos de idade

4 - A senhora participa de algum movimento social? Sim, através da arte em Mandalas recebo as doações e repasso para famílias carentes e projetos sociais.

5 - Como conheceu o Parque Pedra de Xangô? Através de um amigo que pratica religião afro-brasileira em SSA.

6 – Já teve a oportunidade de assistir ou participar de algum ritual afro-brasileiro na Pedra de Xangô? Sim, foi exatamente no dia em que conheci o Parque Pedra de Xangô. Neste dia tive a oportunidade de entregar minha primeira oferta em gratidão ao meu Pai Xangô!

7 – A senhora acompanhou o processo de implantação do mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô? Não acompanhei pois já moro há alguns anos na Alemanha. Conheci o parque neste ano!

8 – A senhora conhece o perfil @pedra.de.xango? Como a senhora avalia o perfil? Conheço, e para mim é de grande valia, pois mesmo de longe posso acompanhar os acontecimentos e me manter informada

9 - Como a senhora pode contribuir para a preservação do Parque Pedra de Xangô? A distância não posso fazer muito na prática, porém estarei à disposição se algo estiver ao meu alcance, além de divulgá-lo.

10 - No dia 04 de maio de 2022 foi inaugurado o mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô. O que achou da obra? Eu estive no Parque antes do mês de maio, então não pude contemplar de perto ainda, mas assim que for de férias ao Brasil, com certeza irei visitar novamente.

11- A senhora acredita que a cultura pode exercer um papel relevante na preservação e defesa do patrimônio ambiental? Acredito profundamente, pois quando unidos culturalmente por uma causa, é possível sim defender um patrimônio ambiental, pois ele deixa de ser apenas entretenimento, seu valor vai além quando o mostramos culturalmente.

12 - Que mensagem a senhora deixaria para os órgãos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador?

Mensagem: Preservar a cultura é preservar a história! Não se pode apagar uma cultura quando ela auxiliou em uma edificação, na construção do que é a cidade de Salvador hoje. Proteger o Patrimônio Cultural e ambiental de Salvador é, proteger e manter viva a história do Brasil.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhor
Oswaldo Copque

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outros participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição dos participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.
A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 25/09, às 21h, entre o entrevistado e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecido, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistado autoriza: (x) utilização das minhas iniciais; (x) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, Oswaldo César Fernandes Copque, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 25 de setembro de 2022

Participante da pesquisa: Oswaldo César Fernandes Copque.

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva

Orientador: Prof. Dr. Fábio Macedo Velame

Co-orientador: Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior

PERGUNTAS

1 - Quem é Oswaldo Copque?

R - Cidadão soteropolitano, negro, sexagenário, deficiente físico, bengalante, turismólogo de formação (FVC), especialista em curriculum de formação (UNEB), pesquisador e articulista das tradições de matriz africana e ações antrópicas do turismo étnico afro.

2 - Qual a religião de Oswaldo Copque e o que significa o termo cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira?

R – Em primeiro lugar peço licença aos meus ancestrais, Exu e aos Orixás para que a minha mensagem seja compreendida sem ruídos e distorções. Oswaldo Copque pertence ao Orísà Qmọlu, do Iyá Omi Axé Yamasse (Gantois), iniciado pela inesquecível Mãe Menininha do Gantois. A cosmopercepção do mundo das religiões de matriz afro-brasileira está ligada diretamente ao modus vivendi de cada casa de onde o iniciado pertence. O candomblé é uma religião de origem ruralista, profundamente engajada ao meio natural e preservadora do nosso meio ambiente. As folhas, as águas doces ou salgadas, bem como raios e trovões e as rochas são alguns elementos considerados sagrados para essa religião, pois são conexões estabelecidas entre o mundo físico e o espiritual, onde vive Qlọrun-Olódùmarè (Deus) e os Orísà (Orixás).

3 – O senhor acredita em governança espiritual afro-brasileira?

R – Como turismólogo falar sobre meios de hospedagem e governança é mais confortável, entretanto tratar sobre governança espiritual é desafiador para mim, todavia podemos conversar sobre. Os adeptos das religiões afro-brasileiras, enquanto produtores de espaços urbanos, desfruta de uma consciência espacial que lhes permitem dialogarem "com os espaços para harmonizar (proteger) o todo (pessoas, plantas, animais e objetos)" com o propósito de " promover uma vida terrena em harmonia, em constante e reciproca interferência entre os planos terreno e metafísico". Dessa forma as comunidades de terreiros de Salvador busca essa interação, reproduzindo essa estratégia de luta de seus ancestrais contribuindo, desse modo, "para desvendar e resgatar a

verdade de eventos que passaram à história como epifenômenos de menor importância". (SILVA APUD BRAGA, 1992, P.125).

4 - O senhor participa de algum movimento social?

R –Não.

5 - Como conheceu o Parque Pedra de Xangô?

R – Mediante a divulgação pelas redes sociais, do perfil do instagram @pedra.de.xango, página do facebook, youtube e o livro Pedra de Xangô: um lugar sagrado Afro Brasileiro na Cidade de Salvador. É de conhecimento público que essa pedra é uma formação rochosa de 8 m de altura e aproximadamente 30 m de diâmetro localizada n Avenida Assis Valente, principal logradouro que interliga Cajazeiras, x, Fazenda Grande I, Fazenda Garcia II, Boca da Mata e a Estrada Velha do Aeroporto. Ainda não conheço o parque fisicamente, por causa da minha mobilidade, envolvendo deslocamento e acessibilidade para chegar ao Memorial Parque Pedra de Xangô. Um santuário na cidade de Salvador, considerado pelas comunidades de terreiros do bairro de Cajazeiras e adjacências, patrimônio cultural, simbólico, mítico na capital baiana. A palavra "Xangô" possui um conceito polissêmico. O povo de santo da região e a comunidade de Cajazeiras a conhecem como Pedra de Xangô, entenda-se Pedra de Xangô, Nzazi, Sogbo, do Buraco do Tatu, da onça e do Ramalho, numa nítida demonstração do sentimento de pertença que as nações Ketu, Angola e Jeje e demais segmentos nutrem para com a pedra sagrada.

6 – Já teve a oportunidade de assistir ou participar de algum ritual afro-brasileiro na Pedra de Xangô?

R – Não.

7 – O senhor acompanhou o processo de implantação do mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô?

R – Não. Apenas fatos noticiados pelas redes sociais pelo perfil @pedra.de.xangô.

8 – O senhor conhece o perfil @pedra.de.xango? Como o senhor avalia o perfil?

R – Um diário de bordo inovador para o nosso contexto contemporâneo. Imagens contando a história do lugar e traduzindo as manifestações culturais de quem visita o equipamento. A criação desse perfil resgata a cultura dos antigos almanaques. A sacada estratégica merece várias salvas de aplausos. Belíssimas imagens acompanhadas de textos leves, suaves e informativos, em que a concisão e objetividade são marcas peculiares da sua identidade. A estruturação do link da sua bio muito bem definida com o desenvolvimento das suas ações sempre atualizadas.

9 - Como o senhor pode contribuir para a preservação do Parque Pedra de Xangô?

R – Desde o início da pandemia do coronavírus que sigo essa obra magnânima, pelo perfil @pedra.de.xango, onde os meus comentários sobre o monumento aproximou a voz da pedra, senhora Maria Alice Silva, que me apresentou o seu livro Pedra de Xangô: Um Lugar Sagrado Afro-Brasileiro na Cidade do Salvador. Colocando a soberba em seu lugar, as minhas participações críticas comentadas. Respeitosamente e questionamentos sobre comportamentos e gestão, quando cabíveis são acolhidos pelo perfil. Sinto falta do não acolhimento de sugestão para criar um espaço, trilha ou qualquer outra coisa, tributando homenagem a cantora Elza Soares, mulher negra e combatente ativa sobre a valorização do ser negro no mundo. Além disso, existe a ausência de democracia acessível para leitores mudos com a supressão da língua brasileira de sinais (Libras). O bilinguismo nos textos é um dos pontos fortes desse perfil.

10 - No dia 04 de maio de 2022 foi inaugurado o mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô. O que achou da obra?

R – Uma reparação política do Estado diante da segregação socioespacial que os terreiros de candomblé na Região Metropolitana de Salvador sofrem diante de continuadas perdas de seus ambientes internos (áreas privadas) e externos (áreas públicas) enquanto grupos religiosos de práticas coletivas para os grupos de maior

poder de pressão pela apropriação e valorização do solo urbano, marcada pela influência do capital. Para além disso, vale a pena mencionar o não atendimento ao processo de urbanização do Miolo de Salvador (Cajazeiras), onde as legislações que tratam do reconhecimento, salvaguarda, proteção e preservação dos bens materiais e imateriais que integram as manifestações da cultura de origem africana e afro-brasileira e de suas comunidades. Enfim, o passo inicial foi dado, agora nesse espaço as comunidades que desejam expressar os seus votos sagrados a natureza tem o direito e o acesso seguro, desde que haja o agendamento com a gestão do equipamento. Além do uso para as manifestações culturais dos moradores do bairro de Cajazeiras e o seu entorno.

11- O senhor acredita que a cultura pode exercer um papel relevante na preservação e defesa do patrimônio ambiental?

R – A cultura pode exercer um papel determinantes na preservação e defesa do patrimônio ambiental, desde que as organizações sociais entendam que a história der um espaço é amaneira como os habitantes ordenam a sua relação com a terra, o céu, a água, e os homens. A dissertação de mestrado da professora Maria Alice Silva é um exemplo vivo de transformação e mobilidade social. Quantos progressos conquistados envolvendo órgãos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador, Agora, essa ação deve ser replicada com outros monumentos como a Pedra de Ogum em São Francisco do Conde, a Pera de Oxumarê em Salvador, a Pedra de Obaluaiê no Parque de São Bartolomeu, a Pedra da Baleia , no meio do Rio Paraguaçu, nos seios de Cachoeira e São Félix, que é Iemanjá Ogunté que viera da África, acompanhando os navios negreiros e se transformou numa pedra para cuidar dos seus filhos escravizados nos engenhos de açúcar do recôncavo.

12 - Que mensagem o senhor deixaria para os órgãos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador?

R – Registro aqui mensagem para as organizações sociais que simpatizam com esse monumento, que fortaleçam as redes de apoio para a preservação do patrimônio cultural e ambiental de Salvador, discutindo criações de políticas públicas que visem a salvaguarda desses espaços. Para além, disso esses atores sociais precisam criar mobilizações que o Parque Memorial Pedra de Xangô obtenha reconhecimento como

Patrimônio Mundial pela UNESCO, como forma de sobrevivência as ações antrópicas do capital em prol do desenvolvimento urbano, através dos seus agentes imobiliários, Este último infiltrado no comando do agente macro que é o Estado, construtor, agenciador, comprador, gerenciador e legislador do espaço urbano.

Desde já, agradecida pela atenção dispensada.

Maria Alice Pereira da Silva.

gov.br Documento assinado digitalmente
OSWALDO CESAR FERNANDES COPQUE
Data: 27/09/2022 18:44:01-0300
Verifique em https://verificador.iti.br

Referências

Silva, Maria Alice Pereira da. Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador. Recife: Liceu, 2019. 157 p.: il.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora
Raquel Miranda
Presidenta do Núcleo da União Brasileiras de Mulheres Cajazeiras
Presidenta do Conselho Distrital de Saúde de Cajazeiras

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.



Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.

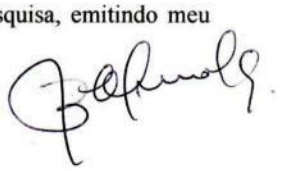
A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 25/09, às 13h, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (X) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, Raquel Oliveira Silva Miranda____, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.



Salvador, 23 de setembro de 2022

Participante da pesquisa: Raquel Miranda_____

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador:_____

PERGUNTAS

1 - Quem é Raquel Miranda?

Sou brasileira, tenho 63 anos, liderança Comunitária a mais de 40 anos, Presidenta do Núcleo da UBM-Cajazeiras, Presidenta do Conselho Distrital de Saúde de Cajazeiras, Membro do Colegiado da Maternidade Albert Sabin, mãe de 2 filhas, avó de 2 meninas, aposentada da Prefeitura Municipal de Salvador

2 - Qual a religião de Raquel Miranda, o que significa o termo cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira?

Sou Espírita Kardecista.

3 - Você acredita em governança espiritual afro-brasileira?

Sim

4 - Você participa de algum movimento?

Sim, sou trabalhadora de 2 Centros Espírita e da Associação União das Cajazeiras e adjacências

5 - Como conheceu o Parque Pedra de Xangô?

Nos anos 90 através da fala de D. Zil (mãe de santo) e no ano da construção da Avenida Assis Valente, eu trabalhava na prefeitura e a empresa ia explodir a pedra, quando convocamos as lideranças da matriz africana para impedir, foi assim que iniciou o processo de preservação da área e da Pedra

6 - Como você contribuiu na edificação do mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô?

Sim, desde o início do processo, participando de todas às reuniões e outros movimentos

7 – Durante a implantação do mobiliário urbano, a Pedra de Xangô sofreu vários atos de racismo religioso, racismo ambiental, dano ao patrimônio público. Como tem sido a sua atuação no combate a esses crimes?

Levando a verdadeira história para a comunidade (através de palestras, lives, divulgações nas redes sócias, etc.) e participando de diversas atividades com outras lideranças deste movimento e quando necessário tomando atitudes junto aos setores competente, para ir em busca de justiça para com os infratores envolvendo muitas vezes a imprensa e delegacia.

8 - No processo de implantação do mobiliário urbano, houve conflitos entre lideranças, poderes públicos, brigas por disputas de protagonismos. Você soube ou presenciou? Qual a sua opinião sobre esses fatos?

Sim, teve diversos conflitos, presenciei sim, mas na minha opinião tudo o conflito poderia não ter existido, pois Xangô é justiça e a VERDADEIRA pessoa (Mãe ZIL) que descobriu a existência da Pedra, na época não fez questão de tornar público porque sabia o RESPEITO que deveria ter, agora precisamos entender e respeitas a lei e juntos (Lideranças e órgãos Municipais, Estaduais e Federais), preservar este monumento.

9 - No dia 04 de maio de 2022 foi inaugurado o mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô. O que achou da obra?

Ótima, mas poderia ter outras áreas como espaço para comercializar os produtos de acordo com o evento/atividade, e uma maior inclusão das Lideranças que iniciaram este processo de guardar o Monumento Pedra de Xangô.

10- Você acredita que a cultura pode exercer um papel relevante na preservação e defesa do patrimônio ambiental?

Sim, a cultura deve estar incluída em todos os momentos deste patrimônio, assim como às Lideranças.

11 - Enquanto liderança, que mensagem você deixaria para os órgãos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador?

PRECISA OUVIR TODAS LIDERANÇAS EM TODOS OS SENTIDOS, PARA UMA BOA ADMINISTRAÇÃO.

Desde já, agradecida pela atenção dispensada.



Maria Alice Pereira da Silva.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora
Sônia Mendes Reis Nascimento Silva
Administradora de Empresa - CRA -23651
Yá Egbé do Terreiro Ylê Axé Oxalufã
Membro do grupo de trabalho Externo da Pedra de Xangô
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo PPGAU-UFBA
Membro do Grupo EtniCidades

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.
A entrevista em profundidade para a coleta dos dados ocorrerá no dia 15/09, às 16h, entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e coorientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

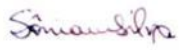
Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- De que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- Da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- Da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (x) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, Sônia Mendes Reis Nascimento Silva, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 02 de dezembro de 2022.



Participante da pesquisa: Sônia Mendes Reis Nascimento Silva

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Coorientador:_____

PERGUNTAS

1 - Quem é Sônia Mendes?

Sônia, filha de uma mulher negra que muito se esforçou lavando e roupa e carregando água para dar a seus filhos a educação que ela não teve acesso. Candomblecista , Yá Egbé do Terreiro Ilê Axé Oxalufã, situado no bairro de Jaguaribe, Mãe de Sergio e Denir e avó de Bianca, Maria Vitória, Lorena e e Benjamim, que conseguiu fazer sua formação acadêmica aos 45 anos como Administradora e atualmente é mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo –FAUFBA –PPGAU, trazendo como pesquisa os terreiros de laje com o tema "**Terreiro de laje: A convivência do Sagrado com Adaptação as mudanças da Cidade"** que surgem na cidade de Salvador a partir das intervenções urbanas que não dialogam com os atores já instalados nos bairros , como recorte do tema foi escolhido o bairro de Cajazeiras e dois terreiros de nação Ketu

2 - Qual a religião de Sônia Mendes, o que significa o termo cosmo percepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira?

Sou candomblecista incida para o Orixá Yemanjá. Para mim a cosmo percepção das religiões de matriz africana é a possibilidade de se ter a percepção da natureza em nosso entorno e da importância que está é para a continuidade do nosso culto por que o que o dia que não tivermos uma folha ou uma nascente também não teremos Orixá, Inkinse ou Voduns pois é da energia da natureza que nossas entidades se perpetuem. O respeito a natureza e sua preservação é muito importante para o povo de santo, sentimentos que a cosmovisão por vezes não nos traz. As religiões de Matriz Afro-brasileira, hoje é a maior

referência para o culto dos deuses Africanos, uma vez que em África, alguns lugares por conta da violência religiosa que os povos sofreram muito do culto originário da terra se perdeu e só aqui no Brasil eles reencontram a sua cultura quase que igual a quando era cultuada em seus países de origem.

3 - Você acredita em governança espiritual afro-brasileira?

Sim a governança espiritual já existe a muitos séculos dentro dos terreiros, pois dentro do terreiro o Babalorixá é apenas o zelador por que as decisões e os rumos dos terreiros e de seus filhos é o Orixá quem decide e dita. E hoje vemos ela manifestar-se fora deles como tem sido o caso da Pedra de Xangô.

4 - Você participa de algum movimento comunitário, religioso ou ambientalista?

Hoje eu acompanho e faço parte do Samba das Matriarcas que tem o papel de serem as guardiãs da Pedra de Xangô lutando pela preservação e manutenção do culto das religiões de Matriz Afro-brasileira, também, e sou membro do Grupo de Trabalho externo da Pedra de Xangô junto a prefeitura de Salvador

5 - Como conheceu o Parque Pedra de Xangô?

Eu me aproximei mais da História da Pedra de Xangô a partir do trabalho de Mestrado da Profa. Maria Alice, onde pude aprofundar a importância daquele espaço tanto para o povo de santos como pra comunidade Cajazeiras e da cidade de Salvador no que tange a preservação da área verde que está no entorno da Pedra sendo um remanescente de Mata Atlântica que por enquanto consegue manter com uma certa preservação da fauna e flora.

6 - Como você contribuiu na edificação do mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô?

Fiz parte do grupo que pensou e elaborou o projeto urbano do Parque Pedra de Xangô, representando a nação Ketu e junto com os arquitetos vendo a melhor forma de fazer as melhorias que o espaço precisava e mereciam mexendo o mínimo possível nas áreas de mata e trazendo para perto da pedra a mata que estava afastada da mesma por uma pista que passava no meio, trabalho feito as várias mãos e que deu um resultado positivo,

mostrando que quando se dialoga com a comunidade se consegue fazer um bom trabalho preservando a cultura que ali já se encontra arraigada.

7 – Durante a implantação do mobiliário urbano, a Pedra de Xangô sofreu vários atos de racismo religioso, racismo ambiental, dano ao patrimônio público. Como tem sido a sua atuação no combate a esses crimes?
Primeiro o de conscientização da própria comunidade de santo do cuidado com o espaço que nos foi entregue, e também com a comunidade que vive no entorno quanto a preservação de qualidade de vida valoração para comunidade. que este mobiliário trouxe para o bairro de Cajazeiras

8 - No processo de implantação do mobiliário urbano, houve conflitos entre lideranças, poderes públicos, brigas por disputas de protagonismos. Você soube ou presenciou? Qual a sua opinião sobre esses fatos?

Sim tivemos algumas situações de lideranças que queriam intervir e dificultar as ações a serem feitas, o que inclusive culminou com a criação do grupo um com Sacerdotes uma Yá Egbé e uma advogada que se colocaram ao lado dos órgãos competentes para evitar que o tombamento não acontecesse e depois se tornou um grupo de trabalho externo que acompanhou todo processo de implantação urbanística do Parque de Xangô. A minha opinião é que infelizmente algumas pessoas deixam de pensar no coletivo pra pensar no individual isso sempre dificulta o trabalho e afasta aqueles que querem fazer um trabalho em equipe. Reunir os terreiros e ganhar de volta a confiança deles de que o atual grupo estava pensando no todo e não apenas no seu espaço deu um pouco de trabalho, mas avançamos e hoje temos um grupo de uns 20 terreiros em Cajazeiras que mantém essa coletividade viva e ativa.

9 - No dia 04 de maio de 2022 foi inaugurado o mobiliário urbano do Parque Pedra de Xangô. O que achou da obra?

A obra ficou lindíssima, atendendo a todas as demandas que o povo de santo pediu, a parte construída seguiu o modelo de algumas construções africanas dialogando com o espaço e se inserindo no local sem tirar o brilho da Pedra

10- Você acredita que a cultura pode exercer um papel relevante na preservação e defesa do patrimônio ambiental?

Sim a cultura tem um papel importante neste sentindo, pois ela traz conscientização a população da importância de se preservar o nosso patrimônio.

11 - Que mensagem você deixaria para os órgãos responsáveis pela salvaguarda e proteção do patrimônio cultural e ambiental na cidade de Salvador?

Numa cidade como Salvador com uma cultura tão rica saber ouvir os pares faz uma diferença muito grande e o resultado é muito positivo.

Desde já, agradecida pela atenção dispensada.

Maria Alice Pereira da Silva.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhora
Tânia Scofield
Presidente da Fundação Mário Leal Ferreira

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.

A entrevista em profundidade para a coleta dos dados entre a entrevistada e a pesquisadora será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior. A entrevista será presencial, quanto à data coloco-me à disposição da agenda da presidente.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (X) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, Tânia Scofield, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 16 de setembro de 2022

Participante da pesquisa: _____

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador: _____

PERGUNTAS

1 - Quem é Tânia Scofield?

Sou arquiteta e urbanista, presidente da Fundação Mário Leal Ferreira divorciada, branca, classe média alta, católica, minha avó era católica, com todos os dogmas e preconceitos e o meu pai era ateu. Enquanto mulher, tenho que enfrentar no dia a dia à luta para poder me posicionar no que acredito e defendo. Quanto às dificuldades das mulheres pretas e negras, não enxergam que não quer ver. Essas mulheres não tiveram a oportunidade que eu tive. Enquanto, arquiteta e urbanista, na linha do urbanismo, busco condições para trabalhar o que entendo como cidade, as desigualdades e a questão social. O meu mestrado defendido em 2013 cujo tema foi **"Cajazeira, planejamento, processos de ocupação e contradições: um percurso entre os discursos e as práticas que configuraram o território cajazeira"**, traz essa linha, a luta e briga das comunidades para defender seus territórios. Impossível defender uma posição se não tiver que falar mais duro.

2 - Como foi está no comando do projeto do Parque Pedra de Xangô que teve como referência conceitual a cosmopercepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira?

Há 12 anos conheci as religiões de matriz africana. Quando começou o projeto já visitava terreiro, o de Mãe Carmen do Gantois. Tenho um respeito muito grande pela crença e diversidade, passei a ter um novo olhar. A religiosidade é muito forte e de uma beleza singular. Não imaginava que o projeto ia tomar a proporção que tomou. A primeira reunião, a proximidade da Pedra com a via, tinha algumas casas, alguém levantou a questão, disse, na época, que a competência era do governo do Estado.

3 - A equipe contratada para desenvolver o projeto arquitetônico encontrou dificuldades para atender às ordens espirituais? Qual foi a metodologia utilizada?

A metodologia do projeto foi participativo. Trabalho com metodologia participativa desde 1997. Um trabalho essencialmente participativo. Isso é democracia. Tivemos a sorte da FFA ganhar a licitação. Floriano e a equipe teve a sensibilidade de compreender a sacralidade do lugar. O projeto foi muito discutido, ouviu-se todos e todas. Houve mediação política para evitar o conflito. O conflito existiu, mas chegamos a um consenso.

4 - Como foi defender, junto ao prefeito, a proposta da comunidade que, por sinal, era a mais onerosa para os cofres públicos?

Quando mostrei para o prefeito disse-lhe que não era um projeto qualquer, era a proposta de um projeto sustentável. Tecnologia milenares para um projeto contemporâneo. Materiais mais ecológicos e sustentáveis e a proposta foi aprovada.

5 - Poderia descrever e avaliar o projeto arquitetônico do Parque Pedra de Xangô?

Impressionante o resultado. Niemeyer diria: Assim é a natureza, viva. Os rios, as curvas é da natureza viva. Um urbanismo mais integrado a natureza, mais curvas e os caminhos da natureza. Trabalhar isso, trazer a água, proteção a pedra, a relação com a água. Riacho, espelho d'água. Paisagismo, pensar nas espécies que tivesse relação com a religião. Elementos que se

adequam, harmonizam e integram-se. O projeto físico, agregou o social, cultural e religioso, enfim, os rituais afro-brasileiros.

6 - Como a FMLF lidou com Governança Espiritual do território?

A Governança espiritual foi totalmente respeitada. Até um poste do lugar tinha que pedir a autorização do espiritual e o pessoal da obra entendia e ninguém reclamava se tinha um ritual que não poderia ser desconsiderado.

Entrevista presencial realizada em setembro de 2022, na sede da Fundação Mário Leal Ferreira.

Salvador, setembro de 2022.

Tânia Scofield

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Pesquisa: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Pesquisadores:

Maria Alice Pereira da Silva - orientanda - contato: mariaalicearq12@gmail.com
Fábio Macedo Velame – orientador – contato: velame.fabio@gmail.com
Henrique Cunha Júnior – co-orientador – contato: cunhahenrique@yahoo.com

Consentimento Livre Esclarecido

Senhor
José Maurício Bittencourt

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel e importância da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô.

A pesquisa será realizada através de entrevista em profundidade gravada. Estas informações serão armazenadas juntamente com a das outras participantes e os resultados obtidos serão colocados à disposição das participantes e usados apenas para fins científicos. Aos participantes do estudo serão garantidos sigilo e anonimato, se assim o desejar.

Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimento e experiências entre o público entrevistado e os pesquisadores para a construção da tese de doutorado.

A entrevista em profundidade para a coleta dos dados entre a entrevistada e a pesquisadora e será realizada por Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Arquiteto, Fábio Macedo Velame e co-orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

Pelo presente consentimento declaro que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção dos objetivos, da justificativa e benefícios da presente pesquisa. Fui igualmente informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificada, se assim desejar;

Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada autoriza: ( ) utilização das minhas iniciais; (X) exposição do nome ( ) omissão do nome.

Eu, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Salvador, 13 de março de 2023

Participante da pesquisa: _____

Orientanda: Maria Alice Pereira da Silva _____

Orientador: _____

Co-orientador:_____

PERGUNTAS

1 - Quem é José Maurício Carneiro Daltro Bittencour?

José Mauricio Bittencourt, candomblecista, homem pardo, sociólogo, com mestrado em sociologia, coordenador do diagnóstico sociocultural do projeto, integrante da equipe do escritório Floriano Freaza Amoedo (FFA). "A vida inteira atuei na sub-área urbana, na área de conflito social e, também, na área cultural. Nesse escopo de trabalho passei um bom tempo com moradores de rua e depois trabalhei no Centro de Estudo de Assistência Social, a partir daí comecei a trabalhar em áreas de conflitos ambientais e de intervenções públicas. Atuei no PDDU, no projeto Mané Dendê e outros.

2 - O senhor acompanhou o processo de implantação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô? Em caso positivo, como se deu a sua intervenção. Quais os resultados encontrados?

O nosso trabalho deu-se em três escopos de escuta. Fizemos uma escuta com o grupo ligado ao esporte, a questão ambiental e outro grupo ligado a religião de matriz africana. Fizemos visita aos bairros, mapeamos pessoas que podíamos conversar. Fizemos uma série de visitas, onde aplicávamos um questionário aberto que denominava escuta ativa. De suma importância ouvir o Kilson da Cajaverde, Ramalho, pois essas duas pessoas deram uma ideia dos impactos ambientais da área. Agora, por ser um espaço sagrado, o olhar e a interpretação mais profunda vieram de Sônia, terreiro Keto; Taata Mutá Imê, Duarte e Maria Alice. O Taata Mutá Imê foi incrível porque conseguimos entrevistar ele, andando com ele na área [...] Taata tinha toda referência relacionada as plantas, o plantio, o cuidado que tem que ter no espaço lá de baixo. Então todo esse material relativo à memória não só afetiva, mas a memória mesmo desse espaço.

3 – Como foi o processo investigativo ?

O processo foi participativo. Sabendo que tínhamos pouco tempo, entrevistamos os atores estratégicos e fizemos algumas rodas de conversas com as lideranças em escolas públicas, na área de intervenção, fizemos uma transcrição e depois voltamos para validar com o público. Eu acho que de todo o projeto o mais impactante foi o afastamento da pista. Um detalhe importante, nesse sentido o resultado ao meu ver é um resultado exitoso de participação, ele só se deu porque esse grupo era muito bem organizado. Já tinha todo escopo de trabalho a ser realizado. Essas lideranças

que falei aqui em cima são plenos conhecedores do local, então de fato, foi um trabalho que teve a participação e a presença de um grupo muito qualificado.

Salvador, 13 de março de 2023

gov.br Documento assinado digitalmente
JOSE MAURICIO CARNEIRO DALTRO BITTENCOU
Data: 26/02/2024 10:50:43-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

José Maurício Bittencourt

ENTREVISTA

Tese: A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro na edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô.

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFBA

Orientador – Fábio Macêdo Velame

Co-orientador – Henrique Cunha Júnior

Orientanda – Maria Alice Pereira da Silva

Entrevistado: Everaldo Duarte

TEXTO

O segredo do sagrado

> "Em épocas passadas a gente, sacerdote da religião afro-brasileira, podia se sentir mais seguros ao passar essa ou aquela informação para a formação de outras pessoas. Valia a pena confiar. Passado algum tempo a confiabilidade de vários indivíduos foram apagadas e desviadas para atividades desonestas e perigosas. Desonestas, pois essas informações passaram a ser comercializadas para algumas atividades falsas. Perigosas em face ao uso desconhecido ou não recomendado para esse ou aquele fim. Quando a gente abre um processo de ajuda a um determinado consulente ou a uma causa a gente inicialmente analisa, através de meios próprios, se as solicitações são honestas e merecem a interferência do sagrado. A partir daí se prosseguem ou não as consultas e os passos a serem seguidos. A cada fase do processo novas consultas se efetuam e novas ações são elaboradas pelo sagrado e seguidas até o final da causa ou da construção do objeto desejado. Não recomendamos, por razões óbvias, a revelação de como se comunicar e obter a colaboração do sagrado nem de como entender as suas vontades. Cada sacerdote tem o seu próprio método e sua mediunidade variando conforme sua Nação e sua iniciação (Duarte, 2023)."

Autorizo a publicação do texto na tese de doutorado "A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro ne edificação do Memorial do Parque Pedra de Xangô", de autoria de Maria Alice Pereira da Silva.

Salvador, 24 de outubro de 2023

_____

Everaldo Duarte

APÊNDICE D – Ofícios

Ofício n.º 05/2021

Salvador, 03 de outubro de 2021.

A Ilustríssima Senhora
Edna França
Secretária da SECIS

Assunto: Gestão do Parque Pedra de Xangô

Senhora Secretária,

Cordiais saudações. Aproxima-se a inauguração do Parque Pedra de Xangô, o GT – Grupo de Trabalho Externo do Parque Pedra de Xangô e as Comunidades de Terreiros localizados no entorno do sítio natural sagrado, preocupados com à administração da Unidade de Conservação e o seu Plano de Manejo, vem através desta solicitar o agendamento de uma reunião para tratar dos assuntos aqui mencionados.

Em anexo, segue a relação das Comunidades de Terreiros que deverão ser convidadas para a reunião aqui requerida.

Atenciosamente,

MARIA ALICE PEREIRA DA SILVA

Maria Alice Pereira da Silva
Membro do GT Parque Pedra de Xangô

Casa dos Olhos do Tempo que Fala da Nação
Angolão Paquetan Malembá
Rua Geraldo Brasil, nº61, Cajazeiras XI
(71) 98748-6136
casadosolhosdotempo@outlook.com
instagram.com/coftnapm/
facebook.com/casadosolhosdotempo/



Ofício n.º 19/2019/COTFNAPM -

Salvador, 26 de junho de 2019.

Ao Ilustríssimo Senhor
Doutor Edivaldo Vivas
Promotor do NUDEPHAC
MP-Ba.
Nesta.

Assunto: Projeto Parque em Rede e APA Municipal: o parque que queremos.

Senhor Promotor,

Com a finalidade de preservar os lugares sagrados públicos e garantir a coleta de ervas medicinais e plantas litúrgicas e o compartilhamento de usos e da ocupação do território do vale do Ribeirão Itapuã fora proposto à Câmara de Vereadores, a criação de duas UCs: APA Municipal Vale da Avenida Assis Valente e Parque em Rede Pedra de Xangô. Lei n°9.069/2016 – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador (PDDU-2016).

A Unidade de Conservação municipal abrange 7 bairros: Boca da Mata, Cajazeiras X, Cajazeiras XX, Fazenda Grande I, Fazenda Grande II, Fazenda Grande III e Fazenda Grande IV. A população total destes bairros é de 75.336 habitantes (IBGE, 2010 apud CONDER, 2016), com uma população negra de 84,6%, correspondente a 63.703 pessoas pretas e pardas.

As futuras Unidades de Conservação encontram-se geograficamente localizadas no centro de uma densa ocupação humana e de atividade de diversas naturezas, onde a pressão por elas exercidas compromete, dia a dia, o sistema solo-água-vegetação reduzindo rapidamente, as áreas efetivamente a ser destinadas ao manejo.

A ausência de medidas governamentais que controlem o crescimento populacional do seu entorno, os desmatamentos, as queimadas, o serviço de saneamento básico deficitário, os atos de intolerância religiosa vêm agravando esse quadro.

Considerando que tramitam junto ao Ministério Público do Estado da Bahia processos referentes à Pedra de Xangô, totalizando atualmente 6 (seis) inquéritos civis distintos, em diferentes promotorias (4ª Promotoria de Meio Ambiente nº 003.98188-2019 ; NUDEPHAC nº 003.226839-2014 e GEDHDIS nºs 46/2019; 19125/2019; 19619/2019; 2080/2019).

Considerando que o Ministério Público do Estado da Bahia, através da Promotoria de Habitação e Urbanismo é nossa patrocinadora no projeto **Projeto Parque em Rede e APA Municipal: o parque que queremos,** conforme relatório em anexo.

Considerando que o bom êxito do projeto depende das soluções dos litígios em curso.

Considerando que um dos objetivos do NUDHEPAC é estimular a participação da sociedade e instituições afins na proteção e conservação patrimoniais.

Considerando que a Pedra de Xangô está localizada nos limites sul da APA Estadual Joanes Ipitanga, é centro geratriz de uma APA Municipal Vale do Assis Valente, de um Parque em Rede, é Patrimônio Ambiental, Cultural da Cidade de Salvador e Patrimônio Geológico pelo Serviço Geológico do Brasil.

Considerando que a Pedra de Xangô encontra-se em estado de vulnerabilidade permanente, requer a Vossa Senhoria que, na semana nacional do Patrimônio, o monumento rochoso seja eleito o bem patrimonial a ser homenageado por esse núcleo a fim de que a sociedade civil tome conhecimento de que no miolo de Salvador jaz um patrimônio cultural e geológico de relevância nacional que merece ser protegido por todos.

Atenciosamente,

Maria Alice Pereira da Silva
Coordenadora técnica

Ofício n.º 13/2021

Salvador, 17 de dezembro de 2021.

A Ilustríssima Senhora
Camila Nóbrega
Coordenadora Geral de Gestão Socioambiental
do ICMBIO

Assuntos: Macro Corredor Ecológico de Todos os Santos em Salvador/BA, Parque em Rede Pedra de Xangô, integração dos Caminhos do Axé à Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso.

Senhora Coordenadora,

Cordiais saudações.

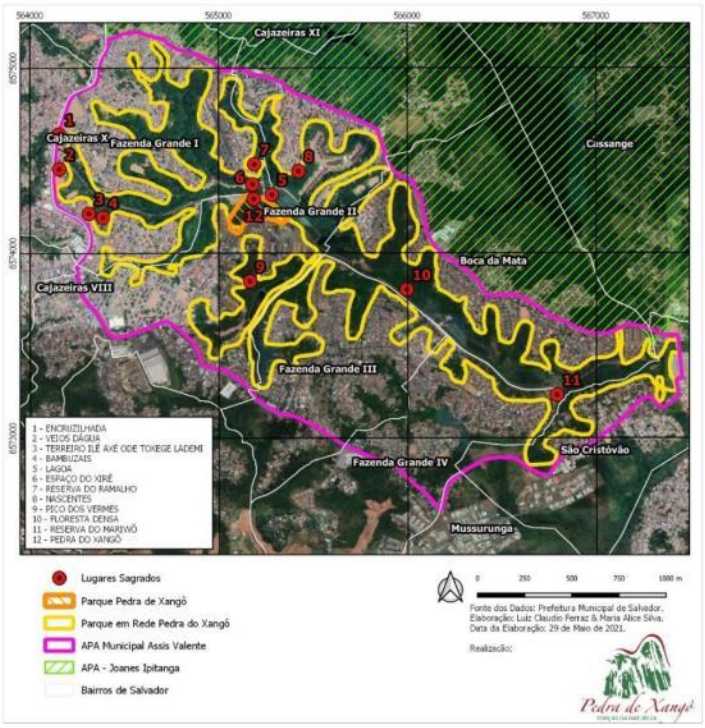
O Grupo de Trabalho Externo para implantação do PARQUE EM REDE PEDRA DE XANGÔ em parceria com o INSTITUTO MÃOS DA TERRA, vem, por meio deste, solicitar apoio técnico do ICMBio para estruturação e implantação do **Corredor Etnoecológico Pedra de Xangô, inserido no Macro Corredor Ecológico de Todos os Santos, em Salvador/BA**.

A Pedra de Xangô, Nzazi, Sogbo patrimônio ambiental, cultural e geológico da cidade de Salvador-Bahia - é "um lugar sagrado, encruzilhada religiosa, comunitária e política do povo de candomblé, centro de convergência de diversos rituais privados, semi-públicos e públicos de uma infinidade de terreiros que se comunicam e se conectam em redes" (SILVA, 2019)

O Parque em Rede Pedra de Xangô foi instituído no âmbito do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano da cidade de Salvador-Bahia em 2016 depois de muitos embates e, até a presente data, não foi implantado.

> *A sua concepção da espacialidade em rede, que tece uma territorialidade em teia, é uma proposta pioneira para cidade. Um parque não é mais uma superfície contínua, com um perímetro bem definido e claro. É uma teia que se flexibiliza no sítio e nas ocupações pré-existentes, garantindo a sobrevivência*
>
> *e continuidade de uma gama de espaços sagrados: pedras, árvores, riachos, nascentes, matas. Estes elementos naturais, que já constituíram um todo, tiveram seus territórios desconectados em virtude das intervenções de infraestrutura urbana de mobilidade e das ocupações habitacionais. Tornaram-se ilhas, arquipélagos de lugares sagrados que precisam ser reconectados, não como um território contínuo, mas em rede que se tece através dos rituais. (SILVA, 2019)*

Sede de uma Área de Proteção Ambiental – APA Municipal, de um Parque Urbano e de um Parque em Rede, monumento tombado pelo município, a Pedra de Xangô está localizada em Salvador-Bahia, na Avenida Vale do Assis Valente – uma encruzilhada que conecta os bairros de Cajazeiras X a São Cristóvão, passando por Fazenda Grande I, Fazenda Grande II, Fazenda Grande III, Fazenda Grande IV e Boca da Mata. (SILVA, 2019), consoante mapa abaixo:



A APA (Área de Proteção Ambiental) Municipal Vale do Assis Valente/ Parque Urbano Pedra de Xangô e Parque em Rede Pedra de Xangô possuem relevâncias culturais, ancestrais e étnico-religiosas, pois estão situadas em área de antigo aldeamento indígena e em áreas remanescentes de quilombos e do bioma Mata Atlântica.

O Corredor Pedra de Xangô, inserido no Macro Corredor de Todos os Santos foi indicado a partir de estudos da Ecologia de Paisagem e Biologia da Conservação elaborados pelo IMATERRA, inseridos como proposta no Plano Municipal de Conservação da Mata Atlântica para a cidade de Salvador, elaborado pela empresa EMBYÁ, através da Secretaria de Sustentabilidade e Resiliência-SECIS.

O **Macro Corredor Ecológico de Todos os Santos em Salvador/BA** abrange diversas Unidades de Conservação de âmbito municipal e estadual criadas ou em processo de criação, com viés ecológico, histórico, étnico, cultural e religioso. Busca unir fragmentos que preservam o pouco que resta da Floresta Atlântica no município (menos de 5% da cobertura original), além de diversos ecossistemas de grande importância biológica (enclaves de cerrado, manguezais, brejos, recifes naturais, etc.) e os rios formadores das principais bacias hidrográficas. A proposta agrega diversas comunidades de terreiros de povos de matriz afrobrasileira e mini-corredores que englobam sítios naturais sagrados da região.

Os maiores e mais bem fragmentos florestais existentes na cidade, cuja destruição de Mata Atlântica superou os 94% , estão inseridos na área do Mini Corredor de Pedra de Xangô correspondente a uma das porções mais estratégicas para implementação e desenvolvimento de ações piloto porque abriga fragmentos conservados, conecta bacias hidrográficas, além de possibilitar um elo de interligações com outras áreas prioritárias como o mini Corredor Pituaçu-Vale Encantado.

A proposta do mini Corredor encontra-se geograficamente localizada no centro de uma delicada ocupação humana e de atividades de diversas naturezas, onde a pressão exercida pressiona, dia a dia, os sistemas em rede geologia-águas-matas-orixás-pessoas.

O exercício da fé nos orixás, voduns, inquices, caboclos e encantados exige uma relação direta e estreita como meio ambiente natural. Daí o provérbio iorubano, KosiEwé, KosiÒrìsà (Sem plantas não há Orixás). A presença das plantas é fundamental para a sobrevivência das religiões do afro-brasileiras. (SILVA, 2017)

Salvador tem 1.296 terreiros, a maioria são considerados terreiros de laje, constituindo-se em edificações de dois a três pavimentos em áreas adensadas, com aproximadamente 360 metros quadrados, daí a emergência à proteção dos remanescentes de recursos naturais sagrados em espaços públicos para a preservação das tradições, garantindo o acesso aos cursos d'água, várzeas, manguezais e matas para a coleta das águas, ervas e plantas litúrgicas. (SILVA, 2017).

O mini Corredor Pedra de Xangô precisa, de forma urgente, ser implantado, pois a degradação socioambiental cresce vertiginosamente, colocando em risco as últimas possibilidades de conexão e conservação de áreas chave na cidade.

Há necessidade de atrelar a proposta à discussão mais ampla sobre integração de valores culturais da natureza na gestão das unidades de conservação, como vem sendo promovido pelo ICMBio, além de embasar o pleito no arcabouços jurídico internacional e diretrizes voltadas à temática, área de especialidade da servidora Érika Fernandes Pinto, que já vem ajudando na construção de outras iniciativas nessa direção.

O projeto tem várias características inovadoras, como o fato de ser um Corredor ecológico em área urbana densamente povoada na primeira capital do Brasil e cidade com maior proporção de população negra nas Américas.

Visa-se também trabalhar a integração de um roteiro ecoturístico denominado Caminhos do Axé à **Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso**, projeto capitaneado também pelo ICMBio, implantando ações de restauração florestal, viveiros de plantas sagradas e educação ambiental.

A expectativa é que a contribuição do ICMBIO se dê na forma de apoio técnico na estruturação da proposta e realização de eventuais oficinas sobre a temática dos valores culturais da natureza para a equipe interdisciplinar envolvida com os estudos que estão

sendo realizados na área, para que essa dimensão possa ser adequadamente reconhecida, incorporada e valorizada.

Diante do exposto, requer a essa instituição o apoio técnico necessário para a estruturação das propostas aqui elencadas.

Certas de contar com essa parceria institucional,

Atenciosamente,

Tatiana B. Dantas

MARIA ALICE PEREIRA DA SILVA
Assinado de forma digital por MARIA ALICE PEREIRA DA SILVA
Dados: 2021.12.21 15:00:31 -03'00'

Maria Alice Pereira da Silva
GT Externo Parque Pedra de Xangô

Tatiana Bicharat Dantas
IMATERRA

ANEXOS

APRESENTAÇÕES EM P0WER POINT
Parque em Rede Pedra de Xangô
Corredor Pedra de Xangô – Vale Encantado

APÊNDICE E – Redes Sociais

Conteúdos nas redes sociais



Clique aqui para ver



Clique aqui para ver



Clique aqui para ver



Clique aqui para ver



Clique aqui para ver



Clique aqui para ver

APÊNDICE F– Série Juristas Negras

APÊNDICE 2

Carta Convite aos Sujeitos da Pesquisa

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

A Ilustríssima Senhora
Jussara Souza

Carta Convite

Senhora Jurista Negra,

Venho, respeitosamente, através desta, convidá-la a participar da pesquisa intitulada " A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô". O objetivo deste estudo é investigar o papel da Governança Espiritual na edificação do equipamento de apoio do Parque Pedra de Xangô. A pesquisa será realizada por mim, Maria Alice Pereira da Silva, aluna do doutorado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, através de uma entrevista semi-estruturada, a ser realizada em formato de live no perfil do Instagram @pedra.de.xango. Os resultados obtidos poderão ser utilizados na produção de um artigo ou capítulo da tese de doutorado. Quanto à referência no texto a ser produzido, a entrevistada poderá optar pela utilização das iniciais, exposição ou omissão do nome.

Atenciosamente,

Maria Alice Pereira da Silva
Orientanda
Contato: mariaalicearq12@gmail.com

Fábio Macedo Velame
Orientador - contato: velame.fabio@gmail.com

Henrique Cunha Júnior
Co-orientador - contato: cunhahenrique@yahoo.com

SÉRIE JURISTAS NEGRAS NA PEDRA DE XANGÔ

Local – @pedra.de.xango

Formato – on line

Datas – Todas as quartas feiras

Público alvo: seguidores das redes sociais

Duração estimada: 1h

Sobre o evento: A live tem como ponto de partida e referência empírica a realização da Emersão Juristas Negras na Pedra de Xangô.

Objetivos: a live busca dialogar com seis mulheres, participantes da emersão Juristas Negras na Pedra de Xangô em novembro de 2021, para que elas possam discorrer sobre que foi tocar na Pedra de Xangô, um monumento sagrado e símbolo da justiça na cosmopercepçao de mundo afro-brasileira? O que mudou, enquanto mulher negra e operadora do direito, conhecendo a história da Pedra de Xangô?

Metodologia: O encontro será realizado de forma on line, será um bate papo, onde a entrevistada falará sobre suas impressões ao visitar, pela primeira vez, a Pedra de Xangô. Serão seis lives, que serão utilizadas como estudo de caso, para o desenvolvimento de um estudo-artigo contando a experiência.

Autorização: a entrevistada, conforme termo de autorização anexa, autoriza o uso de sua voz, imagem, pensamento para a produção do artigo, a título gratuito, conforme declaração em anexo.

Fundamentação teórica: O livro Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro, de autoria de Maria Alice Silva.

REALIZAÇÃO: Maria Alice Silva

Maria Alice Silva - jurista preta, escritora, advogada, mestra e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo UFBA, autora do livro "Pedra de *Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador,* co-autora dos livros na categoria infantojuvenil: *Pedra de Xangô*: *patrimônio cultural? e Pedra de Nzazi, Xangô e Sogbo*, idealizadora do perfil @pedra.de.xango e do site www.pedradexango.com.br .

APOIO:

Helen Diogo –

APÊNDICE G – Termo de autorização de imagem.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, _____-_____,brasileiro(a), estado civil_____, portador da cédula de identidade RG nº_____ ,inscrito no CPF/MF sob nº_____, residente à Av/Rua_____, nº_____, município de _____/Bahia. **AUTORIZA** o uso das imagens realizadas na _____, para serem **utilizadas**, em entrevistas, artigos científicos, na tese de doutorado de Maria Alice Pereira da Silva, cujo titulo é "**A Governança Espiritual: o sagrado afro-brasileiro edificando o Memorial do Parque Pedra de Xangô"** e todo qualquer material sejam esses destinados à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo o território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home Page; (VI) cartazes e banners; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros); (XIX) livros; (X) cartilhas; (XI) mapas, plantas, projetos arquitetônicos e urbanísticos. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em duas vias de igual teor e forma.

Salvador, _____de _____de_____.

_____

Nome _____

Telefone _____

Nome da criança_____

Responsável legal _____

Telefone_____

ANEXOS

ANEXO A – Painel interpretativo do Geossítio Pedra de Xangô. Salvador – BA.

ANEXO B – Folder da segunda reunião participativa;

ANEXO C – Procedimento preparatório nº 3.9.8188/2019 (Portaria s/n MP-BA);

ANEXO D – Carta-convite da FAUFBA para roda de conversa;

ANEXO E – Certificado de participação da visita pedagógica orientada (FAUFBA);

ANEXO F – Certificado da visita guiada ao Parque (CAU/BA);

ANEXO G – Certificado de palestrante no curso de ecologia (IBIO-UFBA);

ANEXO H – Declaração de palestrante na visita ao Parque (FFCH-UFBA);

ANEXO I – Declaração de visita pedagógica (Escola Lua Nova);

ANEXO J – Portaria Nº 035/2017 (DOM) – Criação do Grupo de Trabalho;

ANEXO K – Informativo 339/2019 IBAMA – Visita orientativa da pesquisadora;

ANEXO L – Matéria Correio* – Parque da Pedra de Xangô alia preservação;

ANEXO M – Matéria A Tarde – Pedra de Xangô recebe visita técnica para diagnóstico;

ANEXO N – Matéria Correio* – Símbolo de Resistência;

ANEXO O – Matéria A Tarde – MP-BA é acionado para investigar ataques;

ANEXO P – Matéria A Tarde – MP investiga agressões à Pedra de Xangô;

ANEXO Q – Ofício da atividade Território de Aprendizagem (FAUFBA);

ANEXO R – Matéria A Tarde – PM intensifica rondas na Pedra de Xangô;

ANEXO S – Atestado de palestrante no Projeto Internacional (ARTÉRIA);

ANEXO T – Relatório anual (2023) Parque Pedra de Xangô (SECIS);

ANEXO U – Relatório de assessoria de imprensa (2020) - Pedra de Xangô (LETRAA);

ANEXO V – Relatório de assessoria de imprensa (2021) - Pedra de Xangô (LETRAA);

ANEXO W – Relatório de assessoria de imprensa (2023) - Pedra de Xangô (LETRAA);

ANEXO X – E-mail-convite da SEPPIR-Osasco para visita guiada ao Parque;

ANEXO Y – Correio 24* – Mãe de santo se casa em Pedra Sagrada.

ANEXO Z – Relatório da ONU: Report on the situation of religious racism in brazil elaborated by black women legal experts for the committee on the elimination of racial discrimination

ANEXO A –Painel interpretativo do Geossítio Pedra de Xangô. Salvador – BA.

Pedra de Xangô

O Geosítio Pedra de Xangô, área considerada um remanescente do antigo Quilombo "Pedra do Tatu", foi tombado, por Decreto Municipal sob o nº 28.434 em 05 de maio de 2017.

Sítio geológico de importância cultural, onde são realizados inúmeros ritos litúrgicos oriundos das religiões de matriz africana, principalmente a festa do Orixá Xangô, sendo considerado um lugar sagrado para as comunidades tradicionais de terreiros de Candomblé.

No local aflora uma rocha Gnáissica constituída de um lajedo e dois blocos residuais. Nas paredes laterais dos blocos ocorrem caneluras de dissolução e na superfície do lajedo se observa uma fratura, provavelmente de alívio, o que, supostamente, condicionou a separação dos blocos.

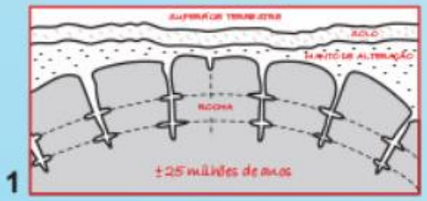
O sítio está inserido em um relevo dissecado em colinas de topos convexos, apresentando morfologia característica de "mares de morros", com espesso manto de cobertura.

Xangô, Nzazi ou Sogbô é um herói mítico e dinástico. Divindade da justiça, dos raios, dos trovões, do fogo, da pedreira. Símbolo da realeza, do poder, da resistência, da perseverança. "Ka wô Ka biyè silé" é a sua saudação e significa olhem o sábio descer sobre a terra.

Xangô é o juiz, o justiceiro que castiga os malfeitores, mentirosos e ladrões. É aquele que sustenta o fogo, que é o próprio fogo, que constrói e também destrói. Seu símbolo é o machado duplo. Ele é o violento trovão que aparece sem avisar, para lembrar que existe mistério, que o invisível está em toda parte.

Ele é a chama sagrada que brota do seio da Mãe Terra em forma de lavras, em forma de pedras. Ele é a pedra que detém os registros do planeta, de cada ato da Criação, as marcas e memórias de vidas passadas, ele é a pedra que guarda encantos, encontros entre o ser e o sentir (SILVA, 2018).

Geosítio Pedra de Xangô



1

Os blocos residuais estão associados a litologia que constitui o Cinturão Salvador-Esplanada (CSE), representando um afloramento rochoso que permite acesso ao material parental dos "mares de morros" do miolo de Salvador.



2

Os blocos foram originados a partir de processos de intemperismo físico-químico, ou seja, são blocos residuais que foram erodidos em relação ao maciço rochoso que lhe deu origem, alterando a paisagem ao longo do tempo.



3

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBa
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - IGEO

PAINEL INTERPRETATIVO DO GEOSÍTIO PEDRA DE XANGÔ

Disciplina: GEO C03 - Patrimônio Geológico e Geoconservação
Elaboração: Ricardo G. Frega e Sérgio Magarão Jr., 2018.

SALVADOR - BA
2017.2

Gnaisse Granulítico

O Gnaisse que constitui a Pedra de Xangô foi gerado a partir do metamorfismo de rochas sedimentares, formadas a partir da deposição e compactação de sedimentos.

Dobras

Fraturas



Dobras evidenciando fase rúptil-dúctil a que a rocha foi submetida.

Composição Mineralógica

Composição mineralógica essencialmente quartzo-feldspática, da ordem de 60%. A rocha tem coloração cinza, granulação fina a média, sendo constituída de granada, quartzo, mesopertita, microclina (K-feldspato), plagioclásio, biotita e zircão (mineral acessório). Apresenta bandamento gnáissico com textura granolepidoblástica.



Bandamento: estruturas similares às foliações, porém com maior espessura, indicando que a rocha foi submetida a altas temperaturas.



Detalhe do mineral granada. Este mineral indica a pressão e a temperatura na qual a rocha foi submetida (>800° C).



N90° Subvertical
N97° Subvertical
N273° Subvertical

Foliação: são estruturas planares características de rochas que foram submetidas a alta pressão no interior da crosta terrestre.

CICLO DAS ROCHAS



PROCESSOS

- fusão e resfriamento
- erosão, deposição e sedimentação
- mudança de temperatura e pressão

Amostra da Rocha Gnaisse Granulítico

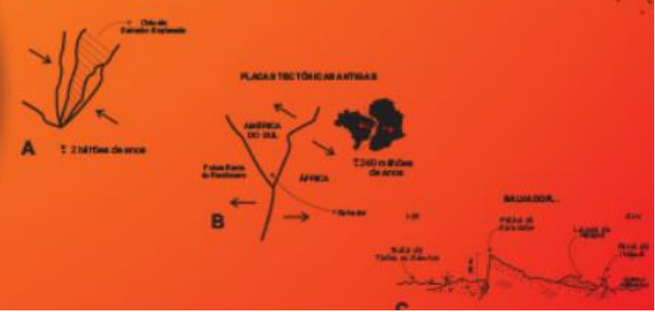


Contexto Geotectônico

Adaptado de SOUZA, 2012;
Adaptado de DALTON DE SOUZA ET AL., 2003.



EVOLUÇÃO TECTÔNICA DA CIDADE DE SALVADOR



ANEXO B – Folder da segunda reunião participativa



ANEXO C – Procedimento preparatório nº 3.9.8188/2019 (Portaria s/n MP-BA)

[redacted]

MINISTÉRIO PÚBLICO
DO ESTADO DA BAHIA

Fls. 02

QUARTA PROMOTORIA DE JUSTIÇA DO MEIO AMBIENTE DA CAPITAL

PORTARIA

Procedimento Preparatório nº 3.9.8188/2019

SHEILA COSTA, Promotora de Justiça da Quarta Promotoria de Meio Ambiente da comarca de Salvador/BA, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 129, inciso III, da Constituição Federal, pelas Leis Federais nº 7.347/85 e 8.625/93 e pela Lei Complementar Estadual nº 11/96, **instaura,** o presente Procedimento Preparatório com base em Notícia de Fato distribuída pelo CEAMA, sob nº 3.9.8188/2019, com o objetivo de investigar suposta implantação irregular de baias de secagem de lodo da Estação de Tratamento de Esgoto – ETE Fazenda Grande IV, dentro da poligonal da APA Municipal Vale do Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô.

Para tanto, inicialmente:

1- Registre-se no IDEA;

2- Designe-se audiência com SECIS, EMBASA, INEMA, SEDUR.

Salvador, 24 de Janeiro de 2019.

SHEILA COSTA
Promotora de Justiça
Quarta Promotoria de Meio Ambiente

Ministério Público do Estado da Bahia
Fls. 03

AO MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA – PROMOTORIA DO MEIO AMBIENTE.

Ministério Público do Estado da Bahia
IDEA: **003.9.8188/2019** Original
Data: 16/01/2019 Hora: 16:14
Nº Doc:
Qt. Vol.: 0 Recebido Por: theana.ribeiro

URGENTE

R.H.
Distribuição para um dos Promotores
Justiça do Melo Ambiente da Capital.
Salvador, 18/01/19.
Cristina Seixas Graça
Promotora de Justiça
Coordenadora do CEAMA

GRUPO DE TRABALHO EXTERNO DE IMPLANTAÇÃO DO PARQUE EM REDE DA PEDRA DE XANGÔ E DA APA MUNICIPAL VALE DO ASSIS VALENTE - REPRESENTANTES DAS COMUNIDADES DE TERREIROS DA CIDADE DE SALVADOR vêm, REPRESENTAR à **PROMOTORIA DO MEIO AMBIENTE,** diante dos graves fatos alegados, in fine assinados:

Recebido em 24/01/2019

DOS FATOS

A Portaria INEMA nº16.629, publicada em 2 de agosto de 2018[1], concedeu à EMBASA a autorização para a supressão de 53 indivíduos de vegetação nativa, totalmente em área de preservação permanente, numa área total de 5 mil m², bem como a Licença de Alteração para ampliação da ETE Fazenda Grande IV, com a construção de 6 novas baias para a secagem do lodo de esgoto.

Acontece que a área em apreço está localizada nos limites Sul da APA Estadual Joanes Ipitanga (responsável por quarenta por cento do abastecimento de água em Salvador) dentro da poligonal da APA Municipal Vale do Assis Valente e do Parque em

1 Disponível em: http://dovirtual.ba.gov.br/egba/reader2/

Ministério Público do Estado da Bahia
Fls. 04

Rede Pedra de Xangô[2] e, também, nas proximidades do monumento sagrado Pedra de Xangô – patrimônio cultural da cidade de Salvador[3] e patrimônio geológico do Brasil[4].

O Grupo de Trabalho de Criação e Gestão de Unidades de Conservação e Parques (GTUCs), criado pela Secretaria Municipal da Sustentabilidade, Inovação e Resiliência (SECIS), por meio da Portaria nº 035/2017, publicada no Diário Oficial do Município (DOM), dos dias 11 a 13 de novembro de 2017, exerce controle social das ações da prefeitura realizadas na APA, e vocês foram consultados sobre o processo SEDUR PR 12.304/2018.

Instada a se pronunciar sobre o processo (SEDUR PR 12.304/2018) , no dia 14/01/2019, Maria Alice Pereira da Silva e Airton Miguel De Grande visitaram a referida ETE e identificaram que a mesma se encontra em plena operação, registrando fatos preocupantes como serão relatados a seguir.

Verificou-se que os caminhões da Embasa não apenas trazem o lodo de esgoto de outras ETEs para secagem no local, como também realizam ali a lavagem de seus tanques, gerando grande carga de chorume. Esse chorume é conduzido por canaletas até grandes reatores de concreto encravados na área, cuja função presumida é "tratar" essa carga altamente poluente (ver **Relatório Fotográfico** em anexo).

Ocorre que tais operações são realizadas de maneira bastante precária, havendo escorrimento de chorume para áreas não impermeabilizadas, o que certamente está comprometendo tanto o solo quanto o lençol freático. Áreas úmidas nas proximidades

---

2 SALVADOR. Lei nº 9609, de 01 de jul. de 2016. Dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador – PDDU 2016 e dá outras providências. . **DOM.** Disponível em: <http://www.sucom.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/LEI-n.-9.069-PDDU-2016.pdf>.

3 SALVADOR, Decreto nº28.434, de 05 de maio de 2017. Ano XXX – 6835, publicado 06 a 09 de maio de 2017, p.2. Aprovou os Tombamentos do Movimento Afro Religioso, conhecido por Pedra Sagrada do Antigo Quilombo do Buraco do Tatu, "Pedra de Xangô", e também da área considerada de Remanescente de Antigo Quilombo, bens culturais situados na Fazenda Grande II e Cajazeiras. **DOM.**

4 MAGARÃO JÚNIOR, Sérgio. GEOSSIT – Cadastro de Sítios Geológicos. **Pedra de Xangô**. Disponível em: https://www.cprm.gov.br/geossit/geossitios/ver/1304.

Ministério Público do Estado da Bahia Fls. 05

do local exalam péssimo odor e exsudam líquidos escuros, sinal de que o solo pode estar encharcado tanto do esgoto trazido pelos caminhões quanto daquele possivelmente percolado dos reatores - o que seria até mais grave.

Não obstante os já sinistros indicadores acima destacados, verificou-se que a área da malfadada ETE vem sendo utilizada para lançamento de resíduos sólidos da construção civil (ver **Relatório Fotográfico** em anexo), o que não coaduna com sua atividade fim e mostra, se não descaso, descaracterização da finalidade do empreendimento, desorganização e desrespeito tanto com o meio ambiente quanto com a sociedade que o rodeia.

Aliás, destaque-se que a citada ETE localiza-se logo abaixo de diversos condomínios residenciais de famílias de baixa renda, cujos moradores têm que enfrentar todas as mazelas advindas da atividade citada: mau cheiro, insetos e o terrível impacto visual dos montes de lodo de esgoto.

Sem dúvida é um preço bastante alto que tais comunidades pobres são levadas a arcar, haja vista que o esgoto ali depositado não foi por elas produzido e sim em outros bairros e até outros municípios. Ao pesquisarmos documentação relacionada ao empreendimento em tela verificamos que a ETE Fazenda Grande IV está incluída na Licença de Operação (LO) do Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador (Portaria CRA nº 9355/2008). É essa licença ambiental de 2008 que foi alvo de alteração agora em 2018. A renovação da licença original (RLO) está em análise no Inema (processo nº 2009-035526/TEC/RLO-0063). A solicitação da EMBASA é para ampliação da já citada ETE, que recepcionará - e indagamos se já não estaria recepcionando? - resíduos de esgoto de estações elevatórias de Salvador, Simões Filho e Lauro de Freitas, portanto oriundos de localidades muito distantes daquelas que "hospedam" a estação.

A título de esclarecimento, descobrimos que o pleito para ampliação dessa ETE e seu uso aparentemente descontrolado, está relacionado às obras o metrô. Antes da construção do metrô, o pátio de descarte desses resíduos era o sistema de captação em tempo seco, no leito do rio Camurujipe, na região da rodoviária. Com as obras do metrô, esse pátio foi desativado e os resíduos direcionados para a ETE Fazenda Grande IV.

Apesar dos trâmites para licenciamento ambiental correrem aparentemente céleres e sem impedimentos juntos às esferas estaduais, apuramos (não oficialmente)

Ministério Pú... Fls. 06 ...Bahia

que a ETE estaria encontrando obstáculos juntos aos órgãos autorizadores do município de Salvador, que teriam embargado a ampliação da ETE por falta de alvará. A prefeitura também verificou que no memorial descritivo do projeto os empreendedores não teriam previsto a proteção do solo contra a infiltração do chorume, nem tampouco relacionado medidas de contenção em caso de chuvas ou de possíveis transbordamentos!

> Não apenas isso: os técnicos da prefeitura deram conta de que todo esse manuseio de esgotos - e lodos de esgoto, o que é muito mais grave - está sendo realizado próximo a nascentes, mais especificamente aquelas inseridas no "Pico dos Vermes", área relevante a ser protegida por seus atributos naturais e religiosos e integrante (como todo o redor) da APA e do Parque em Rede da Pedra de Xangô!
>
> Ou seja, o funcionamento da ETE Fazenda Grande IV, seja em situação de regularidade ambiental - o que nos parece nunca ter acontecido - seja em situação de descontrole como ocorre agora, é um corolário de agressões que precisa ser interrompido, pois agride ao meio ambiente de uma APA e de um Parque, agride ao bem estar de comunidades carentes e afronta espaços de contemplação e de respeito religioso (Pico dos Vermes e Pedra de Xangô).

Por último nesta nossa exposição gostaríamos de alertar V. Exas de que todo o vale da Avenida Assis Valente - espinha dorsal tanto da APA municipal de mesmo nome e do Parque em Rede da Pedra de Xangô - está permeado de estruturas para captação e tratamento de esgotos não condizentes com a qualidade ambiental do novo *status* da área (APA, Parque) nem com a segurança humana, o que requer medidas urgentes da esfera pública e de seus operadores para evitar graves danos. A fim de melhor esclarecer V. Exas do assunto preparamos alguns anexos a esta petição que fornecem detalhes sobre o tema (ver **Mapa de Localização dos Reatores de Esgoto**).

Ministério Público do Estado da Bahia Fls. 02

DA APA MUNICIPAL VALE DA AV. ASSIS VALENTE E O PARQUE EM REDE PEDRA DE XANGÔ

APA MUNICIPAL VALE DA AV. ASSIS VALENTE

A APA Municipal V. da Av. Assis Valente e o Parque em Rede Pedra de Xangô (ver **Mapa de Localização da APA e do Parque em Rede**) estão localizados no miolo de Salvador, numa das áreas mais carentes e densamente povoadas da cidade, composta por mais de onze bairros e aproximadamente 600 mil habitantes (IBGE, 2010).

APA Municipal foi uma estratégia foral e espacial instituída no PDDU de 2016 visando: I - à melhoria das condições socioambientais da região de Cajazeiras e adjacências e o desenvolvimento sustentável participativo, tanto da APA Estadual Joanes – Ipitanga, quanto da conservação da sub-bacia do Ribeirão Itapuã; II - e a garantia das manifestações das culturas populares indígenas e afro-brasileiras na localidade, sobretudo, a salvaguarda, preservação e reconhecimento da Pedra de Xangô enquanto patrimônio cultural afro-brasileiro. (SILVA, 2017)

PARQUE EM REDE PEDRA DE XANGÔ

"A maioria dos terreiros da cidade do Salvador, conforme Mapeamento realizado pelo CEAO em 2008, não possui matas em seu interior, constituindo-se de edificações de dois a três pavimentos em áreas adensadas. As matas são projetadas nas áreas comuns e espaços públicos da cidade."(SILVA, 2017) "

A avenida Assis Valente sempre foi utilizada pelo povo de santo para a realização de rituais. O Parque em Rede Pedra de Xangô é uma estratégia foral e espacial de proteção da fauna e flora locais instituída no PDDU de 2016 visando garantir as manifestações afro-brasileiras na localidade.

O instrumento legal Parque em Rede cartografou doze lugares sagrados, ao longo da Avenida Assis Valente, considerados sagrados para as Comunidades de Terreiros, um deles é o Pico dos Vermes. A proposta do Parque em Rede trouxe em sua concepção "a espacialidade em rede, ou seja, tece uma territorialidade em teia, conectados. É uma proposta pioneira para cidade de Salvador, onde um parque não é mais uma superfície contínua, com um perímetro bem definido e claro. É, sim, uma teia

Ministério Público do Estado da Bahia Fls. 08

que se flexibiliza no sítio e nas ocupações pré-existentes, garantindo a sobrevivência e continuidade de uma gama de espaços sagrados: pedras, árvores, riachos, nascentes, matas que constituíam um todo. Por isso, precisam ser reconectados, num território em rede". (SILVA, 2017).

"A Pedra de Xangô, para os terreiros de Cajazeiras e adjacências, é um lugar sagrado, morada dos índios tupinambás, morada dos deuses, orixás, voduns inquices e encantados. É uma das últimas reservas de Mata Atlântica utilizada para as práticas de atos litúrgicos na região. É um lugar imerso em experimentos espaciais distintos, onde sentimentos individuais e coletivos transitam, lutam cotidianamente para manter a tradição através da ritualização do mito e das múltiplas visões de mundo". (SILVA, 2017)

O Pico dos Vermes é um desses lugares sagrados, onde as comunidades de terreiros colhiam folhas sagradas e medicinais e realizavam oferendas as deusas das águas (Oxum, Dandalunda e outras), a Ossain, Oxóssi, Katendê e Agué (Deuses das folhas) já incluso. Esse lugar está sendo ameaçado de extinção com as ações perpetradas pela EMBASA, que interditou o acesso ao Pico dos Vermes e pretende instalar no local mais um depósito de esgoto.

A APA Municipal Vale do Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô buscou garantir no PDDU (2016) uma parcela dos direitos secularmente negados a população negra: o direito à cidade, o direito ao exercício das suas práticas religiosas.

O Estado da Bahia, com tal prática, está dificultando a realização de atos litúrgicos do candomblé, quando em verdade tem o dever constitucional de garantir e proteger essas manifestações.

Outrossim está a cometer uma injustiça ambiental. Entende-se como injustiça ambiental " [...] o mecanismo pelo qual sociedades desiguais , do ponto de vista econômico e social destinam a maior carga dos danos ambientais do desenvolvimento às populações de baixa renda, aos grupos raciais discriminados, aos povos étnicos tradicionais, aos bairros operários, às populações marginalizadas e vulneráveis" (COSTA, 2011, p.108)

Ministério Público do Estado da Bahia
Fls. 09

DO PATRIMÔNIO CULTURAL E GEOLÓGICO PEDRA DE XANGÔ

Em sua imponência, o monumento sagrado mobilizou o povo de axé em prol da criação da APA Municipal Vale Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô criando, em 2016, duas Unidades de Conservação no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano da Cidade de Salvador.

> A Pedra de Xangô, convoca, ainda, o seu povo para a mobilização em busca do Tombamento Municipal pela Fundação Gregório de Matos, que é concedida pelo Conselho Municipal de Cultura. Apesar de tantas batalhas e conquistas, Xangô orgulhoso e glamoroso, sempre quer mais, e traz da África o seu descendente direto, para testemunho de suas vitórias, o Alafin de Oyó Adeymi III para que possa reverenciá-lo, e para que com o seu axé dar-lhe sua benção, filho que luta e roga a pedra – o seu ancestral - pela preservação da cidade de Oió, pede a Pedra de Xangô que lhe ajude, em sua causa, na luta pelo reconhecimento de Oió como Patrimônio Mundial pela UNESCO, como forma de sobrevivência ao sectarismo e radicalismo religioso na Nigéria. (VELAME, 2017)

Considerada um lugar sagrado da diáspora, a Pedra de Xangô possui mais de dois bilhões de ano, recentemente, foi reconhecida no Sistema de Cadastro e Quantificação de Geossítios e Sítios da Geodiversidade (GEOSSIT) da CPRM (Serviço Geológico do Brasil) como patrimônio geológico, geossítio de relevância nacional dada a sua importância científica e cultural. (ver **Mapa de localização da Pedra de Xangô**). (MAGARÃO, 2018)

Reconhecida pela sua imponência e importância cultural, o artigo "Os caminhos percorridos para o tombamento municipal da Pedra de Xangô" ficou em terceiro lugar no "VI Prêmio República de Valorização do Ministério Público Federal (2018)" (ver **certificado em anexo**).

Palco de tantas conquistas ao longo da história, esse é o lugar que o Estado está a causar danos ambientais de grande monta que impacta não apenas ao meio

Ministério Público do Estado da Bahia Fls. 60

ambiente, mas, principalmente, toda uma cultura ancestral, simbologia e valores das religiões afro-brasileiras.

DO DIREITO

É dever do Estado "garantir um meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defender e preservá-lo para as presentes e futuras gerações" (art. 225 CF);

A Constituição Federal de 1988 assegura em seu art. 5°, VI, ser "inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos, garantindo a proteção aos locais de celebração e às suas liturgias. As religiões de matriz afro-brasileiras, como todas as outras religiões, possuem esse direito e compete ao Estado garantir a efetivação desses direitos.

Assim, é dentro desse escopo que requeremos a Vossa Excelência o seguinte:

I - a adoção de medidas imediatas para fazer suspender os riscos ambientais e impactos indicados que envolvem a ETE Fazenda Grande IV por ser de direito e de justiça;

II - a adoção de medidas para impedir a supressão da vegetação nativa solicitada pela EMBASA ao Inema e, caso já tenha ocorrido, a recomposição de áreas do Parque em Rede da Pedra de Xangô com vegetação igualmente nativa de Mata Atlântica a título de reparação/compensação pela supressão realizada;

III - instar a prefeitura do município de Salvador no sentido de assegurar que as autorizações e alvarás para toda a APA Municipal do Vale da Assis Valente, incluindo as que se referem à ETE Fazenda Grande IV e demais estruturas de saneamento, obedeçam estritamente às regras e normas legais pertinentes a esse novo status de proteção ambiental da região;

IV - A desobstrução do acesso ao lugar sagrado Pico dos Vermes para que as comunidades de terreiros possam realizar seus rituais.

V - por último, mas não menos importante, requeremos a V. Exas para que instem as esferas públicas municipal e estadual a promover estudos e ações para

Ministério Público do Estado da Bahia
Fls. 11

substituição das lagoas de tratamento, reatores e os leitos de secagem de esgotos por soluções locacionais ou tecnológicas alternativas, mais eficientes, amigáveis ao meio ambiente, e que tais soluções sejam condição para a emissão da renovação da licença pelo Inema.

Pedem deferimento

Salvador, 16 de janeiro de 2019.

Maria Alice Pereira da Silva
Advogada, doutoranda em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU-UFBA

Jorge Barreto dos Santos – Tata Mutá Imê
Sacerdote do Terreiro Mutalombo Ye Kaiongo

Everaldo Duarte
Agbagigan do Terreiro do Bogum

Sônia Mendes Silva
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU-UFBA
Ya Egbé do Ilê Asé Oxalufã

Airton Miguel De Grande
Analista ambiental, Mestre em Multimeios
IBAMA-BA

ANEXOS

A fim de melhor subsidiar o Ministério Público do Estado da Bahia com relação ao tema desta petição, tomamos a liberdade de inserir os presentes anexos sobre a região e os fatos ali relatados.

DA IMPLANTAÇÃO DA AVENIDA ASSIS VALENTE EM 2005

"Inicialmente projetada para solucionar o problema do esgotamento sanitário da região de Cajazeiras X e seu entorno, a via foi construída sem consulta prévia à comunidade local. Assim, o governo do Estado, através do Programa Sanear, instalou lagoas de estabilização muito próximas ao monumento natural, alterando notadamente a

Ministério Público do Estado da Bahia Fls. 12

paisagem da região. Pedras de perfil geológico raro foram subtraídas, árvores seculares e árvores frutíferas foram derrubadas, nascentes e mais nascentes aterradas. A vegetação local, arbórea-arbustiva, a exemplo das áreas de floresta tropical original, foi cruelmente dizimada. A fauna também foi duramente atingida; animais silvestres e animais domésticos morreram ou evadiram". (SILVA, 2017)

AVENIDA ASSIS VALENTE NOS DIAS ATUAIS

Vistorias *in loco* e também com o auxílio de aplicativos para consulta de imagens de satélite (como o Google Earth) permitem constatar rapidamente que toda a calha da avenida Assis Valente - espinha dorsal da APA do mesmo nome - está permeada por estruturas para captação e tratamento do esgoto da região. Na figura adaptada **(Mapa de Localização dos Reatores)** vemos identificados 7 pontos (círculos amarelos tracejados) em que estão localizados tanques coletores de esgotos - possivelmente reatores do tipo RAFA/UASB[5], muitos deles sem proteção e de livre acesso, o que pode propiciar acidentes gravíssimos com crianças e animais.

Constatou-se também que uma antiga ETE (ver ponto 4 -ETE Fazenda Grande IV), está sendo intensamente utilizada para secagem de lodo de esgotos e de areia residual provenientes de outras ETEs da EMBASA. Sabe-se que essa estrutura ainda não está devidamente licenciada e sequer obteve alvará de construção da Prefeitura de Salvador. Como se não bastasse, há a pretensão da EMBASA em ampliar sua carga de funcionamento, aumentando o número de baias para recepção e secagem do lodo de esgotos. Para tanto, será necessário suprimir mais vegetação local (Mata Atlântica), o que enfraquecerá ainda mais a cobertura vegetal do Parque em Rede, ameaçando também outro local sagrado localizado imediatamente acima dessa ETE,o Pico dos Vermes, conforme, fotos e mapas em anexo.

PLATAFORMA DIGITAL PEDRA DE XANGÔ É ENREDO, É REDE

Pedra de Xangô é enredo, é rede. A plataforma digital Pedra de Xangô (site, facebook, instagram, tweeter, Youtube) nasceu no âmbito de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA com a missão de ser um dos canais de diálogo, ponte entre a academia, sociedade civil, comunidades de terreiros, poderes públicos instituídos, organizações internacionais em defesa do monumento sagrado Pedra de Xangô, Nzazi, Sogbo – também conhecida como pedra do Quilombo Buraco

[5]Reator Anaeróbio de Fluxo Ascendente (Upflow Anaerobic Sludge Blanket)

Ministério Público do Estado da Bahia
Fls. 19

do Tatu e Pedra do Quilombo do Urubu, patrimônio cultural da cidade de Salvador e patrimônio geológico do Brasil. Nas redes, vamos de poesia, música, estória, filme, artigos científicos, abaixo-assinados, e se for preciso, também, de denúncias. Segue abaixo alguns links que possibilitará uma melhor compreensão da realidade do lugar e da denuncia aqui apresentada.

http://www.pedradexango.com.br/

https://www.facebook.com/PedradeXango/videos/220922752186243/ - Música Pedra de Xangô é enredo, é rede. O vídeo clipe mostra imagens aéreas do local.

https://www.youtube.com/watch?v=gLd25mZdsY4 – Um grito que entrou nos meus sonhos. Teaser do filme sobre a Pedra de Xangô. Demonstra as áreas degradadas do entorno da Pedra de Xangô.

https://www.instagram.com/p/BsI7j0wBIRu/ -

REFERÊNCIAS

BAHIA. **Portaria INEMA nº16.629**, publicada em 2 de agosto de 2018. Disponível em: http://dovirtual.ba.gov.br/egba/reader2/

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988.Obra da autoria da Editora Atlas com a colaboração de Alexandre de Moraes. 29 ed. atual. e ampl. São Paulo: Atlas, 2008.

COSTA. Lara Moutinho da. Territorialidade e racismo ambiental: elementos para se pensar a educação ambiental crítica em unidades de conservação. **Pesquisa em educação ambiental**, v. 6, n.1, p. 101-122, 2011.

MAGARÃO JÚNIOR, Sérgio. GEOSSIT – Cadastro de Sítios Geológicos. **Pedra de Xangô**. Disponível em: https://www.cprm.gov.br/geossit/geossitios/ver/1304.

SALVADOR. **Lei nº 9609, de 01 de jul. de 2016. Dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador – PDDU 2016** e dá outras providências. . **Diário Oficial do Município**. Poder Legislativo, Salvador, BA. Disponível em: <http://www.sucom.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/LEI-n.-9.069-PDDU-2016.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2017.

SALVADOR. **Decreto nº28.434, de 05 de maio de 2017. Ano XXX – 6835, publicado 06 a 09 de maio de 2017, p.2. Aprova os Tombamentos do Movimento Afro Religioso, conhecido por Pedra Sagrada do Antigo Quilombo do Buraco do Tatu, "Pedra de Xangô", e também da área considerada de Remanescente de Antigo Quilombo**, bens culturais situados na Fazenda Grande II e Cajazeiras. **Diário Oficial do Município**. Poder Legislativo, Salvador, BA.

Ministério Público do Estado
Fls. 14

SALVADOR. **Decreto nº29.057, de 25 de out. de 2017. Cria o Grupo de Trabalho para acompanhar a criação da Unidade de Conservação do Vale da Avenida Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô. Diário Oficial do Município.** Poder Legislativo, Salvador, BA.

SALVADOR. **Portaria nº035, de 10 de nov. de 2017. Cria o Grupo de Trabalho para acompanhar a criação da Unidade de Conservação do Vale da Avenida Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô designando para compô-lo representantes da sociedade civil. Diário Oficial do Município.** Poder Legislativo, Salvador, BA.

SILVA, Maria Alice Pereira da; SARAIVA PEIXOTO, José Augusto; CASTRO, Cássio Marcelo de. **Paisagismo religioso: Parque em rede Pedra de Xangô** in Anais [do] XIII Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura – ENEPEA: Paisagismo necessário – verde social, Ba 23 a 27 de agosto de 2016 – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo; Márcia Rebouças Freire, Lucy Rocha Kalil (orgs) – Salvador: FAUFBA, 2016.

SILVA, Maria Alice Pereira da; SARAIVA PEIXOTO, José Augusto; CASTRO, Cássio Marcelo de; JÚNIOR FIGUEREDO, Sérgio Magarão. **Paisagismo religioso: Parque em rede Pedra de Xangô um patrimônio cultural e geológico presente nas tradições afrodescendentes da cidade de Salvador-Bahia** in ABC do paisagismo [recurso eletrônico] -Jeanine Mafra Migliorini. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

SILVA, Maria Alice Pereira da *et al*. **Apa Municipal Assis Valente e Parque em Rede Pedra de Xangô**. Trabalho apresentado à Câmara de Vereadores de Salvador como proposta de Emenda aditiva e modificativa ao artigo 135, inciso XVII do Projeto de Lei nº 396/2015 do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – PDDU – 2016. Sugerido a criação na área em estudo da APA Municipal Vale da Avenida Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô.

SILVA, Maria Alice Pereira da; ROCHA, Regina Célia Santos. **Espaços de matriz africana na cidade de Salvador-Bahia**: a feira dominical do Nordeste de Amaralina e a Pedra de Xangô. In Anais [do] V Congresso Baiano de Pesquisadores Negros; IV Encontro Estadual de Educação e Relações Étnicas; XI Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira; II Seminário do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. Ba 16 a 20 de novembro de 2015 – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, Campus de Jequié, pelo *ODEERE*– Órgão de Educação e Relações Étnicas. Disponível em: www.uesb.br/

SILVA, M. A. P. da. **Pedra de Xangô: um lugar do sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador**. 2017. 405 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24875 > . Acesso em: 20 maio 2018

Ministério Público do Estado do Pará
Fls. 15

SILVA, M. A. P. da. e SILVA Almeida. **"Pedra de Xangô é enredo, é rede".** (2018) Música. https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=7s65FEntIbs

http://www.pedradexango.com.br/

https://www.facebook.com/PedradeXango/videos/2209227521862 43/ - Música Pedra de Xangô é enredo, é rede. O vídeo clipe mostra imagens aéreas do local.

https://www.youtube.com/watch?v=gI.d25mZdsY4 – Um grito que entrou nos meus sonhos. Teaser do filme sobre a Pedra de Xangô. Demonstra as áreas degradadas do entorno da Pedra de Xangô.

https://www.instagram.com/p/BsI7j0wBlRu/ -

Despejo de lodo de esgoto e areia residual nas proximidades do Pico dos Vermes

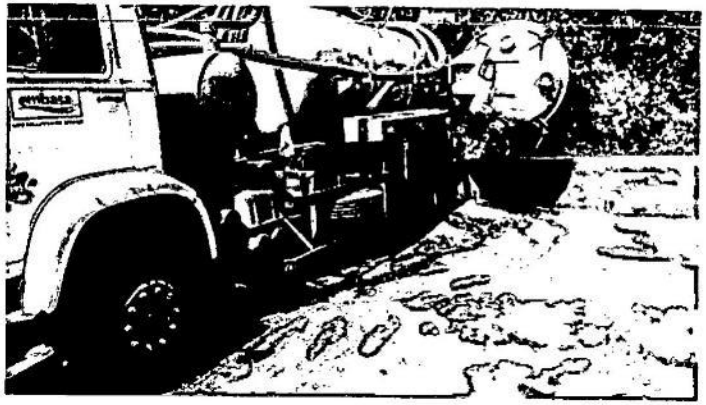


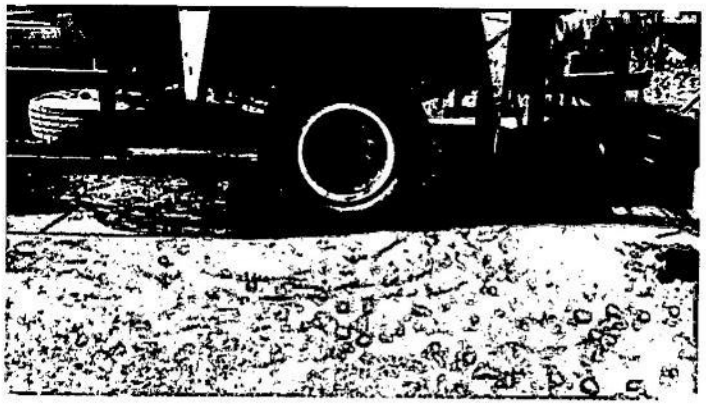




Acima e à esq: vista do descarregamento do lodo e disposição para secagem





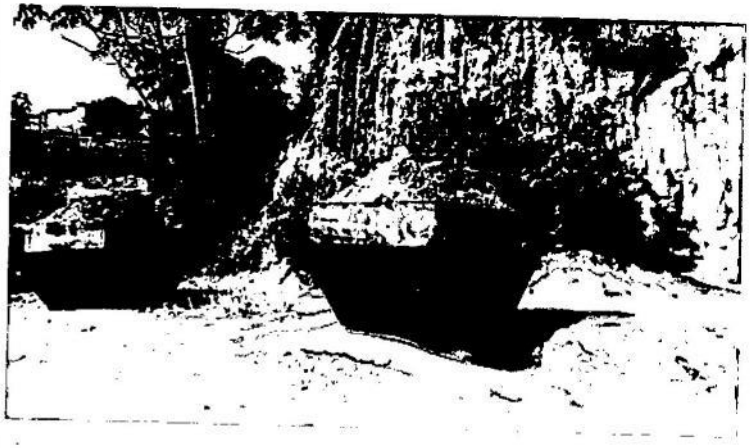


Acima e à esq: detalhes do resíduo de esgoto e preparação do caminhão para lavagem

Ministério Público
Fls. 16

Abaixo e a dir: além da areia e do lodo secos, a mesma área está servindo indevidamente para descarte de outros resíduos sólidos, como entulho de obras de construção civil

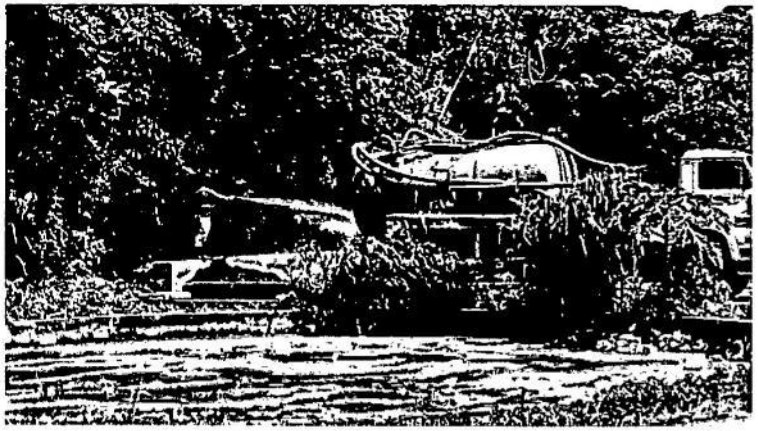


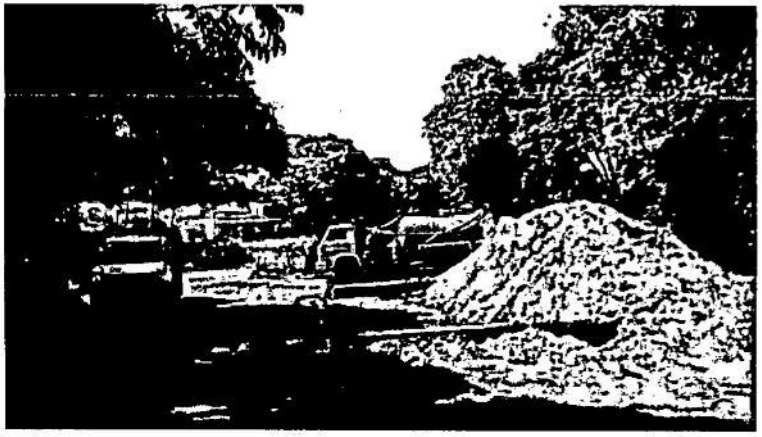


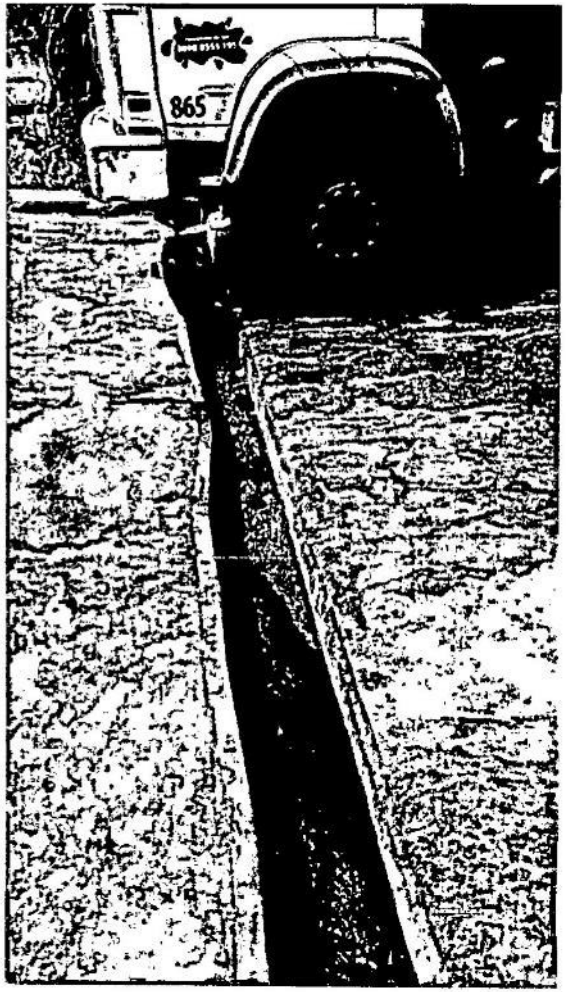




Relatório Fotográfico:
Despejo de lodo de esgoto e areia residual nas proximidades do Pico dos Vermes







Acima e à dir: lavagem dos caminhões após a descarga do lodo e detalhe do chorume que escorre dos tanques

ANEXO D – Carta-convite da FAUFBA para roda de conversa

Universidade Federal da Bahia
FACULDADE DE ARQUITETURA

Endereço: Rua Caetano Moura, 121, Federação
CEP: 40.210-905 – Salvador / Bahia
Telefone: (071) 3283-5882 / **E-mail**: acad.arq@ufba.br

Salvador, 07 de junho de 2022.

Ilma. Sra.
Maria Alice Silva

Venho, por meio desta, oficializar o convite para sua participação em **roda de conversa** que será realizada no âmbito da **disciplina Estudos Sociais e Ambientais**, por mim ministrada junto às tirocinantes Isis Pitanga e Vanessa Cordeiro, no âmbito da **Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA**.

A disciplina propõe introduzir conceitos básicos do campo ambiental-urbano, bem como outras epistemologias, situadas através de práticas e experiências da vida coletiva. Propõe apresentar uma perspectiva crítica às abordagens desenvolvimentistas e àquelas dualistas acerca de cidade e natureza, humanos e não-humanos, dimensões sociais e dimensões ambientais.

Esta roda de conversa, intitulada *Parque Pedra de Xangô - a Cidade e o Sagrado dos Povos Tradicionais: territórios, identidades e práticas culturais*, irá se realizar dia **21/06, das 9hs às 10h40**, e terá como convidada/os:

Maria Alice Silva, doutoranda pelo PPGAU-UFBA, autora do livro "Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador".
Vidaxó Azonsi Pedro Victor, gestor do Parque Pedra de Xangô, Terreiro Vodun Kwe Tò Zó.
Babalorixá Deilton Gomes, Ilê Axé Tumbi Odé Oji.

Em função da aula estar localizada entre dois feriados, e muitos estudantes serem do interior do estado, a roda de conversa acontecerá de forma virtual, **através da plataforma Google Meet, pelo link: http://meet.google.com/ofz-obme-xve**.

Agradecemos imensamente a disponibilidade para esta participação, que em muito enriquecerá a formação desta turma de estudantes.

Nesta oportunidade, reiteramos nosso apreço e consideração.

Thaís Troncon Rosa

Profa. Dra. Thaís Troncon Rosa
Docente responsável pela disciplina

ANEXO E – Certificado de participação da visita pedagógica orientada (FAUFBA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
DISCIPLINA ESTUDOS SOCIAIS E AMBIENTAIS

CERTIFICADO

Certificamos a participação de **Maria Alice Pereira da Silva** como convidada na disciplina Estudos Sociais e Ambientais, ministrada pela Profa. Thaís Rosa e as tirocinante Sarah de Souza Passos, no semestre 2023.1, no âmbito da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, participando da **visita pedagógica orientada no Parque Pedra de Xangô**, no dia 28 de maio de 2023, no turno da manhã.

Thaís Troncon Rosa

ANEXO F – Certificado da visita guiada ao Parque (CAU/BA)



CERTIFICADO

O Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Bahia certifica que a

Dra. Maria Alice Pereira da Silva

foi palestrante na atividade de campo "Visita Guiada ao Parque Pedra de Xangô", integrante da programação em celebração ao Dia do Arquiteto e Urbanista 2023, realizada em 13 de dezembro de 2023.

CAU/BA
Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Bahia

ANEXO G – Certificado de palestrante no curso de ecologia (IBIO-UFBA)



República Federativa do Brasil
Ministério da Educação
Universidade Federal da Bahia
Pró-Reitoria de Extensão Universitária

CERTIFICADO

Certificamos que Deilton Gomes participou como Palestrante do curso de Ecologia e Resolução de Problemas Ambientais, promovido pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia, no período de 16/09/2019 a 23/10/2019, com carga horária total de 4 horas.

(7808) 24JR-75A8-23PU-A6QO

Salvador, 10 de junho de 2020

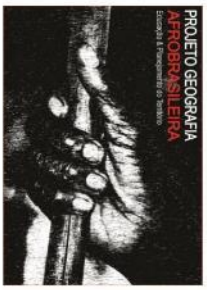
Fabiana Dultra Britto
Pró-Reitora de Extensão Universitária

Dr. Pedro Luís Bernardo da Rocha
Coordenador da Atividade

www.certificadoralatex.ufba.br

ANEXO H – Declaração de palestrante na visita ao Parque (FFCH-UFBA)





Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos
Projeto Geografia Afrobrasileira: Educação, Cartografia & Ordenamento do Território

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que **Maria Alice Silva**, brasileira, foi a Palestrante da Visita Técnica ao Parque Pedra de Xangô, atividade de campo da **Disciplina: Matrizes Africanas do Território Brasileiro** no dia 04\10\2023 no 2o. Semestre \ 2023. Destaco que o trabalho desenvolvido lhe confere ações de competência e seriedade.



Prof. Dr. Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Projeto GEOAFRO \ UnB \ UFBa.

ANEXO I – Declaração de visita pedagógica (Escola Lua Nova)

ESCOLA LUA NOVA
CENTRO DE ESTUDOS

01.721.514/0001-07
J. P. EDUCACIONAL LTDA. - ME
RUA GUILLARD MUNIZ, 399
PITUBA - CEP 41.810-110
SALVADOR - BA.

DECLARAÇÃO

Declaramos que a sra. **MARIA ALICE PEREIRA DA SILVA** ministrou duas visitas pedagógicas na Pedra de Xangô, realizadas pela Escola Lua Nova, nos dias 04 de junho e 23 de julho de 2023.

Salvador, 07 de fevereiro de 2024

Escola Lua Nova e Centro de Estudos
Rua Guillard Muniz, 399 - Pituba - Salvador/BA CEP 41810-110 - Tel.: (71) 3359-5458
Site: www.escolaluanova.com.br - E-mail: informe@escolaluanova.com.br

ANEXO J – Portaria Nº 035/2017 (DOM) – Criação do Grupo de Trabalho

42 SALVADOR-BAHIA
SÁBADO A SEGUNDA-FEIRA
11 A 13 DE NOVEMBRO DE 2017
ANO XXX | N.º 6.965

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO

- Altura de montagem recomendada: - 7,5m a 8m
- Espaçamento recomendado: - 30m a 34m (máximo)
- Instalação: - em braço metálico fixado a poste da rede de distribuição de energia
- Observação: - poderá ser necessário adotar ângulo de inclinação vertical da luminária em relação à pista menor que 15º

5.9 PARA VIAS V5 – REDE EXCLUSIVA PARA IP

- Tipo de instalação: - exclusiva para IP
- Configuração: - unilateral
- Luminária a ser adotada: - LED
- Fluxo luminoso mínimo da luminária: - 2.600 lm (efetivos)
- Poste a ser adotado: - cônico contínuo reto com suporte tipo topo ou braço decorativo para IP de até 1m
- Altura de montagem recomendada: - 6m
- Espaçamento recomendado: - 26m a 32m
- Instalação: - embutida no piso

5.10 PARA VIAS V5 – INSTALAÇÃO NA REDE AÉREA

- Tipo de instalação: - compartilhada
- Configuração: - unilateral - bilateral
- Luminária a ser adotada: - LED
- Fluxo luminoso mínimo da luminária: - 2.600 lm (efetivos)
- Altura de montagem recomendada: - 7,5m a 8m
- Espaçamento recomendado: - 24m a 30m (máximo)
- Instalação: - em braço metálico fixado a poste da rede de distribuição de energia
- Observação: - poderá ser necessário adotar ângulo de inclinação vertical da luminária em relação à pista menor que 15º

GABINETE DO SECRETÁRIO DA SEMOP, em 10 de novembro de 2017.

MARCUS PASSOS
Secretário

Guarda Civil Municipal - GCM

RETIFICAÇÃO

Na publicação do DOM nº 6.960 de 07 de novembro de 2017, pág. 16, referente a Portaria nº 451/2017 de 06/11/2017.

Onde se lê: "PAULO ROBERTO OLIVEIRA".

Leia-se: "PAULO ROBERTO OLIVEIRA ARAÚJO".

GABINETE DO INSPETOR GERAL DA GCM, em 07 de novembro de 2017.

ALYSSON CORREIA CARVALHO
Inspetor Geral

SECRETARIA DA CIDADE SUSTENTÁVEL E INOVAÇÃO - SECIS

PORTARIA Nº 035/2017

O SECRETÁRIO DA CIDADE SUSTENTÁVEL E INOVAÇÃO, no uso de suas atribuições que lhe confere o Art. 10, Item XI, do Regimento Interno aprovado pelo Decreto nº 27.132 de 06 de abril de 2016.

RESOLVE:

Com base nos Artigos 18 e 19 da Lei Municipal nº 9.069/2016, que dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador, considerar criado o Grupo de Trabalho de acompanhamento da criação da Unidade de Conservação do Vale da Avenida Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô, designando para compô-lo os seguintes representantes da Sociedade Civil:

Jorge Barreto dos Santos; RG: CPF: do Terreiro Mutalombo Te Kaiongo;

Sônia Mendes Reis Nascimento Silva; RG: CPF: Terreiro Ilê Axé Oxalufã;

Everaldo Conceição Duarte; RG: ; CPF: do Terreiro Zoogodô Bogum Malê Rundó;

Djalma Rosa Torres; RG: CPF: do Centro de Pesquisa, Estudos e Serviço Cristão - CEPESC;

Maria Alice Pereira da Silva; OAB-BA: CPF: do Grupo de pesquisa EtniCidades-FAUFBA.

GABINETE DO SECRETÁRIO DA CIDADE SUSTENTÁVEL E INOVAÇÃO, em 10 de Novembro de 2017.

ANDRÉ MOREIRA FRAGA
Secretário

PORTARIA Nº 036/2017

O SECRETÁRIO DA CIDADE SUSTENTÁVEL E INOVAÇÃO, no uso de suas atribuições que lhe confere o Art. 10, Item XI, do Regimento Interno aprovado pelo Decreto nº 27.132 de 06 de abril de 2016.

RESOLVE:

Com base nos Artigos 18 e 19 da Lei Municipal nº 9.069/2016, que dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador, considerar criado o Grupo de Trabalho de acompanhamento da criação da Unidade de Conservação do Vale Encantado, designando para compô-lo os seguintes representantes da Sociedade Civil:

I - Representantes do Instituto Mãos da Terra:

Margareth P. Maia; RG: CPF:
Tatiana Bichara Dantas; RG: CPF:

II - Representantes do Movimento SOS Vale Encantado:

Daniela Falcão Sampaio; RG: CPF:
Caroline A. D. Lorenzo; RG: ; CPF:
Marcela Marques Lomanto; DF:
Virgílio Teixeira Machado; RG: ; CPF:

GABINETE DO SECRETÁRIO DA CIDADE SUSTENTÁVEL E INOVAÇÃO, em 10 de Novembro de 2017.

ANDRÉ MOREIRA FRAGA
Secretário

PORTARIA Nº 037/2017

O SECRETÁRIO DA CIDADE SUSTENTÁVEL E INOVAÇÃO, no uso de suas atribuições que lhe confere o Art. 10, Item XI, do Regimento Interno aprovado pelo Decreto nº 27.132 de 06 de abril de 2016.

RESOLVE:

Com base nos Artigos 18 e 19 da Lei Municipal nº 9.069/2016, que dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador, considerar criado o Grupo de Trabalho de acompanhamento da criação da Unidade de Conservação Parque Marinho da Barra, designando para compô-lo os seguintes representantes da Sociedade Civil::

I - Representante do Instituto Federal Baiano / IF BAIANO:

José Rodrigues de Souza Filho; RG: CPF:

II – Representantes da Universidade Federal da Bahia:

Lúcia Carvalho Neco; RG: CPF:

Francisco Carlos Rocha de Barros Junior; CPF:

Lara Raphaele Silva de Carvalho; RG: ; CPF:

III - Representante da Associação Fundo da Folia:

Bernardo Mussi de Almeida; RG: CPF:

GABINETE DO SECRETÁRIO DA CIDADE SUSTENTÁVEL E INOVAÇÃO, em 10 de Novembro de 2017.

ANDRÉ MOREIRA FRAGA
Secretário

EXTRATO DE ADESÃO À ATA DE REGISTRO DE PREÇO Nº 001/2017

PROCESSO Nº: 1074/2017
ÓRGÃO GERENCIADOR: SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO - SECOM.
ÓRGÃO ADERENTE: SECRETARIA CIDADE SUSTENTÁVEL E INOVAÇÃO - SECIS.
CNPJ: 17.067.377/0001-60
OBJETO: Adesão à Ata de Registro de Preço nº 81/2017 e nº 160/2017 - SEMGE, referente a Aquisição de Material de Consumo.
FORNECEDOR: IMPERATRIZ COMERCIO E INDUSTRIA LTDA.
CNPJ: 01.649.999/0001-67
VALOR: R$ 3.600,80 (três mil e seiscentos reais e oitenta centavos).
DOTAÇÃO ORÇAMENTÁRIA: Atividade 2001; Elemento de Despesa 33.90.30; Fonte: 100 - Tesouro.
DATA: 09/11/2017.

Salvador, 10 de novembro de 2017.

ANDRÉ MOREIRA FRAGA
Secretário

ANEXO K – Informativo 339/2019 IBAMA – Visita orientativa da pesquisadora

Informativo SUPES-BA

EVENTOS

ENCONTROS E TRATATIVAS MARCARAM O MÊS DE FEVEREIRO

O analista ambiental Alberto Santana não está mais na direção do Ibama na Bahia. A exoneração do gestor foi publicada na edição de hoje, 28/02, do Diário Oficial da União. Porém, o mesmo deixou encaminhada um série de providências e tratativas que manteve com as direções de outros órgãos e/ou instituições, visando dinamizar a atuação do Ibama através de parcerias e trabalhos conjuntos, a exemplo:



Com o Superintendente Salomão José de Santana, da Superintendência do Patrimônio da União na Bahia (SPU/BA), tratou do assunto fundamental para o Ibama: a destinação de um prédio da União para instalação da Supes/BA, entre outros temas comuns a agenda das duas instituições.



Com o diretor-presidente da Bahia Pesca, Eduardo Rodrigues, tratando de assuntos comuns às duas pastas, que serão detalhadas em um programa de intenções de atuação conjunta, visando a maior aproximação e colaboração entre as instituições das esferas federal e estadual.



Reunião no auditório do CREA, com a coordenadora da FPI, promotora Luciana Khoury, discutindo aspectos relacionados às próximas realizações da Fiscalização Preventiva Integrada, que o Ibama é parceiro desde a primeira edição.



Com o presidente do Conselho Regional de Biologia 8ª Região, biólogo César Carqueija, e o seu conselheiro tesoureiro, biólogo Felipe Paganelly, quando discutiu assuntos de interesse das duas instituições, como alternativas para acompanhar a situação das barragens de contenção de rejeitos de minério na Bahia.



Visita a Marinha, objetivando a reativação de Acordo de Cooperação Técnica.

ADMINISTRATIVAS

FAU-UFBA

Uma visita da pesquisadora do grupo de EtniCidades da FAU-UFBA, Maria Alice Pereira da Silva, marcou o início dos entendimentos para a participação do Ibama-BA nas ações de educação ambiental e conservação da APA da Av. Assis Valente e do Parque em Rede da Pedra de Xangô, localizados no bairro de Cajazeiras, em Salvador.

Segundo explicou a pesquisadora, a APA congrega inúmeros fragmentos de Mata Atlântica, além da própria pedra, que possui relevância geológica, histórica e também cultural. " A Pedra de Xangô é uma referência para muitas comunidades de terreiro daquela área – que são cerca de 900. No passado havia ali um quilombo e até hoje a pedra é reverenciada pelos adeptos das religiões de matriz africana como morada de orixás, inquices e caboclos".

A área da APA e da pedra guarda também muitas nascentes, que estão ameaçadas pelo crescimento urbano, pelo desmatamento e pelo lançamento de esgotos. "Isso nos preocupa muito", pontua Maria Alice. "Já estamos em contato com várias instituições para buscar a proteção da área e contamos com o Ibama nesse esforço", diz.

Para o superintendente do Ibama, analista ambiental Alberto Santana, a relevância da APA e do projeto do Parque em Rede convocam o Ibama a participar da iniciativa. "Ainda que a competência primeira seja do município, entendo que o Ibama deva participar com o conhecimento de seus analistas e também com a força de sua marca para que esse patrimônio ambiental e cultural seja conservado".

A parceria deverá começar a tomar forma nas próximas semanas, quando o Ibama-BA formalizar a assinatura de uma carta de anuência ao projeto junto ao Ministério Público Estadual.



ANEXO L – Matéria Correio* – Parque da Pedra de Xangô alia preservação a respeito às diferenças



2 Correio

Parque municipal da Pedra de Xangô alia preservação e respeito às diferenças

Monumento cultural é símbolo de luta e união para religiões de matrizes africanas

CONSTRUÇÃO Localizado em uma reserva de Mata Atlântica, equipamento é fundamental para religiões de matrizes africanas

R$ 8,5 milhões

É o investimento do governo municipal na construção do Parque

Correio 3

Projeto prevê trilhas a céu aberto

PERSPECTIVA GERAL

Perspectivas mostram como será o Parque da Pedra de Xangô, na região de Cajazeiras

Debate e aval da comunidade

Caminhada relembra história e combate intolerância

Famílias lotam parque em caminhada que chegou à edição de número dez na última dia 5

ANEXO M – Matéria A Tarde – Pedra de Xangô recebe visita técnica para diagnóstico geral

Mônica Silveira / Divulgação



Pesquisadora e empresa júnior realizaram visita técnica para diagnóstico local

AMBIENTE

Pedra de Xangô recebe visita técnica para diagnóstico geral

IASMIM MOREIRA

Uma visita técnica foi realizada, ontem pela manhã, na Pedra de Xangô, como parte do processo de diagnóstico do local para implantação do Parque em Rede Pedra de Xangô, que integrará a APA Municipal Vale do Assis Valente. As informações foram levantadas no local pela mestre em arquitetura Maria Alice Pereira, integrantes do terreiro Casa dos Olhos e da empresa Biostase Jr.

A visita começou às 8h30, com um Amalá, oferenda feita pelas comunidades do candomblé para pedir licença a Xangô para começar as atividades. Após o ritual, o grupo de estudantes de Biologia da Faculdade Jorge Amado, componentes da empresa Biostase Jr., iniciaram o vistoria da área. Eles avaliaram os recursos hídricos, as diferentes espécies de fauna e flora e pontuaram os ajustes que precisam ser feitos nas partes degradadas do ambiente. Posteriormente também será criado o Plano de Recuperação de Áreas Degradadas que favorece a criação do Parque.

Caso ocorra a implantação do Parque e da APA, Maria Alice diz que o espaço será usado para caminhadas, visitas guiadas, atividades de educação socioambiental e construção de viveiros a partir de mutirões.

O objetivo é criar o Parque em Rede Pedra de Xangô, que integrará a APA Assis Valente

Ela é autora da dissertação 'Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador'.

"A pedra de Xangô é um lugar sagrado para o povo do candomblé, pois é o centro de convergência para conexão de vários terreiros da cidade", conta. Maria Alice, que também é advogada, afirma que atualmente a pedra é o único lugar onde os terreiros podem expressar sua fé e fazer rituais em contato com a natureza.

A pesquisadora também relata que o local apresenta problemas de saneamento básico e acessibilidade. "A realidade precisa ser mudada, algumas lagoas e esgotos abertos precisam ser tratados", defende. O projeto venceu a Chamada Pública de Projetos Simplificados do Ministério Público.

*SOB SUPERVISÃO DA JORNALISTA HILCÉLIA FALCÃO

ANEXO N – Matéria Correio* – Símbolo de Resistência

CONTEÚDO PATROCINADO

FOTOS: DIVULGAÇÃO/FMLF



Projeto tem como prioridade a manutenção da vegetação remanescente de Mata Atlântica

SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

estúdio correio — CONTEÚDO SOB MEDIDA

SALVADOR Com preservação da Mata Atlântica, obra do Parque de Xangô utiliza materiais de baixo impacto ambiental

"O Parque Pedra de Xangô vai ser mais um patrimônio cultural da cidade. Será mais um ponto turístico que transcende a questão religiosa e atrairá milhares de visitantes
Bruno Reis,
Prefeito de Salvador

"A Pedra de Xangô está inserida em uma Área de Proteção Ambiental. Toda a remanescente de Mata Atlântica está sendo preservada. Além disso, todas as áreas degradadas serão replantadas.
Tânia Scofield,
Presidente da FMLF

"Usada por escravos que fugiam das fazendas na região de Cajazeiras, em Salvador, durante o Século XIX, a Pedra de Xangô é um símbolo de resistência. Antes conhecida como Pedra do Buraco da Onça, ela ficava escondida por um matagal em uma área de Mata Atlântica que favorecia os escravos em fuga. Hoje, o local, que é considerado sagrado pelos religiosos de matriz africana, aos poucos se transforma no Parque de Xangô. A obra está sendo realizada pela gestão municipal, que dá um novo tratamento à área, permitindo tanto a preservação do espaço quanto a oferta à população de uma nova alternativa de lazer e convivência.

O Parque de Xangô, localizado na Avenida Assis Valente, no bairro de Fazenda Grande II, é um compromisso da Prefeitura de Salvador firmado à época do tombamento municipal da Pedra de Xangô, em 2017. A obra, que começou em fevereiro do ano passado e teve uma pausa por conta da pandemia, tem previsão de ser finalizada em novembro deste ano. O projeto, de autoria da FFA Arquitetura e Urbanismo e coordenado pela Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF), atende a um pedido de estudiosos e adeptos de religiões de matriz africana à gestão municipal.

"O Parque Pedra de Xangô vai ser mais um patrimônio cultural da cidade. São 70 mil metros quadrados de Mata Atlântica que servirão também para preservar um dos principais símbolos de religiões de matrizes africanas da nossa cidade. Agora, todo o povo de santo vai ter um local belíssimo para cultuar a sua fé e pedir suas proteções. Será mais um ponto turístico que transcende a questão religiosa e vai atrair milhares de visitantes", explica o prefeito de Salvador, Bruno Reis.

COMPROMISSO AMBIENTAL

"Com uma intervenção urbanística numa área de 67.163,06m², o projeto, que tem investimento de R$ 8 milhões, tem como prioridade a manutenção da vegetação remanescente de Mata Atlântica. Com a construção do parque, a população, especialmente a de Cajazeiras, terá à disposição uma nova alternativa de lazer e convivência, que irá aproximar as pessoas da história cultural de Salvador e conscientizar da necessidade da preservação da natureza.

A urbanização do espaço ao redor da Pedra do Xangô prevê ainda o reflorestamento das áreas degradadas e espaços para cultivo das árvores consideradas sagradas para a religião e representativas da Mata Atlântica. Todos os serviços de infraestrutura utilizaram materiais ambientalmente sustentáveis, a exemplo de luminárias solares e paredes em Taipa de Pilão.

""A Pedra de Xangô está inserida em uma Área de Proteção Ambiental. Toda a remanescente de Mata Atlântica está sendo preservada. Além disso, todas as áreas degradadas serão replantadas. Esse parque faz parte do chamado Parque em Rede, onde serão trabalhados todos os marcos que articulam os pontos sagrados, como nascentes e árvores", afirma a presidente da FMLF, Tânia Scofield.

ANDAMENTO DA OBRA

Atualmente está sendo executada a urbanização do entorno da Pedra de Xangô, além da implantação do desvio da Avenida Assis Valente e do acabamento do memorial, que foi edificado em taipa de pilão e tijolos ecológicos. As obras de drenagem, a construção do anfiteatro e toda parte de terraplanagem já foram concluídas.

O projeto prevê ainda a criação de uma zona de amortecimento paisagístico no entorno da pedra, a pavimentação do sistema viário e implantação de praça, construção de arquibancadas, escadas, pontilhões e vertedouro, além da instalação de equipamentos e mobiliários urbanos.

Também estão previstos auditório, área administrativa, sanitários e estabelecimentos comerciais voltados para o parque. Além disso, o projeto propõe trazer de volta o espelho d'água que circundava a pedra. O espaço terá trilhas a céu aberto, anfiteatro e áreas para exposições com elementos simbólicos das religiões de matrizes africana e indígena. "Tudo com o uso de materiais de baixo impacto ambiental e de alto valor ecológico", garante Tânia Scofield.

O ESTÚDIO CORREIO PRODUZ CONTEÚDO SOB MEDIDA PARA MARCAS, EM DIFERENTES PLATAFORMAS



Urbanização do espaço ao redor da Pedra do Xangô prevê ainda o reflorestamento das áreas degradadas

VOCÊ SABIA?

A Pedra de Xangô *é protegida pela Lei de Preservação do Patrimônio Cultural do Município (8.550/2014). Ela foi tombada pela prefeitura em maio de 2017, através da Fundação Cultural Gregório de Matos (FGM), que oficializou o tombamento da pedra em si e da área considerada sítio histórico do antigo Quilombo Buraco do Tatu. Com isso, a Pedra de Xangô se tornou o terceiro monumento protegido pela lei. Xangô, um dos principais orixás no panteão africano, é o patrono da justiça. Kaô kabiesilé, sua saudação, em tradução aproximada para o português, significa "o rei quis assim". Tem como parceira mais constante a orixá Iansã, embora se relacione também com Obá e Oxum. A rocha é sua força da natureza e o machado, seu símbolo.*

ANEXO O – Matéria A Tarde – MP-BA é acionado para investigar ataques

REGIÃO METROPOLITANA

SALVADOR

salvador@grupoatarde.com.br

TRADIÇÃO Veja a programação para primeira sexta-feira do ano no Bonfi

www.atarde.com.br/bahia

PEDRA DE XANGÔ Petição foi protocolada por religiosos de diversos terreiros após quarta prática de intolerância religi

MP-BA é acionado para investigar ataques

JULIANA SALLES*

Com reivindicação de paz e respeito, adeptos do candomblé realizaram, na manhã de ontem, uma nova limpeza da Pedra de Xangô, localizada no bairro de Cajazeiras. O monumento foi alvo de novo ataque– desde novembro de 2018 até ontem–, na última quarta-feira, quando foram despejados aproximadamente 100 kg de sal. Uma petição para apurar o caso foi protocolada por um grupo de religiosos de diversos terreiros no Ministério Público da Bahia (MP-BA).

O órgão foi procurado, mas a reportagem não obteve retorno até o fechamento desta edição. "Lutamos para a preservação do monumento quilombola. A nossa ancestralidade que é referenciada com os nossos orixás. Precisamos parar com a intolerância religiosa. Todas as religiões precisam de respeito, porque o candomblé não tem a prática de denegrir outras crenças", frisou Mãe Dialá, do Ilê Asé Babá Ulufan Alá.

A Pedra de Xangô é patrimônio cultural tombado pelo município, em 2017, por meio da Fundação Gregório de Mattos (FGM), e é reconhecida pelo serviço Geológico do Brasil (CPRM) como patrimônio geológico por conta da importância cultural.

Em contribuição para o tombamento, a pesquisadora e advogada Maria Alice Pereira – que foi titular da Secretaria Municipal de Reparação (Semur) em 2009– cooperou com a pesquisa de mestrado da Universidade Federal da Bahia (Ufba) 'Pedra de Xangô: Um lugar sagrado afro brasileiro na cidade de Salvador'.

Na última quarta-feira, foram despejados cerca de 100 kg de sal

Em conjunto com a criação de duas unidades de conservação do município, a Área de Preservação Ambiental (APA) Vale do Assis Valente e o parque em rede Pedra de Xangô.

"É um acervo histórico e do nosso povo. O projeto está em fase de implantação pela prefeitura e acredito que será uma grande conquista para a conservação da área, garantindo a sobrevivência de espaços sagrados. A preservação daquele lugar só está sendo possível pelo povo do terreiro, que luta diariamente para manter os costumes", disse a pesquisadora.

Todo último sábado de cada mês, será feita a limpeza da Pedra. "Quem tem fé na sua religião não vai desl a dos outros. Manusean natureza e respeitamos dra abençoada. Esta juntos por uma só cau preservação", frisou Pai no de Onirá, do Terreir Axé Oyá Onirá.

* SOB A SUPERVISÃO DA EDITORA MEIRI OLIVEIRA

Dendzi Gelter / Ag. A



A Pedra de Xangô é patrimônio cultural tombado pelo município pela FGM, em 2017, e geológico pelo Serviço Geológico do Brasil (CPR

ANEXO P – Matéria A Tarde – MP investiga agressões à Pedra de Xangô

BAHIA E SERGIPE: R$ 2,50
OUTROS ESTADOS: R$ 5,00
FECHAMENTO: 23H48

A TARDE

www.atarde.com.br

FUNDADOR: ERNESTO SIMÕES FILHO

Salvador, Sexta-feira, 4 de janeiro de 2019

ANO 107 / Nº 36.433

INTOLERÂNCIA

MP-BA investiga agressões à Pedra de Xangô

Sucessivos ataques à Pedra de Xangô, local sagrado para os praticantes do candomblé localizado em Cajazeiras, estão sendo investigados pelo Ministério Público da Bahia (MP-BA). Ontem religiosos fizeram limpeza no local, onde na última quarta-feira foram despejados cerca de 100 kg de sal. A4

DEPUTADA BAIANA

Tia Eron entra em equipe de ministra polêmica B1

Dendel Galter / Ag. A TARDE



Ialorixá Mãe Dialá, à frente da Pedra de Xangô, local sagrado para o candomblé que vem sofrendo ataques por intolerância religiosa

Felipe Oliveira (EC Bahia) / Divulgação

TRAGÉDIA Colisão entre carreta e micro-ônibus fretado por uma família foi na região de Seabra

ANEXO Q – Ofício da atividade Território de Aprendizagem (FAUFBA)

FAUFBA | Faculdade de Arquitetura
Universidade Federal da Bahia

Salvador, 16 de maio de 2023.

a/c: Maria Alice Silva – GT Pedra de Xangô

Prezadas/os integrantes do Grupo de Trabalho Pedra de Xangô,

Venho, por meio desta, oficializar a proposta de realização da atividade **Território de Aprendizagem – Parque Pedra de Xangô/Cajazeiras**, no âmbito da **disciplina Estudos Sociais e Ambientais**, por mim ministrada junto à tirocinante Sarah Passos, no curso diurno da **Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA**.

A disciplina propõe introduzir conceitos básicos do campo ambiental-urbano, bem como outras epistemologias, situadas através de práticas e experiências da vida coletiva. Propõe, ainda, apresentar uma perspectiva crítica às abordagens desenvolvimentistas e àquelas dualistas acerca de cidade e natureza, humanos e não-humanos, dimensões sociais e dimensões ambientais.

Esta atividade, fundamental no sentido de conectar as/os estudantes com distintas realidades socioespaciais, ambientais e culturais da cidade de Salvador, é proposta para se realizar **no domingo, dia 28/05, das 8hs30 às 12h30**, a partir de articulações previamente realizadas por Maria Alice Silva, doutoranda pelo PPGAU-UFBA, integrante do grupo Etnicidades, autora do livro "Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador", e integrante deste Grupo de Trabalho.

Agradecemos imensamente a disponibilidade para a realização desta atividade, que em muito enriquecerá a formação desta turma de estudantes. Nesta oportunidade, reiteramos nosso apreço e consideração.

Atenciosamente,

Thaís Troncon Rosa
docente responsável

Rua Caetano Moura, 121, Federação, Salvador, Bahia, 40.210-905
+55 71 3283 5889 | www.arquitetura.ufba.br

ANEXO R – Matéria A Tarde – PM intensifica rondas na Pedra de Xangô

A TARDE SALVADOR SEXTA-FEIRA 11/1/2019 SALVADOR REGIÃO METROPOLITANA

PATRIMÔNIO Após registros de ataques de vandalismo e intolerância religiosa, área receberá uma atenção especial

PM intensifica rondas na Pedra de Xangô

TAINÁ CRISTINA*

Após registros frequentes de ataques de vandalismo e intolerância religiosa, a 3ª Companhia Independente de Polícia Militar da Bahia (CIPM-BA) intensificou as rondas na Pedra de Xangô, monumento histórico de matriz africana no bairro de Cajazeiras. De acordo com o major Francisco Menezes, a área ambiental receberá atenção especial para qualquer tipo de anormalidade ou possíveis ataques de destruição.

Um encontro, para atuação no caso das violações contra à Pedra do Xangô, com lideranças religiosas, moradores e autoridades municipais e estaduais, aconteceu, na tarde de ontem, na sede da Prefeitura Bairro de Cajazeiras. Na reunião, foram abordados pontos importantes para a preservação do símbolo religioso e o fortalecimento do "Projeto Parque de Xangô", transformando o local no primeiro parque em rede da América Latina.

"Seria importante o monitoramento daquela área. Observamos a questão do local deserto que precisa muito de iluminação e limpeza. Essas questões influenciam na segurança pública. Além disso, a Pedra da Xangô é um ponto de referência em Cajazeiras", salientou o major Francisco Menezes.

Para o subprefeito de Cajazeiras, Alan Muniz, os ataques de vandalismo vão além da questão intolerância religiosa. "A situação da Pedra de Xangô é muito profunda, vai muito mais além da questão da intolerância. Precisamos sensibilizar toda a população de Cajazeiras e é importante a união de todos. A revitalização do Parque da Pedra de Xangô é a garantia da preservação do patrimônio e, se não avançarmos com os recursos que já estão garantidos e que têm prazo, podemos perder o projeto", revelou Muniz.

"Não podemos ver a Pedra de Xangô apenas como um espaço religioso. Não estamos lutando só por um ambiente de religião, mas por ser também uma área ambiental. Uma vez que temos uma área remanescente de Mata Atlântica. Temos o privilégio de ter uma área o essa", disse a represent do Terreiro Ilê Axé Oxa Sônia Silva.

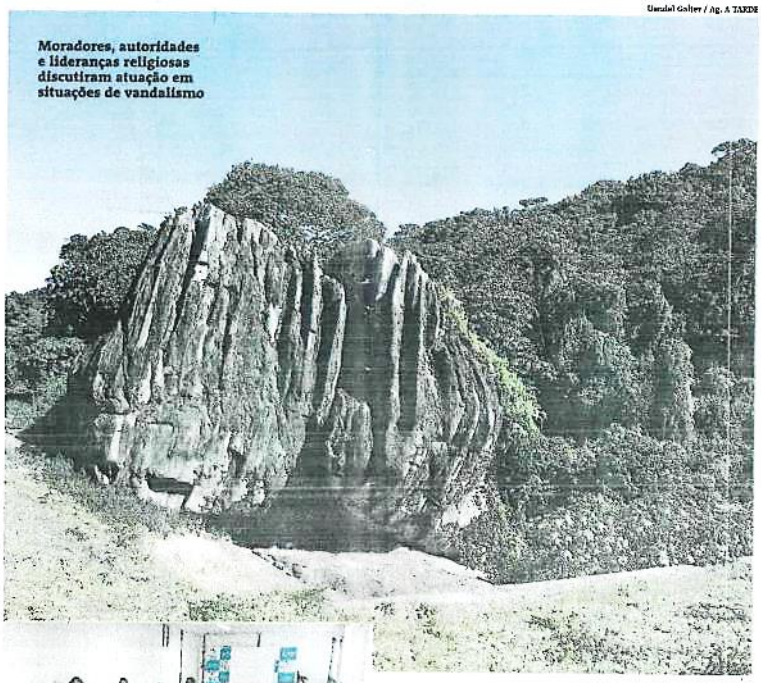
No próximo dia 21, Dia cional de Combate à In rância Religiosa, será rea da uma atividade na Ped Xangô, às 8h. No mês seg te, no dia 10, ocorre a Ca nhada da Pedra de Xa com saída da rua Assis lente. Os adeptos do cand blé, moradores e autorid devem seguir num perc de aproximadamente 2 até o monumento.

"Estou cansada de falar zinha, de bater nas po dos órgãos públicos. Se gãos não escutam, o mun vai ouvir e esse lugar pre de cuidados. A pedra é símbolo sagrado indep dente de religião. O aconteceu não foi some intolerância religiosa, um crime ambiental. O vai para o lençol freátic impede inibe o crescime da vegetação. Temos um l lhante na comunidade", fatizou a advogada e pesq sadora Maria Alice.

O monumento foi alvo ataque entre novembro 2018 e janeiro deste a quando foram despejad quilos de 100 kg de sal p quatro vezes.

Considerada Patrimôn Cultural da Cidade de S vador, a Pedra de Xangô tombada pelo município e 2017 por meio da Fundaç Gregório de Mattos. E 2018, foi reconhecida pe serviço Geológico do Bra (CPRM) como patrimôn geológico por conta da i portância cultural.

* SOB A SUPERVISÃO DA EDITORA MEIRE OLIVEIRA



Moradores, autoridades e lideranças religiosas discutiram atuação em situações de vandalismo

Uendel Galter / Ag. A TARDE



ANEXO S – Atestado de palestrante no Projeto Internacional (ARTÉRIA)

ARTÉRIA
CONEXÕES TRANSFORMADORAS

ATESTADO DE APRESENTAÇÃO DE PALESTRA

Atestamos, para todos os fins de direito, que **MARIA ALICE SILVA,** pesquisadora, realizou uma palestra relacionada a história e importância da Pedra de Xangô para os/as participantes do **PROJETO INTERNACIONAL UMA JORNADA COM TRÊS HOMENS PRETOS: TRAUMA RITUAL E A PROMESSA DO MONSTRUOSO**, no dia 30 de agosto de 2023.

Por ser verdade, firmamos o presente.

São Paulo/SP, 27 de novembro de 2023.

Ubirajara Azevedo dos Santos Filho

Sócio Fundador e diretor
Artéria Desenvolvimento Profissional LTDA / CNPJ.
Rua Arquiteto Jaime Fonseca Rodrigues, nº 581. Alto de Pinheiros.
CEP. 05446-000 São Paulo/SP.
11 98154-0441

ANEXO T – Relatório anual (2023) Parque Pedra de Xangô (SECIS)



PARQUE PEDRA DE XANGÔ

2023

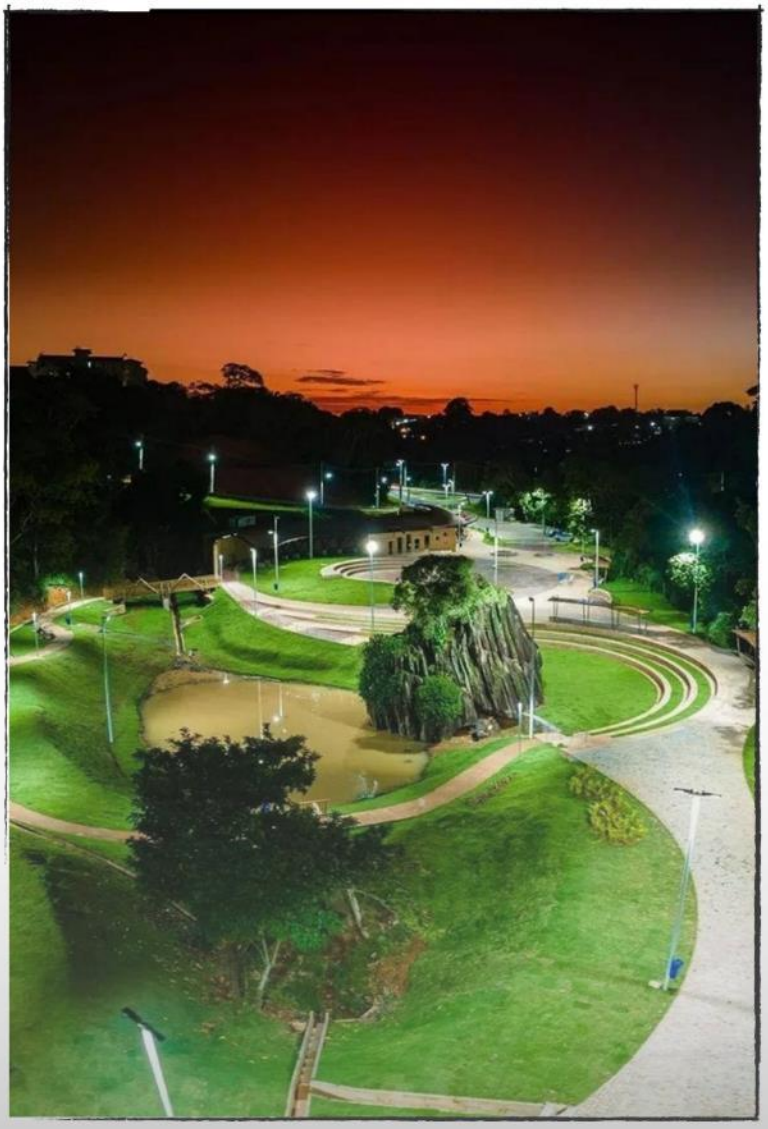




Secretaria de
Sustentabilidade,
Resiliência e Bem-estar
e Proteção Animal

SALVADOR
PREFEITURA

Relatório anual de gestão



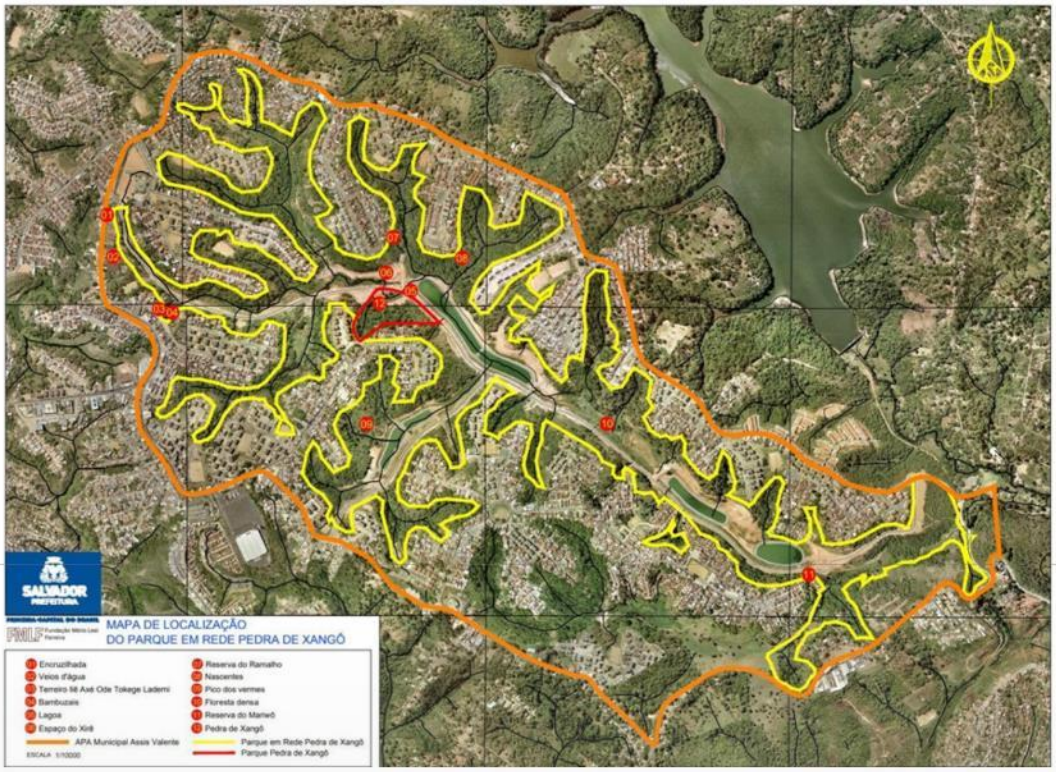
Secretaria de Sustentabilidade, Resiliência e Bem-estar e Proteção Animal

SALVADOR PREFEITURA

APA	PARQUE	PARQUE
• Destinada a proteger a qualidade ambiental e os sistemas naturais existentes, para melhoria da qualidade de vida da população local e para proteçao dos ecossitemas regionais.	• Destinada a resguardar atributos excepcionais da natureza, conciliando a proteção integral da flora, da fauna e das belezas naturais com a utilização para objetivos científicos, educacionais e recreativo. • Neste caso, dar privacidade as praticas religiosas de matriz africana.	• Destinada a resguardar atributos excepcionais da natureza, conciliando a proteção integral da flora, da fauna e das belezas naturais com a utilização para objetivos científicos, educacionais e recreativo. • Neste caso, dar privacidade as praticas religiosas de matriz africana.

Secretaria de
Sustentabilidade,
Resiliência e Bem-estar
e Proteção Animal

SALVADOR
PREFEITURA



Secretaria de Sustentabilidade, Resiliência e Bem-estar e Proteção Animal

SALVADOR PREFEITURA

ESTRATÉGIAS FRUIÇÃO

(Incentivo do pertencimento)

Desde inaugurada em 04/05/2022 até 04/05/2023, sediamos 112 atividades, divididas em 4 eixos principais.



Exemplos de atividades por eixo:

26 RITUAIS:

- AMALÁS;
- FOGUEIRAS DE XANGÔ;
- INGOROSSI;
- SESSÃO DE CABOCLOS;

13 ED. AMBIENTAL:

- PLANTIOS;
- DIÁLOGOS;
- DISTRIBUIÇÃO DE MUDAS (CARAVANA DA M. ATLÂNTICA);

Secretaria de Sustentabilidade, Resiliência e Bem-estar e Proteção Animal

SALVADOR PREFEITURA

6 PESQUISA:

- OBSERVAÇÃO DE PÁSSAROS;
- LEVANTAMENTO DE FLORA;
- ESTUDO TEC SOBRE MACRÓFITAS;

67 ESPORTE:

- 49 RELACIONADAS A CAPOEIRA;
- YOGA;
- CICLISMO;
- AERÓBICA;

OBS. OS DADOS CATALOGAM UNICAMENTE AS ATIVIDADES OFICIADAS.

DESAFIOS E INSTRUMENTOS

- A comunidade local e de terreiro reconhecer que a logística de parque requeria tanto respeito quanto a do espaço sagrado, no que tange a pauta de atividades.

Pensando nisso, criamos um instrumento simplificado de contato, com base em um modelo já usado pela coordenação de unidades de conservação em outras unidades. Mas, que atendia as especificidades do público alvo.

- Com a aceitação do espelho d'agua pelos religiosos como um novo espaço para práticas

rituais, o mesmo recebeu uma grande carga de matéria orgânica contida nas oferendas que acarretaram uma proliferação de agentes biológicos resultando numa epidemia de girinos e no surgimento de plantas macrófitas.

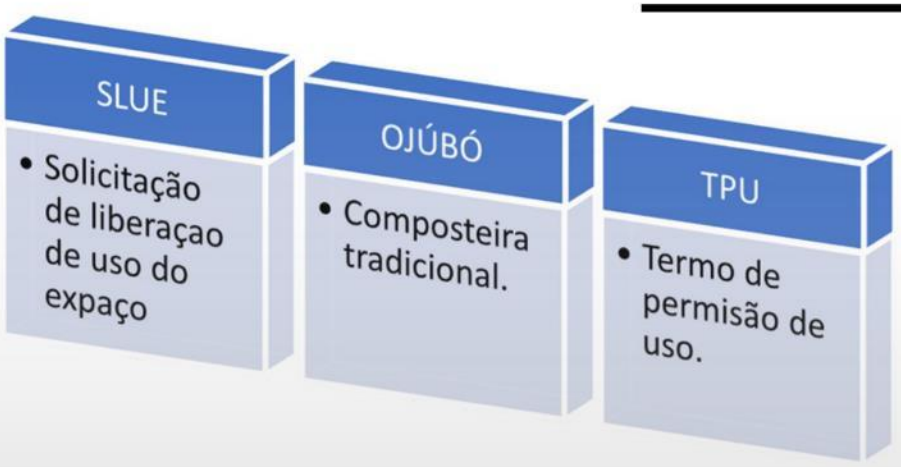
Secretaria de Sustentabilidade, Resiliência e Bem-estar e Proteção Animal

SALVADOR PREFEITURA

Foi então necessário criar um plano de manejo dos resíduos. De forma que não comprometesse a tradicional pratica e que solucionasse a questão sanitária para não colocar o publico em risco. Dialogamos com a oralidade e aprendemos que o ojúbó é o elemento da cosmovisão africana que se destina a isso.

- Outro pleito da religiosidade era um espaço para comercialização. Já que muitos esperavam poder trabalhar em quiosques dentro da área do parque.

Talvez este ainda seja um desafio, mas estamos trabalhando em um instrumento que contemple a comunidade. O termo de permissão de uso consiste em um contrato de regras entre a gestão e o possível permissionário.



Secretaria de Sustentabilidade, Resiliência e Bem-estar e Proteção Animal

SALVADOR PREFEITURA

AMBIENTAL

- 2 tentativas de invasão na area verde proximo ao parque.

"Ambas desmanteladas com auxilio do GEPA e SEDUR".

PREDIAL

- 2 tentaivas de invasão e arromabamento do equipamento de apoio.

"Instalamos grades na unidade".



Secretaria de
Sustentabilidade,
Resiliência e Bem-estar
e Proteção Animal

SALVADOR
PREFEITURA

FORAM REALIZADAS 7 VISITAS PEDAGÓGICAS ORIENTADAS E 6 PASSEIOS CULTURAIS.





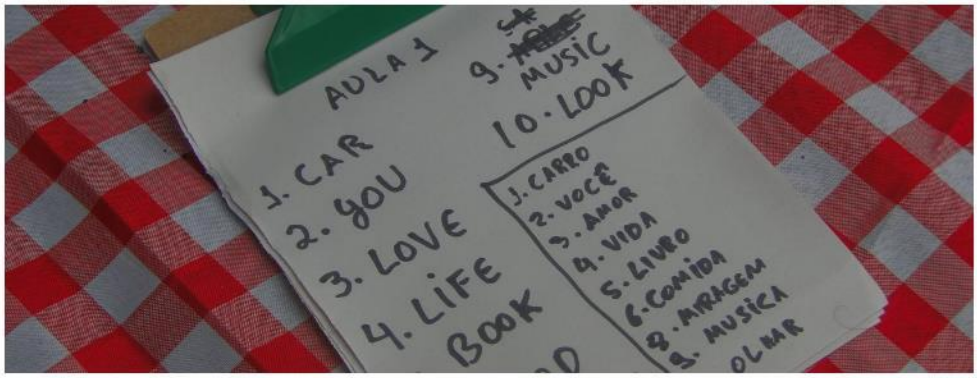


PASSEIO CULTURAL COM O ECOROTEIRO

Secretaria de
Sustentabilidade,
Resiliência e Bem-estar
e Proteção Animal

SALVADOR
PREFEITURA





AULA DE INGLÊS COM A PROFESSORA RENATA FONSECA DO EKILIBRA.



FESTIVAL INTERNACIONAL DE CAPOEIRA REGIONAL
REMANESCENTES. GRUPO FAMÍLIA REMANESCENTES.

Secretaria de
Sustentabilidade,
Resiliência e Bem-estar
e Proteção Animal

SALVADOR
PREFEITURA







AS MATRIARCAS- GUARDIÃS DA PEDRA DE XANGÔ

Secretaria de
Sustentabilidade,
Resiliência e Bem-estar
e Proteção Animal

SALVADOR
PREFEITURA



AUDITÓRIO PALESTRA REALIZADA POR MARIA ALICE SILVA PARA O DOCUMENTÁRIO "UMA JORNADA COM TRÊS HOMENS PRETOS - TRAUMA, RITUAL & A PROMESSA DO MONSTRUOSO", @THREE_BLACK_MEN.





João Resch Leal
Diretor Geral de Gestão do SAVAM

ANEXO U – Relatório de assessoria de imprensa (2020) - Pedra de Xangô (LETRAA)

LETRAA
COMUNICAÇÃO

Relatório de Assessoria de Imprensa

Período: 01/05/2017 a 04/03/2020

Pedra de Xangô

Clippings

Data	Veículo	Tipo Mídia	Cidade	UF	Título	Impacto	Cat	Centim. Minut.	Valor Editorial
04/05/17	Correio 24 horas	Site	Salvador	BA	Justiça para Xangô: prefeitura tomba hoje a Pedra de Xangô, em Cajazeiras	Positivo	A		R$ 3.000,00
04/05/17	G1 - RN	Site	Natal	RN	Monumento da Pedra de Xangô é tombado pela Prefeitura de Salvador	Positivo	A		R$ 2.500,00
04/05/17	reporter hoje	Site	salvador	BA	Pedra de Xangô é finalmente tombada em ação da Prefeitura	Positivo	A		R$ 1.500,00
11/07/17	Correio 24 horas	Site	Salvador	BA	Pedreiro é morto com um tiro no tórax na Fazenda Grande I	Neutro	A		
16/07/17	Diário de Petrópolis	Blog	salvador	BA	Grupo de moradores expulsa traficantes da Rua 14 Bis no Centro	Neutro	B		
16/07/17	Hora do Bico	Blog	salvador	BA	Pedra de Xangô é tombada em ação da Prefeitura	Positivo	B		R$ 1.000,00
30/12/18	Jornal Grande Bahia	Site	Salvador	BA	Salvador: Apuração de crime contra a Pedra de Xangô será cobrada ao MP	Positivo	B		R$ 3.000,00
30/12/18	Cajazeiras News	Blog	Salvador	BA	Sal grosso é jogado na Pedra de Xangô em Cajazeiras	Positivo	B		R$ 1.500,00
31/12/18	Bahia Econômica	Blog	salvador	BA	APURAÇÃO DE CRIME CONTRA A PEDRA DE XANGÔ SERÁ COBRADA AO MP	Positivo	A		R$ 1.000,00
02/01/19	Jornal Grande Bahia	Site	Salvador	BA	Petição em defesa da Pedra de Xangô é protocolada no MP	Positivo	B		R$ 3.000,00
02/01/19	Bahia Municipios	Site	Bahia	BA	Apuração de crime contra a pedra de xangô será cobrada ao MP	Positivo	B		R$ 2.000,00
02/01/19	RC News	Site			Pedra do Xangô	Positivo	B		R$ 1.500,00
02/01/19	TVE BAHIA	TV		BA	TVE Notícias	Positivo	A	02:30 min:seg	R$ 3.309,00
02/01/19	FORTE NA NOTÍCIA	Blog	SALVADOR	BA	Pedra de Xangô é novamente alvo de intolerância	Positivo	B		R$ 1.000,00
02/01/19	Bnews	Site	salvador	BA	Pedra de Xangô é novamente alvo de ato de vandalismo	Positivo	A		R$ 1.000,00
02/01/19	Metro 1	Site		BA	Pedra de Xangô é novamente alvo de intolerância	Positivo	B		R$ 1.500,00
03/01/19	Jornal Grande Bahia	Site	Salvador	BA	Petição em defesa da Pedra de Xangô é protocolada no MP	Positivo	B		R$ 3.000,00
03/01/19	Jornal Folha do Estado	Site		BA	Pedra do Xangô	Positivo	B		R$ 1.500,00
03/01/19	A Tarde	Site			Petição em defesa da Pedra de Xangô é protocolada no Ministério Público	Positivo	B		R$ 1.500,00
03/01/19	Radar da Bahia	Site			MP-BA instaura investigação para apurar caso de intolerância religiosa contra à Pedra de Xangô	Positivo	B		R$ 1.500,00
04/01/19	Varela Notícias	Site		BA	Ministério Público vai investigar ataque à pedra de Xangô em Cajazeiras	Positivo	B		R$ 1.500,00
04/01/19	Correio 24 horas	Site	Salvador	BA	Terreiros fazem petição e pedem que ataque à Pedra de Xangô seja investigado	Positivo	A		R$ 3.000,00

Clippings

Data	Veículo	Tipo Mídia	Cidade	UF	Título	Impacto	Cat	Centim. Minut.	Valor Editorial
04/01/19	G1 - RN	Site	Natal	RN	Ministério Público da Bahia instaura investigação para apurar intolerância religiosa após ataque à Pedra de Xangô	Positivo	A		R$ 2.500,00
11/01/19	Jornal Massa	Blog		BA	Cajazeiras Lideranças se unem contra intolerância	Positivo	B		R$ 1.500,00
14/01/19	Bahia Notícias	Site	Salvador	BA	Salvador sedia 10ª Caminhada da Pedra de Xangô em fevereiro	Positivo	C		R$ 3.000,00
18/01/19	Jornal Grande Bahia	Site	Salvador	BA	Representação junto à Promotoria do Meio Ambiente pede providências sobre irregularidades da ETE Fazenda Grande IV, em Salvador	Positivo	B		R$ 3.000,00
24/01/19	Acorda cidade	Blog	salvador	BA	Início de 2019 registra aumento da intolerância religiosa na Bahia	Positivo	B		R$ 1.500,00
24/01/19	CN1	Blog	SALVADOR	BA	Início de 2019 registra aumento da intolerância religiosa na Bahia	Positivo	A		R$ 2.000,00
24/01/19	Jornal Grande Bahia	Site	Salvador	BA	Início de 2019 registra aumento da intolerância religiosa na Bahia	Positivo	B		R$ 3.000,00
25/01/19	Bahia Já	Blog	salvador	BA	MP: Início de 2019 registra aumento da intolerância religiosa na Bahia	Positivo	B		R$ 1.500,00
27/01/19	ITIRUÇU ONLINE	Blog	SALVADOR	BA	Inicio de 2019 registra aumento de intolerância religiosa na Bahia	Positivo	B		R$ 1.500,00
31/01/19	Tribuna da Bahia	Site	SALVADOR	BA	10ª Caminhada da Pedra de Xangô pede fim da intolerância religiosa	Positivo	A		R$ 3.000,00
31/01/19	Diário da Notícia	Revista	SALVADOR	BA	10ª Caminhada da Pedra de Xangô pede fim da intolerância religiosa	Positivo	A		R$ 2.000,00
02/02/19	Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia	Site	Salvador	BA	Salvador sedia 10ª Caminhada do Maior Monumento Orixá no Brasil	Positivo	B		R$ 1.500,00
13/04/19	Salvador News	Site	Salvador	BA	Visita técnica à Pedra de Xangô acontece neste domingo (14)	Positivo	B		R$ 1.500,00
13/04/19	Jornal Grande Bahia	Site	Salvador	BA	Salvador: MP realiza visita técnica objetivando implantação da APA Vale Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô	Positivo	B		R$ 3.000,00
15/04/19	Jornal Massa	Blog		BA	Visita técnica na Pedra de Xangô	Positivo	B		R$ 1.500,00
15/04/19	Jornal - A tarde	Jornal	Salvador	BA	Pedra do Xangô recebe visita técnica para diagnóstico geral	Positivo	A		R$ 3.000,00
02/05/19	Jornal Grande Bahia	Site	Salvador	BA	Salvador: Pedra de Xangô será palco de encontro histórico; Comunidades se unem para reverenciar o orixá e chamar atenção para a importância do monumen	Positivo	B		R$ 3.000,00
02/05/19	Jornal Grande Bahia	Site	Salvador	BA	Pedra de Xangô	Positivo	B		R$ 3.000,00
04/05/19	Correio 24 horas	Site	Salvador	BA	Integrantes do candomblé e da umbanda fazem encontro histórico na Pedra de Xangô	Positivo	A		R$ 3.000,00
11/05/19	Cajazeiras News	Blog	Salvador	BA	Cajazeiras debate com Embasa transtornos causados pelo órgão	Positivo	B		R$ 1.500,00

Clippings

Data	Veículo	Tipo Mídia	Cidade	UF	Título	Impacto	Cat	Centim. Minut.	Valor Editorial
22/05/19	Diário do turismo	Blog	Salvador	BA	Em 39ª edição, Congresso Brasileiro de Guias de Turismo celebra Etnias Brasileiras	Positivo	B		R$ 1.500,00
12/07/19	Rádio Peão	Blog	Natal	RN	Acidente entre três carros complica trânsito na BR-101 em Natal	Neutro	B		
24/07/19	Voz da Bahia	Site	Salvador	BA	Salvador: Pedra de Xangô sedia Festival de Capoeira Regional	Positivo	A		R$ 2.000,00
24/07/19	Jornal Grande Bahia	Site	Salvador	BA	Salvador: Pedra de Xangô sedia Festival de Capoeira Regional	Positivo	B		R$ 3.000,00
26/07/19	Fala Cajazeiras	Site	Salvador	BA	Pedra de Xangô sedia Festival de Capoeira Regional	Positivo	A		R$ 1.500,00
04/08/19	G1 - BA	Site	Salvador	BA	Festival Internacional de Capoeira Regional acontece em Salvador até dia 11 de agosto	Positivo	A		R$ 2.500,00
04/08/19	Alô Alô Bahia	Site	Salvador	BA	Festival Internacional de Capoeira Regional acontece em Salvador até dia 11 de agosto	Positivo	B		R$ 3.000,00
05/08/19	Nordeteusou	Blog	Salvador	BA	Festival de Capoeira reúne brasileiros e estrangeiros na Pedra de Xangô	Positivo	B		R$ 1.000,00
08/08/19	AratuOn	Blog	Salvador	BA	Audiência pública discute futuro da Pedra do Xangô na próxima semana	Positivo	A		R$ 1.500,00
08/08/19	Ministério Público do Estado da Bahia	Site	Salvador	BA	Audiência pública discute futuro da Pedra do Xangô	Positivo	A		
09/08/19	Bnews	Site	salvador	BA	Audiência pública discute futuro da Pedra do Xangô	Positivo	A		R$ 1.000,00
09/08/19	Voz da Bahia	Site	Salvador	BA	Audiência pública discute futuro da Pedra do Xangô na próxima semana	Positivo	A		R$ 2.000,00
09/08/19	Forte no Recôncavo	Site	Bahia	BA	Audiência pública discute futuro da Pedra do Xangô	Positivo	C		R$ 1.000,00
10/08/19	Bahia Notícias	Site	Salvador	BA	Sedur remove construções e demarcações de terra irregulares na Pedra do Xangô	Positivo	C		R$ 3.000,00
21/08/19	Ministério Público do Estado da Bahia	Site	Salvador	BA	Membros e servidores visitam Pedra de Xangô e Parque São Bartolomeu durante VI Semana do Patrimônio Cultural	Positivo	A		
18/09/19	Prefeitura de Salvador	Site	Salvador	BA	Pedra do Xangô é tema de livro cujo estudo será apresentado até fora do país	Positivo			R$ 0,00
03/10/19	Correio 24 horas	Site	Salvador	BA	Pesquisadora baiana fala em Harvard sobre Pedra de Xangô	Positivo	A		R$ 3.000,00
03/10/19	Fala Cajazeiras	Site	Salvador	BA	Pesquisadora baiana fala em Harvard sobre Pedra de Xangô	Positivo	A		R$ 1.500,00
04/10/19	Carta Capital	Site	Salvador	BA	Pesquisadora Baiana vai a Harvard falar sobre a Pedra de Xangô	Positivo	B		R$ 2.000,00
12/12/19	Fala Cajazeiras	Site	Salvador	BA	CAJAZEIRAS: Trilha ecológica na Pedra de Xangô acontece no próximo dia (15)	Positivo	A		R$ 1.500,00
15/12/19	Jornal Grande Bahia	Site	Salvador	BA	Trilha convida soteropolitanos a conhecer Pedra de Xangô em Salvador	Positivo	B		R$ 3.000,00

Clippings

Data	Veículo	Tipo Mídia	Cidade	UF	Título	Impacto	Cat	Centim. Minut.	Valor Editorial
07/02/20	Correio 24 horas	Site	Salvador	BA	Parque Pedra de Xangô ficará pronto em seis meses	Positivo	A		R$ 3.000,00
09/02/20	Correio 24 horas	Site	Salvador	BA	Caminhada da Pedra de Xangô reúne 5 mil pessoas em Cajazeiras	Positivo	A		R$ 3.000,00
09/02/20	G1 - BA	Site	Salvador	BA	Centenas de pessoas participam de caminhada contra intolerância religiosa em Salvador	Positivo	A		R$ 2.500,00
10/02/20	A Tarde	Site			Caminhada promove o respeito à Pedra de Xangô e ao candomblé	Positivo	B		R$ 1.500,00
10/02/20	Voz da Bahia	Site	Salvador	BA	Caminhada contra intolerância religiosa reúne centenas de pessoas em Salvador	Positivo	A		R$ 2.000,00
28/02/20	Correio 24H	Jornal	Salvador	BA	Parque municipal da Pedra de Xangô alia preservação e respeito às diferenças	Positivo	A	118,30 cm/col	R$ 5.560,10
28/02/20	Correio 24H	Jornal	Salvador	BA	Cidade afirmativa	Positivo	A	63,75 cm/col	R$ 2.996,25

Qtde.: 70

Valor Positivo: R$ 138.865,35

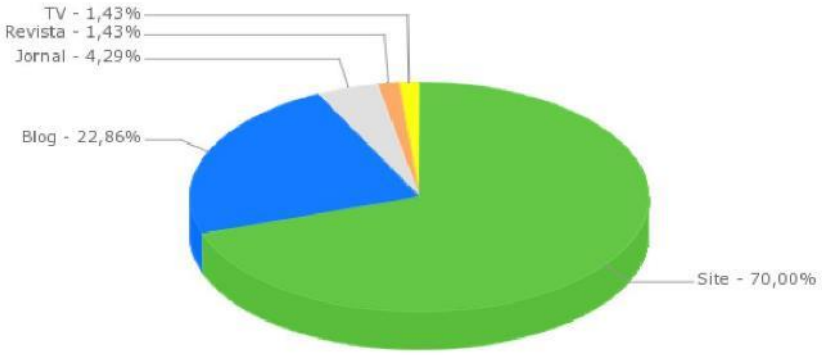
Valor Negativo: R$ 0,00

Valor Editorial Total: **R$ 138.865,35**

Centimetragem Total: **182,05 cm/col**

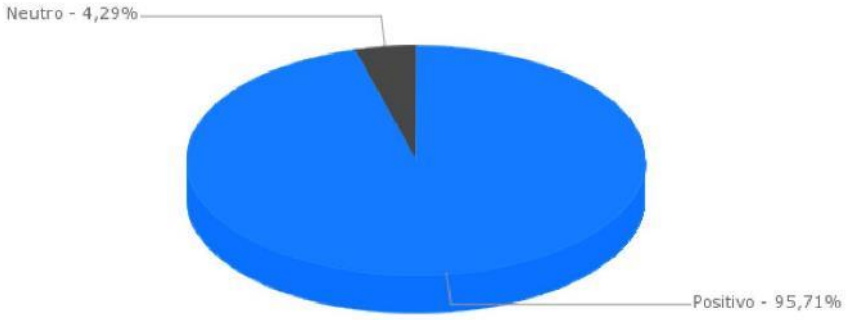
Minutagem Total: **02:30 (min:seg)**

Clippings por Tipo de Mídia



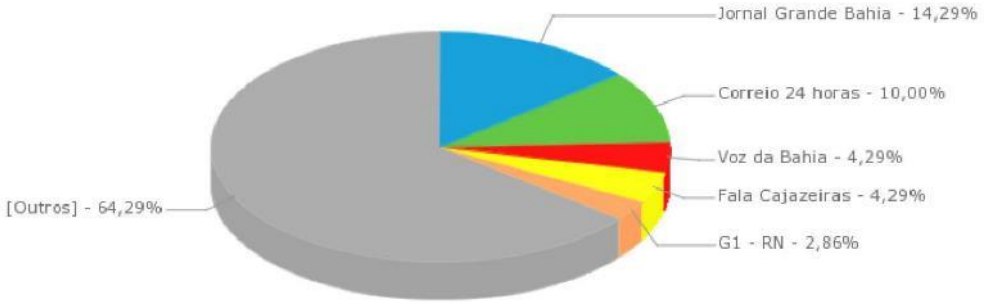
Tipo de Mídia	Qtde.	%
Site	49	70,00 %
Blog	16	22,86 %
Jornal	3	4,29 %
Revista	1	1,43 %
TV	1	1,43 %
Total	**70**	

Clippings por Impacto



Impacto	Qtde.	%
Positivo	67	95,71 %
Neutro	3	4,29 %
Total	**70**	

Clippings por Veículo



Veículo	Tipo de Mídia	Qtde.	%
Jornal Grande Bahia	Site	10	14,29 %
Correio 24 horas	Site	7	10,00 %
Voz da Bahia	Site	3	4,29 %
Fala Cajazeiras	Site	3	4,29 %
G1 - RN	Site	2	2,86 %
Bahia Notícias	Site	2	2,86 %
A Tarde	Site	2	2,86 %
Jornal Massa	Blog	2	2,86 %
Cajazeiras News	Blog	2	2,86 %
Bnews	Site	2	2,86 %
G1 - BA	Site	2	2,86 %
Ministério Público do Estado da Bahia	Site	2	2,86 %
Correio 24H	Jornal	2	2,86 %
Alô Alô Bahia	Site	1	1,43 %
Salvador News	Site	1	1,43 %
Bahia Municipios	Site	1	1,43 %
RC News	Site	1	1,43 %
Jornal Folha do Estado	Site	1	1,43 %
Varela Notícias	Site	1	1,43 %
Radar da Bahia	Site	1	1,43 %
Metro 1	Site	1	1,43 %
TVE BAHIA	TV	1	1,43 %
Jornal - A tarde	Jornal	1	1,43 %
Tribuna da Bahia	Site	1	1,43 %

Veículo	Tipo de Mídia	Qtde.	%
ITIRUÇU ONLINE	Blog	1	1,43 %
Bahia Já	Blog	1	1,43 %
Acorda cidade	Blog	1	1,43 %
CN1	Blog	1	1,43 %
Diário da Notícia	Revista	1	1,43 %
Diário de Petrópolis	Blog	1	1,43 %
Hora do Bico	Blog	1	1,43 %
Bahia Econômica	Blog	1	1,43 %
FORTE NA NOTÍCIA	Blog	1	1,43 %
reporter hoje	Site	1	1,43 %
Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia	Site	1	1,43 %
Rádio Peão	Blog	1	1,43 %
Diário do turismo	Blog	1	1,43 %
Nordeteusou	Blog	1	1,43 %
AratuOn	Blog	1	1,43 %
Forte no Recôncavo	Site	1	1,43 %
Prefeitura de Salvador	Site	1	1,43 %
Carta Capital	Site	1	1,43 %
	Total	**70**	

ANEXO V – Relatório de assessoria de imprensa (2021) - Pedra de Xangô (LETRAA)

LETRA A
comunicação

Relatório de Assessoria de Imprensa

Período: 01/07/2021 a 31/07/2021

Pedra de Xangô

Clippings

Data	Veículo	Tipo Mídia	Cidade	UF	Título	Impacto	Cat	Centim. Minut.	Valor Editorial
14/06/21	Correio 24 horas	Site	Salvador	BA	Obra do Parque de Xangô utiliza materiais de baixo impacto ambiental	Positivo	A		R$ 3.000,00
10/07/21	G1 - BA	Site	Salvador	BA	Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro	Positivo	A		R$ 2.500,00
10/07/21	Rede BCN	Site		SP	Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro	Positivo	B		R$ 1.500,00
10/07/21	Jornal Grande Bahia	Site	Salvador	BA	Salvador: Pedra de Xangô sedia primeiro casamento religioso afro-brasileiro	Positivo	B		R$ 3.000,00

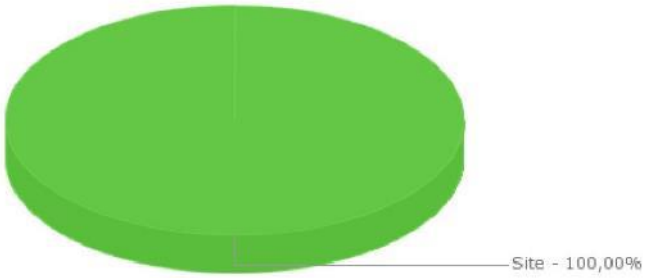
Qtde.: 4

Valor Positivo: R$ 10.000,00

Valor Negativo: R$ 0,00

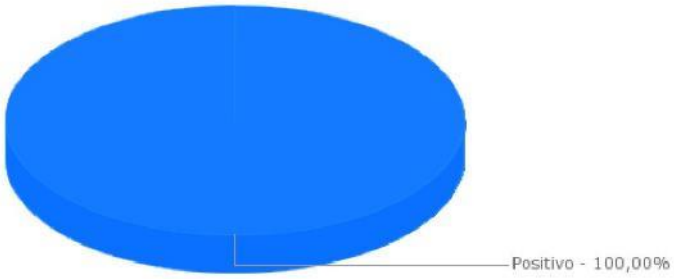
Valor Editorial Total: **R$ 10.000,00**

Clippings por Tipo de Mídia



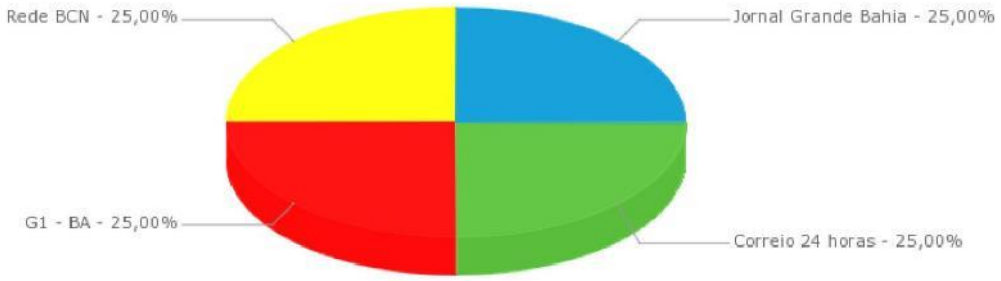
Tipo de Mídia	Valor	Qtde.	%
Site	R$ 10.000,00	4	100,00 %
Total	**R$ 10.000,00**	**4**	

Clippings por Impacto



Impacto	Valor	Qtde.	%
Positivo	R$ 10.000,00	4	100,00 %
Total	**R$ 10.000,00**	**4**	

Clippings por Veículo



Veículo	Tipo de Mídia	Valor	Qtde.	%
Jornal Grande Bahia	Site	R$ 3.000,00	1	25,00 %
Correio 24 horas	Site	R$ 3.000,00	1	25,00 %
G1 - BA	Site	R$ 2.500,00	1	25,00 %
Rede BCN	Site	R$ 1.500,00	1	25,00 %
	Total	**R$ 10.000,00**	**4**	

Imagens dos Clippings

(a seguir)

Veículo: Correio 24 horas - **Tipo de Mídia:** Site - **Data:** 14/06/2021 - **Cidade/UF:** Salvador / BA - **Imagem:** 1/3
Título: Obra do Parque de Xangô utiliza materiais de baixo impacto ambiental
Impacto: Positivo
Link: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/obra-do-parque-de-xango-utiliza-materiais-de-baixo-impacto-ambiental



Projeto tem como prioridade a manutenção da vegetação remanescente de Mata Atlântica (Foto: Divulgação/FMLF

Obra do Parque de Xangô utiliza materiais de baixo impacto ambiental

Prefeitura entregará o espaço em novembro deste ano

Usada por escravos que fugiam das fazendas na região de Cajazeiras, em Salvador, durante o Século XIX, a Pedra de Xangô é um símbolo de resistência. Antes conhecida como Pedra do Buraco da Onça, ela ficava escondida por um matagal em uma área de Mata Atlântica que favorecia os escravos em fuga. Hoje, o local, que é considerado sagrado pelos religiosos de matriz africana, aos poucos se transforma no Parque de Xangô. A obra está sendo realizada pela gestão municipal, que dá um novo tratamento à área, permitindo tanto a preservação do espaço quanto a oferta à população de uma nova alternativa de lazer e convivência.

O Parque de Xangô, localizado na Avenida Assis Valente, no bairro de Fazenda Grande II, é um compromisso da Prefeitura de Salvador firmado à época do tombamento municipal da Pedra de Xangô, em 2017. A obra, que começou em fevereiro do ano passado e teve uma pausa por conta da pandemia, tem previsão de ser finalizada em novembro deste ano. O projeto, de autoria da FFA Arquitetura e Urbanismo e coordenado pela Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF), atende a um pedido de estudiosos e adeptos de religiões de matriz africana à gestão municipal.

Veículo: Correio 24 horas - **Tipo de Mídia:** Site - **Data:** 14/06/2021 - **Cidade/UF:** Salvador / BA - **Imagem:** 2/3
Título: Obra do Parque de Xangô utiliza materiais de baixo impacto ambiental
Impacto: Positivo
Link: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/obra-do-parque-de-xango-utiliza-materiais-de-baixo-impacto-ambiental

"O Parque Pedra de Xangô vai ser mais um patrimônio cultural da cidade. São 70 mil metros quadrados de Mata Atlântica que servirão também para preservar um dos principais símbolos de religiões de matrizes africanas da nossa cidade. Agora, todo o povo de santo vai ter um local belíssimo para cultuar a sua fé e pedir suas proteções. Será mais um ponto turístico que transcende a questão religiosa e vai atrair milhares de visitantes"_**Bruno Reis, prefeito de Salvador**

Compromisso ambiental

Com uma intervenção urbanística numa área de 67.163,06m², o projeto, que tem investimento de R$ 8 milhões, tem como prioridade a manutenção da vegetação remanescente de Mata Atlântica. Com a construção do parque, a população, especialmente a de Cajazeiras, terá à disposição uma nova alternativa de lazer e convivência, que irá aproximar as pessoas da história cultural de Salvador e conscientizar da necessidade da preservação da natureza.

A urbanização do espaço ao redor da Pedra do Xangô prevê ainda o reflorestamento das áreas degradadas e espaços para cultivo das árvores consideradas sagradas para a religião e representativas da Mata Atlântica. Todos os serviços de infraestrutura utilizaram materiais ambientalmente sustentáveis, a exemplo de luminárias solares e paredes em Taipa de Pilão.

"A Pedra de Xangô está inserida em uma Área de Proteção Ambiental. Toda a remanescente de Mata Atlântica está sendo preservada. Além disso, todas as áreas degradadas serão replantadas. Esse parque faz parte do chamado Parque em Rede, onde serão trabalhados todos os marcos que articulam os pontos sagrados, como nascentes e árvores"_**Tânia Scofield, presidente da FMLF**

Andamento da obra

Atualmente está sendo executada a urbanização do entorno da Pedra de Xangô, além da implantação do desvio da Avenida Assis Valente e do acabamento do memorial, que foi edificado em taipa de pilão e tijolos ecológicos. As obras de drenagem, a construção do anfiteatro e toda parte de terraplanagem já foram concluídas.

Veículo: Correio 24 horas - **Tipo de Mídia:** Site - **Data:** 14/06/2021 - **Cidade/UF:** Salvador / BA - **Imagem:** 3/3
Título: Obra do Parque de Xangô utiliza materiais de baixo impacto ambiental
Impacto: Positivo
Link: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/obra-do-parque-de-xango-utiliza-materiais-de-baixo-impacto-ambiental



Urbanização do espaço ao redor da Pedra do Xangô prevê ainda o reflorestamento das áreas degradadas (Foto: Divulgação/FMLF)

O projeto prevê ainda a criação de uma zona de amortecimento paisagístico no entorno da pedra, a pavimentação do sistema viário e implantação de praça, construção de arquibancadas, escadas, pontilhões e vertedouro, além da instalação de equipamentos e mobiliários urbanos.

Também estão previstos auditório, área administrativa, sanitários e estabelecimentos comerciais voltados para o parque. Além disso, o projeto propõe trazer de volta o espelho d'água que circundava a pedra. O espaço terá trilhas a céu aberto, anfiteatro e áreas para exposições com elementos simbólicos das religiões de matrizes africana e indígena. "Tudo com o uso de materiais de baixo impacto ambiental e de alto valor ecológico", garante Tânia Scofield.

Você Sabia?

A Pedra de Xangô é protegida pela Lei de Preservação do Patrimônio Cultural do Município (8.550/2014). Ela foi tombada pela prefeitura em maio de 2017, através da Fundação Cultural Gregório de Matos (FGM), que oficializou o tombamento da pedra em si e da área considerada sítio histórico do antigo Quilombo Buraco do Tatu. Com isso, a Pedra de Xangô se tornou o terceiro monumento protegido pela lei.

Xangô, um dos principais orixás no panteão africano, é o patrono da justiça. Kaô kabiesilê, sua saudação, em tradução aproximada para o português, significa "o rei quis assim". Tem como parceira mais constante a orixá Iansã, embora se relacione também com Obá e Oxum. A rocha é sua força da natureza e o machado, seu símbolo.

Veículo: G1 - BA - **Tipo de Mídia:** Site - **Data:** 10/07/2021 - **Cidade/UF:** Salvador / BA - **Imagem:** 1/4
Título: Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro
Impacto: Positivo
Link: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/07/10/pedra-do-xango-monumento-sagrado-para-religioes-de-matrizes-africanas-sedia-primeiro-casamento-afro-brasileiro.ghtml

Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro

Celebração da união de Stefano Diego Borges "Odesì", ou seja, vodunsi iniciado para o Vodun Odé, e a noiva Sinay Almeida, Gayaku, mãe de santo do Terreiro Vodun Kwe Tò Zò de nação Jeje, aconteceu neste sábado, em Salvador.

Por G1 BA
10/07/2021 15h07 · Atualizado 10/07/2021



Primeiro casamento afro-brasileiro é realizado na Pedra de Xangô, em Salvador

A Pedra de Xangô, monumento sagrado para as religiões de matrizes africanas que fica no bairro de Cajazeiras, em Salvador, sediou, no início da tarde deste sábado (10) a primeira cerimônia de casamento religioso afro-brasileiro de que se tem notícia realizada no local.

Veículo: G1 - BA - **Tipo de Mídia:** Site - **Data:** 10/07/2021 - **Cidade/UF:** Salvador / BA - **Imagem:** 2/4
Título: Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro
Impacto: Positivo
Link: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/07/10/pedra-do-xango-monumento-sagrado-para-religioes-de-matrizes-africanas-sedia-primeiro-casamento-afro-brasileiro.ghtml

O noivo é Stefano Diego Borges "Odesì", ou seja, vodunsi iniciado para o Vodun Odé, e a noiva Sinay Almeida, Gayaku, mãe de santo do Terreiro Vodun Kwe Tò Zò de nação Jeje, receberam as bênçãos por meio das mãos de Tata Mutá Imê, sacerdote de nação Angola. A cerimônia contou com a presença de sacerdotes e sacerdotisas do Candomblé.

Stefano Diego é diretor do projeto Capoeira Tò Zò, que tem como objetivo tirar as crianças e jovens da região das ruas e apresentá-los à capoeira, a fim de usá-la como base para suas formações e empoderamento.

Já Gayaku Sinay, além de sacerdotisa do grupo GT da Pedra de Xangô, é instrumentadora cirúrgica e ativista de movimentos sociais e ambientais. Ela faz parte do núcleo da UBM (União Brasileira de Mulheres) da região de Cajazeiras.



Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro — Foto: Selma Santos

Veículo: G1 - BA - **Tipo de Mídia:** Site - **Data:** 10/07/2021 - **Cidade/UF:** Salvador / BA - **Imagem:** 3/4
Título: Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro
Impacto: Positivo
Link: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/07/10/pedra-do-xango-monumento-sagrado-para-religioes-de-matrizes-africanas-sedia-primeiro-casamento-afro-brasileiro.ghtml

O casal se conhece há aproximadamente 25 anos. Começaram o namoro quando adolescentes, mas, por alguns motivos se separaram e, nesse ínterim constituíram outras famílias.

Stefano e Gayaku, ambos do Candomblé Jeje, se reencontram depois de nove anos e estão juntos desde então.

"É um amor que temos desde a adolescência, depois de muitos desencontros nos reencontramos e vamos reafirmar e celebrar nossa união. A Pedra de Xangô foi escolhida como cenário, sob a devoção e o amor que temos a Sogbò [Divindade Fon equivalente a Xangô]. A escolha do sacerdote tem como base a hierarquia e tem o objetivo de representar a união entre as nações em prol do patrimônio comum", disse o noivo.

"Eu cresci ouvindo que o que é do homem o bicho não come. Nós passamos muito tempo separados e, depois de alguns anos, Oya nos reaproximou. Então, nada mais justo do que celebrar esse reencontro, essa reaproximação e a resistência desse amor, pedindo as bênçãos na Pedra de Xangô", festejou a noiva.

"Eu que sou filha de Oya e Sogbò, raspada por um homem de Xangô, não poderia escolher outro lugar para meu casamento", afirmou.

Veículo: G1 - BA - **Tipo de Mídia:** Site - **Data:** 10/07/2021 - **Cidade/UF:** Salvador / BA - **Imagem:** 4/4
Título: Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro
Impacto: Positivo
Link: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/07/10/pedra-do-xango-monumento-sagrado-para-religioes-de-matrizes-africanas-sedia-primeiro-casamento-afro-brasileiro.ghtml



Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro — Foto: Selma Santos

Mestra e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Ufba, Maria Alice Silva, que também é autora do livro "Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador" aponta que a realização do ato religioso na Pedra de Xangô mostra a importância do monumento para os adeptos das religiões de matriz afro-brasileira.

"Com a tão esperada inauguração do Parque Pedra de Xangô, o povo de terreiro, pela primeira vez na história, vai poder contar com um equipamento público onde poderá realizar suas celebrações, sob as bênçãos dos orixás, voduns, nkisis, caboclos e encantados", disse Maria Alice Silva.

"É um momento histórico, único, um marco para as comunidades de terreiros na Bahia. Esperamos que muitos casamentos sejam realizados na Pedra de Xangô, Nzazi e Sogbo, patrimônio cultural da cidade de Salvador", comemorou.

Veículo: Rede BCN - **Tipo de Mídia:** Site - **Data:** 10/07/2021 - **Cidade/UF:** SP - **Imagem:** 1/2
Título: Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro
Impacto: Positivo
Link: https://redebcn.com.br/2021/07/10/pedra-do-xango-monumento-sagrado-para-religioes-de-matrizes-africanas-sedia-primeiro-casamento-afro-brasileiro



CIDADES BA

Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro

2 dias atrás

FACEBOOK

Celebração da união de Stefano Diego Borges "Odesi", ou seja, vodunsi iniciado para o Vodun Odé, e a noiva Sinay Almeida, Gayaku, mãe de santo do Terreiro Vodun Kwe Tò Zò de nação Jeje, aconteceu neste sábado, em Salvador. Primeiro casamento afro-brasileiro é realizado na Pedra de Xangô, em Salvador
A Pedra de Xangô, monumento sagrado para as religiões de matrizes africanas que fica no bairro de Cajazeiras, em Salvador, sediou, no início da tarde deste sábado (10) a primeira cerimônia de casamento religioso afro-brasileiro de que se tem notícia realizada no local.

O noivo é Stefano Diego Borges "Odesi", ou seja, vodunsi iniciado para o Vodun Odé, e a noiva Sinay Almeida, Gayaku, mãe de santo do Terreiro Vodun Kwe Tò Zò de nação Jeje, receberam as bênçãos por meio das mãos de Tata Mutá Imê, sacerdote de nação Angola. A cerimônia contou com a presença de sacerdotes e sacerdotisas do Candomblé.
Stefano Diego é diretor do projeto Capoeira Tô Zô, que tem como objetivo tirar as crianças e jovens da região das ruas e apresentá-los à capoeira, a fim de usá-la como base para suas formações e empoderamento.
Já Gayaku Sinay, além de sacerdotisa do grupo GT da Pedra de Xangô, é instrumentadora cirúrgica e ativista de movimentos sociais e ambientais. Ela faz parte do núcleo da UBM (União Brasileira de Mulheres) da região de Cajazeiras.

Veículo: Rede BCN - **Tipo de Mídia:** Site - **Data:** 10/07/2021 - **Cidade/UF:** SP - **Imagem:** 2/2
Título: Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro
Impacto: Positivo
Link: https://redebcn.com.br/2021/07/10/pedra-do-xango-monumento-sagrado-para-religioes-de-matrizes-africanas-sedia-primeiro-casamento-afro-brasileiro

Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro

Selma Santos

O casal se conhece há aproximadamente 25 anos. Começaram o namoro quando adolescentes, mas, por alguns motivos se separaram e, nesse interim constituíram outras famílias.

Stefano e Gayaku, ambos do Candomblé Jeje, se reencontram depois de nove anos e estão juntos desde então.

"É um amor que temos desde a adolescência, depois de muitos desencontros nos reencontramos e vamos reafirmar e celebrar nossa união. A Pedra de Xangô foi escolhida como cenário, sob a devoção e o amor que temos a Sogbò [Divindade Fon equivalente a Xangô]. A escolha do sacerdote tem como base a hierarquia e tem o objetivo de representar a união entre as nações em prol do patrimônio comum", disse o noivo.

"Eu cresci ouvindo que o que é do homem o bicho não come. Nós passamos muito tempo separados e, depois de alguns anos, Oya nos reaproximou. Então, nada mais justo do que celebrar esse reencontro, essa reaproximação e a resistência desse amor, pedindo as bênçãos na Pedra de Xangô", festejou a noiva.

"Eu que sou filha de Oya e Sogbò, raspada por um homem de Xangô, não poderia escolher outro lugar para meu casamento", afirmou.

Pedra do Xangô, monumento sagrado para religiões de matrizes africanas, sedia primeiro casamento afro-brasileiro

Selma Santos

Mestra e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Ufba, Maria Alice Silva, que também é autora do livro "Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador" aponta que a realização do ato religioso na Pedra de Xangô mostra a importância do monumento para os adeptos das religiões de matriz afro-brasileira.

"Com a tão esperada inauguração do Parque Pedra de Xangô, o povo de terreiro, pela primeira vez na história, vai poder contar com um equipamento público onde poderá realizar suas celebrações, sob as bênçãos dos orixás, voduns, nkisis, caboclos e encantados", disse Maria Alice Silva.

"É um momento histórico, único, um marco para as comunidades de terreiros na Bahia. Esperamos que muitos casamentos sejam realizados na Pedra de Xangô, Nzazi e Sogbo, patrimônio cultural da cidade de Salvador", comemorou.

Veja mais notícias do estado no G1 Bahia.

Assista aos vídeos do G1 e TV Bahia 💻

Ouça o podcast 'Eu te explico' 🎙

Veículo: Jornal Grande Bahia - **Tipo de Mídia:** Site - **Data:** 10/07/2021 - **Cidade/UF:** Salvador / BA - **Imagem:** 1/3
Título: Salvador: Pedra de Xangô sedia primeiro casamento religioso afro-brasileiro
Impacto: Positivo
Link: https://www.jornalgrandebahia.com.br/2021/07/salvador-pedra-de-xango-sedia-primeiro-casamento-religioso-afro-brasileiro

Salvador: Pedra de Xangô sedia primeiro casamento religioso afro-brasileiro

10 de julho de 2021 | Redação do Jornal Grande Bahia | Brasil



Também está sendo planejado um casamento coletivo e gratuito, fruto de parceria entre o Cartório de Cajazeiras, a plataforma digital Pedra de Xango.

A Pedra de Xangô, monumento sagrado para as religiões de matrizes africanas localizado na comunidade de Cajazeiras em Salvador, sedia, neste sábado (10/07/2021) a primeira cerimônia de casamento religioso afro-brasileiro de que se tem notícia realizada no local. O casal receberá as bênçãos por meio das mãos de Tata Mutá Imê, sacerdote de nação Angola, a partir das 13:30 horas. A cerimônia contará com a presença de sacerdotes e sacerdotisas do Candomblé.

O noivo é Stefano Diego Borges "Odesi", ou seja, vodunsi iniciado para o Vodun Odé. Diretor do projeto Capoeira Tò Zò, que tem como objetivo tirar as crianças e jovens da região das ruas e apresentá-los à capoeira, a fim de usá-la como base para suas formações e empoderamento.

Veículo: Jornal Grande Bahia - **Tipo de Mídia:** Site - **Data:** 10/07/2021 - **Cidade/UF:** Salvador / BA - **Imagem:** 2/3
Título: Salvador: Pedra de Xangô sedia primeiro casamento religioso afro-brasileiro
Impacto: Positivo
Link: https://www.jornalgrandebahia.com.br/2021/07/salvador-pedra-de-xango-sedia-primeiro-casamento-religioso-afro-brasileiro

A noiva é Sinay Almeida, Gayaku, mãe de santo do Terreiro Vodun Kwe Tò Zò de nação Jeje. Gayaku Sinay, além de sacerdotisa do grupo GT da Pedra de Xangô, é instrumentadora cirúrgica e ativista de movimentos sociais e ambientais. Ela faz parte do núcleo da UBM (União Brasileira de Mulheres) da região de Cajazeiras.

O casal se conhece há aproximadamente 25 anos. Começaram o namoro quando adolescentes, mas, por alguns motivos se separaram e, nesse ínterim constituíram outras famílias. Depois de nove anos se reencontraram e estão juntos desde então. Ambos são do Candomblé de Nação Jeje e receberão as bênçãos da Pedra de Xangô.

"É um amor que temos desde a adolescência, depois de muitos desencontros nos reencontramos e vamos reafirmar e celebrar nossa união. A Pedra de Xangô foi escolhida como cenário, sob a devoção e o amor que temos a Sogbò [Divindade Fon equivalente a Xangô]. A escolha do sacerdote tem como base a hierarquia e tem o objetivo de representar a união entre as nações em prol do patrimônio comum", esclarece o noivo.

"Eu cresci ouvindo que o que é do homem o bicho não come. Nós passamos muito tempo separados e, depois de alguns anos, Oya nos reaproximou. Então, nada mais justo do que celebrar esse reencontro, essa reaproximação e a resistência desse amor, pedindo as bênçãos na Pedra de Xangô. Eu que sou filha de Oya e Sogbò, raspada por um homem de Xangô, não poderia escolher outro lugar para meu casamento", festeja a noiva.

Veículo: Jornal Grande Bahia - **Tipo de Mídia:** Site - **Data:** 10/07/2021 - **Cidade/UF:** Salvador / BA - **Imagem:** 3/3
Título: Salvador: Pedra de Xangô sedia primeiro casamento religioso afro-brasileiro
Impacto: Positivo
Link: https://www.jornalgrandebahia.com.br/2021/07/salvador-pedra-de-xango-sedia-primeiro-casamento-religioso-afro-brasileiro

Maria Alice Silva, mestra e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA, autora do livro Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador aponta que a realização do ato religioso na Pedra de Xangô ratifica a importância do monumento para os adeptos das religiões de matriz afro-brasileira.

"Com a tão esperada inauguração do Parque Pedra de Xangô, o povo de terreiro, pela primeira vez na história, vai poder contar com um equipamento público onde poderá realizar suas celebrações, sob as bênçãos dos orixás, voduns, nkisis, caboclos e encantados. É um momento histórico, único, um marco para as comunidades de terreiros na Bahia. Esperamos que muitos casamentos sejam realizados na Pedra de Xangô, Nzazi e Sogbo, patrimônio cultural da cidade de Salvador", comemora.

Em parceria com o Cartório de Cajazeiras, a plataforma digital Pedra de Xango: Forças da Natureza e o terreiro Vodun Kwe Tò Zò estão preparando um casamento coletivo gratuito na Pedra de Xangô.

ANEXO W – Relatório de assessoria de imprensa (2023) - Pedra de Xangô (LETRAA)

LETRA A
comunicação

Relatório de Assessoria de Imprensa

Período: 04/05/2022 a 28/06/2023

Pedra de Xangô

Clippings

Data	Veículo	Tipo Mídia	Cidade	UF	Título	Cat	Centim. Minut.	Valor Editorial
04/05/22	G1 - BA	Portal de Notícias	Salvador	BA	Símbolo de ancestralidade e 1° do Brasil com nome de orixá: Parque da Pedra de Xangô é inaugurado nesta quarta em Salvador	A		R$ 2.500,00
04/05/22	Política Livre	Blog		BA	Nunca antes o povo de santo foi tão reconhecido, diz Bruno ao inaugurar Parque da Pedra de Xangô	B		R$ 1.500,00
04/05/22	Correio 24 horas	Portal de Notícias	Salvador	BA	Parque Pedra de Xangô é inaugurado em Salvador	A		R$ 3.000,00
04/05/22	Metro 1	Portal de Notícias	Salvador	BA	Parque Pedra de Xangô é inaugurado em solenidade em Cajazeiras X	B		R$ 2.000,00
04/05/22	Prefeitura de Salvador	Portal de Notícias	Salvador		Prefeitura inaugura Parque Pedra de Xangô em Cajazeiras	B		R$ 2.000,00
04/05/22	Prefeitura de Salvador	Portal de Notícias	Salvador		Parque Pedra de Xangô é inaugurado pela Prefeitura em Cajazeiras	B		R$ 2.000,00
04/05/22	Jornal da Mídia	Portal de Notícias		BA	Parque Pedra de Xangô é inaugurado pela Prefeitura em Cajazeiras	C		R$ 2.000,00
04/05/22	Salvador da Bahia	Blog			Pedra de Xangô conserva ancestralidade e cultura afro-brasileira em Salvador	C		R$ 1.500,00
04/05/22	Prefeitura de Salvador	Portal de Notícias	Salvador		Pedra de Xangô conserva ancestralidade e cultura afro-brasileira em Salvador	B		R$ 2.000,00
04/05/22	Salvador da Bahia	Blog			Pedra de Xangô conserva ancestralidade e cultura afro-brasileira em Salvador	C		R$ 1.500,00
04/05/22	Jornal Folha do Estado	Portal de Notícias		BA	Parque da Pedra de Xangô é inaugurado nesta quarta, 4, em Salvador	B		R$ 1.500,00
04/05/22	Alô Alô Bahia	Portal de Notícias	Salvador	BA	Com investimento de R$ 8 milhões, Parque Pedra de Xangô é inaugurado em Salvador	B		R$ 3.000,00
04/05/22	iBahia	Portal de Notícias			Com investimento de R$ 8 milhões, Parque Pedra de Xangô, em Cajazeiras, é inaugurado pela Prefeitura nesta quarta (4)	C		R$ 1.500,00
04/05/22	Band Bahia Oficial	YouTube	Bahia		Parque Pedra de Xangô completa cinco anos de tombamento		04:38 min:seg	R$ 5.298,68
04/05/22	Curtindo Salvador	Blog			Parque Pedra de Xangô é inaugurado em Salvador	C		R$ 1.500,00
04/05/22	Central de Notícias	Portal de Notícias			Símbolo De Ancestralidade E 1° Do Brasil Com Nome De Orixá: Parque Da Pedra De Xangô É Inaugurado Nesta Quarta Em Salvador	C		R$ 1.500,00
04/05/22	TV Aratu	YouTube			Centenas de pessoas participam da 14ª Caminhada Pedra de Xangô, em Cajazeiras	C	03:14 min:seg	R$ 3.686,00
04/05/22	TV Aratu	YouTube			Parque da Pedra de Xangô é inaugurado em Cajazeiras	C	03:36 min:seg	R$ 4.104,00
05/05/22	Bahia Econômica	Blog	salvador	BA	PARQUE PEDRA DE XANGÔ É INAUGURADO EM SALVADOR	A		R$ 1.000,00

Clippings

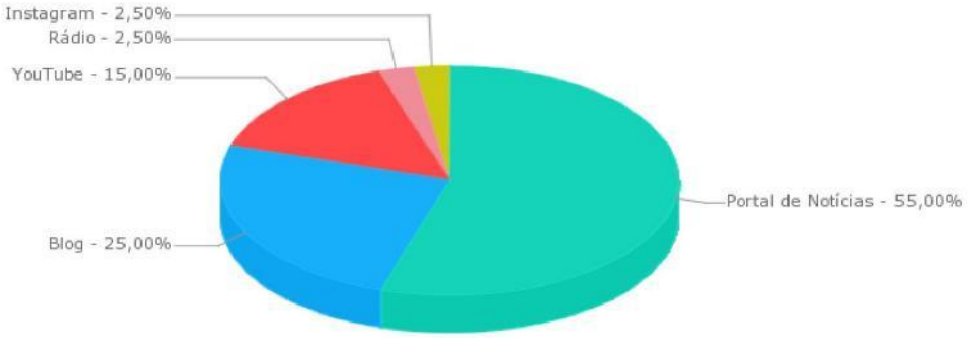
Data	Veículo	Tipo Mídia	Cidade	UF	Título	Cat	Centim. Minut.	Valor Editorial
05/05/22	Leia Mais	Blog			Parque Pedra de Xangô fica pronto e é entregue em Salvador	C		R$ 1.500,00
16/05/22	Prefeitura do Salvador	YouTube			Pedra de Xangô	C	01:00 min:seg	R$ 1.140,00
05/06/22	Mojubá	Rádio			Parque Pedra de Xangô	C	03:21 min:seg	R$ 3.819,00
09/06/22	Terra	Portal de Notícias	NACIONAL		Conheça o Parque Pedra de Xangô, primeiro no Brasil com nome de orixá	A		R$ 6.000,00
02/07/22	Saulus Brazil Travel	YouTube			BEAUTIFUL HIDDEN PLACE IN SALVADOR BRAZIL - PARQUE DA PEDRA DE XANGÔ	D	03:33 min:seg	R$ 2.556,00
28/10/22	Brasil de Fato Pernambuco	YouTube			Parque Pedra de Xangô une religiosidade e preservação ambiental	D	04:54 min:seg	R$ 4.410,00
05/12/22	Andre Fraga - TikTok	Instagram			Inauguração do Parque Pedra de Xagô	E	1 pg	R$ 6.948,00
06/01/23	reporter hoje	Portal de Notícias	salvador	BA	Gestores da Prefeitura serão Guardiões da Pedra de Xangô	A		R$ 1.500,00
06/01/23	Política Livre	Blog		BA	Gestores da Prefeitura serão Guardiões da Pedra de Xangô	B		R$ 1.500,00
06/01/23	Bahia Notícias	Portal de Notícias	Salvador	BA	Gestores da prefeitura, Fernando Guerreiro e Tânia Scofield serão guardiões da Pedra de Xangô	C		R$ 3.000,00
06/01/23	Tribuna da Bahia	Portal de Notícias	SALVADOR	BA	Gestores da Prefeitura serão Guardiões da Pedra de Xangô	A		R$ 3.000,00
07/01/23	Bahia Já	Blog	salvador	BA	PEDRA DE XANGÔ: GESTORES DA PREFEITURA SERÃO GUARDIÃES DO MONUMENTO	B		R$ 1.500,00
04/05/23	iBahia	Portal de Notícias			Parque Pedra de Xangô completa um ano de implantação nesta quinta (4)	C		R$ 1.500,00
04/05/23	Prefeitura de Salvador	Portal de Notícias	Salvador		Parque Pedra de Xangô celebra um ano de implantação	B		R$ 2.000,00
04/05/23	Bahia Já	Blog	salvador	BA	PARQUE PEDRA DE XANGÔ CELEBRA UM ANO DE IMPLANTAÇÃO	B		R$ 1.500,00
04/05/23	Prefeitura de Salvador	Portal de Notícias	Salvador		Parque Pedra de Xangô celebra um ano de implantação	B		R$ 2.000,00
05/05/23	Prefeitura de Salvador	Portal de Notícias	Salvador		Parque Pedra de Xangô celebra um ano de implantação	B		R$ 2.000,00
13/05/23	Jornal Grande Bahia	Portal de Notícias	Salvador	BA	Salvador: Parque Pedra de Xangô celebra um ano de implantação	B		R$ 3.000,00
08/06/23	Sotero Preta	Blog	Salvador	BA	Matriarcas da Pedra de Xangô escolhem os 15 novos guardiões	D		R$ 1.000,00
27/06/23	Prefeitura de Salvador	Portal de Notícias	Salvador		FGM promove debate sobre a Fogueira de Xangô e os Guardiões da Pedra	B		R$ 2.000,00
28/06/23	Cajaon	Portal de Notícias	Cajazeiras	BA	PEDRA DE XANGÔ: Parque realiza roda de conversa sobre racismo ambiental e religioso, nesta quarta (28)	B		R$ 2.000,00

Clippings

Data	Veículo	Tipo Mídia	Cidade	UF	Título	Cat	Centim. Minut.	Valor Editorial

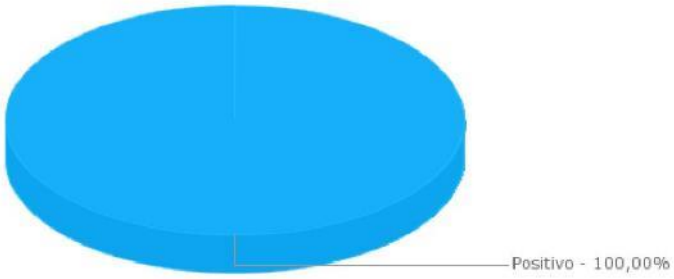
Qtde.:	40
Valor Positivo:	R$ 96.961,68
Valor Negativo:	R$ 0,00
Valor Editorial Total:	**R$ 96.961,68**
Minutagem Total:	**24:16 (min:seg)**

Clippings por Tipo de Mídia



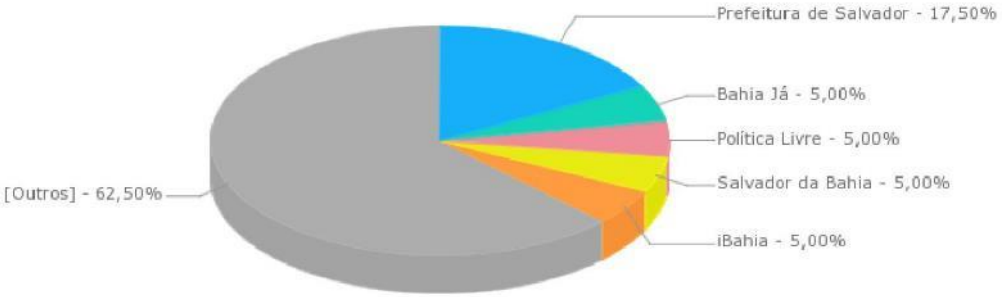
Tipo de Mídia	Valor	Qtde.	%
Portal de Notícias	R$ 51.000,00	22	55,00 %
Blog	R$ 14.000,00	10	25,00 %
YouTube	R$ 21.194,68	6	15,00 %
Rádio	R$ 3.819,00	1	2,50 %
Instagram	R$ 6.948,00	1	2,50 %
Total	**R$ 96.961,68**	**40**	

Clippings por Impacto



Impacto	Valor	Qtde.	%
Positivo	R$ 96.961,68	40	100,00 %
Total	**R$ 96.961,68**	**40**	

Clippings por Veículo



Veículo	Tipo de Mídia	Valor	Qtde.	%
Prefeitura de Salvador	Portal de Notícias	R$ 14.000,00	7	17,50 %
Bahia Já	Blog	R$ 3.000,00	2	5,00 %
Política Livre	Blog	R$ 3.000,00	2	5,00 %
Salvador da Bahia	Blog	R$ 3.000,00	2	5,00 %
iBahia	Portal de Notícias	R$ 3.000,00	2	5,00 %
TV Aratu	YouTube	R$ 7.790,00	2	5,00 %
Jornal da Mídia	Portal de Notícias	R$ 2.000,00	1	2,50 %
Terra	Portal de Notícias	R$ 6.000,00	1	2,50 %
Bahia Notícias	Portal de Notícias	R$ 3.000,00	1	2,50 %
Alô Alô Bahia	Portal de Notícias	R$ 3.000,00	1	2,50 %
Jornal Grande Bahia	Portal de Notícias	R$ 3.000,00	1	2,50 %
Correio 24 horas	Portal de Notícias	R$ 3.000,00	1	2,50 %
Jornal Folha do Estado	Portal de Notícias	R$ 1.500,00	1	2,50 %
Metro 1	Portal de Notícias	R$ 2.000,00	1	2,50 %
Tribuna da Bahia	Portal de Notícias	R$ 3.000,00	1	2,50 %
Bahia Econômica	Blog	R$ 1.000,00	1	2,50 %
reporter hoje	Portal de Notícias	R$ 1.500,00	1	2,50 %

Veículo	Tipo de Mídia	Valor	Qtde.	%
G1 - BA	Portal de Notícias	R$ 2.500,00	1	2,50 %
Band Bahia Oficial	YouTube	R$ 5.298,68	1	2,50 %
Mojubá	Rádio	R$ 3.819,00	1	2,50 %
Curtindo Salvador	Blog	R$ 1.500,00	1	2,50 %
Central de Notícias	Portal de Notícias	R$ 1.500,00	1	2,50 %
Leia Mais	Blog	R$ 1.500,00	1	2,50 %
Brasil de Fato Pernambuco	YouTube	R$ 4.410,00	1	2,50 %
Prefeitura do Salvador	YouTube	R$ 1.140,00	1	2,50 %
Andre Fraga - TikTok	Instagram	R$ 6.948,00	1	2,50 %
Saulus Brazil Travel	YouTube	R$ 2.556,00	1	2,50 %
Cajaon	Portal de Notícias	R$ 2.000,00	1	2,50 %
Sotero Preta	Blog	R$ 1.000,00	1	2,50 %
	Total	**R$ 96.961,68**	**40**	

ANEXO X – E-mail-convite da SEPPIR-Osasco para visita guiada ao Parque

---------- Forwarded message ---------
De: **Amanda Mariana Franca** <seppir@osasco.sp.gov.br>
Date: qua., 5 de abr. de 2023 10:14
Subject: Solicitação agenda para o dia 10 de maio/2023
To: pedradexango12@gmail.com <pedradexango12@gmail.com>
Cc: Elisa Borri Vidal <elisa.seppir@osasco.sp.gov.br>

A/c
Sra. Maria Alice Silva

A **Secretaria Executiva de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR)**, da Prefeitura de Osasco/SP, vem construindo uma agenda consolidada de políticas afirmativas com o olhar para os direitos humanos e liberdades fundamentais.

Com o objetivo de avançar no fortalecimento da equidade étnico-racial a partir da construção de uma cultura de paz e liberdade de crença, o Departamento de Patrimônio Cultural e Comunidades Tradicionais (SEPPIR), tem fomentado políticas públicas de resgate e valorização das religiões de matrizes africanas.

Um dos projetos em fase de estudo e planejamento para ser implantado em nosso município é o **Centro de Referência de Cultura Afro-brasileira e de Religiões de Matrizes Africanas.**

Diante da especificidade do projeto do Centro de Referência e, visto a notável expressão religiosa, cultural e sagrada do Parque Pedra de Xangô, a Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), Sra. Amanda França, junto a equipe da pasta gostaria de agendar uma **visita guiada ao Parque Pedra de Xangô no dia 10 de maio de 2023 (quarta-feira) às 9h.**

Gostaríamos de aproveitar a ocasião da visita para dialogar sobre o processo histórico de instituição do Parque, em especial, com representantes da **Fundação Gregório de Mattos**, **Fundação Mário Leal Ferreira**, **Secretaria Municipal de Sustentabilidade e Resiliência (SECIS)**, **Secretaria da Reparação (SEMUR)** e demais órgãos e coletivos fundamentais na implementação e gestão do local.

Desde já agradecemos a disponibilidade e atenção.

Caso necessário, nos colocamos à disposição - contato Elisa Vidal (Assessoria Gabinete/SEPPIR): (11) 94146-3349.

Att.
Amanda França
Secretária Executiva de Políticas de Promoção da Igualdade Racial /SEPPIR

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE OSASCO - www.osasco.sp.gov.br

ANEXO Y – Correio 24* – Mãe de santo se casa em Pedra Sagrada em primeira cerimônia afro-religiosa do país

24h*

MÃE DE SANTO SE CASA EM PEDRA SAGRADA EM PRIMEIRA CERIMÔNIA AFRO-RELIGIOSA DO PAÍS



NAYA GENTIL

Unidos com as bênçãos de Xangô

Diego e Gayacu Sinay, de nação jeje, receberam as bênçãos do sacerdote angola Tatá Mutá Imé

Xangô sempre esteve presente na vida de Sinay Almeida, a gayacu (o equivalente a ialorixá - mãe de santo -, mas em terreiros de nação jeje) do Vodun Kwe Tò Zò. Por isso, ela considera uma honra ter sido a primeira noiva a se casar na pedra consagrada ao orixá da justiça, em Cajazeiras. A cerimônia aconteceu no sábado (10), graças à união do cartório de Cajazeiras, da plataforma digital Pedra de Xangô: Forças da Natureza e do candomblé da gayacu Sinay.

Os noivos foram abençoados por Tatá Mutá Imé, sacerdote de nação Angola, no ano do 25° aniversário do primeiro encontro de Sinay Almeida com Stefano Diego Borges 'Odesi', aos 17 anos. Na época, começaram a namorar, mas logo se separaram e formaram outras famílias. Nove anos depois, o destino os uniu de novo.

"É um amor que temos desde a adolescência, depois de muitos desencontros nos reencontramos e vamos reafirmar e celebrar nossa união e a Pedra de Xangô foi escolhida como cenário, sob a devoção e o amor que temos por Sogbò [divindade Fon equivalente ao Xangô da nação Ketu]. A escolha do sacerdote [de nação Angola] tem como base a hierarquia e o objetivo de representar a união entre as nações em prol do patrimônio comum [a pedra sagrada em Cajazeiras]", contou Diego.

Ele é diretor do projeto Capoeira Tò Zò, que tira crianças e jovens das ruas e os apresenta à tradição da capoeira. Já gayacu Sinay comanda o terreiro Vodun Kwe Tò Zò, é sacerdotisa do grupo GT da Pedra de Xangô, instrumentadora cirúrgica e ativista de movimentos sociais e ambientais. Também integra o núcleo da União Brasileira de Mulheres (UBM) de Cajazeiras.

"Era só um sonho casar próximo ao monumento,

"Era um sonho casar próximo ao monumento. Mesmo que fosse só a benção já seria suficiente. Não poderia escolher lugar com mais força, energia e importância Sinay Almeida

Primeira noiva a se casar em cerimônia afro-religiosa na Pedra de Xangô

não imaginava que se tornaria realidade, mas pela fé e vontade ainda acreditávamos. Mesmo que fosse só a benção na pedra já seria suficiente. Não poderia escolher um lugar com mais força, energia e importância para a gente", afirmou Sinay.

Filha de Oyá [Iansã] e Sogbò, e tendo como pai de santo um filho de Xangô, gayacu Sinay costuma dizer que Oyá foi quem a reaproximou de Diego. A orixá representa a força dos ventos, o poder da natureza, a garra, a independência e a força femininas. Sogbó é um vodum celeste que se manifesta em forma do trovão e raio. Já Xangô é o orixá da justiça e da sabedoria e também comanda o fogo.

PARQUE

Maria Alice Silva, mestra e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Ufba e autora do livro 'Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador', acredita que a realização do ato religioso na Pedra de Xangô ratifica a importância do monumento para os adeptos das religiões de matriz afro-brasileira.

O local onde está situada a pedra sagrada foi transformado em um parque que está em construção desde fevereiro de 2020, com um projeto da prefeitura de Salvador em parceria com a Fundação Mário Leal Ferreira. Inicialmente, estava previsto para ficar pronto em seis meses, mas a pandemia interrompeu as obras.

A Pedra de Xangô é protegida pela Lei de Preservação do Patrimônio Cultural do Município (8.550/2014). Ela foi tombada pela prefeitura em maio de 2017, através da Fundação Cultural Gregório de Matos (FGM), que oficializou o tombamento da pedra e da área considerada sítio histórico do antigo Quilombo Buraco do Tatu.

A expectativa é que o parque seja inaugurado em novembro. "Com a tão esperada inauguração do Parque Pedra de Xangô, o povo de terreiro, pela primeira vez na história, vai poder contar com um equipamento público onde poderá realizar suas celebrações, sob as bênçãos dos orixás, voduns, nkisis, caboclos e encantados. É um momento histórico, único, um marco para as comunidades de terreiros na Bahia. Esperamos que muitos casamentos sejam realizados na Pedra de Xangô, Nzazi e Sogbó, patrimônio cultural de Salvador", diz a arquiteta.

É nisso que gayacu Sinay também acredita. "Tenho convicção que a força que existe ali fará pessoas muito felizes, como nós somos, e irá ser mostrada para o mundo. Quando as forças do bem querem, elas prevalecem. Prova disso é meu casamento. Cada um foi para um lado mas agora já estamos juntos há um bom tempo e nosso casamento é de resistência, força, perseverança e aprendizado. Aprendemos que o amor seria mais forte do que tudo".

"LUANA LISBOA, COM A ORIENTAÇÃO DA CHEFE DE REPORTAGEM PERLA RIBEIRO

ANEXO Z – Relatório da ONU: Report on the situation of religious racism in brazil elaborated by black women legal experts for the committee on the elimination of racial discrimination

REPORT ON THE SITUATION OF RELIGIOUS RACISM IN BRAZIL
ELABORATED BY BLACK WOMEN LEGAL EXPERTS
FOR THE COMMITTEE ON THE ELIMINATION OF RACIAL DISCRIMINATION

Salvador-BA, 24 October 2022

Shadow Report submitted by ***Selo Juristas negras*,** to the **108th Session of the Committee on the Elimination of Racial Discrimination (CERD)** on the examination of the 18th to 20th periodic report presented by Brazil pursuant to article 9 of the Convention, in Geneva, November 14 to December 2, 2022.[1]

1. INTRODUCTION

Created in 2020, in the midst of the COVID 19 pandemic, *Selo Juristas Negras* ("Black Women Legal Experts Seal") is an organization of women of African descent who work in the most diverse functions of the Brazilian justice system, focused on confronting racism, sexism and all forms of oppression, through the production, dissemination and articulation of Afro-diasporic and pluriversal legal knowledge. Conceived by two black women legal experts from the Northeast of Brazil (Chiara Ramos, from Recife-PE, and Lívia Sant'Anna Vaz, from Salvador-BA), our organization is intergenerational and formed by women legal experts of African descent - academics, lawyers, delegates, public prosecutors, public defenders, judges, prosecutors, advisors and legal assistants - from all regions of the country.

This report aims to present legal and factual grounds on the urgency for action by national and international human rights organizations to combat religious racism and to protect and promote religious freedom equally for religions of African origin in the Brazilian social and legal context.

Religious racism is one of the most serious manifestations of Brazilian racism that assumes a ubiquitous and fluid character, intersecting with other mechanisms of oppression. The phenomenon needs to be appointed in this way as a form of recognition that the violence and discrimination suffered are directly associated with the black background of religiosities of African origin.

Brazil is a national State declared secular by the current Federal Constitution of 1988, having committed to the separation of State and religion and to the protection of religious freedom. In its territory, Brazil is home to countless religious denominations of various types,

[1] Support: Race & Equality - The International Institute on Race, Equality and Human Rights.

such as Christianity, Protestantism, Buddhism, Spiritualism, Judaism, Islam, Shamanism, as well as *Candomblé* and *Umbanda*, the last two being religions of African origin. All these forms of profession of faith are inviolable under the terms of Article 5, item VI, of the Federal Constitution, which ensures the free exercise of religious worship and guarantees, as provided by law, the protection of places of worship and their liturgies.

However, in practice, Afro-Brazilian religions have never experienced religious freedom equally in Brazil, being a constant target of discrimination and violence - including by state agents and bodies - a reality that has worsened in recent years, especially in the current political context of explicit violation of the principle of secularity of the State and the spread of hate speech.

It is urgent that mechanisms be established to protect the freedom of belief and to combat religious racism in Brazil, failing would worsen the violence and violations of rights imposed on religions of African origin.

Therefore, this document will essentially deal with Articles 5, VII and 6 of the International Convention on the Elimination of Racial Discrimination.

2. HISTORICAL CONTEXTUALISATION

Throughout the history of Brazil, Afro-Brazilian religions have been subjected not only to social marginalization, but also to repression by the State, through its legal, political and police apparatus. Although it currently assumes other guises, religious racism continues to be reproduced by public entities - notably the justice system.

The criminalization of religions of African origin began even before Brazil had its own legal order, when it was still governed by the Ordinances of the Kingdom of Portugal. The Philippine Ordinances (1603-1830), in Book V (The Crimes), criminalized heresy, with corporal punishment (Title I) and witchcraft (Title III), with capital punishment. There were many cases of enslaved black people accused of witchcraft because of their religious practices.

The way in which Afro-Brazilian religions developed - in a domestic environment, from and around the "família/comunidade de santo" (saint family/community), with a detailed ritualistic legacy of African origin and often associating *Orixás* with Catholic saints - resulted, to a large extent, from ancestral technologies applied as survival strategies in the face of restrictions imposed by the prevailing legal order.

In effect, the Constitution of 1824 defined Catholicism as the official religion of the Empire, guaranteeing, however, freedom of worship of other religions, provided they were exercised in a domestic environment and without ostentatious temples.

In line with the constitutional norms, the Criminal Code of 1830, in its article 276, criminalized the public celebration, in a house or building with the external form of a temple, of services of a religion other than the official state religion.

As a way of maintaining control over enslaved people of African descent and their religious practices, there was also a Decree of 1832 that forced enslaved individuals to convert to the Catholic religion.

The 1890 Penal Code, in turn, typified spiritism[2] (art. 157) and *curandeirismo*[3] (art. 158), practices directly associated with religions of African origin.

Not even the formalization of the principle of secularity of the State at constitutional level, with the promulgation of the Republican Constitution of 1891 - which established the separation between State and Church and revoked part of the restrictions on non-Catholic cults - was able to ensure equal freedom of belief and worship for Afro-Brazilian religions.

Already under the aegis of the secular state, a still not well-known historical fact occurred in Alagoas, in a context of a local political power dispute. The then governor, who was in his third term and about to elect his successor in the upcoming elections, was accused of making a pact with *Xangô*.[4] That was the ideal pretext for violent acts of religious racism, practiced by people associated with the League of Fighting Republicans, a type of militia opposing the Republican Party of Alagoas. Thus, on 1 February 1912, by means of the paramilitary operation known as *Quebra* or *Operação Xangô* (Operation Xango), the main *terreiros*[5] in the capital of Alagoas were destroyed, their sacred objects were broken, and Afro-Brazilian religious men and women were beaten in a public square. The event spread to the countryside and resulted in a phenomenon of silencing of Afro-Brazilian rituals, known as *xangô-rezado-baixo*, which perpetuated itself in the following decades. The rituals began to be performed silently, without the use of drums, without singing and without clapping, which represents a significant loss of character of the very essence of these religions.

Even in the second half of the 20th century - a much more recent past - repression of religions of African origin continued to be perpetrated by the existing legal order. The 1940 Penal Code itself, still in force, criminalizes charlatanism (art. 283) and *curandeirismo* (art. 284), practices that have historically also been associated with Afro-Brazilian religions. In Paraíba, Law nº 3443 of 1966 required priests and priestesses of these religions to submit to a mental health examination and issue a psychiatric report. In Bahia, Law nº 3097 of 1972 required that *terreiros* be registered with the Prefectures of Gambling and Customs. In this period, ostensive police

---

[2] Art. 157: To practice spiritism, magic and its sorceries, to use talismans and cartomancy to arouse feelings of hate or love, to inculcate cures for curable or incurable diseases, in short, to fascinate and subjugate the public credulity.

[3] Art. 158: To administer, or simply prescribe, as a curative means for internal or external use, and in any prepared form, a substance from any of the kingdoms of nature, thus making or exercising the profession of the so-called healer.

[4] *Xangô* was the name given to Afro-Brazilian religions in Alagoas.

[5] *Terreiro* is the name given to the space where African religions are practiced and celebrated in Brazil, such as candomblé, umbanda and others.

repression of *terreiros* was common, with interruption of religious activities, imprisonment of saint daughters and sons and seizure of sacred objects.

Throughout history, Afro-Brazilian religions were the only ones that had sacred objects systematically seized and exposed in crime museums, a fact that highlights the selective criminalization of the exercise of a fundamental right: freedom of belief. It should be recalled that only in September 2020 the sacred Afro-Brazilian objects exposed in the Civilian Police Museum of Rio de Janeiro were transferred to the Republic Museum.

Only with the Constitution of 1988 has Brazil consecrated the right to broad freedom of belief and worship, excluding the conditions of respect for public order and morals established in previous constitutions. Nevertheless, even after the constitutional guarantee of unrestricted religious freedom, religions of African origin continue to face unfavorable legal, political and social treatment in various spheres.

Indeed, the history of religious discrimination centered on the interiorization of enslaved African and people of African descent is reflected to this day in restrictions on the fundamental rights of the followers of Afro-Brazilian religions, affecting the enjoyment of their rights and establishing unequal treatment in various dimensions of their public and private lives. This reality can be seen in the daily refusal of care in health units, in the embarrassment in the use of public transport - in which religious proselytism has been a vehicle for hate speech against religions of African origin -, and even in the restriction of access to public bodies with religious garments.

3. RELIGIOUS RACISM AND THE JUSTICE SYSTEM

It is not rare to identify decisions of the Brazilian justice system that reproduce religious racism, violating several constitutional precepts, such as equality, the best interests of the child and religious freedom. In this context, it is possible to point out decisions that determine the loss of custody, and even of family power, of children and adolescents because their parents and/or legal guardians - usually women, which reveals the importance of an intersectional perspective on this issue - profess religions of African or Amerindian origin.

A case of great national repercussion occurred in December 2019, when housewife Josileide da Gama was forced to hand over her two children to her sister. The court prohibited the mother from talking to the children by phone and ordered her to keep a distance of at least 300 meters from her own children. This was because the judiciary found her suspected of negligence and of exposing the children to an "inappropriate environment", which would be, according to Josilene, the *Jurema terreiro* that operates in her residence. Due to the way in which the Afro-American religion is described in the process - as "a racket, with drinking, smoking and the presence of people of doubtful character" - the defense believes that the suspension of custody is mainly driven by religious racism.

Lawyer Hédio Silva Junior, former Secretary of Justice of the State of São Paulo and current executive coordinator of the Institute for the Defense of the Rights of Afro-Brazilian Religions has registered three similar cases in which he has directly engaged, since 2019, in addition to another three that he has learned about from colleagues - all related to the relation of children and adolescents with rituals of religions of African origin.

Current data shows that five years ago, São Paulo police stations recorded 5,124 occurrences of the crime of religious intolerance, last year this figure rose to an alarming 15,296 records, all of these cases are related to the relation of children and adolescents with rituals of religions of African origin and impacts on family custody.

The secrecy of justice - common to these judicial actions of childhood and youth and family, aiming at protecting children, adolescents and their families - ends up contributing to hindering the monitoring of such legal processes, covering up religious racism and the related abuses, unconstitutionalities and illegalities practiced by members of the justice system in those cases.

In recent years, the defense of an absolutization of freedom of expression has legitimized the proliferation of hate speech, in some cases with ratification by the judiciary. In May 2014 - on the occasion of the trial of a lawsuit filed by the Federal Public Ministry requesting the removal from YouTube of offensive videos to Umbanda and Candomblé religions - the judge of the 17th Federal Court of Rio de Janeiro, when rejecting the request for a preliminary injunction, argued that, given the absence of a basic text (such as the Bible or the Koran), as well as of a hierarchical structure and a God to be worshipped, these manifestations did not contain the necessary traits to be considered religions. Although he reviewed the decision about the non-recognition of Afro-Brazilian beliefs as religions, the magistrate maintained the denial of the injunction, on the grounds that the content of the videos would be protected by the right to freedom of expression.

The abovementioned examples, among other countless that can be identified, reveal that the Brazilian justice system - whose main profile is of white, heterosexual and Christian men, according to the 2018 Sociodemographic Profile produced by the National Justice Council - is a vehicle for the reproduction of religious racism.

4. VIOLENCE AGAINST RELIGIONS OF AFRICAN ORIGIN IN BRAZIL

Over the years, Brazil has collected several reports of violence that affect religious freedom, with religions of African origin as the main victims.

In the 2000s, the *Iyalorixá* of the *Ilê Axé Abassá de Ogum*, a *candomblé terreiro* - located in the neighborhood of Itapuã in Salvador/BA, Gildásia dos Santos e Santos, better known as Mãe Gilda de Ogum, died as a result of repeated practices of religious racism. She had her *terreiro* invaded by members of an evangelical church, on which occasion the radicals depredated the *terreiro* and assaulted Mãe Gilda's husband.

Days after the invasion of the *terreiro*, Mãe Gilda de Ogum was again a victim of religious extremists. In November 2021, Black Women Legal Experts spoke with Mãe Gilda's daughter and successor, Mãe Jaciara, who told us that after the invasion of the *terreiro*, Mãe Gilda had her face printed in the newspapers of the Universal Church of the Kingdom of God, with a banner saying "charlatan *macumbeiros*[6] harm the lives and pockets of their clients. Her daughter says that when she saw the report in the newspaper of the Universal Church, her mother had a heart attack (cardiorespiratory arrest) and did not resist. The date of her death became, by federal law, the National Day of Combat Against Religious Intolerance.

The graphs in appendix I demonstrate that, in fact, the greatest victims of religious intolerance in Brazil are the adepts of religions of African origin, which, associated to historical factors and persistent violations of rights, unveils the phenomenon of religious racism.

In recent years, attacks on *terreiros* and spaces related to Afro-Brazilian religions have been intensified, especially after declarations from the current President of the Republic, Jair Messias Bolsonaro,[7] who stated that Brazil is a Christian country and makes important political decisions based on religious interests, which has legitimized even more acts of religious racism.

The project of power of the neo-Pentecostal religions in Brazil involves the domination of public entities - notably the Executive and Judiciary Powers and the dispute for territory in various dimensions. In recent years, it is possible to identify the intensification of processes of "evangelization" of criminal organizations that, "in the name of God," have practiced violence against sacred spaces of Afro-Brazilian religions,[8] as exemplified in the image in appendix II.

---

[6] The terms "macumba" and "macumbeiro" are used in a pejorative way in Brazil, but they also name a religious cult of African origin and are re-signified by its practitioners (*macumbeiros*) as a way to affirm the religion. More information at: https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/07/17/o-que-e-macumba-termo-deriva-do-instrumento-e-se-tornou-nome-de-culto.htm?cmpid=copiaecola

[7] In the following links, we present some declarations of the President of Brazil and his wife, the first lady, Michelle Bolsonaro:
https://youtu.be/kyau9uEcJ4E
https://www.youtube.com/watch?v=mnlzylDdcxI
(17) Michelle Bolsonaro doing 'rally' in cult has caught on badly in evangelical circles, says Madeleine Lacsko - YouTube
People connected to Jair Bolsonaro's political group have expressed themselves in a similar way, spreading religious hatred against religions of African origin and encouraging the violation of their sacred spaces. Let's see from the links below:
Elionai Muralhaa on Instagram: "Pedra de Xangô Park. What's Right and Wrong in the Assis Valente Valley !!!!!"
Instagram video of Elionai Muralhaa - Sep 1, 2022 at 10:28 PM

[8] Below are some videos that demonstrate the seriousness of the acts of violence against religions of African matrix in Brazil.
https://www.youtube.com/watch?v=jnj9Ukfp2WM
https://www.youtube.com/watch?v=fU76WV-CVKo
https://www.youtube.com/watch?v=wo3H9xMqWF0
https://www.youtube.com/watch?v=gTsABiS9bR4

5. RIGHTS VIOLATIONS

The absence or restriction on the full enjoyment to certain rights is also evident when it comes to religions of African origin.

This is what happens, for example, in the case of tax immunity, guaranteed by the Federal Constitution, in its Article 150, item VI, line "b", when it prohibits the Union, the States, the Federal District, and the Municipalities from instituting taxes on any worship temples. Operating in informal structures - whether due to socioeconomic factors or a long history of juridical and political persecution - *terreiros* do not effectively receive the tax benefits provided for the current legal order. Because of the tradition of Afro-Brazilian religions, with activities usually developed around families, many *terreiros* are set up in the homes of their leaders, which has generated doctrinal and case-law debates about the scope of tax immunity in these cases. Even so, *terreiros* are being forced to become more bureaucratic in order to access tax immunity, resulting in most temples not having it.

Based on the principle of secularity of the State, the Federal Constitution of 1988 established tax immunity for any worship temples, provided in Article 150, VI, paragraph "b". The immunity is nothing more than a limitation to the tax competence (SCHOUERI, 2019) that has the purpose of protecting places of worship (CAPELONI; BRITO, 2021).

The expression "any worship" should comprehend all religious denominations, however, it does not translate into practice. As already exposed, tax immunity is a way to ensure freedom of belief, but it is noticeable that the effectiveness of this right does not reach all religions. Indeed, in practice, such right has been guaranteed only to a specific set of religions, namely, Catholicism and evangelical cults, verifying the existence of a gap regarding religions of African origin (DUARTE; QUEIROZ; NASCIMENTO, 2017).

Despite the existence of this constitutional right and countless national and international norms that seek to safeguard respect for the right to belief and religious pluralism, the Traditional Peoples of African Origin[9] have suffered violations of various rights, such as the tax benefit already mentioned.

It is evident that the Public Power, in addition to the institutional violence typical of religious racism, which demonizes non-Christian traditions, brings barriers and documentary requirements that are difficult to be met when observing the historical implications of religious

[9] They are culturally differentiated groups, with their own forms of organization, for which the use of tradition to occupy and use the territory and natural resources is a condition for their cultural, social, religious, ancestral and economic reproduction, as conceptualized by Decree No. 6040/2007, influenced by Convention 169 of the International Labour Organization (ILO). And it is in the classification of traditional people that *terreiro* peoples are inserted, among other twenty-eight traditional peoples recognized by Brazilian legislation - Decree nº 8750/2016.

racism. Therefore, it is necessary to think of mechanisms to remove bureaucracy, under the responsibility of the State, so that there is effectively social justice and therefore tax justice.

As an example of a possible instrument to mitigate access to justice, the Municipal Prefecture of Salvador, through the initiative of the Municipal Secretariat for Reparation (SEMUR), makes possible, through registration on the site, exemption from Urban Territorial Tax (IPTU), only with the CPF of the religious leader, as provided for in the Municipal Tax Code of Salvador (2006). It is observed that this measure contemplates about two thousand *terreiros* of diverse origins registered in the city, even though that more than 80% of them have not fully regularized their access to land.

Although beneficial, this measure is still limited, firstly because it treats a constitutionally enshrined right as an exemption. Furthermore, this procedure does not contribute to regularization and legalization of the *terreiros*, nor does it guarantee the restitution of the IPTU values unduly paid before the concession of the benefit.

The issue of the lack of access to tax immunity is just one example that ratifies that the rights of *terreiro* peoples are under constant threat in the face of the gap between legislation and what is actually put into effect, largely as a perverse effect of structural and religious racism, which not only produces inequalities in access to justice, but also imposes obstacles to the pluriversality of epistemes and world cosmoperceptions.

6. RELIGIOUS ENVIRONMENTAL RACISM AND THE NEED FOR THE PROTECTION OF SACRED PUBLIC SPACES

The places of worship transcend the perimeter of the property, in a true instrument of occupation of the city, being discontinuous territories (HEIM, 2021). The liturgical spaces that occupy the city were the target of deterritorialization (HEIM, 2021), since, with the urbanization process and the sprawl of the city with the supposed "arrival of progress", the temples of religions of African origin had their unbuilt spaces - and even the built spaces, with the violent capitalist real estate speculation - brutally affected. Depredations and invasions that are often driven by the Public Power itself.

Still, these spaces are generally not regularized, both because of the bureaucratization of access to land rights and because of the mistrust of religious leaders in the justice system, given the historical persecution they have suffered.

In this sense, aiming at effective protection, it is necessary to consider that the places of worship of religions of African origin encompass not only the internal dependencies of the *terreiros* (which involve, for example, the shrine, the rooms of the *Orixás* and the surrounding sacred forests), but also public places and places of nature traditionally consecrated by the afro-

religious, all of which are considered sacred spaces and require legal protection and legitimacy (legal and social recognition) in order to ensure full exercise of freedom of belief.

Among the goods that need to be protected in order to guarantee religious freedom are sacred public and private places, images, settlements, *igbás*, vestments and accessories, sacred objects and plants, liturgies and chants, languages and traditions of the *Yoruba*, *Jêje* and *Nagô* nations, which are transmitted orally etc. All these elements make up an Afro-Brazilian religious tradition that needs to be recognized and respected, as they constitute a collection of legal, cultural and environmental goods of a material and material nature, of inestimable value to Brazilian society and to the Brazilian State.

The religions of African origin have a direct connection with nature, from the conception of their archetypes, *orixás*, *inquices*, *caboclos* and other spiritual entities, the spiritual manifestation itself, the rituals, the use of plants and herbs, thus requiring the protection of the environment such as forests, rivers, seas, waterfalls, woods, stones, animals, leaves and fruits. For this reason, Afro-Brazilian religions are environmental defenders and, in the same way, victims of deforestation, fires, pollution, disorderly growth of cities, lack of recognition of their sacred spaces in urban zoning, speculation in the real estate market, among other forms of violence and invasion of their spaces.

The destruction of the physical space, due to the supposed capitalist economic development, reaches the very perception of the *terreiro* people, which is not separated from the environment. The destruction of the physical space, therefore, results in the impossibility of practicing the rituals both symbolically and in their praxis, because without nature, there is no *axé*. [10]

In this context, the epistemicide (CARNEIRO, 2003) constitutes one of the main manifestations of the genocide of people of African descent [11], one of the most effective and lasting instruments of ethnic/racial domination, by the denial of knowledge and culture produced by counter-hegemonic groups and, consequently, of their members as citizens. It is evident, therefore, the fundamental role that traditional peoples of African origin play in favor of environmental education and confrontation of environmental racism.

Under these circumstances, religions of African origin have their freedom of movement curtailed, their territoriality forgotten, isolated, peripheral. Non-citizenship is a consequence of

---

[10] The word *Axé* comes from the Yoruba term *àṣẹ*, meaning "soul, light, spirit or good vibrations". *Axé* is also present in the *Candomblé* religion, as "the imagined spiritual power and energy bestowed upon practitioners by the pantheon of *orixás*".

[11] "Genocide" is how the civil society in Brazil describe the high number of murders of Afro-descendants in Brazil). In this matter, IACHR in its last report on the Human rights situation in Brazil even suggest "social cleansing" process, with the consent of the State (...) and also say "they constitute a systematic and generalized process led by State security institutions and judicial organs and geared to exterminating people of African descent with using extremely and deliberately cruel methods" in IACHR, Human Rights Situation In Brazil, February 12, 2021 par. 29.

environmental racism, which circumscribes the limits of non-access to development in its entirety. Environmental racism is characterized by extreme inequality in access to social goods that the built and natural environment should provide to city dwellers: decent housing, income and work, basic sanitation, health, education, leisure, in short, general well-being.

Therefore, it is necessary that the Public Power, in all its spheres and bodies, but especially in the municipal sphere, recognizes the ritualistic sites of religions of African origin as sacred spaces, in order to include them in the urban planning norms of the cities (Urban Development Master Plan, City Statute, Law on Land Use and Occupation, Zoning, among others), to ensure their rights.

The city of Salvador - considered the blackest city outside Africa - has 1,296 *terreiros*, approximately 70% of which are considered slab *terreiros*, consisting of buildings of two to three floors in dense areas, with approximately 360 square meters, hence the emergency to the protection of the remnants of sacred natural resources in public spaces for the preservation of traditions, ensuring access to water, floodplains, mangroves and forests for the gathering of water, herbs and liturgical plants.(SILVA, 2017).

Lagoa do Abaeté - Itapuã, Parque São Bartolomeu and Stone of Xangô are sacred natural sites that intertwine, weaving networks. Areas of remnants of the Atlantic Forest biome, areas of remnants of quilombos, former indigenous people's villages. These territories have been fragmented throughout their existence, with the endorsement or omission of public authorities.

Nevertheless, as an example of good practice, we can mention an emblematic case, in the city of Salvador, of achievement of effective protection of public places linked to spaces of worship and rituals of the religions of African origin: the case of the Stone of Xangô.

Stone of Xangô

Area of remnants of the Atlantic Forest biome, area of remnants of quilombos, former *Tupinambás* indigenous villages, the lithic monument is also a sacred Afro-Brazilian natural site, temple of *orixás*, *voduns*, *nkisis*, caboclos and enchanted ones. Contemporary quilombo,[12] temple, place of history and memory of the black people in the diaspora, the Stone of Xangô houses significant sites, both for its symbolic value, as for its historical, cultural, environmental, and geological importance.

---

[12] The word quilombo originates from the African language *quimbundo*, which means: "society formed by young warriors who belonged to ethnic groups uprooted from their communities."
The quilombo remaining are defined as ethnic-racial groups that also have their own historical trajectory, endowed with specific territorial relations, with presumption of black ancestry related to the resistance to the historical oppression suffered, and their characterization should be given according to criteria of self-attribution attested by the communities themselves, as also adopted by the Convention on Indigenous and Tribal Peoples (ILO). More information in: http://conaq.org.br/quem-somos/ (acess: October 24, 2022).

The rock monument is located in the central region of the city of Salvador-Bahia, "in the southern limits of the State Environmental Protection Area (APA) Joanes-Ipitanga, in the sub-basin of the Ribeirão, Itapuã-Mirim - (tributary of the Ipitanga), more precisely on the Avenue Vale do Assis Valente - main logradouro that interconnects Cajazeiras X, Fazenda Grande I, Fazenda Grande II, Boca da Mata and the Estrada Velha do Aeroporto, in Salvador". (SILVA, 2019, p. 17).

In 2005, the Stone of Xangô was almost imploded to make way for a valley avenue. Thanks to the popular outcry, the action of public authorities was interrupted. From then on, the local community, especially the *terreiro* people, came out in defense of the symbol of the quilombo, the *otá*, the stone of the Afro-Brazilian deities. During the mobilization process, we had auspicious results, namely creation, in the Urban Development Master Plan - PDDU, of the Environmental Protection Area - APA Municipal Vale do Assis Valente, of an Urban Park and of a Networked Park (2016); toppling of the Sacred Stone, as cultural heritage of the city of Salvador by the Gregório de Mattos Foundation (2017); recognition, as geological heritage, i.e., geosite of national relevance, given its scientific, cultural, educational and touristic importance in the System of Registration and Quantification of Geosites and Sites of Geodiversity - GEOSSIT of the Geological Service of Brazil - CPRM (2018); construction of the support equipment (urban furniture) of the Stone of Xangô Park (2022).

The conquests are the result of articulations, of the performance of the tripod in the academy, civil society and public power. The Stone of Xangô has an ethno-environmental-social differential, with great prospects of becoming a reference worldwide. The work developed strengthens the historical and cultural peculiarities (the black origin, the candomblé tradition, the sacred leaves), together with environmental issues (it is the best-preserved Atlantic Forest area in the municipality).

With such an important legacy, the Stone of Xangô is, at the same time, "the place and the line in which the web of the candomblé *terreiros* of the city of Salvador's Miolo is woven, becoming the religious, community and political crossroads of the "povo-de-santo".[13] (SILVA, 2019).

7. BRAZIL'S COMMITMENTS AND DRAFT RECOMMENDATIONS

The Brazilian State signed various international human rights documents, including the Convention on the Elimination of All Forms of Racial Discrimination - incorporated into the Brazilian legal system through Decree no. 65,810 of 1969. More recently, Brazil approved and

[13] Povo de santo, or simply "do santo" is how people devoted to Brazilian-African religious are defined in Brazil.

ratified the Inter-American Convention against Racism, Racial Discrimination and Related Forms of Intolerance which, after being voted in two rounds, with the approval of at least 3/5 of the members of the Federal House (308) and Senate (49), acquired the status of a constitutional amendment, as determined by the Federal Constitution, in its article 5, § 3.

Furthermore, the Brazilian legal system, in addition to the constitutional norms already mentioned, has an important legislative framework for protecting the rights of *terreiro* peoples and religions of African origin.[14] The Statute of Racial Equality (Law nº 12.288/2010), which dedicates Chapter III to the "Right to freedom of conscience and belief and the free exercise of religious cults", is of particular importance as it express concerns on the protection of rituals of religions of African origin.

Despite the legislative support for the assumption of commitments on behalf of the Brazilian State, the lack of assertiveness of the country with regards to the prevention and confrontation of religious racism in its various manifestations is evident. Moreover, we consider as a cause for concern the attempts of representatives from the Government to institutionalize the idea of religious supremacy, with stimulus to the conflict between Pentecostal religions and those of African origin, in total disregard to the Constitutional Charter, international agreements and infra-constitutional laws and, especially, the National Human Rights Program, edited through Decree No. 7.037/09,[15] built from the dialogue between public authorities and civil society. It is also necessary to point out the anti-democratic attitude of the current government as it neglects reviewing of the abovementioned program, under the responsibility of the Ministry of Women, Family and Human Rights, in which a commission was created through Ordinance number 457/2021, without promoting plural and transversal dialogue between the various social stakeholders.

---

[14] By way of example:
Law 9.982/2000 - Provides for religious assistance in public and private hospitals, as well as in civil and military prisons.
Decree nº 3.551, of 4 August 2000 - Institutes the Registration of Cultural Property of an Immaterial Nature that constitutes Brazilian cultural heritage, creates the National Immaterial Heritage Program and makes other provisions.
Decree No. 7.387, of 9 December 2010 - Creates the National Inventory of Linguistic Diversity and makes other provisions.

[15] The National Human Rights Program/2009, in its third edition, presents us with guideline number ten - Ensuring Equality in Diversity, and Strategic Objective VI - Respect for different beliefs, freedom of worship and guaranteeing the laicity of the State, with important programmatic actions: a) institute mechanisms that ensure the free exercise of the various religious practices, ensuring the protection of their physical space and restraining manifestations of religious intolerance; b) promote dissemination campaigns on religious diversity to disseminate the culture of peace and respect for different beliefs; c) establish the teaching of diversity and history of religions, including those derived from African matrix, in the public education network, with emphasis on the recognition of cultural differences, promotion of tolerance and the affirmation of the laicity of the State;

Considering all of the above, we present the following proposed recommendations to the Brazilian State:

I - Carrying out a review of the National Human Rights Program so that new guidelines may be created or its effectiveness reassessed, with the meaningful participation of the various sectors of civil society, especially representatives of all religious faiths, especially those of African origin;

II - Respect for the principle of transparency, allowing access to data on the actions carried out, evaluated and monitored, so that they may be improved, replaced or extinguished if the objectives have already been surpassed;

III - Effective social participation in the process of building public policies concerning the promotion of religious freedom equally and the combat of religious racism;

IV - Articulation of anti-discrimination programmatic actions with the guiding axis of public security, access to justice and the combatting violence;

V - The inclusion, in professional training courses for members of all organs of the justice and social security system, of training on diversity and the history of religions, including those of African origin, with emphasis on the recognition of cultural differences, the promotion of peaceful coexistence and the reaffirmation of the secular nature of the State;

VI - The inclusion of the educational activities on diversity and the history of religions, including those of African origin, in the public and private elementary, primary and secondary schools, with emphasis on the recognition of cultural differences, the promotion of peaceful coexistence among religions and the affirmation of the secularity of the State;

VII - Establishment of mechanisms that ensure the protection of sacred spaces, including public ones, restraining manifestations of religious racism, whether by private persons or by the public entities themselves;

VIII - Effective protection of the practice of rituals, the holding of meetings related to religiosity and the establishment and maintenance of places reserved for such purposes, whether they are public or private, in accordance with local regulations;

IX – Ensuring the right of prior consultation with traditional *terreiro* communities (*terreiro* peoples) regarding public policies, works and other urban interventions that affect their rights, in accordance with ILO Convention 169;

X - Promotion of awareness campaigns on religious diversity and inter-religious respect, to disseminate the culture of peace and respect for different beliefs;

XI - Creation of mechanisms for preventing and combatting religious hate speech;

XII - Enforcement of access to tax immunity for religious temples of African origin, in accordance with article 150, VI, "b", Federal Constitution / 1988;

XIII – Ensuring religious assistance to practitioners of religions of African origin hospitalized in hospitals or other public and private collective inpatient institutions, including those subjects to deprivation of liberty;

XII - Institution of proportional participation of representatives of religions of African origin alongside the representation of other religions in commissions, councils, organs and other deliberative bodies connected to governmental sphere;

XIII - Broad recognition of civil effects of marriages performed within the scope of religions of African origin;

XIV - Inventory, restoration and protection of documents, works and other assets of artistic and cultural value, monuments, springs, flora and archaeological sites linked to religions of African origin;

XV - Registration of *terreiros* and public sacred spaces of religions of African matrix in all Brazilian municipalities, for the purposes of data collection and ensuring access to rights;

XVI - *Tombamento*, registration and legal provision for historical/tourist routes associated with religions of African origin;

XVII - Institution of Councils and Working Groups that integrate members of Afro-Brazilian and *quilombola* religious communities with the goal of establishing a historical-cultural conceptual cut-out with regard to the scope and territorial delimitation of sacred spaces and historical circuits;

XVIII - Rescuing the historical memory of Afro-Brazilian religions, including returning sacred objects seized by the State and/or guaranteeing pertinent space in museums related to the theme;

XIX - Establishment of Specialized Police Stations, Public Prosecutors' Offices and other bodies to combat racism (including religious racism) throughout the Brazilian territory, as already recommended in the Simone Diniz Case by the Inter-American Commission on Human Rights;

XX - Encouragement of agreements and measures in judicial and extra-judicial proceedings that contemplate the reparation of moral and material damages, as well as the restoration of sacred spaces degraded and destroyed as a result of acts of religious racism.

8. REFERENCES

BRASIL de Fato: Em 2021, foram feitas 571 denúncias de violação à liberdade de crença no Brasil. Brasília: Flávia Quirino, 21 jan. 2022. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2022/01/21/em-2021-foram-feitas-571-denuncias-de-violacao-a-liberdade-de-crenca-no-brasil. Acesso em: 19 out. 2022.

CAPELLONI, Paulo Victor Lisboa; BRITO, Victoria Cascaes. A Imunidade a Templos de Qualquer Culto: uma Análise Crítica da Jurisprudência dos Tribunais Superiores. Revista Direito Tributário Atual, São Paulo, nº 49. ano 39, p. 310-344, 3º quadrimestre de 2021. Disponível em: https://revista.ibdt.org.br/index.php/RDTA/article/view/905/1644. Acessado em: 13 de maio de 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento. Tese (Doutorado em Educação junto à Área de Filosofia da Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DENÚNCIAS de intolerância religiosa nos estados aumentam 45,6% no primeiro semestre: De janeiro a junho, foram feitas 383 denúncias ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. [*S. l.*], 31 ago. 2022. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/noticia/2022/08/denuncias-de-intolerancia-religiosa-nos-estados-aumentam-456percent-no-primeiro-semestre.ghtml. Acesso em: 19 out. 2022.

DUARTE, Evandro; QUEIROZ, Marcos; NASCIMENTO, Guilherme. O silêncio dos juristas: a imunidade tributária sobre templo de qualquer culto e as religiões de matriz africana à luz da constituição de 1988. Revista Quaestio Iuris, v. 10, n. 2, Rio de Janeiro, 2017, p. 1162-1180. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/quaestioiuris /article/view/23635. Acessado em: 28 mar. de 2022.

HEIM, Bruno Barbosa. Dificuldades e limites da regularização fundiária de territórios dos povos de terreiro. *In*: HEIM, Bruno Barbosa; ARAÚJO, Maurício de Azevedo; HOSHINO, Thiago de Azevedo Pinheiro. Direitos dos povos de terreiro. 1. ed. Salvador: EDUNEB, 2018, p.173-212. Disponível em: http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/1438/1/Direito%20dos%20povos%,%20terreiro.pdf. Acessado em: 26 maio de 2022.

PARQUE Pedra de Xangô. O que é Certo e errado no Vale do Assis Valente. [*S. l.*], 13 abr. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CcbTqb5okGm/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D. Acesso em: 19 out. 2022.

PROTESTO. [*S. l.*], 25 abr. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/Ch_GTVkoqYt/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D. Acesso em: 19 out. 2022.

SCHOUERI, Luís Eduardo. Direito tributário. 9. ed. São Paulo: Saraiva Educação,2019

SECRETARIA DE REPARAÇÃO. Prefeitura realiza cadastramento de terreiros no Mês da Consciência Negra. Prefeitura de Salvador, 2022. Disponível em: http://www.reparacao.salvador.ba.gov.br/index.php/noticias/1805-prefeitura-realiza-cadastramento-de-terreiros-no-mesda-consciencia-negra. Acessado em: 06 jun. 2022.

SILVA, Maria Alice Pereira da. Pedra de Xangô: um lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador/Maria Alice Pereira da Silva; Fundação Gregório de Mattos; coordenador Magnair Santos Barbosa; prefácio Fábio Macedo Velame, Wilson Rogério Penteado Júnior. Recife: Liceu, 2019.

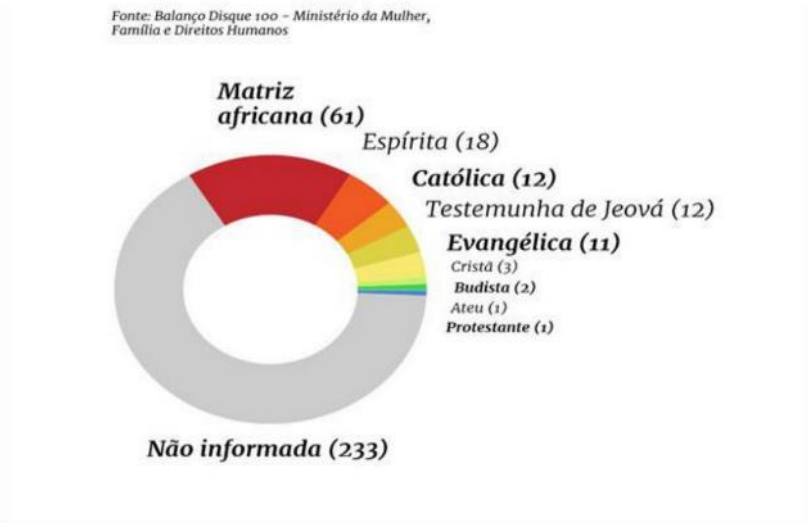
TERREIRO NO NÚCLEO RURAL SÍTIOS AGROVALLE É INVADIDO E VANDALIZADO. [*S. l.*], 23 mar. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jnj9Ukfp2WM. Acesso em: 19 out. 2022.

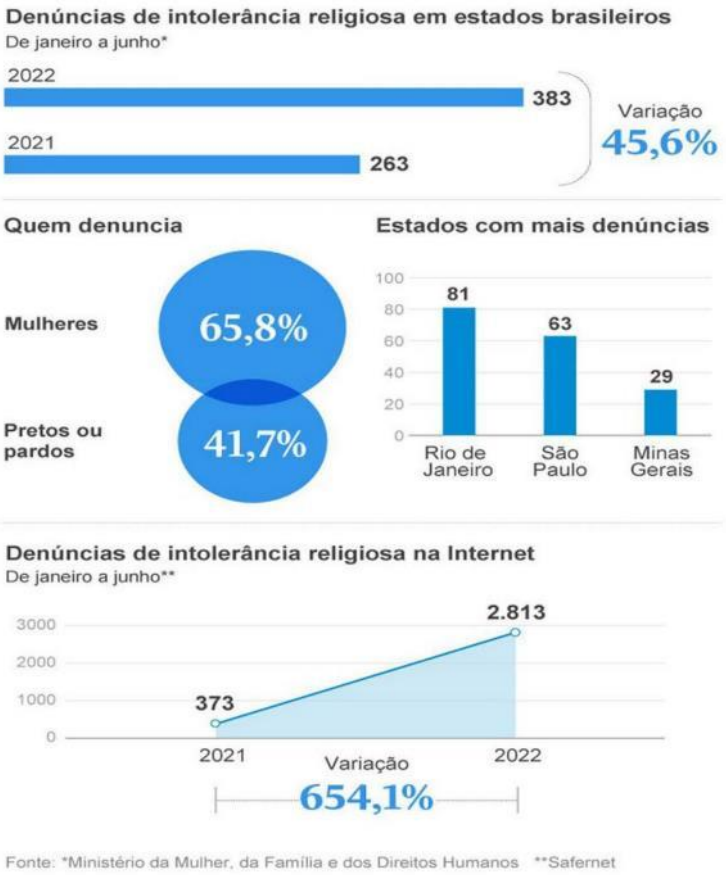
TERREIROS na mira. [*S. l.*], 5 jun. 2019. Disponível em: https://www.generonumero.media/reportagens/terreiros-na-mira/. Acesso em: 19 out. 2022.

UOL, Live. Michelle Bolsonaro fazer 'comício' em culto pegou mal no meio evangélico, diz Madeleine Lacsko. [*S. l.*], 2 ago. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=C4Ch7NVuRwQ. Acesso em: 19 out. 2022.

APPENDIX I


Denúncias de intolerância religiosa no Brasil
Dados do 1º semestre (janeiro a junho) de cada ano.
179
377
255
211
354
2015
2016
2017
2018
2019
Fonte: Balanço Disque 100 – Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos


Fonte: Balanço Disque 100 – Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos
Matriz africana (61)
Espírita (18)
Católica (12)
Testemunha de Jeová (12)
Evangélica (11)
Cristã (3)
Budista (2)
Ateu (1)
Protestante (1)
Não informada (233)



Fonte: *Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos **Safernet

APPENDIX II

